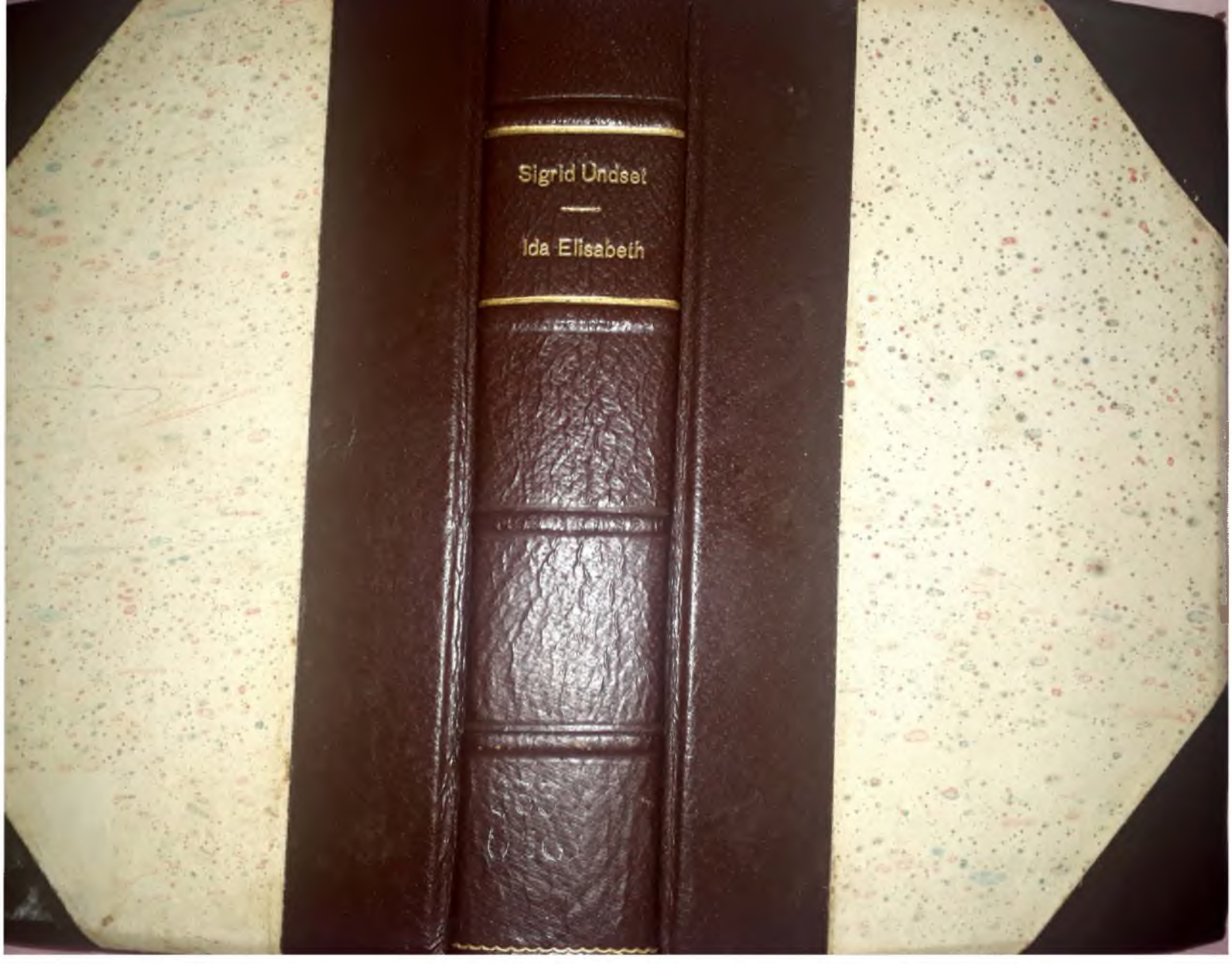

Digitalizado com CamScanner

SIGRID UNDSET

IDA ELISABETH

ROMANCE

Biblioteca do
PETRÓPOLE TÊNIS CLUBE

Tradução de MARQUES REBELLO

Capas de E. BIANCO

LIVRO PERMUTADO
PARA RENOVAÇÃO
DE ACERVO
839
U62i

PETRÓPOLE TÊNIS CLUBE
BIBLIOTECA DR. VICENTE GUTRA
PÔRTO ALEGRE - R.S.

1944
"Secção de Livros" da
EMPRÊSA GRÁFICA "O CRUZEIRO" S. A.
Rio de Janeiro — Brasil

Digitalizado com CamScanner

PETRÓPOLE TÊNIS CLUBE
BIBLIOTECA DR. VICENTE DUTRA
Reg. sob nº 1275
Em 21 / 1 / 1971

Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica O CRUZEIRO S. A., à rua do Livramento, 191, Rio de Janeiro, para sua "Secção de Livros". Superintendente — Leão Gondim de Oliveira. Diretores — Frederico G. Chateaubriand e Antonio Accioly Netto. Em janeiro de 1944.

LIVRO PRIMEIRO

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO PRIMEIRO

AO dar os poucos passos da porta da clínica ao taxi, Ida Elisabeth sentiu a noite que pesava sôbre a cidade impenetravelmente escura e densa. A luz amarelada, que caía sôbre a neve amontoada ao longo da rua, parecia gotejar de sob um pesada coberta de escuridão. Do lado oposto da rua havia vitrines de lojas iluminadas, mas acima delas, as fachadas das casas erguiam-se tendo somente aquí ou alí uma fraca claridade por trás das venezianas cerradas. Pelo meio da rua corriam luzentes trilhos de bondes e acima dêles ficava uma fileira de lâmpadas elétricas de um branco côr de pérola, projetando uma luz azulada na escuridão em volta. A cidade era como se estivesse no fundo de um caldeirão; as brancas montanhas, que a circundavam, eram apenas visíveis através da escuridão, com pequenos pontos de luz nas casas das encostas. E depois era a noite escura, abismal e cercada pelo gêlo. As estrêlas deviam estar brilhando, pensou ela, mas não podiam ser vistas da rua iluminada.

Uma das enfermeiras, que a seguira, entregou-lhe o menino envôlto em cobertas, enquanto outra arrumava-lhe a bagagem na frente, ao lado do *chauffeur*. E então ela partiu, com Kalleman no colo. Fugidias luzes de um lado ou de outro roçavam-na no taxi escuro, e a impressão que tivera ao sair ficou com ela — de que tôda essa luz artificial era como se fôsse no fundo de um poço, e acima meditava a noite, vasta e pesada.

O tempo estava claro, calmo e de um frio cortante. O barulho no cais ressoava áspero sôbre as pedras geladas do cal-

Digitalizado com CamScanner

çamento. Correntes berravam alto e cruamente, rodas rangiam estridentes quando os caminhões chegavam ou partiam. Pelas vozes no cais e os gritos dos tripulantes a bordo, parecia que todo o mundo estava resfriado. Ao longo da margem do cais estavam as pessoas que tinham ido se despedir dos amigos, falando alto e gritando para o tombadilho. Ninguém viera dizer-lhe adeus — mas também Aslaug a avisara antes; ela esperava obter um emprêgo naquela noite, ocupar o lugar de uma amiga que tocava num café. E agora não conhecia ninguém nessa cidade, a não ser Aslaug — isto é, ninguém de quem ela gostasse.

Teve uma grata sensação ao descer do tombadilho; a luz estava tão tranquila, e havia aquêle cheiro de navio, estagnante e cálido, como se êle nunca fôsse arejado, a não ser um pouco de cada vez, e nunca mais do que o suficiente. Oh, todos os velhos odores que impregnavam essas cabines — gordura, cheiro de óleo, sugestões de tabaco, vapores de cerveja e o cheiro de poeira em sofás de pelúcia. E um leve, indefinível odor, que a fazia pensar em viagens em tempo tempestuoso, com passageiros enjoados, e o som de mar forte em volta do navio, e as lâmpadas tinindo e a louça espatifando. Ida Elisabeth ficava sempre animada com essa estranha atmosfera — devia ser uma relíquia dos dias da meninice; então, naturalmente, ela ficava, sempre meio louca de alegria, quando entrava a bordo de um dêsses navios, que a levaria a Vallerviken para suas férias. Contudo ao empreender essa viagem, sentia que, havia já muito tempo, nada a alegrava. Entretanto, embora sem motivo, a velha alegria se apoderava dela logo que tomava um dêsses navios.

A camareira saudou-a familiarmente e perguntou-lhe o resultado da operação. Isso confortou Ida Elisabeth e fêz com que ela se sentisse feliz. E então um delicioso odor de bifes na frigideira desceu pelo corredor; ela descobriu o quanto estava esfomeada. Havia sempre uma ceia tão encantadora a bordo dêsse navio; agora ela havia de ter uma refeição realmente boa. Durante todo o tempo que estivera na cidade fôra tão econômica quanto possível, pois não sabia quanto iriam a conta do médico e a estadia na clínica. Mas o médico fôra extremamente razoável — e tão bom e atencioso com Kalleman! O menino fôra tratado como um príncipe.

A deslumbrante luz na pequena cabine branca doeu-lhe nos olhos, mas mesmo assim ela gostou; estava tudo tão parado,

calmo e firme. Ih! os dois outros camarotes estavam tomados; estavam cheios de bagagem.

— Como um príncipe — ela murmurou e beijou o rosto do menino; estava tão branco e macio, e ainda frio do ar fresco. — Mas agora o pequeno Kalleman vai para casa com sua mãezinha. Agora, Kalleman e mamãe ficarão juntos outra vez o tempo todo... —. O menino não mostrou nenhum sinal especial de alegria, ou mesmo interêsse. Pobre criança, com certeza estava cansada, e ainda bastante fraca.

Sentou-se na beira da cama dêle e desembrulhou-o dos seus cobertores e chales. Melhor deitá-lo antes do navio pôr-se em movimento. A enfermeira vestira-o para a noite e mudara-lhe o curativo, antes de deixarem a clínica.

— Kalleman! Kalleman, você já se esqueceu completamente da mamãe?

Com cuidado abraçou o menino. — Não está nem um pouquinho contente de estar novamente com a mamãe? — A isso êle mostrou o mais leve dos sorrisos. Oh, como o seu rosto ficara pequeno (pálido), dentro das ataduras de gaze branca. E agora Kalleman vai tomar leite — um bom leitinho! E ela tirou a garrafa, a chícara e o saco de bananas.

— Com licença! — Ida Elisabeth levantou os olhos. Duas moças ainda bem jovens, com casacos de pele, tinham entrado; encheram o pequeno espaço existente entre as camas. — Ah, sim, é Fru Braato!

Depois de um momento Ida Elisabeth, afinal, percebeu que eram a filha mais velha de Herr Meisling do laboratório de iodo em Rostesund e a prima, que morava com êles. — Oh, êle não está bem? — disseram ambas ao mesmo tempo, e soltaram consternadas exclamações ao pendurar os capotes, quando souberam que Kalleman passara por uma operação no ouvido; sim, fôra bastante séria, mas não, êle não era o mais velho, ela tinha uma meninazinha que era mais velha, e agora estavam morando em Berfjord. Ida Elisabeth não lhes fêz perguntas e Cecilie Meisling empoou o rosto diante do espêlho, dizendo alguma coisa a propósito de se encontrarem dali a pouco no salão. Com isso as moças saíram novamente.

Ida Elisabeth ficou. Estava sentada numa posição muito incômoda, curvada para a frente sob a cama de cima. Então, a água estava rugindo em tôrno da hélice, pequenas vibrações agitavam o navio, e depois o mar começou a encapelar-se e murmurar ao longo do casco. Ouviu gente entrando no

Digitalizado com CamScanner

salão. Houve um ruído de pratos e chícaras. Mas tinha que ficar sentada com Kalleman até êle adormecer.

Aliás, não tinha o menor desejo de encontrar gente conhecida. E êsses Meislings também — eram tão superiores; todo o mundo dizia isso dêles. Não que dessem essa impressão, quando encontravam a gente. Mas mantinham-se retraídos e quasi não se misturavam com os outros moradores do *fjord*. Fru Meisling também era inglesa, irmã de Oxley, que fundara o laboratório de iodo. E também os Oxley eram católicos. Ela lembrava-se de como seu professor, Myking, fôra sarcástico porque Ciss Meisling e Cecilie Oxley não estudavam religião com as outras crianças, no ano em que tinham estado morando com o doutor em Vallerviken, afim de frequentarem a escola. "As duas Sicílias" como êle as chamava.

Ela não percebera que êle estava gracejando. Aliás, muitos de seus colegas também não tinham percebido. Mas era sempre a ela e a Frithjof, que Myking dirigia as suas cáusticas observações. "Qualquer alusão jocosa de natureza histórica ou geográfica se perde quando dirigida a Elisabeth Andst e Frithjof Braato, e por excelentes razões".

Ela não podia mais suportar aquela posição recurvada na dura beira da cama. De pé, defronte do pequeno espelho, endireitou o cabelo e colocou novamente o chapéu de viagem. Seu rosto não parecia ser mais nada — apenas vulgar, estreito, descolorido, com olhos esmaecidos. Não havia mais brilho em seu cabelo, era côr de cinza e mesmo seus cachos estavam estranhamente mortos e inertes, quando ela procurou endireitá-los sob o chapéu. Ida Elisabeth olhou sua imagem seriamente, sem um suspiro — limitou-se a notar os fatos tais quais eram. E não havia muitos anos que ela tinha sido bem bonita — pelo menos tão bonita quanto Ciss Meisling. Ciss tinha ficado bonita — muito mais do que prometera quando criança. A outra sempre fôra encantadora.

Agora elas deviam ter dezoito ou dezenove anos. Pois ela mesma tinha vinte e quatro. Ela e Frithjof estavam no último ano quando elas entraram para a escola.

Ela e Frithjof. Desde os seus dias de escola que se falava sempre em Ida Elisabeth e Frithjof. Embora ela nem pensasse que gostava dêle, então. Ao contrário, sentira-se duplamente humilhada; sentira ainda mais a sua exclusão pelo fato de ser excluída na companhia de Frithjof. Êle parecia que nunca se lavava direito e não percebia que suas fanfarronadas só provocavam caçoada. Não, Myking podia zombar dêles im-

punemente — as suas contas muitas vêzes deixavam de ser pagas. Então, como agora, os Braatos lutavam com dificuldades, mas isso não aborrecia absolutamente o pai de Frithjof; êle só se importava com seu violino. E quanto ao pai dela, todos sabiam...

Ela e Frithjof deviam estar predestinados a compartilhar suas desventuras.

Depois de cear Ida Elisabeth subiu à coberta.

Era uma maravilha sentir a corrente de ar que cantava e sacudia os cordames, enquanto o navio, firmemente, fazia-se ao mar alto na noite calma. E nem estava assim tão frio. Graças a Deus que estavam tendo tempo tão bom; tinha ficado um tanto aflita de ter que viajar com Kalleman tão pouco tempo depois da operação, talvez não lhe fizesse bem, se apanhassem mau tempo.

Já estavam bem longe. À medida que seus olhos se acostumavam à escuridão, ela começou a distinguir coisas. O mar estava liso como um vidro; as ondas feitas pelo navio brilhavam fracamente sob o reflexo das luzes das vigias, à medida que espumavam e se encrespavam de encontro ao costado. Em cima, nos cordames, estavam penduradas as lanterninhas brilhando calmamente. Os mastros apontavam para o céu negro juncado de estrêlas; a espêssa fumaça que saía da chaminé era quasi tôda impelida para a ré. E o velho, o absurdo sentimento de felicidade da sua infância borbulhava novamente, apesar de tudo, e ali estava ela, andando no tombadilho apreciando a noite através da qual o navio levava as suas luzes, olhando o negro mar: era uma escuridão viva, brilhante, cheia de pressentimentos, mas lá, onde estava a terra, a tristeza era densa, como se estivesse amontoada.

Havia luzes no Noroeste também — não muito fortes, mas um arco de luz esbranquiçada, o bastante para fazer a cadeia de montanhas destacar-se claramente contra a pálida extensão de céu. Ida Elisabeth enterrou o queixo na gola de peles, mergulhou as mãos bem no fundo dos bolsos do paletó e começou a andar para cima e para baixo no tombadilho.

Alguém estava falando do outro lado da escotilha do salão. E a resposta veio:

— Sim, mas eu não poderei dormir, estou certa disso. E depois aquêle cheiro enjoado de iodofórmio, ou lá o que seja que êles usam naqueles curativos... é como se se estivesse num hospital.

Digitalizado com CamScanner

Ida Elisabeth ficou rubra na escuridão. Com ar de desafio ergueu a cabeça: certamente não era proibido viajar num navio com uma criança doente mesmo que duas pequenas, cheias de vontades... Mas não lhe ocorrera que isso pudesse transtornar alguém.

Poz-se a caminhar com mais fôrça no tombadilho, deu meia volta e voltou do lado de estibordo. Contra a escotilha, divisou duas luzes vermelhas na escuridão: então elas estavam fumando, as jovens! Não havia cadeiras nessa época do ano na coberta, de forma que elas deviam ter mandado trazê-las expressamente. Ah, sim, elas sabiam instalar-se confortavelmente.

Realmente aqui era mais resguardado, apesar da calma da noite. Ida Elisabeth parou junto à amurada. Agora estavam quasi na bôca do *fjord;* as ilhas estavam muito baixas. As luzes boreais apareciam como um calmo e vasto arco, refletindo-se palidamente na água. E acima do arco, na sua extremidade ocidental, estava uma grande estrêla de um brilho resplandescente.

— Fru Braato, não quer sentar-se aqui? — Era Cecilie Oxley que se dirigia a ela. Ciss Meisling é que dissera aquilo sôbre Kalleman.

— Obrigada, mas vou descer daqui a pouco.

A outra moça aproximava-se agora:

— Não está lindo? Oh, eu acho magnífico estar de volta... porque afinal não há lugar algum tão belo como a Noruega! Que estrêla será aquela, você acha que é Venus, Cecilie?

— Venus, não... ela não deve ter aparecido ainda... não pode ser Venus que estamos vendo. A senhora sabe que estrêla é aquela, Fru Braato? — perguntou Cecilie Oxley.

— Não tenho idéia. Não entendo nada de estrêlas.

— Poderíamos facilmente imaginar que fôsse apenas a estrêla — disse Ciss Meisling pensativa. — Quero dizer, a estrêla que guiou os sábios do Oriente. Deve ter sido profundamente romântico, não acham? Pois êles devem ter gasto um tempo enorme na viagem. Um ano inteiro, talvez. E' possível que êles tenham levado todo êsse tempo a caminho, segundo li. Embora festejemos a Epifania somente quinze dias depois da véspera de Natal. Sempre achei que a Epifania era uma festa tão linda — porque é tão grande o anseio, a impaciência que nos invade quando nos pomos a pensar naquela história da estrêla...

Epifania! Ida Elisabeth não se lembrara até agora, mas naturalmente era a noite da Epifania. Viajar e viajar após uma estrêla nos indicar o caminho. Ah, se fôsse possível! Com uma sensação de fraqueza e fracasso em seu cansado coração, ela sentiu-se, por um momento, penetrada também de uma ânsia, como dissera Ciss Meisling.

— Oh, mas você! —. Cecilie Oxley riu indulgentemente. — Mas acho que nós devemos descer e nos recolhermos, Ciss, já é tarde...

— Oh, aquêles versos americanos que Sunniva Aarstad traduziu, acho que eram tão bonitos. Verdadeiramente encantadores! —. A moça começou a declamá-los a meia voz, com bastante sentimento:

Melchior traz-lhe o pesado ouro
(Tudo o que tenho para ti)
E a névoa dourada atrás da qual
Aparece a lua.

Incenso de Baltazar.
(Posso mostrar-te
A fumaça azulada que se eleva
das chamas sôbre a neve?)

Da manga rubra de Gaspar
Sai o cofre de mirra.
(Oh quão preciosa é a amargura
De recordar) (1)

As três moças ficaram um momento olhando a noite, na direção das luzes boreais e da brilhante estrêla na bôca do *fjord*.

— Não, eu tenho que descer e olhar meu garotinho — disse Ida Elisabeth.

Kalleman estava dormindo profundamente. Ida Elisabeth apanhou o romance policial, que Aslaug lhe dera para ler durante a viagem. Instalou-se com o livro no salão — não havia lá ninguém. Então sentou-se em cima das pernas no sofá, e preparou-se para aproveitar tudo — o calor e o macio sofá de pelúcia, o leve tinir das lâmpadas, a elegância do vapor,

(1) Por Mary H. Dwyer. Transcrito de América, 20 de Dezembro de 1930, com licença dos editores.

Digitalizado com CamScanner

que evocavam lembranças distantes de férias, liberdade e confôrto dos dias da meninice.

Mas mal tinha lido uma dúzia de páginas do "O Crime da Piscina" quando as moças apareceram. Com casacos de peles e com os braços cheios de cobertores — quem seria capaz de sentar-se no tombadilho sem ficar romântica com as estrêlas?

— A senhora gostaria de se deitar primeiro, Fru Braato, ou vamos nós? Porque só há espaço para uma de nós se despir de cada vez.

Ida Elisabeth preferia esperar até o fim. Diante disso, as moças foram para a cabine e descartaram-se de suas cobertas, mas depois voltaram. Ciss Meisling ofereceu-lhe bombons de uma caixa enorme — e ficaram então sentadas conversando.

Ida Elisabeth continuou reticente — desconfiada. Resolveram ser amáveis, pensou. *Ela* nunca pedira a ninguém para ser amável com ela — ou ter pena dela.

Sem que ninguém lhe perguntasse, Ciss Meisling contou-lhe que tinham estado na Inglaterra, primeiro um ano num convento e depois um ano com sua avó Oxley. Tagarelava sempre, irritando Ida Elisabeth indizivelmente com seu entusiasmo. Tinha olhos azues côr do céu, estúpidos, de criança — era de uma beleza de boneca, com uma pele côr de leite, salpicada de sardas, lábios de cereja e cachos de um louro avermelhado. Um anjo saído de uma árvore de Natal — se é que os anjos tinham o cabelo cortado.

Ida Elisabeth interrompeu-a em meio a sua torrente de palavras, virando-se para a prima: — Como está sua mãe, Froken Oxley? —. Sentia-se impelida a mostrar os dentes, pois calculava que êsse fôsse um ponto sensível de Cecilie Oxley. Ela soubera que tinham falado muito de Fru Oxley com aquêle engenheiro Naeser, com o qual se casara tão pouco tempo depois da morte de Oxley, deixando a filha com o tio e a tia, em Rostesund, quando se mudara para Oslo com o novo marido.

E naturalmente Ciss Oxley enrubeceu. O rubor ficava-lhe, aliás, muito bem, tornando-a invejavelmente bonita, com seus olhos cinza claro e seu rosto moreno: tinha pestanas negras, e longas, uma pele morena e cabelos negros.

Ela, porém, respondeu com calma polidez: Muito bem, obrigada. Elas acabavam de vir de Oslo, tinham passado o Natal com a mãe. Sim, ela e Naeser tinham dois filhos, lindos meninos.

Ciss Meisling continuou com sua tagarelice — como era notável a vida em Londres, e quão bondosa a Vovó Oxley, e que deliciosa temporada tinham passado com as Ursulinas. Madre isto, e Madre aquilo e Madre aquilo-outro, não podia dizer qual a mais amável.

— Mas em nome do céu! — disse Ida Elisabeth com desprêzo — quantas mães havia nessa sua instituição?

— Bem, entre as Ursulinas tôdas as freiras que tomam conta de crianças são chamadas mães — explicou Ciss Meisling.

— Que ridículo absurdo! Mas é sempre assim quando as pessoas procuram se opôr à natureza. Naturalmente elas têm exatamente as mesmas paixões que nós, de modo que tôda essa multidão de solteironas faz-se chamar de mãe pelos filhos dos outros —. E soltou um muchocho.

— Não é bem assim — disse Cecilie Oxley, enrubescendo novamente. Algumas têm verdadeira vocação. E não é assim tão estranho se a senhora pensar por um momento. Quando se vê como certas pessoas se tornam egoístas devido a laços de família, etc. — compreende-se que, apenas como compensação, Deus escolha algumas para serem tudo para todos. De tal modo, que elas sentem que não se podem ligar mais estreitamente a ninguém do que estão ligadas a todos que necessitam delas... —. Seu rosto estava agora escarlate e ela parou repentinamente.

— Oh, para isso é preciso crer! Não somos todos feitos iguais... com as mesmas paixões naturais... não creio que valha a pena para nenhum de nós procurar ir além disso.

— Se eu acreditasse que fôsse assim! —. Os olhos azues de Ciss Meisling brilhavam de raiva. — Então não sei o que faria! Pelo menos iria direitinho e me atiraria ao mar!

— Ciss, querida! — disse a prima espantada.

— Oh, deixe disso. Espere até se apaixonar, minha filha — disse Ida Elisabeth.

— Muito obrigada! Se me é permitido esperar até eu me apaixonar, então... Se hei de esperar tanto assim, posso renunciar a isso definitivamente desde já; se há Alguém que eu amo, em quem a senhora talvez não acredite — nada sei a respeito. Mas Êle não teve nem casa nem lar. Imagine se eu nunca me apaixonasse por um homem... há mulheres sem número que nunca encontram alguém por quem *possam* se apaixonar; mas só porque é pretensamente humilhante, elas procuram imaginar que *estão* apaixonadas por alguém...

Digitalizado com CamScanner

Ida Elisabeth riu desdenhosamente:

— E' muito mais provável que seja a natureza se reafirmando e pregando-lhes uma peça, minha cara Froken Meisling. E aí estamos apanhadas na armadilha.

— Sim, se se acredita *nessas* coisas! — A voz moça era de um desprêzo glacial. — Então, naturalmente, a gente tem que suportar tudo que a natureza faça. Mesmo se nos pregar uma peça com um vadio ou um tratante.

— Ciss! murmurou Cecilie Oxley aterrorizada.

Houve um silêncio positivamente aterrador. Ambas as moças ficaram escarlates.

Ida Elisabeth sentia-se como que paralisada. — Ciss Meisling olhou-a furtivamente, tímida e envergonhada, com os olhos brilhando de lágrimas e houve um momento terrível em que Ida Elisabeth pensou que ela ia pedir-lhe desculpas — e então certamente teria voado para cima dela, e dar-lhe-ia uma boa bofetada.

Mas Ciss continuou na mesma posição. Completamente aniquilada. Então, Cecilie Oxley murmurou que já devia estar ficando tarde — havia um relógio em cima do aparador, bem em frente delas. — Boa noite — murmuraram as duas moças, e escapuliram como se tivessem dôres no estômago ou na consciência.

Ida Elisabeth parecia que ia arrebentar de tanta fúria. Se ao menos ela pudesse ter agarrado essas duas detestadas sapecas pelo pescoço e as tivesse sacudido como um par de gatinhos... batendo as duas beatas idiotas uma de encontro à outra... Oh, elas eram cruéis, cruéis, cruéis como só as crianças sabem ser.

Ida Elisabeth estava deitada na estreita cama de baixo com o menino adormecido na dobra de seu braço. A escuridão era tão sufocantemente quente alí na cabine, o corpo da criança esquentava-a, e o cheiro das ataduras em volta de sua cabeça enjoaram-na ao fim de pouco tempo. Estava imaginando se ousaria esgueirar-se até a cama de cima por uma hora ou duas... mais tarde; no momento não podia deixar Kalleman deitado sozinho, pois o navio estava jogando muito com os vagalhões: agora, estavam fora dos recifes.

Cautelosamente e com uma ternura triste, apertou mais a criança contra si. O' Deus, sim — quando ela o trouxera para a cidade — enquanto a vida dêle estivera em perigo, sentira que se perdesse um dos filhos certamente ficaria louca de dor. Mas agora que estava alí deitada com êle no braço, não podia

deixar de lembrar-se de uma peça que vira quando menina — sôbre uma dama grega chamada Medéa, que matara ambos os filhos ao perceber que espécie de homem era seu pai. Agora podia compreender tudo isso.

Embora Kalleman... eh, ela não tinha certeza de que Kalleman fôsse de forma alguma como Frithjof. Êle fôra sempre tão meigo, quieto e bom, e gostando tanto dela... mesmo quando não tinha mais que uns poucos meses parecera querer mostrar-lhe que sabia ser o filhinho dela. Solvi era muito mais egoísta... mas também era tão pequena! Mas era como o pai. Com a mesma bufoneria jovial de Frithjof quando criança. E naqueles dias todos tomavam isso como um sinal de que êle tinha talento.

Com certeza ela também pensara o mesmo às vêzes, pelo menos — ou então conseguira persuadir-se a pensar assim. Se ela e Frithjof deviam ser os bodes expiatórios, era uma espécie de consôlo acreditar que assim era porque êle, em todo o caso, era talentoso de mais para sentir-se bem naquela estúpida escola.

Parecia-lhe agora que devia ter sido uma coisa assim, que fizera com que ela aceitasse a situação, quando Frithjof principiou a fazer camaradagem com ela, na primavera em que foram confirmados. Êle queria que fôssem namorados. Essa era a época em que êle estava tão entusiasmado com o violino — no principio era afim de que ela o ouvisse tocar, que êle insistia em sair com ela e esconder-se nos ranchos ou nos campos. Êle aprendera com uma rapidez surpreendente a tocar algumas peças com acentuada virtuosidade. E quando ficava assim de pé, jovem e esbelto, com um aspecto quasi de adulto, segurando o violino de encontro ao queixo, com um lenço branco de permeio, tal qual um verdadeiro violinista, quando êle balançava o corpo, e ficava afastando a sua mecha de cabelo louro da testa, enquanto seus dedos tocavam tão ágil e delicadamente as cordas — então, sem dúvida ela acreditava, porque queria acreditar, em tôdas as suas fantasias, de tornar-se um grande artista, e ter tôda a Europa a seus pés, como costumava dizer.

Ela achava-o bonito, quando êle estava tocando, e fêz a descoberta que também ela tinha ficado bonita. Muito, muito mais bonita do que qualquer das moças que ela conhecia. Talvez fôsse ficar uma beleza. Era realmente capaz de apaixonar-se pela sua própria imagem quando ficava diante do espêlho penteando o cabelo louro, puxando-o para a frente.

Digitalizado com CamScanner

sôbre o peito e os ombros, e segurando um fio de contas sôbre a testa ou cobrindo o corpo com lenças de sêda e *écharpes*. *Isso* era naturalmente o que as outras tinham visto desde o princípio, que ela seria mais bonita que elas. Por isso é que lhe tinham virado o rosto.

Começou a romancear o seu futuro, entremeando-o nos romances de Frithjof sôbre si mesmo. E pelo menos não ofereceu resistência quando êle se mostrou enamorado. Embora frequentemente ela o achasse horrível havia nêle qualquer coisa que lembrava um cachorro dilacerado entre o desejo de arrancar um bocado e o mêdo do chicote. Mas em outras ocasiões, ela própria ficava completamente maluca — brincava com Frithjof e excitava-o, afagava-o e repelia-o, como poderia ter brincado com os cachorros em casa. Justamente porque sabia que era mal feito, no limite do que ela sabia ser a pior coisa que pode acontecer a uma mocinha. Isso é que tornava tudo aquilo excitante, isto é que dava sabor a êsse jôgo — ser tremendamente inconveniente, e se alguém descobrisse, Deus que os ajudasse! Era como se ela estivesse se vingando de tôdas as infelicidades em casa — as bebedeiras e os tumultos do pai: às vêzes êle ficava sentado tartamudeando e lamentando tôdas as desgraças que o tinham acabrunhado imerecidamente, outras vêzes ficava verdadeiramente violento e furioso, injuriando a ela e à mãe, e com que linguagem a mãe respondia! E quando êle não estava em casa, a mãe dizia as piores coisas a seu respeito, chamando-o de alcoólatra e lamentando sua pobreza, e então virava-se contra a filha por ser ruim na escola e sair de casa a tôdas as horas do dia. Ida Elisabeth adivinhara, já havia muito tempo, que a mãe não desdenhava uns goles das bebidas do pai, às escondidas — um tanto frequentemente.

Como presente de confinação, Frithjof deu-lhe um anel com uma pedra vermelha. Isto fê-la sentir como se de algum modo se tivesse ligado a êle. Embora não tivesse presente algum para dar-lhe em troca. Mas logo depois aconteceu o que ela sabia ser o pior. Ainda que não se lembrasse de ter achado aquilo assim tão horrível. Ora! era só isso? pensara com vexame e arrependimento. Mas também tornara-se diferente depois de algum tempo. Mesmo assim, o essencial nisso tudo, o que às vêzes a punha louca e ainda mais louca quando descobriu que podia amedrontar Frithjof, era o seu sentimento de desafio, de vingança. Que êles viessem, todos aquêles que tinham sido ruins para ela e Frithjof — como

êles eram ousados! Ela imaginava tôdas as respostas que lhes daria, se êles descobrissem. E quando pensava no que podia resultar daquilo, seu entusiasmo era quasi maior do que o seu terror. Porque nunca poderia ter realmente imaginado que êles seriam descobertos, ou que haveria algum resultado. Com efeito, seu único pensamento era talvez que êles estavam brincando com uma coisa perigosa e proibida e tudo o que podia supôr é que aquilo continuaria indefinidamente no futuro.

Então chegou aquela noite, uma noite deslumbrante, clara e quente, logo após S. João. Êles tinham remado até Ervik, tencionando pescar. No ponto mais distante das fazendas de Ervik, desembarcaram, foram para um paiol afastado e ali adormeceram. Foram acordados por um homem entrando com uma lâmpada elétrica. Era o médico, que se abrigara de uma chuva de verão.

Frithjof teve que remar sozinho para casa, e ela teve que ir no barco-motor do médico. Êste falou seriamente com ela; não que dissesse alguma coisa que ela já não soubesse, mas foi como se ela compreendesse pela primeira vez que aquilo realmente lhe dizia respeito. Foi tão horrivel que chegou a pensar que ia morrer.

Êle disse que seus pais não deveriam saber. Mas dirigiu-se aos Braatos, porque queria que êles mandassem Frithjof embora. E Fru Braato ficou tão desesperada que não pôde deixar de contar a uma amiga, e assim a história espalhou-se.

O dia em que ela teve que prestar contas em casa... era um dia que gostaria de poder esquecer. Nenhuma injúria foi bastante grosseira para o pai dirigir-lhe: gritou, sacudiu-lhe os punhos no rosto, e ameaçou matá-la. E o climax da sua depravação que ela se tivesse deixado seduzir por Frithjof, quando estava sendo preparada para a confirmação. O pai, que nunca fizera outra coisa senão caçoar de religião, igrejas e pastores — será que achava que ela devia prestar alguma atenção ao que o Pastor Sondeled dizia? —, era tão bondoso, pobre homem, mas nunca lhe ocorrera levar o Pastor Sondeled a sério.

E então... então mandaram buscar Frithjof. Oh! como é que ela podia ter tido alguma coisa mais com êle depois daquilo... não, aquilo estava além da sua compreensão! Nada mais mesquinho... um rapaz que não sabia o que fazer de tanto mêdo, que piscava os olhos e levantava os braços, como para desviar uma pancada, tôdas as vêzes que seu pai se

Digitalizado com CamScanner

mexia, e, quando o pai bateu mesmo, gritou o mais alto possível: "Mamãe!" E... é verdade... poz a culpa nela.

E sua mãe... ela quasi que achava que fôra a pior de tôdas. A princípio ficou completamente fora de si. Oh, aquela viagem para a cidade com seus pais... porque será que ela não se atirou no mar? Mas quando se tornou evidente que pelo menos não havia novidade, então a mãe pareceu acalmar-se e abrandar com ela. Graças a Deus, então o que acontecera não era assim uma desgraça tão terrível.

Ela preferia o pai, mil vêzes mais... êle rugia como um animal e dizia as mais horríveis pragas... não tinha a menor importância... se ela tivesse um filho, ou dois filhos, ou nenhum, fazia bem pouca diferença comparado com o fato que a menina estava deshonrada, deshonrada e maculada, "o último remanescente de beleza, perfeição e pureza que eu tinha no mundo"; e então êle chorou e repentinamente lançou os braços em volta dela: "Oh, Ida Elisabeth, prouvera Deus que você tivesse morrido antes! Se um cachorro da gente fica aleijado, mata-se — basta ter coragem — mas ninguém tem ânimo bastante para fazer o mesmo com um filho!"

E no entanto... quatro anos depois, quando Frithjof foi procurá-la naquele dia em Oslo, dizendo que obtivera seu endereço e pensara em visitá-la, ela não lhe apontara a porta.

Aquêles anos não tinham sido muito distraídos para ela. Fôra mandada para a casa de uma amiga de sua mãe e tudo que essa *tia* parecia esperar era que ela escapasse novamente. Ela saiu-se mal no Colégio Comercial e o exame, em que passou depois, não foi muito brilhante. Trabalho de escritório era a última coisa que ela escolheria. Mas quanto a costura ou chapéus, que ela queria aprender, e para os quais sabia que tinha jeito... não, não devia pensar em ganhar a vida com isso, não era bastante distinto aos olhos de seus pais. Entretanto, depois da morte do pai, ela experimentou — obteve um lugar numa loja de fazendas e frequentava uma escola de costura à noite. Os dois anos que passou na loja de Froken Myhre foram a parte mais agradável de sua estadia em Oslo. Mas depois o velho edifício devia ser demolido e Froken Myhre, que negociára alí durante quarenta anos, achou que o melhor era aposentar-se. E assim ela foi abandonada. Acidentalmente, encontrou um amigo do pai e êle deu-lhe um lugar no seu escritório. Dava apenas para viver. Quando Frithjof apareceu, ela sabia que não tardaria muito a ser despedida.

muitas dessas vagas absolutamente supérfluas tinham sido criadas no escritório para filhas de amigos dos sócios, e tôdas as outras eram mais competentes do que ela.

Ela tinha sido tão prudente durante êsses anos! Tinha ficado tão amedrontada e envergonhada com o resultado daquele negócio com Frithjof, que se retraía, como um animal amedrontado, logo que um homem tentava tomar alguma liberdade. Também não eram muito tentadoras as aventuras que estavam ao seu alcance. Encontrara realmente alguns rapazes que estavam prontos a sair com ela e oferecer-lhe divertimentos. Mas sabia a que preço. E não queria cair mais ainda. E tinha que ficar em guarda. Uma vez mais — e iria direitinho para o abismo.

Frithjof veio, e ela achou que êle tinha melhorado de aspecto. Mesmo assim, lembrava muito uma cereja amarela e vermelha, bem polpuda. Mas estava um homem, convenientemente vestido, com unhas limpas, o que, mais do que qualquer outra coisa, deu-lhe a idéia de que êle não era mais um menino. Tinha um emprêgo no escritório de um primo da mãe. — Música? não, puzera isso de lado, o número de músicos existentes no mundo era mais que suficiente sem êle, disse-lhe com ar superior. Com certeza estava repetindo o que já ouvira alguém dizer. O que êle não disse foi que a música tinha sido, como tudo em que punha as mãos: era muito fácil começar uma coisa, mas de repente ficava parado e nunca mais ia adiante. Agora tinha muito que dizer do futuro que se lhe oferecia com o tio — lá êle era absolutamente indispensável. Naturalmente poderia ter achado coisa melhor na ocasião — mas o tio o aconselhara a não fazer isso — o tio só estava à espera de que êle tivesse mais idade para admití-lo na sociedade. Frithjof tinha amigos a quem pedir um automóvel, e levou-a a passeio — e quando êle a quís novamente como no passado, e ela recusou, êle propoz: por que não se casariam? Agora, imediatamente. Êle acabara de ficar maior. E a mãe dela aprovava — entusiasticamente.

Mas agora tornava a pensar: parecia que ela estivesse fazendo uma coisa sensata ao casar-se com Frithjof, mas fôra somente uma desculpa que arranjara por ceder ao seu ardente desejo de rehabilitação. Queria rehabilitação para si mesma e para Frithjof — queria convencer-se a si mesma e a todo o mundo de que fôra o *amor* que lhes pregara uma peça daquela vez. A parte dolorosa e humilhante fôra apenas em virtude dêles serem tão crianças.

Digitalizado com CamScanner

Parecia uma rehabilitação para ambos Frithjof poder mostrar, então, que o que o arrastara à complicação do seu pecado juvenil, com todos os sofrimentos resultantes, fôra, afinal, um sentimento ao qual permanecera fiel até se tornar um homem. Agora, que podia mantê-la, voltara e casara-se com ela. A insuportável cena no escritório do pai tudo isso fôra somente porque êle era um rapazinho na ocasião e com o mêdo virara novamente criança, pobre moço. Ela fizera o possível para esquecer que sempre conhecera Frithjof como um covarde.

Na realidade, ela também sempre soubera que ninguém podia confiar no que Frithjof dissesse. Mas fingiu ignorá-lo. Durante os primeiros meses de seu casamento, concordaram em acreditar que eram felizes. Êle estava muito apaixonado — e, além disso, encantado em ter um lar. Estavam vivendo num bonito apartamentozinho em Oppegaard. Êle fazia uma alta idéia de si mesmo como homem casado, e manifestou um orgulho quasi ridículo quando ela lhe disse que ia ter um filho — orgulho comovente, achou ela na ocasião, embora se aborrecesse com o fato do marido contar aquilo a todo mundo. Mesmo. então, havia qualquer coisa que despertava uma secreta repugnância nela — precisamente pelo modo como êle a amava; tinha-se em alta estima por ser um marido terrivelmente apaixonado, etc., e ao mesmo tempo dava-lhe a impressão de estar sempre com mêdo de que alguém o repreendesse por isso.

Bem, e foi então que se deu o negócio. Só estavam casados havia cinco meses quando um dia Frithjof chegou em casa horrivelmente abatido, mas procurando convencer a ela e a si mesmo que... ora! não era nada para se afligir. O tio prometera ajudá-los até êle achar outra coisa, mas, afinal de contas, êle não servia para o negócio do tio.

Seu mobiliário fôra comprado a prestações. De modo que, quando tomaram um quarto em Pilestraede, não tinham nada para pôr nêle, exceto as poucas coisas que ela trouxera de casa. O tio de Frithjof dava-lhes uma mesada que chegava apenas para o aluguel e um pouco de comida. Por intermédio de Froken Myhre, ela arranjou alguma costura, de forma que conseguia ganhar umas coroas semanalmente. E foi então que começou a ver com calmo realismo que espécie de homem era Frithjof.

Não que ela conseguisse desvendar-lhe inteiramente o íntimo. Pois êle era bondoso, gostava dela, e continuava orgulhoso por ter uma espôsa e estar à espera de um filho. E

traçava um quadro côr de rosa para a vida dos três — lar encantador, carrinho laqueado de branco — estava ardentemente interessado em tôdas as roupinhas que ela estava fazendo. E perfeitamente satisfeito com o mundo e consigo mesmo. Nunca mais deu um passo à procura do que fazer. Talvez, também, não fôsse assim tão fácil — ela descobriu, ao fim de algum tempo, que devia até estar contente por ter ficado na ignorância do verdadeiro motivo pelo qual o tio o puzera na rua. Mas quando Frithjof lhe prometia uma fonte de riqueza num futuro obscuro e distante, êle ficava tão contente como se já lha tivesse dado e esperava que ela se mostrasse tão entusiasticamente grata como se a tivesse recebido.

Por êsse tempo ainda era capaz de se escandalizar com êle. E ficava revoltada dêle estar sempre pregando mentiras, até sôbre as coisas mais insignificantes, onde era impossível descobrir por que é que não dizia logo a verdade. Ela ainda não descobrira que Frithjof mentia como outra qualquer pessoa ria.

Moraram naquele quarto durante seis meses, até ela ir para a maternidade. Daí, ela foi com Solvi para Sandefjord, para a casa de sua tia Matilde e da mãe; as duas irmãs estavam vivendo juntas desde que a mãe enviuvara. Frithjof seguiu-a até lá. E dalí foi que ela escreveu para a única pessoa de quem podia esperar auxílio, quando soubesse da sua desesperada penúria. Não teve coragem de deixar que a mãe e a tia suspeitassem que já estava à espera de um segundo filho, antes do primeiro ter um ano. Pensou então, que, se ao menos pudessem ir para casa, para seu próprio meio, certamente haveria uma saída. Escreveu então para o médico de Vallerviken e pediu-lhe se não podia arranjar trabalho para Frithjof na vizinhança.

Êle arranjou. Colocou Frithjof na fábrica de conservas e ajudou-os a achar cômodos na casa de Esbjornsen, onde havia uma lojazinha e auxiliou-a na montagem da loja de fazendas que ela tencionara abrir, agora que havia tantas construções novas em Berfjord.

Kalleman nasceu e então o Dr. Sommervold teve uma conversa com ela. Procurou convencê-la a separar-se de Frithjof.

— Mas você não vê, Ida Elisabeth, que êle não é mais do que uma criatura infantil? Grande e forte fisicamente, e homem bastante para lhe dar quantos filhos você queira — e

Digitalizado com CamScanner

apesar disso o seu desenvolvimento mental é o de uma criança de dez ou doze anos. E de uma criança muito pouco interessante na minha opinião.

A êsse tempo, Frithjof já desistira do negócio de conservas. Ela ganhava apenas o bastante para mantê-los dia após dia. E Frithjof estava bastante contente com êsse modo de vida. Cuidava do seu pedacinho de jardim, saia de barco e vinha orgulhoso se trazia algum peixe para o jantar, tomava conta de Solvi — e o tempo todo ela tinha aquêle rapaz, grande, preguiçoso e tagarela, em volta de si. E compreendia que seria sempre assim se ela não seguisse o conselho do médico.

— Pense somente nos seus dois filhos — disse o médico. — Você talvez tenha trabalho bastante para mantê-los nos próximos anos, sem ser obrigada, ao mesmo tempo, a sustentar êsse filho grande dos outros.

Talvez fôsse isso o que tornou impossível ela seguir o seu conselho. Não podia enxotar de casa uma pessoa como Frithjof e dizer-lhe: afunde ou ponha-se a nadar. E não tinha coragem de empurrá-lo para os velhos Braatos. Não podia deixar de pensar — e se alguém algum dia fizesse isso com Solvi ou Baby? E evitava imaginar a fisionomia de Frithjof, se algum dia ela lhe dissesse que queria o divórcio e que êle saisse de casa. Lembrava-se muito bem como fôra, quando ela era criança — o dia que lhe disseram que tinham que sair de casa, em Holstensbourg.

Porque o fato mais desesperador é que agora compreendia que Frithjof gostava realmente dela e dos pequeninos — isso pelo menos não era mentira ou representação. Gostava dela porque confiava nela cegamente... ela providenciaria para que êle nunca passasse necessidade. Gostava dos filhos porque orgulhava-se de ser pai, e assim tinha sempre alguma coisa com que brincar. Era o que Sommervold dissera, uma criança; seu egoísmo era o de uma criança, agarrava-se a qualquer coisa que formasse um muro em volta de sua existência e o protegesse, e, como uma criança, fazia um romance do que lhes daria e do que faria por êles... algum dia, num futuro que nunca chegaria... mas para êle era como se tivesse desempenhado as suas obrigações, quando se gabava de tudo o que faria um dia. Então sentia-se como um bom menino, e queria que o beijassem e elogiassem como recompensa. Seu sentimento íntimo era de ser feliz no casamento, e portanto tinha a certeza de que ela, no fundo do coração, sentia a mesma coisa.

De vez em quando, Ida Elisabeth cochilava, embalada pela suave trepidação do navio nas vagas do Mar do Norte, e pelo bater das ondas no costado do navio, pelos sons de estalos, tinidos e rangidos a bordo. Mas tôdas as vêzes que ia realmente dormir, era despertada por uma pontada em alguma parte do corpo, estirado tão incomodamente. E de cada vez que era assim trazida de volta à plena conciência, sentia que seu coração era uma massa dolorida; doía, doía. Mirra... um coração como um cofre de mirra amarga... oh, sim! Elas deviam saber do que estavam falando, aquelas duas tolinhas.

Ciss Meisling, aliás, parecia também ter ficado acordada, e tinha estado choramingando, como Ida Elisabeth podia perceber pelo modo dela se assoar. Agora parecia estar dormindo. Mas quando Kalleman começou a choramingar, a princípio de leve e sonolentamente e depois mais alto e mais insistentemente: — Chícara, chícara. Chícara, mamãe — até que ela teve que se levantar e acender a luz... Ciss Meisling sentou-se na cama:

— Fru Braato, posso ajudá-la em alguma coisa?

Seus cachos vermelhos estavam todos em desordem e mechas escuras de cabelo estavam grudadas em seu rosto acalorado e manchado de lágrimas. Vestia um pijama encantador, de sêda branca florida — que ainda a tornava mais irritante a Ida Elisabeth.

— Não, obrigada — disse Ida secamente, apanhando a chícara e a garrafa de leite.

Enquanto Kalleman bebia, Ciss sentou-se na cama e observou-o com um olharzinho triste.

— A senhora está zangada comigo, Fru Braato? — perguntou ela na sua voz juvenil, grossa e lacrimosa. — Eu sei que fui grosseira com a senhora esta noite e respondi-lhe impertinentemente.

Ida Elisabeth zombou:

— Minha cara Ciss... você certamente deve saber que as pessoas adultas não ligam importância, quando uma garota lhes dá uma resposta insolente. Deite-se e durma, minha filha.

Ciss suspirou um boa noite, e meteu-se debaixo das cobertas, e Ida Elisabeth, apagou a luz e arrastou-se até Kalleman. O navio aí estava firme e a água escorria ao lado do costado, em vagas quietas e tranquilas — estavam novamente dentro dos recifes e chegariam dali a cinco horas.

Digitalizado com CamScanner

Oh, como ela estava cansada e enjoada de tudo! De certo modo quasi pensava que não poderia mais suportar Frithjof, e entretanto não poderia deixá-lo ao desamparo. E êle era tão confiante... a tal ponto, que a desarmava completamente. Ela podia implicar com êle, dizer-lhe que ficasse quieto, deixar de responder quando êle lhe falava — êle abaixava a cabeça por um momento, ficava com um aspecto infeliz, e logo depois voltava a ser o mesmo, como se não houvesse nada.

E assim tinha sido êsses dois últimos anos, desde que Kalleman nascera. Frithjof arranjava uns pequenos trabalhos de vez em quando — e seu negócio começava a prosperar. A única coisa aborrecida era que Frithjof não tinha a mínima idéia de dinheiro. Achava que agora, que ela estava ganhando "pilhas de dinheiro", deviam empregá-lo em alguma coisa de que *êle* tomaria conta esplendidamente. Raposas prateadas, naturalmente, ou um aviário, ou plantando ruibarbo e vinhas. Uma lata velha de um Ford acabara recentemente sua carreira no *fjord*. Frithjof tinha extravagantes planos de comprá-lo e organizar um serviço rodoviário para Langeland, Vallerviken e Ut-Helle — todos os navios que tocavam em Berfjord também tocavam nesses lugares. Ou mesmo para Mokhus, onde presentemente os caminhões comerciais davam conta de todo o tráfego que havia.

Sua posição não era tão ruim a ponto de tornar-se insuportável — se ao menos ela pudesse esquecer-se de que seria assim para sempre. E se ao menos pudesse deixar de pensar no passado, de arrepender-se da sua loucura. E, Deus do céu, havia milhares de mulheres que tinham que alimentar um tratante de marido, cuidar de si e dos filhos, enquanto que a criatura que elas sustentavam queria ser tratado como um homem e dono da casa. Pelo menos Frithjof não era um homem mau.

Se ao menos, se ao menos... não, não pensaria nisso. E os dois filhos que tinha... oh, *ela* achava-os encantadores... sim, por causa dêles ela teria alegremente viajado sempre, até onde a estrêla pudesse guiá-la, se ao menos no fim conseguisse encontrar o caminho para um lugar onde pudesse fazer a sua oferenda, como diziam os versos. A fumaça, que turbilhonava na brisa sôbre sua casa, e o coração, com tôdas as suas amargas recordações, como mirra.

Era pouco antes do levantar do sol quando Ida Elisabeth subiu ao tombadilho. A abóbada do céu estava clara e límpida, amarelo-claro acima dos cumes das montanhas, onde a alvo-

rada soprava sombras azues sôbre os campos de neve, mas, mais no alto, o ar tornava-se esverdeado, passando para o azul profundo e insondável, que velava as estrêlas.

Os montes de gêlo, no mar, roçavam de encontro ao costado do navio. Já estavam tão perto, que o Berfjord se mostrava branco de gêlo de uma costa à outra. O navio parou, recuou, e investiu novamente através do gêlo novo do canal. A água escura veio num torvelinho com uma chuva de espuma esverdeada, e alagou os novos flocos que se quebravam e tiniam de encontro à velha borda de gêlo.

Em geral, nos últimos tempos, só raramente Ida Elisabeth era capaz de sentir a beleza do Berfjord. Mas agora essa beleza subjugava-a, enquanto ela andava para baixo e para cima, afim de se esquentar... para cima e para baixo no tombadilho deserto. As casas tinham um aspecto tão comoventemente pequeno e paciente, situadas ao longo da praia, sob as imponentes montanhas: estavam ao largo das fazendas Ruskene, com a cascata esverdeada debruçando-se irresistivelmente sôbre o penhasco da represa no alto, bem de encontro ao céu, até a estreita faixa de praia, coberta de neve e na sombra, aos pés da montanha. Todos os seus pensamentos da noite se focalizavam num único desejo — de uma paciência tolerante, que se parecesse com a das fazendinhas, com a fumaça da manhã num torvelinho sôbre o telhado coberto de neve, de um espírito de ousadia tão obstinado que lhe durasse uma jornada inteira montanhas além, e que estivesse tão familiarizado com as estrêlas a ponto de correr atrás delas, mesmo quando estivessem escondidas pela luz do dia.

O navio entrou, contornando os Gaupholms, e a enseada mais interna ficou diante dêle como uma planície branca arredondada. No extremo do canal aberto estava um pequeno grupo, com trenós de mão e malas, um trenó com um cavalinho baio, e... Deus que a ajudasse — Ida Elisabeth descobriu o Ford. Na frente estava sentada uma garotinha embrulhada numa coisa vermelho-vivo — Solvi com o seu casaco de golfe.

Na sua ansiedade, alguma coisa pareceu partir-se dentro dela e o desespêro elevou-se como a água fria e negra em volta da proa do navio, quando perfurava o gêlo. Frithjof acabara fazendo a loucura, enquanto ela estivera fora.

Lá vinha êle, correndo na direção do navio que lançava âncora — jovem e alto e já inclinado à gordura; a madeixa de cabelo sob seu boné de peles estava branca de geada, seu rosto

Digitalizado com CamScanner

carnudo tinha uma coloração sadia do frio. Êle acenou-lhe e gritou "Boas Vindas", numa voz retumbante.

Ida Elisabeth respondeu com um leve aceno; depois voltou-se e saiu correndo. Tinha que descer e ir buscar Kalleman.

Ao precipitar-se escada abaixo, seu pensamento e seus sentidos recolheram tudo numa só imagem — a água escura com os flocos de gêlo tinindo levados pela corrente, a superfície branca do *fjord* gelado, e a fisionomia confiante do marido, radiante de saúde, e as casas ao longo da praia, sob a enorme massa da montanha. E no alto, acima de tudo, os primeiros raios dourados do sol da manhã, brilhando sôbre os campos de neve contra o céu. Ida Elisabeth teve um sentimento irresistível, instinto mais do que pensamento, que de um modo ou de outro devia manter alguma animação na alma, como um repuxo projeta seus jatos d'água incessantemente no ar, para uma perspectiva de cumes de montanhas brancas e douradas de sol, e o grande sino do céu — embora ela estivesse prêsa como nunca entre as sombras da praia.

CAPÍTULO SEGUNDO

Naquele inverno e na primavera seguinte, Ida Elisabeth muitas vêzes sentiu que não poderia mais aguentar. Então, como concentrava tôdas as suas fôrças: naturalmente que podia. Porque *tinha* que aguentar.

Estava novamente grávida, não havia dúvida a respeito. A certeza disso despertou nela o mesmo sentimento turbulento que tivera das outras vêzes: lutaria pelo que lhe pertencia. Só podia contar consigo mesma — tinha que fazer alguma coisa.

Mas era tão pouco o que ela podia fazer. Mandar contas para os fregueses que lhe deviam dinheiro — as quantias não eram grandes, mas já faria uma diferença se pudesse obter ao menos metade do que lhe deviam. Mas não havia muito dinheiro. Por dias a fio nem uma alma entrara na loja, a não ser uma menina que quisesse um carretel de linha ou uma mulher para comprar botões e cadarço. E durante todo o mês de fevereiro o tempo esteve tão ruim, tempestades e chuva, deixando tôda a superfície da região escorregadia de gêlo, e então vieram cerrações, chuva e mais temporais. As crianças quasi que não podiam sair de casa e Kalleman principalmente estava impertinente e de mau humor; era uma tarefa lenta pô-lo de novo completamente bom. Êle perdera completamente o apetite; ela dava-lhe ovos de manhã e à noite — suas galinhas tinham começado a pôr bastante — mas até isso era muitas vêzes difícil fazê-lo engulir.

Sentia-se consumida por êsse ardente espírito combativo — se ao menos pudesse dominar algumas das coisas que tor-

Digitalizado com CamScanner

navam sua vida tão incerta! Não tinha outra coisa a fazer senão ocupar-se da loja, tomar conta da casa, dos filhos, dos pintos. Agora que os negócios estavam tão parados, enchia o tempo fazendo um casaco de primavera para Solvi, aproveitando um casaco velho e uma sáia de Aslaug, e novas camisas azues para Frithjof. Nesse interim procurava resignar-se — era só o que podia fazer. E consolar-se com a idéia de que havia muitos que tinham dificuldades ainda maiores. Bem no íntimo a ansiedade roía-lhe, como uma dor de dentes; também não lhe seria nada difícil enredar-se em dificuldades muito maiores; estava pensando em tôdas as dívidas, das quais devia pagar pelo menos uma prestação, antes de conseguir um novo sortimento de primavera. Havia muitos que estavam pior e pareciam resignados, ou então ficavam amargurados e revoltados e exigiam que alguém os ajudasse, ou ainda que o mundo fôsse reorganizado, pois acreditavam que então ficariam melhor — ela, porém, suspeitava vagamente que essa gente não tinha seu gênio de desafio ou seu invencível desejo de vencer as dificuldades sozinha, sem dizer nada a ninguém — ou então é que êles se tinham deixado abater — mas se ela se deixasse abater, seria melhor que todos morressem.

Portanto ela tivera, apesar de tudo, uma espécie de alívio e satisfação ao deslindar o negócio que Frithjof fizera com o automóvel. Foi a Eriksen, a quem pertencia o Ford, e disse-lhe claramente que *ela* não podia pagar-lhe nem um tostão. E assim êle retomou o carro.

Frithjof chegou em casa. Procurou parecer um galo de briga, estufando o peito, batendo as asas. Sua voz às vêzes se transformava num grito fino e agudo, o que era tanto mais cômico pelo fato dêle ser dotado de uma respeitável corpulência — poderia mesmo ser considerado um homem másculo, se não abrisse a bôca e se não se notasse a sua expressão.

— Mas Ida Elisabeth. Você há de compreender que eu nunca tive a idéia de que você *pagasse* nada... Basta você assinar o nome, compreende... eu posso conseguir o dinheiro do banco e depois me encarrego do resto.

Ida Elisabeth deixou que a máquina de costura fôsse zumbindo até acabar a interminável bainha, antes de responder com calma e indiferença:

— Você compreende, não é? *Eu* não posso dar fiança a ninguém.

— Como não? O banco está pronto a aceitá-la. E então, você sabe, eu também pedirei a Sommervold; êle não se negará a assinar se você o fizer.

— Não diga tolices, por favor — disse ela com indulgência, acertando novamente a fazenda na máquina.

— Não, desculpe-me, Ida Elisabeth, eu acho que quem está dizendo tolices é você. Não compreendo como você pode ser tão pouco razoável. Naturalmente você também colherá as vantagens; acho que você deve ver que se eu iniciar alguma coisa minha, que dê muito dinheiro...

— Cinco ou seis vêzes por semana, se você tiver a sorte de conseguir encomendas —. Ela saltou da cadeira — alguma coisa estava fervendo na panela na cozinha. Afagou-lhe os cabelos ao passar, com uma benevolência brincalhona: — A quanto você acha que irão os consertos, sem contar os impostos e tudo?

Êle seguiu-a; ela estava batendo com fôrça as chapas do fogão.

— Ufa, Ida Elisabeth, por que é que você está tão absurdamente aflita? Benza Deus... temos ido bem até agora... nunca até agora passamos privações.

Ela não deu resposta. Frithjof prosseguiu, animado por seu silêncio:

— Lembra-se? antes do Natal... quando você estava naquele estado terrível... não tinha idéia de onde arranjaria dinheiro para a doença de Kalleman e tudo aquilo. E não vieram, e me pediram para tomar o lugar de Arne na Cooperativa, de modo que eu pude dar-lhe o dinheiro para a viagem e tudo... você se esqueceu disso?

Era mesmo verdade; Frithjof trouxera-lhe 16 corcas que êle mesmo ganhara, e conseguira então comprar as botas de borracha de que já falava havia tanto tempo. Êle ficara tão orgulhoso e feliz... e ela achara que devia animá-lo e fingir que estava impressionada. Provavelmente era por isso que tinha agora de aturar as consequências.

— Então? Você sabe o que mais, Ida Elisabeth? Eu acho, com franqueza, que você devia ter um pouco de confiança em seu marido. Você, na verdade, podia demonstrar um pouco de confiança em mim.

— Certamente, Frithjof. E eu realmente acho que tenho demonstrado ter confiança em você. Mas deve haver mode-

Digitalizado com CamScanner

ração em tudo, bem sabe —. Ela riu tranquilamente. Êle aproximou-se e procurou abraçá-la. Ela delicadamente afastou-o:

— Agora vá para dentro, Frithjof. Você aqui na cozinha está me atrapalhando.

— Posso dizer-lhe que será uma desilusão para Solvi. Ela estava tão encantada com o automóvel do papai, como costumava chamá-lo. E eu estava imaginando todos os passeios que faria com você êste verão. Uma visita à casa dos velhos — subir o Breistol — você sabe? dizem que agora se pode ir de automóvel até o Breistol. Avalie isso, Ida Elisabeth! Há séculos que você não vai lá. Você não tem um desejo imenso de subir outra vez a Breistol?

Ida Elisabeth abanou a cabeça. Bem no alto e no interior, entre as charnecas, alguns pequenos *saeters* (1) de ambos os lados de um límpido e rápido riacho. Dalí era uma caminhada de meia hora até a sua cabana no tôpo do Svartdalsfjeld. Da cabana vislumbrava-se o *fjord* lá em baixo, e quando fazia bom tempo podia-se ver o mar, mas terra a dentro, na outra direção, só havia serras acinzentadas, com montanhas azues além, e o reflexo da geleira ao longe. Ela nem sabia se gostaria de ir lá novamente. Ou se preferia deixar como estava — como parte das recordações de um tempo que estava infinitamente longe, quasi irreal, e que lhe surgia, agora, numa névoa de saudades e calmas alegrias.

Frithjof custou muito a ceder. Ela não podia deixar de ter um pouco de pena dêle — se houvesse alguma possibilidade, teria até acolhido bem a idéia dêle ter êsse brinquedo que implorava tão insistentemente, o pobre rapaz.

Apresentou uma sugestão — não poderia tomar emprestado o que havia nas cadernetas da caixa econômica das crianças? Seria uma operação financeira, naturalmente, e êle reporia o dinheiro com juros e juros compostos. Solvi recebera uma caderneta com cem coroas, como presente de batismo da tia Matilde; a própria Ida Elisabeth conseguira, sabe Deus como, acrescentar-lhe algumas coroas e abrir uma caderneta para Kalleman. Além disso o Dr. Sommervold puzera alguma coisa para Carl no seu primeiro aniversário; ela, porém, não sabia quanto, pois o próprio doutor guardava a caderneta.

— Não se pode pensar nisso. O dinheiro das crianças é intangível.

---

(1) Saeters — Seixos, variedade de arsenito de ferro da Noruega. — Nota do tradutor.

Mas mesmo assim tinha ela pena de Frithjof. E em março, quando Frithjof obteve um emprêgo temporário como *chauffeur* na fábrica de caixas, êle veio a ela e falou-lhe sôbre uma bicicleta de segunda mão que poderia comprar por trinta coroas.

Naquela manhã ela vendera quatro casacos de golfe de uma só vez — a um grupo de pessoas do longínquo Svartdal; houvera um grande entêrro no lugar e muita gente viera de longe. E a filha casada do mestre-escola mandara-lhe quarenta e sete coroas, de compras feitas quando estivera em casa no verão anterior. Por isso, Ida Elisabeth disse que sim; talvez fôsse sensato comprar essa bicicleta.

— Então você acha que eu devo? — perguntou êle aflito —. Ida Elisabeth deu uma risadinha. Quando êle via que ela não se ia opôr a uma de suas idéias, Frithjof sempre insistia em discutir o assunto interminavelmente, regozijando-se com a sua aprovação.

— E depois, você sabe — disse êle — será muitíssimo cômodo, quando eu tiver que ir buscar seus embrulhos no navio, etc., poderei pô-los então no lugar das bagagens.

Ida Elisabeth não pôde deixar de sorrir. A pé ia-se ao cais em cinco minutos. — Sim, naturalmente — disse séria. Ela sempre sentia a mesma tranquilidade surprêsa cada vez que notava que, apesar de tudo, gostava realmente de Frithjof, ou, pelo menos, sentia uma estranha e profunda ternura por êle. Pobre rapaz, dava uma impressão tão lamentável, com os seus desesperados esforços para ser engraçado — quando estava em sociedade — que nem sequer suspeitava estar dizendo coisas grotescas.

Seguiram-se semanas de radiante primavera. Frithjof rolava o dia inteiro no seu velho "quebra-ossos", a sua incrível bicicleta, sempre com Solvi sentada na frente. Traziam para casa ramos de primulas e galhos cobertos de corimbos, que espalhavam uma poeira amarelada pela casa tôda, e estendiam pequenas fôlhas prateadas, como se fôssem de feltro, o que fazia com que Ida Elisabeth hesitasse em jogá-los fora.

Seu melhor momento era nas primeiras horas da manhã. Ela levantava-se logo que Kalleman acordava, vestia o menino e saia com êle. Estava cansada, mas o cansaço passava logo que chegava ao ar livre — ar ainda frio e carregado com os odores da praia, da terra úmida e nua do jardim; entrar nele era como mergulhar em água fria — e com um pungente pesar,

Digitalizado com CamScanner

pensava nos dias de verão do passado, com o sol brilhando no *fjord* e as noites de arbustos em volta da baía, onde se despia com a brisa e o sol quente acariciando-lhe a pele. Oh, poder caminhar água a dentro, com o reflexo das ondas no fundo arenoso tremeluzindo pelo seu corpo acima... até não ter mais pé e sair nadando e sentir a água escorrendo em tôrno, deliciosamente macia, enquanto seus membros ficavam com um aspecto tão engraçado, mais curtos e tintos com o verde do mar. E pensar que ela também não poderia tomar banhos de mar neste verão! Mas não havia lugar algum aqui na enseada onde ela pudesse estar certa de que ninguém a veria? Oh! lembrava-se de uma excursão que haviam feito a Ervik, no verão antes de Kalleman nascer. O chilrear juvenil de sua sogra: "Oh, mas minha cara Lisken, não me diga que se envergonha *disso?* Ora, é uma coisa tão natural para uma mulher casada!..." Else e Merete também estavam; estavam justamente na idade mais desagradável...

Com todo o cuidado, Ida Elisabeth remexeu com a enxada o estrume em volta das flôres que estavam brotando era uma beleza. Arrancou as fôlhas murchas das auríc ulas. Era um trabalho que não podia confiar a Frithjof, mas êle bem podia cavar os canteiros da horta um dia dêsses, afim de que ela pudesse prepará-los e semeá-los. Enxugou as mãos no grosseiro avental e assoou o nariz de Kalleman; esteve um momento endireitando as costas e observando a criança voltar correndo para perto da cêrca. Havia alguns carneiros pastando na encosta além. Êle gostava também tanto dos seus pintinhos! Quando crescesse mais talvez se distraísse com coelhinhos. Fôra bem bom ter podido contar com êles em outros anos — mas o pior é que ela sempre fôra obrigada a verificar se Frithjof não se tinha esquecido de cuidar dêles. — Não, pelo menos êste ano ela não poderia criar coelhos.

Kalleman não era uma criança bonita. A própria Ida Elisabeth estava convencida disso. Sua cabeça parecia grande, com o pescoço tão magro e branco, era, afinal, pequeno e magro para a idade. E a testa era tão grande e saliente... "uma verdadeira cachola de pastor", dizia Fru Esbjornsen. Também achava que Kalleman tinha uns olhos tão inteligentes! Eram grandes e escuros, na realidade azues — ela os achava bonitos. Mas a bôca era verdadeiramente encantadora, pequena e de um rosa muito pálido... a não ser isso seu rosto não era nada bonito, franzino e comprido sob a pesada testa, quasi sem nariz.

Oh! aquêle filhinho! A sombra de uma apreensão, que ela não admitia que se tornasse um pensamento claro, ficou observando a criança. Agora o sol estava brilhando no mais alto dos morros. O pico de Yridal, ainda coberto de neve, elevava-se nitido e dourado de encontro ao céu. Aquí as sombras estendiam-se azues e frias sôbre as casinholas ao longo do cais e além sôbre as pálidas águas da enseada. Na calma da manhã, o murmúrio do rio podia ser ouvido distintamente, e o chuque-chuque de um barco motor distante.

Mas, acima das montanhas, todo o céu já estava cheio de sol, e as pequenas nuvens errantes, douradas havia pouco, já estavam brancas, e o azul do céu ficava mais carregado de minuto a minuto. Ela percebia que Solvi já estava acordada, estourando de riso, e Frithjof cantarolava uma melodia qualquer — devia estar brincando com a criança. Era melhor entrar e tirá-los da cama e depois preparar o café.

Outra coisa era que Kalleman demorara muito para aprender a falar. E ela se lembrava bem de ter ouvido falar de crianças, que não sabiam falar muito até à idade de três anos. Em outras coisas o menino parecia bastante inteligente. Às vêzes ela cortava as figuras coloridas de velhos figurinos, pois se distraia tanto brincando com bonecas de papel quando era criança. Mas Solvi não lhes dava a mínima importância — quando lhes dava alguma atenção era para rasgá-las; e então Kalleman entregava-as à mãe, mostrando-lhe o desastre; oh, oh, dizia em grande aflição. Kalleman podia passar horas encostando suas damas e crianças de papel no encôsto do sofá, estendido e tagarelando. "Isto, êste é um menino, esta é uma menina, olhe mamãe. — Oh, bumba!" dizia quando elas caíam. Êle *não era* totalmente destituído de inteligência, pensava ela. Por exemplo, quando havia figuras nos jornais, de coisas que êle conhecia, sempre as percebia. E quando puzeram um novo cartaz da Singer na loja, êle apontou para a mulher na máquina de costura assim que a viu: "Aquela é mamãe", gritara encantado...

Quando ela o levava ao jardim primeiro, êle sentia muito mais apetite ao tomar a sua sopinha matinal.

Ida Elisabeth resolveu ir a Vallerviken uma segunda-feira — havia, então, um risco mínimo de encontrar algum conhecido no cemitério — todos já teriam ornamentado seus tú-

Digitalizado com CamScanner

mulos para o domingo. Eram umas cinco milhas, se ela fôsse pela velha estrada de Standal, de modo que não podia levar as crianças. Fru Esbjornsen prometeu tomar conta delas e da loja enquanto Ida estivesse ausente.

Frithjof foi para o cais logo que o almôço terminou e Ida Elisabeth apressou-se em lavar o que precisava, afim de escapulir sem que êle notasse. Senão, naturalmente, teria ido com ela, e Ida não podia deixar de visitar os sogros.

A estrada estendia-se diante dela, brilhante e sêca, no meio da grama esturricada à beira do caminho, novas fôlhas verdes estavam brotando e pequenos feixes vermelhos de fôlhas novas apareciam de todos os lados.

O bico de seus sapatos ficou cinzento de poeira, logo que ela partiu — o que a encheu de viva alegria: era tão estival aquilo tudo! A estrada penetrou no bosque de amieiros e desceu para a ponte; agora, das casas ninguém mais poderia vê-la. Ida Elisabeth respirou livremente — tinha uma tarde inteira diante de si, até à hora da ceia.

Enquanto andava, via e sentia tudo em tôrno — como quem toma novamente conhecimento de tôdas as coisas, logo no primeiro dia, ao voltar-se a um lugar frequentemente visitado em férias anteriores. Tudo está como a gente se lembra, só que muito mais bonito. Ao sol do meio dia os caules dos amieiros brilhavam como prata, e atrás do entrelaçamento de suas fôlhas havia um alvo cintilar de água. As fôlhas dos amieiros já tinham caído quasi tôdas; o véu castanho dos corimbos escurecera e encolhera; uma nuvem de pólen caira cobrindo tôdas as poças d'água no bosque com uma suja película amarela. Em volta dos tocos as caledônias apareciam com sumulentas fôlhas verdes e flôres amarelas esbraseadas, brilhando como manteiga. Uma vaca abriu caminho através do mato e debruçou a cabeça sôbre a cêrca. Ida Elisabeth teve que ir fazer-lhe festa: "Pobrezinha" — estava tão peluda e suja, afiada como uma faca, nas costas, e os ossos das cadeiras salientes como tábuas. Dois passarinhos precipitaram-se através da estrada, com gritos alegres e apaixonados, e desapareceram entre as árvores. Ah, graças a Deus que era primavera.

Do outro lado do rio a encosta estava magramente coberta de pinheiros. Aquí as urzes estavam escuras, ainda sem vida, mas na terra plana, mais acima, havia água em tôda a parte, por entre as moitas, e o musgo estava espêsso, verde e fresco nos tanques. Inconcientemente ela apertou o passo, pois aquí havia grandes extensões de sombras. Mas depois de ultrapassar

o cume, e deixar o bosque para trás, pôs-se a andar mais devagar. Com os olhos meio fechados e o rosto voltado para o sol, foi seguindo passo a passo, deixando-se tostar.

Diante dela a lagoa comprida e estreita de Standal refletia o céu azul, com algumas calmas tiras de um branco resplandescente mais ao longe. As margens aqui eram de um verde pálido em tôrno das rochas e dos troncos das árvores. Havia freixos dispersos, cujos cimos eram absolutamente redondos — tôdas as árvores e arbustos aqui davam sinais de terem sido despojados de suas fôlhas, com certeza havia já centenas de anos que o povo assim procedia. Os botões já estavam crescidos. Ida Elisabeth quebrou um ramo de freixo; a fôlha, que estava a ponto de arrebentar, lembrava garras cinzentas procurando mostrar-se. O caminho no qual ela andava estava alagado.

As fazendas de Standal ficam do outro lado do lago. A casa de residência, no Alto Standal, era bastante grande, de um amarelo ocre, com varandas em dois andares. Ela nunca estivera lá depois que a casa fôra construída. Mas a outra fazenda, de Johan e Kristine, estava exatamente como nos velhos tempos, quando o pai a levara lá. Pequenas casas cobertas de capim, cêrcas de pedra encimadas por moitas de tojo, já ressequidas e bolorentas, davam ao todo um aspecto desleixado. Contavam que ultimamente a fazenda estava muito decadente. Frithjof dizia que Johan Standal já estava completamente cego: não sei o que lhe entrara nos olhos, havia dois invernos, quando êle estava partindo lenha. Sim senhor! então agora já se passara mais de um ano, e o tempo todo ela pensara em ir vê-los — mas depois julgava que não podia ir de mãos vazias. Johan e Kristine tinham sido sempre tão bons para ela!

Sentou-se ao alcançar o lago, e olhou para a outra margem. Uma abelhinha gorda estava zunindo a seus pés, procurando agarrar-se num pequenino amor-perfeito cinzento. Depois desprendeu-se e flutuou zumbindo no ar. Ida Elisabeth observou-a. Atrás dela estavam fragmentos soltos de rocha, e, entre as pedras, cresciam moitas de aveleiras. Longos corimbos amarelos pendiam de seus galhos.

De repente lembrou-se de alguns ramos de aveleira, que tinham feito a volta da classe — era enquanto ela estava na escola primária. A professora deu a explicação de flôres masculinas e femininas, os botõezinhos redondos com três filamentos côr de púrpura em cima — como os estígmas recebiam

Digitalizado com CamScanner

pólen dos corimbos, e como o mesmo processo se repetia através da natureza, até o homem. Uma ardente chama vermelha espalhou-se sôbre o rosto de Ida Elisabeth — que conversa fiada! Estiletes e estigmas, abelhas e plantas segregadoras de mel, passarinhos que se auxiliam na construção dos ninhos e na alimentação dos filhos, vacas e bezerros e potros encantadores — que tinha tudo isso a ver com homens e mulheres? Ela o sentia com uma agudez dolorosa. O esplendor do dia primaveril, o perfume de terra úmida e das plantas que crescem pela fôrça da estação do ano, o barulho da água escorrendo nas pedras atrás dela... havia um abismo que a separava de tudo aquilo que crescia e vivia, insensível e belo. Tôda aquela beleza mudaria, os claros corimbos tornar-se-iam uma folhagem escura e luxuriante, o capim cresceria, se carregaria de flôres, seria cortado e se transformaria em feno cheiroso. Nos pequenos canteiros cinzentos, entre os montes de pedras, nabos e batatas cresceriam, e espalhariam suas enormes fôlhas até a terra ficar escondida. Tinha isso alguma coisa que ver com os sêres humanos, que se deixam arrastar pela teimosia, por serem infelizes e desejarem carinho, e acreditarem que alguém os vai aturar — e depois se envergonham de terem sido tão ingênuos? A gente sabe que se enganou com relação ao próximo, mas não foi culpa de ninguém, e portanto... O próximo também é humano, pobre coitado, não vale a pena abusar, e a gente sabe que *êle* não tem idéia do que seja ser *eu*, de modo que não podemos levantar a mão para nos defendermos.

Os animais não sabem o que seja estar numa ansiedade constante por causa dos filhos. Alarmam-se quando o perigo os ameaça de perto. Mas não conhecem o sentimento de terror, que deriva de se ter que pensar no futuro, e ter filhos em que pensar.

Tagarelice sentimental de solteironas, aquela de se dever contar tudo às crianças, franca e honestamente, e não deixar que elas formassem más idéias de haver algum mistério ou degradação naquilo! Estiletes e estigmas, a fertilização pelos insetos e pelo vento, carneiros e cordeirinhos brancos, mamãe e papai de mãos dadas vigiando o sono do bebê. Haverá na terra coisa tão bela quanto uma criança? — disse a mãe de Frithjof tomando a mão do marido. Era exatamente como se êles estivessem *brincando* de papai e mamãe, ela sempre achara. A mãe de Frithjof era dessas, dadas a discorrer sôbre o que era natural, puro e belo. E não havia nenhum mistério no caso,

exceto sob forma de mistérios sagrados. Passa! gente como Fru Sondeled ou Mathilde Baur... mas graças a Deus elas pertenciam a uma época passada e acabada, quando as mulheres encaravam a cohabitação natural como coisa impura, e ainda eram tão cheias de afetação e virtude.

Talvez que a tia Mathilde e Fru Sondeled fôssem simplesmente menos afetadas. Sabiam muito mais que Borghild Braato, e em todo o caso não eram bastante afetadas para fingir ignorar o que sabiam.

As sombras da tarde já se alongavam e a luz do sol estava dourada, quente, e como que vacilante, quando ela entrou no cemitério. Uma leve brisa agitava o *fjord* em ondulações cintilantes. A sepultura de família era quasi na extremidade mais afastada, onde o muro descia para a praia; a terra ali era amarela, arenosa e macia.

As pedras, que tinham formado um rebordo em volta da campo, desprenderam-se uma das outras, e a pedra tumular estava torta, inclinada sôbre a sepultura nova. Mas tinham-lhe dito que não valia a pena fazer nada até que o túmulo da mãe tivesse afundado um pouco. Quando o seu nome tivesse sido gravado na pedra, esta teria que ser colocada no meio. Então Ida Elisabeth plantaria outra roseira, da mesma qualidade da que havia na sepultura do pai.

Colocou sôbre a sepultura da mãe o ramo de flôres primaveris que apanhara no caminho, e pôs uma pedra sôbre os cabos, afim de que elas não voassem.

— Carl Fredermand Andst — Antigo Capitão de Navio. O próprio pai escolhera a inscrição. Nem "armador", nem mais nada.

Ela tinha gostado dêle — justamente isso é que fôra o pior de tudo, o fato dela gostar realmente dêle, embora lutasse furiosamente para não gostar. Porque êle se tornara tão repelente — oh, como era repugnante quando a bebida lhe afetava os nervos e se apiedava de si mesmo, acusando todo mundo de enganá-lo e dizendo as piores coisas de pessoas que tinham sido suas amigas. Ida Elisabeth se sentia sinceramente envergonhada de vê-lo assim, era quasi um alivio quando êle dava um verdadeiro acesso de loucura e berrava, encolerizava-se e lançava-se contra ela e a mãe. E que coisas dizia, quando ela chegava em casa atrasada numa noite em que êle estivesse embriagado — e quasi sempre estava.

Digitalizado com CamScanner

Era então de estranhar que ela tivesse feito o que fizera?

E entretanto ela sabia que eram verdadeiras tôdas as palavras que êle lhe gritara — naquele tempo — que ela era a única no mundo em quem êle ainda acreditava, o último remanescente de pureza e beleza, que êle ainda considerava e amava. Isso era verdade, embora não fôsse bastante para impedir que se embriagasse, até não restar mais dêle senão uma coisa asquerosa e imunda. Fôra incapaz de fazer qualquer coisa para a proteger, fizera tudo em seu poder para impeli-la à ruína — êsse era o seu modo de gostar de alguém. Mas sabia que êle tinha gostado dela — imensamente. Sabia no íntimo do coração que a mãe não estava exagerando — não muito pelo menos — quando afirmava que o pai morrera disso. Êle começara a morrer no dia em que a pusera no trem para Oslo.

E o mais estranho era... parecia-lhe que era justamente por causa dêle que não podia fracassar. Porque êle a traira, embora a estimasse, ela não devia trair ninguém — nem mesmo aquêles de quem não gostasse. Era como uma herança que ela tivesse recebido — um obstáculo que êle não conseguira transpôr, e por isso ela devia procurar vencê-lo.

Quando pensava na mãe, lembrava-se sempre de um verso que aprendera na aula de canto na escola:

"Onda zinha quebrando-se suavemente
Através da qual brilha o sol
Sem côr própria, mas tomando
O colorido azul escuro do céu,
Não o céu; mas sua imagem..."

não se lembrava do resto. Mas "o céu não, mas a imagem do céu" — essas palavras sempre lhe recordavam o lar, como fôra antes da guerra, quando o pai comandava o Frostdalsegg, e quando êle estava em casa parecia irradiar luz. Era exatamente como ela imaginava Olav Tryggvason — e a mãe como que refletia a sua alegria de viver, e a paixão dela pelo marido era como que um reflexo da dêle; compreendera isso mais tarde. Com certeza êle bem o sentia no fundo do coração, apesar do ar de brincadeira que lhe dava, mas costumava queixar-se de estar tão louca e desgraçadamente apaixonado pela mulher. Sim, você *gosta* de mim, eu sei disso — um pouco, enquanto eu estou ao seu lado. Mas suponhamos que

eu morresse num naufrágio; assim que você se acostumasse à idéia de que eu não voltaria mais, eu seria para você como se nunca tivesse existido. No máximo você se lembraria da nossa vida de casados como de um sonho... e um sonho bastante agradável, ouso dizer. — Oh, mas Carl, a mãe costumava protestar, e uma sombra de consternação toldava-lhe o rosto alegre — como pode você dizer isso! Gosto tanto de você! — Oh, gosta! você não tem a mínima idéia do que isso seja, meu bem...

Depois, durante a guerra, quando o pai estivera metido em tôda aquela historiada de navegação, fôrça hidráulica, minas e florestas, ela sabia que tinha havido alguma coisa entre êle e outras mulheres. Pelo menos umas duas vêzes falara-se em divórcio. Seja como fôr, ela tivera a impressão de que as paixões do pai eram sempre infelizes... estava no seu elemento quando as suas amigas faziam cenas dilacerantes e rompiam com êle; podia, então, amá-las com o coração verdadeiramente angustiado. Nos velhos tempos, quando tudo em casa era sol e alegria, êle adorava canções sentimentais e livros que faziam as lágrimas escorrer-lhe pelo rosto, enquanto os lia. Fôra um homem feliz nessa época, ela o sentia; extremamente forte com uma saúde que suportava tudo, um marinheiro muitíssimo competente, segundo diziam — e devia ser uma desilusão para êle, a mãe ser como era, incolor como água, uma mulher na qual nada fazia impressão permanente. Assim êle transformara sua desilusão, tornara-se sentimental, e até se comprazia. Desde que nada lhe tirasse a impressão de que, apesar de tudo, êle era o favorito da fortuna. Quando tudo ruiu e cada tentativa que fazia para reerguer-se só levava a novos desastres, desanimara completamente, como uma fruta madura e suculenta apodrece após uma pancada.

O nome de família da mãe era Siveking, e Ida Elisabeth sempre pensara que êsse nome tinha um som estranho e encantador. O pai dela era um relojoeiro, cujo pai fôra um pintor, e em 1914 descobriram-no. Os quadros que êle dera aos parentes e amigos e vendera por uma ninharia, foram desenterrados e expostos e escreveu-se um livro a seu respeito. As duas grandes vistas do Sognefjord, que Ida Elisabeth gostava de ficar olhando a cismar, quando visitava a vovó Siveking na instituição, e que depois tinham sido penduradas no sótão, que ela partilhava com Connie, foram limpas e colocadas em novas molduras, em vez das antigas, de um verde côr de bronze, com pinhões pregados em cima. O quadro com

Digitalizado com CamScanner

o céu tempestuoso foi para a Galeria Nacional; o outro teve o lugar de honra na sala de música de Holstenborg, e depois da falência foi comprado por um colecionador sueco. Mas muito antes do bisavô Siveking ter sido descoberto, o pai dela costumava dizer que, com franqueza, êle achava os quadros do velho mais bonitos que muitas pinturas pelas quais se pagava um dinheirão nas exposições.

E, quando viu os desenhos de Ida Elisabeth, riu-se e disse que talvez ela pudesse fazer alguma coisa nesse ramo... parecia ter herdado o talento do velho Siveking. Naturalmente quando Siveking tornou-se famoso, êle ficou muito prosa por sempre ter afirmado que aquilo era coisa boa, e agora que não havia dúvidas a respeito, Ida Elisabeth devia ter uma oportunidade de aperfeiçoar o seu talento. Quanto a ela, nessa ocasião, estava mais inclinada a fazer outra coisa — não sabia bem o que, aprender a tecer, ou trabalhar em metal ou desenhar mobílias. Ou talvez ser ourives; tinham ido a uma joalheria em Copenhague, e a dona era uma mulher, que tinha feito coisas lindíssimas. O pai ficara todo influído... a primeira mulher ourives da Noruega, não era assim tão mau!

Mesmo no tempo em que viajava, o pai adorava comprar coisas bonitas para trazer para casa. Fôra forçada a vender muitos dêsses objetos, que tinham ficado para ela, enquanto vivera em Oslo — um cofre de sândalo esculpido e madrepérola, alguns magníficos ornamentos da África do Norte de um lindo esmalte azul e verde, com incrustações de enormes corais de um vermelho côr de sangue. A única coisa com que ela ficara era um pequeno elefante de ébano com dentes de marfim — devia ter vindo do Ceilão. Também Solvi e Kalleman gostavam muito dêle, quando ela o tirava da prateleira e deixava que o afagassem.

De qualquer modo sua mãe ficava sempre encantada de receber presentes. Gostava de arrumar suas coisas, limpá-las e ornamentar bem a mesa quando tinha amigas para tomar café com ela. A não ser isso, não era pessoa muito caseira. Era uma vergonha pensar essas coisas, mas Ida Elisabeth tinha a impressão de que ela se consolara mais depressa com a morte de Herman do que com a perda de sua casa e de tôdas as coisas que estava acostumada a ter em volta de si. Ela pareceu afastar-se dos filhos, ou êles se afastaram dela à medida que cresceram — não, não fôra sua mãe que se desviara dêles, como se êles a intimidassem, ou como se, pelo fato de terem crescido, lhe dessem uma sensação de incerteza. Os objetos

inanimados é que lhe davam a sensação de segurança, quando ela lidava com êles.

Nos anos de abundância fôra uma terrível gastadeira, mas o pai é que verdadeiramente a estimulava nesse caminho. Ela dava a impressão de uma mulher do mundo, que tivesse saído de um filme ou de uma revista inglesa. Mas Ida Elisabeth tivera a impressão que a mãe não era nem de longe tão feliz como quando viviam na sua pequena vila, junto ao cemitério. Ao mesmo tempo, com certeza, ela sentia-se ferida pelas infidelidades do marido — mais uma vez era como se estivesse amedrontada por uma coisa que não compreendia. Aliás, ela também tinha provavelmente tido alguma coisa por essa época... era impossível saber se havia alguma verdade no que o marido lhe atirava em face quando estava embriagdo, todavia ela não tinha certamente temperamento para oferecer grande resistência, quando obrigada a lidar com gente dessa espécie.

Nos últimos anos, depois de terem vindo dar em Vallerviken, ela também ficara bem ruim. Principalmente depois que começara a entornar e quando procurava pagar ao marido na mesma moeda. Parecia completamente contra as leis da natureza, que a mãe empregasse palavras injuriosas e grosseiras e acusasse o pai e os amigos dêle de praticar tôda a sorte de excessos.

E depois, quando Ida Elisabeth a viu novamente na casa de tia Matilde, em Sandefjord — ninguém acreditaria que houvesse a menor sombra de verdade naquelas reminiscências dos últimos anos em casa. Ela não era mais do que a irmã de Fru Baur, a viúva do deão — muito mais moça e mais bonita, porque se tornara novamente encantadora, com um rosto alegre sob seus cabelos louros, com os olhos de um puro azul de porcelana; e sempre vestida como convinha a uma viúva. Ambas davam a impressão de serem viúvas no mais alto gráu. Tinham a mesma opinião sôbre as dificuldades do casamento, que não era senão uma provação, e no entanto choravam seus maridos tão profundamente! Tia Matilde, aliás, insinuara que Wenche poderia facilmente tornar a casar-se, se quisesse. E a mãe falara tristemente de "Carl, seu pai" — o quanto êle sentira a morte de Herman, e que golpe fôra para êle a perda de Connie, mas quanto à má conduta de Ida Elisabeth, aquilo foi a morte para êle. — Mas a afeição dela por Solvi fôra comovente.

Digitalizado com CamScanner

E agora jaziam alí, seu pai e sua mãe. Ida Elisabeth não tinha podido ir a Sandefjord, quando a mãe caira doente no verão passado. Se ao menos tivessem pensado em mandar-lhe o dinheiro para a viagem... mas quando escrevia para a mãe, sempre fingia que estavam muito bem. E quando o caixão viera, ela não quis que o abrissem. Morrera já havia uma semana e fôra em agôsto. Preferia conservar, como última recordação da mãe, aquela tempestuosa manhã cinzenta de fevereiro, quando se tinham despedido uma da outra a bordo do navio em Sandefjord. A mãe estava com um chapeuzinho preto e a gola de pele do casaco estava levantada; não estava bastante claro para que Ida Elisabeth pudesse ver bem o seu rosto, que no entanto estava fresco e macio como o de uma mocinha, quando ela se debruçou e beijou a filha, e sua voz estava fraca e desanimada: — Agora cuide bem de si, minha filha querida, e da pequenina.

Ao sair da casa do coveiro, ela encontrou-se com o médico.

— O que, você aquí, Ida?

— Sim, mas não conte a ninguém. Eu não pude chegar até Vettehaugen e agora tenho que ir para casa.

— Você vai a pé até Berfjord?

— Naturalmente, com êsse lindo tempo! — Ela sorriu: — O senhor também adora o verão, doutor! — Êle estava com um casaco usado de alpaca e um velho chapéu panamá.

— Sim. Espero que você esteja muito bem, não? —. Êle observou-a com um sorriso, e logo seu grande rosto carnudo contraiu-se. Era um rosto curtido pelo tempo, com olhos negros sob sobrancelhas retas e grisalhas, mas a bôca era a atração principal, com lábios finos e delicados e uma porção de rugas fininhas correndo perpendicularmente ao lábio superior. E, além disso, estava sempre barbeado de fresco e tinha a pele do rosto e do queixo salpicada de buraquinhos, quasi como o fundo de um dedal. Ela, porém, achava aquilo bonito, porque era o Dr. Sommervold.

Ida Elisabeth ficou aborrecida consigo mesma por ter enrubecido.

— Meu Deus! — disse êle em voz baixa. — Você já se meteu numa embrulhada outra vez!

Ela deu de ombros, procurando fazer boa cara:

— Os riscos da guerra, o senhor sabe. Falando seriamente... não vale a pena ficar desanimada por causa de uma coisa dessas.

— Você merece umas palmadas. Que é que você está pensando? —. E reteve a mão dela na sua, que era grande e macia; afagou-a uma ou duas vêzes com a outra mão. — Uma sova, é o que você quer! Mas em todo o caso pode vir comigo, que eu a levarei de automóvel para casa. Está com fome?

— Tomei café agora mesmo — e indicou com a cabeça a casa do coveiro.

— Mas não comeu comida sólida desde que saiu de casa? Venha, então.

Em todo caso era ótimo, pensou Ida Elisabeth, afundando-se no sofá de molas. As venezianas, com pintura de castelos baronais alemães, estavam meio abaixadas para não deixar entrar o sol; balançavam suavemente na correnteza e abaixo delas, no encôsto da janela, estavam os cactus do doutor, cheios de flôres côr de rosa e vermelhas, através das quais o sol brilhava. — Você agora precisa olhá-las direito, Ida Elisabeth — disse êle com orgulho.

Ela tomou um gole do *drink* gelado Vermute com soda era bom. E bom era sentar-se novamente numa sala grande, descansar os olhos numa superfície tão larga de tapete escuro. Havia bastante espaço entre os diversos grupos da mobília. As velhas cadeiras barrôcas eram forradas com bordado em ponto de cruz, papagaios e tulipas, e a mesa, com o tampo de mármore preto encrustado com flôres de pedras multicores, fôra trazida da Itália pelos pais de Fru Sommervold, há muitos anos. Havia um piano de cauda e coisas lindas pelas paredes, e aquí, junto à janela, era o lugar onde êles sempre se sentavam, em fundas poltronas de couro. Era de uma tranquilidade tão agradável! — o médico morava aí sozinho. No verão, naturalmente, tinha a casa sempre cheia de visitas.

— Então é por isso que Else vai chegar para passar êste verão com você? perguntou o Dr. Sommervold.

— Else? Absolutamente, não se tratou absolutamente da vinda de Else para a nossa casa.

— Então posso contar-lhe que é isso que a sua sogra anda dizendo. "Else passará êste verão com Frithjof e Lisken", disse-me ela; "Lisken não pode mais tomar conta de tudo sozinha".

Ida Elisabeth ficou vermelha e franziu as sobrancelhas. O médico continuou, rápida e calorosamente:

— Você agora tenha juízo, Ida Elisabeth, você não pode concordar com isto. Pobre Else, quero crer que seja uma boa menina, mas só lhe será um estôrvo e não lhe servirá de nada.

Digitalizado com CamScanner

Naturalmente, compreende-se que os Braatos estejam desejosos de colocá-la em algum lugar — parecem estar lutando ainda com maiores dificuldades. Mas Else nunca fará nada para ganhar a vida, a não ser que se ache entre verdadeiros estranhos.

— Talvez não seja tão fácil Else arranjar um emprêgo com estranhos. O senhor sabe, foi sempre uma das responsabilidades da família esta coisa de procurar empregos. E não podem estar procurando empregos para êles tôda a vida.

— Não. Não. Naturalmente isso vai se tornando cada vez mais difícil. Mas você não se deve deixar convencer, minha cara Ida, você já não tem mãos a medir com Frithjof e seus negócios.

— E além disso eu ainda não soube de nada a respeito — disse Ida Elisabeth aborrecida.

— Mas virá a saber. Mas você não pode concordar!

Ida Elisabeth pensou um momento: — Bem, o senhor sabe — eu realmente *não posso*. Mas será possível, se minha sogra vier propor-me, ter que dizer não. Porque eu *terei* que tomar alguém para me ajudar, ao menos por algum tempo, no outono. E então minha sogra não compreenderá por que é que eu não tomo logo Else. Naturalmente ficará terrivelmente maguada.

— Que fique maguada. Você não se pode sobrecarregar mais, Ida Elisabeth, somente porque os Braatos não compreendem que se ache uma cacetada ter que aturar seus encantadores filhos.

— E' justamente isso, ela não compreende —. Ida Elisabeth calou-se um momento. — Eu sei que minha sogra é uma excelente mulher sob muitos aspectos. E' bondosa, afetuosa, solícita e meiga, pelo menos. E realmente sincera com o seu jeito de dizer: cara Lisken isto, e cara Lisken aquilo. Mas devo dizer-lhe, eu sei que está sempre dizendo: "Coitado de Frithjof, êle começou muito criança. E quando de repente se viu com uma família tão grande para sustentar, não é de admirar que o pobre rapaz tenha desanimado. Se lhe fôsse permitido pensar só em si até ter ficado realmente adulto... e tinha um futuro tão brilhante diante de si como meu primo... Mas foi se casar com essa Lisken Andst..."

— Vejo que você sabe de tudo... E'...

Ida Elisabeth levou algum tempo sem dizer nada. Depois furtivamente tirou o lenço — lutou para reter as lágrimas.

— Desculpe-me! Ih, detesto chorar... é só que agora não estou completamente normal. O senhor sabe que geralmente não sou das que choram.

— Não, Deus sabe que você não é assim. Mas venha comer alguma coisa.

Como era inconcebivelmente melhor o gôsto do pescado, quando se usava talher de peixe... E depois estava frito à perfeição e o picante môlho verde era tão bonito quanto gostoso. A mesa mostrava tôdas as modulações entre o que era bom de comer e bonito de ver, desde os pratos de vidro com rabanetes e salada, até o grande vaso cheio de campainhas azues e das pequenas aurículas encarnadas e amarelo-enxofre, que são as primeiras a aparecer. As dela ainda não tinham começado a florir. Mas aqui em Teie tudo vinha mais cedo que nos outros lugares.

Quando estava na escola, elas costumavam subir na hora do recreio e colher narcisos e campainhas azues no bosquezinho fora dos muros de Teie; — sim, elas também pulavam o muro e iam apanhá-las na relva, que ficava azul de flôres, à sombra das grandes tílias. Mais para cima, defronte das outras dependências, as estufas brilhavam brancas ao sol e havia um faiscar de tôdas as côres do arco-íris, produzido pelos cacos de vidro no chão.

— Depois iremos ver meus canteiros da estufa. Então você pode levar para casa o que quiser. Borghild esteve aqui no fim da semana passada e eu dei-lhe algumas plantas. Foi então que ela contou aquilo sôbre a Else.

— Você sabe, de certo modo é verdade o que ela diz — o médico continuou depois de uma pausa. — Se ao menos Frithjof não tivesse que pensar em ninguém além dêle até crescer... Só que êle nunca há de crescer. E se você fôr pensar assim, Jens e Borghild também nunca cresceram. Foram somente duas crianças encantadoras, e no seu tempo passaram por prodígios. Ela por ter passado brilhantemente nos exames aos 17 anos, e teve bastante sorte de ter a oportunidade de utilizar o seu cérebro estudioso, justamente na idade em que é mais fácil às crianças assimilar o conhecimento que lhes metem na cabeça. E parou aí — como aluna modêlo. Jens era olhado com um pouco mais de ceticismo, porque na realidade êle tem muito do artista. E porque se entusiasmava com tudo naquele tempo, era todo ardor sempre que d'eparava com alguma coisa que passasse por uma causa ou uma idéia. De modo que as pessoas inclinadas a serem positivas, logo desco-

Digitalizado com CamScanner

briram que êle nunca podia ter julgado nada direito, visto que se entusiasmava sempre. Além disso, tocava tão bem que ninguém contava que êle desse para nada de prático. Creio que foi por isso que sempre achou amigos que o ajudassem — pelo menos até agora. Nós, seres humanos, somos sempre mais bondosos para com as pessoas que nos fazem o favor de serem como havíamos profetizado.

— Sim, mas *há* nêles um não sei o quê — um não sei o quê de comovente. Às vêzes eu quasi que penso nunca ter encontrado ninguém que tivesse conseguido tanto da vida. Imagine poder dizer, depois de trinta anos de casados, que não há mal nenhum no mundo que eu e Jens não possamos esquecer nos braços um do outro. E tanto entusiasmo e otimismo no que diz respeito aos filhos. E tão descuidados quando um pouquinho de prosperidade se aproxima dêles...

O médico inclinou a cabeça:

— Oh, sim. Vivem como artistas, a seu modo — se é que a arte de viver consiste em obter o máximo possível de cada momento e de cada sensação e em evitar a reflexão. Praticaram o vitalismo.

— E isso às vêzes me faz pensar que Frithjof... porque êle teve um lar feliz. Quando êle o deixou, fêz uma triste figura, embora eu não tenha a certeza de que êle notasse que o desprezavam. O senhor sabe, êle sempre teve idéias bastante elevadas do seu próprio valor, idéias que lhe eram instiladas em casa, onde tôdas as crianças eram tremendamente admiradas. Êle não tem a mínima idéia da sua falta de iniciativa, pois não sabe o que isso seja. Parece imaginar que, se ninguém vier buscá-lo para fazer alguma coisa, não se pode esperar que êle sozinho ache o que fazer. E quando lhe dão trabalho... faz exatamente como costumava fazer em casa, quando lhe pediam que rachasse lenha ou limpasse a plantação de nabos — quando se cansava, ou acontecia pensar em outra coisa que quisesse fazer, ia embora e esquecia-se de voltar. Meu sogro às vêzes ficava furioso e minha sogra fazia um pouco de barulho, ou então repreendia-o com o seu modo bondoso e progressista — e então Frithjof abaixava a cabeça até aquilo passar e êles ficarem novamente de bom humor. De forma que não é de admirar que não tenha inclinação para crescer, ser homem... resiste a isso sem o perceber. Por que não se pode compreender que êle não seja capaz, não é? O Sr. sabe o que mais, doutor? Sob muitos aspectos êle não é nada estúpido. Há muito homem com menos *inteligência*

que Frithjof e que entretanto consegue dar conta do seu trabalho e ser chefe da casa e realmente cuidar dos filhos como um pai.

— Você nunca mais pensou no que eu lhe disse aquí há um par de anos? Que devia procurar se ver livre de tudo isso...

— Acho que é impossível. Como estão as coisas, eu vou indo; consigo sustentar meus filhos. E o senhor compreende — viver aquí divorciada de Frithjof, e tê-lo entrando em casa a tôdas as horas para ver as crianças, e depois os Braatos... saber que êles estavam falando de mim com todo o mundo... não valeria a pena... numa pequena comunidade como a nossa não daria certo.

— Mas, e se você viesse para aquí, para Teie?

— Aquí? Morar com o senhor?

— Sim, você não podia vir a tomar conta da casa para mim?

Ela desatou a rir:

— Eu imagino a cara de Sina! E quanto a mim? Além disso divorciada. Com três filhos! O senhor estará completamente maluco?

— Mais cedo ou mais tarde eu terei que aposentar Sina.

Ida Elisabeth observou a ordem imaculada da sala.

— Não vejo nenhum sinal do senhor ter que fazer isto ainda por muito tempo.

— Haveria outra possibilidade: — quando nós tivéssemos visto como iam as coisas, e se concordássemos que era uma solução feliz, você poderia casar-se comigo.

Ida Elisabeth riu alto:

— O senhor sabe; *isso seria* uma solução!

— Sim, você ri. Mas eu estou falando sério —. Êle apertou os lábios por um momento, acentuando as rugas verticais em volta da bôca. — Em muitos casos há alguma justificativa para o preconceito que prevalece contra o casamento de velhos com mulheres moças. Mas isso não se aplica a todos os casos. E eu não creio que neste caso houvesse fatores que tornassem êste preconceito mais do que um preconceito. Embora eu tenha mais trinta anos do que você, trinta e seis para ser exato. Há pessoas que têm idéias tão extravagantes sôbre o que significa envelhecer... bem, isso é inevitável, é uma das coisas em que é preciso ter experiência pessoal, e o processo pode assumir formas tão diversas... Mas eu vou dizer-lhe uma coisa, minha filha, se o homem consegue conservar-se tal qual

Digitalizado com CamScanner

sempre foi e contudo sofrer uma transformação contínua — continuando a ser o mesmo de outra forma — então posso assegurar-lhe que é excitante ficar velho. Suponho, naturalmente, que o organismo continue em boas condições. Você não sabe como isso entusiasma. A gente contorna as coisas, pode vê-las sempre sob um novo ângulo. Êsse é que é o momento crítico na vida, Ida Elisabeth, quando a gente se amedronta pelo fato do seu ponto de vista estar mudando — amedronta-se porque o que se julgara uma montanha nos dias da mocidade converte-se numa multiplicidade de picos e penhascos, divididos por vales, charnecas e lagos, e não se pode mais ver as árvores da floresta. Se a gente procurar deter-se nesse ponto e ser o que era no passado! Bom, isso corresponde perfeitamente à situação de quem sobe pela primeira vez uma montanha — quando se sente a tentação de desistir. Quem fizer isso está liquidado. Então a senilidade começa. Portanto um homem velho, não deve, em regra, casar-se com uma mocinha: não deve, se tiver que parar, e ainda menos se estiver ainda em movimento. Mas, para começar, você não é uma mocinha, e, mesmo como mulher moça, você já teve uma experiência bastante para saber que a vida é mais variada do que se acredita, desde que a pessoa se julgue o que há de mais importante na vida. Creio que não lhe causaria grande espanto se lhe mostrassem num microscópio a estrutura do que você tivesse considerado até então como uma pele lisa e macia. Portanto não sei se nós não poderíamos conseguir muita coisa, se resolvêssemos unir nossas fôrças...

— Bem, não me passaria pela cabeça dizer que tenho definhado aqui numa profunda e secreta afeição por você, Ida Elisabeth. Para dizer-lhe a verdade nunca pensei nisso antes. Mas ocorreu-me há pouco que você combina tão bem com esta casa! Creio que seria um sucesso — ora essa, parece-me até uma inspiração. Como sabe, sempre gostei de você desde pequenina. E pode ter a certeza de que não era com nenhum sentimento paternal —. Deu uma risadinha. — Diga antes, uma camaradagem afetuosa...

Ida Elisabeth abanou a cabeça vagarosamente.

— Oh, não, doutor. Parece fantástico de mais. Sim, eu quasi que desejaria que o senhor não tivesse dito isto.

— Bem, não falaremos mais sôbre o assunto. Mas pelo menos você pode refletir a respeito. Isto é, naturalmente, você não poderá deixar de fazê-lo. Mas o que quero dizer é... pense sôbre o que acabo de dizer. E, mais uma coisa. Se eu

puder ajudá-la de algum outro modo... bem, eu sei, você já me disse antes que não aceitará nada que venha a perturbar nossa camaradagem; mas há situações em que um companheiro pode aceitar o auxílio do outro sem se envergonhar, não é? Nesse caso, não deixe que isto sirva de empecilho. Compreende, mesmo se depois de madura reflexão você chegar à conclusão que não quer aceitar o que eu propus — não fique imaginando que feriu meu coração, como costumavam dizer antigamente.

Na minha idade não se sentem mais essas coisas, particularmente no coração... aliás nunca se sente... é só uma figura de retórica. A pessoa sente com o cérebro e com todo o organismo. Mas, ao mesmo tempo, a gente não se pode comparar a uma locomotiva, que se lança para a frente guiada por uma pista fixa; somos mais como um instrumento de precisão...

— E há mais alguma coisa. Se você concordar não creio que precise temer... a côrte de um velho. Porque eu não me sinto absolutamente como se tivesse sido enxotado na porta da frente e estivesse procurando entrar pela escada dos fundos, procurando um jeito de entrar embora não tendo o direito de estar alí.

Ida Elisabeth conservou os olhos fixos no chão. Depois estremeceu como se estivesse acordando:

— Ah, não, tudo isso não é nada, mas o senhor mesmo deve saber que é impossível. Pense nos meus filhos!...

— Você pode ter certeza de que pelo menos êles aqui teriam um bom lar.

— E quanto a Ragna? Que é que o senhor acha que ela diria? E seus netos?

— Eu me encarregarei disso. Não se preocupe, eu me encarrego dêsse lado da questão.

— Mas podemos deixar as coisas como estão por enquanto. Agora iremos ver o jardim.

De certo modo ela naturalmente teve uma sensação de apôio íntimo ao sentar-se ao lado dêle no carro e ser levada praia afora na tardia noite de primavera. Quanto mais se afastava no tempo daquela conversa na sala de visitas dêle, mais sem reservas era sua impressão de alegria. Era como se lhe tivessem dado como brinde algo que lhe faltara na mocidade. Afinal, não era uma sentença sem apelação, a vida dela estar ligada à de Frithjof e mais ninguém — era uma idéia falsa que ela tivera até então, que em si mesma não

Digitalizado com CamScanner

valia nada, porque levava como uma marca invisível: pertenceu a Frithjof Braato.

Mas mesmo assim... Sem olhar diretamente, ela não deixava de ver o rosto curtido pelo tempo do Dr. Sommervold; seus cabelos pretos e grisalhos, e as sobrancelhas de um cinza escuro, a pele grossa pontilhada de raízes de cabelos nas faces e no queixo. De certo modo, sempre acharia que a distância resultante da sua diferença de idade era justamente o que tornava possível êles serem tão íntimos, como em certo sentido eram. E' como duas pessoas conversando separadas por um muro... há um desembaraço tão grande... sente-se quasi a disposição de fazer confidências. Quanto a pular o muro e ir juntar-se a quem estava do outro lado — ih... não, só essa idéia despertava-lhe repugnância, e mêdo — seria o fim da sua antiga amizade.

Casar-se com êle seria contra a natureza. — Apesar de se revoltar contra a natureza por ser assim ou assado, apesar da sua exasperação e desespêro pelo fato da natureza como que se fechar contra ela, apesar de se achar enredada como numa armadilha. — Ida Elisabeth tinha a sensação de que havia não sei que na natureza que não estava nela, e algum coisa nela que faltava ou escapava à natureza. Entretanto o seu lugar er alí, e depois de se ter enfurecido contra a natureza até cansar, ela sentia o seu vivificante calor, sentia-a cheia de impulsos e emanações, nem boas nem ruins, mas sedutoras por si mesmas.

O oposto, tudo o que era contra a natureza... não sei que dentro dela resistia até a pensar nisso. Era mais forte e mais obscuro do que o pavor; tinha uma relação com o sentimento que faz certas pessoas dizerem: "enquanto há vida há esperança". Havia coisas sôbre as quais o Dr. Sommervold conversara com ela... bem, ditas por êle pareciam asseadas, limpinhas como vidros e instrumentos esterilizados em suas mãos. Mas davam-lhe o mesmo sentimento de invencível repugnância que lhe causara a proposta para que ela se conformasse com a tradição e mandasse abrir o caixão da mãe.

CAPÍTULO TERCEIRO

Afinal, acabou concordando em ficar com Else. Não o fêz com a conciência tranquila, pois isso não era cortar a roupa de acôrdo com a fazenda. Era também um aborrecimento insuportável custar a dizer *não* àquela gente...

Justamente quando ela estava com muito trabalho para a confirmação, veio uma encomenda relativamente grande, de várias coisas para a nova casa de saúde. Naturalmente ela teria que agradacer ao Dr. Sommervold por isso. Mas agora tinha que ter quem a ajudasse. Contratou Olise Langeland para trabalhar por dia.

Elas estavam cosendo uma tarde na saleta. Uma chuva pesada escorria pelas janelas como se estivesse sendo jogada aos baldes, e a casa tôda tremia, quando os uivantes acessos de vento batiam nela. Olise estava emendando panos de chão novos — era um dos cheiros mais desagradáveis que Ida Elisabeth conhecia.

Alguém entrou na loja, com uma lufada de vento, de forma que as portas da saleta e da cozinha se escancararam. Ida Elisabeth deixou cair o vestido branco que estava fazendo, levantou-se — e foi o sogro que entrou na sala, com a água escorrendo da capa: "Deus abençoe o trabalho!"

— Céus, o senhor veio com êste tempo! — Solvi veio correndo do quarto, reconhecera a voz do avô. Ida Elisabeth tomou conta da sua roupa molhada e Jens Braato apoderou-se da menina, lançou-a para o alto: — Você hoje também é minha filhinha? e aquí está o nosso chefe, êste é o menino

Digitalizado com CamScanner

que não se esqueceu do vovô... como êle está bem, agora, Lisken! não, não se incomode por minha causa... eu prefiro até um copo de leite, se tiver... — Êle seguiu-a até à cozinha. — Está bem, então, mas pelo menos você deixará que eu lhe acenda o fogão. Que fêz com Frithjof? Ei, olhe o que ela está fazendo agora... Com certeza está pensando que Bebbe tem alguma coisa para ela no saco.

Os meninos receberam cada qual suas balas, enquanto Ida Elisabeth tentava acender o fogão, e contava que Frithjof fôra convidado a ir até ao hotel... Clausen da casa Aarseth & Co., tinha vindo hoje.

A fumaça continuou a escoar-se da porta do fogão e escapar por todos os buracos.

— E' melhor vocês irem para a saleta e fecharem a porta, sejam bonzinhos. Solvi, diga a Olise para esvaziar o sofá afim de que o vovô possa sentar-se.

— Não se incomode comigo, prefiro até sentar-me no caixote de lenha. Mas olhe aqui, isto foi mandado pela mamãe, ontem ela esteve batendo manteiga. E eu também tinha que lhe entregar esta carta.

Ida Elisabeth agradeceu-lhe amavelmente a caixa de manteiga e colocou a carta sôbre o banco. — Mas agora vá, aqui está uma fumaça tão grande...

O envelope estava úmido e borrado de tinta. A letra de sua sogra era grande e arredondada, com penadas espêssas e muitos floreados. Ida Elisabeth nunca via essa caligrafia no sobrescrito de uma carta sem um negro pressentimento de que alí vinha alguma coisa que bem teria preferido ignorar.

Ela saiu e abriu um pouquinho a porta de fora. O vento vinha do lado oposto, mas a chuva continuava ainda a cair no pequeno alpendre, enquanto ela segurava a porta e procurava secar os olhos com a ponta do avental. Até que uma violenta rajada desceu da montanha naquele lado e bateu-lhe com a porta na cara com tôda a fôrça. Felizmente nesse momento o fogo irrompeu em chamas sob o bule de café.

Ela enxugou os olhos ardidos mais umas vêzes e depois rasgou o envelope úmido.

— *Minha querida Lisken.*

Três fôlhas. As primeiras duas dizendo o quanto a sogra teria gostado de vir com Jens, e porque não pudera, e que estavam todos em Vettehaugen. Depois vinha:

"E quanto a você, minha cara filha, como está? Meus pensamentos estão frequentemente com você nesta ocasião.

Pobre querida, tenho a certeza de que deve estar ficando difícil para você dar conta de tudo o que tem que fazer. Mas agora eu lhe contarei um plano que papai e eu fizemos, e que nos parece simplesmente esplêndido para todos os interessados. Você sabe o quanto estamos ansiosos por que a nossa queridinha Else ganhe experiência de economia doméstica em outro lugar que não o seu lar..." Vinha então uma página sôbre as habilidades e a bondade da Else.

Nem se podia pensar nisso. Ida Elisabeth meteu a carta no bolso do avental. Ensaiou o seu papel, enquanto aprontava a bandeja para o sogro, descobriu razões uma após outra para dizer não. Até que Jens Braato voltou novamente à cozinha.

— Oh, minha cara, você não devia ter feito isto... preparativos tão cuidadosos. Mas agora eu prefiro mesmo sentar-me aqui, dar-lhe-ei menos trabalho. A questão é que eu gostaria de lhe dizer uma palavrinha em particular.

— Como quiser. Ida Elisabeth arrumou novamente a bandeja, tirando o que preparara para as crianças e Olise, e levando-o até à saleta.

— Escute, Lisken, você acha que é *bom* para Frithjof estar assim tanto em volta daquele hotel? Êsses viajantes comerciais... bem, muitos, naturalmente são ótimas pessoas, rapazes direitos... mas você sabe como é Frithjof, um tanto desprovido de espírito de crítica, de modo a impressionar-se facilmente quando homens mais velhos, que êle acha terem experiência e que fazem um pouco de figuração, o tratam de igual para igual...

Isto era como se estivesse dizendo que o pai tinha mêdo que Frithjof desse para beber. — Não pode fazer-lhe mal algum encontrar-se com Clausen, o senhor sabe, disse ela secamente —. Naturalmente havia algum sentido no que Jens Braato dizia, embora a maior parte dos negociantes com quem ela negociava fôssem homens direitos. E depois ela esperava sempre que no fim essas relações pudessem arranjar alguma coisa para Frithjof fazer. Além disso, era tão deplorável tê-lo ocioso em casa quando ela estava tão ocupada...

— De certo modo é bom, e é ruim — disse Jens Braato — que as crianças cresçam num lar onde são protegidas do mal, onde não se permite que penetre um sôpro de impureza. Ou antes, generalizando, naturalmente que é uma boa coisa — e, graças a Deus, Borghild e eu conseguimos isto, creio que posso afirmá-lo. Mas vê você, umas das consequências disso

Digitalizado com CamScanner

é torná-los confiantes de mais, prontos a acreditar em todo o mundo. Bem, é sôbre isso que eu queria conversar com você: o que Borghild diz em sua carta, sôbre mandar Else passar algum tempo aqui no verão.

Ida Elisabeth estava sentada no outro lado da mesa da cozinha, observando o sogro enquanto êle falava. Era um homem extraordinariamente bonito. Sentado ali, largo de ombros e possante, na sua roupa cinzenta e grosseira, com os cabelos louros ondulados deixando a descoberto a fronte larga e pura, uma tez ardente e endurecida pelo tempo, e grandes olhos castanho-claros, tão belos e brilhantes, ah, parecia alguém que tivesse saído de uma saga, Nórdico e romântico, exatamente o que êle queria ser.

Fôra o único filho em Braatoy. E naturalmente era verdade que êles tinham tido um dos maiores postos comerciais naquela região do país, embora se o povo costumava chamar o pai dêle "rei de Braatoy", como êle dizia, provavelmente era por brincadeira. E êle referia-se sempre à mãe como a filha do senhor de Vetteland, e aos Vetteland, como a célebre família de músicos. De certa forma, tôdas as suas histórias de família eram sem dúvida verdadeiras, mas na bôca de Jens Braato tornavam-se tremendamente românticas — as grandes bodas em Vetteland por ocasião do casamento de seus pais, e a tragédia quando o velho Braato faliu e se enforcou, e seu próprio casamento, quando Borghild von Post-Moe pulou da janela numa noite de verão, fugiu com êle para a cidade e casaram-se com uma licença especial. Embora só Deus soubesse quem estaria interessado em impedir o casamento. Ela, a êsse tempo, era governante na casa do *sheriff* Ramstad e êle trabalhava no escritório; quando Jens Braato tivera que deixar a universidade, após a morte do pai, o *sheriff* arranjara-lhe um lugar e acolhera-o em sua casa, porque êle e o velho Braato tinham sido bons amigos e êle e a mulher também gostavam de música. Mas quando Ramstad morreu, ninguém foi nomeado para o lugar; o serviço foi reformado e não havia lugar para Jens Braato no novo escritório.

Desde então tentara uma porção de outras coisas — uma fábrica de soda, a exportação de ovos e frutas para a Inglaterra — uma serraria — por isto ou por aquilo não era bem sucedido em coisa alguma. Fazia já muitos anos que estavam vivendo na sua fazendola, um pedaço de Vetteland que êle comprara. Jens representava também companhias de seguros e similares.

Era com relação a alguns seguros que êle estava agora a caminho de Mokhus — "Mas acho que vou esperar até amanhã, talvez o tempo melhore um pouco. Mas, por favor, não se incomode por minha causa... dormirei no sofá da saleta; você não precisa fazer cama para mim. Desde que eu tenha uma almofada debaixo da cabeça e um cobertor em cima de mim estarei magnificamente".

Mas então isto é o que havia sôbre Else. Ela arranjara algumas amigas de que êles não gostavam. Havia também êsse novo gerente na loja da cooperativa, o qual estava dando muito que falar com a pequena Else; êles estavam com mêdo de que êle lhe virasse a cabeça. O sujeito era um autêntico Don Juan, e a pobre menina parecia estar bastante caída por êle. Mas constava que era casado, e a mulher não viria para Vallerviken senão depois das férias de verão; era profesora algures no distrito de Aalesund, donde eram originários.

No dia seguinte o tempo estava bom, mas Jens Braato resolveu adiar, mais um dia a sua viagem a Mokhus. Endireitou o jardim, que estava com um aspecto horrível depois da chuva; endireitou algumas telhas para Fru Esbjornsen e serrou um galho quebrado de um dos salgueiros. Serrou e rachou tôda a lenha no alpendre para Frithjof e consertou a baratinha de Kalleman, que se quebrara no ano anterior. Limpou o fogão de Ida Elisabeth e tentou a experiência de pôr um calço sob os pés do fogão — para ver se o ar circulava melhor com uma pequena inclinação.

Era serviçal e útil, francamente não se podia negá-lo. Mas agora ela já estava com os olhos completamente abertos e não podia deixar de pensar na espécie de amabilidade e espírito de auxílio que se apodera das crianças pouco antes do Natal e de outras ocasiões festivas. Bem, isso também é agir com franqueza e honestidade.

Êle era franco também quando dizia que não queria dar trabalho. Tirou os lençóis e a fronha com os quais ela lhe fizera a cama no sofá e dobrou-os cuidadosamente: — "Isto não é preciso, minha cara". Ela lhe dera um jarro e uma bacia em cima de uma cadeira: — "Não é preciso. Posso me lavar na torneira da cozinha". Ida Elisabeth não podia suportar que alguém fizesse sua *toilette* matinal na cozinha, não gostava que ninguém estivesse lá quando tinha o que fazer, exceto, naturalmente, as crianças — era o único lugar na casa em que ela podia estar sozinha de vez em quando. E não gostava de ter ninguém dormindo na saleta; ela fazia ali sua

Digitalizado com CamScanner

sala de trabalho, de modo que era impossível pensar em tê-la em ordem, mas em todo o caso preferiria não ter que usá-la também como quarto. E ter uma visita, fôsse lá quem fôsse — quando andava tão ocupada, e sempre com tanto mêdo, quando estava experimentando um dos vestidos de confirmação, de que um ou outro dos dois homens se precipitasse na sala sem ao menos bater...

Mas a sogra estava sempre feliz e contente, mesmo que tivesse gente dormindo em todos os quartos da casa — visitas eram sempre benvindas em sua casa — "desde que aceitem as coisas conforme são".

E o tempo todo Ida Elisabeth sentia que a sua resolução de não receber Else estava cedendo. À medida que o sogro tagarelava, ela ia percebendo as dificuldades com que estavam lutando. Êle não se queixava verdadeiramente, mas falava como de costume, da maneira tranquila e resignada que lhe era peculiar, e que se enraizava, entretanto, num permanente e vago otimismo; alguma coisa apareceria. Mas êle contou-lhe muita coisa, sem perceber como tudo andava tão mal.

O homem de quem êle estava falando tinha por hábito levar as moças para a sala dos fundos depois da hora de fechar e oferecer-lhes bonbons da loja. Tinha um barco motor e podia usar a camionete. Era uma situação nojenta, e mais arriscada do que os Braatos faziam idéia. Não era de admirar que a pobre Else gostasse de tudo o que fôsse distração e variedade. E naturalmente estava pronta tanto a casar-se como a viver — e não dava pouca importância aos seus encantos. Era realmente bonita, e os pais (o pai especialmente), nunca tinham escondido que a achavam linda — chamavam-na Else Dourada. Estava naturalmente preparada para acreditar tudo o que passasse pela cabeça dêsse gerente dizer-lhe — êle era um homem casado, mas talvez ela achasse simplesmente magnífico e emocionante que um homem se divorciasse por causa dela, e nunca duvidaria da sua intenção de fazê-lo, se sugerisse uma coisa dessas.

Todos os filhos dos Braatos tinham sido criados num idílio de franqueza e candura e ensinados a acreditar que tudo o que havia sôbre os dois sexos era como que banhos de sol e nada mais. Sem dúvida por isso é que sua curiosidade e desejo de descobrirem alguma coisa sozinhos tomara formas tão vís. E Ida Elisabeth tinha a impressão de que isso se dava, mais ou menos, com tôdas as pessoas que eram pobremente dotadas, que, literalmente, não podiam se distrair a si mesmas, mas de-

pendiam dos outros para entretê-las com novidades, ou com velhas histórias intermináveis, das quais pudessem cortar bocados e mascá-los. Gente assim sempre tinha uma predileção por tagarelar sôbre tudo o que tivesse um gôsto de horror ou sensação, acidentes, assassinatos, incêndios, e coisas idênticas. Frithjof devorava tudo o que êle achasse nesse sentido nos jornais, e era absolutamente incrível como êle se lembrava dos menores detalhes de assasinatos, naufrágios e grandes desastres, mesmo que tivessem acontecido há muitos anos já. Mas é que se sentia atraido de um modo muito íntimo por tudo o que estivesse, digamos, fora do banho de sol. Um caso de violação em Bergen, uma história de uma das cidades costeiras mais ao Sul sôbre um bando de rapazes e duas mocinhas menores, rumores sinistros sôbre pregadores leigos, e aliás, qualquer escândalo sôbre as façanhas de gente piedosa — êle mostrava um interêsse devorador por tudo isso. Ninharias que não significavam necessariamente nada de mais, mas de que certa classe de observadores tirava conclusões fantásticas e difamatórias, imaginando serem as suas suspeitas um sinal de sutileza, essas coisas êle apregoava em casa, inocentemente, sem suspeita de bem nem de mal, tal como quando contava-lhe as histórias de detetive, que arranjava por tôda a parte e que lia com avidez. E sorria maliciosamente quando ela zombava de suas sugestões: — "tolice, ninguém pode saber nada a respeito" — e então êle explicava minuciosamente como os inventadores de escândalo tinham chegado a suas repelentes conclusões. E se ela ainda continuava a tratar o mexerico com desprêso, ficava maguado como uma criança cujas mais queridas ilusões tivessem sido despedaçadas por adultos.

Naturalmente podia bem ser mentira, tudo que se dizia sôbre as aventuras de Margit Hamre na cidade. E a moça, que ia passar o verão no presbitério, não fôra plantada lá necessariamente por ter feito alguma coisa que a tornasse passível de deportação. Mas Ida Elisabeth conhecia Else bastante para ter a certeza de que a moça não ficaria menos entusiasmada para se dar com elas se imaginasse que já tinham tido experiências estranhas.

No entretanto, não fêz ao sogro nenhuma promessa que êle pudesse levar para casa. Disse, como era a verdade, que convidara Aslaur Meyer para as férias, e que era mais prático para ela ter a ajuda de Olise Langeland nesse verão; Olise tinha a sua máquina de costura manual, que podia trazer consigo, e podia dormir em casa, e poderia ainda fazer, não

Digitalizado com CamScanner

só costura, como tudo o mais que fôsse preciso. Não, quanto mais ela pensava, mais achava que Else não serviria.

Veio então um convite cerimonioso para todos êles irem passar um domingo em Vettehaugen. A sogra arranjara para que um barco-motor os levasse.

Contaram com um tempo magnífico ao subirem o *fjord* na manhã tranquila; a trepidação e o barulho do motor ressoavam ao longe sôbre as águas suavemente agitadas, e as montanhas estavam brilhantes com a sua folhagem fresca e verde de encontro aos rochedos cinzentos, em cima, e aos cursos dágua, brancos e espumantes, em baixo. Vettehaugen jazia dentro da sua pequena enseada, como um santuário, completamente afastado de todo o mundo na sua doce vida de verão. Descendo as escarpas, sob a qual estavam as casas, vinha a cascata, esplêndida depois da chuva; enchia o ar com seu estrondo, e então a corrente seguia numa curva ao longo do muro do jardim, dividindo a pequena fazenda em duas partes, e caía no *fjord* além do velho embarcadouro e depósito de barcos. Era realmente verdade o que os sogros viviam dizendo — havia paz alí.

Ao deixarem o embarcadouro, as meninas, em leves vestidos de verão, vieram ao encontro dêles correndo pelo campo verde e florido. Atrás delas vinha a sogra: abraçou os netos, a nora e o filho: — "Que bom tê-los todos aquí juntos!" Em casa, a mesa de café estava posta com flôres e um grande bolo, como para um aniversário. Borghild Braato levou a nora para o velho sofá, macio e gasto, amontoou almofadas em volta dela: — Agora ponha-se verdadeiramente à vontade. Não meninos, tia Else e tia Jeja tomarão conta de vocês; por hoje a sua pobre mãezinha deve ser deixada em paz. Isto, Lisken! Seja como fôr você tomará um bom café; sei que você gosta de café forte — embora ache que não *devia* beber um café tão forte agora, mas só uma vez ou outra.

Uma vez ou outra, era a divisa da sogra, lembrou-se Ida Elisabeth.

Ela não suportava êsses carinhos maternais sôbre o que era bom e o que não era bom para ela no seu estado. Embora soubesse que o fazia com a melhor das intenções; deve-se fazer sempre todo o bem que se pode a todos, embora não pareça muito aos olhos do mundo; era o que a sogra tinha por princípio, e vivia de acôrdo com isso. Pobre Lisken, não tem uma vida muito folgada, não, mas hoje, pelo menos, terá um descanso verdadeiramente calmo e cômodo — era assim que

pensava sua sogra. Ih, êles eram tão bondosos, tão bondosos, e nem suspeitavam o quão pouco ela se adaptava a uma intimidade tão boba.

Durante a tarde ela teve que resignar-se a ficar sozinha com a sogra. Jens Braato levou os rapazes e as crianças para um passeio e Else e Jarngerd tinham que preparar o jantar. — Agora você verá como elas são jeitosas. Cozinham muito bem, deixe-me dizer-lhe, quando têm a oportunidade. — Borghild Braato estava tricotando um grande chale branco: — Êles são tão bonitos e leves, você sabe, e quentes para envolvê-los, quando você tiver que mudar-lhe as fraldas. — E interrogou Ida Elisabeth se ela estava assim e assado e sentia isto ou aquilo, e deu-lhe bons conselhos. Depois deixou cair o trabalho no colo e olhou para a nora.

— Mas agora, minha cara Lisa, com relação ao que você escreveu sôbre Else; eu investiguei para ver se a questão, afinal, não se pode resolver. Por que, compreende, seria uma vantagem enorme para você também — não vá achar que nós haveríamos de querer que você pagasse ordenado a Else. Alguma roupinha, o que você visse que a menina precisava mais, mas naturalmente você compra tudo isso por atacado — uma bagatela de vez em quando para suas pequenas despesas, se você não se importar, mas será tão pouco, nós nunca lhe fizemos vontade nisso, como sabe. Seja como fôr, será muito mais barato para você do que ter que pagar Olise por dia.

Else poderia tomar emprestada a velha máquina de mão do presbitério. E depois Borghild Braato telefonará a mulher do professor, em Berfjord: Else podia muito bem dormir lá, enquanto Froken Meyer ficasse com Lisken. E se tivesse alguma dificuldade em encontrar uma enfermeira, quando chegasse o seu tempo, ela mesma arranjaria para ir e tomar conta de Lisken e do bebê, pelo menos os primeiros quinze dias.

Ida Elisabeth estava a ponto de se rebelar, quando Borghild Braato olhou para ela, e de repente seus olhos se encheram de lágrimas:

— Você compreende, Lisken, é tão importante para nós mandar Else para outro meio por algum tempo...

Ainda restava bastante encanto a Borghild Braato. O contôrno de seu rosto era quasi como um coração, e, embora cheio de rugas, surpreendia pela sua juventude, quando se observava melhor; sua tez era de um rosa tão pálido, e sua pele era tôda manchadinha de sardas e macia como seda. Quando, como agora, seus olhos se enchiam de lágrimas, lembravam os olhos

Digitalizado com CamScanner

brilhantes de um pássaro — não eram grandes e sua côr era de um cinzento comum, mas francos e bem delineados. Seus traços eram pequenos e retos, mas seu cabelo era bonito — usava-o sempre do mesmo modo, desde que Ida Elisabeth a conhecia. Repartido no meio e penteado para baixo em cachos macios e ondas, como uma imagem de Madona. Parecia que lhe ficava ainda melhor agora que o seu cabelo tinha tanto de grizalho como de castanho.

Era pequena e mostrava-se com propensão para a gordura, mas isso não lhe ficava mal, pois era tão ágil em seus movimentos, como um passarinho redondo, uma lavandeira. E no seu vestido marron de verão, com bolas mais claras, ela realmente fazia lembrar uma galinha do mato.

— Eu fico tão aflita, pois acho que êle não é bom; não gosto nada dêle, e ouve-se dizer muitas coisas, você sabe. E Else é tão criança, nessas coisas, tão simples e confiante. Estou certa de que você me compreende, Lisa querida — seria um golpe tão triste para mim si Else, que é tão jovem e mole como a cera, fôsse vítima de uma horrivel desilusão. E você sabe que cruéis mexeriqueiros há, e quão facilmente uma moça pode ficar com um mau nome.

Bom, bom, pensou Ida Elisabeth, o fato de não poder suportá-la não impede que eu realmente goste dela, de outro modo. E' só que eu não posso suportar a companhia dela, mas é uma ótima criatura, e realmente deseja ser tão boa quanto possivel com todos. Não tem a mínima idéia de que alguém seja feita de forma a não gostar do modo pelo qual ela demonstra a sua bondade. Não, não se deve nem pensar no terror e desespêro em que seria lançada esta pobre galinha-mãe, se mais um da sua ninhada se transviasse tanto, que nem ela pudesse deixar de ver como iam mal as coisas. Para que pudesse evitá-lo, desta vez pelo menos, tinha que conseguir suportá-la. E assim prometeu: — Pelo menos podemos tentar. Se não der resultado, então está acabado.

CAPÍTULO QUARTO

Não deu muito bom resultado. Era justamente o que Ida Elisabeth esperara. Mas não se resolvia a mandar Else de volta.

Seguramente não havia mal em Else. Também não havia nada de bom, até onde Ida Elisabeth podia ver. Quanto a obrigá-la a tornar-se útil, Ida Elisabeth não tinha tempo para isso. Else estava sempre de boa vontade quando a cunhada tentava fazê-la trabalhar, mas Ida Elisabeth tinha que estar constantemente explicando tudo e mostrando-lhe como fazer as coisas. De modo que era muito mais fácil ela mesmo fazer. E quando Ida Elisabeth não estava a seu lado para corrigir seus êrros, Else ficava simplesmente sentada, sonhando.

Ida Elisabeth tivera mêdo, que o namôro com o gerente da cooperativa ainda não tivesse acabado. E agora, no verão, as comunicações entre Vallerviken e Berfjord eram extraordinariamente ativas. E as coisas, evidentemente tinham-se adiantado muito entre êle e Else. Na primeira semana, Else estava claramente ansiosa por falar. Fêz referências misteriosas a alguém que conhecia e cujo casamento fôra um êrro: — e assim, o melhor é que êles se separem. Certamente é melhor que duas pessoas sejam felizes, do que três sejam infelizes tôda a sua vida. Então, você não concorda comigo? Mas por que, meu Deus?

— Entre outras coisas porque me parece um tanto improvável, ou que dois se tornem felizes e um presumivelmente infeliz, ou que três sejam infelizes o resto da vida, simples-

Digitalizado com CamScanner

mente porque êste homem não pode assumir novos compromissos até encontrar alguém que lhe convenha. Se êle mudasse de mulher agora, há tôdas as probabilidades que daqui a um par de anos a mesma situação se repita, com dois dêsses três pedindo licença para tentar uma nova combinação. Quem irá manter os filhos, quem irá dormir com êles, ajudá-los quando acordam de noite amedrantados por sonhos ruins, ou estão com sêde, ou têm que se levantar, enquanto os pais estão fora se divertindo?...

— Não, naturalmente — disse Else veementemente — não devem ter filhos até saberem se se dão bem um com o outro. Mas nós, gente moça, sabemos perfeitamente como evitar isso, hoje em dia, pode estar certa disto.

— Francamente, eu acho que há muitas outras coisas que seriam mais importante você saber, disse Ida Elizabeth, sem querer.

— Oh, eu lhe afianço que *isso* é tremendamente importante. Diga-me o que é que você acha mais importante?

— Oh — mas afinal êle era seu marido e irmão dessa menina. Por isso, ela limitou-se a dizer: — Por exemplo, vocês, gente moça, deviam saber quão profunda é a marca que uma pessoa deixa na outra, uma vez que tenham tido relações demasiado íntimas.

Lentamente o rosto de Else tornou-se de um vermelho de fogo. Ela se parecia bastante co mFrithjof, tinha o mesmo tipo de cabelo louro, abundante e grosseiro, e também tinha o rosto tão bochechudo que seus olhos pareciam mais ou menos fechados. A bôca, do mesmo modo, era como a do irmão, carnuda, mas os lábios eram vermelhos só internamente, de forma que se tornaram imperceptíveis na pele tensa do rosto. Entretanto, tomada em conjuno, era bem bonita.

— E'... — disse Else hesitante. — Eu realmente acho que às vezes você fala... Como diremos?... de maneira quasi indecente. De uma forma quasi grosseira, se me permite dizê-lo.

Ida Elizabeth teve tanta pena dela, de repente...

Mas uma semana depois Else deixara de falar sôbre o seu amigo. Porque conhecia muitas pessoas ali e elas ocupavam sua atenção. De modo que talvez aquêle incidente infeliz com o genrente passasse. Ida Elisabeth fêz-lhe presente de um vestido de *voile* azul verdadeiramente encantador, que deliciou Else — ficava-lhe, aliás, muito bem.

Começaram então as férias de verão, e chegaram visitantes tanto como em Vallerviken.

Ida Elizabeth ficava muito amolada que tôda essa gente visse que ela estava esperando criança de novo. Muitos dos visitantes de verão vinham todos os anos, e as mulheres mais velhas, especialmente, eram tão amáveis, compadecidas e cheias de perguntas, quando vinham à loja comprar artigos de costura, capacetes de banho, etc... Ela também recebia inúmeros convites, mas constantemente recusava.

Deixava Else trabalhar na loja o mais possível, mas tinha que ir constantemente procurar o que a moça não podia encontrar. Outra coisa era que ela dissera a Else, que podia tirar uma hora pela manhã para ir tomar banho de mar, quando não houvesse nada de especial para fazer. Nos primeiros dias, Else perguntava: — "Posso ir agora?" Mas depois desaparecia desde o momento em que suas amigas surgiam na porta, e ficava fora a manhã inteira, chegando em casa quasi sem fôlego, para o almôço: "Oh! eu não sabia que estava tão atrazada! Oh, sinto muito... não fêz diferença, não é Lisken, eu ter demorado um pouco mais?" De noite nunca estava em casa. Frithjof, também, estava sempre em movimento. Havia uma paz abençoada em casa, pensava Ida Elisabeth, quando ficava sozinha de noite.

O quarto não era lá tão pequeno, com uma janela do lado do jardim, bem como duas outras, grandes, dando para a estrada, mas fora havia os enormes salgueiros obscurecendo a luz do aposento, e projetando nêle um turbulento colorido verde, como um reflexo do mar. Quando o vento agitava os galhos flexíveis, êles sussurravam num encantador murmúrio. Ida Elisabeth sentia tanta paz ali, quando vinha deitar os pequenos — brotava nela como que uma alegria mansa e descorada.

As roupas de Solvi estavam úmidas, com um cheiro acre de terra e suor, e o rosto da criança estava quente e vermelho como o fogo. Era quasi impossível despi-la — ela não podia ficar parada. Tinha os mesmos olhos que Frithjof e Else; seu olhar lançava faíscas inquietas para todos os lados, de dentro da fenda exígua das pálpebras, enquanto os olhos, propriamente, eram escuros e estranhamente densos, como que de metal, sem pupilas nitidamente definidas. Ida Elisabeth lembrou-se, de repente, que olhos claros são aqueles nos quais o anel colorido que os cerca, se mostra claro de encontro ao negro da pupila. Os olhos de sua mãe tinham sido claros, como uma água pouco profunda, azul-esverdeada — quando o rosto da mãe estava virado para a claridade, havia somente um pe-

queno ponto preto no meio dêles, mas quando ela mal acabava de acordar, eram grandes e negros como o carvão, com um estreito círculo azul em tôrno do escuro. Que lindos olhos tinha realmente tido a mãe! Jens Braato também tinha olhos bonitos, claros, castanho-claro, com uma pupila vivida, que aumentava e se contraia. Era da sogra que as crianças herdavam êsses olhos impenetráveis.

— Não, Solvi, agora fique quieta. Eu não quero ter que enxugar a água de outro balde no chão. — A pequena banqueta, sôbre a qual estava a bacia, era um tanto vacilante. Ida Elisabeth ensaboou as mãos quentes e sujas da criança e manteve-as debaixo dágua, observando que elas positivamente tremiam com o desejo de patinhar: — "Ih, menina, parece até que você tem azougue no corpo".

— E tenho mesmo, disse Solvi impetuosamente. Eu sinto êle voar para cima e para baixo, por tôda a parte dentro de mim.

— Oh, você... não, sente-se, para eu poder lavar seus pés. Pezinhos úmidos, sujos de poeira da estrada — a mãe ajoelhou-se e lavou os pés de Solvi lenta e carinhosamente: ainda eram tão bonitos e pequenos, e que graça ver a pele branca aparecer e os dedinhos se tornarem côr de rosa...

— Mamãe, como é o nome dos peixinhos que a senhora disse que estavam dentro de mim?

— Oh, você! Não são peixes, riu a mãe.

— Que são, então?

— São... são como pequenas continhas de uma espécie de prata.

— Então por que não saem quando a senhora faz isso? Ida Elizabeth estava espremendo um pouquinho de puz que se formara na parte esfolada do joelho dela — Solvi arranhava os cotovelos e os joelhos quasi que todos os dias, era uma criança tão levada! — Por que é que algumas dessas continhas não saem quando eu me machuco?

— Porque estão metidas muito lá para dentro.

— E eu morria si me machucasse tanto que elas pulassem para fora?

— Acho que sim. Ida Elisabeth apertou o rosto de Solvi um instante de encontro ao dela; as faces da criança estavam tão bonitas e frescas depois de lavadas. — Agora temos que pentear seu cabelo, Solvi querida.

Isso era sempre o pior. A espessa vassoura amarela, que lhe servia de cabelo, estava horrivelmente embaraçada.

— Ah! você puxa tanto, mamãe. Titia Aslaug tem muito mais jeito de pentear meu cabelo. Titia Aslaug penteia tão bem que eu nem sinto.

— Sua tolinha, você não pode se lembrar de titia Aslaug, pois se você era uma coisinha que eu carregava nos braços da última vez que ela lhe viu.

— Oh, me lembro sim. Ora, eu vi titia Aslaug, quando ela veio e deu a mim e a Kalleman nossos sapatos novos.

— Oh! que histórias você inventa! Ela vai trazer os sapatos novos quando vier. Solvi ficara imensamente impressionada quando ela e Kalleman tinham tido que colocar os pés sôbre uma fôlha de papel branco, enquanto a mãe passava-lhes um lápis em tôrno, porque titia Aslaug escrevera que lhes daria uns lindos sapatos novos.

— Oh! sim, titia Aslaug voltou um dia, estava no embarcadouro, e então nos deu uns sapatos tão *bonitos*. Os meus são marrons e têm aquelas solas grossas brancas que parecem carne de porco e cordões e ilhoses dourados. — Ida Elisabeth sacudiu a cabeça rindo:

— Reconheço que você tem imaginação! Vamos, cama com você. Agora, Kalleman, é sua vez...

Êle parecia muito melhor, e podia falar mais — ficava até tagarela, às vezes, quando estava sozinho com ela. Esta era a fonte secreta da alegria que brotava nela e fazia com que não sentisse ainda mais o pêso de todo o resto. Guardava aquilo para si, como guardara a sua ansiedade. Mas quando acabava o trabalho quotidiano e, enquanto os outros saíam, ficava sozinha deitando as crianças, permitia que a sensação de alívio, que só ela conhecia, borbulhasse afinal, enchendo-a de alegria.

Pobre Kalleman, tinha estado sentado, quieto, perto da janela, revistando a caixa de cartões velhos. Deu um pulo e arremessou-se imediatamente na direção dela. Estava sonolento e quieto — sentou-se, observando seriamente a irmã, que estava de pé na cama dirigindo um barco-motor.

— Mamãe, Kalleman não pode vir para a minha cama um pouquinho? Êle pode ser passageiro, sabe?

— Não, deitem-se ambos e durmam.

Solvi ficou de mau humor e choramingou um pouco antes de ceder.

— Mamãe, não vá embora não.

— Não, se você se deitar como uma menina boazinha, eu fico aqui até você dormir.

Digitalizado com CamScanner

Ida Elisabeth sentou-se junto à janela mais distante, dando para a estrada. De quando em quando o ligeiro sussurro perpassava pelos salgueiros e tôdas as suas estreitas folhas estremeciam. Em noites tempestuosas era como uma multidão infinita de chicotes gritando perto da janela, e, com uma espécie particular de vento, êles rangiam contra o vidro com um som estranho, lembrando leves queixumes... mesmo assim, ela sempre achava que gostava dos dois velhos salgueiros, ali no canto da casa.

Fora estava cinzento, a luz cinzenta de uma noite de verão; ela sentia que esta noite choveria. E aliás o bom tempo durara bastante. Entre as árvores e as pequenas casas, ela vislumbrava o mar com a luz que se refletia nágua, além do embarcadouro. O ar estava carregado com o cheiro da praia e do feno amontoado secando nas encostas. Havia o ruído de um motor na baía e algumas pessoas estavam conversando e rindo na estrada; depois acendeu-se uma lâmpada atrás de uma veneziana acima do dique; o quadrado de luz alaranjada, suave e quente, parecia estar escutando em silêncio todos os sons variegados e leves, que davam vida à noite.

Ai, ai! — tinha que ir fazer a cama de Else no sofá. Se a pequena fôsse fazê-la quando chegasse, acordaria tôda a casa. Mas Ida não se sentia com fôrças para tanto — para levantar-se e ir cumprir outra obrigação já. E sentia que não poderia enfrentar o outro quarto por enquanto — tinha tal cheiro, de fazendas de algodão, e de camisas ainda com goma, e cheirava a Else — seu sabonete de lilá, seu pó, seus vestidos, e as meias sujas que ela trocara antes de sair e atirara por cima do sofá. Atrás da cortina, que Ida Elisabeth colocara no canto, perto da porta da cozinha, estavam penduradas as roupas de Else e seus sapatos. Montes de fazendas estavam junto à máquina de costura e sôbre a mesa; ao longo de uma das paredes amontoavam-se caixas de meias, roupas brancas e pacotes de linha, coisas para as quais ela não tinha lugar na prateleira da loja.

Ao recostar-se novamente na cadeira, Ida Elizabeth sentiu que devia ser uma espécie de fraqueza aquilo que a envolvia e mergulhava numa profunda letargia animal. Mas seus pensamentos se movimentavam nesta doce obscuridade de cansaço, como uma floresta à brisa da noite, ou como algas sacudidas na corrente; pensava nas crianças em primeiro lugar, mas também nas outras pessoas que tinham um lugar na sua vida, as pessoas de quem ela gostava, e as que lhe agradavam

menos. Em rapidas imagens, lembrou-se de coisas que a fizeram sorrir, raios de alegria e sombras de tristeza corriam uns atrás dos outros no seu pensamento. Mas era a vida, muito mais do que o que ela vivia na luz dura e exigente do dia, quando sempre tinha que estar pronta para a ação, e sua natureza se tornava mais perspicaz, pela necessidade de ter que estar sempre alerta, de prestar atenção para não fazer nada errado, ou para corrigir o que estava errado, pois tudo aquilo representava uma ameaça ao bem estar daqueles por quem ela tinha que zelar. Mas era delicioso poder estar sentada algum tempo e sentir doce sonolência velando tudo aquilo com a sua sombra, enquanto que tôdas as alegrias, que não podiam distraí-la durante os trabalhos do dia, resplandeciam na obscuridade.

Levantou-se. O mais vagarosamente possível, esgueirou-se até às duas pequenas camas.

Solvi estava num sono profundo. Mas ao debruçar-se sôbre o menino viu que êle estava deitado com os olhos bem abertos.

— Mas Carl, você ainda está acordado, meu querido?

— Mamãe, murmurou êle ansiosamente — o ursinho pode dormir na minha cama?

Ela riu. A caixa de cartões-postais estava na outra janela. Ida Elisabeth procurou, à luz pálida do céu noturno e encontrou o cartão amassado e sujo com o ursinho e o porquinho de Natal de que Kalleman tanto gostava.

— Pronto! Mas agora seja bonzinho, deite e durma.

O menino deu um suspiro feliz e enfiou o cartão debaixo das cobertas. A mãe ficou um momento alí, passou a mão lentamente pela testa arredondada da criança, sôbre a franzina maciez do rosto e da garganta: — Mas agora você precisa dormir, meu benzinho.

Depois voltou e sentou-se junto à janela, como antes. Havia também as framboezas; não podiam ficar até amanhã, ela tinha que fervê-las esta noite; mas esperaria mais um pouco, era tão bom estar sentada alí...

Naturalmente que não estava contente por estar esperando outra criança. Embora às vezes pensasse... tanto faz. — Por exemplo, a sogra estivera lá um dia com a sua tagarelice: — "Afinal de contas não há nada no mundo mais admirável do que as criancinhas, quando são bem pequeninas! Quando chegam aos seis meses... e ficam quietas durante um tempo enorme olhando para os dedinhos — *não são* encantadoras?" De repente, ela viu claramente em pensamento — a expressão de

Digitalizado com CamScanner

insondável seriedade, que aparece no rosto de um bebê, quando fica deitado olhando o movimento das mãozinhas. Um estremecimento de alegria sacudiu-a; depois êle ri, um sorriso brilhante e rápido, quando a mãe vem apanhá-lo.

Mas com isto veio a raiva e a amargura contra tudo que a impossibilitava de gozar plenamente as coisas. Como si fôsse um animal amarrado, tinha que ficar atrás do balcão com um ar interessado, e prestar atenção a estranhos, que falavam, falavam, e nunca se decidiam, enquanto os filhos tinham que tomar conta de si mesmos. Não podia dar aos filhos comida bem feita, às horas certas, nem mudar-lhes a roupa quando se molhavam, não podia prestar atenção quando contavam as suas descobertas, não se achava presente para dar-lhes umas palmadas quando faziam qualquer coisa mal feita ou perigosa, porque antes de tudo tinha que arranjar... bem, tudo o que um pai teria tido que arranjar para êles. O fato dela admitir que em parte também tinha culpa, não melhorava as coisas; conhecera Frithjof quasi que tôda a sua vida, de modo que devia ter sabido o que estava fazendo quando ligara a sua sorte à dêle. Nem era consôlo saber que muitas mães ainda estavam em piores condições. Pelo menos ela não tinha que sair de casa, mesmo que lhe incumbisse sustentar o marido e os filhos: — e Frithjof não era mau; era um inútil, mas em todo o caso não lhe dava motivos para temores.

O que ela sentia, é que não pedia demasiado da vida. Ficaria bastante contente, mesmo que nunca tivessem mais para viver do que tinham no momento, contanto que fôsse o marido que ganhasse o dinheiro. A sensação de vergonha era o pior — a vergonha de estar casada com um preguiçoso. Se ao menos fôsse dona do seu tempo, de modo que as crianças pudessem ter a atenção que ela estava disposta a dar-lhes, e a casa se transformasse num lar... Mas agora o seu trabalho invadia tudo. A loja transbordava sôbre a saleta, números e cálculos engolfavam todos os outros pensamentos no seu cérebro — para quanto terei cobertura, como conseguirei o dinheiro, com quanto ficarei para a casa, as crianças e Frithjof? Ufa, e como eram feias as coisas que ela comprava e vendia, mas o povo ali preferia-as assim, tinham pouco para gastar e uma idéia muito vaga do que fôsse bonito; queriam tecidos de um cinzento firme, ou castanho, ou azul côr de aço, ou chapéus de palha em côres venenosas, e horríveis trabalhos de agulha já riscados. Agora mesmo havia muita procura por uma espécie pavorosa de aventais de borracha;

ela chegava a ter uma sensação desagradável na ponta dos dedos, quando mexia neles.

Se ao menos pudesse trabalhar com coisas vivas, estar com o pensamento em coisas que tivessem vida — sua horta, onde gostava de trabalhar, e suas aves. Lavar roupa também era divertido, quando se chegava ao ponto de ter que estendê-las, e lavar e esfregar chão cansava, mas era ótimo depois de acabado. Além disso, gostaria de ter mais plantas em vasos... Ela ficava verde de inveja quando passava por janelas, que tinham polpudas rosas-chá e brilhantes ramos de gerânios brancos e vermelhos apertados de encontro às vidraças. Marit, por exemplo, tinha uma enorme jardineira verde cheia de lírios; no verão era como uma verdadeira moita de compridas e finas fôlhas verde-escuro, formando arcos e se cruzando; e depois, no outono, vinham as flôres, às vêzes vinte ao mesmo tempo. Quando elas apareciam, Marit sempre a convidava para tomar café. São flôres muito comuns, dizia Marit. Mas Ida Elizabeth sentia-se louca de desejo, não sabia bem de que, enquanto olhava aquêles caules compridos e duros, com cachos de grandes cálices vermelhos e vistosos — era uma côr tão estranha, brilhante e clara, e cada flor, separadamente, parecia tão bem talhada e vigorosa nos seus contornos. Marit dera-lhe algumas batatas, e no ano passado tinha saído uma flor na planta maior — êsse ano, provavelmente, haveria mais uma ou duas. E além disso, ela tinha tanta vontade de poder ter pombos... Herman costumava ter pombos em casa, quando ela era criança: lembrava-se de como êles eram engraçados — terrivelmente mau humorados também, e faziam uma sujeira medonha. Mas eram tão encantadores com seus pés côr de rosa e o círculo vermelho em volta dos olhos! Alguns pardinhos eram particularmente bonitos, e também os cinzento-azulados, com um reflexo de madre-pérola no papo. Seu arrulhar era delicioso, bem como o bater de suas asas, quando levantavam vôo, e o espetáculo do bando dêles, quando giravam alto no céu num dia de sol, com a luz se refletindo nas suas asas.... Talvez Carl gostasse de ter pombos quando crescesse. Se ao menos ela pudesse realizar o seu desejo de ver e ouvir pombos novamente perto de suas janelas...

Deus do Céu, não era como se ela pedisse nenhum luxo, ou um ensejo de viver na ociosidade: só um lar, onde pudesse ver coisas vivendo, crescendo e florindo, e onde pudesse fechar a porta às pessoas que ela não gostava de ter perto, e aos mexericos que detestava escutar. Mas talvez mesmo isso fôsse

Digitalizado com CamScanner

pedir de mais em nossos dias — quantas pessoas hoje em dia podem plantar sementes num jardim e recusar receber pessoas estranhas? Os pais de Frithjof tinham conseguido formar um lar assim — mas só à custa de parentes e amigos, que estavam sempre prontos e dispostos a ajudar e a manter o seu idílio; enfim, confiavam nos outros com a alegre despreocupação de crianças.

Aslaug Meyer escrevera oferecendo para adiar as férias até o começo de setembro, quando Ida Elisabeth esperava dar à luz. Sua presença lhes permitiria, então, afastar a ameaça da chegada da sogra para servir de enfermeira, e mandariam Else embora enquanto Ida Elisabeth estivesse de cama. Era aceitar muito, pois assim a visita não representaria férias para Aslaug. Mas a perspectiva de ter outra pessoa adulta consigo era tentadora de mais, e Aslaug era uma das poucas pessoas que ela conhecia, cuja índole era tal, que lhe tornava possível aceitar seu auxílio. E ela ficaria livre de ser ama-sêca de grandes e pequenos nos escassos dez ou dôze dias que pudesse ficar na cama.

Mas um dia, lá por fins de agôsto, recebeu uma alentada carta de Aslaug.

"Querida Ida!

Quando você tiver lido esta carta, creio que ficará bastante escandalizada comigo e achará que eu sou uma criatura desprezível. Mas o que se pode fazer, quando tudo parece tão negro como sempre esteve para Gunnar e para mim? E depois há uma coisa que eu nunca lhe disse: sei que Gunnar já está cansado de mim... Êle já está cansado há muito tempo, mas é bastante honrado para jamais ter dito nada a respeito, mas isto é uma coisa que a gente nota, pode ter certeza. E sua probabilidades de conseguir alguma coisa, que nos habilite a casar, parecem menores que nunca. Veja bem: se êle ainda quisesse casar comigo depois dos cinco anos que tem durado a nossa ligação... Casar-se com outra — estou certa que êle quereria. Interêsses comuns, você sabe, e a moça é jovem, bonita e presumivelmente competente. E em relações influentes — poderia ao menos ser uma oportunidade para o meu pobre rapaz. Você compreende? Sim, a vida é uma boa coisa, não é? Agora, não vá pensar que Gunnar me disse nada disso. Não,

êle é delicado de mais para isso. Nem uma palavra sôbre cansaço, nem sôbre noivado provisório, como se diz. Mas você sabe quantas pessoas bondosas há no mundo, que não podem deixar uma pobre coitada na ignorância das coisas...!"

Ida Elizabeth parou de ler; com uma sensação de náusea, ficou quieta, sentindo que não poderia prosseguir. Até que por acaso viu que a página seguinte começava: "De modo que, quando você ler estas linhas, sua dedicada Aslaug terá, calma e decentemente, posto um fim ao seu romance com Gunnar Vathne!"

Bom Deus! Será que tinha tido algum gesto desesperado! Ida Elisabeth continuou a ler com o coração batendo:

"Surpreendê-la-á provavelmente saber que, quando você estiver lendo isto, eu terei ido para Oslo para casar-me com um homem que conheci êste verão no congresso das professoras. Você sabe que eu fui contratada para tocar os acompanhamentos de algumas conferências sôbre história da música..."

O nome do homem era Tommeraas, e era diretor de uma grande escola no Sudeste da Noruega — distrito de Furuberg — Ida Elisabeth não sabia onde ficava isso — um viúvo com um filho único, que era missionário em Madagascar — Deus nos livre, isso era lá casamento para Aslaug!

Era quasi mais que um suicídio. Apesar de tudo, Aslaug escrevia dizendo que Tommeraas era generoso, nobre, e que êles tinham muitas idéias em comum. "Acho que não serei infeliz com êle. E é de esperar que Gunnar será feliz, agora que não lhe sirvo mais de empecilho. Em todo caso conhecemos a grande felicidade juntos, e quantas pessoas poderão dizer o mesmo? *Ich grolle nicht!!!*

Naturalmente Ida Elizabeth percebera, quando estivera na cidade no Natal precedente, que as coisas não iam lá muito bem entre os dois. Mas nunca imaginara um desfêcho dêstes. E' verdade que Gunnar era alguns anos mais moço que Aslaug... bem, talvez uns seis anos. E os últimos anos tinham marcado bastante Aslaug, embora, na verdade êles o tivessem marcado ainda mais; Aslaug, pelo menos, tivera sempre o que fazer — êle tinha estado desocupado quasi que permanentemente. — Mas isto era tão triste, que ela não sabia o que dizer! Oh, Aslaug, como tinha sido bonita e que grandes aspirações tivera! — Naturalmente, também para ela era uma grande desilusão que Aslaug não viesse. Nunca tivera outra amiga.

Digitalizado com CamScanner

Pouco depois de se terem conhecido em Oslo, concordaram em partilhar do mesmo quarto em Thor Olsen — bem, se ela tinha certeza de alguma coisa era que Aslaug faria carreira na vida. Ambas eram pobres como ratos de igreja, mas Ida Elizabeth parecia ficar com uma coragem nova só de partilhar da confiança de Aslaug no seu futuro. Assim poderia ver alguém que fôsse bem sucedida, que se mudasse para o lado ensolarado da vida, como a própria Aslaug dizia. Aslaug viera para frequentar o conservatório; era do Norte, mas o que contava do seu lar era um tanto vago, e variava sempre — o único ponto invariável referia-se a uma herança que ela já esbanjara, quando Ida Elizabeth a conhecera. Realmente ela tinha então uma imaginação muito viva. Mas acreditava firmemente em si mesma: um concêrto de estréia com a orquestra do Teatro Nacional, um prêmio de viagem, concertos no exterior, fama — "você verá, menina!" Isto fazia-a recordar os sonhos que Frithjof fazia para o futuro, para quando crescesse. Talvez fôsse o seu contacto com Aslaug, mais do que qualquer outra coisa, que a tivesse levado a receber Frithjof tão ardentemente quando êle apareceu de novo. Agora, como que de repente, percebia isso.

Mas era tão desesperadamente triste, que também com Aslaug aquilo só tivesse dado resultados falsos. Ela tivera a oportunidade de tocar em público algumas vêzes — seu concêrto de estréia nunca se realizara — mas aparecera, e tinham saído algumas linhas a seu respeito nos jornais, mais nada. Então conhecera Gunnar Vathne, e o resultado fôra um amor como o mundo nunca vira igual, em todos os anos que estivera girando ao redor do sol. Brunnhilde e Isolda, oh, não passavam de soda insossa comparadas a ela. Vathne, aliás, era um rapaz atraente, calmo e educado. Viera para a cidade estudar advocacia, mas havia uma tão grande super-produção de advogados... Quando conseguiu o lugar de empregado correspondente na fábrica Cyclops, Aslaug deixara Oslo às pressas, afim de estar perto dêle; tinha certeza de arranjar quantas alunas pudesse ter; tudo correria facilmente. Ela dificilmente se conseguira manter. As coisas pioraram ainda mais, depois de ter tido ordem de mudança de sua primeira residência, porque deixara Gunnar morar com ela quando a Cyclops fechou. E aquela loucura por gramofones e rádios tornava difícil para uma pianista obter alunos ou qualquer outro trabalho.

Não, realmente o que Aslaug escrevia era verdade, já há muito tempo não tinham mais esperanças. Em todo o caso

era horrivelmente triste pensar nisso — agora ela se chamava Fru Tommervold, ou seria Tommeraas? e o marido era professor, viúvo, e velho bastante para já ter um filho homem que ainda por cima era missionário em Madagascar!

Em princípios de setembro, Ida Elisabeth deu à luz um menino nati-morto.

Algumas noites, antes, sonhara que a criança estava no seu colo e que ela lhe estava mudando roupa. Era um garotinho, e tão bonito... nenhuma das outras crianças fôra especialmente bonita quando bebê, mas êste era encantador. Ao virá-lo de costas, ela viu que êle tinha olhos castanho-claros, um castanho avermelhado curioso, bonito mesmo — mas eram límpidos e brilhantes. Acordando e lembrando-se do sonho, sentiu-se transportada de uma suave e esperançosa alegria. Embora já tivesse ouvido dizer que criança alguma nasce com olhos castanhos.

A pequenina criança morta não era absolutamente como o menino do sonho. Apesar disto ela sentiu um impulso desesperado de colocar um dedo numa das pálpebras fechadas e olhar para ver se os olhos eram castanhos. Mas não ousou fazê-lo: seria como que uma profanação do pequeno cadaver.

A criança nascera de manhã e nessa mesma tarde a sogra apareceu. Borghild Braato desfez-se em lágrimas ao debruçar-se sôbre a cama e beijar Ida Elisabeth: "Oh, minha pobre, pobre, pobre Lisken! Ficamos tão aflitos, papai e eu, quando soubemos da triste notícia..."

As lágrimas escorriam, límpidas como pérolas, pelas suas faces macias e sardentas. Mas, depois de algum tempo, Borghild Braato começou a conversar. Sentada numa cadeira junto à cama, com a mão de Ida Elisabeth na dela, disse que a gente nunca sabia — Deus tem um propósito em tudo o que faz. Talvez no fim fôsse melhor...

Ida Elisabeth sabia no íntimo (o que a enchia de uma insuportável amargura e de uma rebeldia indignada contra o destino) — que era verdade, estranhamente verdade, que no fim era melhor...

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO QUINTO

Essa sensação de amargura continuou a devorá-la. Tudo quanto era gente que não tinha nada com isso oferecia-lhe o mesmo consôlo: talvez no fim fôsse melhor.

Solvi queixou-se em altas vozes de não lhe terem dado o irmãozinho que lhe haviam prometido. Tia Aslaug mandara os sapatos pelo correio, mas Solvi também queria um bebê...

Frithjof tinha estado afobadíssimo durante tôdas as férias de verão — muitos dos visitantes habituais, que o conheciam desde criança, convidavam-no para fazer excursões, e eram em tudo amabilíssimos com êle. Nas férias de verão, êle podia se estabelecer onde quisesse. Quasi não tinha tempo para estar com as crianças.

Ainda passava muito tempo fora de casa, depois de Ida Elisabeth estar de pé, a qual calculou que êle notava o quanto ela estava abatida, resolvendo ir onde achasse companhia mais alegre. Mas primeiro veio uma pessoa e depois outra — a princípio com insinuações obscuras, e depois com palavras claras, deram-lhe a entender que quando Frithjof dizia que tinha estado em tal ou tal lugar, tinha realmente estado no hotel em Vallerviken, tornando-se completamente ridículo flertando com a nova empregada que havia lá.

Foram seus fregueses que lhe trouxeram a informação — êles não achavam direito que ela continuasse a ignorar a situação. Ida Elisabeth não podia apontar-lhes a porta; teve que fingir que sabia e que não achava que valesse a pena tomar o caso a sério.

Digitalizado com CamScanner

Nem valia a pena, é claro. Êle já tentara isso antes — tudo bobagem naturalmente; era difícil haver uma mulher bastante estúpida, para levar a sério os galanteios de Frithjof. Mas ficou danada com êle por fazer papel de tolo mais uma vez. E depois êle não tinha a mínima idéia de estar dando motivo a caçoadas: achava que parecia um fidalgo, quando se punha a saracotear como um cachorro satisfeito.

Uma noite em que Frithjof ficou em casa, devido ao mau tempo, Ida Elisabeth resolveu dizer uma ou duas palavras sôbre o assunto.

Else tinha saído, e quando Ida Elisabeth acabou de lavar a louça sentou-se na sala com seu cesto de costura. Diante dela Frithjof estava debruçado sôbre a mesa, com os cotovelos para frente o peito envostado na beira da mesa, como um menino às voltas com os livros de estudo: estava completamente absorvido num exemplar de um semanário popular, e lambia os dedos tôda a vez que virava uma página. Tinha um aspecto tão inocente sentado ali, com a cabeça inclinada sob o lampeão e seu grosseiro cabelo amarelo eriçado para todos os lados... Já era tempo de ir cortá-lo de novo.

Parecia uma imagem da paz e da inocência — e Ida Elisabeth sabia muito bem como êle ficaria quando desse um sobressalto — se ela lhe perguntasse se achava engraçado que estivessem falando dêle e da tal Berta do hotel Jensen. — Afinal, por que iria ela dizer alguma coisa? Que falassem. Em breve chegaria o inverno, e então nunca havia viva alma no hotel, exceto um acidental viajante comercial, e Frithjof não podia ter o sangue frio de ir a Vallerviken e sentar-se na solidão ártica da sala de jantar do Jensen, com uma chicara de chicórea, ou um copo de cerveja fraca, simplesmente para conversar com uma pequena...

Os pingos de chuva batiam, batiam contra a janela. O vento diminuíra, mas ainda estava chovendo a cântaros. Ida Elisabeth deixou cair no colo o casaco de Kalleman. Frithjof levantou ligeiramente a cabeça:

— Por que é que você está me olhando assim?

Se êle não estivesse barbado, a ponto de ligeira penugem velar-lhe a linha do queixo, teria parecido um menino, tal como estava, com o peito e os braços descansando na mesa, chupando uma das juntas. O desbotado "pull-over" côr de cereja ia-lhe bem... parecia faltar justamente não sei o quê para que êle fôsse um homem bonito.

— Está tão turvo lá fora esta noite. Você não acha que devia ir buscar Else... para ela não vir sozinha pela praia?

Frithjof reclinou-se para trás, inclinando a cadeira. Apanhou um pacote de cigarros e acendeu um:

— Com certeza alguém virá trazê-la em casa.

— Escute... agora que Jarngerd vai para a casa da tia Gitta, você não acha que sua mãe gostaria de ter Else novamente em casa?

— Não, mamãe diz que ela vai passar o inverno aquí. Ela prefere tomar uma moça para ajudá-la e deixar Else ficar com você.

— Não, eu não tolerarei isso. — Involuntariamente ela lançou um olhar para a roupa de cama sôbre o sofá, o lavatrio, a cortina no canto, com roupa pendurada por detrás. A sogra pensaria que era só espírito de contradição, da parte dela, não gostar de ter a casa invadida por bafio de quarto de dormir, mas agora ela já estava farta.

— Você precisa saber — e Frithjof sorriu maliciosamente — que Else parece estar mais comprometida do que nós pensávamos, e foi o que mamãe descobriu. Quando nós pensávamos que ela estava passeando com as amigas, provavelmente estava se encontrando com alguém bem diferente. E várias vêzes Foi a Helle no barco-motor dêle também. — Por isso será mais seguro se você ficar com ela aquí por enquanto.

— E por que... se ela está se encontrando com êle às escondidas o tempo todo?

— Oh, sim... aliás, você compreende, isto acontecerá com muito maior frequência.

Ida Elisabeth deu de ombros e continuou seus consertos.

— Afinal de contas não creio que isso seja muito sério. Só bobice. — Céus, Frithjof, você não vai acreditar o que Else diz: que êle está completamente apaixonado por ela? E quem é essa Berta Helle, que esteve em Vallerviken êste verão? — *Ela* se tem vangloriado por tôda a parte de que *você* é a sua grande conquista.

— Céus, Lisken! — Êle piscou os olhos atônitos e ficou vermelho como brasa. — Não tenho a mínima idéia de quem você está falando! Berta... eu certamente não conheço ninguém com êsse nome... que me lembre. Pelo menos... a não ser que eu me engane, seu nome era Berta, a moça nova que Jensen contratou êste verão, não tenho certeza, mas quasi que acho que seu nome de batismo era Berta...

— Sim, ela está no hotel Jensen.

Digitalizado com CamScanner

— Bem, nunca ouvi um absurdo igual! Eu estive no hotel algumas vêzes êste verão; você sabe, Steffensen com o "cutter" aquí e eu costumava velejar com êle, já lhe contei isso. E depois disso estive lá algumas tardes. Você sabe, é bem defronte da cooperativa... pensei que era melhor estar de ôlho no tal homem, ela é minha irmã...

— Bem, você já sabia disto há muito tempo?... que Else estava se encontrando com êle o tempo todo?

— Se eu sabia?... bom, você sabe como essa gente é mexeriqueira. De modo que achei que não havia mal em investigar.

Ida Elisabeth ficou calada por um momento.

— Teria sido melhor se você me tivesse contado isso antes, acho eu. Por que não tocou no assunto antes?

— Não tive coragem. — E lançou-lhe um olhar rápido, incerto, através das pálpebras semi-cerradas, e enrubesceu novamente. — Sabe o que mais, Lisken? não é sempre assim tão fácil conversar com você. Nunca se sabe onde você está.

Como ela não respondesse, mas o olhasse interrogadoramente, Frithjof precipitou-se numa rápida torrente de palavras:

— Realmente não é fácil. Mamãe diz a mesma coisa. Você não é absolutamente franca; há alguma coisa tão... secreta em você, nós todos achamos isto. A pobre Else queixa-se tão amargamente disto às vêzes. Exatamente quando você está doce como o leite e se pensa que não há perigo, você nos atira uma referência a uma coisa que já fizemos há tanto tempo, que pensamos ou que você não tivesse notado, ou que achasse que não valia a pena discutir. Pobre Else.,. Ela realmente estava muito triste da última vez que estivemos em casa — ela contou a mamãe que um dia você lhe fizera presente de lindas roupas de baixo, mas quando ela quis abraçá-la, pois estava tão encantada, você logo mudou e disse-lhe uma porção de desaforos sôbre uma roupa branca suja que ela largara no sofá, e sôbre uma roupa sua que lhe acontecera queimar, quando estava passando a ferro. — Sim, isso é que é arrasador, nunca se sabe como você está... logo quando você está o mais amável e agradável possível e pensamos que está com a melhor das disposições e acha que nunca faz bastante para nós — você vem com uma coisa ou outra que mostra que você não está nada assim. Você é tão desprovida de franqueza, Lisken. Francamente, você é uma pessoa com quem é bem difícil viver, deixe que eu lho diga, minha cara.

Ida Elisabeth olhou-o pensativamente: — Talvez que sim...

Naturalmente êles tinham razão. Era como pareciam as coisas, do lado dêles. Aliás, ela dissera o que pensava a Else, naquela noite de verão quando chegara em casa e encontrara a cozinha cheia de fumaça sufocante. Else saíra e se esquecera de desligar o ferro elétrico, de modo que êle queimara as roupas na tábua de engomar. Podia ter pôsto fogo na casa, dissera ela. Não dissera muito mais que isso, porque, que é que adiantava? Mas quando, depois disso, dera a Else o jôgo de baixo de seda lilaz, em que a pequena estava de ôlho havia tanto tempo, procurara dizer-lhe alguma coisa sôbre seu terrível desmazêlo. A questão era que Else era uma legítima porquinha — mas em todo caso ela não empregara êsse têrmo. Os filhos dos Braatos estavam acostumados a ver os pais perderem a paciência de vez em quando; nessas ocasiões Jens encolerizava-se com os filhos como um louco e podia haver alguma pancada. Ou então a mãe entregava-se completamente a queixumes e lamentações até rebentar num dilúvio de lágrimas. Mas quando esgotavam a raiva, tornavam-se novamente indulgentes como sempre e tudo continuava da mesma forma. Ninguém jamais fôra desagradável com essas crianças, exceto para desabafar — ninguém contava que nada resultasse disso. Em geral êles estavam acostumados a considerar tudo o que ouviam dizer como uma simples explosão de sentimento.

Era realmente uma situação desesperadora. Ela se acostumara a dizer muito menos do que queria dizer, e a nunca dizer nada a não ser que fôsse a sério. Se fazia o máximo por êles, pois que o destino os fizera seus dependentes — e êles tinham descoberto que afinal ela não lhes era assim tão apaixonadamente dedicada — deviam naturalmente considerá-la falsa e misteriosa, o oposto do que compreendiam por uma pessoa franca e simples. Então pregavam-lhe mil mentiras, o único procedimento natural para êles. Pobres coitados, eram provavelmente sinceros quando respondiam num tom ofendido: por que é que você não me disse o que eu devia fazer, por que é que você não me pediu para fazer isto assim e assim? Por que é que você não disse que eu tinha que ficar em casa, perguntara Else, quando chegara em casa de madrugada, na noite em que Ida Elisabeth tivera ela mesmo que ir telefonar para a parteira. Antes disso ela tivera que acabar de ferver uma geléia — mas meu Deus, você podia ter me pedido para fazer isso, disse Else. Êles falavam sério. Mas nunca lhes

Digitalizado com CamScanner

ocorria fazer uma única coisa a não ser que fôssem expressamente mandados. E quando era o caso de pedir a alguém para fazer uma coisa para ela, ela preferia fazê-lo, se de algum modo fôsse possível...

Era assim, e não havia nada a fazer. Mas era uma pena, por causa dos outros também.

— Em todo o caso eu não o fiz por mal, disse ela com um pequeno suspiro.

— Meus Deus, claro que não; você pode ter a certeza de que eu compreendí. Com um piscar de olhos e com os lábios comprimidos num sorriso significativo, êle balançou-se na cadeira e sacudiu a cabeça para ela.

— Então você ainda tem alguns ciúmes de seu marido? — disse com um riso brincalhão.

Ida Elizabeth dobrou o casaco que estivera serzindo e apanhou outra roupa na cesta. Naturalmente, êle achava que era isso...

— Em todo o caso não sei por que você precisa dar assunto para as velhas mexericarem.

— Oh, você é engraçada! — riu-se êle com crescente jovialidade.

Entretanto, depois disto, cessaram as suas excursões a Vallerviken. Else também ficou mais em casa. Ela e Frithjof tinham, sem dúvida, discutido o assunto. De vez em quando Else vinha espontaneamente e perguntava se não havia nada para fazer, e Ida Elizabeth começou a pensar que talvez fôsse culpa sua se não conseguira treinar Else. Talvez com um pouquinho mais de paciência... Somente parecia que um pouquinho de paciência não bastaria. Else precisava que lhe dessem tudo de colher... A própria Ida Elisabeth ainda não se restabelecera completamente do seu último parto... não havia nada de definido, só que se sentia sem fôrças e inquieta, nervosa de um modo estranho e horrível. E essa sensação mórbida de aversão ainda era mais aborrecida quando Frithjof e Else procuravam realmente mostrar-se bons e serviçais — então davam não raro a entender que sabiam que estavam sendo bem tratados e que o apreciavam. Mas eram justamente essas as ocasiões em que ela tinha que fazer um sério esfôrço para ficar calma e não contrariada.

Frithjof estava saindo de bicicleta novamente e levava Solvi com êle — Kalleman tinha mêdo de sentar-se na máquina. — Tenha cuidado, dizia Ida Elisabeth, quando Frithjof propunha a Solvi sairem a passeio — as estradas estavam bem ruins de-

pois da longa temporada de chuvas de outono. — Você sabe muito bem que eu não sou imprudente, ria êle. E não era mesmo, pensava ela; nunca lhe acontecera ficar seriamente aflita.

E nem um fraco pressentimento a preparara para o que ia vir. Ela estava de pé na escada da loja, arrumando na prateleira as novas capas de borracha que recebera; Else estava em baixo e dava-lhe os embrulhos um por um. De onde estava, Ida Elizabeth podia ver através da janela da loja; viu o Essex cinzento do médico vir voando da estrada de Mokhus, numa velocidade terrível, e dobrar alí: — alguém sendo levado para o hospital, pensou; o navio estava amarrado no cais. O automóvel parou bem na porta. — Que é que você está fazendo, Else? gritou ela irritada; venha cá e me dê... mas Else já estava na porta. — Uh, o que é agora, disse Ida Elisabeth impacientemente; depois houve um grito alto de Else: — Oh! Frithjof — deve ter-lhe acontecido alguma coisa!...

Ida Elisabeth pulou dos degraus e seguiu a moça. Uma porção de gente já estava em redor do carro. O sol estava brilhando, suave e outonal; a água da enseada cintilava por trás das árvores nuas e do lampêjo cinzento das ardósias dos telhados, e de baixo vinha o som de uma campainha e do navio se afastando do cais. Ida Elisabeth percebeu tudo isso, percebeu o azul das montanhas erguendo-se do outro lado do *fjord*, através da neblina banhada de luz; nos seus píncaros a neve fresca já se punha branca. Lembrou-se depois de não sei que de claro que jazia no chão escuro e lamacento — as fôlhas caídas dos salgueiros na estrada, em frente à casa, e dentro do jardim as fôlhas das framboezas com a parte dorsal prateada voltada para cima. Mas ao lado do automóvel estava Frithjof, e o sangue corria-lhe pelo rosto abaixo, sujo de lama pardacenta; as roupas davam a impressão de que rolara muitas vêzes na estrada; perdera o gorro e estava com o cabelo endurecido de sangue e sujeira — e quando moveu a mão, também ela estava ensanguentada.

— Mas, bom Deus, que é que você fêz — onde está Solvi? e no momento em que perguntou pela criança foi como se o tempo e o espaço desaparecessem e ela ficasse pairando em completa expectativa.

Mas ela nem escutou a resposta de Frithjof; numa tensão palpitante debruçou-se e olhou para dentro do carro, onde um rapaz de cabelos vermelhos, o substituto do médico, estava sentado segurando a criança embrulhada em alguma coisa.

Digitalizado com CamScanner

— Cuidado... a senhora pode segurar?... assim... — e pela porta do carro êle passou o volume para os braços de Ida Elisabeth, e tremendo de horror ela sentiu, por um instante, que o corpo da criança, com todo o seu pêso, estava inanimado; teve uma visão fugidia do rosto, pisado e machucado. E quando o desconhecido desceu, suas roupas cinzento-escuras estavam ensanguentadas e manchadas de lama. Êle tomou-lhe a criança novamente, foi na frente e levou-a para dentro. Ela ouviu Else choramingando ao seu lado e notou que a moça estava dando pulos, como fazem as crianças quando se queimam, e mordendo as juntas.

— Estavam no quarto, e havia mais alguém com êles, uma moça com um barrete de couro, uma blusa leve, e de calças. Ela disse alguma coisa que Ida Elisabeth não compreendeu, e então pôs-se a tirar os cobertores e travesseiros da cama de Ida Elisabeth e começou a pô-los na cama de Frithjof. Esticou o lençol de baixo, e aí os dois estranhos colocaram Solvi — Solvi com os olhos fechados e manchada de sangue, um filete vermelho a escorrer-lhe da bôca, com as roupas tôdas rasgadas e cinzentas de lama... A pesada coberta que fôra enrolada em tôrno dela caiu com estrondo no chão junto à cama, e a senhora disse a Ida Elisabeth: — Oh, a senhora não se importaria de apanhá-la, para nos dar espaço? — Ida Elisabeth ficou segurando um pesado casaco-esporte de couro nas mãos e ouviu os estranhos pedirem água, água morna, toalhas ou lençóis limpos... viu a senhora atravessar o quarto e abaixar as venezianas, pois alguns rostos apareciam na janela, procurando olhar para dentro.

— Isso é dos dentes, estão moles, disse o médico, abrindo os lábios ensanguentados de Solvi com um dos dedos. — Ela caiu de costas, mas deve ter recebido uma pancada na bôca, da barra de direção ou outra coisa qualquer. Não, espero que não seja — mas com certeza sofreu uma comoção cerebral. — Minha mulher vai atendê-lo imediatamente — disse êle a Frithjof, que aparecia enorme e lúgubre aos pés da cama — somente precisamos primeiro cuidar aqui da menina. Frithjof estava falando num falsete estridente: — Eu fiquei bem na beira da estrada logo que ouví o caminhão vindo, mas era Ola guiando, e êle não se importa com coisa alguma quando guia, estava indo a uns oitenta quilômetros pelo menos, e depois o caminhão derrapou na curva, o senhor compreende, doutor — estava cheio de tábuas.

— Oh, Fru Braato, a senhora podia ter a bondade de fazer com que os outros se retirassem do quarto, afim de eu poder examinar a criança em paz. — O médico estava cortando as roupas de Solvi. Ida Elisabeth desviou-se, como se estivesse despertando da visão da criança imóvel na cama. Kalleman não se sabe como, entrara e estava agarrado às pernas dela dando gritinhos; Else estava no quarto choramingando perguntas estridentes e nervosas; Frithjof repetia sempre: — Não foi culpa minha, realmente eu não pude evitá-lo, fiquei bem do lado da estrada. E Fru Esbjornsen entrou com uma chaleira fervendo que a mulher do médico lhe tomou das mãos.

Então Ida Elizabeth levou o menino, Frithjof e Else para a cozinha, pôs mais chaleiras no fogo, tirou uma porção de roupa branca limpa do armário, levou ao médico o que êle pedia, apanhou para a mulher do médico, que levara Frithjof para a saleta, o que ela queria; Frithjof ainda estava dizendo: — Espero que com isto êle perca a sua carteira de *chauffeur*, o tratante.

— Devemos ser otimistas, disse o médico a Ida Elisabeth — ossos quebrados saram bastante depressa na idade dela; não está propriamente quebrado, a senhora compreende — é como se se tentasse quebrar um galho de vime Mas há a espinha, e talvez lesões internas... é impossível determinar isto agora. A comoção cerebral... não, não há de ser assim tão sério...

Solvi agora estava estirada na sua própria caminha. Estava com a bôca tão inchada que ficara té disforme. E na mesa de cabeceira se achavam os dois dentinhos raiados de sangue nas raízes — o médico tivera que arrancá-los.

A campainha da loja tilintou novamente. Else lá estava... com Frithjof; êste estava repetindo sua história a pessoas recenchegadas e contando-lhes o que o Dr. Gronwold dissera sôbre êle e Solvi. — Não seria melhor se a senhora fechasse a loja por hoje, Fru Braato? Afim de manter a casa bem tranquila. Minha mulher voltará e ficará com a senhora pelo menos esta noite... ela é enfermeira formada.

Quando Ida Elizabeth foi até à porta com o médico e a mulher, estava já quasi escuro, e o nevoeiro viera do mar; a umidade brilhava no muro e pingava dos ramos nus dos salgueiros à luz da lâmpada em cima da porta. A mulher do médico, esbelta e parecendo um rapaz no seu casaco e gorro de couro, pôs a mala do marido no assento traseiro; Else estava de pé junto ao carro, com roupas de viagem e maleta na mão e seguia os movimentos da outra, perdida de admiração.

Digitalizado com CamScanner

Fru Gronwold sentou-se no lugar do *chauffeur;* o médico ao lado dela, e então a pequena Else enfiou-se no automóvel.

— Agora não vá matar sua mãe de susto, lembre-se de dizer que poderia ter sido muito pior. Ela não deve pensar em vir, diga-lhe, pelo menos por alguns dias... — Positivamente não poderia tolerar que ninguém ali criasse dificuldades e tagarelasse por tôdos os cantos, quando ela tinha que tratar de dois doentes.

Então os Gronwold seguiram com Else.

Ida Elizabeth fechou a loja e apagou a luz, passou pela saleta — que tinha um aspecto fora do comum, com a cama de Frithjof onde o sofá costumava ficar, e êle sentado nela com o braço numa tipóia. — Eu venho ajudá-lo já — e entrou no quarto fracamente iluminado; êste também estava diferente com a mobília fora do lugar. Ida Elisabeth debruçou-se sôbre a cama de Solvi, apalpou o rosto da criança, pôs a mão em baixo da coberta, sentiu o calor das botijas de água quente, e chegou ao grande maço de gaze que era a perna esquerda de Solvi. Não havia alteração alguma. Novamente sentiu-se dominada pela sensação de irrealidade, como se tôdas as coisas diárias e familiares estivessem fora do seu alcance e ela estivesse suspensa no ar até poder saber o que se daria... que Solvi estava fora de perigo.

O cheiro de hospital deixado pelo trabalho do médico deixou-a entorpecida, a um tempo desvairada e esgotada.

Frithjof estava sentado na cama, com uma camisa azul, de que uma manga dilacerada balançava sôlta, com calças de lã e meias compridas de feltro. Ida Elisabeth ajoelhou-se e desabotoou-lhe as fivelas dos sapatos, e tirou-os: — Eu acho que ouví a sua voz na loja agora mesmo; com certeza você não apareceu *nestes* trajes, disse ela com ar de censura.

— Você podia imaginar que eu tinha posto o casaco por cima — êle levantou-se para ela poder tirar-lhe as calças. — Era só gente que eu conhecia muito bem — sentou-se de novo e ela levantou-lhe as calças cuidadosamente por cima de suas ataduras; êle recebera algumas arranhaduras nas pernas. — Você pode ter a certeza de que êles estavam aflitos para saber como foi que aconteceu. E *eu* naturalmente não tenho nada que esconder, não tive a *mínima* culpa dêle nos atropelar...

Com uma mão pudicamente no regaço observou com interêsse as manchas espalhadas nas suas largas coxas brancas. — Você viu a minha bicicleta? pois precisa ir vê-la — completamente esfrangalhada.

Ainda ajoelhada, Ida Elisabeth puxou o pijama riscado de azul dêle pelas pernas acima — êle levantou-se para ela poder amarrar o cadarço na cintura, contando-lhe o tempo todo como o caminhão da serraria viera a uma velocidade de pelo menos oitenta quilômetros, e quando Ola estava tentando colocá-lo novamente no meio da estrada, apanhara a bicicleta de raspão, e como êles fôssem projetados para o lado da estrada, tinham sido apanhados pelas extremidades de umas pranchas. — Sim, é espantoso termos escapado como escapamos, digo — mas êsse Ola Langhus perderá a sua carteira por isto, eu tomarei as providências. Foi um pouco de sorte, entretanto, o médico ter aparecido naquele mesmo instante... está tudo acabado agora com Ana Mokhus, de lá é que êles vinham... ela é bem inteligente, não é? aquela mulher dêle... uma senhora encantadora, devo dizer.

Êles tinham cortado rente o cabelo de Frithjof de um lado, e as madeixas de cabelo amarelo saíam pelo canto da atadura — ficou com um aspecto tão cômico... Ida Elisabeth vestiu-lhe o paletó do pijama, apanhou um maço de cadarço e amarrou-o por cima do braço enfaixado. — Assim você pode escovar os dentes sozinho, não pode? Que é que você quer — chá? leite? E é melhor tomar mais uma ou duas aspirinas. — Coitado! — amanhã você estará se sentindo todo entorpecido; acho que você terá que ficar de cama pelo menos uns três ou quatro dias.

— Uns dois ovos pochés, se você tiver algum, eu gostaria bem, gritou êle quando ela entrava na cozinha.

De certo modo ela tinha ficado irritada de ter que vestir aquêle homenzarrão, branco e gordo, como se fôsse uma criança. Mas ao mesmo tempo havia qualquer coisa de confortador nisso — parecia que não *podia* ser assim tão sério, visto Frithjof estar tão cômico. Sua ansiedade por Solvi recuava para longe, pois não podia deixar de estar zangada e ao mesmo tempo distraída com Frithjof.

O chá e o pão com manteiga êle podia comer sozinho, mas ela teve que lhe dar os ovos pochés na bôca. E enquanto isso, sem parar, êle ficava explicando, explicando, e em cima, na casa dos Esbjornsens ela podia ouvir Kalleman correndo pela sala. Não *podia* haver perigo para Solvi.

Digitalizado com CamScanner

Ela cobriu Frithjof bem com seus cobertores e apagou a luz antes de ir sentar-se junto a Solvi. Êle já estava dormindo como uma pedra quando Ida Elisabeth ouviu uma pancada na janela e foi abrir a porta para a mulher do médico.

Só na noite do quinto dia é que Ida Elisabeth compreendeu que havia perigo.

Ela se acostumara com a nova situação em casa; parecia já durar havia séculos. Solvi gemia muito, a febre subia e descia, e era impossível saber se ela estava com o espírito lúcido quando acordada. De vez em quando dizia alguma coisa, mas não era fácil compreendê-la pois perdera dois dentes da frente e estava com a bôca tão inchada... — E' melhor não tentar conversar com ela, disse a mulher do médico uma noite; ela, porém, parecia pensar que tudo estava correndo normalmente. Proibira que Frithjof recebesse visitas, de modo que êle tinha que se contentar em tagarelar com ela e Olise Langeland, cochichando forte, quando elas tinham tempo de parar um pouco por perto da cama dêle.

Olise servia na loja e ajudava Ida Elisabeth no trabalho caseiro; sem que lhe pedissem, lavara tôda a roupa suja de sangue e de lama depois da catástrofe. Era uma criaturinha de meia idade, de posição social intermediária; Ida Elisabeth sempre achara tão bom quando a tinha em casa... E mal percebia que era devido mais ao mutismo de Olise do que à sua competência. Se alguém quisesse conversar com Olise Langeland tinha que contribuir com a maior parte da conversa — o que era magnífico, logo agora, quando todos que vinham à loja tinham perguntas a fazer.

Ida Elisabeth aprendeu a trocar os lençóis da criança quasi sem mudá-la de posição, e a colocar toalhas por baixo do queixo de Solvi, para evitar que ela ficasse molhada quando a mãe lhe dava remédios ou sopa com uma colherzinha de chá. Quando lavava a roupa suja na pia e a pendurava para secar no quintal, conversava com Kalleman; quando preparava a bandeja de Frithjof, cortava umas fatias de pão com geléia para o menino, e êste ficava sentado no degráu da cozinha, conversava e comia — evidentemente gostava de estar com os Esbjornsens. Um dia ela o pôs no colo e levou-o para dentro; tinha licença para dar bom dia a Solvi. Mas pareceu ficar aterrorizado com o rosto vermelho e a bôca inchada da irmã,

e Solvi não mostrou nem uma centelha de interêsse pelo irmão. Depois, é verdade, Kalleman teve muito que contar sôbre a doença de Solvi.

Frithjof foi e veio do inquérito no carro do médico, mas teve que ir para a cama novamente logo que chegou em casa; estava com dor de cabeça e ainda muito dolorido. Mas ficou muito excitado com a viagem; relatou tudo que fôra dito, e o que êle próprio dissera, cortou alguns parágrafos sôbre a colisão que tinham aparecido na imprensa local e guardou-os na carteira. — Mas aquêle velho Essex, você sabe, eu acho que Sommervold podia bem comprar um carro novo... meios é que não lhe faltam.

Ida Elisabeth ficava sempre irritada quando ouvia alguém dizer: — oh, o Dr. Sommervold, naturalmente, pode ter tudo o que quiser. Êle tinha a filha e a família dela; Rägna Sommervold casara-se com um oficial de marinha alemão — isso fôra nos bons velhos tempos antes da guerra, quando navios de guerra alemães visitavam o *fjord* todos os verões. Durante a guerra Hans von Dettingen ficara inválido, e êles tinham perdido tôda a fortuna, e havia os dois filhos a educar. Êle também tinha que auxiliar a viúva do filho — aliás, era sempre o médico que punha a mão no bolso quando alguém ou alguma coisa tinha que se salvar. Os pais de Frithjof, por exemplo, não tinham recebido auxílio de espécie alguma durante anos.

E a mesma coisa a aborrecera no dia da visita da sogra. Fru Braato viera de navio; ela voltaria para casa no automóvel do médico, explicou, quando êle viesse à noite. E então começou a queixar-se do Dr. Sommervold estar na Alemanha, como sempre; não que ela não estivesse pronta a acreditar que o Dr. Gronwold fôsse realmente hábil, e a mulher era certamente uma excelente criatura, apesar de ter um ar um tanto moderno, mas na verdade era aborrecido que o Dr. Sommervold estivesse sempre fora, quando seria mais seguro tê-lo em pessoa...

Ida Elisabeth teve que servir o café à sogra na cozinha; sentaram-se com a porta aberta para o quarto onde Solvi estava deitada com as venezianas cerradas, respirando perceptivelmente e gemendo de leve no seu sono febril.

— Mas você não concorda que será melhor mandarmos Else para aqui amanhã? perguntou Borghild Braato. — E' justamente uma ocasião em que você pode precisar dela...

Digitalizado com CamScanner

— Precisar dela! Ida Elisabeth replicou apressadamente. — Deus do céu, mãe! a senhora não pode imaginar a sério que Else possa prestar qualquer ajuda. E enquanto eu tiver duas crianças doentes de cama, prefiro não ter que tomar conta também dessa moça.

Mas arrependeu-se logo, vendo a expressão da sogra. Como uma criança recuando diante de uma bofetada — só que isto feria mais que pancada. Meu Deus, será que no íntimo sabia como os outros olhavam êsses seus filhos, que ela amava e adorava e de que se gabava, e para os quais tinha sempre mil desculpas?

Na manhã do quinto dia, Ida Elisabeth estava sentada ao lado de Solvi. As venezianas arriadas brilhavam com o sol, e sombras de ramos agitados ao vento adejavam nelas; o barulho do *fjord* estava tão forte hoje... estava um tempo magnífico lá fora. Solvi moveu a cabeça um poucochinho; seus olhos rígidos pareciam ao mesmo tempo sombrios e brilhantes; e havia nêles um estranho olhar aflito... talvez seja a noite inquieta de que Solvi esteja com mêdo, pensou a mãe.

— E' mamãe, Solvi. Mamãe que está sentada com você —. Ela procurou mostrar um sorriso real. — Você não tem mêdo, tem, quando a mamãe está aqui?

— Mamãe, balbuciou Solvi.

Palpitante de alegria, Ida Elisabeth tomou a mãozinha úmida nas suas. — Não te dói tanto agora, dói, Solvi? — Ela lhe dera o remédio havia pouco; um analgésico.

— Sim! — Tinha um som tão insignificante, um fraco queixume, como se a criança já se tivesse esforçado de mais para ter paciência.

— Mas onde é que lhe dói mais, minha querida? Você não pode dizer à mamãe onde dói mais agora? — Solvi não respondeu. — E' na sua perna? Talvez na cabeça? Quer que a mamãe ponha outra compressa fria, gostosa, na sua testa? —. Ficou de novo sem resposta, mas foi à cozinha e aprontou a compressa. Enquanto fazia isso teve uma idéia; precipitou-se na saleta.

Frithjof estava deitado, lendo tranquilamente; tinha um monte de revistas e semanários no chão junto à cama. Ida Elisabeth foi à prateleira e apanhou o elefantezinho de ébano que o pai outrora lhe trouxera do Ceilão.

Colocou a compressa sôbre a fronte de Solvi e passou a mão cautelosamente pelo rosto quente da criança. Então mostrou o elefante:

— Você está vendo quem veio fazer-lhe uma visita? — Solvi não deu sinal algum de interêsse. — O elefante, Solvi! E' para você, meu bem, você está ouvindo, Solvi? Mamãe deu êle p'ra você, é seu agora. Quando você ficar boa será seu e você poderá brincar com êle quando quiser...

Mas ainda assim Solvi não teve reação alguma. Ida Elisabeth colocou o elefante na mesa de cabeceira, no meio dos vidros e dos outros apetrechos do quarto da doente — êle tinha ali um aspecto bem animador, pensou ela, com seu corpo preto, macio e brilhante, seus dentes brancos, e os pequenos olhos reluzentes de madrepérola.

— Ela tem mostrado algum interêsse em brinquedos e coisas parecidas hoje? perguntou o médico ao fazer a sua visita da tarde.

— Ainda não. Esteve muito agitada esta tarde, e não consegui que tomasse nada, e mal sente o cheiro, parece que vai vomitar. Pobrezinha. Estou certa de que lhe doía muito...

Êle levou muito tempo examinando Solvi e pediu para ver o lençol que Ida Elisabeth tirara de baixo dela naquele dia. Trocou com a mulher algumas palavras que ela não compreendeu; mas Ida Elisabeth observou o rosto de ambos e foi então que penetrou nela, afiada como uma faca, a possibilidade que até agora não encarara nem por um momento. Seus olhos pousaram no elefantezinho, que de repente assumira um aspecto horrivelmente ameaçador; os olhinhos de madrepérola na imagem preta tinham um olhar mau.

— E' melhor você ficar aqui por enquanto, Gerda, disse o médico à mulher.

Ida Elisabeth retardou as perguntas até êle ir embora — como se a resposta fôsse mais animadora se viesse da mulher. Havia uma calma, uma certa frieza, no seu modo, mas na maneira com que executava seu trabalho havia uma espécie de enérgica compaixão humana.

— Bom, a senhora sabe, devemos esperar o melhor. Mas é impossivel no momento precisar a extensão das lesões internas que ela sofreu —. Falava como se houvesse muita coisa que preferisse não dizer.

Digitalizado com CamScanner

Mas afinal persuadiu Ida Elisabeth a deitar-se um pouquinho, e a pobre mãe estava tão necessitada de sono, que adormeceu quasi que imediatamente.

Foi acordada por um som — depois de alguns momentos percebeu que era a caminha de ferro que estava sendo sacudida. Solvi gemia com um estranho som desentoado. Ida Elisabeth pulou em pé — Fru Gronwold estava debruçada sôbre a menina, mas quando a mãe chegou ao seu lado, Solvi pareceu abater-se de todo — estava terrivelmente mudada, fôsse lá porque fôsse.

Fru Gronwold pensou um momento, depois arrancou o seu avental branco: — Tenho que ir correndo ao telefone; não ouso dar-lhe nada sem consultar meu marido... e saiu correndo.

Ida Elisabeth ouviu a porta dos fundos ser fechada devagar. Depois não houve nem um ruído na casa, exceto uma mosca zunindo dentro do abajur da lâmpada de cabeceira, e tinindo de encontro à lâmpada. Mas fora o *fjord* estava bramindo, o vento rugia, e os ramos arranhavam as vidraças. Passava um pouco das três horas quando ela olhou o relógio.

Estava sentada, debruçada sôbre Solvi, olhando e escutando a respiração da criança.

Novamente o pobre corpinho foi sacudido por espasmos, os olhos começaram a rolar sob as pálpebras que tinham ficado tão tênues... houve uma pausa, mas logo os espasmos voltaram, mais fracos, e o colapso foi mais pronunciado do que antes. E depois de algum tempo — ela não poderia dizer como soube — ela *viu*, mas não era coisa que pudesse ver com seus olhos. Foi como se ela já tivesse experimentado aquilo antes, ao dar à luz... no instante em que a criança nascera uma onda de um oceano invisível e infinito a cobrira, cortara qualquer coisa em dois, mas quando a onda foi embora outra vez, a criaturinha que dava puxões e arrancos estava ao seu lado, como se ambas tivessem sido atiradas numa praia. A mesma onda, de uma invisível eternidade, passou por ela novamente... e foi como se a dor cruel e dilacerante que ela sentira então em seu corpo, fôsse somente uma imagem imperfeita da dor que agora a dilacerava em dois pedaços. A onda retirou-se, mas agora levara Solvi consigo — o que ficara na cama não era Solvi.

Inclinada sôbre a cama, Ida Elisabeth apertou o seio com fôrça de encontro à beirada, como se esta dor pudesse amortecer a outra. Então a porta abriu-se — Fru Gronwold apareceu, com a chuva escorrendo da capa, que arrancou ao se dirigir

para a cama. Ali parou; Ida Elisabeth levantou os olhos para ela, ambas se encararam. Enquanto a mulher do médico debruçava-se sôbre a criança, a mãe levantou-se e sentou-se, afastou o cabelo do rosto — e quando a outra levantou a cabeça e seus olhos se encontraram, o rosto de Ida Elisabeth cedeu. Começou então a chorar, a princípio um lamento baixo e pungente, mas depois as lágrimas vieram e começou a soluçar, mas baixo, como se houvesse alguém que ela não quisesse incomodar.

Depois a outra aproximou-se dela; — Fru Braato. Tomou uma das mãos de Ida Elisabeth e ficou de pé segurando-a; — Fru Braato...

De repente a porta da saleta abriu-se e apareceu Frithjof de pijama listado, com seus cabelos grossos cortados muito rente, e os olhos quasi se fechando de sono. Quando viu as duas, precipitou-se, e então rebentou num acesso de chôro alto, lancinante: — Solvi, oh Solvi, oh...

Caiu ajoelhado junto à cama, ao lado da mulher: — oh... oh... oh. Ida Elisabeth estendeu a outra mão a êle, por trás dela. — Psiu, Frithjof, você não deve chorar tão alto — suplicou-lhe, como se houvesse alguém no quarto que não se devesse despertar.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO SEXTO

Frithjof não tinha culpa alguma do acidente, ela sabia disto. Mas no período que sucedeu à morte de Solvi, Ida Elisabeth pensou às vêzes: eu acabarei odiando-o...

Êle falava e falava sôbre o assunto a quem quisesse escutá-lo. Era verdade que tinha realmente gostado de Solvi. Se quasi não perguntara por ela nos dias em que estivera de cama, devia ter sido por não pensar que pudesse haver perigo. Em todo caso, ficou completamente louco com a sua morte. Mas parecia até que êle fôra compensado pela morte da criança pelo muito que tinha a contar aos outros sôbre o acidente, e como ela era meiga e engraçadinha, a companheira de folguedos do papai, e sôbre o seu leito mortuário, e o que o médico dissera, e sôbre o inquérito, e o entêrro, e o que os jornais tinham dito. Êle encontrava constantemente alguém que não ouvira a história antes — a bordo dos navios, no embarcadouro, na associação comercial. Quando chegava em casa, repetia para Ida Elisabeth o que dissera e o que sicrano falara. A história variava cada vez que êle a contava. A princípio dissera que não se lembrava absolutamente de nada do momento em que o caminhão abalroara a bicicleta até ser ajudado a entrar no automóvel do médico. Mas pouco a pouco começou a lembrar-se cada vez de mais um pouco. "Solvi", pensara êle; tivera mêdo que a carga de tábuas caísse por cima dêles, e atirara-se para a frente para proteger a criança com o próprio corpo. Ida Elisabeth sabia muito bem que êle acreditava mesmo em tudo que contava. Era a primeira

Digitalizado com CamScanner

tristeza verdadeiramente real que Frithjof já tivera, e excitara-o terrivelmente.

Só que ela não era assim. Ela teria preferido nunca mais ouvir uma palavra sôbre o assunto. Depois dos primeiros dias, quasi não derramara uma lágrima. Tinha a sensação de estar transbordando de lágrimas interiores, e instintivamente comprimia os lábios e sufocava as lágrimas, como que com mêdo que a sua tristeza se extravazasse. Mas pensava continuamente na criança morta, dormia pensando nela, e ao despertar parecia-lhe que o mesmo pensamento tinha continuado a fazer a sua teia dentro dela durante o sono. Lembrava-se do que Solvi dissera no verão passado sôbre as continhas que andavam para cima e para baixo dentro dela. Quando o pequenino corpo ficara com a rigidez da morte, ela pensara que era como se uma substância volátil e flúida se tivesse congelado em metal pesado dentro dêle e tivesse transmitido seu frio gelado à pele e à carne. E depois não podia deixar de se lembrar dos dois dentinhos de leite que jogara no fogão: — Ratinho, ratinho, aquí está um dentinho de ouro para ti, dá a Solvi um dentinho de ósso! — A menina então estava lúcida e Ida Elisabeth tivera a esperança de assim fazê-la sorrir.

Mas às vêzes sentia a mesma coisa que sentira na igreja. Não escutou o que o Pastor Sondeled disse, e provavelmente era a única pessoa que não estava debulhada em lágrimas; mas estava lutando contra um terrível impulso de gritar alto, rasgar as roupas em pedaços, arrancar os cabelos da cabeça e arranhar o rosto até o sangue escorrer... Seu pai vira gente fazer isso, durante funerais, algures nos trópicos — ela teve vontade de blasfemar por não ser possível proceder da mesma maneira aquí e amortecer o seu terrível desespêro com a dor física.

Kalleman quasi não falara da irmã depois de sua morte. Ida Elisabeth tinha a impressão de que êle nem ouvia quando Frithjof estava falando dela. Mas êle tinha realmente um jeito de evitar o pai — parecia não gostar do jeito barulhento de Frithjof. Era muito calado, e além da mãe, êle parecia dar-se melhor com Olise e os Esbjornsens — os Esbjornsens também eram gente calada.

Mas uma manhã ela e o menino estavam sozinhos na loja. Lá fora a neve caía em grandes farrapos pegajosos, e Kalleman estava na porta, procurando olhar para fora por entre as cortinas e cartazes de anúncios pendurados atrás do vidro. Ida Elisabeth estava ocupada contando os pontos num grande bor-

dado que prometera começar para uma freguesa no dia seguinte. Ela achava as côres tão bonitas — subconcientemente sentia que lhe fazia bem estar trabalhando naquilo.

— Mamãe, disse Kalleman da porta, não é uma amolação Solvi ter morrido? Agora não temos mais ninguém com quem brincar.

— Devemos procurar brincar juntos o melhor que pudermos, você e eu.

— Sim, mas nós não sabemos brincar, mamãe. Era só Solvi que sabia.

— Oh, não sei. — Ela tentou sorrir. — Você está assim tão amolado, pobrezinho. Olhe aqui... — Ela descobriu um pedaço de papel que forrara uma caixa de papelão. — E um lápis... agora você pode fazer desenhos. Pode sentar-se aqui, perto de mim. Não aparecerá ninguém com êste tempo.

O menino apanhou o papel e o lápis; pareceu bem contente e trepou na cadeira que a mãe lhe arranjou. — Mas nós não sabemos *brincar*, você sabe!

— Oh, sabemos sim. E' divertido fazer desenhos, Carl...

— E'. Mas não é brincar.

Mais ou menos uma semana antes do Natal, o Dr. Sommerfeld veio visitá-la de manhã. Ida Elisabeth nem soubera da sua volta; sabia que tinham operado seu genro e que o médico tencionava ficar lá até verem se tinha dado algum resultado. De modo que apressou-se em perguntar como iam as coisas na casa de Ragna, antes dêle ter tempo de perguntar por ela.

Bom, em todo o caso, parece que Hans poderá utilizar-se um pouco mais dos membros. E como está você? perguntou êle em voz baixa, quando ela o introduzia na saleta.

— Muito bem, obrigada. O senhor tem tempo de se demorar um pouquinho?

— Isto é que eu contava fazer, se não estou tomando o seu tempo. Ciss Oxley devia apanhar-me aqui; ela está guiando por mim hoje, estivemos no asilo dos pobres. Ela devia levar Sjur até Mokhus; êle teve licença para visitar a filha por alguns dias.

— Oh, ela está de novo aqui? — Ida Elisabeth não ficou muito contente com a perspectiva de uma visita.

— Ela vai ficar comigo por enquanto, até a Irmã Laurentse ficar boa de novo. E' muito competente. Você sabe que ela tem curso de enfermeira.

— Oh... — disse Ida Elisabeth sem interêsse.

Digitalizado com CamScanner

— Há muita doença por aqui êste inverno. — O médico fêz uma pausa. — Não sei se você já soube, disse êle hesitante, a respeito da pequena Merete...

— Não, isto é, disseram que ela teve um resfriado muito forte no inverno. Ela também não esteve no entêrro, que eu me lembre.

— Bem, é tuberculose. Eu queria dizer-lhe porque ouvi dizer que você vai para Vettehaugen no Natal. De modo que tem que ter muito cuidado com as crianças — com Kalleman, corrigiu êle, e apressou-se em continuar: você sabe, quando se trata assim tão cedo há muita esperança. Haverá lugar para ela no sanatório em fevereiro...

— Eu tenho pena dos velhos; suponho que estão desesperados...

— Oh, você sabe, Jens e Borghilde são otimistas por natureza. Sim, êles já sabiam, antes do entêrro. Gronvold examinou-a. De forma, que se êles não lhe contaram, eu achei que era melhor que você soubesse. Você não precisa dar a perceber, naturalmente.

Os lábios de Ida Elisabeth mostraram alguma coisa parecida com um sorriso.

— Bom, bom, eu tenho que lhe contar, Ida. Eu fui jantar lá ontem. Não se trata apenas dêles estarem tentando, como reação puramente espontânea, esconder o fato de haver infecção em casa. Estão também com um pouco de mêdo de você. Você amedrontou-os pelo modo com que suportou isto. Parece a êles um tanto estranho — você estar tão inacessível.

— Percebo —. Ida Elisabeth conservou-se silenciosa um momento. — Creio que é por isto que minha sogra tem me deixado em paz desde então. Porque é o que ela tem feito.

O Dr. Summervold sacudiu a cabeça afirmativamente. — Para êles, você vê, é completamente incompreensível, absolutamente anormal, que você não manifeste nenhuma necessidade de procurar consôlo, etc. — disse êle um tanto impaciente. — E assim mesmo, minha cara Ida, êles gostam tanto de você. — E' verdade, minha cara, gostam! Inconcientemente, ou concientemente, não posso dizer com certeza — sabem que você é um sustentáculo para todos êles. — Sorriu, um sorriso zinho contrafeito. — Você é um dos pontos fixos da existência dêles. E' por isso que a querem tanto e estão tão apreensivos com você agora.

Ida Elisabeth continuou sentada olhando para o chão e não respondeu.

— Bom, bom, bom. Não, é o diabo, eu sei, quando sêres humanos têm de servir de providência para outros humanos. A vida devia ter parecido muito menos desesperada para a gente de natigamente, que acreditava que a providência estava sentada lá em cima, acima de tôda esta embrulhada — que podia inspecionar a interdependência de todos os destinos humanos e tinha um profundo conhecimento de tudo que nós humanos nunca podemos penetrar.

— O senhor quer dizer que o Criador conhecia as suas criaturas... — minha sogra afirma que êle conhece, e Deus sabe que conosco não se dá o mesmo. — Ela deu uma risadinha. — Aliás, lá naquela casa também acreditam na providência. E se sabem que lhes tenho sido útil em alguma coisa, acham provavelmente que há uma providência nisso também. Sou unicamente um instrumento nas mãos da providência.

— Mas você não acredita nisso.

— Não, é claro que não. — Ida Elisabeth sorriu amargamente.

Não sei por que eu deveria pensar tão mal da providência. Porque nesse caso teria sido bem cruel comigo.

— Precisamente. — O médico inclinou a cabeça. — Se você tivesse tido a mesma crença que Ciss Oxley por exemplo, talvez tivesse aceito com bastante paciência o quinhão que lhe coube... como delegado da providência junto a certas pessoas completamente inúteis. Porque você teria admitido que todos os sêres humanos possuem um valor místico além do valor que têm, ou do valor que lhes falta como membros da sociedade. Hoje em dia nós evitamos aturar as consequências de não mais acreditarmos nisto, dizendo que há alguma coisa *boa* em todos os homens. E com certeza há... mas quando o bem é tão pequeno comparado ao resto da sua personalidade... Isto é, a estupidez, o egoísmo, a preguiça!... Haverá algum sentido em que, de um ponto de vista puramente realístico, uma pessoa competente como você se esgote em benefício de um incapaz... de um legítimo mentecapto, por exemplo? Não se deveria olhar para as pessoas boas como se olha para um veio de minério, por exemplo — perguntando, será êle rico bastante para compensar o trabalho de o explorar? Se tivermos alijado essas noções religiosas sôbre a alma humana ser um valor infinito... seja ela embora uma alma pequena, mirrada e frugal numa grande e voraz carcassa?

— Oh, não —. Ida Elisabeth deu de ombros, cansada. — O senhor sabe: fazer tais perguntas, não adianta nada.

PETRÓPOLE TENIS CLUBE

Digitalizado com CamScanner

— A você e a mim, não. Não nos podemos livrar do velho conceito da vida humana, apesar de não acreditarmos nos dogmas sôbre a qual se baseia. Mas, daqui a uma ou duas gerações, você acredita que as passoas que forem plenamente eficientes quererão conservar a vida de todos aquêles que não podem fornecer uma fração do dinheiro que custa manter um ser humano? Não precisamos falar do bem e do mal, pois aí também as opiniões dessas pessoas serão diferentes das nossas.

— Isso será da conta dêles —. Ida Elisabeth meneou a cabeça. — Nós, pelo menos, não podemos ver uma pessoa se afogando porque não sabe nadar, sem nos importarmos.

— Não. Mas sempre houve gente que não se importasse. — Isto deve ser meu automóvel. — E falando de automóveis parece haver muita gente agora que atropela os outros e continua correndo sem parar para ver o que aconteceu.

Ciss Oxley entrou, o rosto redondo, vermelho do ar de inverno. Saúdou Fru Braato com ligeiro embaraço e disse — muito obrigada, uma chícara de café seria muito agradável. Se Fru Braato a desculpasse — ela mostrou o pé numa bota alta de ski que estava terrivelmente enlameada. Mas não fôra possível ir com o carro além da primeira das fazendas Mokhus. Oh, sim, ela entregara Sjur direitinho; pobre homem agora estava leve como uma pena. De modo que correra tudo otimamente; êles tinham subido a pé, de braços dados — a filha tinha ficado tão contente de tê-lo novamente em casa...

— Vê você, Ida, o que nós estávamos falando; quando sêres humanos têm de servir de providência para outros humanos. Eu não sou um advogado sem reservas dos asilos — se os velhos preferem suportar privações e conservar a liberdade, é pernicioso encerrá-los contra a vontade, excepto quando é absolutamente injustificável fazer-lhes a vontade e deixá-los sem tratamento. E a irmã Clara tem boas intenções, pobre criatura, mas eu não posso ouví-la cinco minutos sem ter vontade de cloroformizá-la — como é tagarela! Mas êste Sjur, com eczema senil e reumatismo — e a filha que lhe dava cada bocado de comida de má vontade e não tentava esconder quão ardentemente desejava o dia que êle esticasse as canelas — estava cheio de piolhos e desnutrido...

— Ela ficou muito contente de recebê-lo em casa agora, disse Ciss.

— Sim, por alguns dias.

— Ela está ansiosa por ficar com êle em casa para o Ano Novo; eu devia lhe dar êste recado e pedir para o senhor fazer o favor de arranjar as coisas.

— Hum, bom, há muita gente excêntrica.

— Mas afinal das contas, será assim tão excêntrico? Que Sjur se sinta infeliz vivendo numa casa de tijolos cercada de paredes caiadas de branco, onde nenhuma das pessoas com quem êle convive o conheceu nos dias em que era um homem válido? Brite pode pô-lo de lado o quanto quer e obrigá-lo sentir que não passa de uma pobre ruína, mas ao menos ela sabe o que êle foi e êle sabe que ela sabe, e cada pedra, cada pé de capim e cada lasca nas paredes de lá lhe são familiares desde o tempo em que trabalhava. E mesmo se ela não é muito boa para êle, há o laço de família — e êle gosta de Brite e dos filhos dela. Não, eu acho que deve ser horrível, quando já se é velho de mais para formar novos hábitos e novos conhecimentos; ser atirado assim numa casa cheia de velhos e velhas. Por que é que em vez disso a comuna não os ajuda a ficar nas suas próprias casas?

— Economia, Ciss!

— Ora! Deve ter custado tanto construir aquêle asilo, que êles bem podiam ter deixado os velhos ficar em suas casas, e passar melhor do que jamais tinham passado em tôdas as suas vidas, alguns dêles pelo menos... E não me consta que a sua manutenção atual não custe nada...

— Foi construído durante o encilhamento. Ciss, e as pessoas que a apresentaram falaram sôbre a causa do asilo. E as pessoas que controlam as coisas neste país são muito raramente do tipo que compreende que há realmente muita gente disposta a privar-se de muita coisa — mesmo da oportunidade de mexericar e meter o nariz na vida dos outros — somente afim de conservar o direito de fechar as portas aos que não querem ter acima dêles. Aqueles que hoje em dia passam por personalidades influentes, pertencem em geral à classe dos que só são felizes quando sentem a massa cercá-los por todos os lados. E que também possuem a mentalidade da massa em grau superlativo, o que os presserva de serem irredutíveis como condutores. Mas êles sempre têm em mente, que, se é difícil fazer as massas acreditarem em verdades desagradáveis, é absolutamente impossível tirar-lhes a crença em lisonjas e mentiras agradáveis.

— E' bastante difícil fazer com que elas desistam disso mesmo tomando os indivíduos um por um — disse Ciss Oxley.

Digitalizado com CamScanner

— Nenhum de nós gosta de verdades desagradáveis e todos nós somos vulneráveis à lisonja — a única diferença é que alguns podem suportar a lisonja simples, e outros têm que tê-la misturada num pouquinho de verdade, como óleo de fígado de bacalhau em caldo de cerveja, antes de poderem engulí-la.

— Entretanto há ainda uma coisa a ser dita a favor da aristocracia de sangue. Torna possível atingir o poder sem ser preciso ecoar as opiniões daqueles por cujo bem estar se é responsável.

— E o pior disso tudo, disse Ciss veementemente, é que numa aristocracia dá-se poder a um homem sôbre o destino dos outros, quer êle se sinta ou não responsável por seu bem estar.

O médico deu uma risadinha:

— Isso é aplicável a todos os sistemas — aristocracia, democracia, capitalismo e capitalismo de Estado — as qualidades que colocam um homem no poder e as que lhe dão um sentido de responsabilidade, não se acham necessariamente associadas, nem necessariamente se excluem umas às outras. Êle pode ter ambas as qualidades ou pode ter uma delas. Aliás, era a mesma coisa nas hierarquias, heim, Ciss? Mas o que há de pior em tôdas as democracias é que elas nos dão dirigentes que não sabem diferençar uma coisa da outra... Nem procuram esclarecer a si mesmos se estão pensando no bem-estar do povo ou na boa vontade do povo. Nós tínhamos uma instituição aquí na Noruega nos tempos das sagas, que era chamada "a servidão por dívida". Quando alguem contraia dívida sinsolvíveis, podia entregar os filhos aos credores, e aquêles tinham que trabalhar como escravos até terem ganho o bastante para pagar as dividas do pai. Não creio que se ensine hoje em dia, às crianças nas escolas, esta servidão por dívida. Mas elas estão fadadas a experimentá-la.

Ida Elisabeth sacudiu a cabeça: — Êles não terão uma vida divertida, os que vierem depois de nós.

— Não. E isto traz à baila a questão sôbre a qual estávamos conversando ainda há pouco. Será que os que vierem depois de nós estarão satisfeitos de suportar as cargas que *nós* ainda achamos nosso dever carregar? Ajudar a todos os que nem podem nem querem se ajudar a si mesmos? Obedecer a todos os velhos que vivem até morrer de morte natural, e que ainda fazem o possível para prolongar a existência? Sobretudo quando os jovens se convencessem de que os velhos resolveram determinar que êles viessem ao mundo e *quando* deviam

vir, e quantos deviam ser postos no mundo para arcar com as responsabilidades quando êles, os velhos, não pudessem mais suportá-las.

Ida Elisabeth ficou escarlate: — Quer isso dizer, Dr. Sommervold, que o senhor mudou completamente de opinião?

— Não, não mudei. Ainda não posso concordar aquí com Ciss, que acha que, ou as pessoas se devem casar e aceitar todos os rebentos que o Todo Poderoso queira mandar-lhes, ou entrar para um convento. Mas concordo que aquêles de nós que têm opinião diferente poderiam bem adotar a elevada moralidade que, ao que se diz, os ciganos antigamente praticavam — desaparecer por nossa livre e espontânea vontade, quando começamos a nos tornar incômodos aos nossos sucessores. Quando os filhos compreenderem plenamente que os pais se emanciparam da velha subordinação religiosa na sua vida de família... não estou falando meramente da religião cristã, mas de religiões de fertilidade, religiões de antepassados, crença no destino, e quejandas. Naturalmente é algo completamente novo que as pessoas cresçam sabendo que devem a vida a uma decisão tomada pelos pais, libertos das considerações por um poder mais alto, ao qual os pais se tinham que submeter. Assim, espero que tenhamos de nos conformar airosamente se a rocha do suicídio familiar voltar novamente à moda, sob uma forma qualquer.

— Uff, como o senhor fala, disse Ida Elisabeth.

Ciss Oxley disse seriamente:

— Mas eu já ouvi outras pessoas falarem assim — pessoas moças que dizem: "por que é que os pais não podiam ter comprado um cachorro ou um automóvel ou uma máquina fotográfica, quando pensaram em ter alguma coisa que lhes tornasse a vida interessante? Teremos que sofrer por isso durante sessenta ou setenta anos só porque êles têm a idéia de que deve ser encantador ter um bebêzinho?... e talvez ainda por cima sofressem da ilusão de que tinham capacidade para educá-lo e que também eram gente conceituada... e talvez tenham agido de acôrdo com o padrão da época. Gostavam de nós, naturalmente, fomos feitos afim de que êles pudessem entregar-se ao prazer de ter filhos — e quando a sua satisfação em nós fôr coisa do passado, teremos que adaptarmo-nos ao mundo organizado por êles — teremos que ver o que poderemos fazer com os dados fornecidos por êles, mesmo que os achemos impossíveis e repugnantes". A maternidade e a pa-

Digitalizado com CamScanner

ternidade voluntárias foram portanto praticáveis, mas que é que se deve fazer para impedir a infância involuntária? Bem, eu já tenho ouvido muitos argumentarem assim, o que pelo menos é consequente. E eu creio que é justamente nisto que consiste o pecado — lançar as criaturas numa trilha que terá de acabar na rocha do suicídio, se elas a seguirem até o fim.

— E' isto mesmo, Ciss, disse o médico. — Isto é, se encararmos a rocha do suicídio como uma coisa assim tão terrível.

— Eu encaro, pode estar certo. Mas se eu pertencesse à sua crença, disse ela provocadora, provavelmente consideraria mera sentimentalidade ter algum preconceito contra ela. Apenas mais um exemplo das pessoas rejeitarem às exigências que a religião lhes faz muito antes de renunciarem ao consôlo que ela lhes oferece.

— Você está me parecendo bastânte cínica, menina — pelo menos para uma pessoa educada num convento inglês.

— Isso eu não sei. Em todo o caso a Madre Anselma nos ensinou que tôdas as religiões são aspectos da vida — quanto mais perfeitas são, mais consistentemente determinam nossas noções sôbre todos os fenômenos que se nos deparam. Sua fé não é a minha fé, mas isto não impede que eu compreenda seus correligionários, quando chegam a conclusões de acôrdo com as doutrinas que aprenderam como crianças, não é?

— E quanto a você, Ida Elisabeth? — perguntou o médico.

— Eu? — ela gaguejou. — Eu me limito a fazer o que tenho que fazer e a sentir o que não posso deixar de sentir. Talvez seja por isto que o deus de Froken Oxley me castigue. "As crianças", disse o senhor ainda há pouco, Dr. Sommervold. Não é estranho? — eu também acho difícil acostumar-me... a não poder mais falar em meus filhos no plural. No verão passado eu ficava pensando comigo mesma: três crianças, não, Deus sabe como vou fazer para sustentá-las. E depois a questão foi resolvida para mim. Você acha que isso foi feito para me ajudar, Ciss, ou para me castigar?

Ciss ficou muito vermelha:

— Se nós acreditássemos que tôdas as desgraças eram castigos, não poderíamos ter festas para comemorar a decapitação de um apóstolo, ou o fato de terem arrancado os filhos de jovens espôsas para atirá-los às feras... ou o fato de missionários serem crucificados ou assados vivos e todo o trabalho de suas vidas apagado pelo fogo e pelo assassinato.

— Aí vem Frithjof. — Ida Elisabeth levantou-se de um salto. — Agora o senhor terá que ouvir tôda a história do acidente, Dr. Summervold. Mas eu tenho que ir e tomar o lugar de Olise, que tinha que engomar um pouco para mim esta manhã...

O Dr. Sommervold examinou Frithjof meticulosamente antes de se ir embora. Não havia absolutamente contusão alguma nem no joelho nem no braço.

— Não é nada bonito que um cidadão grande e forte fique por aí vadiando e não procure o que fazer — disse o médico quando se despedia.

— Não há muita probabilidade dêle arranjar alguma coisa por aqui — disse Ida Elisabeth, resignada.

— Não. Mas se fôsse possível arranjar uma colocação para êle em outro lugar, você acha que êle aceitaria?

— Isto é que eu não sei.

Na véspera de Natal o dia estava tempestuoso e turvo de neve. De acôrdo com o horário o navio devia ter tocado em Berfjord às nove da manhã. Como ainda não aparecera ao meio dia, Ida Elisabeth sugeriu que talvez tivessem que ficar em casa.

— Não, isso não! quando êles estão nos esperando... e a véspera de Natal é um acontecimento tão grande em casa, mamãe prepara sempre tanta coisa... Aqui nós não temos nada...

— Você sabe, eu fiz alguns bolos. — E olhou em volta da sala, que ela desobstruira, cobrindo alguns dos montes de mercadorias da loja com uma velha coberta e um tapete novo de pelúcia do seu sortimento. Mas não tinha nenhuma aparência festiva, e suas maletas estavam prontas sôbre a mesa. — E tenho porco em conserva e mocotó também; devem estar ainda frescos, mas...

— Não, isto não serve. — Nós comemoraremos a véspera de Natal direito como eu sempre estive acostumado. Com porco assado, salsichas, e uma árvore de Natal — coitado de Kalleman! — no ano passado êle estava no hospital, e êste ano também não vai ter uma véspera de Natal que preste?

Lá pelas duas horas o vapor chegou a Berfjord. Levou quasi quatro horas para chegar a Vallerviken e Kalleman en-

joou horrivelmente, se afligindo, choramingando e gritando alto de impaciência quando o navio virava. Havia mais duas pessoas na cabine das senhoras, e também estavam enjoadas — uma menina ainda pequena que estivera numa clínica de olhos na cidade e a irmã que fôra buscá-la. Vinham de uma fazenda das montanhas, quatorze milhas acima de Vettoland.

Os flocos de neve giravam em tôrno das lâmpadas no cais, riscando a luz, quando Ida Elisabeth subiu ao tombadilho com o menino nos braços. Por tôda parte no escuro havia os clarões brancos da ressaca e da chuva meúda, que enchiam o ar rugindo e sibilando; havia uivos, tumulto, e rangidos — o passadiço empinava e afundava, escorregava para cá e para lá, na beira do cais, e lá vinha o sogro; a água escorrendo da capa, o rosto vermelho e molhado:

— Que tempo de Natal, heim? O pior é que não pude arranjar um cavalo. Mas não é assim tão longe, vocês aguentarão bem.

Com tempo bom chegava-se a Vettehaugen comodamente em vinte minutos, mas com êste temporal e esta escuridão! — Céus, se ao menos Kalleman não ficar doente, pensou Ida Elisabeth.

As duas meninas ainda estavam dentro da cabine, falando com o pilôto — ninguém viera buscá-las, devia haver algum engano. Estavam horrivelmente cansadas da longa viagem; a que fôra operada estava chorando. Jens Braato precipitou-se para saber o que havia. As meninas conheciam gente aqui, mas era uma caminhada muito grande, pela práia.

— Eu acho melhor vocês virem para casa comigo, resolveu Jens Braato. Oh, sim, mamãe arranjará um lugar para voces; são muito benvindas. Teremos que pôr sua bagagem no' alpendre até amanhã. Por uma noite vocês terão que se contentar com uma *toilette* ligeira.

Naturalmente era impossível impedi-lo. Ida Elisabeth tinha o seu presente de Natal para Kalleman na valise; um par de pratos com flôres e uma caneca condizendo e a colher e o garfo do batizado de Solvi. Assim contava ter uma desculpa para ela mesma lavar as coisas da criança.

Na escuridão em tôrno havia vislumbres de luzes que pareciam estar piscando, quando as árvores batidas pelo temporal e a neve impelida pelo vento passavam pelas janelas iluminadas das casas ao longo da estrada. Jens Braato ia na frente

batendo com os pés, carregando o menino; as duas meninas desconhecidas vinham logo atrás, e depois vinha Ida Elisabeth, que tinha de segurar o braço de Frithjof para não ser arrastada, pois havia gêlo sob a neve e esta estava soprando tão depressa que ela quasi não podia manter os olhos abertos. Ela estava literalmente enterrada na neve, que depois começou a derreter-se e escorrer por seu pescoço abaixo — e seu casaco era muito fino. O corpo grande e sólido de Frithjof, ao qual ela se encostava fazia-a sentir-se como uma gralha desgrenhada à mercê do tempo, e ela estava tão nervosa a respeito do menino...

Ainda foi pior o esfôrço ao chegarem ao campo, mas afinal atingiram a floresta, onde a estrada corria através do pequeno promontório, e era abrigada. Ida Elisabeth estava sempre escorregando e Frithjof segurava-a, mas de uma vez ambos caíram e através da escuridão ela pôde ver as duas meninas estiradas no chão na frente — o barulho da floresta tornava impossível ouvir qualquer coisa.

Afinal a estrada começou a descer, o que ainda tornava pior manter os pés na superfície escorregadia. Aquí no interior sentia-se muito menos o vento; o estrondo do *fjord* tinha um som diferente, onda seguia-se a onda, ribombando na longa e arenosa práia da baía, e através da escuridão e do rugir do vento êles ouviam o zumbir da cascata, e agora podiam perceber as luzes de Vettehaugen.

Era realmente bom achar-se sob um teto, encontrar calor e luz e ouvir a porta da rua deixar para trás o rugido da noite tempestuosa que lhe atordoara a cabeça durante tanto tempo. Um cheiro bom de cozinha e o barulho de carne fritando acompanharam a sogra quando ela se precipitou da cozinha, corada do fogo e cheia de boas vindas e atenções. Else e Jarngerd foram despachadas em busca de meias sêcas, chinelos e sapatos: — Você não está muito molhada, não é? — ela passou as mãos pelas costas e braços de Ida Elisabeth — isto secará tão depressa; tôdas estas velas dão tanto calor... não pode se resfriar Lisken, minha cara! — e depois precipitou-se para as duas meninas estranhas. Eram muito benvindas — todos eram benvindos aquí, em tôdas as ocasiões.

E aquí estava delicioso. A sala de jantar de teto baixo estava cheia duma branda luz dourada e sombras delicadas de pequenas e vivas chamas; finas velas de sebo estavam em castiçais de cobre e socos de ferro com pés de madeira em tôda

Digitalizado com CamScanner

a extensão da mesa: — "Sem elas, não me pareceria Natal, disse Fru Borghild. Jens insiste em velas de sebo para a mesa de Natal porque é o que êles sempre tinham na casa dos avós em Vetteland. E folhagens em todos os cantos, é no que eu insisto". Havia ramos de urzes e abetos em volta de todos os quadros e atrás do espêlho. Kalleman olhava para todos os lados com olhos brilhantes que refletiam as luzes: estava tão abismado que não podia dizer palavra.

De certo modo também era uma festa ver tantos rostos em volta da mesa: pareciam todos tão bem sob aquela luz... Merete estava perfeitamente encantadora com as lustrosas tranças avermelhadas a lhe cairem sôbre o seio. Pensando bem, era a mais bonita de todos, não tão gorda como os irmãos e as irmãs, com os olhos mais abertos e o cabelo mais escuro e mais macio. Devia ter agora uns dezoito anos, a pequena Merete.

E era esplêndido ir comendo alguma coisa. Comeram o porco assado com um prazer solene e enquanto isso pouco falaram. E depois era bom sentir o apetite satisfeito. Ida Elisabeth ficou um pouco sonolenta; seu rosto estava ardendo tanto do tempo... Quando Else veio com a bandeja do café, Ida Elisabeth achou que realmente devia ter cochilado um pouco.

Depois as moças tiraram a mesa, e os meninos pequenos, Vikarr e Geirmund, ficaram ardendo de impaciência diante da porta fechada da sala de visitas. Mas afinal veio o sinal — uma nota arrastada de violino vinda de dentro. Os meninos atiraram-se de encontro à porta, escancararam-na; e lá estava a árvore de Natal cintilando e resplandecendo e Jens Braato à luz das velas com o violino sob o queixo: — No céu, no céu — era uma velha cantiga que êle estava tocando; nesse interim todos os outros se esgueiraram e sentaram-se em volta da sala. Jens Braato largou o violino e o arco, apanhou a grande Bíblia antiga e abriu os fechos de cobre.

Ida Elisabeth lembrou-se como, havia dois anos, fôra impossível fazer com que Solvi ficasse quieta enquanto Bebbe estava lendo o evangelho de Natal. Kalleman estava deitado com a cabeça no peito dela — olhando para êle, e ela descobriu que o menino adormecera.

E assim ela, nem se mexeu quando Jens Braato apanhou de novo o violino e a sogra sentou-se ao piano. Os outros formaram um círculo em tôrno da árvore de Natal. Borghild

Braato deu um acorde, o violino principiou, límpido e cheio, e todos se associaram a êle, cantando: "Soai, sinos, soai antes do amanhecer."

Mas, depois do primeiro verso, Borghild Braato parou, levantou-se e dirigiu-se a ela: — Você tem que vir também, minha cara Lisken, você e Kalleman. Venham — ela deu um beijo rápido e afetuoso no rosto de Ida Elisabeth. — E' Natal, você sabe! — Ida Elisabeth murmurou, confusa que os chinelos eram grandes de mais para ela, e a sogra desatou a rir num alívio feliz. — Tolice! Nós aqui aceitamos as coisas como são!

Ela quebrou a cadeia entre Frithjof e Helga, uma das meninas desconhecidas, pôz a mão de Kalleman na do pai, enganchou sua mãe do outro lado. — Aí! Agora Kalleman pode dansar em volta da árvore de Natal entre sua mamãe e seu papai... — Com um sorriso feliz a iluminar-lhe o rosto voltou para o piano e a música recomeçou.

Já era tarde e êles ainda não tinham exgotado o programa, pois em Vettehaugen tôdas as vésperas de Natal tinham que ser celebradas da mesma forma e não se podia esquecer nada. Os pais tocaram e os filhos cantaram todos os hinos de Natal e depois vieram "Cortando a aveia", e "Bosques de Zimbros", e os outros jogos, e depois as baladas para dançar. Depois disso vinha a distribuição dos presentes e doces de Natal, e finalmente a ceia, com porco em conserva, carne salgada e cerveja feita em casa —mas então Borghild Braato, saindo da ordem habitual, teve que arranjar dormida para suas duas convidadas inesperadas.

Resolveu-se que elas dormiriam juntas em uma cama do quarto das moças. E Borghild Braato trouxe um monte de cobertas e lençóis para a sala de visitas e fêz uma cama no sofá — Merete dormiria alí naquela noite.

A sala já estava quasi escura, só as velas do piano estavam acesas e havia um cheirinho quente de pavios apagados e abeto. Ida Elisabeth estava meio adormecida na cadeira de balanço junto à janela. Fora o vento zunia em volta da casa, de vez em quando a neve sibilava de encontro às vidraças, embora o temporal tivesse abrandado muito. Jens Braato estava dizendo que se o tempo estivesse bonito no dia seguinte e ninguém viesse buscar Helga e Lovise, êle pediria emprestado o trenó de Trie e levaria as meninas para casa; seria um magnífico passeio, em todo o caso havia lugar para seis e mais Kalleman.

Digitalizado com CamScanner

Ela tivera um trabalho enorme em deitá-lo — o menino estava terrivelmente estafado e berrara por ter que dormir com as roupas de baixo, êle queria a sua camisa de dormir. E ela ajudara Jarngerd a lavar as coisas. Agora estava cansada. Mas fôra certamente uma alegre véspera de Natal; êles eram agradáveis com seus modos alegres e descuidados, e era uma maravilha como o sogro podia tocar assim a noite tôda. Felizmente não tinham dito uma palavra sôbre aquilo; Frithjof estivera tão animado com tudo o mais que nem a mencionara.

A pequena Merete veio, despiu-se no canto e meteu-se na cama. A árvore de Natal foi transportada para um lado, de modo que seus ramos pendiam sôbre o pé do sofá.

— Você está bem instalada, meu tesouro? — perguntou a mãe entrando com uma bandeja tilintando com copos e uma garrafa. Êste era o presente de Frithjof ao pai, uma garrafa de vinho do Pôrto que lhe fôra dada por um viajante comercial poucos dias antes.

— Oh, sim, mamãe, aquí está ótimo e cômodo.

— Não se sente aí, cara Lisken, acho que você está numa corrente de ar — a sogra acendeu a velha lâmpada azul côr de luar e arrumou os copos sôbre a mesa; — venha tomar um copo de vinho, só lhe poderá fazer bem.

A casa estava calma — os bate-pés e ruídos dos quartos de cima morreram nuns derradeiros sapateados e barulhos abafados; o rugir da floresta e do mar do lado de fora tornaram-se tão claros... Um pé de vento bateu nas paredes, fazendo-as ranger e seguiu caminho gemendo. Só os pais, o filho e a mulher ainda estavam de pé, sentados em volta da mesa.

— Mamãe, não posso também tomar um pouco de vinho? — perguntou Merete do sofá.

— Não lhe pode fazer mal — disse Frithjof. — Dê-lhe um copo, sim, mamãe?

Os Braatos tinham sido abstêmios por muitos anos; Fru Braato ainda era membro da Liga, mas Jens Braato retirara seu nome, tendo chegado à conclusão de que o ideal não era abster-se totalmente e proibir que se bebesse, mas beber cerimoniosamente. — Como o nosso povo fazia antigamente. Então tôdas as fazendas tinham *cognac* em casa, mas não que alguém tocasse na garrafa! Esta ficava no armário meses a fio. Mas se viesse um convidado, traziam a garrafa, o cálice e o açucareiro! Um gole e uma pedra de açúcar, e depois outro gole para a outra perna... numa maneira elegante e cerimoniosa,

deixe-me dizer-lhes. E um gole para todos os braços, quando era preciso alguma coisa extraordinária, um trabalho pesado no mar ou em terra, para dar vida a um corpo cansado e gelado. Abstêmios o resto do ano — mas nas festas e enterros, êi, êi, — bom, direi somente isto: não acho que fôsse uma coisa assim tão terrível que êles tomassem um golinho a mais quando era ocasião de festa — aquêles camaradas, em geral, nunca abusavam do álcool. Mas agora — Deus nos livre, que estado de coisas! — venda ilícita de bebidas de contrabando e garrafas de bolso a que êles emborcam logo que dobram a esquina. Mas naturalmente, se Borghild pensa de modo diferente eu respeito a sua opinião; só peço que me deixem sossegado com as minhas convicções, mas respeito as convicções de *todo o mundo* quando são sinceras.

Êle apreciava o seu calicezinho de vinho do Pôrto de uma forma que era verdadeiramente comovente de se ver. Pobre homem, era realmente tão sóbrio quanto possível, mas como ficava contente quando tinha a oportunidade de pregar os seus sermões, enquanto sorvia o seu vinho em goles venturosos!

Oh, meu Deus, eu afinal gosto dêles, pensou Ida Elisabeth: seja como fôr, são tão inocentes — de meia idade, sem vintém, batidos pelas asperezas da vida — nunca foram adultos. E eu estou sem vintém, batida pela vida, porque nunca tive a oportunidade de ser verdadeiramente criança. Mas esta noite, pelo menos, nos distraímos, e já não é pouca coisa.

Jens Braato dividiu o que sobrava na garrafa entre o copo de Ida, o de Frithjof e o dêle: — Tenho certeza que a mamãe está cansada, e creio que vocês também estão; por isso aqui vai um Feliz Natal, que dure até à Páscoa — e beijou a mulher: — isto é para *você*, em vez da bebida.

Eram quasi duas horas. Ida Elisabeth estava cambaleando de cansaço quando se levantou e procurou ficar de pé.

Abraçados, os sogros tinham ido para o sofá onde a pequena Merete estava deitada, sob a árvore de Natal. Borghild Braato acenou para o jovem casal.

— Não é encantadora? — murmurou comovida —. Merete estava deitada com o rosto enterrado no travesseiro e as espêssas tranças como correntes sôbre a curva delicada dos ombros.
— Nossa meiga e linda filha, papai!

Ida Elisabeth e o marido ficaram esperando um tanto acanhados, enquanto o casal mais velho estava debruçado em adoração sôbre a mocinha, que parecia, no seu sono, um anjo de Natal. Depois Borghild Braato virou-se e abraçou a ambos.

Digitalizado com CamScanner

— Oh, minha pobre, minha querida Lisken! — Beijou-a, com calor, no rosto. Mas você não deve se esquecer, sim, faz-me lembrar aquelas lindas palavras de Grundtvig:

Mas duas pessoas que se amam
Podem curar as mais profundas chagas
Só com um terno olhar recíproco,
E nos cabelos um doce afago.

— Isso não é de Grundtvig, mamãe, é de alguém muito diferente, creio que é...

— Bem, bem, mas assim mesmo pode ser verdade — replicou rapidamente Fru Braato um tanto ofendida; — oh, é tão verdadeiro, tão verdadeiro. *E'* tão verdadeiro, cara Lisken! —. Beijou-a primeiro e depois o filho. — E agora acho que devemos ir descansar. Mais uma vez feliz Natal, meus queridos filhos.

No dia seguinte ao dia de Natal êles sempre iam a uma festa em Teie.

Havia só a família de Vettehaugen, mas êles eram nove, e os Meislings — o engenheiro e a mulher, Ciss, Sunniva e os dois meninos mais velhos que já estavam em idade de vestir *dinner-jacket*. Só isso já era muita gente.

Ida Elisabeth sentia-se irremediavelmente alheia a tudo. Ela reformara o seu velho vestido de *georgette* azul, mas não fôra muito bem sucedida — já estava muito velho. E Fru Meisling e as filhas, a bem dizer, não eram assim tão elegantes, mas davam essa impressão. Fru Meisling era realmente quase feia, com uma carinha enrugada e dentuça, mas parecia elegante, sempre de preto. As filhas pareciam ter saído de um figurino inglês, com o cabelo louro cortado a emoldurar-lhes o rosto sadio, e vestidos de baile verdes demasiado decotados. Desta vez Ida Elisabeth concordou com a sogra, embora não respondesse quando a outra fizera uma observação sôbre as costas nuas das meninas Meisling.

Mas a comida e o vinho eram excelentes, naturalmente. Jens Braato fêz a sua conferenciazinha sôbre "a cultura da bebida" e parecia estar se divertindo como nunca.

Ciss Oxley desempenhou o papel de dona de casa mais ou menos, e estava com um vestido verdadeiramente lindo, de veludo *chifon* cinzento côr de aço. Será que o velho Lars Sommervold está agora de ôlho em Ciss Oxley? pensou Ida Eli-

sabeth. Se ela o tivesse tomado a sério daquela vez no verão passado talvez pudesse ter sido a dona desta casa. Não que se arrependesse; nem por um minuto pensara em tomar a sério sua proposta. Mas que êle nunca mais tivesse aludido ao assunto, dava-lhe uma ligeira sensação de desapontamento. O pai lhe contara que na Espanha era hábito, quando um convidado elogiava a casa de alguém ou qualquer coisa nela, dizer: tudo o que tenho é seu. Mas a pessoa tinha que ter o cuidado de não tomar essas palavras ao pé da letra. Talvez se desse qualquer coisa de parecido com o Dr. Sommervold.

Ficaram sentados na grande sala de visitas com seus pegajosos cálices de licor na frente dêles e as últimas gotas de café frio nas chicaras; Fru Meisling estava no piano de cauda, no meio de uma infindável sonata — quando o Dr. Sommervold adiantou-se para Frithjof.

— Eu gostaria de conversar um pouco com você, se quiser ter a bondade de vir ao meu quarto —. Frithjof levantou os olhos, sobressaltado, mas atendeu e acompanhou o médico. Sempre que alguém dizia que lhe queria dar uma palavra, êle tomava logo um ar exageradamente garboso, como se esperasse que o repreendessem por alguma coisa mal feita, e estivesse se preparando para afetar surprêsa.

Mas depois de um ou dois minutos o médico voltou:

— Se você puder me dar um momento, Ida, há alguma coisa que nós gostariamos de discutir com você.

Bom, ela também não esperava senão coisas desagradáveis... Na sala de consultório, Frithjof estava sentado na cadeira destinada ao doente — seu semblante estava absolutamente mole e estúpido, mas quando ela entrou êle se endireitou, tirou uma baforada do charuto e aparentou um ar enérgico.

— O fato é, Lisken, que me ofereceram uma colocação por intermédio do Dr. Sommervold, e por isso gostariamos de saber o que você acha...

Era um lugar de *chauffeur* numa grande clínica particular fora de Bergen. O ordenado era de cento e sessenta coroas por mês com casa, luz e aquecimento; mas há isto — o doutor acha que eu devo ficar lá sozinho por enquanto, pois você não pdoeria deixar seu negócio que construiu com tanto trabalho. Seria deixar uma coisa certa por uma incerta...

— Você nem precisa perguntar, acho que devia ficar muito contente —. Ida Elisabeth percebeu que êle estivera esperando que ela levantasse objeções. — Em tempos como êstes, ter o

Digitalizado com CamScanner

oferecimento de um emprêgo tão bom! E ainda mais uma situação permanente!...

Êle *tinha* que aceitá-la... ela resolvera isto desde o momento que soubera do que se tratava. E quanto mais percebia que não só Frithjof como os pais queriam achar uma desculpa para êle não ir, mais irrevogável era a sua decisão de que êle a aceitasse.

Discutiram longamente o assunto ao voltarem para Vettehaugen, nessa mesma noite. Jens Braato se apegara a uma cláusula na carta, sôbre uma verba para uniforme: — Você sabe quão cordialmente eu tenho detestado uniformes tôda a minha vida! No fundo não são mais do que o sinal de que um homem comprometeu-se a obedecer às ordens de outra pessoa — o sinal do rebaixamento de um homem livre. Graças a Deus — pobre fui tôda a minha vida, mas um homem livre, patrão de mim mesmo e devo dizer que não gosto da idéia de meu filho ser forçado a receber ordens.

Será melhor ser forçado a receber auxílio? pensou Ida Elisabeth com uma sensação de desafio. Orgulhoso de mais para receber ordens, mas não para ser vestido por sua mulher ou aceitar assinaturas de amigos em documentos. Mas ela não disse nada.

— E há ainda mais! Não é propriamente um uniforme; não passa de uma libré. Não se poderia imaginar uma situação menos livre!

— Oh, mas realmente, papaí, é necessário num hospital; êles têm que ter gente que possa executar as ordens dos dirigentes. Aliás é a mesma coisa a bordo de um navio, ou numa fazenda, ou em qualquer lugar...

— Naturalmente, naturalmente, tem que haver quem dirija; mas tudo deve ser baseado numa cooperação voluntária e inteligente...

— Frithjof deve ser bastante inteligente para ver que precisa cooperar comigo para sustento de todos nós —. Ela mesmo se espantou por ter manifestado suas idéias a *êsse* ponto.

Mas então a sogra tomou-lhe a palavra:

— E' justamente *aí*, querida Lisa, que eu acho que você está enganada. Não creio que haja lucro algum se vocês tiverem duas casas, mesmo se Frithjof alugar um dos seus quartos ao porteiro e arranjar comida lá. Você sabe, há tantas outras coisas numa cidade. O dinheiro voa... Oh, minha queridinha Lisken, não é assim tão importante que se tenha um pouco mais ou um pouco menos para viver; a grande coisa é a afeição,

que os filhos se sintam rodeados pela atmosfera cálida, confiante a amorosa do lar. Pense nas dificuldades em que Jens e eu já estivemos muitas vêzes; bom, você não faz idéia. Mas eu lhe pergunto com franqueza: já viu um lar mais feliz e mais harmonioso do que o nosso?

— Não... — ela concordou. (Mas *eu* sou diferente. E talvez vocês tenham sido felizes porque são como são, e porque há outros que são diferentes).

— Então, você vê! — disse Borghild Braato radiante. — Não! fiquem juntos, meus caros filhos. Até agora vocês nunca passaram necessidade, eu sei. E é muito provável que Frithjof arranje alguma coisa por aqui — durante a estação de pesca do arenque, por exemplo...

Na manhã seguinte — êles deveriam voltar para casa pelo vapor da tarde — a sogra veio e contou-lhe a verdade sôbre Merete. Chorou muito ao contá-lo. Ela não dissera antes com mêdo de estragar-lhes o Natal.

— Mas estou imaginando quantos de nós estarão aqui juntos o ano que vem, quando os sinos de Natal estiverem tocando! Herjulf já se foi, há mais de dois anos, e êle gosta tão pouco de escrever, você sabe! Else deve ir para Oslo e Jarngerd para a casa de Gitta, e agora temos que mandar a pequena Merete assim para longe de nós. E se Frithjof também fôr embora... meu Deus, Lisken, você não compreende o que significa para mim, que estive sempre acostumada a ter o meu bando de filhos em tôrno de mim — e agora de um só golpe sou despojada de todos os meus tesouros terrestres...

— Bom, mamãe, mas ninguém pode esperar ficar com todos os filhos moços em casa só pelo prazer que êles lhe proporcionam. Algum dia também êles precisam de assumir responsabilidades. Você devia saber o que é perdê-los, quando êles ainda são tão pequeninos que a gente tem o direito de lhes dar tudo e de ser tudo para êles...

— Oh, sim, é verdade —. Borghild Braato enxugou os olhos. — E' justamente isto, responsabilidade. Parece-me que você está assumindo uma grande responsabilidade, se deixar Frithjof partir assim. Lembre-se como êle é moço, e tão bonito. Estou certa de que êle não faz por mal, mas você mesmo sabe como êle sempre foi atraente para as mulheres, desde criança. E de certo modo êle ainda é tão impulsivo e pueril. E acostumado com a vida de casado. Compreende o que eu quero dizer? —. Ela viu que a nora tinha ficado escarlate. — Oh, mas minha querida Lisken, é justamente isto que é natural

e belo na vida, o termos nascido para pertencermos assim um ao outro. E é por isto que nós mulheres devemos vigiar a chama sagrada, afim de que os nossos maridos não sejam levados a contrair relações impróprias e imorais — é só o que eu queria que você compreendesse. Você não deve arriscar a felicidade de ambos.

— Êle *tem* que ir. Se êle resolver ficar no seu emprêgo e prestar atenção ao seu trabalho, estarei pronta a ir juntar-me a êle. Posso vender o negócio e dedicar-me à costura ou a qualquer outra coisa em Bergen. Mesmo se estivermos mais apertados do que estamos agora, estarei satisfeita. Se ao menos puder ver Frithjof trabalhando.

Era inútil deixar-se transtornar pelas palavras da sogra. Se ela achara que devia fazer o possível para se conformar com uma situação em que se enredara, nunca passaria pela idéia dessa gente que talvez ela não se sentisse bem na sua posição. Por fazer o possível, ela queria dizer que teria que sustentar como pudesse as pessoas com quem se vira misturada, que devia se controlar e evitar cenas, evitar dizer-lhes coisas desagradáveis, exceto nas poucas ocasiões em que parecia haver esperança de que essas coisas fôssem úteis. Tinha também por êles um sentimento de benevolência, embora não os estimasse. E a sogra achava — pelo menos às vêzes — que ela era uma boa espôsa para Frithjof. Mas então só podia imaginar que fôsse porque ela amava Frithjof. A sogra supunha que êles se amavam. E Frithjof também o acreditava.

Amar... Ela ficava furiosa no seu íntimo quando se lembrava que um dia, havia já muito tempo, devia realmente ter amado Frithjof. Embora isso lhe parecesse incrível agora, embora se envergonhasse de pensar nisso, outrora ela se sentira realmente feliz em seus braços. Mostrara-se ardente e sem reservas quando o modo dêle deixava transparecer que êle ainda sentia que estavam em território proibido, mesmo depois de estarem casados — queria que êle se sentisse seguro, queria fortalecer seu orgulho. — Meu caro rapaz, agora você já é um homem...

Era intolerável recordar isto agora — no meio estava a época em que ela tivera que aprender pouco a pouco que o dia inteiro êle insistiria em permanecer como o seu filhinho irresponsável, imaturo, gordo e tagarela, sempre cheio de confiança em si mesmo, completamente falto de brio.

E êle nunca descobriu diferença alguma. De vez em quando, sem dúvida, tinha a vaga sensação de que ela recebia suas ca-

rícias... bem, não era exatamente como nos seus primeiros dias de casados. Mas se consolava com o pensamento de que afinal não eram recem-casados, sendo bastante razoável que ela de vez em quando estivesse cansada — tinha tanto que fazer... Mas não lhe ocorria, que fizesse uma diferença essencial em suas relações possuí-la porque ela desejava ligar-se a êle, ou porque se unira a êle de uma vez por tôdas, e, como seu pai costumava dizer, o que a gente assina quando está embriagado tem que sustentar quando está sóbrio.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO SÉTIMO

Ida Elisabeth manteve-se inflexível — fêz frente a tôdas as objeções levantadas por Frithjof e pelos velhos, descreveu a Frithjof tôdas as alegrias e vantagens da vida na cidade. Quando êle se tivesse aclimatado à vida do hospital e ela tivesse achado quem ficasse com o negócio, ela e o menino se reuniriam a êle. E descobriu com um lampêjo de surprêsa que era realmente verdade: aguardava esperançosa uma mudança dessas. Na cidade certamente não haveria ninguém que quisesse falar sôbre a vida dêles. Um *chauffeur* e a mulher, costureira. Talvez significasse descer na escala social, como diziam seus sogros, e, pelo menos para começar, êles não estariam muito melhor financeiramente. Mas poria um fim ao fato que os deshonrara durante tanto tempo — que êle se mantinha porque vivia com a mulher — e que ela era a mulher de tal homem.

Era verdade que até aquêle dia, Frithjof nunca mostrara embaraço por isso. Mas mesmo que a sua natureza fôsse tal, que de iniciativa própria, nunca procurava o que fazer, mas pelo contrário, tentava com tôdas as suas fôrças evitar o que lhe parecesse incômodo, não era impossível que aprendesse a gostar do trabalho, desde que se encontrasse nas fileiras dos homens que eram alguma coisa. Talvez chegasse a sentir orgulho de si mesmo — e êle sempre se interessava mais por automóveis e motores do que por qualquer outra coisa. E' verdade que contavam que êle também trabalhasse no jardim, quando tivesse tempo — disso gostava menos, mas com certeza poderiam

dar um jeito para ela ajudá-lo nisso. Oh, tudo correria bem — tinha que correr...

Ela aprontou a roupa dêle, e parecia que à medida que Frithjof via crescer as pilhas de camisas, roupas de baixo e meias na mesa da saleta, ganhava coragem para enfrentar o vasto mundo. Êle apalpava as peças de roupa e examinava as marcas com um F. B. em vermelho, que ela pregara em tôdas.

Ela realmente teria preferido fazer a viagem com Frithjof, para ver como seriam os alojamentos que êle teria. Mas absolutamente não tinha recursos. Em todo o caso estava de bom humor na calma tarde de inverno, de pé no cais a dizer adeus, enquanto o vapor se delineava na direção dos recifes avermelhados, na névoa gelada — deixando, atrás de si um espêsso e inerte rasto de fumaça, que se refletia, negro, no mar cinzento.

A casa ficou muito quieta depois da partida dêle.

Kalleman não gostava nada de sair de casa. De vez em quando, naturalmente, havia intervalos de mau tempo, e ela tinha que mantê-lo em casa. Mas se houvesse só um ou dois graus de geada, êle estava novamente na porta quasi que imediatamente após a mãe tê-lo vestido e deixado sair. — Mamãe, estou com tanto frio —. Nunca chorava, mas tinha um ar tão aflito! Mesmo quando ela o levava para junto de um grupo de outras crianças, logo fugia dos jogos e ficava lá parado...

Às vêzes ela se revoltava de impaciência — nunca tinha tempo para levá-lo a passeio! Só uma vez durante o inverno êles tinham ido passear juntos, subindo a ponte e ao longo do Rio, no domingo depois da partida de Frithjof. Estava um dia frio, mas êle não se queixara, estava ocupado de mais falando e fazendo perguntas — e vinha com uma côr tão bonita quando voltaram...

Mas ela só podia estar contente por ter muito trabalho na loja. O dinheiro era bem necessário. Merete precisara de uma quantidade de roupa branca nova antes de ir para o sanatório, e Else e Jarngerd precisavam de mil coisas antes de partirem. Por tudo isso não recebeu nada em dinheiro; a sogra prometeu-lhe um presunto, manteiga e peixe. Às vêzes Ida Elisabeth quasi não sabia como ia cobrir êsses excessos.

Como presente de Natal para Kalleman, Jens Braato fizera uma mesinha e uma cadeira, e ela lhe permitia tê-las na loja, meio escondidas atrás do balcão, agora que a mãe tinha

que prendê-lo tanto em casa. Êle ficava sentado quieto como um ratinho, desde que ela lhe desse um lápis e papel.

Seus desenhos pareciam meros rabiscos, mas sem dúvida tinham algum sentido para êle. Fazia umas salsichas finas e compridas com uma espécie de franja na extremidade inferior, que representavam pessoas; *isto* eram as mamães e os papais e as crianças, explicava, e *isto* eram os homens de pé no embarcadouro, quando chegava o navio, e *isto* eram dois homens zangados um com o outro. Um dia desenhara um círculo e enchera-o com sombreado negro. — Que significava aquilo? — perguntou Ida Elisabeth. Carl levantou os olhos murmurou num tom estranho e amedrontado: — Isto é quando êles são enterrados — e rapidamente empurrou o papel para longe.

Para a Páscoa ela comprou para o menino uma caixa de lápis de côr. No Domingo choveu a cântaros, de modo que os dois ficaram sentados na cozinha depois dela ter tirado a mesa do café. Fôra êste o único lugar da casa que Ida Elisabeth conseguira tornar bonito. Gostava do amarelo claro das paredes, e para a Páscoa ela mesma fizera novas cortinas para a cozinha de um resto de *voile* de algodão com florzinhas verdes. Olise areara os utensílios de alumínio, e ela arrumara os pratos e chícaras de acôrdo com a côr e pusera toalhas de xadrez vermelho na mesa e na cômoda. Sentia certo confôrto agora, sentada alí — a jardineira de cebolinhas e salsa estava tão verde e fresca! Ela sentiu-se inclinada a ficar sentada um pouco, e simplesmente gozar a folga — não começar ainda nada de útil. Se ao menos tivesse um livro divertido, pensou, e um pedaço de chocolate...

— Mamãe, a senhora não sabe desenhar? — perguntou o menino de repente.

— Eu já soube desenhar um pouquinho, quando era menina.

— E não sabe desenhar mais?

— Não sei, Carl, há tantos anos que não experimento.

O menino veio e pôs seu material de desenho no colo dela:

— Oh, experimente mamãe. Acho que a senhora deve saber!

Ela fizera-lhe uma espécie de caderno de desenho, com papel de embrulho de diversas côres. E teve um súbito impulso de desenhar com o lápis branco no papel marron... do lado áspero. Costumava desenhar particularmente bem aves, quando era criança.

Digitalizado com CamScanner

— Que vai ser isto? — perguntou o menino, curioso, debruçado sôbre a mesa, em frente a ela.

— Um pombo, supõe-se que seja. — O primeiro não saiu muito bom, mas seus dedos pareciam lembrar-se, à medida que continuava, como ela fizera quando os desenhava de frente, de lado e de baixo, quando adejavam e voavam... e um pombal, e o teto de uma casa com uma mansarda e o rosto de uma moça olhando para fora, e árvores verdes por trás...

Depois de ter começado ficou tão distraída que se tornou quasi impossível parar. — E agora com *êste!* — suplicou Carl, estendendo-lhe o lápis roxo. — Ida Elisabeth virou as páginas e desenhou no papel azul claro, uma montanha com água por baixo e um vaporzinho sob o penhasco; tomou novamente o lapis branco e pôs umas listas brancas no cimo da montanha: — Isso é neve, Carl —. A respiração quente do menino veio-lhe de encontro à testa, os olhos do menino estavam quasi a saltar das órbitas; estava tão absorto que só podia pronunciar uma palavra arquejante de vez em quando, enquanto ela desenhava cestas de flôres, e dois cabritinhos dando uma marrada, e crianças com uma corda de pular e três moças sentadas num banco com as cabeças juntas, o que fazia Kalleman prorromper numa risadinha de gôso.

Depois ela mesmo se admirou, por que nunca lhe passara pela cabeça desenhar para seus filhos. Mas pensando em Frithjof sentiu uma repugnância súbita — ela não teria podido fazê-lo nem agora, se êle estivesse em casa — mas nem sabia por que.

Isso fêz com que desenhasse para Kalleman bastante frequentemente depois — se êle via que a mãe tinha um momento de lazer à noite, vinha e imediatamente pedia-lhe que desenhasse. E era interessante ver como o que ela fazia era visível nos rabiscos dêle: estava procurando copiar o que a mãe desenhara para êle.

Frithjof nunca fôra muito bom correspondente, de modo que suas cartas eram raras e não diziam grande coisa. Mas parecia estar muito animado. Falava-lhe das roupas que comprara — um terno azul, um sobretudo de primavera, sapatos com sola de borracha crúa. Bom, êle realmente precisava, pobre rapaz. Mas um belo dia surgiu um aspirador de pó e uma carta de Frithjof: comprara-o para ela a prestações. Ela teria preferido que em vez disso, êle lhe tivesse mandado algum dinheiro... estava tão desesperadamente necessitada de dinheiro... A comida que a sogra mandara, viera muito a propósito, mas ela estava sempre com pouco dinheiro — em primeiro lugar para os atacadistas e depois havia a iluminação, os impostos, e o ordenado de Olise nos dias em que ela vinha ajudar. Leite, pão e algum açúcar ela tinha que comprar — e mais algumas coisas; ela e o menino não podiam viver unicamente do presunto e manteiga de Vettehaugen. Levou ovos para vender na venda, mas o preço era tão baixo que suas galinhas quasi que não pagavam a própria comida. Mais uma vez adiara a compra de sapatos para si e parecia que ainda teria que adiá-la por muito tempo; para comprar calçado novo para Kalleman, fôra obrigada a retirar dinheiro da sua caderneta da caixa econômica.

O aspirador de pó podia ser uma boa coisa, especialmente para limpar a loja, se Frithjof continuasse a pagar as prestações, mas duvidava que êle pagasse as prestações com regularidade, e era mais do que ela poderia pagar.

Não podia esperar vêr-se livre do negócio por enquanto. Havia na verdade duas senhoras que gostariam de ficar com êle, mas o pagamento à vista que podiam oferecer era tão insignificante, que ela não ousava aceitar nenhuma de suas propostas.

Mas a êsse tempo já estava acostumada com dificuldades de dinheiro — como quem se habitua a uma doença crônica. E apesar de tudo estava mais feliz e sossegada do que se sentira havia muito tempo — sentia que afinal era moça e saudável. Nas tardes em que estava trabalhando no jardim ou sentada à mesa do jantar com o menino, escutando suas tagarelices, acontecia às vêzes que tôdas as suas ansiedades desapareciam na linha do horizonte por horas a fio. Carl, como costumava chamá-lo agora... — no íntimo sempre achara Kalleman um nome desagradável e enjoado para a criança, mas fôra Frithjof quem o inventara; na realidade provinha dos avós; era hábito de Vettehaugen pôr todos êsses apelidos. Ela também nunca suportara que êles a chamassem de Lisken; ninguém jamais o fizera.

Nesse verão não esteve muito com êles. Quando estava bom tempo saía a passeio com Kalleman quasi tôdas as noites, depois da hora de fechar. Subiam a encosta do rio, seguiam ao longo da praia para Vestnaes, ou pelas estradas para o interior. Sentia-se mais inclinada a parar e conversar com as pessoas que encontrava. — Êle cresceu bem esta primavera,

Digitalizado com CamScanner

diziam de Carl, e — como a senhora está bem disposta, Fru Braato —. Mostrava-se mais disposta a conversar com os fregueses e rir do que êles lhe contavam. Subconcientemente presumia que não havia muito mais a ser dito sôbre sua vida; não imaginava que os veranistas discutiam a ausência de Frithjof e o que isso podia significar.

Às vêzes era convidada à casa dos Esbjornsens para tomar café. — Domingo de tarde — e de vez em quando visitava Marit para ver suas flôres. Ganhou uns galhos de fucsias e um pequeno Luiz Felipe, que já estava florindo.

Carl não se deitava com tanta boa vontade e sem protestar naquele verão — às vêzes ela tinha que ser realmente severa com êle. E quando afinal conseguia enfiá-lo na sua camisola, êle tentava fugir — saía saltando com pulinhos débeis e sem prática e ensaiava gritos selvagens. A mãe pegava-o, punha-o no colo e levava-o para a cama:

— Ai, basta por hoje. Agora você vai se deitar como um bom menino e dormir! Meu garoto, meu garoto, meu garotinho... Abraçava-o e beijava-o com os olhos bem apertados para reter as lágrimas. O pensamento de Solvi estava sempre perto, seguia-a como uma pequena sombra; uma hora parecia estar logo atrás dela, outra hora a seu lado. Mas quando estava lutando para pôr o menino na cama de noite, parecia que o riso de Solvi estava em todos os cantos, e era inconcebível que a criança não estivesse em algum lugar pelos quartos, esperando que a mãe a pegasse a seu turno.

Frithjof escrevia de vez em quando, contando os grandes planos que tinha em mente. Comprara um ótimo violino muito barato e agora estava novamente estudando; no inverno seguinte tomaria algumas lições, talvez assim pudesse ganhar alguma coisa. Depois propunha a Ida Elisabeth comprarem um automóvel de segunda mão; queria trabalhar por conta própria: — Ande depressa, venda o negócio e venha; você verá como nos daremos bem. Lá pelo outono escreveu que estava "recordando o que sabia de contabilidade e cálculos" — uma senhora que conhecera no hospital oferecera-se para dar-lhe algumas lições e também ensinar-lhe inglês, se êle quisesse.

Ida Elisabeth em resposta escreveu animando-o a permanecer na colocação que tivera tanta sorte de obter. Ela riu de si mesma enquanto escrevia — a carta era de uma prudência tão complacente! Louvou-lhe as virtuosas intenções em relação ao violino e às línguas estrangeiras — e riu. Bem, tinha que

fazer assim. Mas agora que êle estava longe, não sentia tanto o fato do marido ter que ser tratado como uma criança, com elogios e admoestações.

Quando a firma onde Frithjof comprara o aspirador de pó mandou cobrar as prestações atrasadas, ela ficou um tanto aborrecida mas assim mesmo riu.

Por exceção telefonou ao Dr. Sommervold: — O senhor não acha que já é tempo de ter um aspirador de pó em Teie? Conseguiu que êle o aceitasse e salvou as cinquentas coroas que tivera que pagar dos seus reduzidos cofres. Nessa tarde comprou quatro bolinhos de creme como um banquete para Carl e para si. — Então, não estava ótimo? —. Deu um beijo barulhento no rosto do menino, que estava redondo e firme, e que tinha migalhas de bolo até nos olhos. — Sua mãezinha foi extravagante...

Por Deus que fôra, e sua extravagância não passara disto. Riu sozinha com displicência — recordações meio esquecidas da infância perpassaram-lhe pelo espírito: um pátio de palmeiras em Copenhague onde tomara chá com o pai; Langelinje, correndo as lojas com a mãe — ganhara um vestido de baile todo feito de renda Irlandesa e um casaco de nútria e escôvas de tartaruga com uma coroa, um monograma e um brasão em ouro, coisas que sem dúvida tinham sido vendidas por refugiados de guerra. E no hotel em que se tinham hospedado, o banheiro pertencente a seu quarto parecia feito de mármore. Imaginar que outrora podia ter tido tudo o que quisesse pedir... Deus sabe como acabariam as coisas se essa magnificência tivesse durado. Ela já quasi que se esquecera disso tudo, mas naturalmente naquela época adorava tudo quanto era luxo. E, provavelmente, se se fôsse dizer a verdade, tinha jeito para a paixão e a extravagância — tão irresistivelmente indignada com as cenas desagradáveis em casa, e tão delirante quando se atirara a Frithjof. — Bem, a vida conseguira pegá-la e arrastá-la Agora, pensou, quasi com certa arrogância, não tinha muita importância. Se fôra impetuosa como um potro, sentia-se agora forte como um cavalo — saberia suportar sua carga e é divertido abrir caminho... Quatro bolos de creme... E' engraçado afinal das contas achar que uma coisa dessas é disperdício. — Venha Kalleman, mamãe vai fazer ginástica com você. Não nos divertimos esta tarde?...

Um dia, durante o outono, a sogra veio, trazendo um grande cesto de peras: — São tão deliciosas, Lisken, que sentí que tinha que lhe trazer algumas. — Borghild Braato estava radian-

Digitalizado com CamScanner

te. Mal tinham chegado na cozinha e Ida Elisabeth tinha pôsto a chaleira esquentando para o café, a notícia explodiu:

— Oh, minha cara Lisa, estou tão feliz! Podia cair de joelhos agora mesmo e agradecer a Deus — bem, e já o fiz mesmo, pode estar certa. Imagine, Merete está noiva! E terá um marido esplêndido!

Era um doente no sanatório de tuberculosos; chamava-se Frede Nordbo e vinha de uma grande fazenda lá em Nordmore, com armazém, moínho, e tudo mais. E tinha um caráter tão excepcionalmente belo, e correto, um perfeito *gentleman*, escrevia Merete.

Borghild Braato começou a soluçar serenamente:

— Vê você, Merete estava atacada muito mais seriamente do que lhe dissemos. Oh, estive tão alarmada com ela, Lisken. Ela foi sempre delicada, nem de longe tão robusta como o resto de nossos filhos, e depois, você sabe, tinha aquêle ar indescritível, como se não pertencesse a êste mundo. Mas agora sinto-me tão confiante, você compreende, agora que o amor lhe apareceu, Deus não pode deixar de querer que ela se restabeleça, pois Deus é o Deus do amor, Lisa!

Ida Elisabeth tirou as chícaras de café. Olhou para a outra, que sorria através das lágrimas, e absteve-se de perguntar se o namorado de Merete também estava em vias de restabelecimento. E Fru Braato nada disse a respeito. Descreveu em côres resplandescentes tudo o que Merete poderia fazer pelos irmãos e irmãs: Vikarr se tornaria negociante, pois sem dúvida se poderia associar ao cunhado, e Merete levaria Jarngerd ou Else para casa, pois não era forte e precisaria de muito auxílio: — Oh, você sabe, num lugar grande assim há trabalho para muita gente...

— Sirva-se, mamãe — Ida Elisabeth ofereceu-lhe o prato de sanduiches de presunto. Novamente sentiu-se dominada pelo mesmo sentimento estranho, ternura e antipatia ao mesmo tempo. Havia realmente um quê de magnífico na afeição confiante dos seus — e essa cegueira a tudo que ficava fora do seu ninho.

— Que presunto delicioso. Não, não me diga que é o que eu lhe mandei? Não sei, Lisken, mas tudo parece ter um gôsto tão bom na sua casa.

Borghild Braato falava enquanto comia: — Bom, realmente às vêzes parece até que Deus quer amontoar carvões ardentes sôbre a minha cabeça. Quando me lembro de como estava

no Natal passado. E aquilo justamente significaria a ade para Merete; imagine, talvez tenhamos ambos em ste Natal. E o meu Fifi que me afligia tanto... também abou bem, sim, porque você tem sido uma mulher exce- para êle, Lisken — isso é o que eu sempre lhe escrevo, pobre rapaz. Estou certa que está louco para voltar para casa. Mas agora, graças a Deus, êle virá para o Natal.

— Sim, êle está contando com uma semana de férias. Mas ainda falta muito tempo, a senhora sabe, e daquí até lá pode acontecer alguma coisa que o impeça —. Mas depois ela achou que era detestável da sua parte não se abster de jogar água fria nas resplandescentes visões que a outra tinha sôbre glórias vindouras.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO OITAVO

Frithjof veio para o Natal. Estava esplêndido — só gordo de mais, mas isso era um sinal de que se dava bem com a nova vida. Fôra uma experiência e a [illegible] bem sucedida. Por isso, Ida Elisabeth deixou-se contagiar pelo seu prazer de estar novamente em casa; [illegible] com uma espécie de alegria bem humorada a que Frithjof estivesse sempre atrás dela, onde quer que ela fôsse. Êle [illegible] elusivo nas suas descrições da terrivel solidão com que lutava na cidade: — mas você tem tido um pouquinho de saudade de seu marido de vez em quando, não é, Lisken? Você não pode negar, não é? Estreitou-a de novo num violento abraço. Ela sentia quão pequena e fraca era em seus braços, calculava que devia ser insensível e desagradável — tinha que prestar atenção para não se tornar uma megera, pois havia um não sei que nesse homem gorducho e de boa fé que fazia levantar-se nela um protesto. Por isto riu, enquanto se desprendia dos braços dêle: — Um pouquinho, como você deve saber... — e mansamente aceitou o seu beijo.

Estava um tempo bonito e calmo naquele Natal — um raio de sol dentro da névoa e um colorido verde sôbre os campos nus, quando chegaram a Vettehaugen na manhã da véspera de Natal. Merete e o noivo não tinham podido vir, mas uma grande fotografia do casal estava sôbre a mesa de Natal entre velas e urzes. O noivo tinha um rosto comum, até bonito, com a enorme cabeleira crespa penteada para trás — gosta tanto de música! — declarou Borghild Braato. Else

Digitalizado com CamScanner

também estava faltando à mesa do Natal dêste ano; obtivera uma colocação doméstica nas vizinhanças de Oslo. Mas foi mais ou menos esquecida no espalhafato todo feito sôbre a irmã.

Levaram a cabo todo o programa costumeiro de Natal, mas Ida Elisabeth não conseguiu provocar em si mesma a sensação que tivera no ano anterior. Lembrou-se de que então seu coração se animara apesar de tudo — porque havia alguma coisa que a comovera na afeição que êles sentiam uns pelos outros e no seu prazer, suas canções e sua música, com a tempestade rugindo pelos cantos da casa e a neve assoviando de encontro as janelas: — havia alegria e ansiedade no coração de todos, que êles silenciavam por causa do Natal. Êste ano estavam todos tão animados que ela não podia acompanhá-los: até o pequeno Vikarr estava todo solene ostentando a dignidade de um futuro homem de negócios. Na realidade deviam ser lastimados se tudo aquilo não passasse de uma desilusão. Mas em todo caso tinha que haver alguma contrariedade, e Ida Elisabeth sabia que era ela que teria que escutar suas queixas e testemunhar as lágrimas da sogra, que sempre a comoviam tanto, e a surprêsa triste e inocente do sogro vendo que sofrera mais uma desilusão. Chegava a tremer antecipadamente pensando na compaixão que êles esperariam dela, aumentada naturalmente por todos os outros pedidos que êles lhe fariam.

No momento, tudo que lhe pediram foi que fizesse vestidos novos para a sogra e Jarngerd; Borghild Braato tinha fazenda, de modo que era só questão do trabalho e dos enfeites. Mas era sempre difícil achar tempo, e justamente agora ela estava com as mãos cheias com a visita de Frithjof e tinha que fechar seus livros comerciais do ano. Mas êles precisavam das roupas em janeiro, quando era possível que Frede e Merete viessem visitá-los. Frithjof expandiu-se enormemente nos dias que passou na casa dos pais; gabou-se de suas proezas, falou em automóvel até dizer chega, e também tocou violino para o pai ouvir. Isso era uma coisa que Jens Braato podia perfeitamente julgar, mas êle pareceu muito satisfeito com a exçepção do filho ao violino; Frithjof abandonara o instrumento havia já muito tempo, mas mesmo dando êsse desconto o pai achava que êle tinha feito grandes progressos. Frithjof tinha também muito que contar sôbre a senhora que lhe dera algum treino comercial; insinuou que ela estava um tanto apaixonada por êle, mas naturalmente êle não gostava dela

nesse sentido; sentia-se à vontade com ela e eram bons amigos, mas ela era bastante velha e nada bonita. Nem mesmo isto pareceu escandalizar seus pais, embora fôsse mesquinho da sua parte falar assim da amiga, Kamila Arne. Nunca a mencionara a Ida Elisabeth e ela não se preocupara em indagar dos seus estudos porque, para começar, não tinha certeza de que fôsse verdade o que êle lhe escrevera a êsse respeito. Aliás, a maior parte do que êle contava ao pai e à mãe podia muito facilmente ser invenção.

A casa em Teie estava fechada naquele Natal; o doutor Sommervold fôra visitar a nora que estava doente — acreditavam que fôsse câncer, Borghild Braato ouvira dizer. Entretanto quasi parecia que o pessoal de Vettauhgen estivesse um tanto ofendido de se ver privado da sua festa de Natal dêste ano em Teie.

Ida Elisabeth passou todos aquêles dias de férias ansiosa por que chegassem os dias de trabalho. Fizera uma grande coroa de ramos de pinheiro, e tencionava ir à casa do coveiro e comprar bolas de neve ou tulipas; a mulher dêle em geral cultivava essas plantas na estufa para enfeitar túmulos. Subconcientemente Ida Elisabeth ansiava por êste passeio ao cemitério, pois lá poderia estar só, chorar sem ser incomodada e ter uma ligeira pausa para deixar de ser artificial, dócil e ponderada. Mas Frithjof vira-a sair com a coroa no braço e veio correndo atrás. Ela desistiu de comprar flôres na casa do coveiro e depois de colocar a coroa sôbre o túmulo ficou simplesmente de pé esperando, enquanto Frithjof olhava para a confusão de grama gelada com um olhar fixo e comovido: — A nossa linda, a nossa queridinha, sinto como se não pudesse acreditá-lo, mesmo agora, que ela jaz aqui. Você pode ter a certeza de que tenho pensado muito em Solvi, à noite, na cidade, sentado sozinho no meu quarto...

No segundo dia do Ano-Novo Frithjof partiu. Ida Elisabeth deixou de fazer o inventário de suas mercadorias para ir levá-lo a bordo. Nos últimos dias, desde a sua volta de Vettehaugen, quasi não tivera tempo de conversar com êle, e agora estava assoberbada com o movimento dos negócios do Ano-Novo.

Ela ficou bastante amolada quando notou certas sensações em seu corpo que já conhecia há muito tempo. Natural-

Digitalizado com CamScanner

mente podia ser que não significassem nada, mas não tinha muita esperança. Bem, nesse caso teria que aceitá-lo com calma. Para Carl, em todo caso, talvez fôsse bom que não continuasse a ser o único. O menino tinha um temperamento que necessitava a sua mais cuidadosa atenção, mas ela às vêzes achava que não lhe podia fazer bem aquilo dela estar a vigiá-lo incessantemente. Carl gostava enormemente dela, graças a Deus, e de certo não era possível a uma mãe gostar de mais dos filhos. Tudo dependia com certeza da espécie da amizade. Ela mesma, no íntimo, gostava tanto do pai e da mãe que ficou muito espantada de ver como a afeição que tinha por êles sofrera pouco com a furiosa revolta que a excitara quando os vira destruindo a si mesmos. Fazia pensar na ferrugem que ataca os mais sólidos objetos de ferro: êles podem estar completamente vermelhos do lado de fora e a gente pode arrancar-lhes grandes lascas da superfície — o que é afinal muito pouco, comparado com o âmago maciço que está firme e intacto. Mas não gostaria de ver seus filhos gostarem de alguém assim. Embora talvez fôsse melhor do que gostar dos pais como Frithjof e os irmãos e irmãs gostavam de Jens e Borghild; nem havia cálculo em seu sentimento, êles pensavam tão pouco nos pais: agarravam-se apenas a êles como os filhotes de passarinhos se agarram ao ninho enquanto não têm recursos. E êles gostavam tanto dos filhos quanto era possível; era só a forma da sua amizade que era tão maluca. Não fazer nunca uma coisa sem ter em mente o que era melhor para os filhos, mas nunca deixar que êles vissem que eram sua preocupação constante — a regra dela devia ser mais ou menos essa — e depois, não devia mimar muito Carl, no momento, não podia evitar certo tremor íntimo sempre que se lembrava da nova possibilidade. Justamente agora precisava de tôda a sua saúde, afim de não ter que pensar no corpo; aliás, precisava estar tão bem que pudesse satisfazer suas exigências com o mínimo de comida e de sono e uma coisa dessas significava despesas extras, por mais barato que fôsse.

No fim de janeiro recebeu uma carta de um advogado em Sogn. Dizia que soubera que ela pensava passar o negócio e que nesse caso êle poderia encetar negociações com ela em nome de duas senhoras idosas, filhas do antigo pastor de Rostesund. Se ela estivesse disposta a levar em conta a sua proposta êle viria a Berfjord, caso o desejasse, para uma conferência pessoal. Ida Elisabeth respondeu, sem um minuto de demora, que, de qualquer modo, gostaria de dados mais precisos; seria melhor,

naturalmente, se pudessem se encontrar e discutir o assunto pessoalmente. Como estavam as coisas, era melhor realizar o seu plano de juntar-se a Frithjof. Ela teria que empregar o máximo esfôrço na tentativa de auxiliá-lo, afim de que êle pudesse conservar o seu lugar. Se ambos trabalhassem para casa com certeza seriam bem sucedidos e ela se libertaria da sensação de opróbrio, que era o pior de tudo — a sensação de que não podia nem respeitar nem confiar no homem que era o pai de seus filhos.

A correspondência com o advogado em Sogn desenvolveu-se em linhas muito promissoras; êle acenava-lhe com a perspectiva de uma visita em princípio de março. Por isso ela escreveu a Frithjof dizendo que agora tinha esperanças de desfazer-se do negócio de modo que ela e Carl poderiam juntar-se a êle. Não queria dizer ainda nada sôbre o novo fator na situação. Não valia a pena amedrontá-lo ainda com a perspectiva de maior responsabilidade.

Mais ou menos uma semana depois de ter mandado esta carta, estava na loja medindo uma fazenda para uma mulher de Helle. Ouviu a porta dos fundos se abrir, e uma voz — mas certamente era a voz de Frithjof — e um momento depois Carl apareceu, correu para ela e murmurou numa voz amedrontada:

— Mamãe, papai está outra vez aqui. Está sentado no caixote de lenha...

— Desculpe-me, disse ela à freguesa — e para Carl: — Oh! eu quero é que você ande depressa. Vista-se, corra à casa de Olise e pergunte se ela pode vir imediatamente. Foi até à cozinha.

Lá estava sentado Frithjof, inclinado para a frente, com a cabeça entre as mãos e com as duas valises no chão diante dêle.

— Mas Deus do céu, Frithjof, que é que há? Você está doente?

Êle ergueu a cabeça, olhou para ela com ar tragicamente doloroso. Depois levantou-se e veio até ela:

— Bem, aqui estou de novo, Ida Elisabeth! —. E com isso abraçou-a. — São meus nervos, vê você. E por isso eu não podia fazer outra coisa, tinha que vir para casa! Oh, Lisken, como tenho tido saudades de você!

Digitalizado com CamScanner

— Bem, mas agora tire essas roupas, sim, e vá para a saleta; o fogo lá está aceso. Desculpe-me um momento, estou servindo uma freguesa...

A mulher de Helle também queria três jardas da fazenda para um vestido de criança; Ida Elisabeth tirou das prateleiras peça após peça de fazenda de lã: — Quem sabe se uma musseline não serve? ou uma lã escocesa? A mesma de que Ola Markussen comprou um pedaço de presente de Natal para os seus gêmeos — oh, sim, lembro-me muito bem, mas só me resta um pequeno pedaço, não chega a duas jardas — não, isso não chega. — Ela sentia o coração como uma pedra no peito — ih, que novo aborrecimento seria êsse? — Por fim a outra acabou suas compras e Ida Elisabeth voltou para o marido.

— Mas pensar que você esteve doente, Frithjof, e não me escreveu uma palavra a respeito?

— Não, que teria adiantado, quando você nada podia fazer por mim? Mas agora não pude mais suportá-lo.

Será que perdera o emprêgo? — Ela, porém, sentia que não podia perguntar logo. Êle primeiro precisava comer alguma coisa. Era quarta-feira, quando geralmente havia carne picada e salsichas no açougueiro. O pensamento da carne picada vermelha dentro dos grandes potes de esmalte branco pôs-lhe água na bôca; inconcientemente ficou mais alegre por ter uma desculpa para comprá-la. Naquele inverno ela só fazia jantar nos dias em que Olise estava lá; precisava tempo mesmo para preparar um prato de peixe. Dava a Carl leite, pão e ovos — era um bom alimento para uma criança — e êle gostava. Pobre menino, como ficaria contente por ter uma comida de domingo no meio da semana!

Era impossível saber alguma coisa de Frithjof. Êle dizia que estava doente... sofrendo dos nervos. Não, não sofrera acidente algum na estrada, nada que tivesse importância, nada que fôsse culpa dêle — mas êle mesmo sentia que seus nervos não poderiam mais suportar êsse eterno esfôrço. Não, não fôra a um médico e nem iria agora. Pelo menos não antes da volta do Dr. Sommervold. Havia novamente um substituto, um novo, que não sabia nada dêle nem da história da sua família.

— Tenho que lhe dizer, Ida Elisabeth, eu não me adapto à vida da cidade. Sempre me sentí deslocado em tôda parte

exceto em casa, aquí no nosso *fjord*. Não me sinto feliz nas cidades.

— Nunca me perguntaram se eu era feliz em Berfjord.

— Bem, mas você é, não é? Não se pode imaginar lugar mais lindo, e nós conhecemos todo o mundo, e papai e mamãe estão perto e sempre nos demos bem até agora...

A notícia da volta de Frithjof fôra naturalmente levada pelo vapor a Vallerviken; ela podia esperar que um dêles viesse voando a qualquer momento.

— Não, não tenho confiança alguma no substituto. Lembre-se do que aconteceu com Solvi! Afinal foi uma loucura pedir-me que aceitasse um lugar de *chauffeur* logo após uma experiência daquelas. E eu direi isso a Sommervold, logo que o encontrar.

— Não é certo que êle esteja de volta antes da Páscoa.

Frithjof lançou-lhe um olhar hesitante, mas não disse nada.

— Você não pode me dizer exatamente o que há, Frithjof? — perguntou ela. — Você perdeu seu lugar na clínica?

A isso êle inflamou-se e jurou solenemente que não; seu lugar estava guardado se quisesse voltar; simplesmente obtivera licença. A única coisa é que era completamente impossível para êles viverem juntos no hospital, por muitos motivos.

Talvez fôsse não ter escrúpulos, pensou Ida Elisabeth, forçá-lo a voltar para um lugar de certa responsabilidade no estado de perturbação em que êle parecia estar. Isto é, se êle não estivesse representando para ela e para si mesmo.

— Você não disse uma palavra quando esteve aqui no Natal, disse ela desesperada. Então tudo estava côr de rosa.

— No Natal! Mas então eu não tinha a mínima idéia de que você estivesse pensando fazer uma coisa destas: destruindo o nosso lar e nos mergulhando na incerteza.

— Mas nós tínhamos combinado isto o tempo todo, Frithjof...

— Como é que eu podia imaginar que você fôsse levar isso a sério? Sua voz se mudara numa espécie de chôro: não posso compreender como você tem coragem... destruindo nosso pequeno lar onde fomos tão felizes.

Não devia ser mais do que isto, ela via agora — conciente ou inconcientemente, êle devia ter contado poder sempre vol-

Digitalizado com CamScanner

tar para cá e perdera a cabeça completamente quando lhe parecera que seus planos de mudança iam ser levados a sério.

Não, realmente não era fácil saber o que ela devia fazer agora. Tinha o hábito de pensar que pelo menos lhe restava uma grande vantagem: não havia ninguém que a conhecesse a ponto de saber seus pensamentos e sentimentos. O doutor Sommervold era o único a quem ela fizera confidências de vez em quando; mas depois, sempre se sentia suada e abatida como após um acesso de febre. Mesmo quando redundara em auxílio seu, ela achara êsse auxílio muito caro por tê-lo comprado falando de si mesma. Mas agora realmente desejava que êle estivesse lá para consultá-lo.

Foi Jens Braato que chegou no terceiro dia — mamãe estava de cama com inflamação de ouvido depois de um resfriado, explicou êle. Graças a Deus... bem, naturalmente era horrível pensar isso, parece que uma inflamação nos ouvidos é muito dolorosa, mas em todo o caso Ida Elisabeth preferia ter que conversar com o sogro. Já então ela estava francamente desesperada: a única coisa que sabia de claro é que Frithjof resolvera que de modo algum voltaria a Bergen. Ela até começou a ter mêdo — talvez alí houvesse qualquer coisa. — Será que êle fizera alguma coisa cujas consequências receava agora? Bom, em todo o caso ela tinha certeza de que em breve saberia do que se tratava.

Enquanto Frithjof falava sem cessar, o pai estava sentado olhando para êle com a expressão que sempre desarmava Ida Elisabeth. Seus olhos castanho-claros eram tão bonitos, e êle parecia a um tempo surprêso e maguado, sempre que alguma coisa lhe corria mal. Desta vez ela encontrou uma espécie de apôio por parte do sogro, que expressou a opinião, muito debilmente, é verdade, de que Frithjof devia voltar para a cidade e pelo menos experimentar mais uma vez. — "Faça isso, meu filho... se você não se arranjar, nós encontraremos outra coisa você verá". Mas ao mesmo tempo achava que Ida Elisabeth não devia desistir ainda — foi esta a expressão que empregou. — Eu sei perfeitamente que você deve ter tido frequentes dificuldades... mas *deu* resultado até agora; não é um *mau* negócio, êsse que você tem aí. — Para dizer a verdade, disse êle num momento em que ficaram a sós, não creio que você consiga que Frithjof volte, a não ser que prometa que há de manter aquí a casa para êle.

— Mas, e se eu não prometer? — Ela não ousaria vender se fôsse fato que Frithjof já perdera o lugar, ou se achava que

seria uma questão de tempo ser despedido. Mas se tivesse que ficar aquí, sobrecarregada com êsse tipo estúpido e impossível, que não ajudava em serviço algum... Oh, se ao menos não houvesse a expectativa de uma novidade! Pela primeira vez na sua vida desejou ardentemente livrar-se dela.

O dia seguinte era dia de correio e Frithjof foi buscar a correspondência. Quando Ida Elisabeth recebeu as cartas dêle notou que tinham um repugnante cheiro de perfume. Havia algumas contas, uma nova lista de preços da firma que lhe fornecia *overalls* e artigos semelhantes, e uma carta ao advogado em Sogn. Frithjof ficou de pé a observá-la enquanto ela abria a correspondência.

— E' êste o homem com quem você tem mantido correspondência sôbre a venda?

Ela fêz com a cabeça que sim.

— Você ainda pensa nisso?

— Certamente.

— Mas papai lhe aconselhou a não fazer isso...

— Tenho seu pai em grande estima, Frithjof, em muitos sentidos. Mas não propriamente como conselheiro em matéria de negócios.

Frithjof piscou os olhos algumas vêzes. Depois deu meia volta e foi-se embora.

Pouco depois, quando ela foi para a cozinha para começar o almôço, viu uma carta num envelope oblongo, roxo, caída no meio do chão. Ida Elisabeth apanhou-a. Era endereçada a Frithjof e era responsável pelo cheiro de perfume. Ida Elisabeth colocou-a em cima do armário, mas o seu cheiro era tão penetrante que ela resolveu levá-la para a copa.

No mesmo instante Frithjof chegou. — Será que você viu uma carta? — Seu rosto mostrava uma expressão de tensa ansiedade. — Acho que deve ter caído do meu bolso.

— Está na copa, em cima do armário.

Êle atravessou a cozinha em três saltos e voltou com a carta na mão. — Será que você a leu?

Ida Elisabeth riu: — Você está maluco?

— Oh, graças a Deus, exclamou êle.

Quando ela voltou à saleta, depois de lavar a louça do jantar, ia-se sentando para coser. A carta estava no peitoril da janela junto à máquina.

— Será que você não pode tomar conta desta sua carta? — perguntou irritada. — Guarde-a ou queime-a, mas não a largue atirada por todos os cantos.

Digitalizado com CamScanner

Frithjof levantou-se apressadamente da mesa, largou o jornal — e então veio, apanhou a carta e ficou diante dela segurando-a na mão. E tinha um aspecto tão ridículo... — de repente ela percebeu que êle tinha estado sacudindo o envelope diante do seu nariz afim de excitar-lhe a curiosidade. Meu Deus, será que êle fizera alguma conquista na cidade, e fazia questão de que ela soubesse?

— Oh, será que você pode cuidar do fogão para mim? Eu tenho de acabar isto hoje.

Frithjof não se mexeu e pareceu estar refletindo.

— Você não quer vê-la? — murmurou com voz sufocada.

— Não, com franqueza, não quero.

A carta foi atirada sôbre a máquina de costura diante dela: — leia. Êle voltou e abateu-se sôbre a mesa enterrando a cabeça nos braços. — E' melhor que você saiba tudo.

Ela olhou para êle com ar de censura. Depois tirou algumas fôlhas de papel do envelope:

— "Meu querido!

Agora chegou a noite de novo e aquí estou sentada sozinha no canto do nosso sofá, de modo que pode bem imaginar que meus pensamentos e saudades vão para você, e eu me pergunto como irá você, meu muito querido".

— Que embrulhada dos diabos é esta? — perguntou Ida Elizabeth, e Frithjof suspirou: leia, sim? — E assim ela continuou a ler:

"Você sabe com que impaciência espero uma carta sua. Já teve uma oportunidade de ter uma conversa séria com sua mulher? e como é que ela recebeu a notícia da resolução que você tomou? Naturalmente eu compreendo tão bem que você hesite em dizer isto a ela, mas em todo o caso ela é uma mulher de negócios, moderada e sensata; pelo menos foi esta a impressão que tive de tudo que você me contou a seu respeito e das cartas dela. Felizmente o lado financeiro da questão não tem a mínima importância para ela, pois é completamente independente nesse sentido, de modo que deve ser possível fazê-la compreender que seria muitíssimo incivil da sua parte recusar dar-lhe a sua liberdade".

Ela tinha a sensação de um estranho formigamento frio por todo o rosto enquanto lia. Era asqueroso e nojento — Ida Elisabeth dobrou as fôlhas, olhou a assinatura: — "Sua Vera.

que está com muitas saudades de você". Mas então algumas palavras chamaram-lhe a atenção no princípio da última frase:

"... poderá compreender quão injusto e vulgar seria da parte dela insistir que você ficasse amarrado por tôda a vida por um casamento que foi contraído como resultado de um desatino juvenil. Naturalmente eu compreendo como lhe deve ser doloroso causar-lhe tristeza, principalmente depois da infelicidade de ter perdido a sua filhinha no ano passado, mas, em todo caso ela poderá ficar com o menino, e como o lado sexual está morto entre vocês, não seria nem moral que um novo, profundo e ardente sentimento fôsse sacrificado no altar de um casamento que já perdeu a sua mais profunda significação".

— Está bem. — Ela colocou novamente a carta no envelope. Seus dedos estavam tão frios que tremiam. — Então você quer o divórcio. Bom, não há nada que o impeça, pode ter certeza.

— Não, é justamente isso que eu não quero! — gritou êle. Como é que você pode imaginar uma coisa dessas! Percebe agora por que é que é impossível você vir para junto de mim? A irmã dela trabalha lá no escritório! Eu não posso voltar, você finalmente há de ter compreendido! — Êle estava quasi histérico.

— Na verdade, não compreendo nada. Ao contrário, acho que você tem tôdas as razões possíveis para voltar o mais depressa que puder para essa Vera! — Ida Elisabeth estava quasi atirando a carta longe, mas depois se controlou e pôs a carta no bolso do avental. — Acho que é melhor eu guardar êste documento.

Frithjof lêvantou rápido o olhar. — Você vai responder-lhe?

— Eu? — ela riu. — A propósito, quem é essa criatura?

— Bem, era ela que estava me dando lições. O nome dela é Kamila Arne, mas ela gostava que eu a chamasse de Vera. Mas, você compreende, nunca pensei que isto fôsse assim tão longe, eu lhe afianço... Para começar, é muito mais velha do que eu, e a princípio era somente maternal, nunca me passou pela idéia que ela pretendesse uma coisa dessas! Mas você vê, eu estava lá completamente só, e ficávamos sentados no quarto dela tôdas as santas noites, de modo que, compreende... mas não quero mais saber disto, não, Deus sabe que não. Por isto é que voltei, você compreende, depois de eu ter estado aqui no Natal, com você e com o menino e com todos em

Digitalizado com CamScanner

casa... Mas então ela notou que eu tinha mudado... Então fugi, Lisken. Por que vi que tinha que me livrar daquilo, eu queria livrar-me, você compreende?

— Bem, isto é lá com você. Mas em todo o caso, eu também agora vou me livrar disto.

— Deus! Ida Elisabeth, que é que você quer dizer? Não compreendo!...

— Ah, não? Uma coisa é que eu não queria... uma vez que a pessoa está com o diabo nas costas tem que atravessar o rio com êle, pensava eu. Mas se o diabo nos faz a gentileza de pular das nossas costas, você não acha que ninguém vai ser bastante tôlo para se agachar e suplicar-lhe que monte novamente? Eu propunha que você tome o vapor de volta para a cidade amanhã e informe a sua amiga Vera que você e ela podem se casar quantas vêzes quiserem, eu lhes dou a minha bênção.

— Ida Elisabeth, você não pode estar falando a sério.

— Oh, seu grande idiota, você acha que algum dia soube o que se passava em meu pensamento?

Êle, do lugar em que estava, olhou para ela desamparado.

— Mas Ida Elisabeth, é de você que eu gosto, não compreende? Aquêle outro negócio é somente o que a gente diz quando se encontra numa certa situação. Você, com franqueza, devia saber isso, equilibrada como é. Mas você é a única de quem eu gosto.

Ela desviou os olhos e não respondeu.

— Ida Elisabeth, nós sempre gostamos tanto um do outro, desde crianças! Pense somente quando eu estive aqui, no Natal — bom e agora também...

— Cuidado, disse ela apressadamente, em voz baixa.

Olhando para êle de novo, viu que realmente o amedrontara. Ao mesmo tempo lembrou-se de fragmentos que lera da carta, detalhes cujo sentido se destacava da sombria sensação geral de asco.

— Então ela está bem a par de nossa vida, a sua nova paixão... Ela sabe que você é casado e tem um filho, que há pouco tempo perdemos uma filhinha, que eu tenho um negócio, etc. Em resumo, acho que Vera realmente mereceu ficar com você, e há de ficar, por Deus, se eu puder! Gosta de você! — disse ela ao vê-lo encolher-se. — Sim, se ela cumprir a palavra e se casar, eu lhes desejarei felicidades de todo o coração. Ficarei muito contente se você for feliz com ela. Mas

para isso você terá que se moderar e comportar-se decentemente, senão ela talvez se assuste e o largue antes do casamento!

Frithjof estava com o rosto encostado na mesa, chorando mansamente.

— Oh... oh... oh... eu nunca pensei... que você tomasse isto assim! Eu tinha tanta certeza, tanta certeza, que quando eu lhe contasse tudo você me ajudaria. Tinha tanta certeza que você gostava de mim e me tiraria dessa embrulhada...

Um mêdo horrível apoderou-se dela — dela se deixar abater, por fôrça de hábito e pelos sedimentos que a vida em comum deixara nela, camada sôbre camada — se êle continuasse assim. Chorando e gemendo e dizendo que contara que ela gostasse dêle e quisesse ajudá-lo... se êle continuasse assim por muito tempo, ela não se sentia segura, não sabia o que poderia acabar fazendo. Porque êle nem suspeitava o quão mesquinho era o seu comportamento. Êle só achava, sem dúvida, que fôra culpado de uma ligeira infidelidade, mas agora que voltara e lhe pedira perdão tudo estaria bem. Com uma penetrante agonia, ela viu num lampejo... sim, podia ser que assim fôsse, se ela tivesse um adulto por marido... se houvesse entre êles algo que nenhum dos dois pudesse destruir completamente nem tagarelar diante de terceiros. E nesse caso ela agora teria sentido uma grande tristeza, teria ficado furiosa com a dor, mas teria cedido no fim e procurado continuar sua vida com êle, pois no fim das contas pertenciam realmente um ao outro.

— E depois as crianças, Lisken! — gemeu êle. — Pense em Solvi. Lembre-se quando fomos juntos ao túmulo dela, neste Natal mesmo! E Kalleman... Você não separaria Kalleman de mim, não é?

Ela deu um suspiro. Não, não havia nada que os unisse. Nunca mais ela teria que arrastá-lo consigo, se quisesse ir ver o túmulo. Teria a liberdade de lutar pelo filho sem a sensação de estar com um pesado cepo acorrentado ao pé. Ficaria livre dêles agora — êle e a sua turma — teria as mãos livres para sustentar o que era a carne da sua carne...

— Bem, eu sinto muito, Frithjof, disse docemente, mas não há outra coisa a fazer. Como diz a sua amiga na carta, eu, naturalmente, ficarei como guardiã do menino. E é uma pena que seja assim, mas você nunca foi grande coisa como pai: não pode tomar conta do que você mesmo pôs no mundo. E por isso é melhor também para Carl que eu possa deixar de tomar conta de outros além dêle.

Digitalizado com CamScanner

— Como você fala! — soluçou êle desesperadamente. — Então não tomava... posso lhe *perguntar* quem tomava conta de Solvi o tempo todo? Mas suponho que devo ser culpado pelo que aconteceu a ela. Mas eu lhe digo, *não foi* culpa minha — êle estava de novo com os seus gritos altos de falsete.

— Não, não, Frithjof, eu sei que não foi... Agora é melhor você ir se deitar, pediu-lhe ela de repente em voz baixa e cansada. — Oh, vá, por favor.

Pareceu-lhe de súbito que aquilo era justamente o lado terrível de tudo. Uma mãe pode ser pai e mãe para os filhos, e talvez um homem possa também ser mãe e pai, se acontece o pior, e êle fica sozinho com êles. Mas quando uma mãe tem que tomar o lugar do pai, enquanto o pai fica vadiando, parecendo assumir o lugar da mãe... bem, isto é simplesmente iníquo, completamente contra a ordem da natureza... há nisso um não sei quê que parece augurar tôda a sorte de desastres — fazendo-a pensar em decomposição e cadáveres já em corrupção procriadora.

— Oh, oh, oh, lastimou-se êle. — Oh, aquêle médico, sim, pregou-me uma boa peça quando me despachou para aquela clínica! Não me esquecerei de dizer-lhe isto. Quanto ao mais, sei muito bem que foi êle que lhe pôs na cabeça que eu não faço nada por meus filhos. Êle já me veio com essa conversa, que eu não a ajudo bastante a manter a família.

Ida Elisabeth tirou a costura da máquina, dobrou-a e arriou a tampa. — Agora vá se deitar, disse ela calmamente.

Em todo o caso a última coisa que êle dissera causara-lhe um choque. Havia naquilo provavelmente alguma parcela de verdade. Ficou furiosa ao pensar em tudo o que contara ao Dr. Sommervold sôbre si mesma e Frithjof. Nunca se conhece bastante as pessoas para se poder julgá-las imparcialmente no que dizem e pensam — era uma convicção que se arraigara nela durante todos aquêles anos desde que saira da infância e vira os pais se arruinando. Ela procurara o quanto pudera, esconder seus sentimentos a respeito — não é da conta dos outros! Há pessoas que dizem uma porção de tolices quando detalham os seus malentendidos e os seus farrapos de informações sôbre os outros, juntando uma coisa à outra e tirando conclusões, certas de que sabem somente o que imaginam. Mas mesmo Sommervold não podia saber bastante sôbre as relações entre ela e Frithjof para julgá-lo como fazia. Como médico, sabia que ela era uma pessoa sã, que devia ser responsabilizada pelo que fazia, enquanto Frithjof não era completamente res-

ponsável nesse sentido — havia alguma coisa nela que se revoltava quando Sommervold punha tôda a culpa em Frithjof e, aliás, êle procurara influenciá-la para atirar Frithjof à mercê dos acontecimentos.

Mas agora estava afinal firmemente resolvida a agir assim. A repugância que agora brotava nela apagava o resto — as suspeitas imprecisas de que, no que ela sentira por Frithjof até êsse dia, a mais baixa camada era feita de uma compaixão por algo que ela via, embora não pudesse explicar claramente nem mesmo a si mesma. Que nascido e criado com êle fôra, tendo ficado vadiando nos limites da ordeira vida humana, ora aceitando uma compaixão um tanto tolerante aqui, ora fechando os olhos ao desprêzo evidente ali — assim sendo, estava condenado a ser perpetuamente vencido, o que só tornava mais doloroso que êle visse tão pouco o que o aguardava. Mas agora tinha que ser, ela também não podia suportar mais — êle era repugnante de mais. A carta fazia barulho e fedia no bolso de seu avental, enquanto ia procurando o que fazer. Não havia evidentemente nada nas suas relações que êle não tivesse contado a essa sua dona na cidade. Deus, como ela se rejubilaria no dia em que soubesse que a Vera se tinha casado com êle.

E realmente não era impossível que Frithjof melhorasse se tivesse outra mulher. A sogra gostava de dizer que a maçada era Frithjof ter tido filhos de mais com ela. Que a bem dizer, havia tantos para êle sustentar, que o rapaz perdia o ânimo. Bom, êle de certo não teria filhos dessa nova mulher — ela conquistara-o com ares maternais. E Ida Elisabeth bem sabia que as mulheres que assumem ares maternais com os homens, ainda por cima mais moços que elas, tratam de fazer o possível na vida para ter filhos de verdade. As mulheres que sentem que o seu propósito na vida é ter filhos e criá-los do melhor modo possível para que cresçam e se tornem homens, acham abominável que homens feitos apareçam e as forcem a ser maternais também com êles. Quando Frithjof a obrigava a dispensar-lhe um sentimento que seria natural com relação a uma criança, parecia-lhe que devia ser isto que se queria dizer quando se falava em tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cães.

Seu coração começou a bater violentamente — sabia qual era o pensamento latente que murmurara e fermentara dentro dela nesses últimos dias. Agora podia abandoná-lo e esquecer-se que o abrigara dentro de si. Se alguma coisa tinha que ser lançada ao mar, era melhor que fôsse uma pessoa pro-

Digitalizado com CamScanner

vadamente imprestável do que uma vida que ainda tinha possibilidades.

Por fim ela não pôde aguentar mais — estava cansadissima, tremendo de frio, enfraquecida depois da sua excitação, e além disso o fogo na lareira já se apagara havia muito tempo.

Ida Elisabeth parou na porta do quarto. Pela primeira vez sentiu que a pobreza pode tornar uma pessoa indescritivelmente furiosa. A pobreza fôra uma aflição e uma luta, mas mesmo o aviltamento da sua vida fôra suportável, porque tivera por quem lutar. Agora era um opróbrio e uma ofensa que a chicoteava numa ardente indignação. Que duas pessoas se encontrassem numa posição destas, depois de terem dito um ao outro as coisas que ela e o homem lá dentro se tinham dito àquela noite, serem forçados a ficar juntos sob o mesmo teto, numa casa pequena e acanhada... e agora tinha ela que ir dormir no mesmo quarto que êle.

Esgueirou-se na ponta dos pés. As camas ficavam com os pés uma para outra ao longo de uma parede; eram duas camas de madeira desirmanadas, compradas num leilão quando tinham vindo para Berfjord. Enquanto Frithjof estivera fora ela tinha dormido na cama dêle, porque era muito mais comprida e larga do que a dela, e a cama de Kalleman ainda estava ao lado da sua. Por isso teve a coragem de ir ver se o menino se descobrira.

O mais silenciosamente possível, despiu-se no escuro, escutando de vez em quando se vinha algum som de Frithjof. Mas êle parecia estar dormindo profundamente. Quando ela entrou na cama esta rangeu horrivelmente. E um momento depois ouviu Frithjof se mexendo.

Ficou quieta e reteve a respiração — será que êle adormecera novamente? Mas logo ouviu-o sentar-se na cama, depois seus pés descalços pousaram no chão.

— Fique onde está! Não venha cá... sua voz parecia ficar prêsa na garganta. Êle estava perto dela, seu corpanzil aparecia no escuro, bem na beira da cama.

— Ida Elisabeth, murmurou êle amargurado. Se você soubesse como isto me tornou infeliz. E' de você que eu gosto... não ligo nem um pouco à outra... — sua mão estava tateando a coberta sôbre o seu seio.

— Se você ousar tocar-me, disse ela calma e distintamente, eu jogo-lhe querosene em cima logo que você estiver dormindo e ateio-lhe fogo.

— Já se ouviu uma coisa destas!... que coisa cruel — gemeu êle horrorizado. — Mas voltou vagarosamente e meteu-se na cama.

Ela ficou deitada pensando no que a fizera dizer uma coisa daquelas. Uma véspera de S. João ela vira queimar uma casa que estava cheia de percevejos — devia ter sido isso — e depois tinham tido tantos livros em casa sôbre negros e outra gente selvagem, e de repente pensou na irmã e em Torvald, que se casara com Connie. Ela não o vira mais depois da morte de Connie, mas que tal se fôsse procurá-lo?... Tivera a impressão, naquela época, de que Torvald era bom e prestativo — a mãe tinha ficado entusiasmada com o casamento. O pai se opusera, embora êle e Torvald pertencessem à mesma classe social, e Torvald era realmente muito rico, pelo menos naquele tempo. Ela mesma se lembrava de que não gostava lá muito dêle, mas também era uma criança na ocasião. Em todo o caso era um advogado que ela conhecia. Ida Elisabeth procurou preparar um plano — o que devia fazer agora. Enquanto o fazia afloravam-lhe recordações de gente e coisas de outrora, e de repente adormeceu e esqueceu-se de tudo.

Acordou à hora de costume na manhã seguinte, vestiu-se o mais sossegadamente possível, afim de não acordar Frithjof, depois levou o menino para a cozinha, vestiu-o lá e mandou-o para cima, para a casa dos Esbjornsens.

Preparou uma bandeja de café para Frithjof, entrou e acordou-o:

—...e depois que você tiver tomado isto precisa se levantar. E' melhor tomar o vapor para Vallerviken e ficar alguns dias com seus pais.

Êle ficou deitado, pestanejando com olhos sonolentos, um tanto confuso, mas evidentemente muito aliviado de ver que ela não estava mais zangada. Ida Elisabeth sentiu-se quasi criminosa, porque viu que êle estava tomando sua serenidade e o café apetitoso por sinais de que aquêle caso aborrecido estava começando a ser perdoado e esquecido.

— Ir para casa, não. Acho que não será muito conveniente. — Tomou um gole de café e começou a comer. — Devo dizer-lhe, Lisken, telefonei para êles ontem e falei com papai. Isso foi depois de ter recebido aquela carta, você compreende. Mas papai disse que êles estavam esperando Merete e o noivo hoje. E enquanto êles estiverem em casa, você sabe, eu não poderei conversar direito com os velhos. E êles não gostariam que Frede soubesse que nós tivemos uma briga.

Digitalizado com CamScanner

— Não, não; então não diga nada a respeito. Mas você tem que ir para lá.

— Bom, mas eu não estou certo se lhes convirá receber-me agora. Papai prometeu que nos convidaria um dêsses dias para conhecermos Frede.

Ida Elisabeth deu de ombros. — Você precisa ter a bondade de fazer o que eu estou dizendo. Quero ficar sozinha aqui por algum tempo.

Êle agarrou-lhe a mão. — Eu lhe afianço, Lisken, nunca mais acontecerá isto... Isto agora é uma coisa do passado. Você verá, no futuro poderá ter confiança em mim. Prometo que saberei me conter...

— Sim, está bem, mas agora apronte-se.

Ela apressou-o muitas vêzes e finalmente conseguiu vê-lo fora de casa.

Isso lhe dava cinco horas até o navio chegar novamente na viagem de volta.

Sentou-se e escreveu ao advogado em Sogn que confiara a venda do negócio a Herr Torvald Lander, advogado. Depois tomou otra fôlha e começou: — Caro Torvald... — Ela presumia que devia dirigir-se a êle com familiaridade — ih, não era fácil! Ela não conhecia sua atual mulher, mas a segunda, com quem êle se casara um ano depois da morte de Connie, e que o abandonara, fôra muito bonita e muitíssimo elegante. Ida Elisabeth procurou relembrar Torvald Lander: alto e magro, pálido e ruivo, mas de certo modo bonito, ou antes, tinha um corpo que fazia sobressair as roupas bem talhadas. Mais uma vez teve um acesso de impaciência — a pobreza a que estava habituada havia tanto tempo podia trazer-lhe novos aborrecimentos. Não tinha um par de sapatos com que pudesse se apresentar na cidade, seu chapéu estava uma ruína, o casaco estava comparativamente decente, mas fôra o que comprara para se casar, na realidade um casaco primaveril que ela forrara com fazenda de lã. Recuava à idéia de procurar Torvald no escritório — teria sido mais fácil se estivesse bem vestida. Seria melhor procurá-lo logo cedo no dia seguinte e acabar logo com isso. Rasgou a carta que começara ao seu ex-cunhado — agora seria supérfluo escrever.

Havia duas ou três cartas comerciais que tinha que responder, e então esvaziou a caixa da loja e assentou a quantia no livro. Vinte e três coroas em dinheiro — tinha ela que se lembrar de preparar sanduíches e levar leite para o menino; não poderiam pagar mais do que uma chícara de café a bordo.

Tirou sua licença de negociante, suas certidões, as carteiras de caixa econômica das crianças e colocou-as na bolsa. O banco não estava aberto hoje — ela teria que pedir a Torvald para retirar o que estava na caderneta de Solvi. Embora tivesse estado frequentemente apertada de dinheiro êste ano, ela, no entanto estivera firmemente resolvida a não tocar no dinheiro de Solvi — ficaria para Carl algum dia. Bom, era uma sorte no meio da desgraça que o dinheiro estivesse lá.

Enquanto considerava em pensamento o que ainda tinha que fazer, e em que ordem devia fazê-lo, a sensação de malôgro e desilusão perseguia-a. Então fôra obrigada a renunciar! Oh!... e agora se lembrava, nesta casa da qual sairia furtivamente, logo que escurecesse — aqui ela soubera, melhor do que em qualquer outro lugar do mundo, como pode ser "bom" viver. Quando observava os filhos se desdobrando a seus olhos, crescendo, comendo e brincando, comendo e dormindo... Lembrou-se da cozinha, quando tinha sido arrumada para a tarde, com o chão ainda úmido, depois dela ter passado um esfregão — parecia haver sempre um 'não sei que nela que fazia pensar na véspera de um feriado, quando Solvi e o Bebê ficavam sentados à mesa, olhando-a cortar o pão em quadradinhos, e encher suas canecas que tinham frisos de rosas e um "bom menino" e uma "boa menina" do lado de fora... e depois vinha o cheiro do leite fervendo. Quando, depois de tê-los deitado à noite, ela ficava sentada sozinha na saleta com alguma costura, de tempo em tempo tinha que se levantar e prestar atenção na porta do quarto, que ficava entreaberta. As duas criancinhas estavam respirando tranquilamente no escuro; era como debruçar-se sôbre um profundo tanque de água escura, no qual duas pequenas nascentes brotassem palpitantes do fundo. De espaço em espaço deixava o trabalho para escutar e se revigorar.

Ela chegara ao fim aquí. Mas de certo seria capaz de encontrar um lugar no mundo onde pudesse estar segura. Porque justamente quando ela compreendia quanta felicidade afinal tinha tido na vida — na sua labuta, em tôdas as coisas comuns que aconteciam sempre todos os dias, uma espécie de felicidade da qual nada soubera quando era uma meninazinha rica e uma meninazinha pobre e achava que a felicidade era uma coisa completamente diferente — justamente então uma imagem pareceu formar-se diante de seus olhos: era como se ela

Digitalizado com CamScanner

tivesse estado enfiando um fio de contas; as contas grandes no meio eram as crianças e tudo que lhes dizia respeito; e o resto que ela realizara e pusera em ordem e todo o mal que evitara, tudo isso eram as contas menores, que ela estava enfiando nas duas extremidades. Mas de cada vez que acabara de enfiar um pedaço do fio, êle e os outros vinham e arrancavam-no de suas mãos e as contas caíam no chão e rolavam para buracos e cantos, e de cada vez era menor o número das que ela achava...

Ela precisava libertar a si e às crianças enquanto ainda havia tempo. De repente impressionou-se como sob um impulso, embora imaginasse que podia adivinhar-lhe um significado misterioso; se ela conseguisse dar à luz em boas condições a essa nova criança, se fôsse um menino o seu nome seria Tryggve. (1)

Solvi... — e o pequenino que nem tivera um nome neste mundo — não, tais coisas não aconteceriam mais, enquanto ela tivesse fôrças para lutar por um ente humano.

Ida Elisabeth arrumou as malas. Apanhou na loja quatro jogos de roupa de baixo boa e quente, meias e um casaco de malha para o menino, um *sweater* verde-escuro e três pares de meias para seu uso. Na sua bela letra comercial assentou nos livros o que tirara. Olise seguia-lhe os movimentos com seus estranhos olhos castanhos que sabiam tão bem guardar um segrêdo.

— Se você também pudesse dormir aquí à noite, disse Ida Elisabeth, talvez fôsse melhor. Você não tem mêdo, tem? Os Esbjornsens hão de ouvir se você bater no teto. Você pode ficar aquí, não pode, até ter notícias minhas?

— Você sabe que sim —. Ela viu que Olise compreendia tôda a situação.

Naturalmente ela não pensara nisso antes, mas era bem possível que os feitos de Frithjof na cidade já fôssem conhecidos nas redondezas há muito tempo.

Não valia a pena zangar-se por isso. Não valia a pena zangar-se porque Frithjof mexericava e falava dela com confortadoras amigas maternais, e com o pai e a mãe e as irmãs e o noivo do sanatório, se êste fôsse da mesma marca. Êles eram assim — era muito natural que se unissem, que se consultassem uns aos outros como levá-la quando queriam alguma coi-

---

(1) A palavra norueguesa trygg quer dizer "são e salvo". — Nota do tradutor.

sa dela, e que se ajudassem quando tinham alguma coisa que esconder-lhe. Era muito razoável do ponto de vista dêles, e era inútil e irracional da parte dela incomodar-se com isso. Ela, porém, era diferente, e agora se livraria de tudo isso — iria para um canto onde poderia fechar as portas da sua casa e do seu ninho, sem ter que dar lugar a alguém que entrava e saía deixando-a escancarada para todos.

Ida Elisabeth afastou a veneziana e olhou para fora. Já estava completamente escuro. Um tempo bonito e tranquilo, de modo que o vapor estaria mais ou menos na hora.

Em cima, ela ouviu Carl correndo pela sala. Fru Esbjornsen se oferecera para dar-lhe almôço. Era uma boa coisa... então ela não precisava ir buscá-lo senão quando fôsse hora de vesti-lo, não teria que responder a perguntas, etc., até o último momento.

Havia uma freguesa na loja. Olise estava servindo. Pareceu-lhe como que não lhe dissesse mais respeito, como se ela já tivesse acabado aqui.

Olise — sem dúvida sentiria muita falta dela. Teve uma idéia. Tirou da mala o estranho broche antigo que o Dr. Sommervold lhe dera no ano anterior, quando voltara da Alemanha. Ida Elisabeth embrulhou-o e escreveu do lado de fora: — "Como recordação de sua afetuosa I. E." — e colocou-o na velha bolsa de couro de Olise, que estava no peitoril da janela da cozinha. O broche representava uma espécie de navio em esmalte, com uma pérola desproporcionadamente grande formando a vela — talvez Olise o achasse mais original do que bonito. Mas era a única coisa que tinha para dar-lhe.

Era justamente hora de pôr a chaleira no fogo: — poderia tomar uma chícara de café com um pedaço de pão com manteiga, e depois não seria muito cedo para ir para o cais.

Ao voltar da cozinha seus olhos caíram na prateleirinha sôbre a cômoda — lá estava o elefante preto. Ida Elisabeth apanhou-o. E isso fê-la lembrar-se dos lápis de côr e dos cadernos de desenho de Carl — e suas caixas de cartões postais e bonecas de papel também tinham que ir com ela. Apanhou tudo e enfiou aqui e ali nas duas malas. Ida Elisabeth fechou-as e prendeu-as com a correia, apanhou suas roupas de sair e as do menino e pendurou-as perto da lareira. Não podia haver nada mais que ela tivesse esquecido. Agora tudo estava pronto.

Digitalizado com CamScanner

LIVRO SEGUNDO

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO PRIMEIRO

Ida Elisabeth mudou todos os vasos de plantas para a mesa no meio da sala; ficariam muito bem alí, mesmo que fôssem regados uma só vez por dia enquanto ela estava fora.

Era quasi uma pena ir-se embora e deixá-los. Debruçou-se sôbre o cactus branco — tinha um perfume tão estranho, intensamente delicioso, mas que sugeria alguma coisa repugnante ao mesmo tempo. Quando florira no ano anterior, fôra obrigada a deixar uma fresta da janela aberta o tempo todo, apesar da poeira terrível da estrada.

Graças a Deus a estrada principal fôra desviada na primavera passada. Ida Elisbeth foi té à janela que dava para o nascente e olhou para fora. Não era ssim tão pequeno o pedaço que fôra adicionado a seu jardim, quando êles tinham endireitado a curva na frente da casa. Êste ano ela não pudera fazer mais do que pôr uma cêrca e enchê-la de terra. Mas na próxima primavera ela plantaria uma sebe do lado da estrada nova — acácia da Sibéria ou talvez rosas — pelo menos alguma coisa que crescesse depressa.

O incômodo da poeira fôra horrível aquí nos anos passados. Automóveis passavam correndo pela casa durante tôdas as vinte e quatro horas do dia, passavam com estrondo carroças de feno e carros carregados de barulhentas vazilhas de leite, tudo levantando uma nuvem de poeira, depois vinha o vento e lavava-a. Essa poeira entrava pela casa a dentro, através de janelas e portas fechadas, parecia mesmo filtrar-se por entre as tábuas da parede, ficava espessa e de um sujo

Digitalizado com CamScanner

acinzentado nas bordas das janelas, branca na mobília e nas cortinas. Ela limpava, lavava e escovava, mas era um trabalho inútil. Mas na realidade a poeira ainda fôra pior onde ela tinha vivido nos primeiros dois anos... era uma casa mais pobre. Quando chovia os quartos ficavam impregnados daquele cheiro estranho, enquanto a poeira pousava; mas em todo o caso, de certo modo ela gostava dela: tinha qualquer coisa que fazia pensar em coisas tristes, mas ao mesmo tempo tinha uma nota de esperança. Como se recordasse à gente a renovação e as reservas de fôrça que há na natureza ou dentro de nós.

Em baixo das janelas, junto à parede da casa, crescia uma fila de velhas plantas de todo o ano. Outrora, quando todo o tráfego passava perto da casa, elas ficavam completamente brancas de poeira o verão inteiro. Êste ano estavam viçosas e florescentes: as fôlhas verde-pálido, dos hemerocalis, estreitas como fitas, estavam abundantes, e do meio delas caiam as hastes das flôres com cachos de pontudos botões amarelos — já estariam abertos quando ela voltasse. As aquilégias estavam em plena floração com airosas florzinhas côr de rosa e azues ondulando por entre as flôres brancas e roxas das violetas, mas o acônito ainda mostrava suas fôlhas de lobulos escuros com seu estranho brilho de estanho, e apenas desabrochava.

O pedaço de estrada abandonada em frente à fila de plantas já estava cheio de tôda a espécie de atrevidas plantinhas, que podem viver num solo de cascalho — a esbelta azedinha resplandecia ao sol, pequenas graminhas formavam tufos e as macelas se alastravam em nuvens de alvas flôres. Estava bonito, e além disso, ficaria muito caro demolir o velho trecho de estrada que agora passava pelo seu jardim; no fim das contas não era mau possuir um pedaço da estrada principal, — ela poderia andar para cima e para baixo, à noite, se tivesse tempo. Ida Elisabeth sorriu consigo mesma. Agora que tinha um jardim para cuidar...

O novo trecho entre a estrada velha e a nova era apenas uma terra sulcada, de um castanho acinzentado. Tinham sido plantadas beterrabas, mas no momento só se via uma moita verde de escuro aqui e ali, acima do chão — ela nem podia vê-las da janela, mas conhecia-as, pois ia olhá-las tôdas as manhãs. Ao longo do caminho, que ia da porta ao portão, ela plantara alguns lilases, mas os arbustos tinham uma aparência magra e áspera; tinham sido plantados muito tarde — em todo o caso pareciam estar progredindo.

Tryggve estava perto de uma das moitas de lilás. O tolinho — êle estava cavando com a ponta do sapato a poça d'água que ela deixara depois de regar as plantas.

Ida Elisabeth foi até ao hall. Mesmo assim tão cedo havia o cheiro tépido e amigo de madeiras bem ensolaradas, de uma velha casa de madeira há muito tempo deshabitada. Havia êste comprido e espaçoso *hall* com portas largas e baixas dando para quartos de todos os lados, e a escada larga e íngreme levando ao primeiro andar, que tinha feito uma impressão tão grande nela, quando tinha vindo ver a casa, que até se esquecera de notar o quanto precisava de consertos.

Junto à porta de entrada estavam suas malas e o estojo com a máquina de costura de mão; um maço de figurinos estava amarrado no cabo. Marte Bo sempre dizia que ela não precisava levar a máquina consigo — mas teria pena de usar a velha máquina de Marte. Ida Elisabeth sorriu à idéia: antecipava tão ardentemente êsses poucos dias que ia passar na casa de Marte! Desde o momento em que chegassem e Marte os levasse para o grande quarto em que iam dormir — com um perfume de sol, verão e limpas camas brancas, e de sabão de amêndoa côr de rosa no momento em que os meninos começassem a se lavar — ela estava transbordando de sensações festivas. Para os meninos, naturalmente, êsses dias na casa de Marte valiam como férias, e para ela até o trabalho era divertimento. Quando desciam, Marte tinha café, creme e *waifles* para êles, e antes de se levantarem da mesa Marte tinha que ver os figurinos as duas começavam a escolher feitios. O quarto azul, onde ela trabalhava, dava para os campos inclinados, e para o vale que estava cheio de uma névoa azulada — e ali ouvia os filhos correndo, fazendo o terreno sêco ressoar; Tryggve dava gritos estridentes, um momento estavam bem por baixo da janela dela e no outro já estavam longe — divertiam-se lá desde a manhã até de noite.

Ida Elisabeth foi até à soleira da porta — teriam um tempo lindo. Nas colinas defronte, a floresta de abetos estava verde claro com brotos novos, aspirando o sol, e acima dos mais altos cumes flutuavam nuvens brancas de verão.

A casa em que ela morava era o antigo edifício principal de Viker, mas ficava a uma certa distância das outras casas da fazenda, e quando a velha estrada que passava bem pelo quintal de Viker fôra desviada êste ano, tinham-lhe permitido que pusesse o muro atravessando a estrada, de forma que a velha casa ficava completamente separada do pôsto de re-

Digitalizado com CamScanner

monta. Quando viera a estrada de ferro, o pai de Kristian Viker, que era agora o dono da fazenda, construíra um novo edifício principal ao Norte do pátio, com varandas abertas e fechadas e cornijas em tôdas as direções, pretendendo convertê-lo num hotel e pensão de verão. Mas nunca dera muito resultado, de modo que quando Kristian se casou mudou-se para a nova casa e alugou a velha. Êle calculara que quatro famílias poderiam morar lá, mas durante os dois anos em que ela ocupara a metade Sul do andar térreo e Hansen, o mestre-escola, a parte de cima, a metade Norte da casa ficara vazia — era um tanto longe da estação, e Kristian não se mostrava inclinado a gastar muito para conservar a velha casa.

Esta ainda tinha um aspecto imponente, pois era construída de madeira pesada, que o sol e o tempo tinham tornado castanho e cinzenta, mas a pintura branca em tôrno das janelas de caixilhos pequenos e na grande porta da frente já tinha desbotado muito. E tôdas as taboletas que tinham sido colocadas na entrada contribuíam para dar à bela e bem construída casa um ar de ter visto dias melhores. Hansen representava companhias de seguros e por isso colocara cartazes que resplandeciam com esmalte vermelho, amarelo e verde, e do outro lado da porta havia uma grande placa de fôlha, pintada de branco com letras pretas: — "Ida Braato, Costureira. Roupas de Meninos." Mas Ida gostava de morar ali — sentia-se realmente feliz tôdas as vêzes que saía e voltava para casa, e, olhando para o velho e belo edifício, pensava: é aqui que nós moramos.

Ao Norte do muro da janela, uma ala vermelha do celeiro dos Viker dava as costas para cá, e ela podia vislumbrar o quintal verde com muitos telheiros, grandes e pequenos à sua volta. Trazia-lhe um sôpro de quietude e quentura de verão, um cheiro de estábulo e cocheira, de feno, palha e madeira fresca; tinham levado o gado para o *saeters* alguns dias antes, e agora, os telheiros bocejavam com as portas abertas e deviam ser consertados depois do inverno. E essa quietude e êsse cheiro agora formavam parte da sua sensação de verão em Viker.

— Que é que você esta fazendo, Tryggve? Eu não lhe disse que não se sujasse? — Mas sua voz estava alegre; ela não estava com vontade de repreender o menino. — Venha cá e deixe que mamãe o veja!

Êle veio correndo —oh, o rostinho dêle era inocente demais; seu sorriso era o de um anjo, mas suas pestanas piscavam

sempre. Quando viu que a mãe não estava realmente zangada, atirou-se a ela e abraçou-lhe as cadeiras.

— Seu boné — você sabe o que fêz dêle? —. Ela mergulhou os dedos no seu cabelo loiro escaracolado, pôs-lhe a cabeça para trás e olhou o rostinho afogueado. Ih, não era fácil manter-se severa quando êste porquinho tinha que ser repreendido — êle tinha umas faces rosadas tão belas e sua pele estava dourada do sol: os lábios pareciam como que transparentes, como a polpa de uma cereja ou de uma framboeza.

— Em que estado você está! —. Êle devia ter estado num bosque cheio de cerefólio silvestre e de dente de leão, pois estava coberto de penugem branca desde a cabeça até à ponta do casaco azul claro. — Onde é que você andou?

— Carl me disse para procurar o gato dêle. Mamãe, quando é que nós vamos?

— Logo que Kindli vier da leiteria. Uh, onde é que Carl se meteu agora? Já devia ter voltado há muito tempo.

— Carl voltou, mamãe, mas depois saiu correndo outra vez para procurar Puss, porque eu não o tinha encontrado, vê...

Êsse amor aos animais que Carl tinha era um tanto incômodo. Ela lhe assegurara que o gatinho ficaria bem, Fru Hansen prometera deixar-lhe leite do lado de fora, todos os dias, enquanto estivessem ausentes — mas Carl sustentava que êsses gatos brancos de olhos azues ouviam pouco; Puss ouvia muito bem quando êles o chamavam, mas não ouvia nem automóveis nem cachorros, e por isso êle tinha que apanhá-lo e levá-lo até à casa dos Hansens antes de partirem. Pobre menino, êle era tão bom, o Carl — oferecera-se espontaneamente para ir levar as duas blusas de Froken Hagen — porém ela gostava de saber se êle estava com o dinheiro — se ao menos êle não o tivesse perdido nas suas correrias. Estava sempre tão ansioso por tornar-se útil, e era tão esquecido, tão desajeitado, e estava sempre atrasado...

Ida Elisabeth apanhou a escôva de roupas e a caixa de escôvas de sapato. Sentada nos degráus da porta escovou os sapatos de Tryggve. Êle não podia ficar parado — já estava todo suado e o cheiro tépido e acre da criança chegava até ela tôdas as vêzes que êle se mexia. Atrás dêste inquieto menino ela parecia sempre vislumbrar o reflexo de um amor e de uma vida — e tristezas, ansiedades e alegrias pertencentes ao passado — um mundo que se afundara na terra e na escuridão. Ela não estava precisamente pensando em Solvi quando se ou-

Digitalizado com CamScanner

cupava com Tryggve, mas a recordação da menina que perdera brilhava como um auréola cintilante em tôrno do corpinho irrequieto e do amor que sentia pelo seu caçula.

— Aí vem êle. Agora pegou Puss! O gato tinha ido para Viker, naturalmente.

— Oh, mamãe, quer vir apanhá-lo, sim? —. Ida Elisabeth foi e recebeu o gato por cima do muro. Era um gatinho bonitinho mesmo, macio, branco e quentinho; ficou ronronando em seus braços, enquanto ela olhava Carl pular as grades com seus modos encantadoramente desajeitados. Numa das mãos segurava um ramo de flôres amarelas:

— Olhe o que eu achei para você, mamãe! —. Sorria tão radiante e havia um brilho tal por trás de seus óculos, que ela não teve a coragem de lembrar-lhe que êles iam embora e não havia sentido em arrancar flôres agora. Eram orquidáceas — as primeiras que ela via êste ano: — Imagine, elas já saíram? Foi muito amável de sua parte, meu filho! Você recebeu o dinheiro de Froken Hagen?

— Oh, sim, mamãe, e ela me deu mais dez Ores, de modo que eu comprei caramelos de leite — pôs as mãos no bolso e distribuiu-os, um caramelo para a mãe, um para o irmão, também um para Fru Hansen, e ficava um para êle. Estava também com o dinheiro, certinho.

— E agora fiquem aquí, meninos, Kindli deve chegar a qualquer momento. Não se suje outra vez, Tryggve. Carl, você precisa ir lá dentro e lavar as mãos. Não, onde é que você vai agora?

Era o gato, naturalmente. Ela pusera-o no chão para receber o dinheiro e êle fugira. Branco e solene, com o rabo em pé no ar, estava vagando por sua plantação de batatas. Carl estava atrás dêle e tôdas as vêzes que tentava apanhá-lo, êle pulava alegremente para o lado, dava uns saltos longos e leves e continuava a vagar, tão gravemente quanto antes. Ida Elisabeth ficou algum tempo sorrindo enquanto os observava. Depois entrou.

Mudou de lugar o último dos vasos, deu outra olhadela ao cactus branco. As fôlhas, coradas de um castanho dourado, estavam salientes como raios em tôrno da flor aberta, de um branco cremoso, que tomava um colorido esverdeado no centro, onde um espêsso tufo de estames saía, num branco pratêado, com botões brancos. Era uma pena deixá-lo aquí em tôda a sua beleza, quando ninguém sentiria prazer nisso. Ida Elisabeth apanhou uma tesoura. Podia ao menos fazer um

buquê para levar para Marte, que compartilhava do seu encanto em matéria de flores...

Parou um momento com a flor cortada do cactus na mão. Depois apanhou novamente a tesoura. O delicado e agridoce perfume das pétalas de rosa, e o cheiro pungente e exótico dos gerânios difundiu-se sob os seus dedos, enquanto ela cortava com golpes vagarosos e ternos. Encontrou um barbante e começou a amarrar o buquê, escolhendo as flores cortadas uma por uma — as duas rosas amarelas meio abertas sobressaindo de um ramo de gerânio inglês roxo de encontro ao vermelho chamejante: o côr de rosa no meio do roxo. Lembrou-se que a vóvó Siveking costumava trazer buquês assim no aniversário da mãe. Mas os buquês da avó tinham sempre um raminho de Luiz Felipe. Ela achava que gostaria de ter outro Luiz Felipe — em Berfjord tinha tido um com campânulas vermelhas. O pensamento passou-lhe pela cabeça como a sombra de uma nuvem. Apertou bem a linha e amarrou. Era na verdade um bonito buquê.

Foi despertada por barulho na estrada — alguém gritou, um automóvel foi freado violentamente e depois vieram sons indefinidos. Ida Elisabeth arriou o buquê e foi até à janela. Uma senhora alta escancarou o portão, um homem alto, vestido de cinzento, carregando uma coisa grande azul nos braços, veio vindo em direção a ela entre as moitas novas de lilás — então percebeu que era Carl que o desconhecido estava carregando. Com um grito lancinante precipitou-se...

O menino estava inanimado nos braços do desconhecido, com o rosto ensanguentado de encontro à camisa azul, manchada de sangue, do homem; as pernas do menino, com as suas meias e sandálias amarelas, estavam penduradas, compridas e magras na frente das calças cinzentas do homem. Branca, com a bôca aberta e retorcida, a mãe foi ao encontro dêles.

—...talvez não seja tão sério como parece —. O desconhecido levantou os olhos. Seus olhos eram limpidos e cinzentos, a cabeça debruçada sôbre a criança era lisa, de cabelo castanho anelado. Havia um não sei quê de curiosamente feminino no modo em que segurava a criança inanimada — fêz Ida Elisabeth pensar em imagens da Madona.

— O médico estará aquí imediatamente. Minha prima foi buscá-lo. Êle está bastante arranhado.

Ida Elisabeth teve a sensação de que estava à espera de uma coisa dessas. Tentara fugir de um monstro — êste brincara com ela, dando-lhe tempo de recobrar a respiração e

Digitalizado com CamScanner

acreditar-se em segurança — depois saltava-lhe de novo em cima. O' Deus, O' Deus, O' Deus — chorando brandamente ela olhou para o desconhecido, enquanto se dirigia de costas para a porta, na frente dêle e do menino. Pensou no anjo da morte ou coisa análoga — a fronte do homem era larga e pura, a parte de cima de um branco de neve, a de baixo, morena, e os olhos cinzentos, que olhavam bem para a frente, estavam cheios de uma seriedade carinhosa.

— Talvez não seja tão sério como parece. — Ficou em baixo do automóvel, mas as rodas não passaram por cima dêle. Devo dizer que não vi bem como aconteceu. Êle precipitou-se no meio da estrada bem na frente do carro, e quando ela procurou desviar para a esquerda, êle virou e procurou voltar, e por isso fomos em cima dêle, mas não estávamos a grande velocidade.

Branca e rígida, Ida Elisabeth foi na frente para mostrar o caminho. Os peitoris vazios das janelas da sua sala de trabalho, as cortinas prêsas — era como se a câmara mortuária já tivesse sido preparada. Através do confortável quartinho onde ela mesma dormia, no divã, ela conduziu o homem ao quarto dos meninos, pegou na cama de Carl e afastou-a da parede para ficar desimpedida. Já sofrera tudo aquilo antes.

Com infinita precaução o desconhecido colocou o seu fardo sôbre a cama e retirou os braços.

Quando ela veio com uma bacia d'água e algumas toalhas, êle banhou-as e colocou tudo sôbre uma cadeira que pusera junto à cama — ela não sabia se êle pedira água, ou se ela se lembrara de motu próprio que isso era o que lhe competia fazer. Viu que o homem tinha tirado as meias e as sandálias de Carl; levantou as pernas do menino cuidadosamente, dobrando-as e apalpando-as — os joelhos estavam terrivelmente esfolados — depois pegou nos pulsos de Carl e moveu seus braços. As palmas das mãos estavam cobertas de sangue e areia. O rosto de Carl estava manchado de sangue e de terra, e as nódoas de sangue espalhavam-se sôbre o travesseiro e os lençóis.

Quando Ida Elisabeth tocou o rosto do menino com a toalha molhada, êle virou ligeiramente a cabeça e murmurou qualquer coisa. O homem estava ocupado lavando as mãos de Carl com outra toalha. — Há estilhaços de vidro nelas?

— Talvez seja dos óculos dêle — disse Ida Elisabeth sem querer.

O homem estava cuidando cautelosamente dos talhos nas mãos. — Então é uma graça de Deus que êle não tenha ficado com vidro no rosto; os óculos devem ter caído quando êle foi atingido.

O menino choramingou alto e impacientemente — abriu os olhos um momento e tentou sentar-se, mas gritou quando se apoiou na mão. — Não, não, fique deitado quietinho, disse o desconhecido. Não há perigo algum, mas fique quieto até vir o médico —. Ida Elisabeth desabotoara as roupas do menino, e ambos apalparam o corpo todo da criança. — Eu realmente acho que não esrá tão sério quanto parecia — disse o homem. Mas pobre menino, êle está com escoriações terríveis.

Quando Ida Elisabeth se reergueu o quarto rodou em tôrno dela. Sentia o coração batendo tumultuoso. Tudo nela era confusão: estava mergulhada num caos de escuridão e sensações sufocantes. Depois pareceu voltar novamente à superfície e retomou pé no mundo cotidiano. Carl fôra apanhado por um automóvel, mas parecia que se saíra bastante bem; a torrente de tormentos, a recordação dos horrores por que ela passara outrora, voltaram.

— A senhora deve sentar-se — disse o desconhecido, tirando a bacia da cadeira. — Não está tão ruím assim — disse êle rapidamente ao menino — você sangrou um pouco, mas parece muito quando está na bacia. — Êle carregou a bacia e Ida Elisabeth ouviu-o na cozinha, esvaziando a água e abrindo a torneira.

— Pronto, pronto... — disse ela meigamente afagando Carl na face que estava menos arranhada; — você não precisa ter mêdo. — Êle fêz uma cara feia e ia chorar, mas com certeza as feridas doíam-lhe muito. — Não precisa chorar. Não é nada perigoso. Pronto, pronto... — e ela debruçou-se e deu-lhe um beijinho.

O desconhecido voltou. — Eu pus água a ferver para o médico quando chegar. Meu nome é Toksvold, o advogado Toksvold — disse êle como que se lembrando de repente de apresentar-se.

Foi até à janela, ficou de costas para ela e olhou para a cama: — Puxa — foi horrível! Nunca na minha vida me senti tão mal como quando vi o menino estirado debaixo do automóvel!

Ida Elisabeth de repente encostou a cabeça nos pés da cama e desfez-se em lágrimas. Procurou controlar-se. — Não posso evitá-lo... eu sou assim... depois que acaba tudo...

— Sim, eu compreendo — disse êle com seriedade. — Pobre Kari, deve estar fora de si. Ela estava guiando, a senhora sabe, a minha prima. Ela ainda não sabe como estão as coisas.

— Mamãe... — ela ouviu o ruído dos pezinhos atravessando de carreira a sala de trabalho. Ida Elisabeth levantou-se para deter Tryggve antes dêle se precipitar no quarto.

— Mamãe, Kindli chegou.

Ela teve que sair e ir explicar a Kindli o que acontecera; êle tinha que ir e dizer a Marte Bo que êles não poderiam ir hoje. Enquanto falava com Kindli, ficou completamente calma, o mundo de todos os dias tomara novamente conta dela. Voltando pelo quarto de trabalho, viu o buquê em cima da mesa. Colocou-o num vaso, levou-o e o pôs sôbre a comodazinha do menino. Carl iria se alegrando aos poucos.

O advogado Toksvold ainda estava de pé junto á janela. Atrás dêle havia a claridade, o tremular das fôlhas e a luz do sol refletida no rio; os quartos davam para o velho jardim de Viker, e abaixo do jardim a água ia longe sôbre os campos; as enxurradas tinham vindo cedo êste ano.

Ida Elisabeth sentou-se novamente junto à cama do menino, e o desconhecido ficou de pé, sem dizerem uma palavra, e não lhe pareceu nada estranho que êste homem que ela nunca vira antes, ficasse alí esperando com ela. Até que êle disse:

— Bem, talvez a senhora queira que eu me retire? Eu posso muito bem esperar do lado de fora, a senhora sabe, mas gostaria de ouvir o que diz o médico. Eu só espero que ela tenha encontrado Eriksen em casa. Acho que pelo tempo já deviam estar aquí.

Ida Elisabeth abanou a cabeça — podia ser sim e podia ser não. Êle foi até à cama do menino:

— Pobre criança, em que estado está.

Novamente ela sentiu as lágrimas muito próximas. Carl já quasi parara de sangrar, mas todo o lado direito do rosto estava terrivelmente arranhado; os olhos estavam quasi fechados com a inflamação. Ela viu com dolorosa clareza que êle não era um menino bonito, êsse pobre filhinho seu, com o rosto pálido e enrugado sob uma fronte que era tão grande e saliente; seu cabelo não tinha côr definido — côr de rato, tinham dito no colégio; êle tinha chorado tanto quando lhe contara isso. E faziam caçoada dêle porque tinha que usar óculos. Agora que jazia alí cheio de arranhões e ferimentos, tinha um aspecto deplorável. Com um gesto involuntário a mãe debruçou-se como que para protegê-lo.

— A senhora tem um telefone, não? Acho que vou telefonar para saber se Eriksen estava em casa —. E saíu de mansinho. Instintivamente ela sentou-se e prestou atenção quando ouviu o telefone na sala de trabalho: — Fru Erijsens? Sim, é Toksvold. Oh, não, nós tivemos o azar de atropelar um menino em Viker. Não, espero que não. Bem, então é melhor eu telefonar para Fjeldberg —. Êle desligou e chamou o sanatório: — Froken Presttangen. Há dez minutos, diz a senhora? Ah, graças a Deus, então devem chegar a qualquer momento.

Então o Dr. Eriksen não estava em casa, compreendeu Ida Elisabeth, e então Froken Presttangen, devia ser a prima, fôra ao sanatório buscar o médico de lá. Então era Kari Pressttangen, a dentista de perto da estação que atropelara Carl. Ida Elisabeth lembrou-se que sempre achara qualquer coisa de desagradável naquela pessoa, embora nunca lhe tivesse falado, e embora fôsse realmente bonita a seu modo.

Toksvold parecia ter encetado uma conversa com Tryggve. Ela ouviu o tagarelar do menino e a voz calma e igual do outro. De repente, êle saíu precipitadamente — devia ser o automóvel do médico. A tensão voltou e tirou-lhe a fôrça das pernas, enquanto ela se levantava ao som de diversas pessoas no hall e da voz do Dr. Lund.

— E' uma criança um tanto nervosa, não? — perguntou o Dr. Lund depois de ter feito o exame.

— Oh, é sim.

— Como estou dizendo, a senhora deve guardá-lo na cama até êle se refazer do choque. E no caso de ter ferimentos internos... Mas como lhe disse, não creio que tenha. Mas voltarei amanhã. E a senhora pode me telefonar se houver alguma coisa antes. Eu lhe darei uma receita de um sedativo. — O Dr. Lund passou a mão novamente sôbre o peito e os braços nus de Carl, cuja pele estava áspera como areia. —...bastante nervoso sim, vê-se logo. — Olhe aqui, Fru Braato, a senhora não está puxando de mais por êle? Não deixe que êle se esforce de mais...

Foi o primeiro da classe êste ano, segundo me disse minha filhinha. Ida Elisabeth abanou a cabeça:

— Parece que êle é muito vivo. — Ela tentou não traír seu orgulho, mas sentiu uma ardente alegria ao ouvir o médico tocar no assunto. O Dr. Lund era realmente muito bom. Tinha sido sempre tão amável com ela, havia cinco anos, quan-

Digitalizado com CamScanner

do ela ia ao encontro ver Aslaug, e uma ou duas vêzes convidara-a a ir ao consultório para conversar sôbre Fru Tommeraas. O fato dela ter evitado o Dr. Lund desde então não era absolutamente por ela achar que êle devia ser ocupado de mais; era apenas uma desculpa que ela inventava. Na realidade fôra por uma coisa que êle dissera e que chegara aos ouvidos de Ida Elisabeth, revelando-lhe que também êle presumia que ela tivesse tido uma complicação amorosa — quando aparecera na região, esperando criança, e deixara a casa e estava para se divorciar do marido. O fato dela ser amiga de Aslaug Tommeraas sem dúvida também influira, pois Aslaug contara ao médico tôda a sua própria história, e um pouco mais, naquele terrível verão antes de morrer.

Ela percebera, é claro, que era perfeitamente natural que fizessem essa idéia. Ela já o percebera, quando tivera que dizer ao cunhado por que queria deixar o Oeste e não podia aceitar o lugar de gerente que êle lhe arranjara. Mas naquela ocasião dissera a si mesma que não tinha importância o que pensassem — se ao menos ela se livrasse de Frithjof. E quando adivinhara que o pessoal daqui devia pensar a mesma coisa — que ela é que fôra infiel ao marido — ainda pensara: Não me importo, desde que arranje o que fazer de modo a poder viver com meus filhos; e quem vai indagar da virtude de uma costureira, se ela é competente, não é intrometida? E, por assim dizer, arranjara tanto trabalho quanto podia executar, quasi sem interrupção — também cosera com regularidade para os doentes em Fjeldberg durante êsses anos. Já havia muito tempo que não pensava nessas velhas histórias, e duvidava que alguém por aqui ainda se interessasse pelo passado de Fru Braato; o que lhes interessava era que ela era uma ótima costureira e quasi nunca os desiludia.

Por que então, repentinamente, sentira uma sensação desagradável ao ouvir Toksvold falar para Fjeldberg, e percebera que era o médico do sanatório que vinha? Ignorava-o. A não ser que todo o passado que ela havia deliberadamente banido do pensamento por tanto tempo, que quasi se apagara da sua memória, se tivesse levantado nela como um súbito temporal e a tivesse arrebatado, quando vira Toksvold aparecer com Carl nos braços. Mas agora estava acabado — êsse desastre só a tocara, sem feri-la. E por isso parecia antes um aborrecimento ter o Dr. Lund em casa. Mas isso era tolice, pois êle era um homem agradável, bem como um médico hábil, o que era o principal.

Ao levar o médico até à porta, os dois desconhecidos estavam esperando, sentados na sala de trabalho — êle perto da grande mesa onde estavam reunidos todos seus potes de plantas, ela junto à janela. Ela folheava alguns figurinos que estavam sôbre a mesa de vime. Ambos pularam de pé ao ver o médico.

— Ah, graças a Deus — disse Toksvold, depois do médico ter explicado que o menino provavelmente escapara quasi ileso. Mas Froken Presttangen rompeu numa dissertação de como o acidente podia ter acontecido, naquela curva tão fácil, onde havia uma visão clara da estrada e automóvel algum à vista na ocasião. O menino pulara na estrada atrás de um gatinho. — Bem, ela devia ter adivinhado, pensou Ida Elisabeth, que era o gato.

Ida Elisabeth observou Froken Presttangen pensativamente, enquanto a outra falava. Nos seus trajes de rua — um guarda-pó comprido e claro e uma espécie de boina verde côr de grama, que estava colocado muito singularmente sôbre seu penteado alto e antiquado — ela não parecia muito atraente. Havia de por certo qualquer coisa nela que lhe dava um ar — não propriamente repelente, mas como se tivesse o propósito de manter as pessoas pelo menos a três passos de distância — uma atitude de desafio, diferente da que as outras mulheres adotavam hoje em dia. Ela não se contentava em deixar de cortar o cabelo — a própria Ida Elisabeth deixara o cabelo crescer de novo; não podia estar sempre indo ao cabeleireiro para aparâ-lo, de modo que simplesmente repartia-o ao meio e prendia-o na nuca numa espécie de coque. Mas Froken Presttangen empilhara uma enorme coroa de tranças dourado-claras no alto da cabeça, indo quasi que até a beira da testa. Ida Elisabeth já vira essa moda de penteado em velhos albuns de fotografias, mas nunca na vida real. Talvez fôsse isso que lhe desse a idéia de que havia alguma coisa nessa dentista que recordava a moda dos jerseis — tinha-se a impressão de que suas roupas modelavam-lhe os ombros largos e redondos e o busto desenvolvido mais apertado do que era a moda. E o próprio rosto de Froken Presttangen era do tipo que se adaptava mais a velhas fotografias — seus ossos apareciam descobertos e retesados sob a pele. Isso também de certo modo era bonito, provavelmente o que se queria dizer quando se falava num aspecto fino — testa larga, maxilares altos um nariz ligeiramente aquilino e rosto comprido e fino. Sua tez era deslumbrantemente alva e rosada, mas a pele era um tanto sêca e desbotada, tinha qual

Digitalizado com CamScanner

quer coisa que fazia pensar em tendência à tuberculose; as narinas também mostravam um pouco da membrana côr de rosa que as separava, e os lábios eram muito pálidos e secos.

Embora o Dr. Lund lhe tivesse assegurado que com tôda a certeza Carl não estava em perigo, ela podia ao menos ter dito algumas palavras à mãe da criança que atropelara, ela devia compreender que a assustara horrivelmente. Em vez disso, simplesmente continuou a explicar ao médico que não tinha a menor culpa do acidente. Além das poucas perguntas e respostas que tinham trocado quando Ida Elisabeth e o médico reapareceram, a dentista não lhe disse uma só palavra até o momento de sairem, O médico viu as malas no *hall* e em resposta à sua pergunta, Ida Elisabeth explicou que pretendiam visitar Marte Bo. Então Froken Presttangen disse:

— Eu não sabia que a senhora cosia na casa das pessoas.

Ida Elisabeth deu uma risadinha.

— E não coso. Só para Fru Bo. Ela foi tão boa para mim logo que eu cheguei aquí. E agora é muito difícil para ela vir até aquí: de modo que eu vou à casa dela.

— Porém ela era mesmo exquisita essa moça.

Ida Elisabeth acompanhou-os até o automóvel. O advogado e Froken Presttangen estavam justamente subindo.

— Você quer guiar, Kari?

— Oh, não! Um longo tremor pareceu percorrê-la tôda. Ih, eu acho que "nunca" mais poderei guiar um automóvel na minha vida! —. Ela saltou rapidamente e sentou-se atrás com o médico, e então paraceu querer desfazer-se em lágrimas. — Bem, até a vista, Fru Braato.

Sim, na verdade era uma personagem singular, essa dentista.

Tarde da noite Ida Elisabeth estava voltando da estação para casa; só pudera conseguir o embrulho da farmácia pelo trem das onze horas.

Nos cumes cobertos de árvores a Oeste do vale, as agulhas dos abetos delineavam-se claramente, quasi negras de encontro ao céu amarelo pálido; eram a única coisa que recordava a escuridão na clara noite de verão e um reflexo da luz do céu to-

cava os picos de rocha nua que se elevavam acima da floresta. O rio corria pelo vale, poderoso e com seu volume aumentado pela água das enxurradas, refletindo irregularmente o esplendor da tarde no seu turbilhão. Grossos barrotes amarelos vinham flutuando numa procissão infindável; pareciam estar vogando muito vagarosamente, mas se a gente parasse e firmasse os olhos numa madeira especial, poderia ver que velocidade havia nessas massas d'água que passavam, com sua superfície lisa enrugada e agitada quasi que imperceptivelmente, sempre que alguma coisa no fundo se opunha à fôrça da corrente.

Naquela estranha e forte luz depois do crepúsculo, até as feias casas em tôrno da estação estavam nimbadas de uma beleza especial; suas côres pareciam cintilar novamente no céu. Ida Elisabeth passou pelo hotel Bjorkheim; o maciço edifício de madeira, com cornijas, sacadas e varandas em tôdas as direções, era pintado de um castanho avermelhado com beirais, caixilhos de janelas e ornamentos de um amarelo sujo, mas esta noite suas paredes queimadas de sol pareciam exalar um sôpro de confôrto. Nas jardineiras ao longo das varandas parecia até que os cachos de flôres vermelhas, brancas e côr de rosa, estavam cintilando, e o largo espaço empedrado em frente, com a bomba de gasolina no centro, estava tão claro que refletia o brilho do céu. A própria Magda Bjorkheim, uma mancha brilhante no seu *overall* côr de rosa, desceu correndo as escadas, para atender a um velho e poeirento *Buick* que estava buzinando junto à bomba. Vendo Ida Elisabeth, acenou-lhe: — Espere um minuto! —. Ida Elisabeth parou e sentiu a noite em tôrno dela, como uma profunda e indefinida sensação de bem estar. Embora estivesse tão sossegado, havia um ligeiro sussurro acima de sua cabeça, nas flexíveis bétulas.

O automóvel saiu e Magda correu até ela; queria saber como estava Carl. A princípio tinham dito na estação que o menino estava tão horrivelmente ferido que não tinha probabilidade de restabelecimento. — Mas as pessoas gostam sempre tanto de exagerar. Ih, aquela Froken Presttangen, é uma excêntrica! Terrivelmente nervosa, com certeza. Ela devia perder a carteira por causa disto, por algum tempo pelo menos, para aprender...

— Mas olhe aqui Magda. Eu acho que posso levar aquêle seu vestido enquanto estou ocupada com isto, porque afinal não vamos mais para Bo. Você sabe, dei férias às minhas costureiras, mas não perderei nada se fizer tudo sozinha.

Digitalizado com CamScanner

— Isto é ótimo! que sorte — Ela saiu correndo. Ida Elisabeth continuou o caminho, entusiasmada. Tinham feito tantas perguntas sôbre Carl também na estação. — Dizem que o menino tem uma cabeça... — dissera o chefe da estação caçoando. — Talvez fôssem melhores para Carl na escola depois disto.

Aliás, ela teria gostado de descansar uns dias, mas agora prometera fazer o vestido de Magda imediatamente. E é sempre bom ver-se livre das coisas. Ela podia fazer uma grande parte do trabalho enquanto estivesse com Carl. Êle não teria licença de ler, pelo menos na primeira semana, mas uma grande coisa em Carl era que êle nunca se aborrecia quando ficava sozinho. Só Deus sabia em que êle estava pensando o tempo todo. Precoce, sim, pobre menino. E' bastante fácil para as pessoas que escrevem nos jornais de senhoras e similares, dizer que se deve mandá-las brincar com as outras crianças. Poder-se-ia pensar que tais criaturas nunca viram crianças na vida real, ou não percebem como se deve tratar aquêle que é um pouco diferente dos outros. Um meninozinho fraquinho, míope, e feio — e tímido por lhe terem dito isto — que é que se vai descobrir para impedir que êle se torne precoce, quando já é inteligente e tem uma inclinação para investigar tudo quanto é assunto?

Pobre criança — e depois a sua idéia era ser fazendeiro. Passava grande parte do tempo em Viker; gostava de animais, mas como era desajeitado e suas pernas pareciam dois palitinhos! E onde é que êle arranjaria o dinheiro para comprar uma fazenda? Mas era justamente isto — de um modo ou de outro — por que ela *tinha* que arranjar um apôio financeiro afim de poder ajudar os filhos na vida. Com Frithjof, os irmãos e irmãs ela bem vira qual o resultado, quando os pais não têm nem dinheiro nem juízo, e os filhos são imperfeitamente dotados por isto ou aquilo. E tinha estado demasiado enredada com aquela família para ceder à tentação de não ver o que faltava a seus próprios filhos. Carl era mesmo um rapazinho corajoso — era nervoso, sensível e tímido e às vêzes desanimava e queixava-se a ela. Mas ao mesmo tempo tinha a fôrça de vontade de não ceder e não deixar que estranhos vissem que êle tomava as coisas a peito, e durante longos períodos era o seu corajoso filhinho. Tryggve naturalmente ainda era muito pequeno, mas mesmo assim ela descobrira que êle era muito mais covarde, não procurava como o irmão, cerrar os dentes e nada demonstrar; Tryggve era predisposto a proteger-se com bravatas. E mentia como ninguém. Talvez ainda fôsse criança de mais para distinguir entre o que realmente acontecia e o que imaginava ou

queria que acontecesse. E sem dúvida não seria fácil para ela ensinar ao menino a separar as fantasias dos desejos e dos fatos. Mas era tentador adotar para com os filhos, por exemplo, a mesma atitude dos pais de Frithjof — deliberadamente tornar-se ainda menos crítico do que se é na realidade, e compensar-se disso criticando um pouco mais os outros, afim de se tranquilizar; não se é assim tão idiota no fim das contas. Porém ela percebia a sua relutância em observar os defeitos de Tryggve, porque o tratantezinho era tão bonito, e depois recordava-lhe tanto Solvi.

Ida Elisabeth virou para a estrada principal. No grande edifício novo da esquina, uma casa de tijolos verde-ervilha com três andares, numa espécie de estilo "racional", Froken Presttangen tinha sua cirurgia dentária. Atrás da janela no andar térreo com seu nome na vidraça, Ida Elisabeth viu refletido um grande globo elétrico por cima de uma broca. Herr Toksvold também tinha seus escritórios neste edifício; naturalmente ela vira sua placa muitas vêzes, mas nunca lhe prestara grande atenção. Tryggve Toksvold era o seu nome. Onde morariam? pensou ela. Alguém lhe dissera que a nova dentista morava na pensão de Solhaug. Talvez êle também morasse lá.

Talvez êle administrasse a Sopa de Ervilhas, como chamavam a casa. Então ainda não tinham conseguido alugar a loja da esquina. Ida Elisabeth parou um momento e olhou para dentro através da grande janela vazia. O mobiliário da loja tinha pretensões, balcões e prateleiras pintados de cinzento pérola e côr de tijolo. Papel e tábuas jaziam pelo chão, deixados pelos pintores. Ela achara graça quando Marte Bo sugerira que alugasse esta loja. Marte vinha lhe aconselhando todos êsses anos: você devia montar novamente um negócio. E na primavera passada, quando falara a Marte do dinheiro deixado pelo Dr. Sommervold, Marte insistira: — Você pode ter certeza se deixar o dinheiro mofando no banco ficará arruinada um dia. Empregue-o num negócio, Ida, antes de vir alguém se estabelecer aqui; então todo o mundo comprará tudo pronto, e você nem mais costura terá para fazer...

Marte tinha razão. E uma loja de roupas aqui devia dar lucro, e ela tinha fama de coser bem e ter bom gôsto. Se ao menos os tempos não estivessem tão ruins, e se uma multidão de lojas análogas não brotasse quando vissem que ela estava sendo bem sucedida...

Nunca sonhara que Sommervold pudesse deixar-lhe tanto dinheiro. Um par de coroas para Carl era o que imaginava.

Digitalizado com CamScanner

Sabia que o presente de batizado do médico ao menino incluía uma caderneta de banco. Mas acontecera que havia mais de três mil coroas para Carl, além de uma caderneta de banco que a princípio estava em nome de Solvi mas que depois fôra transferida para o dela. Êsse depósito elevava-se a duas mil e quinhentas e tantas coroas. E com êsse dinheiro, em todo o caso, ela podia fazer o que quisesse. Era um problema também saber se o dinheiro de Carl estaria mais seguro num banco do que empregado em negócios.

Mas isso significaria ter que ficar fora de casa quasi o dia inteiro e ela teria que ter alguém em casa para tomar conta dos meninos. Ida Elisabeth suspirou. Tinha tido algum confôrto desde que se mudara para Viker. Podia suprir às necessidades dos meninos; e para si havia o sossêgo, quando o trabalho cotidiano estava acabado e suas costureiras tinham ido embora. Então ela e as crianças ceavam juntos na cozinha, e ajudava Carl com as lições, ou sentava-se com algum trabalho sem dizer nada, atenta ao que os dois estavam fazendo. Não se podia querer nada de melhor, se se podia sustentar os filhos e ao mesmo tempo servir-lhes de mãe. Os meninos também, de certa forma percebiam isso; Carl ficara transtornadíssimo no dia em que ouvira Marte Bo falar-lhe sôbre a loja. "Mas, meu caro, dissera ela, como estão as coisas, fico ocupada na sala de trabalho o dia inteiro". "Sim, mas nós sabemos que você está lá, e podemos ir contar-lhe imediatamente o que tivermos a dizer". Sem dúvida era justamente essa a questão. As crianças muitas vêzes ficavam sem ela o dia inteiro, a não ser durante as refeições. Não tinha que tomar conta dêles; bastava saberem que se quisessem encontrá-la, não procurariam em vão.

A estrada estava terrivelmente poeirenta — pesada, macia e silenciosa sob seus pés. A grama e as flôres, na beira da vala, estavam profundamente enterradas na poeira; os abetos e os álamos estavam cinzentos de poeira quando à beira da estrada: uma grande extensão de urzes e musgo estava sufocada pela poeira, e o perfume dos bosques parecia embotado pelo cheiro da estrada. Ida Elisabeth passou pela casa onde morara nos primeiros anos que vivera ali. Ficava num nível mais baixo do que a estrada, apertada entre um íngreme rochedo suspenso e as calçadas que seus olhos encontravam tôdas as vêzes que ela os levantava do trabalho. As duas janelas que lhe tinham pertencido estavam escuras e fechadas — um velho norueguês-americano morava lá agora, e pendurava sempre qualquer coisa escura nas janelas que davam para a estrada. A

casa tinha correntes de ar e estava estragada já no tempo dela, e certamente não lhe tinham feito consêrto algum desde então. Era tão feia quanto pode ser uma casa, com um andar térreo de madeira cinzenta, sem pintura, e em cima tinha um sótão forrado e pintado com u'a mão de uma espécie de ocre amarelo e ralo. No seu tempo os caixilhos andavam sempre soltos, batendo e fazendo barulho sempre que havia um vento forte.

Do outro lado da estrada havia um espaço aberto de tojo com pinheiros descarnados e doentios. Seus troncos eram amarelos, uma côr que a fazia sempre pensar em truta salgada rançosa; seus escassos cimos estavam desbotados e ficavam de um verde côr de azeitona no verão. Ela costumava passear alí com as crianças nas tardes de verão, quando tinha tempo. Marte Bo lhe emprestara um carrinho velho para Tryggve, que se divertia quando o carrinho batia e ia de encontro a pedras e terra dura na velha trilha que levava a um areal. O solo era nu e cinzento, com musgo e montes escuros de urzes desbotadas e grandes pedras que podiam ter sido deixadas por um rio no passado. Talvez outrora fôsse largo, o pequeno riachinho Aasdal, que corria pelo terreno — era o riacho que se lançava no grande rio um pouco abaixo de Viker. Seu passeio habitual era até o rio; êste corria com um alegre murmúrio, que lhe era peculiar, no seu leito de pálidas rochas arredondadas, e Carl corria para lá e para cá, jogando areia e pedrinhas na corrente e procurando amoras no meio das urzes. O barulho da água corrente e o cheiro tépido e sêco dos pinheiros lhe eram profundamente agradáveis. Mas como achara feia aquela região do Leste logo que chegara. Essas colinas baixas cobertas de mato, que pareciam sumir-se tão vagarosamente, não podiam tomar o lugar de montanhas. E aquí era tudo sêco e queimado de sol; não havia côr nem no céu nem na terra — o céu ou era simplesmente azul ou simplesmente cinzento, a floresta de um escuro esverdeado e as colinas, onde se achavam as fazendas ficavam de um amarelo queimado logo no comêço do verão. Aquí, no fundo do vale, era só poeira, de modo que tudo estava perpetuamente cinzento. O fato de não conhecer ninguém aquí não tinha importância para ela, mas a secura e a monotonia de tudo fizeram-na sentir-se horrivelmente só, enxotada para o deserto com os filhos.

Mas em tôrno de Viker era bonito. E isso deu-lhe a sensação de que uma nova fase de sua vida começara na primeira manhã que acordara lá e olhara para o velho jardim da fazenda com suas velhas e nodosas macieiras e abaixo do jardim os

Digitalizado com CamScanner

campos amarelos ainda manchados de neve, aquí e alí. A grande curva que o rio fazia, logo abaixo de Viker, refletia as nuvens primaveris num azul de aço, mas abaixo da superfície havia um brilho esverdeado de gêlo em muitos lugares, e do outro lado do rio as encostas das colinas cobertas de mato brilhavam ao sol da manhã. Ela nunca se esqueceria disso, pois havia anos que não acordara num quarto que não desse para uma estrada. E sem dúvida era por êsse motivo que essa vista para o rio e para as colinas do Norte, ao sol da manhã, nunca se tornava vulgar para ela; quando estava bom tempo e ficava sentada sozinha na cozinha tomando café antes de se preparar para o trabalho do dia, absorvia como que uma repousante sensação de alegria, que ficava latente no seu espírito e transparecia de vez em quando, emquanto lidava com tôdas as tarefas e acontecimentos do dia.

Ida Elisabeth apressou o passo. Passarinhos cantavam no bosque, embora os automóveis passassem velozmente, um após outro, buzinando e deixando para trás uma nova nuvem de poeira misturada com mau cheiro. Aquí e alí as árvores se afastavam um pouco da estrada e formavam um círculo em tôrno de uma casinha nova, com um jardim plantado de fresco em volta; Ida Elisabeth espreitava com interêsse por cima de todos os muros e fazia comparações com seu futuro jardim.

O cheiro quente e vivificante da fazenda acolheu-a ao passar pelas casas mais ao Norte de Viker. Será que Carl tinha estado dormindo o tempo todo que ela estivera fora? pensou.

A claridade da noite de verão convertera-se num escuro claro; Ida Elisabeth viu que um homem estava de pé junto a seu portão. O cigarro que êle atirou fora, enquanto se dirigia ao seu encontro, ficou ardendo um momento na estrada.

— Eu só queria saber como o menino está passando.

— Oh, obrigada, está tão bem quanto possível, em vista do que aconteceu.

O advogado Toksvold sacudiu a cabeça:

— Meu Deus, quando eu penso no que podia ter acontecido! Quem me abriu a porta disse que a senhora fôra à estação buscar um embrulho de remédios. De modo que achei melhor esperar e perguntar mesmo à senhora. Aliás foi estúpido da minha parte não ter pensado nisto esta manhã. Poderia ter-me oferecido para ir buscá-lo para a senhora. Mas para dizer a verdade, eu também estava bastante... bem, a senhora compreende, Fru Braato. E depois, para ser franco, fiquei com

mêdo que houvesse alguma encrenca com Kari. Um ataque nervoso ou coisa parecida.

Ida Elisabeth teve um sorriso um tanto cético. Ela não tivera propriamente a impressão de que Froken Presttangen estivesse à beira de um ataque de nervos.

— Ela mandou recomendações. Não ousou vir em pessoa, mas pediu-me que deixasse isto para o menino. — E entregou-lhe um saco, evidentemente contendo bananas e outras frutas. — E mais isto... Eu não sabia o que comprar, mas as crianças em geral gostam de balas.

Ida Elisabeth recebeu o outro embrulho, uma grande caixa de bombons, podia-se perceber. Depois de agradecer-lhe houve uma pausa, como se cada um estivesse esperando que o outro dissesse alguma coisa.

Toksvold debruçou-se sôbre o muro:

— Kristian Viker me disse que foi a senhora que pagou isto — êle indicou com a cabeça o campo de batatas. — Imagine a senhora gastar tanto dinheiro fazendo um jardim numa casa que não é sua!

Ida Elisabeth deu de ombros:

— Eu queria tanto voltar a ter um pedacinho de jardim. E se eu fôsse esperar até ter casa própria, talvez nunca o tivesse. E êsse pedaço de terra estava tão feio e não servia para ninguém. O senhor sabe, Kristian fêz o carreto da terra grátis e cedeu-me o material para o muro muito barato.

— A senhora não acha que uma cêrca de arame teria ficado mais barato?

— Sim, certamente. Mas não pareceria que estivéssemos cercados direito. Tenho andado pensando em plantar uma sebe aqui do lado da estrada. Mas naturalmente levará alguns anos para crescer.

— E se a senhora fôsse embora daqui justamente quando seu jardim começasse a crescer?

— Hum, sim. — Ida Elisabeth deu uma risadinha. — Então pelo menos eu teria deixado um jardim. Mas o senhor sabe, eu ficaria doente se soubesse que meus sucessores não o estavam tratando direito. Havia um velho jardim tão lindo na casa de meus pais, no Oeste. Eu fiquei muito triste quando a gente que comprou a casa depois da morte de meu pai, abateu as velhas árvores e deixou os terraços, o roseiral, tudo ficar em ruinas.

Digitalizado com CamScanner

— Bom, eu não devo tomar o seu tempo. Deixe que eu venha amanhã saber como está o menino. Agora boa noite, e espero que êle melhore logo.

Ida Elisabeth abriu o portão, subiu vagarosamente o caminho da casa. As fôlhas dos lilases plantados de pouco estavam caídas depois do dia ardente. Mas o verde das batatas crescera espantosamente, os tufos de fôlhas escuras estavam agora por tôda a parte.

Na soleira da porta estava sentada a causa de tôda a confusão, o gato branco; com uma perna levantada bem para o alto, estava limpando as partes trazeiras diligentemente. Ida Elisabeth abaixou-se e apanhou-o. Enterrou o rosto no seu pelo macio e quente — parecia uma eternidade desde aquela manhã quando apanhara o gato de Carl, enquanto êle se esforçava por pular o muro. Se êle estivesse acordado agora, ela poderia deixar Puss fazer-lhe uma visitinha — certamente lhe daria prazer.

CAPÍTULO SEGUNDO

Passara-se um mês; Carl já estava de pé, completamente bom, embora ainda com algumas manchas amarelas no rosto e no corpo, das contusões. Uma manhã uma de suas operárias veio e disse-lhe que Froken Presttangen estava lá fora querendo vê-la. Ida Elisabeth estava no meio de uma prova. — Você tem que lhe pedir que espere um minuto; faça-a entrar para a sala de visitas.

Elas não se tinham encontrado desde o dia do acidente. Ida Elisabeth vira-a uma ou duas vêzes perto da estação e tivera a impressão de que Froken Presttangen não estava mais ansiosa do que ela por um encontro.

Karl Presttangen estava sentada no divã; quando Ida Elisabeth apareceu na porta, levantou-se rapidamente. Estava com um vestido de linho de um vivo azul celeste e sem chapéu; segurava um chapéu lavável e branco na mão, e pareceu a Ida Elisabeth que estava simplesmente esplêndida nesses trajes, mas seus movimentos eram estranhamente abruptos e angulares. Estava de pé bem no sol, que jorrava, interceptado pela ligeira ondulação da cortina na brisa estival, e pelas flôres no peitoril da janela. As pintas de luz flutuavam pelo peito forte da visita no seu vestido azul e faziam sua pesada coroa de tranças brilhar como ouro. Ela era bonita de uma forma tão fora do comum, e tão alta que parecia como se não pudesse se adaptar em lugar algum.

— Bem, eu só queria perguntar como vai indo o menino — disse ela rapidamente, depois de se terem cumprimentado, en-

Digitalizado com CamScanner

quanto Ida Elisabeth ficava como que esperando que ela falasse.

— Isto é, naturalmente Tryggve deu-me notícias tôdas as vêzes que esteve aqui. Mas eu mesma quis vir um dia e saber notícias dêle.

— Muito obrigado. Sim, agora êle já está completamente bom. E mil agradecimentos por tudo que a senhora lhe mandou enquanto êle esteve de cama.

— Oh! Não foi nada. Êle está em casa agora?

— Não, meus dois garotos estão no *saeter* Viker. Foram convidados para passar alguns dias lá.

Depois ficaram de pé, sem dizer nada. Do campo abaixo vinha o som metálico de uma máquina ceifadeira, e pela janela aberta o ar de verão trazia um sôpro quente carregado com o perfume de feno, e um reflexo da luz do sol brilhando no rio e nas fôlhas do jardim.

— E' bonito isto aquí em Viker — disse Froken Presttangen. — Acho que gostaria de morar aquí. — Ela relanceou os olhos pela sala, como à procura de alguma coisa.

— Sim, é bonito. — Ida Elisabeth manteve uma atitude de expectativa.

— Bem, depois há mais outra coisa. — Kari Presttangen desviou os olhos; estava brincando com o chapéu de linho branco que tinha nas mãos. — Naturalmente eu pagarei as despesas do médico, etc. Tôdas as despesas que a senhora foi levada a fazer devido ao desastre.

— Não, por que? — disse Ida Elisabeth com uma surprêsa amistosa na voz. — Não foi culpa sua. A senhora mesmo explicou isso no dia em que aconteceu. E era justamente o que eu imaginava, acrescentou ela, vendo a expressão estranha do rosto de Froken Presttangen; ela realmente fazia a gente pensar numa menina de colégio acusada de ter feito uma coisa mal feita. — Eu temo que seja da natureza de Carl atrapalhar-se facilmente.

Froken Presttangen puxava e atormentava o chapéu.

— Bom, mas eu acho que... A senhora não me permitirá, Fru Braato? Ih, eu tenho andado tão aborrecida comigo mesma desde então... Acho realmente que a senhora poderia aceitar.

Ida Elisabeth abanou a cabeça:

— A senhora também não aceitaria, Froken Presttangen.

A outra levantou os olhos; estava de pé com a cabeça ligeiramente inclinada. O sol caiu em cheio nas suas pupilas; tinha olhos grandes de um cinzento ligeiramente esverdeado.

De repente Ida Elisabeth descobriu o que essa pessoa lhe fazia lembrar — uma grande égua alazã clara que tinham tido em Vallerviken quando ela era criança. Essa égua era muito arisca, porque os antigos donos a tratavam com uma crueldade insensata, dizia o pai.

Mesmo assim ela repetiu o que dissera:

— A senhora não aceitaria se estivesse no meu lugar. Diga-me, aceitaria?

Kari Presttangen continuou de pé, piscando e olhando-a com o rabo dos olhos. Depois disse em voz baixa: — Não sei. Não é fácil dizer o que se faria se se estivesse no lugar de outra pessoa.

— Mas naturalmente eu lhe sou grata por ter pensado nisto. — Ida Elisabeth fêz um leve gesto — será que essa moça não compreendia que não havia mais nada a dizer e que pelo menos ela tinha que voltar para seu trabalho? — Como lhe estou dizendo, fico-lhe profundamente grata pelo seu oferecimento.

Kari Presttangen compreendeu:

— Ah, não... vejo que estou tomando o seu tempo.

Ida Elisabeth olhou seu relógio de pulso. — A verdade é que estou esperando alguém para uma prova daqui a um momento.

— Bem, não a reterei por mais tempo.

Ela parecia tão seriamente embaraçada que Ida Elisabeth sentiu que devia mostrar alguma benevolência. — A senhora pode sair por aqui, assim não terá que passar pela sala de trabalho. Abriu a porta do *hall* e levou a visita pela grande sala vazia, aquecida pelo sol. Ida Elisabeth acompanhou a outra até o portão.

— Espero que não esteja zangada comigo — disse Froken Presttangen aflita, ao se separarem.

— Deus do céu, não! Foi tanta bondade de sua parte...

Ida Elisabeth ficou um momento no portão olhando a alta desconhecida vestida de azul, que se afastava. Ela tentou colocar seu pobre chapéu, mas êsse achava-se reduzido a um mero trapo. Por isso continuou a balançá-lo enquanto se afastava rapidamente com seus passos largos.

Pobre môça, acho que fui muito sêca com ela, pensou Ida Elisabeth. Mas era um exquisito procedimento — primeiro não dar sinal de vida durante um mês inteiro e depois vir com falatórios de que naturalmente pagaria.

Era um tanto estranho ficar completamente só à noite naquela grande casa. Os Hansens lá de cima tinham saido para

Digitalizado com CamScanner

uma reunião qualquer. O velho Hansen habitualmente costumava tocar seu harmônio a essa hora da noite, e Ida Elisabeth ficava atenta para ouví-lo — era tão sossegado agora sem o arrastado queixume das cantigas ou dos hinos, arrancados do velho instrumento asmático do professor.

Depois de suas duas operárias terem saído ela deslizou suavemente pela casa, dando uma arrumação nas salas. Diante do longo espêlho na saleta de provas deteve-se um momento, examinando a própria imagem. Não poude deixar de sorrir ao lembrar-se das histórias que a vovó Siveking lhe contara, de pessoas que tinham se encontrado com a própria imagem numa porta ou numa escada e tinham morrido de tanto mêdo. Se algum dia lhe acontecesse encontrar uma sósia ela aceitaria o fenômeno calmamente. Provavelmente lhe faria um cumprimento, e pensaria lá consigo, enquanto passasse — ora quem era aquela? Tenho a certeza que conheço aquela senhora, mas no momento não me lembro quem é.

Rosto bonito mas comum, tamanho normal, esbelteza normal, e um corpo como que apagado pelo comprido avental com grandes bolsos e cinto frouxo. Mesmo assim, um avental bem elegante, cinza, com listas côr de rosa e enfeitado com ponto de cruz; era parte de seu ofício estar sempre asseada e elegante, mas nunca de modo a chamar atenção. Ela mergulhara em roupas de trabalho já há tanto tempo, a bem dizer desde que crescera, que quasi que se esquecera de pensar no seu talhe. Bem, na verdade, hoje em dia havia muitas mulheres nas mesmas condições. Mas algumas, talvez a maior parte, quando tiravam o avental à tarde, vestiam-se e faziam-se bonitas, afim de que aquêles com que iam se encontrar pensassem que elas eram como imaginavam ser. Ela nunca pudera fazer coisa semelhante. Fôra sempre forçada a aguentar firme durante as vinte e quatro horas, e a ser o que os outros supunham que ela fôsse — uma pessoa que estava pronta de boa vontade a servi-los nas coisas possíveis e impossíveis. Graças a Deus, agora enfim era verdade, e natural que assim fôsse — agora que eram os filhos que tinham a certeza que mamãe cuidará de nós, que mamãe afastará de nós tôdas as coisas ruins, e, se houver alguma coisa ruim de que ela não nos possa proteger, deve ser coisa que nenhum sêr humano pode afastar dos outros. As crianças têm o direito de exigir isto dos pais — que êles lhes dêm a sensação de que há alguma coisa em que podem confiar neste mundo. E' bom que os pais amem os filhos, é bom que os filhos amem os pais, mas a experiência mostrava-lhe que isso não é o bastante. Tem que haver mais alguma coisa, e que Deus permitisse que ela nunca deixasse que os filhos sentissem a falta disso.

Ida Elisabeth tirou o avental e pendurou-o; voltou e novamente se mirou no espêlho. Era um vestido bonitinho, principalmente levando em conta o preço: uma sáia azul marinho pregueada e um *sweater* de sêda da mesma côr, com modernas listas de um cinzento prateado na frente, meias e sapatos azul marinho. Com um sorriso que era uma espécie de careta, ela se olhou bem nos olhos: oh, sim, você está vestida de acôrdo com sua posição, sôbre isso não há dúvida.

E agora era um prazer estar por uma vez completamente só.

Voltou para a sala de trabalho. A rigor devia estar fazendo os franzidos nos dois vestidos de *voile* para as filhinhas do Dr. Eriksen. Apanhou a caixa de retrozes, experimentou-os de encontro à fazenda. O verde com que Fru Eriksen queria que ela cosesse o branco seria difícil de lavar e o azul de encontro ao côr de rosa estava medonho, mas já que Fru Eriksen o escolhera... Ela faria um trabalho bem feito, mas mesmo assim não estava com vontade de começá-lo agora. Amanhã teria o domingo inteiro para fazê-lo.

Ida Elisabeth entrou no quarto dos meninos. Havia um não sei que quasi misterioso na ordem pouco habitual que reinava alí, as duas camas das crianças apareciam brancas à luz da tarde — como pareciam desertas! Era a primeira vez que os meninos ficavam fora sozinhos. Deviam estar se divertindo enormemente no *saeter*. Ela tinha que lhes escrever esta noite. Prometera uma carta para cada um.

De pé junto à cômoda bebeu um copo de leite e comeu os pãezinhos secos que alí ficaram desde que Mari Kleivmillom lá estivera no princípio da semana. Realmente podia muito bem levar a lã que Mari tecera pela manhã — seria também um passeio para ela. Era um caminho tão bonito ao longo da encosta da colina até Nyplassen e era uma boa coisa combinar a tempo sôbre as meias de inverno dos meninos. E com certeza Anne gostaria de iniciar o trabalho o mais depressa possível. No outono já podia ter outras encomendas de *tricot*.

Céus, que linda noite! Havia novamente aquêle estranho reflexo azul no rio, abaixo do bosque, do outro lado. Talvez significasse chuva dentro em breve. Kristian Viker predissera que o bom tempo duraria; êle achava que não ia precisar empregar armações para secar o feno êste ano. Ida Elisabeth de-

Digitalizado com CamScanner

bruçou-se na janela, olhando as andorinhas; uma ou duas ainda não se tinham recolhido. Nuvens no céu, mas muito alto — um espêsso docel de pequenas bolinhas de nuvem em massa, cinzento avermelhadas, e algumas orladas de dourado... e agora grande parte do reflexo no rio era de uma côr clara de madrepérola. Sem dúvida eram a espécie de nuvens chamadas *strato-cumulus*. O pai lhe ensinara os nomes das diversas espécies de nuvens, quando ela era criança.

Da dispensa, uma portinha dava para o velho jardim da fazenda, nos fundos. No inverno ela tinha que pendurar sacos vazios e velhos pedaços de tapete sôbre ela, para não deixar entrar a neve; mesmo assim a gente quasi que morria gelada sempre que tinha que ir buscar alguma coisa na dispensa, e era impossível guardar comida lá que não gelasse.

O trinco já estava quasi todo roído de ferrugem e os gonzos rangeram dolorosamente quando ela abriu a porta. Fora o céu parecia estriado, e pelas frestas das nuvens vinha a intensa e branca luz da tarde de verão. Êsse jardim estava em estado quasi silvestre; as moitas de groselha eram como tufozinhos escuros, quasi enterrados na grama grossa e alta. Mesmo entre os degraus arruinados, fora da porta, a grama brotava — estavam tão podres que era provavelmente perigoso pisar nêles. Veio-lhe a idéia de que esta portinha completamente sem sentido era para ela um ponto secreto de sortida de todos os cuidados e aborrecimentos do dia, para um mundo de noite de verão, cheio de mistério e quietude, para o ar livre.

Antes de saber o que estava fazendo, Ida Elisabeth pulara e estava com grama até os joelhos, sentiu-a ensopada de sereno e riu tranquilamente consigo mesma. Começou a patinhar pelo jardim, enquanto na sua frente hastes e varetas cediam, quebrando-se com um estálido, enquanto ela abria caminho. Refugiou-se no caminhozinho que ia dar na horta de Fru Viker, parou para sacudir a saia: pingando de molhada, e seus pés também estavam todos molhados... eu devo estar maluca para estar fazendo uma coisa destas, pensou e riu num tranquilo êxtase.

Um morcego passou rápido como o relâmpago pelo pedaço claro do céu entre as macieiras. Sempre gostara de observar morcegos, há tanta graça no seu rápido vôo, e depois é só nas noites de verão que a gente os vê. Lá estava êle outra vez. As velhas árvores estavam tão escuras de encontro ao céu desmaiado, e entre os ramos viam-se as frutas como botões

redondos — bastava-lhe vê-las para sentir nos dentes o seu azedume.

Havia um cheiro tão bom na horta — terra úmida, bardana, endro e áipo. Foi até à cêrca, pulou-a e começou a andar através do campo, onde o feno estava amontoado em pequenos molhos.

Estava tão claro aqui, depois da escuridão debaixo das macieiras, e tudo tão espaçoso em volta dela. Neste lusco-fusco a distância até o rio parecia tão grande que ela não sabia se poderia ir até lá. O céu agora estava límpido no zênite, havia algumas estrelinhas, e o reflexo do céu no rio parecia ainda mais brilhante do que antes, mas sob a mata, do outro lado do vale, a água estava tão escura que parecia confundir-se com a terra.

Com um estremecimento, Ida Elisabeth cruzou bem os braços — estava com frio por causa das roupas molhadas. De pé no meio do campo entregou-se à sensação voluptuosa de ser tragada pela noite estival — o espaço era infinito de todos os lados, o claro lusco-fusco insondavelmente profundo acima dela. A escuridão imperava nos negros bosques ao longo dos lados do vale, entre matas e frondes, mas sôbre o campo ceifado de fresco o crepúsculo de verão parecia rarefeito e impregnado do perfume puro do feno. Assim de pé, sentindo no íntimo tudo que a cerca, pareceu-lhe que deixava de ser ela mesma.

De repente recordou-se de uma espécie de visão que tivera um dia: pareceu-lhe ver numa campina um buraquinho cheio de água de uma fonte, e um regato escorria da cavidade, mas na poça a água estava escura e transparente como o vidro e parecia completamente estagnada, agitando-se de leve só à superfície, acima do lugar onde o frágil ôlho d'água pulsava...

Ela parou junto à janela de seu quarto, sem saber se devia fechá-la ou não. Se a deixasse aberta viriam tantas mariposas quando acendesse a luz... Mas se fechasse, o quarto ficaria muito abafado, essas velhas paredes de madeira conservavam tanto o calor...

Essa noite ela percebeu o cheiro que a acompanhava por tôda a parte onde morava — do material que ela usava, um cheirinho de goma, um cheirinho de óleo de máquina, o cheiro de lã nova, misturados. Já estava tão acostumada a êle que em geral não o sentia. Em todo o caso não era tão ruim como o cheiro de outros ofícios. Uma mercearia tem um cheiro muito pior — de carne fria, leite e creme na geladeira. O cheiro de pão feito em casa é o que acaba sendo mais desagradável.

Durante seis meses ela e Aslaug tinham tido um quarto na casa de uma senhora que gostava disso. E, céus, como aquêle cheiro lhes pusera água na bôca na tarde em que se tinham mudado para lá! Naquela época elas nunca estavam fartas, mas as contrações de seus estômagos foram intoleráveis ao entrarem na sala da mulher — como era mesmo o nome dela? — e encontrarem o cheiro quente de gordurosos bolos de baunilha. E quão terrível o tinham achado depois de morarem lá algum tempo! Gorduroso, frio e nauseabundo, ficava agarrado à mobília, às suas roupas e cabelos; perderam completamente o apetite... e nesse sentido foi-lhes muito prático. Não que aquilo lhes enchesse o estômago (sentiam a mesma fome), mas a comida lhes repugnava.

Ah, pobre Aslaug. Tôdas as vêzes que pensava nela não podia deixar de perguntar e desejar saber — qual é o sentido disto tudo? Haverá algum sentido nisto? E será que Aslaug continua a viver noutro lugar, e lá terá descoberto por que sua vida foi tão desgraçadamente frustrada?

Ida Elisabeth ficou sentada junto à janela aberta, sem acender a luz. Aslaug... Era estranho, no entanto, que fôsse a morte de Aslaug que a tivesse feito pensar nisso — se depois da morte havia alguma coisa, e se havia, o que? Ela nem sabia se acreditava que o pai e a mãe ainda estivessem vivendo, de uma forma qualquer. Às vêzes, sem dúvida, sentia que o acreditava, e às vêzes não. Solvi — para ela a criança nunca estava muito longe, na sua vida Solvi estava eternamente viva, — mas ela não sabia se acreditava que também Solvi ainda tinha uma espécie de existência independente fora dos dias de sua própria vida. Em todo caso nunca tentara esclarecer seus pensamentos a respeito de seus mortos, até que a vida de Aslaug chegou a um fim, o último fiasco, que em todo o caso não podia ser reparado aqui na terra. E se ela tivesse vivido, teria sido somente o começo do fiasco seguinte. Isso fazia-a indagar: — haverá alguma coisa que deveríamos saber, mas que nunca nos ensinaram, e será por isso que fazemos coisas tão estúpidas com as nossas vidas?

Aslaug, no entretanto, provinha de um lar religioso — ela mesma dizia. A Bíblia estava sempre em evidência na sala dêles, numa mesa especial, coberta com um paninho de crochê branco. Aslaug e as amigas tinham lido tôdas as histórias vergonhosas que continha quando os pais dela saíam. Insistira em lê-las também para ela, e assim Ida Elisabeth adquirira a maior parte de seus conhecimentos da Bíblia. Aliás,

nunca as achara assim tão feias... eram contadas de uma forma antiga, tão estranha... Aslaug era simplesmente aborrecida e tola, pensava ela, com seu riso lascivo, quando lia por exemplo sôbre Davi, depois da complicação com Betsabé, quando procurou por todos os modos evitar ser descoberto — sua verdadeira sensação era de crueldade, como se u'a mão se apoderasse de seu coração e o apertasse; e depois quando vinha o profeta e contava a história da única ovelha do homem pobre — era feito mais para fazer a gente chorar. E depois aquela expressão de que Aslaug não se cansava de rir, sôbre os antigos judeus, de que êles "conheciam" suas mulheres. Ela tomara cuidado para que Aslaug não o percebesse, mas no íntimo do coração achava que devia significar uma coisa linda. Talvez fôsse devido ao fato de ter tido aquela desgraçada complicação com Frithjof, mas também ela nunca deixara que Aslaug soubesse que ela não era tão inocente como a outra imaginava. Aquêle negócio com Frithjof acabara de maneira tão infeliz, que ela nem gostava de se lembrar, e além disso ouvira tanto o pai como a mãe usarem expressões tão grosseiras e feias a respeito, que bastava para enjoar a gente. Mas "conheciam"... Ela pensava nos povos sôbre os quais lera nos livros ilustrados que o pai tinha, de gente selvagem e italianos, mouros e árabes, quando ouvia falar dessas mulheres que moravam em tendas. Deviam ter tido enormes tendas pardas, tecidas de pêlo de camelo e de cabra, e devia haver em volta um cheiro lembrando o de um *saeter*... alí viviam, com uma fogueira fora da tenda, onde cozinhavam seus pães pequenos e duros e assavam cabritos no espêto, e colhiam uvas em grandes cestos, que levavam para casa na cabeça e despejavam em grandes vazilhas de pedra. Empregados e empregadas descalços e meio-nus pisavam os montes de uvas de modo que o suco esguichava, doce e pegajoso, e êles ficavam manchados até os joelhos, como se fôsse de sangue, e suas roupas ficavam tôdas salpicadas com o suco. E quando o sol estava quasi se pondo, vinha o marido para casa conduzindo seus rebanhos e manadas. Lombos cinzentos e lanudos, de cambulhada, e vacas cinzentas com os seus enormes chifres pretos, se empurravam uns aos outros montanha abaixo. E ela imaginava o homem que conduzia os rebanhos, parecido com um árabe que vira em Copenhagen, que andava vendendo tapetes — êle era tão bonito, com tôda aquela brancura em tôrno de seu rosto magro e moreno. Êle vinha e sentava-se do lado de fora da tenda, e ela ia buscar leite e comida e ficava apreciando o marido comer. Depois

Digitalizado com CamScanner

êles entravam juntos para a tenda e no canto mais afastado uma cama estava feita no chão, de peles e cobertores coloridos, e o homem magro e alto, com os grandes olhos escuros a abraçava com uma mão fina e morena, que cheirava a estábulo, a montanha e a tomilho, acariciava-lhe o seio e surssurrava numa voz profunda com estranhos sons guturais. O pior em Frithjof tinham sido suas mãos carnudas, que não tinham, pode se dizer, inteligência alguma... e sua voz, untuosa quando se sentia seguro, mas subindo a um falseto quando começava a se desculpar. Oh, se ela tivesse compreendido aquilo nessa ocasião... poderia se casar com êsse camarada e ter filhos dêle, isso era *uma* coisa. Outra era que êle nunca nesta vida poderia chegar a conhecê-la, ou a quem quer que fôsse...

Mas se o Pastor Sondeled — para não mencionar Fru Sondeled — tivessem sabido que espécie de estudos da Bíblia, Aslaug e ela faziam, certamente teria achado que era tão boa uma como a outra.

Talvez fôsse aquilo que significasse o centro e o sentido de tudo, isto é, da vida. O amor e aquilo. E depois a gente tinha filhos e vivia para êles, como as fôlhas nas árvores respiram e absorvem a luz do sol para o botão que está crescendo dentro da haste e que se abrirá na primavera seguinte. Mas isso tornava simplesmente intolerável que nesse assunto a maior parte das pessoas se comportassem de tal modo, que a vida se converteu num fiasco e num desastre. Bem, Jens e Borghild Braato tinham vencido no amor, e realmente a sogra costumava afirmar que "o amor entre o homem e a mulher" era o sentido e o objetivo da vida e o antegosto da ventura celestial — mas Deus do céu, será que todo o mundo tinha que estar a seu dispor, como Borghild Braato achava que tinha o direito de esperar, porque tivera a sorte de ser feliz no amor? E seus filhos não pareciam ter a capacidade de ser felizes ou tornar felizes as pessoas que tinham que lidar com êles.

Aslaug — êsse era o caso mais louco de todos, afinal das contas. Ela se sentira completamente enjoada tôdas as vêzes que a deixava, naquele verão antes da morte de Aslaug, e ficava quasi doente de preocupação, tanto receava cada visita que tinha que fazer-lhe no sanatório. Naturalmente tinha havido uma certa soma de desilusão pessoal e amargor nisso; sua própria posição não era exatamente agradável, e depois que Aslaug escrevera repetidas vêzes, insistindo para que viesse para cá, ela imaginara que a outra contava auxiliá-la, pelo menos com conselhos, até poder iniciar qualquer coisa. Mas

logo viu que Aslaug só quisera que ela viesse porque precisava de alguém com quem pudesse conversar, conversar, conversar interminavelmente. Pobre môça, que passava a vida na cama! Não tinha havido uma palavra de verdade na história de Gunnar Vathne estar cansado dela e apaixonado por outra — foi o que ela disse, em todo o caso. Fôra a própria Aslaug que ficara desesperada, ou histérica, ou lá o que seja, porque a ligação com Gunnar não parecia ter futuro, de modo que quando Tommeraas se apaixonara por ela, tivera a súbita idéia de que agora se casaria, endireitaria a vida, e sentiria algum confôrto nela, como todo o mundo. Não era que Ida Elisabeth não visse que qualquer pessoa poderia ficar amalucada às vêzes, levando a vida que Aslaug e Gunnar estavam levando, mas ir logo aceitar Tommeraas! Não era só porque êles não se adaptavam, nem pelo fato de Aslaug lhe ter contado mil histórias sôbre seu passado e seu futuro de pianista, nem que êle não tivesse sabido grande coisa sôbre sua ligação com Vathne sinão depois de estar bem casado com ela. Mas tudo que Aslaug era, dizia e fazia, era interpretado de uma maneira tão falsa pelo marido — como era de esperar — e tudo lhe aparecia sob tal luz, que Aslaug nem por um momento se via livre de aflição. Era o que dizia a própria Aslaug, e pelo menos devia haver alguma verdade nisso. E lá jazia Aslaug, com mêdo de morrer e com mêdo de ficar boa, porque não podia suportar a idéia de voltar para o marido, nem a idéia de se divorciar e ter que trabalhar novamente. A sua morte parecia uma graça. Mas ela não podia deixar de se perguntar às vêzes — e se houvesse uma outra vida? Porque até certo ponto Aslaug fôra culpada do fracasso de sua vida. Quando não lhe agradava ver como eram as coisas na realidade, inventava uma situação imaginária e acreditava nela. Mas se, por exemplo, depois da morte, a pessoa fôsse obrigada a confessar o quanto realmente sabia e compreendia, mas não queria admitir que compreendesse, durante a vida na terra — oh, isso devia ser uma espécie de purgatório! Talvez mesmo o inferno, se a gente tivesse deliberadamente escolhido viver na imaginação, recusando-se absolutamente a permitir que existisse a verdade.

Quasi sem refletir todos os homens faziam isso — procuravam não ligar a fatos cuja compreensão fôsse penosa, e se convenciam de que as próprias idéias podiam muito bem também ser realidades. A religião, por exemplo, não era outra coisa, pelo menos para pessoas como os sogros, e eram os únicos que conhecera que eram, rigorosamente falando, religiosos. A sogra,

Digitalizado com CamScanner

especialmente tentara muito influenciá-la nesse sentido. Mas tudo que ela conseguira descobrir era que o deus de Borghild Braato morava no coração de Borghild Braato, e, generalizando, era da opinião de Borghild Braato em todos os assuntos, falava com ela através de sua consciência e aprovava-a sempre que ela tomava uma decisão. Mas, naturalmente podia bem ser que Deus existisse para êste fim. Talvez mesmo fôsse verdade que êle tentava falar ao coração dos homens, e que os homens o interrompiam com palavras como — bem, é justamente isto o que eu penso — como castumam fazer quando contradizem alguém.

Sim, em consciência, não era como se ela não tivesse feito nada disso — procurado acreditar em coisas que no íntimo sabia só estarem na sua imaginação. De outro modo nunca se teria casado com Frithjof. Somente quando compreendera que os filhos não tinham mais ninguém que quisesse se esforçar por êles, começara a curar-se do hábito de afastar-se dos fatos aborrecidos. Pensara então que devia tentar apanhar o touro pelos chifres se êle ameaçasse ferir-lhe os filhos.

Agora chegara tão longe que a vida não significava somente paciência, aceitar cada dia como era, e lutar o dia inteiro até poder cair na cama e perder-se no sono por algumas horas. Agora tinha coragem e meios para olhar para a frente, para a semana, o mês vindouro, para a época em que os filhos estariam mais crescidos. Atrevia-se a determinar o que teriam para o almôço no domingo seguinte; atrevia-se a resolver que Carl teria que ficar com a capa de borracha velha êste verão, porque estava comparativamente certa de poder comprar-lhe um casaco de inverno novo e grosso no outono, atrevia-se a pensar que êles precisariam de mais à medida que crescessem. E ousava planejar um jardinzinho, e agora estava projetando o que faria nêle no próximo ano. E era agora que de vez em quando ela se surpreendia perguntando — gostaria enormemente de saber o sentido de tudo isto. Da nossa vida.

Certamente já encontrara pessoas que têm o hábito de dizer que se a gente tem um trabalho para se ocupar, há sentido bastante na vida, e que é somente quando estão muito bem, e têm recursos para ficar indolentes é que as pessoas acham que a todo o custo têm de descobrir um significado mais elevado na vida. E a opinião do Dr. Sommervold fôra que, quando as pessoas estão muito sem recursos, quando a vida é uma eterna luta contra a necessidade e o sofrimento, uma luta tão dura que continuamente as obriga a arriscar a vida

procurando salvá-la — que era então que as pessoas se refugiavam na religião, afim de acharem um sentido em tudo que acontece. E era mesmo o diabo; sim, pensou ela, parecia haver alguma verdade nos dois pontos de vista. Há talvez naturezas que fazem a pergunta durante a luta, afim de encontrarem consôlo, enquanto outras, que são mais fogosas, esquecem-se de perguntar enquanto estão no meio da batalha, mas logo que tomam fôlego começam a perguntar: por que?

Aliás, ela própria tivera muito com que se ocupar durante os anos em que lhe era permitido pensar só de um dia para o outro, como ia arranjar um barco que a carregasse, e a todos que, mais ou menos com o seu consentimento, estavam nas mesmas circunstâncias — e que tornavam a sua vida uma vida de ansiedade constante: a qualquer momento um dêles podia se espreguiçar e fazer sossobrar a turma tôda.

As vêzes ela quasi sentira uma picada na conciência por ter fugido daquela vez e salvo a si e aos filhos — por exemplo, quando recebia cartas do Dr. Sommervold, em que êle lhe contava como iam as coisas em Vettehaugen. Que a pequena Merete morrera, e Else estava casada e divorciada e estivera em casa e lhes entregara uma criança, com que os velhos tiveram que ficar, e que Frithjof passava a maior parte do tempo lá e não tinha o que fazer. No íntimo ela não achava que pudesse ter agido de outro modo, mas não tinha a certeza de que se teria desvencilhado se a última proeza de Frithjof não se tivesse desvendado justamente quando ela descobriu que estava esperando outra criança dêle e que êle ainda era mais falso do que ela achava.

Mas êle e os outros eram o que tinham que ser — com a natureza que tinham e sem ninguém que percebesse a necessidade de uma disciplina que reprimisse a sua natureza. E ela conhecera muita gente igual a êles — da espécie que Sommervold chamava tipos infantís. Mas em tempos como êstes, quando está tudo tão difícil, sente-se a tentação de dividir as pessoas em dois grupos: aquêles que vale a pena ajudar, porque querem se ajudar a si mesmos e estão procurando nadar como podem — e o resto. O Dr. Sommervold realmente falava frequentemente como se achasse que se devia deixar de sustentar os que não têm vivacidade, mas se êle pensava assim, não agia de acôrdo com suas convicções. Êle fazia tudo o que podia por todos os que pudesse alcançar e auxiliar. Mas também êle pertencia a outra época.

Digitalizado com CamScanner

Nem ela estava se dando mal agora, com seu trabalho de dia a dia. Só o fato do trabalho estar à espera de ser feito novamente, mal ela acabara outro, não era mau. Aquilo de que Aslaug se queixava, até chegar quasi a gritar, era de que o trabalho de casa era tão monótono: mal acabara de preparar uma refeição esta era comida, e logo já era hora de pensar noutra, e quando se tinha acabado de lavar as coisas e guardá-las já se sabia que daquí a um par de horas a gente tinha que tirá-las novamente e deixar que os outros as sujassem, e os quartos tinham que ser arrumados e as camas feitas todos os dias para que as pessoas pudessem se deitar nelas novamente à noite. Ela de certo tinha alguma razão. A gente tem que ter roupas, que depois se gastam e tem que se fazer mais roupas — felizmente para ela. Mas ela própria achava que se podia encarar os fatos assim: que eram os momentos bons e felizes, quando se tinha acabado o trabalho, que vinham à memória — quando ela acabava o trabalho da manhã e arrumava os quartos, quando, por exemplo conseguia que o fogão acendesse bem, com a janela ainda aberta de modo a sentir a corrente de ar fresco pelo quarto — ou quando o jantar estava pôsto na cozinha na noite de sábado, com alguma coisa fora do comum, e ela chamava os meninos. Sempre gostara de se ver livre das coisas — quer fôsse embrulhar um vestido em papel fino e prendê-lo com alfinetes, pronto para ser despachado, ou simplesmente guardar um par de sapatos que engraxara e depois lavar as mãos.

Mas ainda agora, quando estava de certo modo livre do esfôrço diário: como acharei o necessário simplesmente para alguma coisa cozinhar, alguma coisa para queimar no fogão e para comprar graxa? — agora não podia deixar de pensar: esta vida que exige tanto trabalho constante só para ser mantida — que é em si mesma? Pois êsse trabalho cotidiano, de que parte alguma podia ser descuidada sem fazer parar tudo, era como se a gente estivesse eternamente trançando um cesto. Mas o que havia no cesto? Ou como trabalho de olaria, que ela começara a aprender quando quisera estudar artes e ofícios. Mas com que se encherá essas chícaras e jarros?

Fôra a morte de Aslaug que a impressionara de um modo mais profundo do que qualquer outra morte. Porque ela tinha admirado tanto Aslaug quando eram moças; no caso dela, esperara na verdade testemunhar um exemplo de felicidade humana, pois Aslaug era uma dessas pessoas que achavam que a vida era bastante, a vida era magnífica, simplesmente viver era

uma delícia. Só Deus sabia como ela conseguira esbanjar tão completamente a vida. Era quasi como se o fiasco de Aslaug tivesse feito com que ela ficasse com uma perspectiva diferente, mais compassiva, de todos os fracassos do mundo — mas talvez isso fôsse pelo fato dela se ter livrado das aves agourentas com quem estivera metida, e por ter conseguido trazer os filhos mais ou menos para lugar seguro.

A janela podia ficar aberta. Ela pregou com alfinete as cortinas e acendeu a lâmpada.

Em que estado estava sua sáia — e era quasi nova! Mas ao mesmo tempo sentia-se estremecer de alegria ao pensar no seu passeio na noite de verão. Tirou as roupas molhadas. De quimono e de chinelos endireitou as roupas — puxou e sacudiu a sáia o melhor possível, antes de colocá-la no cabide, espremeu as meias de sêda e encheu os sapatos de papel. Mas sentia-se ainda cheia de alegria por essa sensação de vitalidade que sentia em si mesma, e de anelo por alguma coisa em cuja direção parecia estar seguindo — enquanto sem parar cuidava das roupas com mãos jeitosas e diligentes, como uma dona de casa econômica e ajuizada.

Ainda havia as cartas para os meninos. Ola teria que levá-las amanhã de manhã. Seu material de escrita estava na sala de provas — mas indo até lá, ficou olhando pela janela. Já estava clareando — um automóvel passando na estrada, na madrugada cinzenta tinha um ar curioso de ter passado a noite em claro.

Teve uma inspiração repentina; voltou ao quarto dos meninos e apanhou o material de desenho de Carl na gaveta de cima da cômoda. Já havia tempo que não desenhava nada para os filhos; tinha tão pouco tempo para isto agora, e Carl desistira de pedir-lhe: êle agora sabia desenhar. Mas esta noite ela desenharia uma cartinha para cada um dos meninos.

Encontrou um caderno de desenho com um par de fôlhas limpas, fêz alguns traços pardos e encheu-os com linhas ondulantes azues e verdes. Isto era o lago, e depois ela tinha que fazer o ribeirinho saindo dêle, a grama em volta e algumas pedras grandes. Viu que podia continuar sem a caixa de tintas, e foi buscar água num pires. Agora êle tomava outra vida — voltou novamente aos lápis de côr. Pronto! o lago com a fonte ficava no fundo da encosta, Carl perceberia isso. Era melhor não retocar mais, acabaria tornando tudo pesado e inanimado. Mas tinha que pôr algum azul acima do cume da colina —

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

estava ótimo; agora era um claro céu de verão com finas nuvens brancas que o atravessavam.

Ida Elisabeth ficou sentada examinando a estampazinha que fizera. Sim, era bem nisso que estivera pensando ainda há pouco no campo. Só que isto parecia ser de manhã e ela o imaginara como uma visão tarde da noite. Mas não era bastnte hábil para tentar retratá-lo.

Escreveu algumas palavras para Carl nas costas da pintura. Mas tinha que fazer uma também para Tryggve. Êle sempre queria que a mãe desenhasse alguma coisa engraçada — de outra forma não se interessava por seus desenhos.

Ida Elisabeth apanhou uma fôlha limpa e fêz uma bolinha azul esverdeada bem no centro. Era uma boina que uma excursionista esquecera em Viker e de que Ola, o rapaz da fazenda, se apropriara. Tryggve e ela concordavam que êle tinha um aspecto cômico com ela. Ola podia estar andando ao lado de uma carga de feno; de encontro ao feno trigueiro e ao verde campo, seu gorro azul esverdeado teria um aspecto tão desharmonioso como tinha na realidade. O cavalo puxando a carga não devia ser escuro de mais, ou ela não poderia desenhá-lo como se estivesse andando, quando o fizesse vindo na sua direção. Pronto! isto seria o alazão, de que Tryggve tanto gostava de falar. Na realidade o cavalo estava agora nas montanhas, mas que importava? Era um desenho bem engraçado — se ao menos Tryggve o achasse divertido...

Quando acabou ficou alí sentada com as mãos no colo. Êste quarto era tão agradável — e a alegria de ter enfim um quarto bonito penetrava-a de novo tôdas as vêzes que tinha alguns momentos para ficar lá sentada. Ela fizera um tapete de retalhos cobrindo todo o chão, e cobrira do mesmo modo a parede por trás do divã onde dormia, cobrindo o divã durante o dia com a encantadora coberta da Lapônia, que Marte Bo lhe dera. O grande contador semi-circular e a cômoda eram tão bonitos com seu colorido castanho avermelhado, um tanto amarelado nas bordas. Ela os comprara bem barato num leilão, junto com as duas oleogravuras escuras em molduras dourado-escuro. Os quadros eram da mesma espécie que ela costumava ver, quando menina, em velhas casas de gente velha — quando costumava sentar-se e imaginar os lugares no exterior, onde havia moinhos, casas com cobertas de colmo, castelos no cimo das montanhas e caçadores com penas nos chapéus, à sombra de enormes carvalhos — os lugares que ela iria visitar quando crescesse. Ida Elisabeth riu um pouco àquela lembrança, ao

olhar para seus quadros: um representava um caçador vestido de verde com cães de caça e um veado que êle matara, e o outro tinha um lago com altas montanhas em tôrno e uma igrejinha branca com a tôrre do campanário do formato de uma cebola. Mas afinal, não tinham um aspecto assim tão ruim pendurados alí.

Bem, teria que fazer sua cama. Pussy estava dormindo num canto dela, meio recostado na almofada do sofá. Branco e delicado com um focinhozinho côr de rosa. Vá se falar numa criança adormecida — um ser humano não consegue parecer tão inocente e tranquilo como um gato de casa dormindo. — Desculpe-me Puss — ela acariciou o preguiçoso, ao mudá-lo para a cadeira de balanço. Depois começou a fazer a cama.

Isso também a enchia de uma alegria opressiva, quasi selvagem — tôdas as vêzes que compreendia realmente o seu significado: Poder esticar os membros, completamente só e despreocupada entre os frescos lençóis brancos, enterrar o rosto no fresco travesseiro branco — sem ter que recear que viesse alguém.

Já estava claro lá fora quando ela apagou a luz e enfiou-se entre as cobertas. Não deixara de prestar atenção quando estivera conversando com Froken Presttangen — a dentista estava evidentemente surprêsa com o confôrto de seus aposentos. Ida Elisabeth sorriu levemente a esta lembrança.

CAPÍTULO TERCEIRO

Num dia de setembro Carl precipitou-se pela sala de trabalho a dentro:

— Mamãe, veja o que eu ganhei!

Todo o seu rosto brilhava, assemelhando-se às lentes convexas de seus óculos. Levantou o braço e mostrou um relógio de pulso.

— Froken Presttangen me deu, mamãe, por ter-me atropelado. Ela não é boa! Veio ver-me na escola e sabe o que ela disse? Se você deixar, ela me dará um cachorro. Oh, você não sabe como êles são bonitinhos! Nós fomos vê-los na casa Evensen. Posso escolher o que eu quiser. O que eu quero é todo preto e tem uma mancha branca no peito, e depois o branco faz um círculo em volta do pescoço, e êle é branco na ponta do rabinho.

— Devo dizer que ela foi muito amável. Espero que você lhe tenha agradecido com modos. — Ida Elisabeth olhou para o menino: pobre garoto, como estava radiante. Era muita bondade da parte de Froken Presttangen.

Carl mal teve tempo de olhar para a comida, ao se sentarem para o jantar, na cozinha, um pouco mais tarde. Falou continuamente. Ela dissera que não valia a pena êle criar pombos aquí porque só poderia entristecê-lo quando o gavião pegasse um dêles, como acontecera com ela, quando era criança — êle lhe contara que queria ter pombos, mas ela dissera que êle se distrairia muito mais com um cachorro. E depois não era verdade que as moscas azues no lago em Bru voavam

Digitalizado com CamScanner

na cara das pessoas e tentavam arrancar-lhes os olhos. Kari disse que elas não são nada perigosas. Sim, mamãe, ela me disse que lhe dissesse isso; ela disse: você pode dizer que foi Kari quem disse.

— Se eu tivesse sido atropelado teria ganho alguma coisa, disse Tryggve para se consolar. — Êle evidentemente sentia que o irmão o colocara completamente na sombra.

Realmente era muito amável da parte dela, mas Ida Elisabeth ficou um tanto surprêsa: parecia mesmo que ela tinha jeito para lidar com crianças. Carl não era menino que se deixasse cativar por estranhos. Mas evidentemente não era só por causa dos presentes que o menino estava tão fanatizado pela dentista. Deviam ter conversado muito no caminho.

De certo modo ela não estava nada inclinada a aceitar o cachorro de Froken Presttangen. Seria difícil criar um cachorrinho nesta casa, e a princípio êle faria muitos estragos.

Mas não tinha a coragem de dizer não. Recordações de todos os cachorros que conhecera e amara vinham-lhe à memória: desde o primeiro, o grande Leonberg com quem se deitava e brincava, quando era tão pequenina que parecia lembrar-se que o cachorro era mais alto do que ela. E um luluzinho, que vivia a bordo de um dos navios do pai. Dinastias inteiras de caçadores e perdigueiros que tinham tido em casa, e galgos que ficavam pensionistas no campo, e o vira-lata vermelho da mãe — aliás, ninguém em casa gostava dêle, nem mesmo a mãe. E depois os cachorros que tinham sido dela — o lindo pelo-de-arame que morrera danado, e o último que ela tivera, Sonny, o perdigueiro Llewellyn que se revelara completamente inútil para a caça, tendo mêdo de tiros, e tudo o mais, mas seu *pedigree* era magnífico, e por isso tinham dado a ela. Oh, Sonny fôra o cachorrinho mais engraçadinho que ela já conhecera, tão bonito e bom e gostando tanto dela: não podia suportar que Frithjof tocasse nela, de modo que costumava trancá-lo no quarto, quando saía, naquele último verão.

Oh, sim, seria ótimo ter novamente um cachorro em casa. Carl ficaria tão satisfeito. E aquêles cachorrinhos pastores pretos que Evensen criava, eram bonitos.

Ida Elisabeth teve muito que fazer naquele outono e pelo inverno a dentro; tinha sempre duas operárias para ajudá-la. Quasi que não via as crianças, exceto às refeições. Tryggve ficava fora se divertindo na neve o dia inteiro, e Carl também gostava mais de estar ao ar livre do que nos outros invernos, e tinha o cachorrinho. Burman, era o seu nome — em lem-

brança de um cachorro que Froken Presttangen tivera — mas em todo o caso era muito engraçadinho. E era cômico vê-lo com o gato: o pobre cachorrinho saltava em volta de Puss, confiante e brincalhão, sempre que o gato entrava na sala, mas a pequenina criatura branca ficava sempre inacessível na sua dignidade e dava de leve com a patinha, quando Burman se tornava impertinente de mais. E Carl estava tão importante e solícito com seus dois animais domésticos... O pobre Tryggve tinha mesmo que ter alguma coisa no próximo verão... talvez coelhos... êle estava completamente desprezado. Acabariam tendo um verdadeiro jardim zoológico.

Aquêle dia de verão, quando Carl escapara ileso do acidente, parecia ter marcado um ponto de partida, em sua própria vida — Ida Elisabeth ainda tinha inexplicavelmente esta sensação. Encontrara coragem para se tornar alegre de uma maneira nova, calma, clara e fácil. A antiga sensação que tinha, de que a vida era essencialmente uma boa coisa que estava sendo perpetuamente perseguida, atacada e ferida pelo mal, transformara-se repentinamente. A felicidade não era meramente como um bandido perseguido que se acoitava furtivamente conosco e tinha que ser bem escondido durante o pouco tempo que ousava ficar em nossa casa para se refazer, antes que seus perseguidores descobrissem novamente sua pista e viessem caçá-lo.

Antigamente ela como que sentia que devia gozar todos os momentos felizes, com os olhos e ouvidos fechados ao dia de ontem, ao momento de pouco antes, ao dia de amanhã. Sentia dentro dela uma alegria febril, no seu calor e doçura, que lhe fazia quasi mal, quando podia sair furtivamente de manhã bem cedo e ficar sozinha, ou sozinha com o filho; ou nos breves momentos em que se evadia dos seus pensamentos de labuta diária ouvindo os meninos rirem, ou fazerem barulho, ou estarem tão absorvidos em seus brinquedos, que ficavam completamente quietos — e seu pensamento ficava tão límpido enquanto imaginava: como estão felizes as crianças — e que a felicidade devia ser alguma coisa que êles tinham dentro de si mesmos.

Agora ela pensava nos meninos com muito mais calma. Pois estavam bem, tinham muito com que se distrair, distraiam-se com tudo em volta dêles, e consigo mesmos. E vendo isto ela não tinha mais mêdo que alguma coisa estivesse à espreita, ameaçando extinguir a alegria confiante das crianças.

Um armarinho se abrira na esquina do edifício da Sopa de Ervilhas, mas não estava fazendo muito negócio. Pertencia

a uma solteirona, filha de uma das grandes fazendas na paróquia mais próxima, e embora já tivesse trabalhado numa loja na sua mocidade, passara os últimos quinze anos em casa, tomando conta da casa para o irmão, até êste se casar. Mas parecia que não tinha nem capital nem experiência bastante para montar o negócio; diziam que já estava arrependida e gostaria de se ver livre dêle outra vez.

Ida Elisabeth distraía-se com a idéia — descobriu que tinha muita vontade de se estabelecer novamente. Quando passava pela loja não podia deixar de pensar, por exemplo, como enfeitaria a vitrine. As vitrines de Froken Torstad positivamente não tentariam ninguém, a não ser que se tivesse saído já com o propósito de comprar. E quando se entrava na loja, ela raramente tinha o que se queria, e quando propunha outra coisa, a sugestão nunca era lá muito boa. Sem dúvida haveria lugar para uma loja bem dirigida, junto à estação. Para alguém que entendesse do assunto, soubesse comprar, e tivesse bom gôsto. A gente do lugar gostava mais de gastar dinheiro; às vêzes, por exemplo, vinham a ela e pediam-lhe que fizesse um vestido de uma fazenda que tinham comprado na cidade, só porque a tinham visto na vitrine e tinham gostado, embora realmente não precisassem. E se ela combinasse a loja com a costura...

Na Páscoa, ela e os meninos foram convidados para a casa de Marte Bo e então as duas discutiram o projeto da loja. Não que realmente imaginasse que o plano se realizaria. Mas era divertido ficar sentada expondo suas idéias sôbre o assunto, e era sempre distraído discutir planos com Marte, fôssem de que fôsse. Ela concordava com tudo e estava sempre certa de que tudo correria bem.

Tinha que agradecer principalmente a Marte Bo não ter perdido o ânimo logo no primeiro outono que chegara ao vale. Partira apressadamente quando as coisas se tinham tornado muito complicadas para ela em Bergen. Torwald realmente fôra extraordinariamente bom — convidara-a mesmo a ficar em sua casa. Assim ela descobriu que a segunda mulher, isto é, a terceira contando Connie, também o abandonara, sem dúvida para sempre. Torwald ia arranjar-lhe uma colocação, e apresentá-la às pessoas do lugar. Ela porém, não podia continuar a dar-se com êle. Talvez ela é que fôsse inflexível e afetada ou levasse tudo muito a sério, ou talvez fôsse somente que ela nunca suportara gente intrometida. Já fôra assim no colégio, quando algumas das professoras procurava como que desculpar os seus

modos, e tocar a sua natureza — chamavam a isso atrair a confiança da criança — ou quando a sogra estava num de seus dias cordiais e íntimos. Torwald e seus amigos tinham modos tão desagradavelmente livres — o objetivo da maior parte das pessoas na vida é confôrto e divertimento, mas o divertimento dêles consistia, em grande parte, em relações promíscuas. Não que ela tivesse melindres, seguramente devia se ter curado disso antes de crescer. Nunca lhe ocorreria que as pessoas tinham que usar roupas porque havia algo de vergonhoso em serem feitas assim e assado; sua idéia era que a gente veste roupa como tem casa — afim de, em primeiro lugar, poder dizer, "não está em casa" a tôdas as pessoas com quem não quiser relações íntimas. Mas às vêzes tinha realmente a impressão de que no meio ao qual Torwald pertencia, êles não só desabotoavam as roupas como o pensamento, ficavam juntos e conversavam sem parar, porque temiam ficar abandonados — do mesmo modo que certas crianças se aborreciam e imaginavam tôda a espécie de coisas estranhas, quando eram deixadas sozinhas num quarto por algum tempo.

A princípio ela não dissera a Torwald que ia ter outra criança. Mas isso fazia-a sentir-se ainda mais deslocada naquele meio. Uma vez Torwald lhe perguntava se era por princípios religiosos que ela estava escandalizada com o procedimento dêle, pois podia-se ver que estava mesmo, dissera êle caçoando. A isso ela só pudera responder que provavelmente era tão pagã quanto possível. Longe disso, caçoara êle: você é a criatura mais moral possível. Isso a fizera pensar em tudo o que lera sôbre negros e selvagens, etc. — faria bem ao meu digno Torwald se êle fôsse atirado no meio de uma tribu de pagãos verdadeiramente selvagens e obrigado a observar sua moralidade ou sofrer o castigo selvagem e pagão, habitual entre os pagãos selvagens, quando alguém tenta tomar um ponto de vista liberal de sua moralidade.

Mas por fim ela teve que dizer a Torwald por que não queria ficar no Oeste. Entre outras coisas temia que seu divórcio se arrastasse interminavelmente, se Frithjof ou seus pais soubessem da vinda da nova criança. Então, naturalmente, Torwald quis que ela confessasse: era ela própria que tinha alguém em vista; naturalmente êle não a censuraria por isso, mas, como seu advogado, precisava saber como eram as coisas. Sua intenção era boa, mas era horrível o que êle dissera.

Por isso ela deixara Bergen, a pedido de Aslaug. O que resultou daí foi a obrigação de ficar à cabeceira dessa moribun-

Digitalizado com CamScanner

da, que nunca se cansava de se analisar. O dinheiro que recebera do negócio e com o qual contara iniciar outra coisa, desapareceu com uma rapidez terrível. Nem podia dizer não, vendo Aslaug alí deitada, louca, louca de terror, com mêdo que o marido soubesse das contas que ela estava recebendo. Êle a mantinha nesse dispendioso sanatório, e na verdade não se podia dizer que fôra sovina com ela, mas era muito severo sôbre a regularidade em questões de dinheiro.

No meio disto tudo ela viu-se obrigada a procurar um médico ou uma parteira. Escolheu a segunda, por ser mais barato — e por não ser coisa tão séria. Porque se lhe acontecesse realmente alguma coisa — ela nem se atrevia a pensar nisso — o que seria de Kalleman, então? Mas pensava que nunca na sua vida se sentira tão infeliz e desanimada como naquele ardente dia de agôsto, em que se arrastara ladeira acima até à Fazenda Bo. Mas afinal chegou no alto e viu o vale inteiro estendido lá em baixo, Norte e Sul, com o rio brilhando no fundo e a cerração tremendo sôbre encostas azuladas, cobertas de mato, com pedaços verdes, onde ficavam as fazendas. Além estavam brejos nus com buracos nebulosos, e depois vinha outra extensão de terrenos nus e rochosos, com montanhas cobertas de neve ao longe. Era a primeira vez que ela via que esta terra era bela, não meramente bonita como junto ao sanatório, com seus bosques de bétulas, nem como em Berg, onde ela estava morando. Aquí a vista era magnífica, de modo a induzir a uma calma interior, visto que as dificuldades e desgostos da gente desapareciam e durante algum tempo perdiam o seu senso de realidade.

O último pedaço da estrada corria entre barreiras cercando campos de trigo e um pasto, e quando chegou no portão do quintal Fru Bo recebeu-a nos degraus. Ela ainda se lembrava que Marte estava com um vestido lavável de xadrez azul claro; já era imensamente gorda, mas havia um não sei que de tão intensamente caridoso e condescendente em tôdas as curvas do seu corpo. Ida Elisabeth sentiu que ganhara coragem nova no momento em que saudou a velha parteira. Seu rosto grande era sadio e bondoso sob seu cabelo preto, com listas brancas, ordeiramente repartido, e seus perspicazes olhos castanho claros eram cheios de luz, e os lábios pareciam jovens e rosados no velho rosto carnudo. A frescura e o confôrto cercaram-na na saletinha com paredes de um cinzento côr de pérola — tinha um almofadado antiquado de tábuas lisas e largas, cortadas já havia muito tempo em alguma serraria local;

escarlates fucsias estavam na janela, de que pendia uma infinidade de flôres, diminuindo a luz. Todos os velhos nas fotografias ampliadas, que pendiam das paredes, tinham um aspecto tão sério e reservado — velhos com uma barba branca franjando-lhes o queixo, e homens de rostos imberbes, senhoras com chales de sêda sôbre o cabelo liso e senhoras com uma enorme coroa de cabelos no alto da cabeça e um tufo de rendas com um grande broche de ouro no pescoço. Mesmo o sofá de imitação de couro não parecia nada desagradável no meio dessa despretenciosa mobília de bétula forrada de um estôfo grosseiro de xadrez verde.

Na realidade Ida Elisabeth sempre achara que o pior de tudo era que a pessoa tinha que se entregar tão inteiramente e humilhantemente a outras pessoas, para ser apalpada, apertada, manipulada. Fôra horrível na maternidade de Oslo, e ela não pudera suportar a parteira em Berfjord. Pela primeira vez na vida sentiu que as mãos de uma desconhecida podem fazer bem à gente — era como se o mero toque das mãos de Marte lhe desse auxilio e consolação. E quando Fru Bo finalmente declarou — oh, sim, não havia nada de mais aquí, tudo correria satisfatoriamente — Ida Elisabeth acreditou-a sem hesitação. Tudo correria bem.

Mesmo assim quasi não podia compreender como chegara a contar a Marte Bo tanta coisa sôbre si mesma, como fizera logo na primeira vez que a vira. Mas contara muita coisa — que deixara o marido e tinha que se manter a si e aos filhos, sem auxilio algum, e que precisava procurar trabalho, quanto mais cedo melhor, e que não havia realmente nada que pudesse fazer, a não ser costura e roupas de homens.

Marte dissera depois que também simpatizara com ela imediatamente — "uma pessoa correta, sem nenhuma tolice". Marte sugerira que se instalasse perto da estação e ajudara-a a conseguir o arrendamento de dois quartos e uma cozinha naquela casa velha e incômoda, que ficava meio enterrada sob a estrada: mas quando Marte fôra lá vê-la um dia e lhe assegurara: você verá, ainda há de gostar dêste lugar — Ida Elisabeth chegou a ponto de acreditar que talvez pudesse achá-la cômoda. Marte ajudou-a a comprar alguma mobília de segunda mão, bem barata e a pintar uma taboleta. Marte mandou-lhe à sua primeira freguesa. Céus, sim — ela nunca fizera um casaco e uma saia antes, isto é, exceto na escola de corte; nunca mais. Mas conseguiu fazê-lo direito — aliás, talvez nunca mais tivesse conseguido um talho assim tão bonito. Ela ficou ra-

PETRÓPOLE TENIS CLUBE

Digitalizado com CamScanner

diante por tê-lo feito tão bem. E Marte Bo fazia francamente reclame dela.

Apenas três semanas após o nascimento de Tryggve, aconteceu que Marte Bo ficou aleijada num acidente, quando ia de automóvel para um parto nas vizinhanças de Aas. Ficou mais de quatro meses no hospital e Ida Elisabeth mandou-lhe flôres no Natal, e flôres quando voltou para casa — queria dar uma ligeira mostra de gratidão. Mas ficou enormemente surpreendida de ver como a velha parteira apreciara o seu gesto.

Desde então houvera uma espécie de amizade entre elas, genuina e sem afetação, apesar de serem tão diferentes. Além disso Marte Bo tinha uma espécie de predileção por Tryggve, por ser a última criança que fizera vir ao mundo, e porque êle era tão bonito, grande e forte. Era como um feriado para Ida Elisabeth quando ia à Bo coser para Marte. Na companhia dela podia fazer castelos sôbre o seu futuro e o dos meninos. Não que acreditasse realmente que seus desejos seriam satisfeitos, mas era divertido. O simples fato dela agora falar tanto no futuro era uma grande coisa — e nunca se atrevia a falar nessas coisas tão livre e alegremente como diante dos brilhantes e bondosos olhos castanhos de Marte.

— Você pode ir falar com êsse Toksvold, não pode? — Marte estava dizendo. — Êle não lhe pode cobrar nada por isso. — E um dia, logo após a sua volta de Bo, ela realmente foi. Fôra à estação buscar um embrulho de material de costura, ninharias que não encontrava na loja de Froken Torstad, mas tinha que telefonar para a cidade encomendando. De volta para casa, subiu ao escritório do advogado. Mas chegou quasi a arrepender-se quando sua empregada lhe pediu que fizesse o favor de sentar-se, pois êle estava ocupado. Ficou sentada muito tempo, ouviu o zumbido abafado de vozes na sala pegada e uma vez a voz de Toksvold, que estava falando no telefone, muito clara e distintamente. Com certeza todo o mundo fazia isso, falava mais distintamente quando estava ao telefone; apenas nunca o notara antes. Ih, não — era melhor ela se levantar e ir-se embora — afinal de contas que é que tinha a dizer-lhe?

Nesse momento êle apareceu, reconduzindo o gerente da leitaria e outro homem. Pareceu grandemente surpreendido ao vê-la, e isso fê-la arrepender-se ainda mais de ter vindo. Mas agora tinha que acompanhá-lo até o escritório particular.

— Não, não ouvi dizer nada a respeito, respondeu êle surprêso, quando ela perguntou se era verdade que Froken Torstad

gostaria de vender o negócio. Onde é que ela ouvira dizer isso? E depois deu uma risadinha: — Fru Bo, ah sim, ela sabia sempre tanta coisa...

— Bem, bem, então não havia nada mais a dizer sôbre o assunto. — Ida Elisabeth levantou-se e pediu-lhe que a desculpasse.

— Oh, meu Deus, de nada. Não, como estou dizendo, não ouvi dizer que ela tenha tal idéia. Mas se ela dissesse alguma coisa a respeito, a senhora gostaria que eu lhe informasse? Ou a senhora mesma poderia tocar no assunto com Froken Torstad?

Ida Elisabeth abotoou as luvas:

— Não, não, os tempos estão tão ruins agora, talvez seja temerário iniciar qualquer coisa. Mas se ela mesma desse a entender que gostaria de se ver livre do negócio, ou coisa parecida, eu certamente ficaria agradecida se o senhor me informasse.

— Mas diga-me, Fru Braato, a senhora acha que teria maior probabilidade de tirar lucro do negócio do que Froken Torstad?

— Eu já tive uma loja de minha propriedade, no lugar em que vivia, quando era casada. Durante uns cinco anos. E deu lucro. Embora não tivesse metade da oportunidade de freguesia que há aqui. E eu tinha um marido que estava quasi sempre sem trabalho. E depois, o senhor sabe, eu podia combiná-la com a costura. Froken Torstad só faz alguns vestidinhos de criança, aventais, etc. O senhor sabe, eu tenho que pensar nos meus filhos, êles terão que ter instrução, quando chegar a ocasião.

Êle cravou seus olhos límpidos e graves nela:

— E a senhora tem que fazer tudo isto sozinha?

— Sim, com efeito.

Êle sacudiu a cabeça.

— Isso me parece errado. Que haja tantas crianças hoje em dia que só têm um progenitor. E cabe cada vez mais às mães providenciar a respeito.

— Sim, o senhor pode bem dizer isso. Mas, que se há de fazer? Se a gente precisa, precisa.

Êle pôs as mãos nos bolsos, ficou um momento balançando-se sôbre os calcanhares. Depois perguntou um tanto timidamente.

— Desculpe-me perguntar-lhe, na realidade não me diz respeito, mas é verdade que a senhora tem marido ainda vivo?

Digitalizado com CamScanner

— Sim. Está na casa dos pais.

— Ah, bem. Então não pode contribuir com grande coisa para as crianças.

Ida Elisabeth não pôde deixar de rir:

— Não! Isso entra no rol das coisas impossíveis.

— Bom, eu mesmo não sei como acabará isto, disse Tokvold. Eu tive um caso há pouco tempo, uma mulher que estava tentando arrancar do pai uma contribuição para os filhos. E êle é um homem que nunca conseguiu se equilibrar, mas agora casara-se novamente com uma mulher que tem dinheiro e uma boa posição. Regime de separação, naturalmente. Bom, não se pode esperar que a segunda espôsa ajude e sustente os filhos que êle teve de outra mulher, é claro. Mas há alguma coisa nisso que está completamente errada. Vá se falar do marido de uma parteira viver à custa da mulher — isso foi sempre ridículo, mesmo com um homem como Haakon Bo, embora Deus saiba que êle era senhor na sua casa e no conselho municipal, e em tôdas as outras juntas de que fazia parte. Mas hoje em dia não parece mais deshonroso, um homem não poder sustentar a família a não ser que a mulher também saia e trabalhe — e há muitos que nem têm vergonha de serem sustentados pelas mulheres. Escandaloso! Costumavam proclamar que era uma deshonra descomunal uma mulher se casar afim de ser amparada, mas se ela toma conta da casa direito e educa os filhos para se tornarem homens e mulheres decentes, com certeza deu bom lucro pelo amparo que recebeu. Mas quanto a um homem mantido, Deus sabe para o que serve. A não ser que se console como a meretriz, de que há muitos outros modos de ganhar a vida bem menos respeitáveis que o dela.

— Oh, bem... — Ida Elisabeth enrubeceu. Lembrou-se de que ficara desiludida ao saber que estava tudo acabado entre Frithjof e a tal dama dêle. Mas isso era naturalmente porque considerara como uma salvaguarda para si se a outra ficasse com Frithjof — e teria ficado radiante com isso. E na realidade nunca respeitara Frithjof bastante para êsse respeito sofrer diminuição. Era apenas uma coisa que ela tentara resolver na sua cabeça.

— Se nós mulheres somos bastante idiotas, então...

Pareceu que êle ia dizer alguma coisa, mas não disse, e Ida Elisabeth despediu-se, pedindo desculpas por tê-lo incomodado.

CAPÍTULO QUARTO

Ida Elisabeth estava regando o jardim, uma tarde da semana antes de Pentecostes, quando Herr Toksvold parou do lado de fora do muro: — Posso entrar, Fru Braato?

Ela imaginara que era alguma coisa sôbre o negócio, de modo que ficou extremamente surpreendida quando êle perguntou se ela gostaria de acompanhá-lo e a Froken Presttangen numa excursão a Valdres no feriado de Pentecostes. Passariam a noite lá, com uma tia dêle que tinha um hotel.

— Obrigada, mas o senhor vê, eu não posso deixar as crianças.

— Não, naturalmente êles também hão de vir.

O sol se deitava além da montanha no Oeste, e a claridade da tarde estava sombria e fresca aquí no vale. Mas no cimo da cordilheira que ficava defronte, os pinheiros ainda chamejavam com uma luz alaranjada e esta tarde os bosques estavam cheios do canto dos passarinhos! Era uma tentação pensar em fazer uma excursão realmente longa.

— Obrigada, mas... Não sei como poderei... Sua tia nem nos conhece ainda...

— Titia ficará muito contente. Ela fica sempre tão contente quando tem visitas... — Êle já lhe telefonara a respeito.

Ida Elisabeth enxugou as mãos no avental de brim molhado, e ficou olhando para êle pensativa. Era tão curioso — ela quasi não conhecia essa gente.

Êle sorriu, parece que um tanto acanhado, o que lhe ficava muito bem, observou ela.

Digitalizado com CamScanner

— Devo dizer-lhe, Fru Braato, para ser verdadeiramente franco, a senhora estaria nos fazendo um favor. Kari deve encontrar-se com alguém lá, de modo que talvez não parecesse bem se chegássemos sozinhos, só ela e eu.

— Bom, mas não seria melhor se o senhor arranjasse alguém que ambos conhecessem melhor?

— Kari não conhece ninguém aqui. Ela acha um tanto difícil fazer amizades. E ela respeita tanto a senhora...

— A mim? Mas eu quasi não tive a oportunidade de falar com Froken Presttangen...

— Não? Na verdade eu pensei — Bem, no fim das contas, não quer dizer nada. — Mais uma vez, pareceu que êle queria dizer alguma coisa, mas não sabia como haveria de dizê-lo. — Sim, ela respeita enormemente a senhora. Por ter-se feito por si mesma, não desanimando quando teve que deixar de estudar arte, e etc., mas dedicando-se corajosamente a outra coisa. Devo dizer-lhe que é isto o que ela mais deseja; insiste em ser independente a todo custo. Eu temo que ela desperdice a vida com essas suas idéias de independência. E' o que me fêz pensar, se a senhora e ela se vissem mais à miude, talvez a senhora conseguisse dar-lhe um pouco de juízo. Da nossa conversa no outro dia, quando a senhora veio ver-me, eu deduzi... Ela e eu fomos criados juntos, a senhora sabe, e eu gosto muito de Kari. De modo que ficaria muito contente, realmente ficaria, se a senhora pudesse obter alguma influência sôbre ela.

— Eu não posso imaginar uma coisa dessas. — Ida Elisabeth não pôde deixar de sorrir para o homem. Ora, ela realmente tivera a impressão de que o seu sentimento pela dentista, sem ser propriamente de simpatia, era mútuo.

— Oh sim, por certo. Ela tem um respeito tamanho por tôdas as mulheres que são alguma coisa. E o fato que a senhora também era pintora.

— Eu? — Ida Elisabeth deu uma risada. — Mas em nome do céu, de onde é que Froken Presttangen tirou essa idéia?

Êle pareceu um tanto surprêso:

— Foi o seu menino que lhe contou — Carl. Êle mostrara-lhe alguns desenhos feitos pela senhora, e então Carl disse que a senhora fôra uma pintora de nome antes de se casar. Tinha um grande quadro na galeria.

— Oh, aquêle menino! — Ida Elisabeth riu alto. — Tudo isso são histórias e imaginação. Há alguns quadros do meu avô em algumas das galerias. Deve ser isso que pôs a idéia na

cabeça da criança. Jacob Siveking, o senhor sabe, o paisagista.

Toksvold inclinou a cabeça, de um modo que mostrou a Ida Elisabeth que êle nunca antes ouvira falar no nome de Jacob Siveking.

— Mas não é verdade que a senhora também pinta?

— Eu às vêzes faço alguns borrões para os meninos. Nós todos desenhamos um pouco na nossa família. Meu irmão queria ser pintor. Bem, aliás, eu também queria, mas depois meu pai perdeu todo o dinheiro, de modo que eu tive que deixar a escola de arte.

Êle sacudiu a cabeça e pareceu compadecido. — Mas agora, que tal a excursão?

Ida Elisabeth perguntou se podia refletir até o dia seguinte. Podiam falar sôbre o assunto pelo telefone.

— Oh, êsse Carl, pensou depois de Toksvold ter partido e ela ter recomeçado a regar. Pensar que êle também era dado a se gabar e a inventar histórias... Então veio-lhe ao espírito que afinal ela mesma fizera a mesma coisa esta tarde, pelo menos coisa parecida, quando dissera que tivera que abandonar os estudos na escola de arte porque o pai perdera o dinheiro. Na realidade ela deixara muito antes, porque estava enjoada daquilo. E promovera o bisavô Siveking a avô e falara como se supusesse que todo o mundo o conhecia. Riu um pouco de si mesma. Talvez todo o mundo seja mais ou menos feito da mesma massa.

Se êle telefonasse sôbre a excursão, achava que aceitaria. Porém ela certamente não lhe telefonaria, sem que êle lhe falasse novamente.

No entanto era estranho que êles a quisessem particularmente para pau de cabeleira. E não era fácil o que êle queria dizer, quando falava nela influenciar Froken Presttangen. Diziam que as obturações que ela fazia caiam logo.

Ela tivera mil escrúpulos tardios por ter aceito o convite. Mas dissiparam-se como fumaça na manhã de Pentescostes, quando estavam à espera do automóvel: ela viu como Carl estava ansioso pelo passeio!

Êle estava diante do espêlho na sala de provas:

— Olhe mamãe! Acho que todos pensarão que eu estou usando óculos de motorista.

Ida Elisabeth agarrou o garoto e abraçou-o com tanta fôrça que êle olhou para ela todo confuso.

Digitalizado com CamScanner

— O senhor está com um automóvel diferente do que atropelou Carl — observou Tryggve com ar de um perito, quando estavam prontos para entrar no carro. Então o senhor só tinha um velho *Dodge*.

— E', é exato. — Herr Toksvold deu uma risadinha, mas pareceu estar um tanto aborrecido. — Mas agora entre.

— Deixe Fru Braato sentar-se na frente, com você, disse Kari Presttangen. — Ida Elisabeth estava justamente pensando como era estranho que aquela bonita moça não tivesse melhor idéia para se vestir. Com o seu penteado devia ser difícil conseguir que qualquer formato de chapéu ficasse bem, mas não poderia ter encontrado nada pior do que aquêle boné de linho; seu cabelo enchia a copa, que parecia uma almofada. E o casaco numa mistura de marron ficava-lhe horrivelmente mal. Tinha um aspecto incrivelmente desmaselado e isso exagerava os seus modos desajeitados. E depois seu casaco cheirava a naftalina.

— Eu quero dizer, assim a senhora verá mais, acrescentou ela desastradamente, como que confusa do seu prévio tom autoritário.

— Obrigada, mas tenho que me sentar com os meninos.

— Também há menos vento na frente, disse a outra vivamente. E a senhora também não sentirá tanta poeira. Eu tomarei conta direito dos meninos.

Será que êles brigaram? pensou Ida Elisabeth, ao sentar-se ao lado de Toksvold. Tudo isso parece um tanto exquisito. Mas pouco me importa. Eu vou simplesmente tratar de gozar um lindo passeio. Que tempo!

O automóvel roncou e voou em direção às montanhas, que se destaçavam de um roxo pálido à luz da manhã; pareciam unir-se bloqueando o vale e o rio que serpenteava. Depois a estrada se curvava sôbre si mesma e a gente advinhava que havia um lugar onde se podia atravessar, no sopé das enormes montanhas. Era tão belo e interessante vê-las mudarem continuamente de formato à medida que se aproximavam. Ida Elisabeth ficou quieta, gozando a vista e descansando com a feliz sensação da velocidade e do momento presente.

De vez em quando, de passagem, Toksvold dizia o nome de uma grande fazenda, e Ida Elisabeth respondia: — "Oh, sim" — "Sei". Tôdas ficavam situadas mais para o alto da encosta e tôdas se assemelhavam, com grandes casas de madeira castanha, um brilho monótono de ardósias, e enormes celeiros vermelhos; algumas tinham a casa de residência pintada

céu cores brilhantes. — A senhora não acha isto aqui bonito? perguntou êle uma vez, e ela sacudiu a cabeça. Ela tinha a sensação de que êle via a beleza das coisas do ponto de vista das fazendas: a seus olhos elas eram o essencial no vale. E instintivamente a paisagem que estavam atravessando começou a tomar para ela o formato de quadros, nos quais os grupos de casas pardas ou de diversas côres se tornavam o centro em tôrno do qual tudo o mais se arrumava. As largas campinas verdes e os campos arados saíam dalí e se desdobravam; rios brancos que jorravam, descendo pelas encostas formavam linhas divisórias entre um pedaço de bosque e o pasto de uma fazenda. Moitas de cerejas-de-passarinho, que já estavam completamente verdes, bétulas já greladas, e bosquezinhos de fáias com folhinhas de um vermelho brilhante, cresciam em volta de montes de pedras, que tinham sido tiradas dos campos em tempos idos.

Ela muitas vêzes desejara estar do outro lado do rio, pois imaginara que lá, nas encostas do Norte, devia ser tão mais bonito. A escura floresta de pinheiros se estendia desde a beira d'água até o cimo da montanha, onde aparecia o solo nu, e as manchinhas verdes na floresta, onde havia uma cabana solitária ou uma fazenda com algumas casinhas, tão distantes uma da outra. Nunca vira, até o dia de hoje, como era belo aquí, do lado do sol.

Entraram numa floresta, e a estrada à frente estava escura e úmida. Restos de avalanches de neve chegavam até à beira da estrada, gelados por cima e escuros das agulhas caídas dos pinheiros. — Não há mais de três semanas que eu me atolei aqui, disse Toksvold. Havia um não sei que tão intensamente primaveril nos pinheiros altos e finos com sua camada de líquen molhado e escuro e suas agulhas brilhantes e verdes, como que lavadas de novo depois da neve. Lá no alto o céu era de um límpido azul, acima dos cimos das árvores.

— Que quantidade de anêmonas azues há por aquí! Nós não as tínhamos na parte do país em que eu morava. Talvez seja por isto que eu nunca me habituo com elas... são tão bonitas que eu quasi não posso acreditar que sejam reais.

— Se a senhora gosta, nós podemos apanhar algumas com as raízes, quando voltarmos amanhã. Servem perfeitamente para plantar no seu jardim. Nós tínhamos um círculo delas em casa, em volta do mastro da bandeira.

Atrás, no automóvel, Ida Elisabeth ouviu a voz de Tryggve gritando; evidentemente tinha perguntas e observações a fa-

Digitalizado com CamScanner

zer sôbre tudo o que passava: — Ih, aquêle menino... acho que deve estar atormentando Froken Presttangen horrivelmente... é tão buliçoso.

— Oh, não precisa se incomodar. Kari gosta de crianças.

Ida Elisabeth podia ver que êle era um *chauffeur* cuidadoso e seguro. Deixaram para trás a floresta. Aqui o rio se alargava num lago, e na quietude da manhã o reflexo das colinas com florestas e fazendas mergulhava indistintamente na água, como um simples resplendor de côres, azul e verde. Na extremidade do lago erguia-se uma colina arredondada; não era assim tão alta, mas seu formato era curiosamente belo. — O senhor sabe o nome daquela colina alí?

— Creio que chamam-na Torstad Brae. Aquelas fazendas que a senhora pode ver em baixo dela são Torstad. A senhora não conhece muito bem êstes lugares?

Ida Elisabeth sacudiu a cabeça:

— Só estive aquí uma vez no trem. Logo que cheguei. E então, lembro-me, estava chovendo.

— Bem, então já era tempo da senhora fazer esta excursão. E foi sorte termos um tempo tão bonito. A senhora verá, quando chegarmos a Tonsaas, como é magnífico. E descendo para Aurdal...

Sua palestra sossegada sôbre coisa alguma em particular, com longas pausas, nas quais ficavam silenciosos e não se ouvia outra coisa senão o roncar do motor — isso fê-la sentir-se mais confiante no seu prazer em tudo. Êle tinha uma voz tão calma e quente, tôdas as vêzes que mencionava o nome de uma fazenda, ou queijaria, ou uma igreja — havia nisso uma nota de solicitude, de que ela pudesse gozar o passeio. De vez em quando a conciência a incomodava, quando ouvia como os meninos faziam barulho atrás. Espalhado sôbre uma verde encosta, ao lado da estrada havia um rebanho de cabras, e em algumas das fazendas tinham soltado as vacas no pasto, e ela calculava que os meninos bombardeavam Froken Presttangen com perguntas tôdas as vêzes que passavam por coisas desta espécie. Ih, deviam estar a atormentá-la horrivelmente. Mas ao mesmo tempo era bom a gente ter um pouquinho de paz.

Êles já estavam rodando havia diversas horas, tinham viajado muito tempo pela margem do lago Mjosa. Era a região mais brilhante que ela já vira! Tôda a abóboda do céu livre e azul sôbre a larga e lisa superfície do lago e a baixa orla de colinas em volta. Já parecia quasi verão junto à água; uma quantidade de flôres diversas ladeavam o caminho. Os pri-

meiros cachos brancos de flôr de cerejeira desabrochavam onde as árvores apanhavam todo o calor do sol, e os prados estavam tão adiantados, que o capim ondulava como chamas quando vinha um pé de vento. Nunca imaginara que uma paisagem tão descoberta pudesse ser tão bonita. — Imagino que vista encontrarão meus olhos, sôbre aquelas montanhas ao longe — os versos vieram-lhe à cabeça, mas isso fê-la pensar em Vettehaugen, onde aquilo era uma espécie de hino nacional, e era uma das melodias que Frithjof sabia tocar...

— Naquele momento, Toksvold virara-se para ela para dizer alguma coisa: — A senhora não está com frio, está? perguntou êle. Gostaria de pôr uma manta sôbre os joelhos? — Oh, não — ela sorriu e apressou-se em afugentar a expressão que suas recordações lhe tinham dado ao rosto. — A senhora não está se sentindo mal, está? Algumas pessoas enjoam quando viajam de automóvel...

Êle dera mais velocidade ao carro — tinham uma grande extensão de estrada reta e livre diante dêles, através de um bosque. Então houve um barulho terrivel na parte detrás do carro e Kari Presttangen levantou-se e bateu no ombros de Toksvold: — Pare — você tem que parar...

Quando o carro parou ela ouviu Tryggve berrando com tôda a fôrça de seus pulmões, e num momento estavam todos fora, em volta do menino, que cada vez gritava mais.

Você não enguliu nada?... Kari Presttangen tirou os dedos da bôca dêle. Abriu uma bolsa, apanhou uma chícara e correu para um regato que corria perto, abaixo da estrada. Carl apressou-se em explicar: — Tryggve metera a mão no bolso do casaco de Kari e encontrara umas bolas brancas que julgara fôssem balas, e quando ela tentara tomá-las, êle precipitadamente metera-as na bôca, mas eram umas coisas para afugentar as traças.

— Imagine eu me esquecer de tirá-las antes de partir — Kari Presttangen estava cheia de compaixão. — Pobre menino... aqui, ande depressa e lave a bôca!

— E' justamente o que você merecia, disse Ida Elisabeth duramente. — Por andar pondo as mãos no bolso dos outros. Agora pare com êsses gritos horriveis.

— Nós poderiamos bem descansar um pouco aqui, sugeriu Toksvold. E fazer café. Conduziu o automóvel até uma clareira verde do bosque; Kari Presttangen e as crianças subiram galopando a margem do riacho. — Aqui, aqui, gritaram; tinham encontrado um lugar magnifico.

Digitalizado com CamScanner

Estavam apanhando lenha para uma fogueira, quando Toksvold e Ida Elisabeth chegaram com as mantas e uma valise.

— Não, olhe aqui, Kari, isso levará muito tempo... temos que fervê-lo no fogareiro de álcool...

— Haverá alguma graça nisso! Não, nós com certeza vamos fazer uma fogueira decente! Uma bela fogueira!

Ficaram defronte um do outro e parecia que ia dar em briga — o quanto ainda tinham que andar e como poderiam chegar atrasados, quando a tia os esperava para o jantar, e quanto tempo poderiam descansar ali. Ela, pelo menos, ficou nervosa; muito vermelha. Os meninos também, tentaram entrar na discussão; votavam por uma fogueira.

— Carl e Tryggve, venham cá, chamou a mãe. Tenham a bondade de ficar quietos; os senhores não têm que se meter nos negócios dos mais velhos. — Sua voz soava muito alegre e decidida. O motivo da briga dos dois não era da conta dela. Os meninos ficaram tão embirrados que não disseram nada.

A cabeça de Ida Elisabeth estava num turbilhão depois da longa viagem. Era delicioso estar sentada e escutar o doce suspiro da brisa no alto das árvores, trazendo consigo o som de um sino de igreja muito ao longe... às vêzes êle se apagava completamente, mas depois ela ouvia de novo suas notas. E perto do lugar onde ela estava sentada o riachinho sussurrava por sôbre pedras e raízes.

— Não há nada em que eu possa ajudar?

Êle saíra vitorioso; sôbre uma rocha lisa estava o fogareiro de álcool com o bule de café por cima. Kari Presttangen parecia esmagadoramente ofendida ao ajoelhar-se e estender a toalha na grama, com chícaras e pratos de bolo. Naturalmente era um tanto deprimente estar numa excursão com um casal de namorados que tinham brigado, mas Ida tinha que fingir que não percebia.

— Não quer sentar-se aqui na manta, Fru Braato? perguntou Froken Presttangen com evidente complacência. Ou quer que eu lhe leve sua chícara. De qualquer modo, a senhora está mais cômoda aí, acho que vou fazer-lhe companhia.

Ela foi, sentou-se ao lado de Ida Elisabeth com o aspecto de quem foi traída. De vez em quando se lembrava para ir buscar isto ou aquilo e oferecê-lo à outra. Toksvold estava sentado junto à toalha, cortando bolo para os meninos.

Froken Presttangen não quis saber de trocar de lugar com Ida Elisabeth, ao prosseguirem a viagem.

Lá pelas três horas chegaram num grande sítio, situado entre a estrada principal e o rio. "Hotel" estava pintado na mais próxima das grandes casas brancas, uma que tinha varandas em tôda a extensão da fachada. A residência inteira tinha um aspecto altamente confortável — um grande pátio plantado de grama com diversas casas de moradia pintadas de branco e enormes dependências em tôrno, pintadas de cinzento e vermelho. A senhora que veio recebê-los lembrava muito Marte Bo; também era gorda, de olhos castanhos e bondosa. Era a tia; seu nome era Fru Bjornstad.

Estavam sentados à mesa do almôço quando veio uma criada e disse que de Galby estavam chamando Froken Presttangen no telefone. Ela deu um salto e saiu correndo, mais desajeitada e abrupta em seus movimentos do que nunca. Toksvold prestou atenção à saída dela e esqueceu por algum tempo a comida. Passou-se algum tempo antes dela voltar.

— Sigurd está de cama. Machucou a perna... tinham ido ao *saeter* e êle deu uma queda a caminho de casa, hoje de manhã cedo. De modo que não pode vir. — Ela foi até à janela e ficou olhando para fora por cima dos vasos de flôres. — Êle quer que eu vá até lá...

— Bom, isso é muito natural. Você quer que eu a leve?

— Eu mesmo posso muito bem guiar, se você me emprestar o carro.

— Muito bem, como quiser. E' alguma coisa de sério? — perguntou Toksvold enquanto ela vagarosamente se dirigia novamente para a mesa.

— Não sei. Êles não acham. Foi com Marit que eu falei. O médico já esteve lá. Em todo o caso êle não precisa ir para o hospital. — Ela suspirou profundamente ao sentar-se de novo.

Sentada na grande varanda envidraçada que dava para o jardim. Ida Elisabeth viu Froken Presttangen dirigir o automóvel na estrada para o Sul. Num momento veio Toksvold e ficou observando a nuvem de poeira, e então chegou Fru Bjornstad e serviu o café.

— Bem, devo dizer que é estranho, que isto tenha acontecido a Sigurd justamente hoje! — disse a tia meditativamente.

— Talvez haja intenção nisso. — A voz dêle soou esperançosa.

Toksvold e Fru Bjornstad conversaram sôbre gente da vizinhança. Ida Elisabeth escutava com um dos ouvidos, enquanto prestava atenção aos meninos, que estavam entretidos junto ao lago no jardim. Depois, afim de fazê-la tomar parte na con-

Digitalizado com CamScanner

versa, pensou ela, êle começou a contar-lhe um caso de assassinato ocorrido alguns anos antes, quando êle era delegado interino alí. Porém ela podia ver que o tempo todo os outros estavam pensando na visita de Froken Presttangen, e que por um motivo ou outro isso os pusera de bom humor.

Depois Fru Bjornstad foi chamada — chegara um carro com algumas visitas. — Vamos descer e olhar o jardim, propôs êle. E' muito bonito. Talvez não haja muito que ver nele agora, mas... mas a senhora está interessada em jardinagem, não está?

Pobre homem, não sabia o que fazer para distraí-la. O jornal de sábado estava alí, ela ainda não o lera. Mas mesmo assim foi com êle, ao longo de uma alameda de jardim com velhas macieiras de cada lado. Os botões estavam quasi abrindo, mostrando cachos de continhas amareladas entre tenras fôlhas comprimidas. Ao longo da beira do caminho havia canteiros de terra cinzenta nos quais os grelos verdes das plantas de todo o ano estavam saindo.

— Não se sujem de mais — disse ela ao passarem pelo tanque dos patos, onde os meninos estavam fazendo flutuar pedaços de casca de árvore na água lamacenta.

O caminho acabava num muro de pedra na direção do rio. Na cadeira que descia para a água havia uma moita de finas cerejeiras meio-silvestres, cujos brilhantes galhos castanhos estavam cobertos com botões prontos para se abrirem. Do outro lado do rio o penhasco erguia-se perpendicularmente a principio, cinzento, com fendas nas quais samambaias e arvorezinhas se tinham enraizado, e em cima havia a íngreme encosta coberta de negros pinheiros.

— Isto não é bonito? —. Êle estendeu a mão na direção da vista. — Êste terraço era o orgulho de meu tio. Estou realmente muito satisfeito que a senhora tenha podido vir. Quer fumar? — E ofereceu-lhe a carteira de cigarros.

Ida Elisabeth recomeçara a fumar. Era com uma feliz segurança que podia novamente tirar o tempo e o dinheiro para condescender consigo mesma, tôdas as vêzes que comprava um pacote de cigarros. Em Berfjord tivera que se curar de tôdas as superfluidades. Ao aceitar o fósforo que êle lhe dava sentiu de encontro à pele a carícia fresca da pesada blusa de sêda côr de marfim. Um modelo vienense que ela comprara para copiar. Vestira-a quando saíra — era bom sentir-se fresca e elegante.

— A senhora pode imaginar, disse êle, é o noivo de Kari, Sigurd Maelum. Êle tomou conta de Galby há quatro anos, sucedendo a um tio. Um ótimo rapaz, direito e simpático. Bem, ainda não é oficial, embora Deus saiba que também não é segrêdo. E pelo que eu vejo, seria muito melhor para ela casar-se com êle do que prosseguir com a sua profissão de dentista. E ela nem é lá muito boa dentista, tem a mão pesada, já ouvi dizer. Certamente também não é lá muito divertido ser fazendeiro hoje em dia. Mas ter que arrancar raízes dos queixos de qualquer pessoa que chegue... não, é o último emprêgo que eu escolheria...

— Suponho que deve haver muita gente que ache que é um trabalho interessante...

Êle caçoou:

— O que acontece é que Kari insiste, absolutamente, em ser algo... profissional. E' o resultado dela ter tido madrasta... uma que fôra nossa governante. Éramos algumas famílias, que se tinham cotizado para ter uma governante que nos prepararia para o colégio. De modo que quando a mãe de Kari morreu — ela era irmã de minha mãe — Tor Presttangen casou-se com essa Ella. Porém ela e Kari não se deram bem. Foi então que Kari veio morar conosco. Não que eu acredite que Ella lhe quisesse mal. Mas não dava sossêgo a Kari, procurando modificá-la em todos os sentidos. Kari tinha bastante naturalidade naquela época, uma autêntica moça do campo, jeitosa e direita — e com isso tudo extremamente suscetível. Ora, então tornou-se teimosa e fazia exatamente o oposto de tudo o que a madrasta lhe dizia... mas imitava-a o tempo todo, ou procurava imitá-la desde que Ella não estivesse perto. De certo modo, também, acredito que admirava a madrasta, que era realmente bonita, mas um tanto afetada. Pelo menos estava deslocada como dona de uma grande fazenda...

— Mas além disso Kari via muito bem que a madrasta podia fazer do marido o que quisesse. Tor estava com a cabeça completamente virada por essa mulher. Isto é, a princípio. Pois sem dúvida enjoou completamente dela no fim de alguns anos; ela perdeu logo a beleza. Mas então Kari não estava mais em casa. O pai se opunha absolutamente a que continuasse os estudos — provavelmente já estava farto dessas coisas, e queria tê-la em casa. Foi então que ela e Siburd começaram a se encontrar frequentemente e nessa ocasião andavam "muito" apaixonados. Mas depois Kari entrou na posse de algum dinheiro, um legado...

Digitalizado com CamScanner

— A senhora sabe, a verdadeira mãe de Kari não fôra tratada como Ella era, e Kari não esqueceu isso. A senhora vê, Gunhild, minha tia, era uma verdadeira camponesa, do velho tipo. Nunca se poupava, e não acho que ela contava que alguém a poupasse. Não, não tinha pretensões. Ou antes, não reclamava nada para ela. Além disso estava longe de ser o que nós chamaríamos modesta; o que ela considerava honestidade e comportamento "de gente" não era pouca coisa, posso lhe assegurar, e insistia nisso tanto do lado dela como dos outros. Ella nunca pedia nada, a não ser que tivessem a devida consideração consigo. E no final das contas isso é muito menos do que Gunhild pedia. De modo que não é de admirar que as coisas corressem melhor para Ella. Mas êste era o estado de coisas em que Kari refletia enquanto crescia. Bem, era a mesma coisa também lá em casa, embora tanto papai como nós, crianças, de certo modo apreciássemos mamãe. Mas não como devíamos, naturalmente, e não teria feito mal se o tivéssemos deixado transparecer mais.

O resultado foi que Kari cresceu assim, vê a senhora. Porque na realidade ela é a mais bondosa das criaturas; mas leva tudo tão a peito, de um modo tão pouco razoável, especialmente se gosta da pessoa... de modo que simplesmente tem mêdo destas coisas. Eu estou certo de que se a senhora não tivesse estado conosco hoje, ela teria insistido que eu voltasse da metade do caminho.

Ida Elisabeth estava sentada no muro, um pouco distante dêle, olhando para as cerejeiras em botão e para o rio correndo à sombra do íngreme penhasco cinzento.

— Bom, mas se sua prima é assim. — E procurou uma palavra: Com certeza devem deixar que ela resolva sozinha como há de dispor da sua vida. Se ela tem mêdo de se casar com êsse noivo? O noivado deve ter durado muitos anos — talvez ambos tenham mudado. Será que o senhor não está assumindo uma responsabilidade muito grande, pois se não entendi mal a situação, tanto Fru Bjornstad como o senhor... bem, em todo o caso não foi para romper o noivado que o senhor a trouxe aqui?

— Ela em todo o caso, na minha opinião, tem que ter uma "conversa" séria com êle. Toksvold ficara vermelho. — Sigurd tem o direito de saber em que pé está. E a senhora sabe mais o que? uma pessoa não pode deixar passar a vida tôda, simplesmente porque tem mêdo da vida.

Ida Elisabeth estava sentada arrancando o musgo sêco, queimado do sol, do muro de pedra, que dava estalinhos tão agradáveis entre os dedos... Era uma coisa estranha, a que êle acabara de dizer. Ela nunca pensara nisso antes — se na verdade já estivera colocada em situação semelhante ou com temperamento para parar e considerar: farei? ou não? antes de se atirar a qualquer das experiências que atravessara — seria difícil dizer o que teria feito. Mas de algum modo ela atravessara tudo aquilo, e saira-se muito bem, era o que estava começando a pensar ultimamente. Tinha os meninos e êles eram sadios e transbordantes de vitalidade e coragem, para descobrir o mundo no qual os colocara. Quando os abraçava e sentia o calor de seus corpinhos tenros, pensou... afinal há muita gente que arranja as coisas de modo a ter prazer em viver...

Como se tivesse ouvido alguma coisa de seus pensamentos, êle disse:

— Então a senhora prefere estar na sua situação e ter seus filhos do que, por exemplo, ter ficado famosa como pintora, e ser uma solteirona?

— Suponho que se eu me tivesse tornado pintora, não é certo que tivesse ficado solteirona. — A idéia fê-la rir.

Êle franziu as sobrancelhas:

— Não, naturalmente não. Eu também não quis dizer isso. Mas as coisas teriam sido um tanto diferentes, não?

— Diferente de ter uma casa de costura? Sim, presumo que sim.

— Bem, agora a senhora está caçoando comigo. Mas não percebe o que eu quero dizer? Que uma vida, que não tem nada de magnífico ou impressionante aos olhos dos outros, vale mais do que se uma mulher se torna famosa na arte, ou tem uma profissão, ou qualquer outro trabalho que lhe agrade mais, e só é mãe, digamos, em segundo lugar, ou no tempo que tem de folga...

Ida Elisabeth inclinou a cabeça:

— Mas o senhor admite que tudo que a mãe de Froken Presttangen e a sua ganharam com isso... quero dizer, que só pensarem em si em último lugar... foi que todos aquêles para quem elas viviam faziam o mesmo. Êles também pensavam primeiro em si e por último naquela cujo único pensamento era para êles.

— Isto é bem verdade. Foi uma coisa que eu compreendi quando já conhecia mais o mundo. Compreende-se até certo

Digitalizado com CamScanner

ponto por que tantas moças ficam com a idéia de serem independentes e de se exibirem antes de tudo. Acontece apenas que o mundo fica ainda pior do que era, quando aquelas que antigamente estavam dispostas a se dedicarem à bondade, não querem mais fazê-lo. Porque a senhora não deve imaginar que os homens se tornem melhores pelo fato das mulheres se tornarem egoístas. Ao contrário. Porque, a senhora vê, nunca haverá mais do que uma pequena porcentagem de homens ou mulheres, que podem criar para si um campo de trabalho, que não poderiam trocar por outro sem sentir que isso seria um sacrifício. Mas porque algumas mulheres conseguiram obter uma situação que seria um sacrifício para elas abandonarem se se casassem, talvez nove vêzes mais mulheres sejam forçadas a sair e trabalhar um dia inteiro para o sustento da casa, e tenham que ser mães e donas de casa o resto das vinte e quatro horas, e fazer tôdas as outras tarefas que possam fazer sem morrer por falta de sono. Porque algumas mulheres da classe média descobriram que é uma vergonha serem mantidas por um homem. Na realidade creio que houve sempre muito poucas que não fizessem nada em troca de seu sustento. A grande maioria, pelo menos, tinha mais que dizer, do que todos os homens do país juntos, como deveria ser a nova geração que estava crescendo. Mas essa conversa de mulheres não quererem ser sustentadas, vê a senhora... a média do homem comum, que não é melhor que a maioria dos pecadores, acha que isto significa que êle não precisa sustentar a mulher... ela pode cuidar de si, e se quiser filhos, pode desempenhar a sua parte no seu sustento desde que, em regra, deseja-os mais ardentemente que o homem. E se chegarmos ao verdadeiro tipo do vadio, êsses contam ser mantidos a vida tôda, se têm a sorte de ter um filho de uma moça decente e moderadamente bondosa. A senhora pode ter a certeza de que já encontrei mais de um exemplo dêsse tipo no meu trabalho.

Ida Elisabeth soltou um risinho nervoso.

— Eu devo dizer que o senhor dá ao seu sexo um bom certificado!

— Bom, mas a senhora sabe, a maioria das pessoas não prestam. E nunca prestaram. E Deus sabe se há alguma coisa que as mantenha nas suas obrigações, e as faça comportar-se decentemente, a não ser o seguinte: que as mulheres, as melhores delas, pelo menos, estão dispostas a suportar o que minha mãe e tia Gunhild e outras do mesmo tipo suportaram. Mesmo que nunca tenham recebido da própria família os agra-

decimentos que lhe devíamos. Elas eram afinal as que dirigiam a casa, apesar de se ocultarem por trás do que produziam, como o solo do campo de trigo se esconde sob o trigo. E não é pouca coisa ser assim...

Ida Elisabeth olhou-o gravemente, mas não disse nada.

— Mas, naturalmente, tendo visto isso, nós sabemos que devemos querer bem e respeitar tais pessoas. Pelo menos eu imagino que faria isso "agora" se encontrasse alguém assim.

Ela riu com certo amargor:

— Outrora também me prometeram isso... ser amada.

Êle olhou-a quasi com tristeza:

— E não a amaram... não, vejo que não.

— Vê o senhor, Herr Toksvold, é natural que as crianças sejam egoistas. Tôdas as suas necessidades têm que ser satisfeitas por outras pessoas. E elas pouco podem fazer para ajudar aos outros ou a si mesmas. Imagine se todos os adultos caissem doentes ao mesmo tempo e não pudessem trabalhar e as crianças tivessem que cuidar do mundo durante uma única semana... seria uma bela situação. E as pessoas que nunca crescem... o senhor sabe o que se lê nos jornais... o desenvolvimento mental do acusado é o de uma criança de doze anos. O senhor deve ter encontrado muitos dêsses casos. Mas há ainda outros que estão no nível dos doze anos, ou dos oito, ou dos cinco... que vivem sem chegar a passar pelos tribunais; casam-se e têm filhos e votam nas eleições e ajudam a formar a opinião pública. Bom, eu tinha um amigo que era médico; êle costumava dizer que tôdas essas idéias sôbre a democracia e outras semelhantes vinham de um período em que ninguém ainda sonhara com a psiquiatria. Mas deve-se perdoar a essa gente se demonstra o egoismo que pertence à sua idade. Mas é verdade, eu realmente acho que as pessoas verdadeiramente adultas deviam ser mais bondosas umas com as outras do que frequentemente são.

Toksvold inclinou a cabeça:

— Aquêle dia do ano passado, quando tivemos a infelicidade de atropelar o seu menino... foi verdadeiramente estranho o modo pelo qual a senhora me recordou a mãe de Karl, quando nos recebeu e cuidou dêle. Karl também notou isso. Bem, como a senhora pode imaginar, ela estava tão desesperada com o que acontecera... Mas foi a semelhança que a impressionou de tal modo, que, por exemplo, eu nunca consegui que ela viesse comigo saber notícias do menino — ela ficava verdadeiramente histérica quando eu a convidava. Também ha-

Digitalizado com CamScanner

via um menino, devo dizer-lhe, Elling. — Era mais moço do que Kari. Ficou paralítico, com paralisia infantil, e a mãe cuidou dêle durante cinco anos, além de tôdas as outras coisas que tinha que fazer, e sempre bondosa, prestável e calma. Mas quando faleceu, pareceu que ela não dava para nada mais — morreu no ano seguinte. Não, não é exatamente na aparência externa... embora Gunhild também fôsse clara e magra, mas era mulher de um fazendeiro, e vê-se logo que a senhora não é uma camponesa. Mas apesar disso, há alguma semelhança — êle olhou-a um momento e desviou os olhos, como que embaraçado.

Ida Elisabeth não pôde deixar de sorrir ligeiramente:

— Foi por isso que o senhor estava tão interessado que eu fizesse parte da... expedição?

Com embaraço crescente êle replicou:

— A senhora sabe que também foi um grande prazer para mim... eu apreciei enormemente a senhora ter vindo conosco.

Ida Elisabeth continuou sentada em silêncio. Mas estava pensando no dia em que êle chegara carregando Carl. Havia alguma coisa na expressão dêle agora que a levava a pensar naquilo. E compreendeu, como uma coisa cujo significado não podia ignorar — seu semblante, belo e circunspecto, com seus límpidos olhos cinzentos, olhando-a por cima da cabeça do menino, era parte daquele dia, que para ela valia como a entrada de uma época nova, brilhante e mais confiante.

O sol já deixara o lugar em que êles estavam sentados, e pela alameda do jardim Carl e Tryggve vinham correndo a tôda velocidade.

— Fru Bjornstad manda-lhes dizer que precisam vir para o jantar...

Ao virarem no pátio coberto de grama descobriram que o seu *Chevrolet* verde-escuro estava lá entre três ou quatro outros automóveis. Fru Bjornstad veio ao encontro deles no corredor:

— Kari veio buscar a maleta dela. Disse que ia passar lá alguns dias. De modo que eu acho que vocês terão que voltar para casa sem ela. Aliás ela disse que lhe telefonaria amanhã de manhã.

Ao irem para a sala de jantar ela lhes contou longamente o acidente de Maelum. — Pobre Kari, estava horrivelmente aflita... — Ida Elisabeth ouviu-a murmurar para Toksvold.

Naturalmente ela não pode desmanchar o noivado enquanto êle estiver estirado com a perna gessada, pensou Ida Elisabeth, e sentiu pena de Kari Presttangen. Mas afastou o pensamento... os outros estavam tão certos de que seria melhor para ela tornar-se Fru Maelum de Galby. E conheciam ambos os interessados.

Não foi coisa fácil pôr os meninos na cama; estavam completamente loucos com tudo que tinham visto durante o dia, e tagarelavam sem cessar. Ida Elisabeth sentia o corpo estranhamente leve, quasi como se estivesse flutuando, enquanto andava pelo quarto sombrio, desembrulhando as roupas de noite dos meninos e as meias limpas para a manhã seguinte. Era um quarto bem grande, de teto baixo, e irregular, com cantos e recantos, onde a obscuridade parecia acumular-se.

Era no andar térreo e dava para o pátio. Fora, ela ouviu Toksvold falar com um dos motoristas que chegara na noite anterior. O outro estava indagando do estado da estrada para Tonsaas. E ela se lembrava de um lago por onde tinham passado lá no alto — ainda estava coberto de gêlo, escuro e putrefato, cheio de fendas plúmbeas. Ainda havia uma grande quantidade de neve na floresta e grandes nuvens de um azul acinzentado se amontoavam, vindas de todos os lados, até extinguirem quasi por completo a luz do sol. Êles tinham apanhado uma saraivada de neve que passara sôbre a floresta. Mas êle dissera que achava que não daria em nada, e um momento depois estavam novamente no sol.

Ela examinou os pescoços e as orelhas dos meninos — como tinham se sujado! Com a escôva de roupa e os calções de Tryggve, foi até à janela.

Toksvold, de mangas de camisa e macacão, estava ocupado lavando o automóvel. Vendo-a na janela, aproximou-se:

— A senhora talvez gostasse de dar um passeio de automóvel à noite? Há umas cascatas aqui, a umas sete milhas para o Norte, são geralmente esplêndidas nesta época do ano. Ou talvez pudéssemos ir para o Oeste, passando por Galby; então a senhora teria uma vista da fazenda.

— Não, muito obrigada. Por hoje já andei bastante de automóvel. — Ela riu.

— Está muito cansada? Virá daqui a pouco para a sala de visitas, não? Titia quer que nós vamos lá tomar café.

Para falar a verdade, ela já estava farta de café por hoje, pensou ainda sorrindo. Mas mesmo assim tinha que ir fazer-lhe companhia. Êste lugar era extraordinariamente familiar.

Não havia luz em parte alguma quando ela atravessou a casa. Na sala de jantar as portas estavam abertas para a va-

randa, e a forte e pálida claridade da noite primaveril refletia-se com um matiz azulado na longa mesa com sua toalha branca. Quando abriu a porta da sala de visitas, esta pareceu-lhe escurissima. Os retângulos de luz das janelas estavam inteiramente tomadas pelo desenho recortado de fôlhas dos grandes vasos de plantas. Havia um perfume de cigarros de Virginia, e agora ela via um pontinho vermelho.

— Venha para cá, Fru Braato; aquí está uma boa cadeira. Quer que eu acenda a luz?

— Oh, não, seria uma pena. — Ela se acomodou bem na profunda e larga cadeira de braços; sua pelúcia estava eriçada e parecia musgo de encontro ao seu rosto. Ida Elisabeth tirou os sapatos e sentou-se em cima de uma das pernas. Orgulhava-se um tanto de ter o peito do pé alto, mas era inconveniente quando queria estar bem calçada: sapatos de entrada baixa e presilhas estavam sempre apertados de mais para ela.

— Temos tido uma sorte extraordinária com o tempo. E parece que está firme para amanhã.

Então amanhã, pôs-se ela a pensar, terei que me sentar na parte de trás do automóvel. Os meninos não podem ficar sozinhos...

— Foi muito amável da sua parte ter-nos trazido. Foi uma verdadeira aventura para os meninos. Fru Bjornstad tem sido tão bondosa para com êles. Levou-lhes leite e bolos quando já estavam na cama. E estou, certa de que deixou que corressem por tôda a parte e metessem o nariz em tudo...

— Oh! — êle deu uma risadinha. — Pobre titia! ela não gosta desta nova invenção de tráfego de automóveis. Grupos que chegam e pedem refeições a tôdas as horas do dia, e nunca dois ao mesmo tempo. E' muito menos gente que fica. Só duas pessoas estão passando a noite aquí, e vão-se embora de novo amanhã cedo.

— Sim, está estranhamente sossegado esta noite. Mas não é possível dormirem em tendas, tão cedo no ano, com as noites ainda tão frias e a terra tão úmida?

— Oh, isto é metade do brinquedo. Também é comparativamente barato locomover-se dêste modo.

Depois ficaram sentados em silêncio, como se cada um estivesse à espera que o outro recomeçasse a conversa.

Até que êle foi a um canto da sala e acendeu uma lampadazinha. O globo tinha o formato de uma rosa, dando uma luz alaranjada e côr de rosa escura. A figura de bronze de uma dansarina segurava-a com os braços erguidos — tinha o cá-

belo fôfo sôbre as orelhas e usava uma espécie de vestido Império, que se alargava para formar o suporte. Ida Elisabeth lembrava-se de ter visto lâmpadas assim quando era criança.

Êle estava lá mexendo num receptor de rádio — à luz vermelha da lâmpada estudou o programa num jornal. O aparelho roncou e gritou, depois veio uma voz falando e Toksvold virou novamente o botão, até conseguir a música de uma orquestra de dansa.

— De Londres, explicou. Vamos dansar? A senhora gosta de dansar?

Ida Elisabeth pôs os sapatos e levantou-se. Na extremidade da sala havia um espaço livre, sem mobiliário ou tapete. Com janelas de dois lados e sombras escuras brincando no vidro. Um alto tremó estava cheio de escuros reflexos de cobre das janelas, como as águas de um brejo numa noite de verão.

Um doce tremor de voluptuosidade percorreu-a ao sentir o braço, a mão, o perfume da pele e das roupas dêle tão perto dela. Havia muito tempo que não dansava, mas ao primeiro passo que deu, uma recordação despertou em todo o seu corpo — o ritmo lânguido de um tango penetrou-lhe, seu corpo ficou leve como se não existisse, enquanto êle a guiava. Ela baixou os cílios, sentiu-se empalidecer de prazer. A sala agora estava tão escura que ela não podia ver senão escuridão e luz pálida flutuando em tôrno de seus movimentos, enquanto duas distantes luzes vermelhas, como faróis, giravam com êles — uma junto ao rádio e outra bem dentro do espêlho, tôdas as vêzes que atingiam certo ponto da sala.

— Oh, mas é delicioso dansar com a senhora — murmurou êle, e ela pôde perceber a alegre surprêsa em sua voz. A senhora é louca por dansa, não? — Ela limitou-se a sorrir e abandonou-se ainda mais intensamente à alegria do movimento.

Quando a música parou ficaram imóveis; êle não retirou o braço, e ela sentiu a fazenda áspera de seu casaco sob a ponta dos dedos.

— Vamos continuar dansando, não? —. Ela apenas inclinou a cabeça e os dois ficaram completamente imóveis, à espera que a música recomeçasse. — Pronto! e êle deu-lhe um suave apertão, ao deslizarem novamente sôbre a pequenina área de que dispunham; e continuaram dansando, até que uma porta se abriu e ambos pararam abruptamente.

— Bem, acho que vocês são duas criaturas sensatas — disse a voz de Fru Bjornstad. E depositou uma bandeja que tinia, e

Digitalizado com CamScanner

virou um botão. A luz surgiu, tão deslumbrantemente branca e forte no meio do teto, que Ida Elisabeth ficou piscando — era como se a tivessem acordado, ou como num teatro, quando acaba um ato e a pessoa é lançada de novo numa platéia deslumbrante.

— Disto é que eu gosto. Aquêle homem de Askim e a mulher foram para a cama logo que acabaram de jantar.

— Êle disse que tinha que dirigir durante todo o caminho de volta, amanhã, explicou Toksvold. E fôra bem longe hoje. Um passeio que eu também gostaria de fazer — sua voz perdeu-se num resmungo, enquanto tirava um mapa do bolso da frente e o desdobrava. — Nesby, a senhora pode ver aqui.

Fru Bjornstad abanou a cabeça. — Não, Ida Elisabeth não precisava a ajudar a arrumar as chícaras. — De modo que a moça refugiou-se de novo na cadeira grande.

— Você toma *cognac*, não é, Tryggve? — Fru Bjornstad estendeu a Ida Elisabeth um cálice de licor. O liquido de dentro era espêsso e escuro com um brilho chamejante de ametista.

Toksvold apanhou a garrafa de *cognac* e considerou-a com ar de perito.

— Obrigada, mas acho que prefiro a sua receita, titia. Bem, a senhora disse *skaal?*

O licor grosso e doce que queimava como fogo enquanto ela o engulia, e tinha o cheiro e o sabor de amêndoas amargas, era ratafia de cereja silvestre; lembrava-se de já o ter tomado, quando criança, numa visita à vovó Andst, mas nunca mais. Era ótimo.

Fru Bjornstad queixou-se de que o álcool que se comprava no monopólio do vinho era fraco de mais; tivera que modificar tôdas as suas receitas de licores. Daí os outros dois começaram a falar de todos os prêmios que ela acançara em exposições, para xaropes, geléias, frutas em conserva e licores, e depois dos prêmios obtidos por conhecidos dêles em exposições de indústrias nacionais, exposições de gado, etc., e finalmente de cavalos.

Ida Elisabeth assimilou todo o aspecto da sala, com a máxima intensidade, como se isso fôsse de tremenda importância. As paredes eram de um cinzento côr de pérola, forradas com tábuas lisas e largas, e o teto era de tábuas estreitas, dispostas numa espécie de estrêla, e dividido aqui e ali por caixilhos e nós pintados de castanho. Havia quantidades de flôres e plantas nas janelas e sôbre peanhas antiquadas feitas de troncos de bétulas, e o mobiliário pesado e anguloso era recoberto de

pelúcia de um verde azulado. Ao longo das paredes ficavam pesados armários de fazenda trabalhados, mas tinham sido pintados de um verde azulado, com muitos dourados e prateados por cima das esculturas. Das paredes pendiam fotografias ampliadas, velhos tapetes, calandras e bordados representando moços e moças dansando em traje nacional, de encontro a um fundo peludo verde ervilha; e havia um piano preto tendo em cima Cupido e Psiché brancos. Mas mesmo assim o efeito em conjunto era maravilhoso...

Passava muito de meia-noite quando ela entrou em seu quarto. A janela estava aberta, rangendo um pouco nos ganchos; o quarto estava cheio do fresco ar da noite e a cama tinha um aspecto fresco, branco e tentador. Ela bebera um pouco de mais daquele licor de cereja, mas era tão divertido ver as pesadas gotas roxas escorregando da beira do cálice, depois de o ter esvaziado... e lembrou-se que antigamente...

Ida Elisabeth atravessou o quarto para olhar os meninos, que estavam dormindo na larga cama de casal. Ao debruçar-se e beijar primeiro um e depois o outro dos dois rostinhos quentes, notou que seus lábios estavam pegajosos e doces.

— Seria maravilhoso meter-se na cama, mas como era ótimo sentir-se cansada assim, depois de um dia inteiro que fôra magnífico do princípio ao fim...

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO QUINTO

Carl e Tryggve nunca se cansavam de falar sôbre a sua excursão de Pentecostes. Quasi todos os dias, no almôço ou no jantar na cozinha, lembravam-se de uma coisa ou outra que tinham que contar à mãe.

Ida Elisabeth ficava ocupada da manhã à noite, cortando, provando, corrigindo suas operárias e acabando o que era difícil. Tudo parecia correr com tanta facilidade — as duas costureirinhas estavam contagiadas pela disposição alegre de Fru Braato, trabalhavam alegremente e com vontade, e à tarde, quando terminavam, demoravam-se nas suas arrumações, e contavam-lhe mil coisas sôbre suas alegrias e tristezas particulares. Até Ida Elisabeth acompanhá-las ao portão, e alí as três ficavam tagarelando por muito tempo até se despedirem.

Era a mesma coisa com as crianças. Carl e Tryggve quasi não notavam que a mãe talvez não prestasse muita atenção ao que êles diziam: mas tinham descoberto como era fácil fazê-la rir. Ela estava tão pouco inclinada a ser perentória e vigilante, que êles logo se aproveitavam. As horas da noite eram cheias de longas e alegres escaramuças, que acabavam, afinal quando Ida Elisabeth os enxotava para o quarto: agora "tinham" que ir para a cama, daquí a pouco ficaria seriamente zangada, dizia ela, que vissem como já era tarde. E Carl olhava o seu relógio de pulso para ver quanto êle e o irmão tinham ganho da mãe — era realmente tão tarde, que todos os meninozinhos com mãezinhas ajuizadas já deviam estar na cama havia muito tempo.

Digitalizado com CamScanner

Por fim, então, ela acabara tudo o que tinha que fazer, na casa e no jardim; também podia ir para a cama. Mas não tinha vontade...

Uma das coisas de que gostava nesta casa era que não precisava ter venezianas em seu quarto. Sempre gostara tanto de poder olhar para fora quando se acordava durante a noite, e ver que horas eram! Se a janela estava escura e algumas estrêlas solitárias brilhavam a intervalos, onde a vidraça estava ligeiramente empenada, ou via que já estava clareando e havia nuvens no céu avermelhadas pela aurora, ou os dois claros quadrados da janela estavam cobertos de geada em desenhos irradiados, ou a chuva batia de encontro às vidraças — ela achava aquilo sempre tão encantador, lançar essas olhadelas ao tempo entre um sono e outro! Mas não tivera êsse ensejo desde criança. Quando vivera em Oslo, e o tempo em que morara em Berjford, e os primeiros anos aquí, na casa perto da estação, dormira em quartos que davam ou para uma rua ou para uma estrada, de modo que tinha que pendurar alguma coisa na janela.

As noites agora estavam claras, de forma que deixara de acender a lâmpada quando ia se deitar. Demorava fazendo a cama no sofá, demorava se despindo, ia até a janela e ficava olhando para fora. O rio e a encosta coberta de mato do outro lado do vale, e o velho jardim logo alí, se distinguiam cada vez mais claramente à medida que amanhecia, mas o mundo inteiro ainda jazia numa claridade fria e sem sol. Suas flôres na jardineira não eram mais um jôgo de sombras de encontro ao vidro — desdobravam-se viçosas com fôlhas cinzento-esverdeadas e flôres vermelhas e brancas. Era quasi um pecado dormir tanto tempo, no breve período que duram as noites claras.

E era outra sensação maravilhosa, ser a única pessoa acordada naquela casa enorme.

Ela mesma achava um tanto cômico que essa excursão de Pentecostes continuasse a perseguir seus pensamentos com tanta insistência. Na realidade não tivera uma vida de diversões. Não podia esquecer-se de ter dansado. Mas, realmente tinha gostado *loucamente* de dansar quando era moça, e não pensara mais nisso durante anos; tôda essa espécie de coisas parecia passada e acabada durante os anos que estivera ca-

Digitalizado com CamScanner

sada com Frithjof. Na verdade ainda era moça, mas muito tempo houve em que se podia dizer que não tivera idade, fôra simplesmente uma criatura obrigada a fazer determinada tarefa todos os dias.

Mas era estranho que o simples fato de ter dansado de novo despertasse em seu corpo tudo quanto era recordação de natureza física. Imagens brotavam, apareciam em luzes fortes e eram acompanhadas por lembranças de músicas e vozes cantarolando, mas muito longe, quasi como em velhos sonhos que a gente relembra. Um lugar em Copenhague, onde ela e Connie tinham ido de automóvel com o pai e a mãe. E ela invejara Connie por ter um par com que podia flirtar, um rapaz alto, bonito, moreno, enquanto ela caira nas garras de um de óculos de tartaruga, e um punhado ralo de cabelo louro através do qual podia-se ver o couro cabeludo vermelho e brilhante. Isso devia ter sido quando o pai estivera lá fazendo um contrato, para construção de um navio, com um estaleiro dinamarquês, e levara tôda a família consigo. Aquêle tempo, no entanto, estava tão estranhamente separado de tôdas as suas outras recordações, antes e depois, que parecia completamente irreal, não conseguia despertar em si mesma nenhuma sensação especial de perda quando pensava em tôdas as glórias dêsse tempo, embora se lembrasse de muitas vividamente; por exemplo, um casaco de corvo marinho que tivera, com um enorme ramalhete de violetas artificais no *revers*.

Mas ainda atrás de tudo isto havia uma época em que ela frequentemente pensava agora, com um profundo sentimento de saudade. Dava para se lembrar dos bailes de crianças daqueles dias — um em particular: a mãe encrespara-lhe o cabelo todo e pusera-lhe um grande laço do lado, de uma fita larga de sêda verde, com fios prateados. Ela estava com um vestido de uma espécie de sêda furta-côr, muito clara, e mudando do azul para o verde, que o pai lhe comprara na Inglaterra. E ela se divertira tão loucamente que estava como que atordoada — tôdas as vêzes que se via refletida no grande espêlho da sala, tinha a impressão de que estava vendo uma menina desconhecida. Mas então aconteceu o terrível desastre — alguém entornou um prato de creme amarelo e xarope vermelho por cima dela. Uma senhora levara-a para um quarto e tentara lavar a mancha, mas o vestido estava estragado de uma vez para tô-

Digitalizado com CamScanner

das. Chorara de desespêro, e a mãe ficara tão zangada quando ela chegara em casa, embora não fôsse culpa sua. E depois lembrou-se de um baile de Natal, em Tele; havia lá dois rapazes de Trondhjem, provavelmente sobrinhos do Dr. Sommervold. Ela tinha desejado tanto que um dêles pudesse ficar nas vizinhanças, porque então tinha a certeza de apaixonar-se. Isso fôra no inverno em que tinha sido confirmada. Os pais também estavam lá — lembrava-se de como receara que êles bebessem tanto que os rapazes de Trondhjem o notassem. Frithjof também lá estava. Sim, e pensar que era preciso tão pouco para as coisas terem sido diferentes.

A última vez que dansara... lembrava-se também disso. Fôra em Oslo, no primeiro andar do Park Café, na noite em que Frithjof e ela se casaram perante o prefeito. Jantaram lá com suas testemunhas, Aslaug e um dos amigos, de que Frithjof tinha tantos naquela época, e tinham dansado. Sim, eram felizes. Naquela época ela devia gostar de Frithjof, ou da idéia de que estava apaixonada por um homem e casada com o homem que amava, e teria a sua casinha com o seu rapaz e viveriam felizes para sempre. E por isso dera a Frithjof o papel do marido em seus romances sôbre a felicidade. Não passava então de uma criança, embora não se pudesse dizer inocente; mas aquilo fôra somente um acidente. Não obstante, era uma criança, uma bobinha, podia bem dizer. E Frithjof também era então uma criança. E nunca crescera, ela, porém, crescera. A história tôda resumia-se nisso — na verdade Frithjof não tinha culpa de tudo, nem de ser também um rapaz tão pouco sedutor.

Não deixava de perceber a gota de amargura que se ocultava em tôdas essas recordações de dansa. E apesar disso achava tão bom ficar sentada a relembrá-las! Mesmo a lembrança da sua noite de casamento era, na verdade, infinitamente triste, mas assim mesmo atravessara tudo a que fôra arrastada, e não era pouco. Era verdade, como dissera Tryggve Toksvold, que não podemos recusar viver porque temos mêdo que a vida nos magoe. Ela nos magoa, talvez tenhamos mais mágua, talvez tenhamos mais máguas do que outra coisa, mas *mais* máguas não quer dizer *só* máguas. As coisas boas vêm em primeiro lugar.

Ainda há pouco tôdas as côres no vale estavam despertando, como que com uma luz de alvorada que vinha lá das pro-

fundezas. Mas agora tudo estava novamente cinzento; o céu se encobrira. E de repente houve um sussurro nas fôlhas lá fora — tôdas as árvores do jardim se curvaram sob os primeiros pingos fortes de chuva. Isso era bom... estavam precisando de chuva.

Pouco a pouco ela chegara a ficar de pé de camisola, gozando a frescura da manhã contra o seu corpo, através da fina fazenda. Antes iria dar uma olhadela aos meninos.

Êles se tinham descoberto. Apalpou-os delicadamente, enquanto os cobria e punha suas mãos por cima do lençol dobrado. — Céus, como eu gosto dêles! De Tryggve por ser um tratantezinho e tão encantadoramente lindo, de Carl por ser meu bom filhinho que não é nada bonito, mas exquisito e difícil. Mesmo quando parecia uma dor amá-los tão infinitamente, quando estava cercada pela incerteza e sabia que não havia ninguém além dela que quisesse fazer alguma coisa por êles, mesmo então seu amor por êles fôra uma felicidade que nada podia suprimir de todo. E poder amá-los como agora, sem muito cuidado e ansiedade pelo futuro. — Oh Deus, como era bom!

Duas e meia — e às sete tinha que estar de novo em pé Mas realmente não sentia que precisasse de mais sono no verão. Os primeiros cantos matinais dos passarinhos, como notas de flauta, introduziram-se doces e frescos na confusão de seus pensamentos, entrelaçando-se nas névoas do sono no momento em que ela se estendeu entre os lençóis.

O jornal local anunciou o noivado de Froken Kari Presttangen, dentista, com Sigurd Maelum, fazendeiro, de Nordre Galby. Pobre moça, pensou Ida Elisabeth. Mas talvez ela tenha chegado à conclusão que essa é a sua melhor escolha.

Mais ou menos uma semana mais tarde, Ida Elisabeth encontrou Froken Presttangen na aldeia, dirigiu-se a ela e apresentou-lhe felicitações. Kari Presttangen recebeu-as com uma curiosa expressão, como que tentando desviar qualquer coisa de que tinha mêdo. Perguntou abruptamente por Burman, o cachorro de Carl. Levava consigo também uma cachorrinha preta e peludinha; era uma irmã de Burman, explicou, e passou a dissertar longamente sôbre êsses cães pastores. Ida Elisabeth agora já lhe podia contar muita coisa sôbre o cachorro, seus talentos e diabruras, de modo que tiveram uma conversa animada e continuaram o caminho juntas, pois iam na mesma direção.

Digitalizado com CamScanner

Pobre moça, pensou ela, depois da partida da outra — se é que ela fôra até lá para desmanchar o noivado e depois caira vencida encontrando-o numa cama de doente. Mas talvez fôsse melhor para ela... se continuasse lá como solteirona, estava em vias de tornar-se um fenômeno. E não vale a pena ter mêdo da vida só porque pode nos magoar...

Encontrara Toksvold uma ou duas vêzes, por acaso, e êle levara-a de automóvel um dia quando ela tivera que ir ao Banco e êle seguia na mesma direção. No dia seguinte êle fêz-lhe uma visita à noite: fazia parte de uma comissão que fôra constituída para construir banhos públicos nos terrenos entre a leitaria e a Caixa Econômica. Ida Elisabeth risonhamente prometeu uma contribuição de dez coroas, e êle ficou sentado conversando quasi uma hora; na saída parou do lado de fora da porta e falou-lhe sôbre seu jardim: tinha a impressão de que aquêle trecho da estrada velha, em frente à sua porta, seria adequado para um campo de *croquet*. Ida Elisabeth achava que era estreito de mais. Êle admitiu que realmente era estreito, mas mesmo assim. — Êle tinha um velho jôgo de *croquet* atirado no sótão: — Posso trazê-lo uma noite, se a senhora quiser, e então podemos ver. Evidentemente sentia prazer em conversar com ela.

Os meninos tinham aproveitado a oportunidade para escapulir — já passava das onze horas quando voltaram, e passava de meia noite antes de se deitarem. Ela suspirou e sacudiu a cabeça rindo, quando afinal cessaram de fazer barulho. Em todo o caso era verão, não se devia ser muito severa.

Acendeu a lâmpada na sala de trabalho; estava ansiosa por acabar até domingo o vestido de tussor de sêda que andava fazendo para si mesma, quando de repente a figurinha de Carl, de pijama claro, apareceu na porta:

— Diga mamãe, que é mesmo que êle queria, o tal Toksvold?

— Queria que eu lhe alugasse um pedaço de terreno para fazer um campo de *croquet* — respondeu Ida Elisabeth com ar sério.

— Oh, tolice, não venha nos enganar!

— Bom, você verá. Vão começar um clube de *croquet*, êle e outros, e virão jogar aqui no jardim.

O menino viera até junto dela e ficara a olhá-la com uma expressão que ela não podia definir. Mas Ida pôs de lado a costura, tomou Carl nos braços e abraçou-o rindo: — Seu bobinho. Vá para a cama...

Ela foi com êle, sacudiu e virou-lhe o travesseiro, alisou o lençol de cima. Carl atirou-lhe os braços em tôrno do seu pescoço e puxou-a vivamente: — Mamãe... eu gosto tanto de você!

— Gosta, meu querido? — e beijou-o. — Isto é muito bonito de sua parte, mas agora deite-se e durma...

Na tarde seguinte, quando estava trabalhando no jardim, êle veio até o portão com uma moça e um homem, que apresentou como Herr Berge, o engenheiro da pedreira de ardósia. Ida Elisabeth conhecia ligeiramente a moça, era Froken Sorli, a professora. Queriam que ela fôsse com êles a Bjorkheim para dansarem.

— Mil vêzes obrigada, mas não creio que possa. Não posso sair e deixar os meninos sozinhos em casa.

— Aquêles meninos crescidos, ora, que diferença faz?

— Não, realmente não posso.

— Há os Hansens em cima... se acontecer alguma coisa. E depois há o telefone...

Continuaram assim durante algum tempo, vendo se ela ia. Era o aniversário de Herr Berge e ela teria *champagne*: — Vamos, não seja desanimada.

Mas Ida Elisabeth ficou firme e assegurou-lhe que era impossível. Deu ao herói do dia uma rosa para a lapela e apanhou um botão para Froken Sorli e outro para o advogado; acenou-lhes do portão e fêz votos para que se divertissem.

Não estava com a mínima vontade de ir com êles, descobriu ela com alguma surprêsa.

Na tarde seguinte estava de pé na janela da sala de provas, arrumando alguns figurinos, quando ouviu o barulho do trinco do portão do jardim. Agora já conhecia o modo que tinha Toksvold de fechá-lo.

Êle viu-a na janela e parou do lado de fora. As velhas flôres de todo o ano crescendo de encontro à parede da casa, eram como uma cêrca que se estendia entre êles, com as flôres côr de rosa e brancas das columbinas flutuando, por cima, intensamente brilhantes nas sombras da noite.

Por cima da cêrca de flôres, êle estendeu-lhe um enorme embrulho de papel pardo.

Digitalizado com CamScanner

— São aquelas anêmonas azues que lhe prometí um dia. Disse-me um perito que não adianta plantá-las enquanto estão em flor, por isso não as trouxe antes...

— Mas realmente é muito amável de sua parte...

Ida Elisabeth desfez o embrulho. Dentro havia diversas camadas de jornal, e a última fôlha, molhada e amarrotada estava cheia de terra que caira das raízes — terra parda, úmida, sôlta, com agulhas de pinheiro e musgo de permeio — trouxe-lhe à lembrança a floresta por onde tinham passado de automóvel. As velhas fôlhas estavam castanhas como couro, mas cada raiz tinha um tufo de fôlhas dêste ano, macias como sêda e de um verde brilhante, com finos pêlos prateados nas bordas, machucadas no papel. Com uma pontinha de tristeza, ela pensou — oh, não vão pegar, estou certa de que êle não devia tê-las tirado antes das novas fôlhas estarem mais desenvolvidas.

— Eu bem posso plantá-las para a senhora, enquanto estou aquí...

— Obrigada, mas o senhor não vai fazer isso... Não há necessidade...

— Bem, mas suponhamos que o faça, mesmo assim? Se a senhora tiver alguma ferramenta aí...

Quando ela saiu, êle pendurou o casaco na maçaneta da porta.

— Onde é que quer colocá-las? Em casa elas ficavam em tôrno do mastro da bandeira, mas como a senhora não tem mastro...

Teve vontade de dizer: O senhor já me disse isso uma vez — e de rir — mas enrubesceu com um frêmito delicioso. Isso teria estabelecido uma certa intimidade entre êles, e desejaria ter tido a coragem... e imaginou êsse pavilhão, com um círculo de anêmonas azues em volta, tão vividamente como se o tivesse visto... uma parte da casa dêle... em vez disso propôs que talvez fôsse melhor pô-las sob o cercado de rosas que plantara na extremidade do velho trecho de estrada: alí teriam sol no tempo em que estivessem em flor e ficariam depois na sombra, quando as fôlhas das roseiras crescessem. E alí ela poderia vê-las das janelas da sala de trabalho.

Ela trouxe uma pá, uma trolha, e um regador, e êle começou o trabalho, colocando as plantas de acôrdo com as suas instruções. Ida Elisabeth carregava água e ia regando uma por uma à medida que êle acabava.

— O senhor se distraiu ontem à noite no hotel?

— Oh, não deu para fazer mal. A senhora não perdeu grande coisa...

— Foi uma pena. Pobre Herr Berge... não ter tido uma festa de aniversário mais agradável...

— Mesmo assim acho que a senhora podia ter vindo. Já que dansa tão bem. Foi maldade de sua parte, Fru Braato.

Ela apenas riu. — Não é assim tão fácil. Não como se a pessoa fôsse livre e independente...

— Não, eu sei que não, mas...

Êle arrancara uma quantidade enorme de anêmonas. O sol se deitara abaixo da brecha entre as colinas, ao Norte; não se via uma nuvem no céu, que estava pálido e limpido, matizando-se de amarelo claro sôbre a encosta setentrional. Algumas andorinhas ainda estavam esvoaçando em curvas vertiginosas muito acima da casa, e sob os beirais, para seus ninhos chilreantes, mas cada vez em maior número se recolhiam para descansar. Toksvold continuava plantando o mais vigorosamente possível, mas ainda havia um grande monte de raízes no papel.

— A senhora já pensou no que vai fazer na véspera de São João? — perguntou.

Ela sacudiu a cabeça: — Para dizer a verdade, não sei o que *fazem* aqui na véspera de São João, além de penduarem ramos copados. E' o que Hansen faz. Os senhores não acendem fogueiras de São João nesta região. — E lembrou-se da grande fogueira na montanha além de Vettehaugen, da cascata, e do violino do sogro, ao som do qual se dansava.

— Alguns daqueles que estiveram em escolas superiores e similares já tentaram, mas a rigor nós aqui não temos êste hábito. Mas podia-se arranjar outra coisa. Ir para uma cabana e dansar. Com certeza Kallbakslia já está funcionando. Êles têm uma grande casa nova no *saeter* Svensrud, onde dez ou doze de nós poderíamos dormir. Teríamos que levar uma vitrola e creme. — Teríamos que levar Kari conosco para fazer sopa de creme... Ou será que a senhora sabe fazer? A senhora *sabe* fazer sopa de creme? Se lhe agradar, eu combinarei uma excursão para São João.

Uma coisa escura se espremeu sob a cêrca do lado de Viker — era Burman, o cachorrinho. Sem ruído precipitou-se sôbre Ida Elisabeth, pulando, latindo, abanando o rabo e dando-lhe dentadinhas nas mãos. Depois começou a latir para

Digitalizado com CamScanner

Toksvold. Primeiro Tryggve e depois Carl pularam pelo muro e caíram pesadamente no jardim da mãe.

Em honra de que santo! o que é que vocês estão pensando, chegando em casa tão tarde! Carl, você poderá achar as coisas — o leite e a manteiga estão na adega, você sabe. E é melhor vocês acabarem logo as *rissoles* que sobraram de ontem. Mas depois têm que andar depressa e ir para a cama. Estão vendo que eu tenho que acabar isto hoje...

Carl inspecionou as plantas que a mãe e Toksvold tinham plantado.

— Pronto! Agora vocês têm que ir para dentro, jantar e ir correndo para a cama...

— Você irá nos dar boa noite? — perguntou Carl hesitantemente.

— Sim, naturalmente que irei. — Não, Burman! Carl — oh, leve êste bicho danadinho para dentro. Oh, cachorrinhos e jardins, e riu com desespêro. — Gosta de cachorros? O senhor pode estar certo de que gostamos o mais possível do tratantezinho, mas oh, que estragos sem conta êle faz! — e começou a contar.

Afinal, êle acabou a plantação e depois teve que ir à cozinha para se lavar. Ida Elisabeth acompanhou-o para dar-lhe uma toalha limpa.

— Venha comigo um pedacinho na estrada, Fru Braato! Está uma noite tão linda. Um pouco de exercício lhe fará bem...

— Muito bem. Mas antes tenho que ir dar boa noite aos meninos.

— A princípio andaram sem dizer nada. Devia ser tarde quasi meia noite, pois não se ouvia som algum da aldeia, e não havia luz em parte alguma. A estrada se estendia diante dêles clara e empoeirada no crepúsculo, que era bastante claro para se distinguir todos os objetos pelos quais se passava, apenas as côres eram absorvidas pela obscuridade.

— Seria ótimo se tivéssemos chuva agora...

— Sim, é extraordinário como tem estado sêco... ainda tão no princípio do verão.

Vindo de trás ouviram o ronco de um automóvel que se aproximava — o clarão de seus faróis inundou a estrada na frente dêles e iluminou as moitas poeirentas dos amieiros dos dois lados. Êle tomou-lhe a mão e puxou-a para fora da estrada, para uma ladeirazinha, onde permaneceram com os olhos fechados por causa da nuvem de poeira que ficou como um turbilhão depois do automóvel.

Depois êle entrelaçou seus dedos nos dela, apertou-o e não lhe soltou a mão. Na colinazinha onde estavam havia umas velhas casinhas de madeira, que pertenciam à fazenda do outro lado da estrada; delas vinha um cheiro quente de estábulo na noite de verão. Os prados abaixo da fazenda estavam claros com o reflexo do rio, mas abaixo da colina, dêste lado, a água e a floresta fundiam-se numa sombra espêssa.

Ida Elisabeth conteve a respiração numa espécie de terror, pois havia qualquer coisa de novo, procurando insinuar-se no seu íntimo; então, êle puxou-a de novo consigo para a estrada, e continuou andando, mas ainda mantinha os seus dedos entrelaçados nos dêle e não os largava. E enquanto andavam sua mão continuava apertando a dela. Isso enchia-a de uma lânguida sensação de felicidade que a tornava incrédula — alí estava um homem que a desejava, e ela sentia que êle só queria o seu bem.

De repente, êle disse, falando um tanto baixo, no silêncio:

— Mas por que é que a senhora não compra uma mangueira para regar o jardim? A senhora podia parafusá-la na bica da cozinha e puxá-la para fora pelo corredor.

Mas sua voz não soava como de costume, e ela compreendeu que êle só estava falando para se persuadir que ela não notaria sua agitação.

— Então teria que ser muito comprida — ela ouviu a própria voz, mas apagada, e fê-la pensar num vaso de vidro cheio, que dá apenas ligeiro som mortiço quando percutido.

Desistiram da tentativa de conversar como se nada tivesse acontecido — entregaram-se ao silêncio.

As luzes da estação apareciam lá ao longe — mas que irá acontecer agora, pensou ela; terei que voltar? Estavam justamente defronte da casa onde ela morava antes; havia uma fraca luz atrás das venezianas verde-escuro do Norueguês-Americano.

Estavam andando do lado oposto da estrada, ao longo do bosquezinho de pinheiros. O perfume das agulhas de pinheiro ainda flutuava na escuridão do bosque e ela surpreendeu o murmúrio distante do córrego carregando os brilhantes seixos no seu leito, mais ao longe. — Será para lá que vamos? pensou confusamente.

Havia risos na estrada, junto à estação — um grupo de pessoas veio em direção a êles, conversando alto e rindo. — Tenho que voltar — ela retirou a mão da dêle.

Digitalizado com CamScanner

— Oh, não! Êle passou o braço em volta dela. — De repente ela sentiu-se segura de encontro a êle, entre seus braços, com o rosto dêle acima do dela. E então êle beijou-a — primeiro no rosto, mas depois encontrou os seus lábios na escuridão e beijou-a direito.

Ela pareceu perder a noção das coisas — por quanto tempo, não saberia dizer. — Deixe-me agora, disse em voz baixa, e sentindo que estava livre virou-se e começou a andar apressadamente na direção de casa.

Será que êle está me seguindo? Não sabia se desejava ou temia que êle a seguisse — talvez ambas as coisas. Mas quando parou para tomar fôlego, junto da fazendola onde tinham parado antes, não ouviu nada. Continuou a andar, mais vagarosamente. Na verdade era uma caminhada de cinco a seis minutos, daqui a Viker...

Com a sensação de quem quer acordar: agora *tenho* que me levantar... ela tentou despertar dessa sensação vaga e irreal na qual era arrebatada. Meu Deus, sim, êle me beijou. Isso não é assim tão terrível. Você já foi beijada antes, Ida Elisabeth...

Mas no íntimo sabia que não era verdade. Nunca fôra beijada antes. Mesmo sabendo obscuramente que deixara alguém antes fazer com ela isto ou aquilo — de que quasi não se lembrava — e de mais ou menos ter tomado parte naquilo — ninguém a beijara...

Sabe Deus o que êle pensará de mim? Mas na verdade isto não a afligia absolutamente. Êle não pensava nem uma coisa nem outra — era uma coisa completamente diferente, ela bem o sabia.

A felicidade, e tudo o que eu nunca tive até hoje...

Por uma questão de hábito, deu uma vista d'olhos nos meninos depois de ter feito sua cama no sofá. Arrumou os cobertores dos meninos, debruçou-os e beijou-os de leve no rosto. Mas era como se ela mesma estivesse de fora, observando, enquanto fazia aquilo, e quando foi olhar a cozinha, para ver se os meninos tinham arrumado as coisas e se lembrou de guardar de novo o leite e a manteiga na adega — tudo isso por fôrça de hábito — ela mesma parecia não estar tomando parte naquilo.

Na realidade — na realidade só havia ela, cheia de um êxtase entontecedor e de fantasias — e tudo o mais que sentia

fora dela, em que sabia que teria novamente que pensar, não lhe interessava *agora*.

No momento em que abriu os olhos e se lembrou, na manhã seguinte, resolveu levar a história tôda de brincadeira: não era absolutamente certo que êle a estivesse levando a sério. Executou o seu trabalho da manhã alegre e calmamente — mandou Carl para a escola, e Tryggve para fora brincar. Passou o tempo todo possuída da mais intensa convicção — êle era sincero, oh Deus, como êle era sincero!

Precisamente às nove horas o telefone tocou:

— Bom dia! Aqui é Toksvold. E' Fru Braato? posso fazer-lhe uma visita esta noite? Há um assunto sôbre o qual eu gostaria de conversar...

Êle evitara tanto a familiaridade como a cerimônia no seu modo de se dirigir a ela. Isso fê-la sorrir, de forma que ela contagiou suas costureiras com sua alegria íntima, e a moça do sanatório, que experimentou dois vestidos de verão de sêda artificial, voltou para casa na melhor das disposições e perfeitamente certa de que seria irressistível com suas roupas novas.

Ida Elisabeth foi olhar as anêmonas, quando levou o almôço de Tryggve. Suas fôlhas pareciam muito caídas, mas mesmo assim talvez pegassem...

Veio-lhe à mente o pensamento — que faria com os meninos quando êle viesse esta noite? Lá pelas oito e meia, dissera êle — ela não podia metê-los na cama numa hora tão indigna numa clara noite de verão. Ida Elisabeth pensou furiosa — nunca se vira a braços com uma situação da qual as crianças tivessem que ser excluídas.

Êles passavam grande parte de tempo em Viker, à noite, e tinham amiguinhos numa casinha mais para o Sul, ao longo da estrada. Mas tinham o hábito de voltar correndo para casa a qualquer momento — entravam e saíam a tôdas as horas do dia.

Depois lembrou-se que era noite de cinema, no colégio dos meninos. Mas êles nunca tinham ido ao cinema sem ela; eram pequenos de mais para irem sozinhos. A filha adotiva dos Hansens, era uma idéia — Snefrid que às vêzes levava recados para ela; já a convidara uma ou duas vêzes quando levara os meninos ao cinema. Mas a menina tinha uns treze anos; se lhes desse o dinheiro, Carl e Tryggve podiam muito bem ir com ela; já a convidara uma ou duas vêzes quando levara os meto, e as crianças levariam bem uma meia hora no caminho...

Digitalizado com CamScanner

Ida Elisabeth penteou novamente o cabelo e mudou o vestido de tussor. Depois foi e arrumou seu quarto de dormir, mudou de lugar alguns vasos de flôres silvestres e hervas.

Burman estava amarrado na passagem — pobrezinho, não podia ir ao cinema. E afinal começou a latir à aproximação de alguém.

Ida Elisabeth estava no meio do quarto rindo, quando Tryggve Toksvold apareceu na porta.

Depois êle atirou longe o chapéu de palha que tinha na mão — êste girou como uma roda no ar e caiu sôbre o divã, e os dois estavam nos braços um do outro, rindo às bandeiras despregadas.

— Bem, você sabe, eu já estava com um discurso preparado. — "Não sei, Fru Braato, que interpretação deu ao meu procedimento de ontem à noite... ou eu pensara talvez em perguntar-lhe se lhe ofendera, pois não era essa a minha intenção..."

Riram tanto que tiveram de se sentar no sofá e êle tomou-lhe a mão e colocou-a sôbre seu joelho:

— Bem, mas Ida, que é que você pensou de mim por ter sido tão atrevido?

— Que é que eu pensei de você? Acha que eu fui tão tola assim?

Êle olhou-a, como que incerto, e ao mesmo tempo um tanto ofendido:

— Bem, para dizer a verdade, eu realmente pensei que você estivesse pensando em mim...

— Sim, pensando em você! Não fiz outra coisa.

— Você quer dizer, disse êle com ar pensativo, que pensar *numa* pessoa não é a mesma coisa que...? Não, naturalmente. Êle puxou-a para si e beijou-a. Na-tu-ral-men-te não é a mesma coisa!

— Mas você é uma criatura estranha, Ida!

— Nada disso. Sou o que há de mais comum.

— Você? Oh não, acho que isso seria esperar de mais... que as pessoas como você fôssem comuns. Se assim fôsse o mundo seria muito melhor.

Ela riu tranquilamente: — Se isto é um cumprimento, devo dizer que é extraordinariamente delicado...

— Não é um cumprimento. Você deve saber como eu a admiro. E que lindo cabelo você tem... tão macio...

— Agora não fique zangado se eu lhe pedir para ir embora. Ela receiara ter que dizer isto já havia bem uns vinte mi-

nutos. Mas agora era obrigada a dizê-lo. — As crianças estarão chegando daqui a pouco, e você compreende, poderiam fazer perguntas. E eu não estou com disposição para isso... esta noite, pelo menos.

Seu rosto tornou-se grave:

— Não, talvez não. Mas em todo o caso venha comigo parte do caminho...

Ela foi buscar a caixa com o chapeuzinho de palha amarelo-dourado que combinava com o vestido, colocou-o cuidadosamente defronte do espêlho.

— Êsse amarelo lhe fica tão bem, Ida... você com êle parece uma mocinha.

Ela sorriu furtivamente. Positivamente ela devia ter sabido por que estava com tanta vontade de comprar alguma coisa realmente encantadora e graciosa para usar êste verão — algo completamente diferente das roupas de trabalho, e neutras, que ela costumava usar.

— Vamos pela estrada do Sul, não? — disse êle ao chegarem ao portão. Ela inclinou a cabeça. E quando viraram na primeira dobra da estrada, uma picada de fazenda conduzindo à floresta, ela era tôda expectativa. Uma carroça ia aos solavancos, pesadamente por sôbre as pedras mais acima da encosta, mas assim que passou por êles, Toksvold tomou-lhe a mão, e os dois foram andando com os ombros unidos, felizes de estarem tão perto um do outro.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO SEXTO

— Mas Ida, você precisa providenciar para pôr seu divórcio em ordem.

Ela estava no escritório dêle, numa tarde de julho, sentada na sua cadeira giratória, com todos seus embrulhos amontoados sôbre a secretária. Ela sentia realmente uma alegria infantil ao vê-los alí, como testemunho de sua intimidade e solidariedade.

Tryggve Toksvold estava sentado no peitoril da janela, olhando para ela.

— Você está ouvindo, Ida? Eu não posso compreender por que você não fêz nada nesse sentido antes. Não sabe que está exposta, em certas circunstâncias, a contribuir para o sustento dêle, desde que não esteja divorciada?

— Mas a família dêle não é *dessa* espécie. E, com êle, é longe da vista, longe do coração — de tal forma que me pergunto se êle realmente ainda acredita na nossa existência, na minha e na das crianças. E há tanto tempo que êle não nos vê.

— Oh, bobagem. O homem não pode ser completamente anormal. Se descobrir um belo dia que tem direitos sôbre você, você pode jurar que terá notícias dêle.

Ida Elisabeth sacudiu a cabeça:

— Acho que você é muito precipitado em pensar sempre o pior das pessoas, Tryggve. Suponho que você deve ter encontrado muitos casos na sua clientela para lhe mostrar que quando as pessoas mentem, em geral acreditam mais ou menos no

Digitalizado com CamScanner

que dizem. As que mentem e têm conciência disto são muito mais raras. Mas dá-se o mesmo com as que procuram suas vantagens à custa dos outros — em geral conseguem persuadir-se que o que propõem é simplesmente vantajoso para ambos os lados. Mas neste caso isso seria impossível, você sabe, e portanto eu estou certa de que êles nunca fariam o que você acha que lhes poderia passar pela cabeça.

Êle sorriu sarcasticamente:

— Você subestima a velhacaria dos outros, minha amiga. Em todo o caso, talvez eu seja roceiro de mais para descobrir tanta diferença entre os diversos matizes de enganar os outros e a si mesmo, e enganar aos outros sem se enganar. Nós temos por hábito dizer que há duas qualidades de gente, as pessoas honestas e as outras, e está acabado.

Êsse era o ponto de vista dêle, e seria um tanto absurdo da parte dela ficar tão desanimada tôdas as vêzes que o notava. Mas isso fazia-a ter pena, não de ninguém em particular, mas de todos em geral, que não fôssem nem uma coisa nem outra.

— Eu simplesmente não posso compreender por que você não se interessou mais em esclarecer a sua situação.

— Você sabe, porque eu lhe contei, que foi meu cunhado que cuidou da separação. E quando êle morreu, eu não estava disposta a ir procurar outro advogado e contar-lhe a velha história do princípio ao fim.

Toksvold franziu ligeiramente as sobrancelhas. Ela descobrira com surprêsa que aparentemente êle sabia muita coisa sôbre Torwald Lander. Naturalmente ela também suspeitara que os negócios de Torwald eram um tanto excusos, e que sem dúvida êle acabara com a vida. Será que todos os advogados no país inteiro sabem essas coisas uns dos outros? imaginou ela. Êle positivamente não tinha gostado dêsse homem ter sido cunhado dela, embora isso já tivesse sido havia séculos; ela lhe contara que Constance morrera muito antes dela crescer.

— Vê você, eu nunca pensei que a questão se tornasse urgente para mim. Eu considerava isso negócio de Frithjof, pois êle é que contraíra nova união. No que me dizia respeito, eu só tinha uma idéia, que me deixassem em paz num lugar em que eu pudesse prover o sustento de meus filhos e o meu. Durante algum tempo até pensei em trocar de nome. Não para Andst, pois somos a única família dêsse nome, e eu não queria que aquêles que me tinham conhecido no passado, descobrissem o que viera a ser de mim. Mas pensei em chamar-me Fru Cari-

Digitalizado com CamScanner

sen. Ou Fru Aanstad, segundo a fazenda de onde vinha a família de meu pai.

— Sim, pobre querida. Você teve uma época péssima. E foi admiravelmente corajosa. Mas é justamente o que torna estranho que você tenha deixado passar isto assim.

— Eu tinha sempre tanto que fazer, você sabe. A princípio fazer com que o dinheiro chegasse — prover o necessário para cada dia. E depois, quando comecei a prosperar, era difícil achar tempo.

— Sei disso. — Êle pulou do peitoril da janela, tirou-lhe o chapéu e beijou-a no alto da cabeça. — Mas agora, graças a Deus, isso vai ter um fim. Mas você sabe, eu me orgulho de você. Escute, talvez não fique bem eu aprontar isso para você. Mas posso procurar alguém. Tudo pode se decidir muito rapidamente. Confesso que não gosto muito disto, enquanto você não estiver livre, quero dizer, legalmente.

Êle atravessou a sala e vestiu o sobretudo.

— Mesmo assim, depois de ter refletido, você não vem? Você podia, por exemplo, vir até o hotel Fosli, então jantaríamos juntos e eu arranjaria um automóvel para levá-la de volta. Você podia estar de volta em casa antes da meia-noite, à uma hora o mais tardar.

— Você sabe que eu gostaria muito, Tryggve, mas não posso.

O sol apareceu quando ela estava indo para casa, iluminando as gotas de chuva, que pendiam, como centelhas côr de púrpura dos pinheiros. Ao longo da beira da estrada, o trigo que brotava estava embaçado e curvado com a umidade, mas mais ao longe brilhava onde quer que o sol o tocasse. Teria sido lindo subir o vale de automóvel com êle, dissera Toksvold: e estava tão fresco depois da chuva, a estrada escura e livre de poeira, com grandes pedaços de céu azul refletidos nas poças d'água, e as sombras se alongavam na luz quente e dourada da noite.

Naturalmente já havia gente ocupada em falar dêles, ela já o percebera. E que seria severamente criticada, era só o que tinha a esperar; não havia muitos homens solteiros por aquí e Tryggve era um bom partido, muito melhor do que ela pensara quando ficara noiva dêle. Entretanto, as relações dêle, que ela encontrara, tinham sido amáveis — nesse sentido a excursão de S. João ao *saeter* Svensrud fôra um sucesso. Embora tivessem sido infelizes com o tempo, que estava frio e ventoso, de modo que foram obrigados a ficar dentro de casa

Digitalizado com CamScanner

a noite tôda, mas na manhã seguinte o pasto do *saeter* estava coberto de neve, e assim tinham jogado bolas de neve antes de se separarem à tarde. Mas tinham ficado sentados em volta da lareira, tinham dansado, e a mulher do gerente do banco e Froken Svensrud fizeram sôpa de creme e *waffles*. Kari Presttangen não estava lá.

Tryggve e ela não se tinham mostrado muito. Mas, como de costume, estavam juntos todos os dias.

Mesmo antes já isso devia ter sido observado, pois quando ela telefonara a Marte Bo para perguntar se poderia mandar os meninos para lá na véspera de S. João, pois fôra convidada para tomar parte numa excursão, Marta caçoara: — Você vai com Toksvold, não é? — Ah, você já sabe?

Estavam jogando *croquet* no pátio de Viker: ela ouviu ao chegar em casa.

Êle na verdade chegara às pressas com um jôgo do *croquet* novinho, numa tarde, poucos dias depois de ter falado sôbre o assunto. — Você não disse que tinha um jôgo velho atirado no sótão? — Oh, eu disse isso? Êle rira. — Não, tive que comprar êste novo. Compreende, eu tinha que ter uma desculpa para vir vê-la novamente. E não podia prever que as coisas caminhariam tão depressa.

A velha estrada, entretanto, era estreita de mais para um campo de *croquet*, e os meninos eram pequenos de mais para compreender o jôgo convenientemente. Tryggve se encarregara de ensiná-los uma tarde, quando chegara, enquanto ela ainda estava ocupada. Não tinha tido êxito, ela podia ouví-lo pela janela aberta. O seu Tryggve, isto é, o pequeno Tryggve, só queria se divertir; dava pontapés nas bolas e corria atrás delas, arrancava os arcos. E Carl, naturalmente, jogava desajeitadamente, e o cachorro metera-se no jôgo, e o Tryggve grande perdera a paciência e ficara zangado porque as crianças não queriam aprender direito, mas só faziam barulho. Carl agora levara o jôgo para Viker, onde eram as filhinhas de Kristian que mais o usavam.

Quando ela entrou na sala de provas, lá estava Carl desenhando.

— Mas porque é que você não está fora com êste lindo tempo, meu filho? Ela pousou-lhe a mão no ombro e olhou o que êle estava desenhando. Como sempre, eram homens: um estava de pé junto a uma estante de leitura, na qual apoiava os pezinhos. Outro era visto de costas, tinha ombros escuros

Digitalizado com CamScanner

e uma enorme trazeira; com uma vara comprida estava apontando lugares num mapa de parede. Depois havia um correndo e outros quatro a perseguí-lo com gestos ameaçadores. Os desenhos de Carl não eram como os desenhos de outras crianças que Ida Elisabeth vira: era com uma intenção evidente que êle sempre faziam rostos feios, como caricaturas, mas com expressão, e êle já descobrira muito sôbre o encurtamento de pernas que corriam e braços que gesticulavam. Havia um quê de estranhamente animado, mas malicioso em muitos dêles, e era extraordinário, pois Carl era o garoto mais bondoso que se podia imaginar, e essencialmente delicado.

Ultimamente viera-lhe repentinamente à lembrança — e se Carl tivesse realmente talento? Uma noite acedera ao pedido de Toksvold e lhe mostrara todos os desenhos que fizera para Carl, os quais o menino guardara com seus próprios cadernos de desenho. Ela fizera aquilo, no entretanto, com a consciência pesada, pois êsses desenhos eram realmente um segrêdo entre ela e a criança. Tryggve Toksvold elogiara vivamente seus desenhos, mas ela vira que êle não entendia muito daquilo: quando representavam assuntos de que êle gostava, como crepúsculos, flôres, crianças dansando, *saeters* e montanhas cobertas de neve, bastava para que êle os julgasse logo de primeira ordem. Mas nessa ocasião ela compreendera pela primeira vez como os desenhos de Carl eram realmente hábeis, de um modo curiosamente pouco amável — e veio-lhe ao espírito que talvez êle possuísse um talento que ela devia levar a sério.

Ida Elisabeth suplicara ardentemente a Tryggve que não contasse a Carl que ela lhe mostrara o conteúdo da gaveta, onde êles guardavam essas coisas. Ih, quasi desejava não os ter mostrado. Embora, lembrando a admiração de Tryggve, também não o desejasse.

Ida Elisabeth suspirou um tanto impaciente, ao desembrulhar os novos sapatos brancos de ginástica do menino:

— Pronto! Calce-os para eu ver se servem. Mas depois você precisa se lembrar que prometeu limpá-los. Aquí está a garrafinha que você tem que usar.

— Obrigada. Voltou depois de calçar os sapatos. — Você é boazinha, mamãe! — Um tanto timidamente tomou-lhe a mão e acariciou-a.

— Bom, bom, meu filho, você agora tem o que queria. Aliás, você sabe onde está Buster? Êle já devia estar aquí...

— Acho que está com Leif; quer que eu vá buscá-lo?

— Eu também posso ir com você. — De mãos dadas com Carl ela foi estrada afora, para o Sul. Voltando para casa deu a mão a Tryggve. Carl ia do outro lado.

— Se vocês quiserem, eu esta noite farei *kompises* para vocês.

Pão com leite, manteiga e açúcar era chamado pela mãe dela "camaradas" quando eram crianças. Mas um dia, quando Tryggve era pequenino, êle dissera que o nome adequado era *kompises* e não "camaradas". Depois disso ficou sendo conhecido por *kompises* na jíria familiar.

Fêz os meninos se despirem enquanto fervia o leite. Êles sempre faziam uma festa quando podiam vir jantar na cozinha de pijama; isso significava que podiam ficar de pé enquanto ela tomava outra chícara de chá e fumava um cigarro.

Esta noite Tryggve veio novamente para o colo dela e amolou-a com uma coisa e outra — queria tanto tirar uma baforada do cigarro dela — só uma. — Não, pare com isso.

Na quietude da noite ouviram o expresso do Norte passar com estrépito pelo corte sob as montanhas, do outro lado do vale.

— Kastens-kustens, kastens-kustens... isso é o que o trem diz, interpretou Tryggve, agarrando-se mais à mãe no seu entusiasmo. E quando atravessa a ponte diz: rakkedelakkede rakkedelakkedera. E pouco antes de chegar na estação: pattipau pusscat-pattipau pusscat-pattipaupusscat. Mas o grande trem de carga, êsse diz grorgram, grorgram, grorgram, — êle imitou o barulho pesado e surdo. — Não está certo, mamãe?

— Tolinho! beijou-o. — Você é o Busterzinho da mamãe, não é?

— Por que é que você sempre chama Tryggve assim, perguntou Carl com certa desaprovação. Isso era só quando êle era bebê...

— Não, mas agora vocês têm que ir para a cama! Vamos... depois irei ler um pouquinho para vocês.

Êles sempre queriam escutar as velhas histórias de Bergen, de Elisabeth Welhaven. Ela encontrara de novo o livro num dia em que estivera remexendo nas gavetas, e experimentara lê-lo para os filhos, porque o pai costumava lê-lo alto para ela quando era criança. Não sabia até que ponto os meninos compreendiam, mas divertiam-se imensamente, ouvindo-a imitar o dialeto, que para êles era como uma língua estranha.

Digitalizado com CamScanner

Carl estava em paroxismos de riso, com o rosto no travesseiro, e contagiara o irmãozinho, que dava voltas e voltas na cama, como um cachorrinho perseguindo o próprio rabo.

— E agora, por hoje, fiquem quietos.

Ida Elisabeth lavou o pouco que havia, parando de vez em quando para olhar pela janela a noite de verão. O rio brilhava fracamente além da campina.

Talvez não fôsse muito extraordinário que as crianças ficassem um tanto intrigadas por ela de repente ter começado a saír frequentemente à noite. Não estavam acostumadas com isso.

Nunca fôra hábito dela estar sempre com histórias com êles; o que acontecia é que nunca tivera tempo de andar atrás dêles, tomar conta dêles, fazer-lhes festas, tomar nota do que diziam e faziam, e refletir profundamente sôbre seus caracteres. A sogra achava-a boa, mas, oh, tão sêca e perentória, e comparada com Borghild Braato, por exemplo, faltava-lhe sem dúvida uma grande dose de sentimento materno. Mas os meninos estavam acostumados a saber onde poderiam encontrá-la. Na sala de trabalho o dia inteiro — se acontecesse alguma coisa, tinham que ser o mais lacônicos possíveis, mas ela *estava* lá. E à noite estava inteiramente à disposição dêles; brincavam; Carl fazia os deveres, jantavam e iam para a cama; mas o tempo todo estavam correndo para cá e para lá, e a qualquer momento vinham pedir a sua ajuda, fazer alguma pergunta, ou entregar-lhe um botão que lhes caira da roupa, ou mostrar-lhe um ferimento ou arranhão, que de repente se lembravam de ter sofrido.

Mas agora havia um homem desconhecido, que vinha quasi todos os dias durante suas horas noturnas, para levá-la a passeio ou ficar em casa. Não era assim tão estranho que isto os perturbasse um pouco e os desapontasse, e seus modos não eram muito exuberantes e amáveis, quando Tryggve estava presente.

Não, ela não pertencia à raça dos Braato, e nunca imaginara que todos devessem achar seus filhos encantadores. O essencial era que Tryggve pensava e sentia do mesmo modo que ela neste particular: já que uma pessoa se dedicou à educação dos filhos, tem que aguentar a tarefa até as crianças estarem evoluidas e se terem tornado o melhor que se poude obter. Êle sabia o que fazia casando-se com uma mulher divorciada, que estava sustentando e educando dois filhos sem auxílio algum. Êle falara sôbre o assunto de um modo que, para ela,

Digitalizado com CamScanner

soara prático de mais — embora tôda a sua natureza, excluindo o sentimentalismo, só pudesse aprovar o modo dêle tocar no assunto. Se ela abandonasse sua vida independente para tornar-se sua mulher, era uma consequência natural que êle sustentaria os meninos, de modo que êles não tivessem a perder com isso, pelo menos materialmente. Tryggve não era rico, mas a posição que lhe oferecia era próspera em comparação com aquilo a que ela estava acostumada. Certamente ela não achava que ia trocar um trabalho pesado pela ociosidade, como êle dizia; ela ia assumir uma posição de responsabilidade ainda maior — sabia muito bem que era capaz de desempenhar sua parte do trabalho e da responsabilidade. Fôsse o que fôsse que lhes estivesse reservado, desde que houvesse uma oportunidade para pessoas ativas e competentes progredirem, êle e ela progrediriam. E se, por exemplo, a floresta que êle possuía, recomeçasse a dar lucro, podia, pelo menos, prometer aos enteados uma boa instrução. Carl, que não estava nunca à vontade com estranhos, e que aprendia vagarosamente qualquer assunto para o qual não tivesse aptidão especial — era impossível predizer o que significaria para Carl se um homem bom, honesto e competente como Tryggve Toksvold estivesse disposto a tomar o lugar do pai, que seus filhos nunca tinham tido.

Era verdade que ficara um pouco chocada ao ouví-lo falar de um modo tão positivo sôbre o lado financeiro da questão. Mas isso provavelmente era porque ela fôra sempre obrigada a pensar em dinheiro e não dizer nada a respeito: nenhuma das pessoas, com quem estivera associada até agora, era constituida de modo a dar-lhe uma oportunidade de discutir assuntos de dinheiro sem correr o risco de ouvir ditados inexperientes, e tantos bons conselhos infantís, que ela ficava a ponto de perder a paciência e se descontrolar completamente. E os homens tinham sido piores que as mulheres. De modo que era novidade para ela ouvir um homem falar assim — era êle que tomava a iniciativa e a parte dela limitava-se a ouvir e concordar. Era um tanto cômico que no princípio tivesse achado isso algo estranho...

E com certeza não era tão tola e inexperiente que achasse inconveniente discutir assuntos monetários por estarem loucamente apaixonados um pelo outro. Êle não ligava grande importância ao dinheiro, já que estava disposto a casar-se com ela, cuja única contribuição para o casal eram dois filhos de outro homem. Só os idiotas, dizia êle, acreditam que as coisas

Digitalizado com CamScanner

que dão valor à vida, podem ser compradas com dinheiro. E' o equivalente a pensar que o único prazer de viajar consiste em gastar o assento das calças no lugar para o qual se comprou o bilhete. Mas é fato que não se pode viajar sem dinheiro algum, mesmo se achamos mais divertida a viagem quando somos obrigados a viajar economicamente. Mas embora duas pessoas se gostem muito, é loucura supor que dê certo se se casarem e viverem vida de solteiros, cada qual com uma vida independente, meramente vivendo e dormindo juntos, mas sem terem meios para manter uma casa e ter filhos... ou se tiverem um ou dois filhos, que terão que se contentar com u'a mãe "temporária".

No íntimo concordava integralmente com êle. Ela realmente pensra às vêzes, quando o Dr. Sommervold morrera, por exemplo, que talvez tivesse agido melhor para com os filhos, se tivesse aceito a sua proposta de casamento. Na realidade ainda tinha dúvidas até hoje se aquilo não passara de um impulso repentino da parte dêle. Mas se o tivesse tomado ao pé da letra, ela conhecia bastante Lars Sommervold para ter a certeza de que, mesmo que na ocasião êle tivesse ficado um tanto intrigado, êle pessoalmente teria conseguido alguma satisfação de suas relações. Entretanto, ela nunca se arrependera. Teie seria sempre para ela o lugar mais encantador do mundo e Lars Sommervold o único amigo que pudera ajudá-la apesar de saber tudo o que sabia a seu respeito. Ela, porém, nunca poderia ter suportado estar casada com êle. Se a pessoa se colocou na situação de ter que viver com um homem a quem já fêz objeções, como marido, é de certo melhor estar nas condições em que ela estava com Frithjof — ter o direito de se zangar com êle, ter bastante com que se preocupar fora, e ser obrigada a estar continuamente à espreita de perigos futuros. Quando são os nossos nervos mais sensíveis que estão atacados, quando temos, por exemplo, uma dor de ouvidos ou de dentes, sente-se mais a dor quando se está deitado numa cama quente e cômoda; já é mais suportável se podemos nos levantar e fazer alguma coisa. Casar-se para ter uma vida folgada, com um homem de quem não se gosta *assim*, é sem dúvida a maior asneira que uma mulher pode fazer; em todo o caso teria sido o cúmulo da estupidez para *ela*. Já havia muito tempo que ela percebera que, se pudera suportar Frithjof tanto tempo, fôra simplesmente porque êle tinha sido apenas uma das coisas no meio de tôdas as outras que ela tivera que suportar.

Mas mesmo um amor apaixonado, como o de Aslaug e Gunnar Vathne, mesmo um amor assim, podia tornar-se uma

Digitalizado com CamScanner

infelicidade, quasi tão sufocante, no fim, como um casamento sem amor. E isso simplesmente porque êles não viam jeito de se casar. Êles se exgotavam mutuamente, porque nunca podiam se possuir um ao outro de u'a maneira completamente natural, afim de ficarem satisfeitos e poderem prosseguir calmamente lado a lado, até que, espontaneamente, uma aragem quente os bafejasse de novo. Por isso viviam eternamente numa apectativa armada, um nunca deixava o outro em paz, nenhum dos dois tendo a coragem de admitir que essa excitação insaciável era unicamente um remanescente insatisfeito da última vez, e as coisas se tornavam cada vez piores à medida que iam ficando gastos e sentiam-se como molas quebradas, sem animação alguma. Na verdade não eram casados, mas seguramente uma cerimônia nupcial não faz diferença, desde que um casal não pode aceitá-la como o princípio de alguma coisa mais do que essa relação estéril e sem futuro só entre duas pessoas.

Era perfeitamente verdade que ela acreditava ter compreendido, mesmo antes de ter encontrado Tryggve Toksvold, que as coisas por que passara não compensavam gritarias. Apresentavam-se-lhe como a sensação que se experimenta quando se anda num temporal. Desde que a pessoa está em campo aberto, onde o vento está na plenitude de sua fôrça e é preciso se arrastar para a frente de encontro à fôrça da neve, o sentimento fica latente no íntimo, mas logo que se chega a um abrigo, êle salta ao espírito; é simplesmente alegria de viver, exatamente como o calor vital é reprimido e existe só como a fôrça-motriz latente nas profundezas do ser, enquanto se está lutando no trecho pior da estrada, mas comunica-se ao rosto e aos membros logo que se chega a um abrigo. Alguns, naturalmente, sucumbem no caminho. Ela chegara até o fim — não tinha de que se queixar.

Mas agora conhecera uma alegria de viver completamente diferente. Precisamente *conhecera,* pois o que encontrara era algo totalmente novo, intensamente diferente da velha alegria que costumava brotar como que do íntimo do seu ser, que se alimentava de suas próprias fôrças e do que ela mesma tinha que ganhar. — Oh, meu bem amado!

Esta sensação parecia-se tão pouco com a antiga, como o ar de verão cheio de sol, quando queima as encostas dos vales, esquentando a terra e as pedras e penetrando em tôdas as fôlhas e pedaços de grama, é diferente da chama solitária dentro do corpo de um homem, que êle mesmo tem que alimentar en-

quanto viver, e que se apaga quando morre. Ela provavelmente nunca acreditara seriamente que existe uma espécie de felicidade, que se limita a passar de uma pessoa para outra — êles não precisam fazer nada, basta que estejam juntos. Sem dúvida vira que as pessoas podem se ajudar umas às outras, e fazer muito bem umas às outras, mas têm que estar ativas o tempo todo, têm que desempenhar sua parte sem cessar. Felicidade em amor — Ida Elisabeth riu suavemente à idéia — sem dúvida ela a imaginara como uma espécie de pique-nique para o qual cada um trouxesse as suas provisões, que depois eram trocadas. Isso também era razoável — êles tinham que contribuir cada qual com a sua parte, se quisessem ser felizes juntos. Mas mesmo assim, aquilo começara por êles se terem feito felizes, um ao outro, sem qualquer esfôrço nesse sentido. Tryggve dizia a mesma coisa.

— Bem, não, não acredito que eu pensasse que estava apaixonado por você, logo que a conheci, o ano passado, dissera êle com tôda a seriedade. Foi mais, de certo modo, logo no começo. Comecei a gostar mais do mundo, da humanidade. Eu não ficava tão chocado ou revoltado ao ver que os outros eram estúpidos ou mesquinhos. Já que eu sabia que existiam também muitas pessoas boas, corajosas e sensatas. Muita gente verdadeiramente branca, apesar de tudo. Vê você, eu sempre soubera que existia gente assim. Mas você não deve imaginar que ao conhecê-la eu me limitei a pensar: eis uma daquelas que tornam a vida decente. Quando você apareceu elas tornaram-se uma maioria esmagadora. Quando eu a cumprimentava, passando pela aldeia, era como se estivesse tirando o chapéu para a humanidade. Bem, suponho que é isto realmente o que significa *amar*. E' uma palavra tola para se aplicar a gente decente em geral, mas por uma vez não é exagêro. De modo que podemos dizer que eu já a amava durante todo o inverno passado, e foi por isso que tive tanto trabalho para vir a conhecê-la melhor. Consegui que você viesse naquela excursão de Pentecostes, e assim por diante. Compreende, eu tinha que encontrar uma oportunidade para me apaixonar por você...

Mas então, pensou Ida Elisabeth, era exatamente o que tinha acontecido com ela. Ela também ficara com uma confiança nova na vida desde o dia em que o encontrara, e apaixonara-se por êle quando já o amava.

Mas, se seu amor era isso, confiança, então, na verdade devia ser invencível. No pensamento dela, os pequenos aborre-

Digitalizado com CamScanner

cimentos cotidianos poderiam afligí-los e aborrecê-los, quando estivessem juntos, mas na realidade não poderiam afetar seu amor, já que êle consistia, acima de tudo, em se terem fornecido um ao outro um clima novo e melhor, meramente por se terem encontrado. Naturalmente precisavam se livrar do melhor modo possível de todos êsses fatores incômodos, que sem dúvida reapareceram de quando em quando enquanto vivessem; mas tudo isso era apenas transitório.

Ela sabia, é claro, que os meninos às vêzes poderiam irritá-lo. Nunca se esqueceria da expressão dêle quando carregara Carl para dentro de casa, naquele dia. Tão cheia de ternura, compaixão e desejo de auxiliar, que a fizera pensar em imagens de anjos da guarda e madonas, e coisas parecidas. Era assim que um homem como Tryggve Toksvold se comportava na presença de uma criança que tivera um acidente. Coisa muito diferente era ter que mostrar paciência com um par de garotos ativos e nem sempre atraentes, cuja presença nem sempre era desejável na ocasião. Êles *não* eram particularmente bem comportados; infelizmente ela via isso melhor que os outros, quando um estranho estava presente. Êles podiam naturalmente, brincar um tanto sem cerimônia na companhia de pessoas que viam todos os dias, mas para falar a verdade, nunca tinham visto outras; a visita de um desconhecido era novidade para êles, de modo que precisavam fazer o favor de se controlar um pouco. E não gostavam. Carl na realidade fazia e dava provas disso — mostrando-se, por exemplo, mais sem modos do que de costume à mesa, quando Tryggve Toksvold jantava com êles, fazendo observações impertinentes e incivilmente esvaziando metade do açucareiro, lambendo os dedos em vez de usar o guardanapo. — Mas nós nunca usamos guardanapo quando êle não está aqui, resmungou o pequeno um dia, quando ela lhe fêz um observação. Ela zangou-se por seu turno: — Bom, se você prefere usar seu babador, como de costume, pode. Não devia ter dito isso; viu que o menino ficara profundamente sentido. Carl tinha ciúmes dêsse homem que tomava tanta atenção da mãe — não era outra coisa.

O pequeno Tryggve ela começara a chamá-lo novamente de Buster pois era tão aborrecido aquilo de dois Tryggves. Embora desde o princípio fôsse isso uma das coisas sôbre Toksvold, que fortalecera seu sentimento de que êle abria para ela a porta de uma fase nova e mais feliz da vida: o fato de seu nome ser também Tryggve. Ela ligara idéias supersticiosas a êsse nome quando resolvera que seu último filho se chamaria Tryggve,

Digitalizado com CamScanner

se conseguisse salvar-se a si e aos filhos. Talvez tivesse tomado aquilo como um bom preságio, ao saber que o homem que carregara Carl para casa, depois de um acidente análogo ao que matara sua irmãzinha, tinha êsse nome. Quanto ao pequeno Tryggve, pouco estava ligando que ela o chamasse de Tryggve, Buster, ou Salsicha. Mas notava que Carl não gostava.

E Buster, coitadinho, era horrivelmente dado a mentiradas e fanfarronices. Ida Elisabeth caçoava dêle quando vinha com essas coisas com ela, mas nunca o levara muito a sério. Tôdas as crianças pequenas pregam mentiras. A única coisa a fazer era chamá-lo à ordem, até se compenetrar que era um hábito de que tinha que se corrigir, como deixara de fazer pipi nas calças. Quando êle às vêzes lhe trazia um recado digno de confiança, ela dava-lhe a entender que êle já estava ficando um homem.

Mas Tryggve considerava aquilo como uma séria nódoa moral na criança. As coisas não ficaram melhores depois que ela lhe mostrou um velho álbum de fotografias que ganhara como presente de confirmação. Entre outros, o álbum continha um retrato de Frithjof aos dez anos, junto com Herjulf e Else. Fizera-o intencionalmente: agora que ela e Toksvold eram vistos constantemente juntos, e o povo sem dúvida discutia se se casariam ou não, ela supunha que renasceriam todos os mexericos que tinha havido a seu respeito logo que ela chegara na aldeia. Provavelmente Tryggve estava ciente das insinuações feitas então, de que seu marido não era o pai do seu filho mais moço. E realmente, quando Toksvold viu o retrato, fêz a observação que ela estava esperando:

— E' extraordinária a semelhança que há entre o seu menino mais moço e o pai!

— Oh, você acha? Bom, você sabe, de certo modo é o tipo da família. Mas realmente o garotinho parece-se muito mais com os Braato mais moços... uma tia dêle chamada Merete — ela já morreu... e então contou-lhe alguma coisa da história de Merete.

Mas depois notou que Tryggve parecia suspeitar que o pequeno Buster tivesse um caráter indigno de confiança. Era bem verdade que êle tinha tal tendência. Mas seguramente muito dependeria do lar em que o menino crescesse, se com um casal de visionários, que deixava tudo ao acaso, ou com gente séria, que mantinha tudo em ordem e não tinha o hábito de atirar poeira nos próprios olhos.

Digitalizado com CamScanner

Era uma infelicidade, que Tryggve desse constantemente dinheiro aos meninos, mandando-os ir à loja comprar balas, para ver-se livre dêles durante algum tempo, e os meninos adivinhavam que era êsse o motivo. Iam a contragosto, mas iam; estavam tão pouco habituados a ter dinheiro, e quasi não ganhavam balas. Ela sempre fazia uma coisa gostosa para o almôço de domingo — a torta inglesa de maçãs, que a mãe costumava fazer, ou o bolo de gengibre da tia Matilde, dizendo aos meninos que ela não podia fazer as duas coisas, e como êles sentiriam falta do cheiro bom de bolo no domingo de manhã... não se compreendia um domingo em casa sem bolo. Mas agora estavam sempre trincando chocolate ou chupando torrões de açúcar — o espetáculo mais detestável que ela conhecia — com um ar ofendido, e no que dizia respeito a Carl, frequentemente com uma expressão nos olhos, de incerteza, ou fôsse o que fôsse, mas que a maguava sempre que a percebia.

Ela tinha que dizer a Tryggve um dia — que êle não devia fazer isso.

Naturalmente êle só o fazia na melhor das intenções. E êles *tinham* que estar juntos. E ela não tinha tempo livre senão nas curtas horas da noite. Mas sentia uma dorzinha no coração enquanto estavam sentados juntos em seu quarto, pois tinha a certeza de que Carl estava acordado e deprimido: não estava dormindo, só fingindo, ela bem o percebia, quando dava uma olhadela no quarto dos meninos antes de acompanhar Tryggve parte do caminho de volta.

— Acha que faz bem àquele menino crescido — perguntou Toksvold enquanto andavam — vicê estar entrando e saindo do quarto dêle depois dêle deitado, vigiando-o como se fôsse uma criancinha?

— Não, disse ela docilmente. E' possível que eu exagere. — Mas antes nunca fôra assim: nunca tivera a sensação de estar exagerando com os filhos, quando ia olhá-los de vez em quando durante seu trabalho noturno. E na realidade nunca pensara nisso, pois tinha que passar pelo quarto dos meninos para ir e vir da cozinha.

De certa forma êles tinham mais liberdade onde êle morava. Êle tinha aposentos no Bjorkheim Hotel — era lá que morava o tempo todo. Mas só de certa forma, pois estavam sempre em observação. Magda Bjorkheim, por exemplo, era uma moça encantadora, mas com uma língua terrível. E naturalmente também tivera uma queda por Tryggve, embora isso não tivesse importância; Magda estava sempre apaixonada

Digitalizado com CamScanner

por tantos homens, e justamente agora parecia estar noiva de um dos telégrafos.

Mas quando êles se casassem tudo isto seria diferente. Até certo ponto era só uma questão de tempo e espaço. Na chácara de propriedade de Tryggve, junto à estação, teriam muito espaço para se mover... Êle pedira a casa aos inquilinos dos andares de baixo e de cima. Quando ela tivesse o dia inteiro à sua disposição, seguramente poderia cuidar de Tryggve e dos meninos. Era muito bom que as crianças fôssem tão pequenas — de outro jeito talvez fôsse difícil que êles e o padrasto se acomodassem.

CAPÍTULO SÉTIMO

Desde os primeiros dias de seu noivado, Toksvold falara em irem de automóvel um domingo visitar sua irmã, Ingvild Brekke.

Ida Elisabeth podia perceber que êle gostava muito dela, e fôra o destino da irmã, provavelmente, mais que qualquer outra coisa, que o predispusera tanto contra os homens irresponsáveis. Esta irmã e o marido é que tinham ficado com a fazenda de Toksvold, quando o irmão mais velho morrera, solteiro, alguns anos depois do pai. Mas Torstein Brekke desregrara-se prodigamente — era na época da prosperidade — e depois mergulhara no esbanjamento de modo desmedido; no decurso de cinco ou seis anos tinha dissipado tudo o que possuíam, e então foram obrigados a entregar a fazenda. Depois vieram alguns anos durante os quais êle tentara uma coisa após outra, nas cidades de Opland, mas deu para beber cada vez mais, e finalmente fugiu com a mulher de um veterinário. Ingvild ficara com quatro filhos e sem vintém. A família cuidara da separação e ajudara-a a montar uma casa de pensão. Fôra um sucesso — ela era corajosa e competente, e trabalhava o mais possível, mas também se sentia feliz com os filhos, que eram talentosos e bons. O menino mais velho estava na universidade, depois havia uma mocinha que iria para uma escola de treinamento na indústria hoteleira, quando tivesse acabado o ginasial. Mas então o marido reaparecera, absolutamente aniquilado. E Ingvild acabou aceitando-o de volta. Êle ficou com ela mais ou menos um ano, tomando conta das fornalhas, e fazendo trabalhos avulsos — e praticamente ar-

Digitalizado com CamScanner

que dizem. As que mentem e têm conciência disto são muito mais raras. Mas dá-se o mesmo com as que procuram suas vantagens à custa dos outros — em geral conseguem persuadir-se que o que propõem é simplesmente vantajoso para ambos os lados. Mas neste caso isso seria impossível, você sabe, e portanto eu estou certa de que êles nunca fariam o que você acha que lhes poderia passar pela cabeça.

Êle sorriu sarcasticamente:

— Você subestima a velhacaria dos outros, minha amiga. Em todo o caso, talvez eu seja roceiro de mais para descobrir tanta diferença entre os diversos matizes de enganar os outros e a si mesmo, e enganar aos outros sem se enganar. Nós temos por hábito dizer que há duas qualidades de gente, as pessoas honestas e as outras, e está acabado.

Êsse era o ponto de vista dêle, e seria um tanto absurdo da parte dela ficar tão desanimada tôdas as vêzes que o notava. Mas isso fazia-a ter pena, não de ninguém em particular, mas de todos em geral, que não fôssem nem uma coisa nem outra.

— Eu simplesmente não posso compreender por que você não se interessou mais em esclarecer a sua situação.

— Você sabe, porque eu lhe contei, que foi meu cunhado que cuidou da separação. E quando êle morreu, eu não estava disposta a ir procurar outro advogado e contar-lhe a velha história do princípio ao fim.

Toksvold franziu ligeiramente as sobrancelhas. Ela descobrira com surprêsa que aparentemente êle sabia muita coisa sôbre Torwald Lander. Naturalmente ela também suspeitara que os negócios de Torwald eram um tanto excusos, e que sem dúvida êle acabara com a vida. Será que todos os advogados no país inteiro sabem essas coisas uns dos outros? imaginou ela. Êle positivamente não tinha gostado dêsse homem ter sido cunhado dela, embora isso já tivesse sido havia séculos; ela lhe contara que Constance morrera muito antes dela crescer.

— Vê você, eu nunca pensei que a questão se tornasse urgente para mim. Eu considerava isso negócio de Frithjof, pois êle é que contraíra nova união. No que me dizia respeito, eu só tinha uma idéia, que me deixassem em paz num lugar em que eu pudesse prover o sustento de meus filhos e o meu. Durante algum tempo até pensei em trocar de nome. Não para Andst, pois somos a única família dêsse nome, e eu não queria que aquêles que me tinham conhecido no passado, descobrissem o que viera a ser de mim. Mas pensei em chamar-me Fru Carl-

sen. Ou Fru Aanstad, segundo a fazenda de onde vinha a família de meu pai.

— Sim, pobre querida. Você teve uma época péssima. E foi admiravelmente corajosa. Mas é justamente o que torna estranho que você tenha deixado passar isto assim.

— Eu tinha sempre tanto que fazer, você sabe. A princípio fazer com que o dinheiro chegasse — prover o necessário para cada dia. E depois, quando comecei a prosperar, era difícil achar tempo.

— Sei disso. — Êle pulou do peitoril da janela, tirou-lhe o chapéu e beijou-a no alto da cabeça. — Mas agora, graças a Deus, isso vai ter um fim. Mas você sabe, eu me orgulho de você. Escute, talvez não fique bem eu aprontar isso para você. Mas posso procurar alguém. Tudo pode se decidir muito rapidamente. Confesso que não gosto muito disto, enquanto você não estiver livre, quero dizer, legalmente.

Êle atravessou a sala e vestiu o sobretudo.

— Mesmo assim, depois de ter refletido, você não vem? Você podia, por exemplo, vir até o hotel Fosli, então jantaríamos juntos e eu arranjaria um automóvel para levá-la de volta. Você podia estar de volta em casa antes da meia-noite, à uma hora o mais tardar.

— Você sabe que eu gostaria muito, Tryggve, mas não posso.

O sol apareceu quando ela estava indo para casa, iluminando as gotas de chuva, que pendiam, como centelhas côr de púrpura dos pinheiros. Ao longo da beira da estrada, o trigo que brotava estava embaçado e curvado com a umidade, mas mais ao longe brilhava onde quer que o sol o tocasse. Teria sido lindo subir o vale de automóvel com êle, dissera Toksvold: e estava tão fresco depois da chuva, a estrada escura e livre de poeira, com grandes pedaços de céu azul refletidos nas poças d'água, e as sombras se alongavam na luz quente e dourada da noite.

Naturalmente já havia gente ocupada em falar dêles, ela já o percebera. E que seria severamente criticada, era só o que tinha a esperar; não havia muitos homens solteiros por aqui e Tryggve era um bom partido, muito melhor do que ela pensara quando ficara noiva dêle. Entretanto, as relações dêle, que ela encontrara, tinham sido amáveis — nesse sentido a excursão de S. João ao *saeter* Svensrud fôra um sucesso. Embora tivessem sido infelizes com o tempo, que estava frio e ventoso, de modo que foram obrigados a ficar dentro de casa

Digitalizado com CamScanner

a noite tôda, mas na manhã seguinte o pasto do *saeter* estava coberto de neve, e assim tinham jogado bolas de neve antes de se separarem à tarde. Mas tinham ficado sentados em volta da lareira, tinham dansado, e a mulher do gerente do banco e Froken Svensrud fizeram sôpa de creme e *waffles*. Kari Presttangen não estava lá.

Tryggve e ela não se tinham mostrado muito. Mas, como de costume, estavam juntos todos os dias.

Mesmo antes já isso devia ter sido observado, pois quando ela telefonara a Marte Bo para perguntar se poderia mandar os meninos para lá na véspera de S. João, pois fôra convidada para tomar parte numa excursão, Marta caçoara: — Você vai com Toksvold, não é? — Ah, você já sabe?

Estavam jogando *croquet* no pátio de Viker: ela ouviu ao chegar em casa.

Êle na verdade chegara às pressas com um jôgo do *croquet* novinho, numa tarde, poucos dias depois de ter falado sôbre o assunto. — Você não disse que tinha um jôgo velho atirado no sótão? — Oh, eu disse isso? Êle rira. — Não, tive que comprar êste novo. Compreende, eu tinha que ter uma desculpa para vir vê-la novamente. E não podia prever que as coisas caminhariam tão depressa.

A velha estrada, entretanto, era estreita de mais para um campo de *croquet*, e os meninos eram pequenos de mais para compreender o jôgo convenientemente. Tryggve se encarregara de ensiná-los uma tarde, quando chegara, enquanto ela ainda estava ocupada. Não tinha tido êxito, ela podia ouví-lo pela janela aberta. O seu Tryggve, isto é, o pequeno Tryggve, só queria se divertir; dava pontapés nas bolas e corria atrás delas, arrancava os arcos. E Carl, naturalmente, jogava desajeitadamente, e o cachorro metera-se no jôgo, e o Tryggve grande perdera a paciência e ficara zangado porque as crianças não queriam aprender direito, mas só faziam barulho. Carl agora levara o jôgo para Viker, onde eram as filhinhas de Kristian que mais o usavam.

Quando ela entrou na sala de provas, lá estava Carl desenhando.

— Mas porque é que você não está fora com êste lindo tempo, meu filho? Ela pousou-lhe a mão no ombro e olhou o que êle estava desenhando. Como sempre, eram homens: um estava de pé junto a uma estante de leitura, na qual apoiava os pezinhos. Outro era visto de costas, tinha ombros escuros

e uma enorme trazeira; com uma vara comprida estava apontando lugares num mapa de parede. Depois havia um correndo e outros quatro a perseguí-lo com gestos ameaçadores. Os desenhos de Carl não eram como os desenhos de outras crianças que Ida Elisabeth vira: era com uma intenção evidente que êle sempre faziam rostos feios, como caricaturas, mas com expressão, e êle já descobrira muito sôbre o encurtamento de pernas que corriam e braços que gesticulavam. Havia um quê de estranhamente animado, mas malicioso em muitos dêles, e era extraordinário, pois Carl era o garoto mais bondoso que se podia imaginar, e essencialmente delicado.

Ultimamente viera-lhe repentinamente à lembrança — e se Carl tivesse realmente talento? Uma noite acedera ao pedido de Toksvold e lhe mostrara todos os desenhos que fizera para Carl, os quais o menino guardara com seus próprios cadernos de desenho. Ela fizera aquilo, no entretanto, com a consciência pesada, pois êsses desenhos eram realmente um segrêdo entre ela e a criança. Tryggve Toksvold elogiara vivamente seus desenhos, mas ela vira que êle não entendia muito daquilo: quando representavam assuntos de que êle gostava, como crepúsculos, flôres, crianças dansando, *saeters* e montanhas cobertas de neve, bastava para que êle os julgasse logo de primeira ordem. Mas nessa ocasião ela compreendera pela primeira vez como os desenhos de Carl eram realmente hábeis, de um modo curiosamente pouco amável — e veio-lhe ao espírito que talvez êle possuísse um talento que ela devia levar a sério.

Ida Elisabeth suplicara ardentemente a Tryggve que não contasse a Carl que ela lhe mostrara o conteúdo da gaveta, onde êles guardavam essas coisas. Ih, quasi desejava não os ter mostrado. Embora, lembrando a admiração de Tryggve, também não o desejasse.

Ida Elisabeth suspirou um tanto impaciente, ao desembrulhar os novos sapatos brancos de ginástica do menino:

— Pronto! Calce-os para eu ver se servem. Mas depois você precisa se lembrar que prometeu limpá-los. Aquí está a garrafinha que você tem que usar.

— Obrigada. Voltou depois de calçar os sapatos. — Você é boazinha, mamãe! — Um tanto timidamente tomou-lhe a mão e acariciou-a.

— Bom, bom, meu filho, você agora tem o que queria. Aliás, você sabe onde está Buster? Êle já devia estar aqui...

— Acho que está com Leif; quer que eu vá buscá-lo?

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

— Eu também posso ir com você. — De mãos dadas com Carl ela foi estrada afora, para o Sul. Voltando para casa deu a mão a Tryggve. Carl ia do outro lado.

— Se vocês quiserem, eu esta noite farei *kompises* para vocês.

Pão com leite, manteiga e açúcar era chamado pela mãe dela "camaradas" quando eram crianças. Mas um dia, quando Tryggve era pequenino, êle dissera que o nome adequado era *kompises* e não "camaradas". Depois disso ficou sendo conhecido por *kompises* na jíria familiar.

Fêz os meninos se despirem enquanto fervia o leite. Êles sempre faziam uma festa quando podiam vir jantar na cozinha de pijama; isso significava que podiam ficar de pé enquanto ela tomava outra chicara de chá e fumava um cigarro.

Esta noite Tryggve veio novamente para o colo dela e amolou-a com uma coisa e outra — queria tanto tirar uma baforada do cigarro dela — só uma. — Não, pare com isso.

Na quietude da noite ouviram o expresso do Norte passar com estrépito pelo corte sob as montanhas, do outro lado do vale.

— Kastens-kustens, kastens-kustens... isso é o que o trem diz, interpretou Tryggve, agarrando-se mais à mãe no seu entusiasmo. E quando atravessa a ponte diz: rakkedelakkede rakkedelakkedera. E pouco antes de chegar na estação: pattipau pusscat-pattipau pusscat-pattipaupusscat. Mas o grande trem de carga, êsse diz grorgram, grorgram, grorgram, — êle imitou o barulho pesado e surdo. — Não está certo, mamãe?

— Tolinho! beijou-o. — Você é o Busterzinho da mamãe, não é?

— Por que é que você sempre chama Tryggve assim, perguntou Carl com certa desaprovação. Isso era só quando êle era bebê...

— Não, mas agora vocês têm que ir para a cama! Vamos... depois irei ler um pouquinho para vocês.

Êles sempre queriam escutar as velhas histórias de Bergen, de Elisabeth Welhaven. Ela encontrara de novo o livro num dia em que estivera remexendo nas gavetas, e experimentara lê-lo para os filhos, porque o pai costumava lê-lo alto para ela quando era criança. Não sabia até que ponto os meninos compreendiam, mas divertiam-se imensamente, ouvindo-a imitar o dialeto, que para êles era como uma língua estranha.

Carl estava em paroxismos de riso, com o rosto no travesseiro, e contagiara o irmãozinho, que dava voltas e voltas na cama, como um cachorrinho perseguindo o próprio rabo.

— E agora, por hoje, fiquem quietos.

Ida Elisabeth lavou o pouco que havia, parando de vez em quando para olhar pela janela a noite de verão. O rio brilhava fracamente além da campina.

Talvez não fôsse muito extraordinário que as crianças ficassem um tanto intrigadas por ela de repente ter começado a saír frequentemente à noite. Não estavam acostumadas com isso.

Nunca fôra hábito dela estar sempre com histórias com êles; o que acontecia é que nunca tivera tempo de andar atrás dêles, tomar conta dêles, fazer-lhes festas, tomar nota do que diziam e faziam, e refletir profundamente sôbre seus caracteres. A sogra achava-a boa, mas, oh, tão sêca e perentória, e comparada com Borghild Braato, por exemplo, faltava-lhe sem dúvida uma grande dose de sentimento materno. Mas os meninos estavam acostumados a saber onde poderiam encontrá-la. Na sala de trabalho o dia inteiro — se acontecesse alguma coisa, tinham que ser o mais lacônicos possíveis, mas ela *estava* lá. E à noite estava inteiramente à disposição dêles; brincavam; Carl fazia os deveres, jantavam e iam para a cama; mas o tempo todo estavam correndo para cá e para lá, e a qualquer momento vinham pedir a sua ajuda, fazer alguma pergunta, ou entregar-lhe um botão que lhes caira da roupa, ou mostrar-lhe um ferimento ou arranhão, que de repente se lembravam de ter sofrido.

Mas agora havia um homem desconhecido, que vinha quasi todos os dias durante suas horas noturnas, para levá-la a passeio ou ficar em casa. Não era assim tão estranho que isto os perturbasse um pouco e os desapontasse, e seus modos não eram muito exuberantes e amáveis, quando Tryggve estava presente.

Não, ela não pertencia à raça dos Braato, e nunca imaginara que todos devessem achar seus filhos encantadores. O essencial era que Tryggve pensava e sentia do mesmo modo que ela neste particular: já que uma pessoa se dedicou à educação dos filhos, tem que aguentar a tarefa até as crianças estarem evoluidas e se terem tornado o melhor que se poude obter. Êle sabia o que fazia casando-se com uma mulher divorciada, que estava sustentando e educando dois filhos sem auxílio algum. Êle falara sôbre o assunto de um modo que, para ela,

soara prático de mais — embora tôda a sua natureza, excluindo o sentimentalismo, só pudesse aprovar o modo dêle tocar no assunto. Se ela abandonasse sua vida independente para tornar-se sua mulher, era uma consequência natural que êle sustentaria os meninos, de modo que êles não tivessem a perder com isso, pelo menos materialmente. Tryggve não era rico, mas a posição que lhe oferecia era próspera em comparação com aquilo a que ela estava acostumada. Certamente ela não achava que ia trocar um trabalho pesado pela ociosidade, como êle dizia; ela ia assumir uma posição de responsabilidade ainda maior — sabia muito bem que era capaz de desempenhar sua parte do trabalho e da responsabilidade. Fôsse o que fôsse que lhes estivesse reservado, desde que houvesse uma oportunidade para pessoas ativas e competentes progredirem, êle e ela progrediriam. E se, por exemplo, a floresta que êle possuía, recomeçasse a dar lucro, podia, pelo menos, prometer aos enteados uma boa instrução. Carl, que não estava nunca à vontade com estranhos, e que aprendia vagarosamente qualquer assunto para o qual não tivesse aptidão especial — era impossível predizer o que significaria para Carl se um homem bom, honesto e competente como Tryggve Toksvold estivesse disposto a tomar o lugar do pai, que seus filhos nunca tinham tido.

Era verdade que ficara um pouco chocada ao ouví-lo falar de um modo tão positivo sôbre o lado financeiro da questão. Mas isso provavelmente era porque ela fôra sempre obrigada a pensar em dinheiro e não dizer nada a respeito: nenhuma das pessoas, com quem estivera associada até agora, era constituída de modo a dar-lhe uma oportunidade de discutir assuntos de dinheiro sem correr o risco de ouvir ditados inexperientes, e tantos bons conselhos infantís, que ela ficava a ponto de perder a paciência e se descontrolar completamente. E os homens tinham sido piores que as mulheres. De modo que era novidade para ela ouvir um homem falar assim — era êle que tomava a iniciativa e a parte dela limitava-se a ouvir e concordar. Era um tanto cômico que no princípio tivesse achado isso algo estranho...

E com certeza não era tão tola e inexperiente que achasse inconveniente discutir assuntos monetários por estarem loucamente apaixonados um pelo outro. Êle não ligava grande importância ao dinheiro, já que estava disposto a casar-se com ela, cuja única contribuição para o casal eram dois filhos de outro homem. Só os idiotas, dizia êle, acreditam que as coisas

que dão valor à vida, podem ser compradas com dinheiro. E' o equivalente a pensar que o único prazer de viajar consiste em gastar o assento das calças no lugar para o qual se comprou o bilhete. Mas é fato que não se pode viajar sem dinheiro algum, mesmo se achamos mais divertida a viagem quando somos obrigados a viajar economicamente. Mas embora duas pessoas se gostem muito, é loucura supor que dê certo se se casarem e viverem vida de solteiros, cada qual com uma vida independente, meramente vivendo e dormindo juntos, mas sem terem meios para manter uma casa e ter filhos... ou se tiverem um ou dois filhos, que terão que se contentar com u'a mãe "temporária".

No íntimo concordava integralmente com êle. Ela realmente pensra às vêzes, quando o Dr. Sommervold morrera, por exemplo, que talvez tivesse agido melhor para com os filhos, se tivesse aceito a sua proposta de casamento. Na realidade ainda tinha dúvidas até hoje se aquilo não passara de um impulso repentino da parte dêle. Mas se o tivesse tomado ao pé da letra, ela conhecia bastante Lars Sommervold para ter a certeza de que, mesmo que na ocasião êle tivesse ficado um tanto intrigado, êle pessoalmente teria conseguido alguma satisfação de suas relações. Entretanto, ela nunca se arrependera. Teie seria sempre para ela o lugar mais encantador do mundo e Lars Sommervold o único amigo que pudera ajudá-la apesar de saber tudo o que sabia a seu respeito. Ela, porém, nunca poderia ter suportado estar casada com êle. Se a pessoa se colocou na situação de ter que viver com um homem a quem já fêz objeções, como marido, é de certo melhor estar nas condições em que ela estava com Frithjof — ter o direito de se zangar com êle, ter bastante com que se preocupar fora, e ser obrigada a estar continuamente à espreita de perigos futuros. Quando são os nossos nervos mais sensíveis que estão atacados, quando temos, por exemplo, uma dor de ouvidos ou de dentes, sente-se mais a dor quando se está deitado numa cama quente e cômoda; já é mais suportável se podemos nos levantar e fazer alguma coisa. Casar-se para ter uma vida folgada, com um homem de quem não se gosta *assim*, é sem dúvida a maior asneira que uma mulher pode fazer; em todo o caso teria sido o cúmulo da estupidez para *ela*. Já havia muito tempo que ela percebera que, se pudera suportar Frithjof tanto tempo, fôra simplesmente porque êle tinha sido apenas uma das coisas no meio de tôdas as outras que ela tivera que suportar.

Mas mesmo um amor apaixonado, como o de Aslaug e Gunnar Vathne, mesmo um amor assim, podia tornar-se uma

Digitalizado com CamScanner

infelicidade, quasi tão sufocante, no fim, como um casamento sem amor. E isso simplesmente porque êles não viam jeito de se casar. Êles se exgotavam mutuamente, porque nunca podiam se possuir um ao outro de u'a maneira completamente natural, afim de ficarem satisfeitos e poderem prosseguir calmamente lado a lado, até que, espontaneamente, uma aragem quente os bafejasse de novo. Por isso viviam eternamente numa apectativa armada, um nunca deixava o outro em paz, nenhum dos dois tendo a coragem de admitir que essa excitação insaciável era unicamente um remanescente insatisfeito da última vez, e as coisas se tornavam cada vez piores à medida que iam ficando gastos e sentiam-se como molas quebradas, sem animação alguma. Na verdade não eram casados, mas seguramente uma cerimônia nupcial não faz diferença, desde que um casal não pode aceitá-la como o princípio de alguma coisa mais do que essa relação estéril e sem futuro só entre duas pessoas.

Era perfeitamente verdade que ela acreditava ter compreendido, mesmo antes de ter encontrado Tryggve Toksvold, que as coisas por que passara não compensavam gritarias. Apresentavam-se-lhe como a sensação que se experimenta quando se anda num temporal. Desde que a pessoa está em campo aberto, onde o vento está na plenitude de sua fôrça e é preciso se arrastar para a frente de encontro à fôrça da neve, o sentimento fica latente no íntimo, mas logo que se chega a um abrigo, êle salta ao espírito; é simplesmente alegria de viver, exatamente como o calor vital é reprimido e existe só como a fôrça-motriz latente nas profundezas do ser, enquanto se está lutando no trecho pior da estrada, mas comunica-se ao rosto e aos membros logo que se chega a um abrigo. Alguns, naturalmente, sucumbem no caminho. Ela chegara até o fim — não tinha de que se queixar.

Mas agora conhecera uma alegria de viver completamente diferente. Precisamente *conhecera,* pois o que encontrara era algo totalmente novo, intensamente diferente da velha alegria que costumava brotar como que do íntimo do seu ser, que se alimentava de suas próprias fôrças e do que ela mesma tinha que ganhar. — Oh, meu bem amado!

Esta sensação parecia-se tão pouco com a antiga, como o ar de verão cheio de sol, quando queima as encostas dos vales, esquentando a terra e as pedras e penetrando em tôdas as fôlhas e pedaços de grama, é diferente da chama solitária dentro do corpo de um homem, que êle mesmo tem que alimentar en-

quanto viver, e que se apaga quando morre. Ela provavelmente nunca acreditara seriamente que existe uma espécie de felicidade, que se limita a passar de uma pessoa para outra — êles não precisam fazer nada, basta que estejam juntos. Sem dúvida vira que as pessoas podem se ajudar umas às outras, e fazer muito bem umas às outras, mas têm que estar ativas o tempo todo, têm que desempenhar sua parte sem cessar. Felicidade em amor — Ida Elisabeth riu suavemente à idéia — sem dúvida ela a imaginara como uma espécie de pique-nique para o qual cada um trouxesse as suas provisões, que depois eram trocadas. Isso também era razoável — êles tinham que contribuir cada qual com a sua parte, se quisessem ser felizes juntos. Mas mesmo assim, aquilo começara por êles se terem feito felizes, um ao outro, sem qualquer esfôrço nesse sentido. Tryggve dizia a mesma coisa.

— Bem, não, não acredito que eu pensasse que estava apaixonado por você, logo que a conheci, o ano passado, dissera êle com tôda a seriedade. Foi mais, de certo modo, logo no começo. Comecei a gostar mais do mundo, da humanidade. Eu não ficava tão chocado ou revoltado ao ver que os outros eram estúpidos ou mesquinhos. Já que eu sabia que existiam também muitas pessoas boas, corajosas e sensatas. Muita gente verdadeiramente branca, apesar de tudo. Vê você, eu sempre soubera que existia gente assim. Mas você não deve imaginar que ao conhecê-la eu me limitei a pensar: eis uma daquelas que tornam a vida decente. Quando você apareceu elas tornaram-se uma maioria esmagadora. Quando eu a cumprimentava, passando pela aldeia, era como se estivesse tirando o chapéu para a humanidade. Bem, suponho que é isto realmente o que significa *amar*. E' uma palavra tola para se aplicar a gente decente em geral, mas por uma vez não é exagêro. De modo que podemos dizer que eu já a amava durante todo o inverno passado, e foi por isso que tive tanto trabalho para vir a conhecê-la melhor. Consegui que você viesse naquela excursão de Pentecostes, e assim por diante. Compreende, eu tinha que encontrar uma oportunidade para me apaixonar por você...

Mas então, pensou Ida Elisabeth, era exatamente o que tinha acontecido com ela. Ela também ficara com uma confiança nova na vida desde o dia em que o encontrara, e apaixonara-se por êle quando já o amava.

Mas, se seu amor era isso, confiança, então, na verdade devia ser invencível. No pensamento dela, os pequenos aborre-

Digitalizado com CamScanner

cimentos cotidianos poderiam afligí-los e aborrecê-los, quando estivessem juntos, mas na realidade não poderiam afetar seu amor, já que êle consistia, acima de tudo, em se terem fornecido um ao outro um clima novo e melhor, meramente por se terem encontrado. Naturalmente precisavam se livrar do melhor modo possível de todos êsses fatores incômodos, que sem dúvida reapareceram de quando em quando enquanto vivessem; mas tudo isso era apenas transitório.

Ela sabia, é claro, que os meninos às vêzes poderiam irritá-lo. Nunca se esqueceria da expressão dêle quando carregara Carl para dentro de casa, naquele dia. Tão cheia de ternura, compaixão e desejo de auxiliar, que a fizera pensar em imagens de anjos da guarda e madonas, e coisas parecidas. Era assim que um homem como Tryggve Toksvold se comportava na presença de uma criança que tivera um acidente. Coisa muito diferente era ter que mostrar paciência com um par de garotos ativos e nem sempre atraentes, cuja presença nem sempre era desejável na ocasião. Êles *não* eram particularmente bem comportados; infelizmente ela via isso melhor que os outros, quando um estranho estava presente. Êles podiam naturalmente, brincar um tanto sem cerimônia na companhia de pessoas que viam todos os dias, mas para falar a verdade, nunca tinham visto outras; a visita de um desconhecido era novidade para êles, de modo que precisavam fazer o favor de se controlar um pouco. E não gostavam. Carl na realidade fazia e dava provas disso — mostrando-se, por exemplo, mais sem modos do que de costume à mesa, quando Tryggve Toksvold jantava com êles, fazendo observações impertinentes e incivilmente esvaziando metade do açucareiro, lambendo os dedos em vez de usar o guardanapo. — Mas nós nunca usamos guardanapo quando êle não está aquí, resmungou o pequeno um dia, quando ela lhe fêz um observação. Ela zangou-se por seu turno: — Bom, se você prefere usar seu babador, como de costume, pode. Não devia ter dito isso; viu que o menino ficara profundamente sentido. Carl tinha ciúmes dêsse homem que tomava tanta atenção da mãe — não era outra coisa.

O pequeno Tryggve ela começara a chamá-lo novamente de Buster pois era tão aborrecido aquilo de dois Tryggves. Embora desde o princípio fôsse isso uma das coisas sôbre Toksvold, que fortalecera seu sentimento de que êle abria para ela a porta de uma fase nova e mais feliz da vida: o fato de seu nome ser também Tryggve. Ela ligara idéias supersticiosas a êsse nome quando resolvera que seu último filho se chamaria Tryggve,

Digitalizado com CamScanner

se conseguisse salvar-se a si e aos filhos. Talvez tivesse tomado aquilo como um bom preságio, ao saber que o homem que carregara Carl para casa, depois de um acidente análogo ao que matara sua irmãzinha, tinha êsse nome. Quanto ao pequeno Tryggve, pouco estava ligando que ela o chamasse de Tryggve, Buster, ou Salsicha. Mas notava que Carl não gostava.

E Buster, coitadinho, era horrivelmente dado a mentiradas e fanfarronices. Ida Elisabeth caçoava dêle quando vinha com essas coisas com ela, mas nunca o levara muito a sério. Tôdas as crianças pequenas pregam mentiras. A única coisa a fazer era chamá-lo à ordem, até se compenetrar que era um hábito de que tinha que se corrigir, como deixara de fazer pipi nas calças. Quando êle às vêzes lhe trazia um recado digno de confiança, ela dava-lhe a entender que êle já estava ficando um homem.

Mas Tryggve considerava aquilo como uma séria nódoa moral na criança. As coisas não ficaram melhores depois que ela lhe mostrou um velho álbum de fotografias que ganhara como presente de confirmação. Entre outros, o álbum continha um retrato de Frithjof aos dez anos, junto com Herjulf e Else. Fizera-o intencionalmente: agora que ela e Toksvold eram vistos constantemente juntos, e o povo sem dúvida discutia se se casariam ou não, ela supunha que renasceriam todos os mexericos que tinha havido a seu respeito logo que ela chegara na aldeia. Provavelmente Tryggve estava ciente das insinuações feitas então, de que seu marido não era o pai do seu filho mais moço. E realmente, quando Toksvold viu o retrato, fêz a observação que ela estava esperando:

— E' extraordinária a semelhança que há entre o seu menino mais moço e o pai!

— Oh, você acha? Bom, você sabe, de certo modo é o tipo da família. Mas realmente o garotinho parece-se muito mais com os Braato mais moços... uma tia dêle chamada Merete — ela já morreu... e então contou-lhe alguma coisa da história de Merete.

Mas depois notou que Tryggve parecia suspeitar que o pequeno Buster tivesse um caráter indígno de confiança. Era bem verdade que êle tinha tal tendência. Mas seguramente muito dependeria do lar em que o menino crescesse, se com um casal de visionários, que deixava tudo ao acaso, ou com gente séria, que mantinha tudo em ordem e não tinha o hábito de atirar poeira nos próprios olhos.

Digitalizado com CamScanner

Era uma infelicidade, que Tryggve desse constantemente dinheiro aos meninos, mandando-os ir à loja comprar balas, para ver-se livre dêles durante algum tempo, e os meninos adivinhavam que era êsse o motivo. Iam a contragosto, mas iam; estavam tão pouco habituados a ter dinheiro, e quasi não ganhavam balas. Ela sempre fazia uma coisa gostosa para o almôço de domingo — a torta inglesa de maçãs, que a mãe costumava fazer, ou o bolo de gengibre da tia Matilde, dizendo aos meninos que ela não podia fazer as duas coisas, e como êles sentiriam falta do cheiro bom de bolo no domingo de manhã... não se compreendia um domingo em casa sem bolo. Mas agora estavam sempre trincando chocolate ou chupando torrões de açúcar — o espetáculo mais detestável que ela conhecia — com um ar ofendido, e no que dizia respeito a Carl, frequentemente com uma expressão nos olhos, de incerteza, ou fôsse o que fôsse, mas que a maguava sempre que a percebia.

Ela tinha que dizer a Tryggve um dia — que êle não devia fazer isso.

Naturalmente êle só o fazia na melhor das intenções. E êles *tinham* que estar juntos. E ela não tinha tempo livre senão nas curtas horas da noite. Mas sentia uma dorzinha no coração enquanto estavam sentados juntos em seu quarto, pois tinha a certeza de que Carl estava acordado e deprimido: não estava dormindo, só fingindo, ela bem o percebia, quando dava uma olhadela no quarto dos meninos antes de acompanhar Tryggve parte do caminho de volta.

— Acha que faz bem àquele menino crescido — perguntou Toksvold enquanto andavam — vicê estar entrando e saindo do quarto dêle depois dêle deitado, vigiando-o como se fôsse uma criancinha?

— Não, disse ela docilmente. E' possível que eu exagere. — Mas antes nunca fôra assim: nunca tivera a sensação de estar exagerando com os filhos, quando ia olhá-los de vez em quando durante seu trabalho noturno. E na realidade nunca pensara nisso, pois tinha que passar pelo quarto dos meninos para ir e vir da cozinha.

De certa forma êles tinham mais liberdade onde êle morava. Êle tinha aposentos no Bjorkheim Hotel — era lá que morava o tempo todo. Mas só de certa forma, pois estavam sempre em observação. Magda Bjorkheim, por exemplo, era uma moça encantadora, mas com uma língua terrível. E naturalmente também tivera uma queda por Tryggve, embora isso não tivesse importância; Magda estava sempre apaixonada

por tantos homens, e justamente agora parecia estar noiva de um dos telégrafos.

Mas quando êles se casassem tudo isto seria diferente. Até certo ponto era só uma questão de tempo e espaço. Na chácara de propriedade de Tryggve, junto à estação, teriam muito espaço para se mover... Êle pedira a casa aos inquilinos dos andares de baixo e de cima. Quando ela tivesse o dia inteiro à sua disposição, seguramente poderia cuidar de Tryggve e dos meninos. Era muito bom que as crianças fôssem tão pequenas — de outro jeito talvez fôsse difícil que êles e o padrasto se acomodassem.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO SÉTIMO

Desde os primeiros dias de seu noivado, Toksvold falara em irem de automóvel um domingo visitar sua irmã, Ingvild Brekke.

Ida Elisabeth podia perceber que êle gostava muito dela, e fôra o destino da irmã, provavelmente, mais que qualquer outra coisa, que o predispusera tanto contra os homens irresponsáveis. Esta irmã e o marido é que tinham ficado com a fazenda de Toksvold, quando o irmão mais velho morrera, solteiro, alguns anos depois do pai. Mas Torstein Brekke desregrara-se prodigamente — era na época da prosperidade — e depois mergulhara no esbanjamento de modo desmedido; no decurso de cinco ou seis anos tinha dissipado tudo o que possuíam, e então foram obrigados a entregar a fazenda. Depois vieram alguns anos durante os quais êle tentara uma coisa após outra, nas cidades de Opland, mas deu para beber cada vez mais, e finalmente fugiu com a mulher de um veterinário. Ingvild ficara com quatro filhos e sem vintém. A família cuidara da separação e ajudara-a a montar uma casa de pensão. Fôra um sucesso — ela era corajosa e competente, e trabalhava o mais possível, mas também se sentia feliz com os filhos, que eram talentosos e bons. O menino mais velho estava na universidade, depois havia uma mocinha que iria para uma escola de treinamento na indústria hoteleira, quando tivesse acabado o ginasial. Mas então o marido reaparecera, absolutamente aniquilado. E Ingvild acabou aceitando-o de volta. Êle ficou com ela mais ou menos um ano, tomando conta das fornalhas, e fazendo trabalhos avulsos — e praticamente ar-

Digitalizado com CamScanner

ruinou o negócio da mulher. Ela ainda tinha pensionistas e fregueses para refeições, mas não eram da qualidade dos que tivera antes; as pessoas decentes, que tinham morado anos com ela, despediram-se: o escândalo era maior do que podiam suportar; os pais não mandavam mais os filhos em idade escolar para a casa dela, e havia constantes aborrecimentos com suas alunas de arte culinária — Ingvild tinha sempre cinco ou seis moças aprendendo economia doméstica. — Se êle ficar aqui, mamãe terá que fechar a casa, a não ser que queira manter um verdadeiro bordel, dissera Elling, o rapaz mais velho, quando Toksvold estivera lá no ano anterior. E Marit, a irmã, dissera que não estava mais disposta a aturá-lo — deixaria o ginásio e iria para Oslo, para se colocar lá, no que conseguisse arranjar.

Houvera uma espécie de acôrdo; o homem não vivia mais com Ingvild, mas andava por lá, recebia comida e dinheiro, e amolava a mulher e as crianças. Toksvold tinha pouca esperança de que ela jamais conseguisse se livrar dêsse animal; ela não podia suportar a idéia de abandoná-lo. Amara-o desesperadamente outrora, e casara-se com êle apesar da forte oposição dos pais ao casamento.

Ida Elisabeth não aguardava com muita impaciência, a excursão. Para começar não esperava que Fru Brekke ficasse louca de alegria, com o próximo casamento do irmão, ainda por cima com uma mulher divorciada — isso não seria razoável, mesmo que não fôsse pelo fato de Tryggve pagar o colégio dos dois mais velhos e tê-la ajudado de outros modos, consideravelmente, nos últimos anos.

Foi Toksvold que propôs que os meninos fôssem com êles — aproveitariam o longo passeio e o menino mais moço de Ingvild Brekke era mais ou menos da mesma idade de Carl.

O céu estava turbulentamente brilhante, cheio de sol e de nuvens, na manhã de agôsto em que deviam partir. Tinha havido chuvaradas durante a noite, mas Toksvold achava que teriam bom tempo. E quando disse a Carl que teriam que levar Burman, pois era uma vergonha deixar o pobre cachorro dentro de casa o dia inteiro, visto que sem dúvida faria um barulho infernal e sujaria tudo, os meninos, ao iniciarem a viagem estavam radiantes.

Ida Elisabeth ia na frente com Toksvold, mas estava um tanto nervosa dos meninos estarem sozinhos na parte de trás do automóvel. O cachorro era um companheiro bastante turbulento, pulava e ficava de pé com as patas dianteiras de

Digitalizado com CamScanner

encontro à parte de cima da porta — imagine se a porta se abrisse e um dêles caísse. Mas Toksvold riu um tanto impaciente de sua aflição: — Algum dia terão que aprender a tomar conta de si mesmos... usar um pouco a cabeça.

Era realmente verdade. Ela lembrou-se de uma coisa que acontecera durante o verão: ela estava passeando de automóvel com Toksvold, e de repente êle perguntara: — Você quer guiar? Acho que você devia aprender. — Ela tinha dito que não, tão secamente — tinha parecido, provavelmente até grosseira — que êle chegou a olhar para ela, surprêso. Então Ida explicou: — Eu perdí uma filhinha — a mais velha — foi atropelada e morreu. Depois de um instante êle disse, com uma voz infinitamente terna e meiga: — Minha pobre Ida. Então deve ter sido muito pior para você do que eu imaginei, quando lhe levamos Carl. — Na ocasião ela só pôde inclinar a cabeça. Mas depois conseguiu dizer: — Eu julguei morrer. Mas quando se tornou evidente que o menino, afinal, não estava em perigo, pareceu-me que você tinha me trazido o perdão de uma condenação à morte.

Depois êle lhe perguntara se ela realmente não gostava absolutamente de andar de automóvel. — Quando você está guiando, não penso nisso. Mas eu nunca teria coragem de guiar. Ficaria sempre horrorizada, com mêdo de atropelar alguém...

Mas no dia seguinte êle subitamente voltara ao assunto. — Imagine, você nunca me ter contado que teve uma filhinha! — Mas havia muitas coisas que ela nunca lhe contara.

Êle contara-lhe uma infinidade de coisas a seu respeito. A história idiota de seu noivado, como êle o chamava. Fôra nos seus tempos de estudante em Oslo... uma moça que conhecera na pensão em que morava. Fôra logo depois das férias de verão, êle era, na casa, o único varão que não fôsse velho — e fôra tolo bastante para acreditar que ela gostava particularmente dêle, porque parecia estar caída por êle, deitava-lhe olhares tão ardentes quando estavam conversando juntos... e desdobrava-se em atenções. E assim tinham ficado noivos — ela não criara embaraços. Mas pouco a pouco, à medida que a moça começou a conhecer mais gente na cidade, e mais alguns homens vieram morar na pensão, bem, então êle levou um absurdo de tempo para compreender que ela não gostava nem mais nem menos dêle do que de qualquer outro cidadão toleravelmente passável. Ela queria flirtar com todos — com êle também só quisera um ligeiro flirte — fôra êle que compreen-

Digitalizado com CamScanner

dera mal a situação e não queria admitir isso, mas insistia em continuar o noivado a todo custo. — Oh sim, ela era uma excelente pessoa, casara-se alguns anos mais tarde, e no dizer de todo o mundo portara-se esplendidamente com o marido em circunstâncias extremamente difíceis. Sem dúvida era seu temperamento passar por uma fase de inconstância na idade em que êle a conhecera, e a tolice estava tôda do lado dêle. Mas isso magoara-o abominavelmente; êle estava apaixonado pela pequena, e naturalmente também por si mesmo, naquela idade...

Naturalmente podia ter havido outras coisas que Tryggve não lhe contara, mas Ida Elisabeth sabia que era por serem coisas que não significavam nada para êle em comparação com ela, coisas que não tinham penetrado no seu sangue. Mas as coisas que ela não podia contar a Tryggve eram de tal natureza, que tinham contribuído para formar o seu caráter e para determinar o rumo de sua vida.

A casa de pensão de Fru Brekke era um comprido e baixo edifício de tijolos vermelhos, de dois andares. Visto de fora, não era muito atraente. A rua em que estava situado era feia como a rua de qualquer cidadezinha pequena, com casas de madeira abandonadas, feias construções de tijolos, cêrcas de madeira sem pintura, e portões recurvados, todos desengonçados na encosta de um morro, onde a estrada estava cheia de buracos e poças d'água, com montes de cascalho aparecendo. Mas depois êles entraram num grande pátio, com bordas de brilhantes flôres estivais por tôda a parte ao longo das paredes, enquanto trepadeiras floridas subiam por algumas dependências arruinadas.

A irmã de Tryggve veio recebê-los na escada; cumprimentou Ida Elisabeth de um modo muito amável, mas com alguma reserva. Parecia-se com o irmão, tinha a mesma testa baixa, larga e lisa, com a bela e doce curva sôbre o arco das sobrancelhas, e seus olhos, por trás dos sólidos óculos de aço, eram límpidos e de um cinzento-azulado como os dêle. Seu cabelo curto era crespo, bastante grisalho, completamente branco nas têmporas, mas via-se que fôra castanho claro. Seu rosto era magro, de modo que as maçãs do rosto destacavam-se e as bochechas caíam flácidas, o queixo era estreito, como se ela tivesse perdido muitos dentes, dava à bôca delicada e de lábios finos um aspecto especialmente melancólico, porém resoluto. Mas era corpulenta, como é frequentemente o caso em mulheres cujo trabalho consiste em ficar de pé junto ao fogão

Digitalizado com CamScanner

da cozinha, e era alta, consideravelmente mais alta que o irmão, que não era pequeno. Ida Elisabeth achou seu aspecto muito simpático, embora esperasse que a outra sentisse uma simpatia imediata por ela.

Fru Brekke estava com a mesa do café preparada para êles, na sua saleta particular; era uma salinha muito agradável, negligentemente mobiliada com coisas desbotadas e usadas, velhos encostos de croché nas costas das cadeiras e novas almofadas de sofá bordadas, com tulipas e desenhos berrantes em côres vistosas — pareciam presentes e davam à sala um aspecto simples, apesar de sua extrema feiura. A janela estava aberta, mas apesar disso, Ida Elisabeth podia dizer, pela atmosfera da sala, que alguém dormia alí à noite. Talvez a própria Fru Brekke o tivesse notado, porque disse alguma coisa sôbre como fôra bom ter chovido — a poeira tinha estado tão horrível que quasi não podiam abrir uma janela.

Deram a Ida Elisabeth um lugar num velho sofá de bétula, estofado com uma florida pelúcia amarela desbotada e ela não pôde deixar de pensar como ficaria encantador o sofá se fôsse novamente estofado, com crina ou linho grosso; ela e Tryggve tinham conversado muito sôbre o mobiliário que comprariam. Mas mal se sentara, teve que levantar-se de novo para cumprimentar as quatro crianças que entravam.

As pequenas Marit e Signe eram extraordinariamente bonitas, de uma beleza verdadeiramente notável. E o meninozinho mais moço, Borger, o que era alguns meses mais novo que Carl — Ida Elisabeth sentiu uma dor no coração vendo que êle era bem mais alto que o filho, delgado e bem feito, com uma pele morena e rosada como uma maçã silvestre. Por um momento uma sombra, misto de doçura e dor passou-lhe pelo espírito — ela também teria algum dia em tôrno de si, filhos fortes e sadios como êsses, dela e de Tryggve, e os dois que ela tanto amara e pelos quais trabalhara tanto tempo ficariam na sombra?

Aquilo continuou a tormentá-la no íntimo, como um profundo desânimo, agora que via Tryggve com sua gente, sentia tão claramente que eram tipos diferentes. Era difícil dizer no que isso consistia: Ingvild e Tryggve também tinham sido arrancados do meio em que tinham crescido, do mesmo modo que ela. Tryggve também tinha tido que se arranjar sozinho desde cedo: o que êle devia ter herdado dos pais ficara na fazenda, e, quando Brekke quebrara, até isso perdera. A vida de Ingvild não fôra muito diversa da sua; ela também mantivera um

Digitalizado com CamScanner

lar para os filhos como se conserva uma trincheira, abrigada num quartinho atrás daqueles em que trabalhava e recebia os estranhos; ela também fôra obrigada a viver sua vida particular e sua vida com os filhos como que à margem da vida que tinha que levar afim de poder sustentá-los; Ingvild Brekke, também, tinha tido que tomar o lugar do homem, já que fizera uma escolha má e se ligara a alguém que não prestava. Mas, Senhor, como os achava diferentes!

Ela sentia essa disparidade como se fôsse uma coisa simplesmente física, até os ossos — todos seus ossos eram finos e compridos, seu crânio estreito com têmporas magras e cavas, e um maxilar inferior pequeno com um queixo fino, quasi retangular. Êsses Toksvolds tinham testas lutadoras, ombros que podiam suportar uma carga pesada, mas havia um não sei quê de angular em suas belas cabeças com espêsso cabelo ondulado, com brilhantes reflexos de ouro misturados com o castanho. Seus olhos cinzento azulados não eram duros, longe disso, mas mesmo quando estavam mais indulgentes evitavam ver o que não *queriam* ver, e havia traços de beatice em seus lábios finos e bem delineados. Havia um quê de obstinado na natureza dêles — ela também era bastante teimosa, mas isso não bastara para impedir que visse mais do que queria ver, quando teria preferido julgar cegamente e sem compreensão.

Mas, ao mesmo tempo, sentia dolorosamente o desejo de pertencer inteiramente a êle. Que êle pudesse possuí-la e ser um com ela — até então não se sentiria segura de tôdas as sombras que percebia estarem flutuando no espaço entre ambos. Uma expressão horrivelmente grosseira do pai lhe veio de repente à lembrança, mas era como se a vulgaridade já não estivesse presente; tudo o que significava agora era uma união tão íntima e firme que nem um sôpro que os dividisse, podia penetrar entre dois sêres humanos que não se *deviam* mais separar.

— Bem, suponho que você sabe que Kari está aqui? — perguntou Fru Brekke. Havia uma precaução extrema no modo em que o dissera.

— Não diga!...

— Sim, chegou ontem ao meio dia. Pouco depois de você ter telefonado. Acho que parte hoje pelo trem das seis horas. Para Oslo. Aceitou um lugar lá. De assistente.

— Não diga! — Tryggve tirou o cachimbo e ficou olhando para a irmã. Talvez ela vá como substituta? — disse circunspecto.

— Parece que pretende passar lá o inverno — respondeu Ingvild Brekke sem se comprometer.

— Isto é a coisa mais estranha que eu já ouví...

O casamento de Kari Presttangen devia ter sido em outubro; logo depois de meados do verão ela fôra para casa afim de providenciar sôbre o enxoval, etc., e passar sua clínica a outro dentista, desta vez um homem.

Toksvold pareceu refletir profunda e demoradamente:

— Bem, será que ela rompeu com Sigurd? — perguntou êle em voz baixa.

Ingvild Brekke lançou, por cima dos óculos, um rápido olhar à desconhecida. — E' o que parece, disse secamente à meia voz.

— Bem, nunca ouví coisa igual...

— E' possível que ela tenha visto que não gostava bastante dêle — disse Ingvild — como antes. E assim, sendo, talvez seja melhor.

— Nunca ouví coisa mais desagradável — repetiu o irmão.

— Bem, você vai vê-la no almôço.

Não pareceu que a idéia lhe despertasse entusiasmo.

As crianças vieram tropeçando nos degraus e precipitaram-se na sala — tinham desaparecido enquanto estavam tomando café e ninguém prestara muita atenção. Ofegantes gritaram todos a um tempo que Burman fugira. Estavam no depósito de lenha, vendo uma canoa que Borger estava construindo, e tinham amarrado o cachorro do lado de fora do alpendre, e então viera outro cachorro e Burman desvencilhara-se e escapulira com o outro cachorro, e depois Carl não conseguira mais pegá-lo.

Depois de um longo interrogatório, e depois de repreender severamente Carl, Borger e Signe, Tryggve Toksvold declarou que tinham que sair e ir ver se achavam o cachorro — êle podia ficar prêso em alguma coisa e se estrangular, correndo assim, puxando a correia. — E' melhor você também vir, Ida. E' mais provável que ele venha se você o chamar.

Fora do portão as crianças correram em direções diferentes. Carl estava chorando enquanto corria atrás de Borger, mas os dois Brekkes estavam evidentemente radiantes e muito ocupados.

Toksvold e Ida Elisabeth subiram uma rua após outra. Ela nunca vira uma cidade tão pouco atraente. Atravessaram enormes praças desertas, circundadas de casas baixas e feias. Os edifícios aquí tinham um curioso aspecto estropiado. — Passa-

Digitalizado com CamScanner

ram por largas ruas e mal cuidadas, com casas altas e baixas e cêrcas de madeira e muros de tijolo, tudo misturado, de forma que o alinhamento das casas parecia uma fileira de dentes estragados, e de repente, no fim de uma rua, descortinaram uma vista do lago Mjosa, cinza e verde na luz e na sombra, sob um agitado e claro céu de outono.

E, naturalmente, não era muito divertido vagar por aquí à procura de um cão fugitivo. Tryggve não pôde deixar de fazer algumas observações e não havia dúvida que Burman era tristemente desprovido de bons modos, e era pena, pois tratava-se de um espécime notabilíssimo de sua raça, e Ida Elisabeth já o lamentara mais de uma vez; ela sabia muito bem como o cachorro devia ter sido educado, mas como não tivera tempo de cuidar dêle e êle estava sempre nas mãos de dois garotinhos... E não viam sinal do tratante...

Porém ela sabia muito bem que não era aquilo. Aquilo era responsável pelo seu mau humor, e por não se terem nada a dizer um ao outro, além de censuras sôbre o cachorro e sugestões com o que lhe poderia ter acontecido.

E Carl ficaria desesperado, e Tryggve aborrecido, se tivessem que voltar à noite sem terem encontrado Burman.

E encontraram-no dobrando uma esquina, dando arrancos na correia, da qual Signe Brekke segurava a outra extremidade. Seu rosto estava corado e seus cachos caíam-lhe nos olhos — impetuosa e radiante ela contou-lhes tudo, ao juntar-se aos dois. Até que deu a correia a Ida Elisabeth, alisou o cabelo para trás e respirou profundamente: tinha que correr para encontrar os meninos.

Ida Elisabeth, atenta, viu-a partir. Tinha uns 12 anos, com pernas compridas e bem feitas, e havia um não sei que ao mesmo tempo encantador e possante na sua silhueta juvenil que ia aos saltos. E não havia motivo algum para um desânimo tão grande...

— Bom, quando chegar em casa você terá que lhe dar uma boa surra por tudo isto, disse Toksvold, referindo-se ao cachorro.

— Sim... Pobre bichinho, êle não tem nenhuma oportunidade de ficar à solta o verão inteiro. — Mas Burman costumava perseguir carneiros...

Já estavam à vista das paredes de tijolo vermelho da casa de pensão, quando Kari Presttangen veio a passos largos na direção dêles. Ida Elisabeth reconheceu-a imediatamente pelo

Digitalizado com CamScanner

andar, mas notou-lhe ao mesmo tempo uma mudança: tinha uma aparência muito melhor.

Estava mais delgada e menos desarticulada — num *tailleur* preto; havia agora certa elegância nessa moça alta, que lhe era peculiar, diferente da dos demais. Estava com um chapeuzinho de palha preta, com a aba levantada para cima na frente; para variar êle combinava com seus cabelos — algo como uma tiara negra por sôbre o seu rosto claro e vigorosamente talhado. Seu modo era sereno e calmo ao saudá-los, e depois tinham o cachorro como assunto de conversa.

Ingvild Brekke levou Ida Elisabeth a um quarto de hóspedes vazio: se ela quisesse se endireitar antes do almôço...

Ela desmanchou o cabelo, passou-lhe um pente, e ao fazer isso mirou-se ao espêlho. Tinha ficado novamente muito mais bonita, êste ano; era como se seu rosto tivesse despertado. Também o cabelo estava mais espêsso e parecia ter mais vitalidade; recuperara seu brilhante lustro prateado e suas longas ondas não pendiam mais tão moles. Ida Elisabeth sacudiu o cabelo, de modo que êle caíu em mechas aneladas emoldurando-lhe o rosto.

Nesse momento Kari Presttangen apareceu na porta, parou e murmurou uma desculpa — não tinha batido. Depois, chegou-se mais para perto, de sorte que Ida Elisabeth via seus olhos por trás do próprio rosto, no espêlho.

— A senhora sabe, Fru Braato, eu acho que lhe ficaria muito bem usar o cabelo meio-comprido, na forma que está tão em moda agora... Com seu pescoço comprido e bonito e tudo mais se a senhora o deixar solto nos ombros...

Era justamente o que estivera pensando. Ao começar a enrolar o cabelo num coque atrás, sorriu para a moça que estava atrás dela:

— Eu não posso usá-lo assim, a senhora sabe... atrapalharia tanto, quando tenho que ficar inclinada o dia inteiro, cortando e experimentando...

— Não. Mas... quando a senhora abandonar a costura! Então poderá dar mais atenção ao seu gôsto, e etc.!

Havia uma estranha expressão naqueles olhos atrás dela, no espêlho — uma espécie de surprêsa transparente. Mais uma vez Ida Elisabeth lembrou-se da égua passarinheira que tinham tido em Vallerviken.

— Não levaria uma vida ociosa, no entretanto, pode ter a certeza. Êsse estilo de penteado não serve para as pessoas que têm muito que fazer.

Digitalizado com CamScanner

— Não. Talvez a senhora tenha razão. — A outra virou-se e desapareceu do espêlho. Ida Elisabeth ouviu-a despejando água para lavar as mãos.

Acabou de pentear-se, mas involuntariamente, enquanto o fazia, fechou os olhos uma ou duas vêzes. Na realidade nunca o ignorara. Era Tryggve que Kari queria, já devia querê-lo havia tanto tempo... E Kari provavelmente vira como iam as coisas, talvez antes mesmo que êles o soubessem. Era por isso que aceitara o outro — como experiência — mas achara que no fim de contas não adiantava. O que ela sofrera durante êste verão mudara-a. E qualquer que fôsse o resultado, Ida Elisabeth sentia alguma coisa que a comovia. Kari não desejava mal a ninguém, mesmo vendo que tinha perdido. Era sem dúvida uma dessas pessoas que talvez não saibam muito bem lutar, são nervosas e apaixonadas de mais para isso, mas que sabem perder, porque nunca se permitem uma queixa.

— Eu também estive pensando nisso — disse Kari Presttangen do lavatório. Acho que mandarei cortar o cabelo, quando chegar a Oslo. E' tão pesado...

E Ida Elisabeth teve uma impressão de que essa estranha moça tinha alguma intenção secreta usando a dourada coroa de tranças, da qual agora queria se ver livre.

— Oh não, não faça isso, Froken Presttangen. Seria uma pena. — Mal tinha dito isso teve uma sensação aborrecida, como se suas palavras fôssem um preságio não sabia de que.

A atmosfera na mesa de almôço foi mais desanimada do que outra coisa, e não ficou mais animada quando voltaram para a sala particular. Tomaram café, e de repente Ida Elisabeth sentiu uma espécie de cardialgia espiritual — sempre que alguma coisa a transtornava, ela tinha que tomar café com alguém. Tryggve desapareceu na sala de visitas. — Havia lá algumas pessoas que êle conhecia. E ficou ausente até ser hora de levar Kari Presttangen de automóvel à estação. Ingvild também queria levar a prima à estação. Ida Elisabeth ficou sozinha com alguns exemplares gastos e amarrotados de semanários ilustrados. Percorreu-os com repugnância; lembravam-lhe salas de espera de médicos e dentistas.

Veio socorro quando Carl e Borger entraram vivamente; o pequeno Tryggve marchava atrás, completamente exhausto. Era estranho, mas parecia que os dois meninos da mesma idade se davam magnificamente bem juntos. Borger insinuou que teria muito gôsto em ir com êles — êle nunca passara da estrada.

— Se sua mãe der licença, propôs Ida Elisabeth, nós temos uma cama para você. Estou certo de que seu tio achará distraído levá-lo. E um menino crescido como você pode voltar para casa sozinho de trem.

A alegria de Borger teve um efeito animador sôbre todos, quando os outros voltaram da estação. Em breve seria hora de voltarem para casa, e o intervalo de espera foi principalmente ocupado em preparar Borger para a viagem, pois Ida Elisabeth sugeriu que êle poderia bem ficar durante a semana que lhe restava de férias. Tanto Tryggve como a irmã ficaram evidentemente contentes por ela convidar Borger.

O tempo parecia incerto ao partirem — estava muito nublado para o Norte — por isso Toksvold achou melhor levantar a capota imediatamente, apesar dos protestos dos meninos. Trouxeram Burman do alpendre, Ingvilde Brekke fez as últimas recomendações ao filho, e Ida Elisabeth agradeceu-lhe outra vez por sua hospitalidade. Depois partiram. Então estava acabado!

Os dois iam ao lado um do outro quasi sem trocar palavra, nem tinham andado mais de sete ou oito milhas quando encontraram os aguaceiros; a chuva escorregava pelo para-brisas e vinha em cima dêles. — Você já viu um tempo dêsses! Espero que não se resfrie, Ida...

— Não, mas eu me pergunto como êles estão se dando aí atrás. Fiquem bem cobertos meninos!

— Foi amável de sua parte pensar nisso... convidar Borger. Ingvild ficou muito satisfeita.

— Mas meu Deus você deve ver que será um prazer ficar com êle.

A chuva parou ao chegarem mais para perto do vale. O céu agora estava esplêndido com o sol poente, brilhando e chamejando com todos os tons de ouro, sob as nuvens despedaçadas, azul marinho e castanho côr de cinza. Depois do sol se pôr por trás das montanhas, elas viraram côr de cobre e côr de púrpura, e pedacinhos de nuvens flutuavam pelo céu que clareava, luzindo côr de rosa, até que se dissipavam na abóboda azul-esverdeada, onde as estrêlas estavam começando a palpitar. Ida Elisabeth ficou mirando o rio, enquanto êste refletia a magnificência vermelha do céu — mas o tempo ficara horrivelmente frio.

Os três meninos tinham escorregado a meio do assento, e dormiam amontoados, como uma ninhada de cachorrinhos, quando chegaram a Viker. Já estava bastante escuro — no seu

Digitalizado com CamScanner

jardinzinho as grandes moitas de *flox* estavam brilhantes e fragrantes no ar frio e ensopado de chuva. O céu agora estava límpido, só alguns farrapos atrasados de nuvens escuras flutuavam baixo no ar verde claro, acima da serra, quando Ida Elisabeth conduziu os meninos sonolentos e trânzidos de frio para dentro de casa.

Tinha muito de que se ocupar; havia o jantar das crianças, e teve que tirar lençóis limpos e fazer de novo a cama de Tryggve para o hóspede. O pequenino teria que dormir com ela no divã por essas noites; felizmente o divã era cômodo e largo.

Ela já tinha pôsto todos na cama e estava começando a se despir, quando o cachorro levantou-se e latiu. Houve uma pancada na janela — era Tryggve lá fora, no jardim. — Venha cá fora um pouquinho, pediu-lhe êle, quando ela abriu uma fresta. Mas vista bastante roupa; está um frio horrível.

Ida Elisabeth enrolou-se num grande chale de lã branca e saíu furtivamente pelo quarto dos meninos, pela cozinha, e através da portinha dos fundos para o jardim.

Seu amigo estava pronto para recebê-la quando ela pulou para evitar pisar nos degraus podres. E continuou a segurá-la fortemente num encantador e longo abraço.

O céu agora estava completamente escuro e brilhante de estrêlas — só no Norte uma pálida beira branca hesitava no horizonte. Estava frio e úmido sob as velhas macieiras.

— Cansada? — Êle beijou-a na bôca muitas vêzes. Mas quando a largou, foi como se êle quisesse esquecer alguma coisa, mas visse que não era possível.

— De certo não foi um grande êxito, disse em voz baixa. — Quero dizer, a nossa excursão.

— O-oh. — Ela parou para desprender a franja do chale que se agarrara numa moita. — Uma ou duas coisas aconteceram, fora do programa...

— O' Ida! — E tomou-a novamente nos braços, apertando-a de encontro ao peito. — Deus, como eu desejaria dormir esta noite com você! — sussurrou êle ao seu ouvido: — Você não gostaria também... — que eu pudesse ficar com você esta noite?

Com as mãos estendidas de encontro as suas espáduas, como se estivesse apalpando por baixo de suas roupas, ela apertou-se de encontro a êle, inclinando a cabeça no seu peito, afim de que Tryggve pudesse sentí-la no escuro. — Se eu fôsse uma mocinha, talvez dissesse que sim. Então poderia dizer-lhe como o desejava... quantas vêzes o tenho desejado...

Digitalizado com CamScanner

Uma das mãos dêle veio às apalpadelas sob o chale, e escorregou pela abertura do vestido, até repousar sôbre um de seus seios — fria e firme.

— Oh minha Ida!

Ela agarrou-se ainda mais estreitamente a êle, de sorte que a mão de Tryggve comprimiu-lhe, forte e ossuda, a carne macia. — Ah, não hás de sentir que meu peito não está mais firme e moço. Oh, prouvera a Deus que eu fôsse moça quando te encontrei!

— Eu te amo, murmurou ela com a cabeça apoiada nele. Precisas saber o quanto te amo, Tryggve.

Não se tem quatro filhos sem ficar marcada. Achas que não me atormentei, não estremeci por causa disto? Queria tanto ser bela por tua causa — moça, ardente e sem estar gasta. Não se passa por tudo o que eu passei sem ficar com as marcas. Oh, eu quisera esquecer tantas coisas que sei. Há tantas coisas em que eu teria gostado de acreditar — sôbre a vida e tudo o mais — mas não posso, é só fingimento. Há tanta coisa que a gente seria mais feliz não compreendendo.

— Diga-me se está com frio, murmurou êle. Quer entrar?

— Não, não. Eu gostaria de ficar mais um pouco... Oh, por que não te encontrei antes? Há quinze anos? Embora, mesmo então já fôsse tarde de mais. Tarde e cedo de mais. Pois então eu já deixara que Frithjof me corrompesse, e ainda não fizera nada que me desse a sensação de que me redimira. Pois a gente não consegue desembaraçar-se de uma coisa dessas senão quando sente que realizou a própria redenção. Pois agora, vês, agora, eu sei muito bem que terás utilidade para mim. Mas é fatigante uma viagem dessas, mergulhar profundamente nas cinzas e ressurgir. E agora, que enfim me consegues, sou uma mulher gasta — e és o único homem que me deveria ter possuído sempre...

— O resto não importa, não é, Ida? Não é nada comparado com o nosso amor um pelo outro?

— Não. Não. Não.

Porém ela sentia uma espécie de fúria — por que é que isso tinha que suceder comigo, quando tantas outras passam a sua adolescência em paz? Essas outras devem ter a mesma inquietação dentro de si, devem ficar rebeldes e impacientes por dilacerar tudo que se agita e ferve no seu íntimo, devem ansiar por descobrir o que há nas visões indistintas diante delas. Mas são vigiadas, e preservadas contra loucuras, e alguém vela para que elas não cedam à tentação e se arruínem. Até que crescem

Digitalizado com CamScanner

e a tempestade amaina — então são como que uma coisa nova, como uma praia resplandece fresca e nova na primeira manhã depois de ter passado o temporal. Não havia ninguém que tomasse conta de mim; ninguém que pudesse evitar Frithjof ou afastá-lo de mim.

Dama Nua, era o nome de uma flor, lembrou-se por acaso. Fôra Torwald Lander que lha mostrara, dizendo-lhe como se chamava — nunca se esquecera daquela flor, embora na ocasião fôsse somente uma criança, mas Torwald dissera aquilo com um sorriso tão vil... Era como um açafrão, de um azul muito claro, e erguia o cálice sôbre um simples caule branco, diretamente da terra negra — sem dúvida era a isso que devia o seu nome, pois não tinha fôlha alguma em volta. Era um lindo nome, e foi simplesmente bestial caçoar dêle.

Lentamente puseram-se a vagar por entre as macieiras, estreitamente apoiados um no outro.

— Você não deve pensar que eu não compreendo, disse êle docemente. Ainda estava com a mão sôbre seu seio, mas quieta agora, só as pontas dos dedos moviam-se em ligeiras carícias. — Que você não pode... Não quero que êles tenham motivo para tagarelices no hotel, por exemplo. Eu nunca lhe pedí para ficar até tarde no meu quarto, pedí, Ida? Embora fôsse um ótimo costume antigo em muitos lugares — êle deu uma risadinha — dos casais de noivos se unirem dêsse modo. Mas isso foi nos tempos em que era mais vergonhoso desmanchar um noivado do que é hoje tratar o lar e os filhos como meninos maus tratam um ninho de pêgas. De modo que naqueles dias um noivado era como uma lua de mel. Mês das carícias, como o chamam os suecos. Você compreende, não havia viagem de núpcias nem nada disso para a gente do campo. Terminados os esponsais, significava suportar o jugo para o resto da vida. Hoje não é hábito, mesmo no campo, para gente que se chama de gente, aguentar firme... Embora até eu me lembre do primeiro caso de um divórcio na minha paróquia. E tratava-se de um homem daqueles que os velhos do século passado diziam ter idéias largas. Mas macacos me mordam, se já estou tão velho para ser assim...

Tinham chegado ao muro no fundo do jardim. Diante dêles o campo fracamente iluminado fundia-se com a noite escura, que tragava tudo. Ao longe, do outro lado do vale, brilhava um ponto solitário de luz, tornando ainda mais profunda a escuridão, mas acima dêles todo o céu tremulava com grandes estrêlas, num enxame de poeira estrelada.

Digitalizado com CamScanner

— Aquêle caso de Kari — êle resmungou com algum ardor. Não gosto daquilo.

Instintivamente ela retirou a mão dêle do seu seio. Seu coração começou a bater, embora não houvesse pensamento algum definido em seu espírito.

— Em todo o caso ela não precisava tê-lo feito de tolo assim. Primeiro aceitando e depois recusando-o alguns meses mais tarde. Não compreendo que ela prefira esvoaçar dessa forma, irresoluta, em vez de casar-se e ajudar Sigurd a conservar Galby na família...

Ida Elisabeth não sabia o que dizer. Nem sabia se tinha adivinhado o que acontecia com Kari. E tinha uma estranha sensação de que Kari lhe contara alguma coisa, o que tornara uma traição discutir o caso com Tryggve.

— Quando foi resolvido que eu ia estudar direito, disse êle, meus dois irmãos estavam vivos e ninguém tinha a menor idéia do que aconteceria a Elling nem de que Lauris resolveria ir para a Austrália. Mas você sabe, se eu tivesse adivinhado que Torstein Brekke embrulharia tudo, eu teria tentado, em todo o caso, encontrar um acôrdo, para evitar que a fazenda saísse da família. Porque não é nada bom, que uma após outra, as fazendas que estiveram na mesma família durante tantas gerações, estejam constantemente mudando de donos.

Ida Elisabeth disse com hesitação:

— Mas se ela não gosta bastante dêsse homem... Deve haver ao menos uma espécie de simpatia, Tryggve, para que ela ache que vale a pena. Porque Galby, afinal, não é bem da família dela.

Naturalmente não espero que você compreenda. — Havia um som emproado na sua voz, que a fêz sorrir no escuro. — Eu não suponho que seja assim na sua região. (Que é que você sabe a respeito? — pensou ela, lembrando-se da única ocasião que estivera com o pai em Aanstad. Aquilo estava num estado imundo, e os velhos donos, primos de seu avô, tinham um estranho ar resignado, e um de cada geração tivera que ir procurar a fortuna fora da fazenda. Mas desde o princípio de seus anais, tinha sempre havido um da família que labutava para viver naquele pedaço de terra entre um absoluto precipício e o mar cinzento).

— Não é que eu imagine que os fazendeiros sejam *melhores* que os outros. Mas, seja como fôr, devia ser mais fácil para êles lembrarem-se de que tôdas as coisas de que depende a vida,

Digitalizado com Cam

precisam de tempo para brotar, crescer e amadurecer. Crianças e árvores, trigo e animais. Nesse terreno não vale a pena procurar apressar o passo. Pode-se fazer isso com produtos fabris. E êsses, quasi todos, são dispensáveis. Não estou dizendo que se esteja disposto a passar sem muitos dêles, eu também não quereria que se chegasse a tal ponto. Mas se fôssemos obrigados a prescindir dêles... Aquilo que leva tempo para chegar à maturidade é indispensável. O progresso, os arquivos, e outras coisas semelhantes, não se pode negar que tudo isso é divertido. Mas se tôdas as rodas que zunem e roncam pelo mundo ficassem paradas, nós ainda poderíamos prosseguir. Mas se as estações parassem no seu curso habitual, seria o fim!

Voltaram-se e estavam regressando vagarosamente para a casa. Das suas duas janelas da cozinha uma luz dourada caía na macieira mais próxima e se afogava na escuridão de sua folhagem.

— E aquêles que viveram numa velha fazenda desde o dia em que nasceram até o dia da morte, e foram colocados lá por outros que tinham vivido tôda a vida na fazenda antes dêles... Porque não é só o fato de uma fazenda, depois de ter sido posta à venda e mudado de mãos repetidas vêzes, ficar quasi sempre maltratada e com o valor reduzido. Mas numa família firmemente enraizada, todos os seus membros sabem, quer pensem nisso ou não, que já houve dias antes dêsses dias, e que os tempos muitas vêzes foram ruins, e os tempos bons sempre voltaram; mas não há bem que sempre dure e mal que nunca acabe.

— Você quer dizer que gostaria de ter ficado com Toksvold depois de seu irmão?

— Não vale a pena desejar isso agora. Você sabe o modo como eu fui educado — tinham gasto tanto na minha instrução que queriam juros pelo seu dinheiro empregado, eu sabia que era assim que meu pai raciocinava. E fui colocado com o velho Bjornstad, o irmão do marido de minha tia. E Ingvild teve o filho, Elling. Quando já era tarde de mais. Mas mesmo assim o que eu digo é isto: Kari é uma mulher, e eu acho que é loucura da parte dela, só por causa da instrução que tem, recusar, podendo, casar-se com um Galby... — se você tivesse visto a fazenda, compreenderia que *lá* há trabalho que requer, não só honra como responsabilidade. Para uma mulher que *quer* realizar alguma coisa neste mundo, eu, por minha parte, não posso imaginar nada de mais importante.

Digitalizado com CamScanner

— Talvez ela ache somente que não é a pessoa para preencher o lugar, disse Ida Elisabeth serenamente. Se ela não gosta bastante do homem...

— Gosta, gosta! — Êle segurou-a mais estreitamente de encontro a si, com o braço que estava em volta da cintura dela. — Não depende só disso, nem mesmo entre nós, Ida. Se não fôsse sabermos que nossos *desejos* são os mesmos em tudo o que tem importância. O fato de nos amarmos, é bom para *nós*, é a felicidade, mas é uma coisa rara, a espécie de felicidade que se recebe como um presente. Na verdade, o amor ardente pode também significar coisa muito diferente. Ingvild amava aquêle camarada além de todos os limites. Aliás, êle também estava apaixonado por ela, por algum tempo pelo menos. Não, se não se pode conseguir ambas as coisas, acho que é melhor para a maioria das pessoas casarem-se com uma pessoa em quem podem ter confiança, e cujas aspirações podem partilhar.

— Isso é pedir de mais de uma pessoa que ainda é moça como Kari. E também bonita. E' pedir-lhe que renuncie agora — em vez de esperar e ver se o futuro lhe trará... digamos... tudo quanto possa desejar. — Logo que ela acabou de dizer isto, teve uma vaga sensação de mêdo — por que será que eu disse isto, que quis eu dizer? — Oh não, estou com frio... acho que preciso entrar agora, Tryggve...

— Sim, minha pobre querida. Também já é tarde. — Deteve-se um momento. — Mas, que será do mundo — perguntou, e sua voz pareceu-lhe tão estranhamente confiante — se ninguém se importar com a felicidade pela qual tem que trabalhar, como se fôsse explorando uma mina? Bom, você e eu não devíamos estar falando assim agora. Mas você mesmo disse, Ida, foi muitas vêzes feliz, embora de forma diversa, todos êsses anos, quando tinha que fazer o possivel para que o dinheiro chegasse.

Ela puxou a cabeça dêle para junto da dela, uma testa de encontro à outra.

— Oh sim. Oh sim. Mas você precisa saber como, muitas vêzes, foi difícil! E a felicidade que se recebe como um presente, oh não, Tryggve, eu agora não poderia mais dizer a outra, que ela devia desistir de esperar por *isso*, e contentar-se com a felicidade que se pode extrair como um minério!

— Céus, como você está tremendo! Eu acho que foi egoismo da minha parte pedir-lhe que saisse, está tão frio hoje...

— Não, não. Eu gostei que você me pedisse, mas...

— Eu irei já...— Êle beijou-a muitas vêzes.

Ela pôs-lhe as mãos nos ombros:

— Você também não deve dizer isso, Tryggve. Que os outros devem se contentar de trabalhar por sua felicidade. Quando você e eu...

Êle riu indeciso, entre os beijos:

— Não. Talvez não. Minha Ida!

Êle ajudou-a a entrar pela portinha dos fundos; ela teve que subir em algumas pedras que tinham escorregado a meio dos alicerces. Não foi um bom dia, pensou ela, com um apêrto no coração, sozinha de pé na cozinha, trânsida de frio no ar chale úmido.

Carl e o hóspede estavam dormindo quando ela passou pelo quarto dos meninos. Deu-lhe uma sensação desproporcionada de alívio ver Borger deitado alí; como se o menino fôsse uma espécie de garantia de que seu mundo e o dela no fim se harmonizariam. Que bonito menino era Borger! Muito parecido com Tryggve...

Na saleta estava o *seu* pequeno Tryggve, atravessado no sofá, respirando tranquila e sadiamente. Estava com as faces ardentes e vermelhas depois do passeio de automóvel, o cabelo dourado encaracolado e em desalinho à luz da lamparina. Seria preciso ir longe para encontrar uma criança mais bonita. Mas êle *era* de uma espécie diferente — mais exuberante, mas sem firmeza natural. O hóspede, no quarto pegado, parecia, mesmo no sono, que andaria sempre direito na vida — tinha isso consigo. Seu filho, o que alí estava, teria que ser *ensinado*, ela não sabia bem o quê — a manter-se ereto, a não se arrastar nem se esgueirar por caminhos tortuosos, mesmo se fôsse obrigado a trabalhar contra a corrente.

No momento em que Ida Elisabeth se deitou ao lado do filho, êle enroscou-se de encontro a ela no sono, e depois encolheu-se, tépido, macio, resfolegando como um animalzinho aconchegando-se à mãe.

CAPÍTULO OITAVO

Tryggve Toksvold queria levar Ida Elisabeth numa excursão a Oslo. Ela não tinha estado lá desde que passara pela cidade no ano em que viera do Oeste.

— Você não quer me dizer que não vai a um teatro há seis anos?

— Não. — Ida Elisabeth riu. — Há muita gente, Tryggve, que quer viver assim.

— Mas mesmo assim, hoje em dia, quando a distância não é coisa que se leve em conta...

— Eu tinha outra aplicação para o meu dinheiro, homem, e também não podia deixar meus filhos, assim sem necessidade.

— Isso é quasi que ser bom de mais. A gente deve também poder pensar um *pouco* em si. — E assim êle resolveu — fariam uma viagem até lá no outono, e haviam de se divertir. Fariam também algumas compras. Já é tempo de você também fazer uma viagem de recreio.

Êle planejou tanto essa visita à cidade, que Ida Elisabeth ficava com um nó na garganta quando estava sozinha e se lembrava da expressão em seu rosto enquanto falava na excursão. Ela mal acreditava que aquí estivesse alguém que ansiava como uma criança, com um prazer absoluto, sem a mínima reserva, por dar-lhe uma temporada de primeira.

Era difícil para ela, colocada como estava, entre o namorado e os filhos. Tryggve gostava de crianças; dizia que gostava, e falava a verdade, ela bem o percebera durante a semana que Borger passara com êles. Fôra ao cinema com os meninos,

Digitalizado com CamScanner

levara-os para uma excursão nas montanhas — êles tinham partido num sábado, depois da hora do trabalho, e ficaram até à noite de domingo, fizeram uma fogueira, colheram framboezas e pescaram. Borger tinha trazido aparelhagem de pesca, de modo que Tryggve presenteara Carl com um anzol de pesca realmente bom e ia ensinar ao menino — tinha levado os dois garotos com êle algumas tardes a Vaadola. Oh, mas aquilo não ia com o temperamento de Carl. As coisas tinham corrido regularmente bem, durante a permanência de Borger; Carl estava entusiasmado com a nova aventura de ter um amigo da sua idade, visitando-o, e mostrava-se inclinado a adorar Borger. Mas não estava absolutamente disposto a deixar-se treinar por um adulto, que era amigo da mãe, em posição de mando. Ida Elisabeth aguardava com algum receio o inverno, quando Tryggve Toksvold realizaria a sua intenção de fazer de seus filhos sêres habituados ao ar livre.

O fato é que os meninos estavam dominados por um espírito de oposição àquele homem que seria seu padrasto — deviam ter compreendido isso, se ainda não tivessem ouvido alguém falar a respeito. E à medida que notava quanta coisa Tryggve deixava de compreender, Ida Elisabeth gradualmente percebia o quanto o tratamento que dera às crianças fôra guiado por uma compreensão inconciente. Carl gostava, por temperamento, de ficar em casa. Era verdade que estava pronto a ajudá-la no jardim ou dar recados para ela, ou levar o cachorro para uma volta, ou ficar pelas dependências de Viker. Mas quanto a sair simplesmente para se divertir ou para fazer exercício — nenhum poder na terra obrigaria Carl a tanto, e muito menos Tryggve Toksvold. Se Carl não tinha nada de definido que o obrigasse a sair, êle só queria ficar sentado desenhando e lendo, e zangava-se como um urso se não lhe permitiam.

E era impossível fazer o que quer que fôsse com o pequeno Buster, se o levassem demasiado a sério. Não valia a pena ficar séria e severa, quando êle vinha com suas fábulas — isso só conseguira amedrontá-lo, e então ficava perentório, e inventava uma enfiada de novas histórias e mentiras para sustentar suas primeiras histórias. Mas quando a mãe ria e fingia não ver que êle queria que lhe dessem crédito, quando, pelo contrário, êles concordavam que êle só estava contando uma mixórdia inventada de brincadeira, então o menino falava a verdade e contava-lhe a história o mais francamente possível, desde que fôsse importante que ela devesse levar a sério o que êle dizia. E era a mesma coisa com tudo o mais — que fôsse para êle to-

Digitalizado com CamScanner

mar parte num jôgo de cartas, ou apanhar framboezas e ervilhas para ela, ou jogar futebol com os meninos em Viker: quando êle queria fazer macaquices, o melhor a fazer era ignorá-lo, dizer que agora, nós, gente grande, vamos fazer isto ou aquilo, de modo que não nos podemos incomodar com um nenenzinho que só quer brincar. Mas Tryggve repreendia-o gravemente — um menino que quer ser homem não prega peças, não se gaba, não deve ser tão estonteado.

— Você sabe, Ida, disse êle gravemente, que meus desígnios quanto aos meninos não são tão diferentes dos seus. Quero que se tornem homens decentes. De modo que você e eu estamos de acôrdo quanto àquilo que queremos que êles respeitem. E creio que você tem confiança em mim, depois de eu lhe ter dado minha palavra que tratarei seus filhos, sob todos os pontos de vista, como se fôssem meus próprios filhos.

Era bem verdade. Mas a diferença tôda está nas crianças aprenderem uma coisa de uma mãe, de quem sabem, concientemente ou não, que tudo que ela faz, representa e vive tem o seu bem-estar e sua felicidade como objetivo final. Ou então aprenderem a mesma coisa de um desconhecido, que tem opiniões definidas de como devem ser educados, mesmo que as crianças compreendam de certo modo que êle lhes quer bem e pensa em seu bem, no meio de todos os seus outros pensamentos.

E não valeria a pena tratá-los como seus próprios filhos. Êle tratava Borger de um modo que lhe era natural em relação a qualquer menino de que gostasse, e todo o sêr de Borger, como que correspondia ao do homem. Tryggve gostava das crianças, mas só como gostava nas pessoas em geral; no caso de gente que êle estimava, compreendia ou respeitava, era o melhor dos amigos, firme e atencioso, prudente e delicado em auxiliá-los, feliz ao fazer sacrifícios. Sacrifícios, aliás, era uma palavra que êle detestava, e certamente não tinha a sensação de que estava se sacrificando, mesmo quando fazia o que os outros chamam grandes sacrifícios, afim de servir alguém com quem simpatizava. E não o fazia para que outros o vissem.

Talvez na realidade não haja tanta gente que goste de crianças sejam elas como forem. Ida Elisabeth sempre achara um tanto professoral, lembrando um pouco Borghild Braato, quando alguém pretendia ser assim. As crianças variam entre si do mesmo modo que os adultos, e aquêles que vêem como são na realidade as crianças talvez não possam gostar de tôdas elas, do mesmo modo que não podem gostar de tôda a humanidade. As pessoas corretas dão alguns descontos às crianças,

Digitalizado com CamScanner

porque são crianças — não podem se manter sozinhas, não podem se defender, e muitas vêzes não compreendem. Mas a menos que a gente se creia na obrigação de amar tôda a humanidade por alguma razão mística ou religiosa, na verdade não tem também motivo para amar tôdas as crianças; isto é, se realmente se sabe alguma coisa a respeito de crianças.

Tryggve Toksvold foi retido diversas vêzes, de modo que já era outubro antes dêle e Ida Elisabeth poderem partir para sua visita a Oslo. Mas estava um tempo brilhante de outono no dia em que partiram — brilhante e límpido sob um céu azul raiado de branco, as árvores ainda cheias de fôlhas vermelhas e amarelas, mas suas frondes tinham um aspecto ralo, e o oolo pálido de fôlhas caídas; folhinhas douradas de bétula juncavam o pasto verde, onde as vacas estavam pastando.

A irmã mais moça dêle morava em Oslo, casada com um jornalista chamado Mosgaard. Êste estava ligado a um jornal local da terra dêles, quando Anne Toksvold o conhecera. Agora editava um jornal mercantil e era redator de um diário, e a mulher colaborava de certo modo na página infantil de uma edição dominical. Não tinham filhos.

— Sempre gostei muito mais de Ingvild do que de Anne. Anne sempre soube tão bem obter o que queria... E papai mimava-a o mais que podia. Levávamos uma surra alí mesmo, Lauris e eu se fizéssemos a menor queixa de Anne.

Foram convidados a jantar lá, logo nos primeiros dias de sua chegada à cidade. Os Mosgaards moravam longe como quê, lá em Drammens-vei, além de Stabekk. Sua chácara ficava numa rua transversal — uma casinha côr de salmão em estilo moderno, no alto de um jardinzinho que vinha numa ladeira íngreme até à estrada e era todo disposto sôbre degraus de pedra, com grandes pedras quadradas, cheias de plantinhas nos interstícios. Não havia uma moita bastante alta para um gato que se respeitasse se esconder atrás.

Entretanto, Anne e Frits Mosgaard receberam-nos muito amavelmente. Ela tinha uma parecença com o irmão e a irmã, mas com seu cabelo lustroso e bem tratado cortado rente, suas sombrancelhas arrancadas e lábios pintados, adotara outro estilo. Tinha uma silhueta encantadoramente delgada e era *chic* da cabeça aos pés. De certo modo foi confortador para Ida Elisabeth encontrar uma da família que, ao que parecia, conseguira mudar de feitio. Porém ela *gostava* de Ingvild Brekke, com seu cabelo desmazelado, raiado de cinzento, seus óculos de aço e seu corpo de cozinheira — e sua atitude de polida ex-

Digitalizado com CamScanner

pectativa para com uma pessoa desconhecida com a qual o irmão provavelmente tencionava casar — mais do que essa moça encantadora e animada, que a recebera tão cordialmente e se propusera a tratá-la como irmã logo que o marido enchera os copos e os acolhera à mesa.

De certo modo também tinham uma casa confortável. Um canto da sala de jantar consistia só de janelas, e não havia janelas nas outras paredes. Havia cadeiras tão baixas que a pessoa quasi que tinha que se deitar nelas, mesinhas umas por dentro das outras, enormes vasos de flôres do formato de um globo contendo só uma flor, e dois encantadores *terriers* escoceses: Pena e Tinta, chamavam-se.

Os Mosgaards iam sair à noite, de modo que a visita não se prolongou. E estavam comprometidos tôda a semana seguinte, assim nada se pôde fazer para marcarem uma noite para sairem com Toksvold e Ida Elisabeth. Mas êles deviam dar a certeza de voltar no aniversário de Anne, dentro de uma semana, quando estavam esperando algumas pessoas para dansar.

— Foi um prazer vê-la, Ida, e conhecê-la. — Anne Mosgaard sacudiu-lhe vigorosamente a mão.

— Bem, você vai se encontrar com Kari, não? — disse ela ao irmão. — Então pode convidá-la em meu nome — você afinal vai convidar Matthisen, não, Frits. Podia convidá-la em meu nome para vir ao meu aniversário. Ainda não tive tempo de convidá-la a vir até aquí. Embora, sendo ela muito mais velha do que eu, realmente não ache necessário. Em todo caso, talvez seja melhor que eu mesma lhe telefone convidando-a — de outro modo é capaz de ficar ofendida... Você sabe onde ela mora? sim, naturalmente que sabe...

— Será agradável para Ingvild, não, quando vocês tiverem sua casa, então vocês poderão convidar os filhos uma da outra para passar as férias, arremedou Toksvold; êle levara Ida Elisabeth até o hotel depois de terem saído da casa dos Mosgaards. — Mas não é provável que ela algum dia convidasse as crianças. Anne nunca pensou em ninguém a não ser em si. — Agradável? — Oh, sim, isso é. Eu acho que seria pior para ela se não fôsse.

Êle atravessou o quarto e beijou-a.

— Acho que agora tenho que ir embora. Você vai mudar de roupa... Ponha aquêle seu vestido vermelho esta noite. Fica-lhe tão bem.

Era encantador e assentava-lhe bem, pensou Ida Elisabeth tirando o vestido que Tryggve chamava de vermelho — era côr

Digitalizado com CamScanner

de ameixa, mas mais para o vermelho, numa espécie de sêda artificial. Mas se êles fôssem à casa dos Mosgaards para o aniversário de Anne, ela tinha que se apresentar com um vestido verdadeiramente elegante. Não tinha a mínima intenção de parecer a prima da roça *naquela* casa.

Ida Elisabeth ficou persuadida, depois do acontecimento, de que tivera o primeiro augúrio do seu passado estar emboscado, pronto para saltar sôbre ela, no momento em que vira aquelas cadeiras.

Toksvold e ela deviam se encontrar do lado de fora do Café Teatro e fazer um almôço um pouco tardio; tinham estado comprometidos a manhã inteira. Êle estava andando para baixo e para cima quando ela chegou.

— Se você não estiver muito esfomeada, eu vi uma mobília, numa velha loja de antiguidades, de que com certeza gostará. Seis cadeiras barrôcas e duas cadeiras de braço, muito bonitas. Vamos dar uma volta e examiná-las antes de ir almoçar?

Não havia muitos passos dali à loja. Duas das cadeiras estavam expostas na vitrine. Ela teve a certeza de que eram aquelas, no momento em que viu o estofo — bordado a talagarça, predominando o verde e o vermelho, com traços de amarelo e roxo — papagaios e tulipas.

Corretíssimo, o caixeiro informou que provinham de uma casa de campo no Oeste. Vendidas por ordem dos testamenteiros. Pediu um preço puxado por elas, mas não chegava a ser absurdo.

Depois, enquanto estavam almoçando, ela contou a Tryggve qualquer coisa a respeito de Teie e do Dr. Sommervold.

— Mas então você não gostaria de ficar com essas cadeiras? — perguntou êle. Se você as quiser eu as compro.

— Não sei bem — disse ela, hesitante.

— E' um preço infernal, mas sem dúvida conseguiríamos um pequeno abatimento. E a gente só se casa uma vez...

Ela não achou que realmente as quisesse. Tinha um pressentimento de que talvez fôsse mau agouro.

No dia em que deviam ir à festa noturna de Anne Mosgaard, Ida Elisabeth passara uma tarde agradável.

Fôra cedo a uma das grandes lojas e apresentara-se — tinha sido freguesa dêles todos êsses anos. A chefe de um departamento e uma gerente encarregaram-se cordialmente dela e levaram-na à secção de encomendas e modelos. Três manequins de tipos diferentes foram destacados e exibiram-lhe vestidos arrebatadores, um depois do outro, e ela examinou-os

Digitalizado com CamScanner

de perto, entrou em detalhes de material, corte e sutilezas de gôsto e elegância e conversou sôbre o assunto, durante horas.

Depois retirou-se para uma das salas de prova, com Fru Wilde, a gerente, e espíritos serviçais esvoaçavam para cá e para lá, trazendo e levando, emquanto ela experimentava. Uma cinta — o preço para *ela* era quarenta coroas — transformou-lhe positivamente a silhueta fina e firme, com a pureza de linhas de uma mocinha, ela ficou de pé deixando que Fru Wilde lhe enfiasse um vestido após outro, cada qual mais bonito. Até que as duas prorromperam em demonstrações de entusiasmo — era um vestido de crepe Ranée verde-limão. Ela pensara que lhe ficaria apertado de mais, mas não, assentava tão bem, que não era preciso alterar um ponto; não imaginara que ficasse bem — no alto modêlo moreno tinha um aspecto maravilhoso — mas não fazia com que ela ficasse pálida, na verdade ia-lhe bem, brilhantemente. Era sem mangas, com um simples cinto de escamas douradas, a saia enfeitada com uma porção de estreitos *volants* de modo que caía ao redor como que numa leve profusão; acompanhava-o um encantador casaco de bridge — uma verdadeira visão! — e ela se virava e revirava-se entre os inúmeros espelhos da sala de provas. Parecia ontem que a mãe, ela e Connie tinham esquadrinhado as lojas mais elegantes e ocupado as auxiliares enchendo as salas de provas, enquanto passavam horas escolhendo e rejeitando entre os modelos mais belos e mais originais. Sem se importarem com o preço.

Mas Fru Wilde veio e deu-lhe o menor preço pelo verde-limão — era simplesmente de graça. Ela escolheu meias que combinassem — os sapatos, bem, teriam que ser dourados pálidos, seria impossível igualar a côr.

Ida Elisabeth não se cansava de olhar-se ao espêlho — parecia incrível que fôsse ela mesma. Ou *seria* essa a encantadora Ida Elisabeth Andst? e era — mas então era rememorar uma existência encantada, quando se lembrava de Fru Braato de Berfjor, de casaco de golfe e um comprido avental escuro, com o rosto amarelo e estirado, magra como um palito, exceto quando estava disforme e aguardando o parto — ou Fru Braato, a costureira, asseada mas modesta. Ela também deixara cair a pele, estava novamente jovem e encantadora, realmente encantadora — é assim que estou agora!

Tryggve Toksvold ia jantar com alguns clientes, de modo que ela foi comer alguma coisa num pequeno restaurante no centro da cidade; enquanto isso seu pensamento demorava-se deliciado nas compras que fizera. O colar que Tryggve lhe

Digitalizado com CamScanner

dera, de contas de âmbar polido, montado em filigrana de ouro antigo, iria magnificamente com o vestido. Ida Elisabeth no momento sentia-se perfeitamente feliz.

Do restaurante foi para o cabeleireiro. Vira que havia um perto da loja onde as cadeiras de Teie estavam à mostra.

Tinha lavado a cabeça e estava sentada bem embrulhada em toalhas brancas, diante de um espêlho, enquanto uma moça lhe secava o cabelo com o aparêlho elétrico de ar quente. Foi então que notou haver alguma coisa que lhe era familiar na moça que estava ondulando o cabelo da senhora na cadeira ao lado. Era — sim, na realidade era Jarngerd Braato, sua excunhada. Ida Elisabeth não a vira depois que crescera. Tinha mudado muito, com uma enorme cabeleira de fios dourados e ondulados em tôrno do rosto grande e grosseiro, no entanto, seus traços estavam embelezados com o risco escuro e fino das sobrancelhas, lábios vermelhos côr de lacre, etc. Mas não podia haver dúvida que era Jeja. Um momento depois a outra reconhecia-a; cumprimentaram-se de cabeça.

Acabou sendo Jeja a fazer seu cabelo.

— Francamente isto foi uma surprêsa! — ela fechou os ferros de frisar e fê-los tinir no pequeno fogareiro. — Imagine, você estar na cidade! Mas talvez venha frequentemente? Você está se dando tão bem onde está agora, eu ouví dizer...

— Então você veio para Oslo? Como vai, e como vão todos os seus em casa?

— Oh, não muito bem, como você pode imaginar. Bom, sabe que Herjulf voltou?

— Não, voltou mesmo? Não vê você, desde que o Dr. Sommervold morreu — nunca tenho notícias de lá. Olise Langeland e Fru Esbjornsen são as únicas que me escrevem agora, geralmente no Natal. Mas só me contam como vão as coisas em Berfjord. Eu nunca sei nada de Vallerviken.

— Ora, imagine, Lisken, sua loja já mudou de dono três vêzes, ninguém tem feito nada, desde o seu tempo...

— Os tempos também pioraram, depois disso, observou Ida Elisabeth.

— Sim, você bem pode dizer isso! Ora, imagine, agora papai e mamãe estão com Herjulf e Frithjof vivendo lá em casa, porque na América está tão ruim como aquí, de modo que Herjulf voltou o ano passado. Bom, Vikarr também está em casa, mas tem um emprêgo no cais — deixe-me dizer-lhe, mas Vikarr ficou mesmo trabalhador!

Digitalizado com CamScanner

Vikarr, Geirmund e Jarngerd — os três mais moços; era verdade, ela sempre tivera a impressão de que êles eram diferentes dos mais velhos, com mais energia, fôsse lá por que fôsse. — E Geirmund? — perguntou.

Jarngerd Braato olhou em volta antes de responder. Ida Elisabeth era agora a única freguesa no salão, e as três outras moças de aventais brancos tinham-se retirado para a sala contígua, provavelmente o salão do calista, e estavam lá ocupadas tagarelando.

— Ah, sim Geirmund. Êle tinha uma colocação em Aalesund, você sabe, e depois meteu-se numa encrenca. Não é horrível? Você pode estar certa de que mamãe e papai ficaram num tal estado com isso... Agora êle vai voltar para casa no Natal, e com franqueza não sei o que farão com êle. Também não há lugar para onde mandá-lo, em todos os lugares é a mesma coisa, e não restam muitos dos parentes, pelo menos não daqueles que possam nos ajudar. Não será agradável ficar com êle em casa, principalmente depois de uma coisa dessas!

Mas sua voz continuou no mesmo tom estudado, clara e animada, o que, mais do que qualquer outra coisa, fêz Ida Elisabeth pensar que Jarngerd devia ter-se desligado de Vettehaugen de uma vez por tôdas.

— Acho que você fêz muito bem de deixar seu cabelo crescer. Você sabe, Lisken, nunca achei que lhe ficasse bem usar o cabelo curto... cada fio de cabelo é tão macio e fino, que você nunca conseguia dar-lhe jeito algum, tinham aspecto mole e irregular — ela sacudiu sua imponente cabeleira. — Assim? experimentou, segurando o cabelo de Ida Elisabeth de encontro a seu rosto. — Ou talvez um pouco mais alto? — Apanhou novamente os ferros. Mais um pouquinho aquí, penso eu.

— E então agora você está divorciada de Frithjof... mamãe escreveu que você resolveu. Bom, quer saber? — eu estou com você nisso, pode ter certeza; o coitado do Fiffen foi sempre um peixe morto, e agora que também parece estar tuberculoso...

— Frithjof... está com alguma doença de peito?

— Bem, você sabe, êles não dizem que é isso... disseram que era bronquite e inflamação dos pulmões, e etc. e tal, mas é fácil adivinhar o que *isso* quer dizer. Naturalmente apanhou a infecção de Merete, ela ficou em casa até quasi a ocasião que morreu. De forma que eu arranjei para que Else, pelo menos, viesse com a filhinha, de modo que agora *nós* estamos moran-

Digitalizado com CamScanner

do juntas, mas você sabe, é tão difícil para Else arranjar o que fazer... ela nunca consegue um vintém do marido, e fica muita prêsa com Bojan. Mas posso dizer-lhe que a criança é engraçadinha. — Ih, eu gostaria que você pudesse vê-la. Chama-se Borghild. Papai insistiu nisso, mas nós a chamamos Bojan. Os velhos não admitem separar-se dela... única neta, etc., você sabe, mas eu achei que não servia... Frithjof não é muito cuidadoso, como você deve imaginar, eu ficava horrorizada em vê-lo acariciar a criança...

Mas pelo menos aquela estava disposta a fazer alguma coisa pelos outros. Os outros Braatos tinham ficado juntos apenas como uma ninhada de gatos: tinham-se aferrado aos pais e ao lar como gatinhos à cesta da mãe, e se ofereciam alguma coisa a um fora, todos os outros iam atrás. Mas quanto a ficarem juntos afim de se ajudarem e ampararem uns aos outros como uma família de adultos, ela nunca vira sinal de terem tido essa idéia.

Jarngerd levou-a até à saída por um corredor comprido e mal iluminado:

— Bem, foi um verdadeiro prazer vê-la de novo, Lisken, e conversar com você. Vai se demorar muito na cidade? Imagine se você pudesse vir ver-nos, quer dizer, não temos grande coisa... não que não seja bom o lugar em que moramos, é lá em Bryn, numa chácara, um sótão com alcova, mas é fácil conservá-lo arrumado, nós duas morando lá e uma criancinha, e quer saber? Else não tem muito jeito para isso. Mas eu gostaria que você visse Bojan. E seria interessante saber mais um pouco o que você tem feito...

— Se pudéssemos nos encontrar na cidade amanhã, disse Ida Elisabeth um tanto indecisa. Você poderia almoçar comigo. A que horas você almoça?

— Ih, isso seria ótimo. Você quer que eu diga a Else, para que ela também venha e traga Bojan... oh, eu lhe digo, ela é engraçadinha...

Ida Elisabeth estava apreensiva voltando ao hotel. Mas, ora, não podia ter muita importância ela ter convidado Jeja e Else para almoçar amanhã. E se houvesse a oportunidade de ajudar um pouco Jeja, de uma forma qualquer, ficaria contente, embora não significasse que ela fôsse ficar novamente muito metida com os Braatos. E como soubera tanta coisa dêles, depois dêsses anos todos, gostaria de saber um pouco mais... como iam realmente as coisas com o sogro, por exemplo. Pobre homem... e, naturalmente, pobre sogra também...

Digitalizado com CamScanner

Em todo caso Jeja gostava realmente da filha de Else. Aliás ela nem perguntara pelos sobrinhos, pensou Ida Elisabeth. Bem, mas em todo caso Jeja era capaz de pensar também nos outros.

Seu abatimento dissipou-se enquanto ela se vestia para a festa. Só agora o vestido aparecia em todo o seu esplendor, com os sapatos e as meias combinando, e com o cabelo preparada.

Foi uma ligeira desilusão que Tryggve não ficasse mais entusiasmado, quando veio buscá-la:

— Sim, você está de primeiríssima, naturalmente, e êle beijou-lhe os ombros nus, acariciou-os. Você está linda. E' só côr, parece-me estranha? Oh não, é possível que seja bonita. Mas eu já a vi com muitos vestidos que lhe assentavam melhor, na minha opinião. Aquêle vermelho que você tem usado, por exemplo...

Êle viu que ela não estava muito satisfeita, e então riu:

— Mas creio que isto seja a última palavra em elegância, não? E você pode contar que Anne o aprecie, e a intenção é realmente esta, não é?

A festa na casa dos Mosgaards foi até tarde; eram quasi seis horas quando ela se deitou. Portanto Ida Elisabeth dormira pouco e sentia que fumara e bebera muito mais do que estava habituada, quando teve que sair para se encontrar com Jeja e Else. Arrependia-se amargamente de tê-las convidado.

Quando Ida Elisabeth entrou no restaurante Jarngerd já estava sentada em um dos compartimentos. Estava sozinha.

— Bem, você sabe, eu afinal não disse nada a Else. Exceto que a encontrara e que você mandara lembranças. Sabe como é Else — um pouco estúpida, e não tem melhorado com os anos, coitada. Podemos conversar muito mais livremente sem ela. E Bojan é tão viva que às vêzes não nos deixa dar uma palavra...

Fizeram seus pedidos, e Jarngerd tagarelou enquanto comia:

— Isto é muito confortável, Lisken:

— Teie? ora, imagine, está vazia. Estão procurando vendê-la. Você sabe que nenhum dêles tem dinheiro bastante para mantê-la, nem o pessoal na Alemanha, nem os filhos de Tomás. Sommervold, afinal de contas *não deixou* tanto assim. E nós que julgávamos que êle fôsse prodigiosamente rico. Mas êle nunca soube muito bem conservar o dinheiro. Bastava que fôssem a Sommervold e explicassem que estavam realmente mal, e recebiam alguma coisa — a juros, a prestações, em troca de bar-

Digitalizado com CamScanner

cos, vacas, nem sei mais o que. Êle esbanjava a torto e a direito — é o que papai e mamãe sempre diziam.

E positivamente não era pequena a quantia que *êles* tinham recebido no decorrer dos anos. Mas gostavam tanto de criticar! Ida Elisabeth franziu ligeiramente as sobrancelhas — lembrou-se de sua fundamental antipatia pela raça de Vettehaugen.

— Você herdou bastante, não? — perguntou Jarngerd com curiosidade. Em todo caso foi o que disseram lá em casa.

— Carl herdou uma caderneta de banco com alguns milhares de coroas, disse Ida Elisabeth secamente. O doutor era padrinho dêle, você sabe.

— Carl, sim, aliás, como vai Kalleman? Já deve estar crescido agora? E além dêle você tem outro, que nasceu depois de você ter saído de Berfjord?

Ida Elisabeth deu-lhe informações sôbre os meninos o mais laconicamente possível. Ela fugira com êles, era verdade. Mas nem o pai nem a família dêle tinham jamais tentado disputar o seu direito único às crianças, coisa que lhe pareceu logo monstruosa.

— Ah! você sabe que não deu em nada aquêle negócio de Frithjof e da professora? Graças a Deus! Ela era horrível, posso fiançar-lhe, uma velha desagradável! Frithjof devia estar maluco para ter tido alguma coisa com ela.

— Eu calculei isso, respondeu Ida Elisabeth evasivamente. Já que êle não tomou providências para se divorciar, quando acabou o período da separação.

— E' uma criatura tão ingrata... depois de tudo o que tinhamos feito por ela. Ela veio para Vettehaugen, você compreende, porque precisava de repouso no campo, e então mamãe convidou-a, e ela ficou conosco quasi três meses e deixou que a tratassem e servissem. Depois voltou para sua colocação e escreveu desmanchando. Que é que você acha disso?

Muito sensato. E' o que era de esperar. Mas Ida Elisabeth não disse nada.

— E isso logo depois da volta de Merete. Pobre mamãe — mas você sabe, continua sempre crédula. Vê você, foi resolvido, quando ela deixou o sanatório, que iria para a casa dos pais de Frede — naturalmente êles supunham que, num lugar grande assim, era um verdadeiro castelo, e ela poderia se tratar e ficar curada, pois devia se cuidar e viver realmente bem durante algum tempo. Parece até que estou vendo! Em vez disso teve que servir na loja, e aquilo era *medonho* no inverno; ela

disse que quasi morreu gelada, era um clima horrível e a futura sogra era perversa e avarenta. Êles mandaram Frede para o Leste, um lugar perto de Lillehammer; aliás, êle também morreu. Mas quando a pobre Merete não podia mais trabalhar para êles, despacharam-na de volta para casa, e então era a morte certa. Pobre Merete, estava tão desesperada, queria tanto viver...

Ida Elisabeth mordeu os lábios. Era a repetição do Livro de Job. E sentiu a sua antiga ternura compadecida por essa gente; era tão fundamental como sua antipatia por êles, aquilo surgiu novamente nela, como uma maré enchente...

— Tudo isso deve ter sido muito cruel para os velhos, não? — perguntou ela tranquilamente.

— Pode estar certa. Embora de certo modo êles não estejam muito mudados. Parece que nem agora compreendem bem como é difícil conseguir alguma coisa para nós moços fazermos. Ficam sentados à espera que alguém venha e nos ofereça alguma coisa. Oh, sim, Lisken, Else também é assim, você sabe. Muitas vêzes não sei o que fazer... você pode imaginar como é, quando como agora, só temos para viver, nós três, o que eu ganho. Mas eu não acho que *possa* mandá-la para casa, quando já são tantos lá, e o pobre Vikarr é o único arrimo que êles têm... na idade dêle já tem muito pêso nas costas. E Bojan numa casa cheia de tuberculose, como está agora. Não tive coragem de ficar lá nem mais um dia...

E depois. Else não sabe fazer nada, você sabe. Nós anunciamos e respondemos anúncios às dúzias, para situações domésticas. E' a única coisa que ela sabe fazer. Se ao menos ela conseguisse alguma coisa onde não houvesse crianças, ou tomasse conta da casa de um senhor, onde pudesse ficar com a criança... Mas você sabe, colocações assim não crescem nas árvores.

Você não sabe de nada para ela, hein, Lisken, lá pelas suas bandas?

Ida Elisabeth abanou a cabeça:

— Na verdade conheço tão pouca gente lá. Meu trabalho me ocupa de manhã à noite, e depois tenho a casa e as crianças...

— Agora escute, Lisken. Minhas férias começam no próximo sábado. Eu ainda não tive férias de verão. Você não podia convidar Else e Bojan para passarem mais ou menos uma semana com você? então ela poderia procurar alguma coisa para fazer na vizinhança...

— Sinto muito, Jarngerd, não posso fazer isso. Não tenho nem tempo nem lugar para ter gente passando tempos comigo.

Jarngerd enrubeceu vagarosamente sob o pó de arroz, e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Para lhe dizer a verdade, Lisken, eu muitas vêzes fico desesperada por causa dela. Não sei o *que* fazer... eu *tenho* que me vestir decentemente, com o meu trabalho na cidade E Bojan, pelo menos, não deve passar fome, se pudermos evitá-lo. Ih, você não sabe como é difícil às vêzes. Já estou devendo dois meses de aluguel. Uh!

Você sabe, Else pode muito bem dormir num sofá, ou numa cama improvisada, junto com Bojan... não há dificuldade nisso. Uh, Lisken, eu realmente pensei, quando você apareceu tão inesperadamente, que tinha sido enviada do céu...

— Acho que seria melhor se você viesse, disse Ida Elisabeth com hesitação. Para suas férias. Você teria que se contentar com o que eu posso oferecer, naturalmente.

— Eu *não* posso fazer isso, você compreende, não é? ir-me embora e deixá-la lá com a criança, sem dinheiro, sem nada, e a gente da casa de gênio tão mau, e querendo se ver livre de nós. Oh não, terei que ficar. E para lhe dizer tôda a verdade, Lisken, você pode adivinhar, *eu* tenho amigos e conhecidos. Mas sempre que saio para me divertir um pouco, Else fica tão rabujenta... e não é conveniente levá-la, ninguém a acha agradável. Você nem faz idéia do favor que me faria se a recebesse só por quinze dias, para que eu ficasse livre, e ao menos uma vez pudesse me divertir.

Ida Elisabeth olhou gravemente para a outra:

— Sim, sim, Jarngerd. Eu compreendo. Mas...

Jarngerd sacudiu a cabeça, a um tempo rebelde e desanimada:

— Escute, Lisken... você deve compreender facilmente que se nós três tivéssemos que viver com o que eu ganho na *Irene*, em breve morreríamos de fome. Se eu não tivesse... bem... um conhecido, você sabe, que me ajuda um pouco... Mas você deve saber, êle pode bem se cansar por eu estar sempre tão prêsa. E' razoável que êle queira que nós nos encontremos livremente para nos divertirmos um pouco juntos. Se êle se cansar de mim e se afastar, eu na verdade não sei o que faça. E eu também gosto muito dêle, deixe que lhe diga.

Ida Elisabeth não sabia bem o que responder a essa revelação.

Jarngerd levantou os olhos, agitando a cabeça em ar de desafio:

— Bem, espero que você esteja virtuosamente escandalizada. Mas é como *são* as coisas, Lisken. Pode estar certo para pessoas como você — você é profundamente inteligente e forte. Ou para as moças que tenham muita instrução, ou têm influência, uma família importante, talento, ou jeito para alguma coisa. Mas você deve se lembrar de que há muito poucas assim. O resto de nós temos que nos contentar se os homens forem moderadamente decentes e bons. E êle é assim, o que... bom, e meu amigo, compreende? Você não sabe o que algumas moças têm que aguentar para viver. Ah, há muitos homens que dão um lugar a uma moça, simplesmente para terem alguém trabalhando barato de manhã à noite, e para servirem você sabe para que, quando êle sente vontade, e se ela reclama êle lhe diz que pode conseguir dez mulheres para tomarem seu lugar...

Não que isto tenha acontecido comigo, compreende, disse ela provocante. Mas eu conheço muitas. Mas agora você acha provavelmente que eu sou horrivelmente depravada?

Ida Elisabeth sacudiu a cabeça: — Mas acho que é triste, Jeja. Tudo que você esteve me contando. E eu gostaria — ela corou ao dizê-lo — de poder ajudá-la de uma forma qualquer, afim de que você não se metesse em dificuldades ainda maiores. Mas que pudesse... que pudesse... bem, em todo o caso, que não tivesse que... simplesmente para viver. Porque vê você, Jeja, essas coisas vão de mal a pior...

— Você não precisa tem mêdo *disso*. Eu não sou tão tola como você parece pensar. Não sou tão ignorante da natureza humana, você sabe, como por exemplo, Else e Merete. Conheço as pessoas com que tenho de lidar. E quanto a uma asneira igual à de Else, não serei eu que hei de ser assim tão desastrada. Bojan chega para nós. Oh, não, você não precisa se preocupar comigo, obrigada!

Um frio nauseante pareceu fechar os lábios de Ida Elisabeth. Ela pensou em Vettehaugen, na véspera de São João, nas velas de Natal. Depois disse em voz baixa: — Em todo o caso, vou ver se posso arranjar alguma coisa... para Else.

Deus sabe o que seu pai diria, Jeja... e sua mãe... se soubessem disto...

— Oh, êles! Vivem noutro século, coitados! Pode estar certa de que eu tomarei cuidado para que êles não saibam. Só Else é que foi bastante tola para *isso*. Até a pequena Merete tinha bas-

tante juízo para não dizer o que valia a pena que êles soubessem. Êles não têm a menor *idéia* do que é a gente de hoje em dia...

Desatou a rir, riu como uma criança:

— Você avalie, Lisken, êles ainda acompanham a procissão de 17 de maio todo o santo ano, êles dois com seus gorros de calouros!

Quando saíam do restaurante encontraram-se com dois homens que entravam. Êles e Jarngerd cumprimentaram-se radiantes. Ida Elisabeth instintivamente escutou com atenção; em todo o caso era um ligeiro alívio ver que Jeja não se dirigia a qualquer dos dois com familiaridade; de modo que não podia ser um dêles, porque tinham um aspecto tão asqueroso, rostos vulgares, insolentes olhos de porco. Jarngerd apresentou-os bem desnecessariamente. Ida Elisabeth não entendeu seus nomes.

— Minha cunhada, Fru Braato. Fôra apenas na noite passada que Anne, encantadora num elegante vestido de tafetá e filó vermelho, a apresentara como "minha cunhada, Fru Braato" a uma porção de gente moça alegre e encantadora. Em todo caso, nessa ocasião ela pensara que êles todos pareciam tão sadios, limpos e direitos. Tryggve ficava tão bem de *smoking* . Ela se divertira imensamente. Agora isso já parecia ter sido há tanto tempo.

No dia seguinte, êles partiram de automóvel novamente para o Norte.

Na noite anterior, quando estavam no teatro, êle perguntara logo no primeiro intervalo: — Você teve alguma coisa que a incomodasse hoje? E ela respondera: — Encontrei umas pessoas que já não via há muitos anos. E estão em muito más circunstâncias agora. E êle dissera: — Ah... há muita gente sofrendo privações hoje em dia...

Êle queria voltar para casa por outra estrada — ao longo de Harestuvand, subindo Hadeland e Cruz Alta e descendo para Gjovik. Já tinham chegado à serra de Gjeller: — Você está com frio, Ida? perguntou ansiosamente. — Oh, não.

Havia uma geada negra e o tempo estava magnífico para se viajar de automóvel. No leve nevoeiro branco as aldeias pareciam tão alegres, tôdas as côres estavam delicadas e brandas sob o imenso céu azul. Os lagos, pelos quais passavam, brilhavam com uma opaca luz prateada, e desapareciam do outro lado, onde a camada do nevoeiro e a floresta de pinheiros se fundiam numa massa cinzento-azulada. Êles seguiram através caminhos onde a neblina ficava de repente densa com o chei-

Digitalizado com CamScanner

ro de fumaça, até não se tornar senão uma fumaça crua e ácida, que feria a gargante e os olhos, depois de fogueiras vermelhas que estalavam num roçado. Agora só havia aquí e alí uma árvore solitária que conservava suas fôlhas vermelhas e amarelas queimadas e murchas pela geada; mas pequenos bosques e móitas surgiam com um bordado aberto de galhos e ramos nus, e nas florestas que atravessaram o solo estava cinzento com urzes geladas e charcos cobertos de geada. Passaram por campos onde os nabos tinham sido arrancados e empilhados em fileiras, e Tryggve aspirou o cheiro fresco e forte: — Você não gosta disso? E por falar no perfume da primavera, eu, afinal, acho que não se compara com os perfumes do outono. — Um rapaz que estava guiando uma carroça não conseguia que o cavalo passasse pelo automóvel. Por fim Tryggve teve que saltar e ajudar a puxá-lo. — Belo animal. E' estranho, alguns cavalos nunca se acostumam direito com os automóveis.

— *Há* alguma coisa, Ida? — disse êle interrogativamente.

— Em primeiro lugar, você sabe que eu não estou acostumada a saír e me divertir tôdas as noites. E fica-se horrivelmente cansada de andar em calçamento de pedra, quando se está acostumada a estradas da roça.

Êle riu um pouco. — E' só isso? Você não está com frio, está? Quer que eu apanhe minha capa de borracha? Você ficará mais quente se se cobrir com ela.

Ela bateu com os pés na estrada gelada para esquentá-los, enquanto êle remexia a bagagem na mala detrás do automóvel. Justamente aquí, onde tinham parado, havia uma bela vista; de um lado da estrada a floresta elevava-se a pique, mas do outro o solo descia em dobras, suavemente coberto de restolhos e verde de capim, até o vale, com um riozinho no fundo. O nevoeiro se espalhara tão longe que havia um brilho azul na lagoa de onde brotava o riacho, e as últimas folhagens amarelas nas colinas resplandeciam.

Tryggve ajudou-o a vestir o casaco e derramou alguma coisa de uma garrafa térmica. Era uma sopa forte e quente com gôsto de vinho da Madeira! — Eu tinha quasi me esquecido disto. E' bom, não?

— Oh, Tryggve, minha conciência fica verdadeiramente pesada, quando penso como estou bem agora. E depois as pessoas de que lhe falei ontem, que eu conhecia mesmo muito... estão tão necessitadas...

Digitalizado com CamScanner

— Não, pare com isto! Você labuta e se cansa como não fazem muitos hoje em dia... não ficaria direito se não tivesse uma pequena compensação às vêzes.

— Mas Tryggve, você mesmo critica Anne por não pensar nunca em fazer alguma coisa por Ingvild e os filhos.

— Isto é outro caso. Trata-se de uma irmã. E uma mulher tão trabalhadeira como Ingvild, com filhos tão inteligentes e promissores. Bom quanto a isto, não sei que tal são êsses seus amigos. Mas pensei que talvez... se fôssem da mesma espécie de Fru Tommeraas, por exemplo. Não vale a pena se incomodar com êsse tipo de gente. Ninguém pode fazer nada por êles, Ida, pois logo que se acham sós, todo o trabalho que você tiver tido para ajudá-los está perdido, como se nunca tivesse feito nada. Tudo que querem é ficar atolados na lama. Se alguém quiser dar-lhes a mão e tentar puxá-los, está certo, então acham que são interessantes. Mas a ter que fazer um esfôrço próprio, preferem afundar.

— Não é que êles não queiram, é que não podem...

— Tolice! — Êle tomou-a nos braços. — Então dê-me um beijo. Aquela sopa não a esquentou, Ida querida? Seu rosto está tão frio! Todo o mundo *pode* fazer *alguma coisa*, mas há tantos que não *querem*.

Seus beijos levaram calor e uma enternecedora sensação de felicidade através de todo o seu corpo. — E Frithjof está em casa com os velhos, tuberculoso, pensou ela. E eu estou aqui passeando de automóvel com meu namorado, que me ama e a quem amo.

Já estava bastante escuro ao se aproximarem de Gjovik. O clarão dos faróis voava na frente dêles na estrada, iluminando cêrcas e florestas de ambos os lados. Quando ela levantava os olhos, passava-se um momento ou dois antes que seus olhos ofuscados pudessem distinguir as copas escuras das árvores agitando-se de encontro ao céu cinzento escuro. Toksvold queria parar e jantar em Gjovik. — Do hotel você pode telefonar para casa e dizer que chegará um pouco atrasada.

Depois do jantar, enquanto tomavam café, ela contou-lhe:

— Fiz uma coisa que eu sei que você vai achar insensata. Convidei uma senhora para passar uma semana comigo... uma Fru Nilsen, pessoa que conheci muito, antigamente. Aliás é irmã de meu primeiro marido.

Toksvold levantou os olhos do cachimbo que estava enchendo; não disse nada.

Ela então contou-lhe a história, tudo o que soubera de Jarngerd, exceto o que se referia aos assuntos íntimos.

Êle ficou a observá-la enquanto ela falava. E, quando acabou, houve uma pausa antes dêle dizer alguma coisa.

— Bom, nós temos um ditado lá na minha terra, disse êle vagarosamente, que diz: — Quando a desgraça está às soltas, é prudente ficar em casa.

Com um estremecimento de dor Ida Elisabeth compreendeu que isso era uma maneira de pensar que ela não podia aceitar.

Ficaram sentados um ao lado do outro sem dizer palavra enquanto êle guiava na noite escura de outono. Depois êle disse:

— Você não podia escrever a essa senhora e dizer que, afinal, não lhe é possível recebê-la agora? Mandar-lhe em vez disso algum dinheiro, para que possa ir para outro lugar?

Ida Elisabeth ficou com o coração tão abatido, de ver que êle também pensara nisso... Dinheiro... Ela dera a Jeja alguma coisa para o aluguel, mas isso não chegaria para muito. Se ela pudesse arranjar alguma coisa para Else fazer, afim de que pelo menos Jeja não tivesse que fazer aquilo pelo dinheiro. Mas talvez não fizesse muita diferença — se Jeja se acostumara com aquela vida, não era fácil descobrir o que se poderia fazer para induzí-la a mudar de caminho. Se entrara para um meio onde prevalecia isso, estava, sem dúvida, tão pronta como o resto dos Braatos, a adotar a moralidade daqueles que a cercavam.

— Mesmo que não fôsse por outro motivo, acho que, por causa dos meninos, você não deveria hesitar — disse Tryggve Toksvold. — Você deseja que êles reatem relações com a família do pai?

Não, êle tinha razão. E ela fizera uma estupidez, convidando Else. Mas por outro lado, não mover um dedo, depois de ouvir a história delas, também não podia fazer isso.

Quando entraram no sombrio corredor, em Viker, a porta da cozinha abriu-se e a figurinha de Carl apareceu na luz.

— Mas, você ainda está de pé, meu querido?

— Não consegui que êle se deitasse, disse Ragnhild, uma de suas costureiras, que ficara lá enquanto ela estava fora. Êle queria ficar de pé para ver se a senhora vinha.

Mas a mãe vira... a indecisão e a incerteza do jeito do menino. Êle atirar-se em seus braços ou limitar-se a um beijo polido e a um "boa noite, mamãe", dependia de Toksvold entrar ou não com ela. Êle disse boa noite e saiu, logo depois de

Digitalizado com CamScanner

ter levado a bagagem para dentro. E ela e Carl tomaram o chá que Ragnhild lhe tinha preparado.

Depois do menino estar deitado, quando ela foi dar-lhe boa noite, êle atirou os braços em volta de seu percoço e segurou-a bem apertado. Afinal ela teve que se desprender docemente.

— Vamos, Carl. Agora estou de novo em casa. Agora você precisa deitar e dormir.

Porém ela própria não podia dormir. Quando fechava os olhos e tentava, só via a estrada correndo na direção dêle e deslizando sob o carro, e a variegada paisagem que passava.

Depois ficou novamente agitada, opressa por temores vagos, como pressentimentos de tôda a espécie de desgraças. Tryggve tinha razão, ela bem o sentia agora; não devia ter-se deixado enganar e se ter metido novamente com aquela gente. Especialmente quando sabia, muito melhor do que êle, como se apressavam em apanhar o braço quando se lhes oferecia o dedo. Mas agora que soubera em que estado estavam — e conhecendo-os como os conhecia: incapazes não só de cuidar de si mesmos, mas ainda de ter uma opinião. Ela ficava sem fôlego só de pensar — em que embrulhada estavam! — talvez fôsse preciso uma tropa inteira para tentar tirá-los de lá. De modo que, talvez ela pudesse ter-se poupado. Mas acontece que *não podia*.

E depois, quando ela pensava em Tryggve, vinha-lhe uma sensação de impaciência ou raiva, quasi desespêro. Embora soubesse como isso era horrível da sua parte, pois êle a amava, ansiava por possuí-la; e ela não era tola e vaidosa que fôsse duvidar dêle ou imaginar que, afinal não podia estar tão violentamente apaixonado, já que nunca perdera a cabeça com ela, nem procurava fazer com que ela perdesse a cabeça. Havia muitas cabeças ôcas que raciocinavam assim, e seria realmente patético, se fôssem bastante moças e ingênuas. Ela via e apreciava o ponto de vista dêle: — ela tinha dois filhos. Êle sentia, sem dúvida, que as crianças tinham ciúmes dêsse novo fator que entrara na vida da mãe, mas teriam que aguentar; nenhum filho tem o direito de exigir que uma mãe que foi abandonada passe o resto da vida no celibato. O que têm o direito de exigir é que o novo homem que entra proceda direito com êles. Cuide de seus verdadeiros interêsses da melhor maneira. Não se comporte de modo a dar-lhes o *direito* de odiá-lo. Mas os filhos têm o *direito* de odiar um homem que faz da mãe sua amante. Se não o odeiam, falta-lhe alguma coisa. Se os filhos descobrem circunstâncias atenuantes e justificativas

Digitalizado com CamScanner

nos amores irregulares da mãe, devem ser castrados mentais. Os filhos devem ter instintos e sustentá-los.

Tryggve arrastara-a tão incansavelmente por tôda Oslo, que ela quasi achava que aquilo fôra bom de mais. Quando êle não estava ocupado com negócios, o tempo fôra tomado com um programa de teatros, concertos, excursões, restaurantes onde se dansava. E ela sabia muito bem o que a maior parte dos homens teria pedido em troca. De modo que ela também tivera que esconder com que dolorosa violência desejara, tôdas as noites, que pudessem acabar o dia indo para casa em algum lugar e passando a noite juntos. Ela vira o seu ponto de vista quando êle dissera que era melhor não ficarem no mesmo hotel — naturalmente todos os vizinhos sabiam que êles tinham ido para Oslo juntos. Mas a gente não deve ligar ao que as pessoas pensam ou dizem, desde que não se lhes dê motivo.

Mas talvez o segrêdo mais oculto de todos fôsse que ela tinha mêdo. Não dêle. Nem de si mesma, no sentido de temer que êsse amor que ela experimentava agora passasse. Mas mêdo de que acontecesse alguma coisa, de que alguma coisa se atravessasse no caminho e fizesse entrar à fôrça essa corrente de paixão noutro canal, onde não encontrasse a saída pela qual aspirava, nos braços de Tryggve. Que algum poder ou outro, que ela de repente parecia sentir fora de si mesma, pudesse apoderar-se à fôrça de sua nova plenitude de espírito e usá-la para fins desconhecidos, que não eram *seus* fins. *Disso* ela tinha mêdo. E era por isso que se desesperava — porque agora, enquanto jazia deitada no escuro, aquilo de repente assumiu a forma de *desespêro* — dêle não ter pôsto tôdas considerações de lado, já que ela achava impossível sentir-se segura na sua felicidade até ter passado a noite em que ela e Tryggve tivessem dormido nos braços um do outro. Depois disso nada mais poderia separá-los. Embora ela soubesse muito bem que isso era somente imaginação, compreendia muito bem que muitas coisas podem sobrevir entre um homem e uma mulher tanto depois como antes.

Mas não cessava de desejá-lo ardentemente. Ela que sabia o que é ter um homem, mas que nunca tivera um homem que amasse. Ela que sabia que o amor está longe de ser invulnerável e indestrutível, pode ser perdido por fatores externos ou nós mesmos podemos arruiná-lo, mas justamente por essa razão lutaria para defender e preservar o seu amor, e justamente por êsse motivo, queria abandonar-se a êle de corpo e alma, dese-

Digitalizado com CamScanner

java tão ardentemente, como mulher nenhuma sem a sua amarga experiência poderia fazer.

Ida Elisabeth abriu os braços no escuro: — Tryggve, murmurou. Tryggve — chamou um pouco mais alto. Tryggve.

Houve um movimento no quarto dos meninos.

— Você me chamou, mamãe — a vozinha perguntou cautelosamente, como que com mêdo da noite.

Ida Elisabeth esperou um momento antes de responder:

— Eu só queria saber se você estava acordado. Achei que você estava tão agitado.

— Meus dedos do pé estão comichando tanto, tanto, mamãe, disse êle choramingando.

— Oh, tolice! — replicou ela depois de um minuto. — E' só alguma invenção sua, Tryggve.

— Não, mamãe! Dói muito — agora havia quasi lágrimas em sua voz, e ela podia ouví-lo coçando ou esfregando, a ponto de sacudir a cama. — Você não pode me pôr alguma coisa, mamãe?

Ida Elisabeth levantou-se do divã e foi para o quarto dos meninos. — Fique quieto e não acorde Carl. Acendeu a luz. O garoto pulou como uma mola; seu rosto brilhava de interêsse ao estender um pezinho para ser examinado.

Era realmente verdade — seu dedos do pé estavam inflamados, com manchas brilhantes, vermelhas como framboezas. — Êle tinha ficado com êles seriamente gelados no inverno passado — oh — será que teriam novamente a mesma moléstia êste ano?

— Psiu, psiu — murmurou ela, procurando no armarinho de remédios. Encontrou um pedaço de sebo, gaze e talco. — Você precisa vir para o meu quarto, meu bem — e apagou a luz.

Enquanto esquentava o sebo numa colher de prata sôbre a vela acesa na escrivaninha, Tryggve estava sentado na cadeira de balanço torcendo-se e retorcendo-se de prazer por todo o trabalho que estava dando, e em parte porque estava com frio. Seus olhos brilhavam à luz da vela.

— Mas que é que você tem calçado ultimamente?

— Alpercatas, naturalmente. E estão tão rasgadas, mamãe. E por isso Ragnhild disse que eu devia pôr minhas botas de *ski*, porém elas ficaram apertadas de mais para mim, de modo que não consegui calçá-las.

Com uma dor na conciência ela pensou no filho andando de sandálias esfarrapadas e ficando com os pés gelados, enquanto ela gastava quarenta coroas numa cinta e comprando um

vestido de baile e sapatos dourados... Embora tudo isso fôsse tolice, como ela sabia muito bem, somente devia ter-se lembrado, antes de partir, de ver se o menino podia usar as botas do ano anterior.

Os dedos tinham sido bem cobertos de sebo, amarrados com gaze, e um par de meias limpas fôra pôsto por cima de tudo:

— Pronto! agora vá de novo correndo para a cama! — Ela deu-lhe um beijo para terminar a cerimônia.

— Mamãe, não posso dormir com você esta noite, porque estou tão mal?

— Muito bem. Venha então...

Soprou a vela, apanhou o menino e carregou-o para o sofá. No momento que se deitou ao lado dêle, o menino encolheu-se; com a parte de cima da cabeça metida debaixo do seu braço, e os joelhos no seu estômago, êle deu um suspirozinho de satisfação e adormeceu imediatamente.

Ida Elisabeth suspirou. Agora talvez conseguisse dormir também. Passou-lhe pela cabeça a idéia de que uma mãe já abandonou os filhos, quando está apaixonada por um homem, mesmo se dorme com êles em seus braços.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO NONO

A visita de Else foi um verdadeiro suplício. E Bojan era o mais intolerável espécime de criança que Ida Elisabeth já tinha encontrado. Pobrezinha, talvez não estivesse em si evitá-lo, mas como são impossíveis as crianças quando não sabem que devem prestar atenção quando se lhes diz alguma coisa, e se agitam da manhã à noite.

Ida Elisabeth tivera licença de arrumar um dos quartos vazios do outro lado do corredor, e Fru Viker lhe emprestara uma cama do hotel. Depois de o ter arejado bem, pôsto cortinas e acendido a lareira, estava bem confortável.

Ela não teria reconhecido Else se a tivesse encontrado por acaso na rua, embora não tivesse mudado muito, se fôsse examinada traço por traço. Suas feições estavam mais grosseiras e carnudas, mas o que mais impressionava era que a beleza juvenil que Else tivera antigamente desaparecera, como desaparece o desenho da louça barata à fôrça de ser lavada. Seu cabelo agora estava sem brilho e escasso, sua pele de um vermelho sombrio, e seus lábios, que tinham sido sempre pálidos, não tinham agora nem suavidade nem mocidade. Ela se desmoronava quando se sentava e não tinha distinção no andar — seu talhe fazia pensar num elástico já gasto.

Era um esfôrço arranjar assunto para conversar com ela. Ida Elisabeth ficava ocupada na sua sala de costura e punha-se um tanto nervosa sabendo que enquanto isto a outra ficava sentada tristemente no sofá. Ida Elisabeth fornecera-lhe agulhas de tricô e lãs; ela estava fazendo um *sweater* para Bo-

Digitalizado com CamScanner

jan, mas o trabalho quasi não progredia; só que a lã cinzento-azulado ficava cada vez mais cinzenta. Ninguém conseguia convencer Else a ir passear, ela só lia o jornal e ficava o tempo todo sentada, virando as páginas de velhos figurinos ou na janela.

Quando as crianças já estavam na cama, Ida Elisabeth tomava algum trabalho de agulha e procurava distrair Else, até que achava que podia, sem faltar ao decôro, sugerir que na roça tinham por hábito deitar cedo. Else mostrava algum interêsse em suas freguesas — queria saber quem era esta ou aquela senhora, e se tinha recursos ou não. Também demonstrou desejo de ver o conhecido sanatório para tuberculosos, de modo que fizeram um passeio até lá no primeiro domingo, depois da sua chegada. A não ser isto, só havia um assunto que entusiasmasse Else: Jeja. Ida Elisabeth ficou bastante escandalizada com o modo pelo qual Else se referia à irmã. Tinha amargura e inveja por ver que Jeja ganhava dinheiro e tinha amigos, de ambos os sexos, e saía *frequentemente* para se divertir, mas não fazia nada para que a convidassem. — Ela acha que eu posso ficar mofando em casa.

— Bem, Else, mas o que *seria* de você se não tivesse Jarngerd?

— Ora! Então eu não poderia arranjar uma colocação? Se não tivesse que ficar com Bojan o tempo todo... Mamãe e papai teriam prazer em receber Bojan de volta. E' Jeja que absolutamente insiste para que Bojan fique conosco. Ela bem que toma cuidado para não arranjar um filho. Mas é a única que tem direito a mandar em Bojan, como se ninguém mais compreendesse o que é bom para a criança...

Mas havia a esperança de que Ida Elisabeth talvez encontrasse uma solução, já que não era a própria Else que insistia para ficar com a criança se arranjasse um emprêgo. Ida Elisabeth telefonou para Marte Bo e marcou um encontro com ela no Hotel Bhorkheim.

A velha parteira prometeu imediatamente fazer o possível para colocar Fru Nilsen; Marte estava sempre ardendo de entusiasmo, quando tinha a oportunidade de aplainar as dificuldades dos outros. Tinha dois ou três lugares em vista. Amanhã falaria com Tveito, o mestre-escola — sua caseira ia se casar no mês corrente. Tveito era um viúvo com seis filhos: era um lar tão cristão... Tinham duas vacas, porcos, e galinhas, mas era provável que Else entendesse de coisas da roça,

Digitalizado com CamScanner

devido à sua vida em Vettehaugen, e os filhos mais velhos de Tveito eram tão prestáveis...

Aliás, não era certo que Else ficasse radiante de se ver atirada no meio da família do mestre-escola, nos confins do mundo. Mas certamente não se oporia a isso. Era verdade que ela não contara muito de sua vida, e Ida Elisabeth não gostava de perguntar. Tinha só uma vaga idéia de quem e do que era Hertvig Nilsen, mas pelo que Else dissera de passagem, Ida Elisabeth calculava que fôra a tia Gitta, a velha Fru von Post, que tomara a iniciativa de casá-la com êle, sob a condição de que se separariam novamente logo que a criança nascesse. Era provável que Else nunca tivesse vivido com o marido; naquela ocasião êle estava em casa com os pais, e agora tinha "ido embora". Else não sabia o que tinha sido dêle. Tia Gitta mandara-a com a criança para Vettehaugen logo que ela saíra da maternidade, "para evitar que ela fizesse mais loucuras" e ela ficara em Vettehaugen até que Jeja a obrigara a mudar-se. Talvez fôsse possível fazê-la ver que, se aceitasse uma colocação tinha que se modificar — Marte Bo prometera ir vê-la de vez em quando — e Ida Elisabeth teria que arranjar alguma roupa para ela e para a criança. Então, Jeja pelo menos, ficaria livre por algum tempo de ter que sustentar outros além de si mesma. Else, aliás, já estava com um aspecto menos lerdo e negligente — talvez entre outras coisas, necessitasse de refeições certas — e Bojan já não estava tão pálida e magra e de um desassossêgo fora do comum.

Tryggve Toksvold veio tomar café com elas enquanto as duas tomavam as suas deliberações. Tinham concordado que êle não iria visitar Ida Elisabeth enquanto a Else estivesse lá. De forma que em um período de dez dias, ela só o vira um momento em algumas ocasiões, quando estava fazendo compras, e passara pelo seu escritório, ou o visitara no hotel.

Êle sentou-se no braço da sua cadeira, acariciando-lhe a nuca com os dedos, enquanto caçoava das complicações dessas senhoras e das aflições de Ida Elisabeth: — Devo dizer que você arranjou um trabalho difícil, Ida!

— E' muita bondade de Ida fazer isso, replicou Marte Bo. Ida é boa de mais, é o que é.

— Justamente! Ida é boa *de mais*. Assim mesmo, voltando ao assunto, deixem que eu lhes diga que vocês são umas mulheres um tanto sem escrúpulos. Não pensam no pobre Tveito. Pois a tal Fru Nilsen parece que não vale nada. Imaginem se êle tem a desgraça de ficar caído por ela.

Digitalizado com CamScanner

— Oh, não, *êle* não fará nada disso! — Marte ficou ofendida. — E' um homem tão bom e direito... um sincero crente...

Toksvold limitou-se a rir maliciosamente.

Êle tinha uma certa razão, pensou Ida Elisabeth voltando para casa. Pela primeira vez sentiu-se inclinada a seguir o velho adágio que aconselha que a gente só cuida de si. Ué, se ao menos Else não percebesse que ela tinha bebido licor — ela estava surpreendida e azeda porque Ida Elisabeth "não conhecia ninguém". Tinham sido convidadas para o café em Viker e na casa dos Hansens, e Ida Elisabeth convidara Fru Viker e Fru e Froken Hansen uma noite; mais nada.

Depois viera um célebre domingo de manhã, Ida Elisabeth estava na cozinha limpando um galo do mato que Tryggve lhe mandara. As três crianças estavam agarradas em tôrno dela, olhando. Foi então que entrou Fru Viker, muito transtornada: deu a entender que tinha alguma coisa a dizer, que não podia ser ouvida pelas crianças.

Ida Elisabeth olhou por acaso para Carl — êle estava com o rosto em brasa, com uma expressão das mais estranhas — vergonha e indignação ao mesmo tempo, enquanto se retirava.

A pobre Fru Viker estava vexada e infeliz. Era tão embaraçoso, Ida precisava desculpá-la, mas ela achava horrível os filhos estarem ouvindo essas coisas, de modo que só contaria a Ida: fôra aquela meninazinha de Oslo que contara uma coisa a Anders e Joda, e Joda era tão pequenina que achara muito natural repetí-lo à mãe. Bom, o caso fôra que Bojan lhes contara a histria de um homem que lhe dera cincoenta *bres* para que ela entrasse com êle num alpendre, e depois se portara de um modo feio — bom, ela descrevera exatamente o que êle fizera, de tal maneira que os cabelos de Fru Viker se arrepiaram ao ouvir Joda contar.

Ida Elisabeth ouviu o que a outra dizia com um calafrio pelo corpo todo. No seu furor louco contra o desconhecido que abusara da criança, ela apertou as mãos até a unha perfurar a carne. Mas apesar de seu coração palpitar loucamente e fazer com que o sangue fervesse em seus ouvidos, ela compreendeu o que Fru Viker queria dizer: não queria mais que Bojan fôsse brincar com as filhas.

Ficando só, Ida Elisabeth sentou-se na cadeira da cozinha e chorou. E a parecença que ela não podia deixar de ver, entre Bojan e Solvi... que não passava de uma caricatura, aumentara a sua antipatia pela criança. Bojan não tinha atrativos; suas macaquices, de tão exageradas, chegavam a ser anormais; es-

Digitalizado com CamScanner

tava sempre zangada, e gritava de modo verdadeiramente mórbido se suas vontades não eram imediatamente feitas. Ida Elisabeth sentia-se agora tão chocada com a parecença, que tinha a impressão de que fôra Solvi que tinha sido maltratada. Essa criança doentia e sem encantos, era sua filhinha transformada pela ruína e destruição da perversidade. Oh, pobrezinha, pobrezinha, que vamos fazer com você?

Ouviu as crianças do lado de fora — olhou pela janela, enquanto enxugava os olhos repetidamente com o avental, sem se lembrar que êle estava sujo de sangue. As crianças estavam correndo pelo campo com o trenó; não havia neve, só geada e gêlo, mas êles conseguiam deslizar. Ela calculava que fôra Carl que levara os outros para fora, pois no momento não queria estar sob as suas vistas. — Bojan devia ter contado a mesma história aos meninos, e isso explicava seus modos acanhados para com a priminha. Ela se lembrava desde criança que havia o código de honra de nunca contar essas coisas aos mais velhos — que tinham tido mêdo de homens horrorosos, que lhes tinham falado a caminho da escola, convidando-os a ir passear com êles; e que suas companheiras de escola contavam umas às outras em sussurros o que acontecia às que não conseguiam livrar-se a tempo do homem. Sem dúvida, Bojan era pequenina de mais para sentir que não devia falar a respeito, ou então estava desmoralizada de mais.

Mas ao mesmo tempo que sentiu uma cruel repugnância, ao pensar que os filhos tinham escutado essas coisas, lembrou-se que já estava quasi combinado que Else fôsse para a casa de Tveito, mas agora ela não podia assumir a responsabilidade de pôr Bojan no meio dos filhos de Tveito. Tinha visto dois ou três, quando estava fazendo uma capa de confirmação para a mais velha — naturalmente êles sabiam o que sabem tôdas as crianças da roça, mas tinham uma aparência verdadairamente inocente.

Ainda estava chorando quando Else entrou na cozinha:

— Mas meu Deus, Lisken, que é que há?

Ida Elisabeth tentou dominar o tremor e as lágrimas. Mas tinha obrigação de falar com Else sôbre o caso. Talvez se pudesse mandar Bojan para um lugar em que ela não tivesse oportunidade alguma de falar sôbre o assunto, talvez que ela o esquecesse. Mas para onde?

— Foi Fru Viker que esteve aquí ainda há pouco. Ela me contou uma coisa que Bojan andou contando. Oh, Else, Else, é horrível de mais...

— Mas, oh! — disse Else alarmada — aconteceu alguma coisa a Bojan?

— Não, não. É... você sabe o que?... ela andou contando...

Mas Else não sabia. Ida Elisabeth foi obrigada a explicar mais claramente. Else encarou-a surpreendida — depois soltou o seu risinho tolo:

— Oh, isso! Mas, você sabe, não é verdade. Tudo isso é resultado do que aconteceu no outono passado lá perto de onde moramos. Ah, sim, não é horrível? Mas você compreende, tôdas as crianças das redondezas ficaram horrivelmente impressionadas com o caso, de modo que eu acho que muitas delas devem ter contado a história, para se tornarem interessantes. E Bojan, coitadinha, tem uma imaginação tão viva... você sabe, ela não compreende que é mal feito ir contar essas coisas...

Mesmo assim ainda era ruim, embora não tivesse acontecido o pior. Mas agora ela compreendia que Tryggve tinha tido razão: era realmente uma falta de escrúpulos da parte dela tentar introduzir Else e a filha na casa de Tveito.

Telefonou para Toksvold: — Você tem tempo esta tarde? Pode me dar algumas horas? Eu tenho que ir até Bo conversar com Marte. Você é amável! Bom, se você me encontrar na encruzilhada com o automóvel...

Toksvold estava tão radiante dêles poderem passar uma ou duas horas juntos, que só de vê-lo ela sentiu-se feliz. Êle deu gargalhadas quando ela lhe contou suas aflições, mas ficando mais inteirado do assunto, tornou-se grave:

— Você está vendo... Aí você nada pode fazer. Dê-lhe algum dinheiro, sim, e mande-a de volta para a cidade. E torne claro que não pode continuar a considerar a família de seu ex-marido como parentes próximos.

Acabou Ida Elisabeth explicando *por que* achava mal feito mandar Else e Bojan de volta para Jarngerd. Êle aí zangou-se.

— Que sujeira! Não, é preciso estabelecer um certo limite. Você deve pensar em seus filhos. Eu não consentirei que êles tenham *quaisquer* relações com tias dessa espécie... ou tios, se fôr êsse o caso, se tiverem que crescer em minha casa e eu tiver alguma responsabilidade sôbre êles.

Na volta quasi não disseram palavra. Também era uma estrada ruim, estreita e íngreme, coberta de gêlo que brilhava à luz dos faróis do automóvel, e cheia de curvas.

— Você está nervosa, não? — perguntou Toksvold com um risinho zombeteiro.

Ida Elisabeth sorriu como que se desculpando.

Digitalizado com CamScanner

— Bom, coitadinha, eu não direi nada a respeito. — (Que é que êle queria dizer com isso?)

— Vá até lá em casa comigo, por um instante, sim? — pediu êle ao dobrarem na estrada principal.

— Eu gostaria.

Êle apanhou uma garrafa e dois copos, enquanto ela ficava na janela, que dava para o largo nas vizinhanças da estação, onde arcos de lâmpadas em altos postes faziam algumas brechas de luz no nevoeiro, nevoeiro que se levantava do rio e tornava a escuridão esponjosa e suja. Ela estava com frio depois do passeio, e triste — do pior modo possível, quando não se sabe ou se ousa descobrir o que se tem.

Uma criada entrou com um tinir de bandeja, e saiu novamente. Toksvold chamou:

— Tome alguma coisa, Ida. Estou certo de que você precisa de um cordial. Skaal!

Duas cômodas poltronas de couro e uma mesinha de fumar, com um tampo de cobre representavam seus esforços para tornar o quarto de hotel menos incômodo. — Vamos, sente-se aqui e descanse um pouco antes de voltar para casa.

— De certo modo você conseguiu alguma coisa esta tarde. Quanto a isso tem motivo para se alegrar. Marte não desanimará, ela arranjará as coisas...

— Eu *estou* satisfeita, você sabe — e suspirou.

— Sim, você está com um aspecto de júbilo — caçoou êle. — Você está pensando que está direito, desde que dure, não? Bom, quanto ao mais, nada sei contra êsses rapazes da Fundição. Já tive algum negócio com Hans, o que é mesmo o dono da forja; êle me produziu uma impressão muito favorável. Mas uma jovem caseira e dois solteirões de meia idade... naturalmente depende muito da qualidade de pessoa que *ela* é. O sorriso zombeteiro reapareceu-lhe fugidio, no rosto. — Eu não sei se você já pensou nisso, Ida; você ainda pode ter muitos aborrecimentos com essa sua ex-cunhada!

— Eu sei! — disse ela apressadamente, num tom aflito. — Mas, em todo o caso é uma solução... por enquanto. Não posso fazer mais...

— Não, desde que você fique firme nisso. O que *vejo* é que você deixa que isso a acabrunhe! — Êle pulou da cadeira, e pôs-se de pé diante dela. — *E' êsse* o motivo, Ida! Minha querida, você sabe, não... eu não me esquivo a ajudar os outros mais do que você, quando posso... e se vale a pena ajudá-los. Mas na época em que estamos... temos que dar todo o nosso

Digitalizado com CamScanner

auxílio às pessoas que julgamos razoavelmente capazes de se manterem, depois de as termos tirado de uma dificuldade, e talvez, por seu turno, capazes de ainda estenderam a mão a outros. De modo que, você compreende, no fim é pior para os que são assim, que não sabem se ajudar, se aquêles que *podem* fazer alguma coisa também ruírem.

De certo modo êle tinha razão. Êles formavam *mesmo* uma raça à parte, os que estavam sempre carecendo de auxílio. Os infantis, como os chamava Sommervold.

Tryggve Toksvold riu com uma contrariedade nervosa:

— Ida, Ida, você fica sentada olhando para mim como se... Chega-se a pensar que você é das que acham que todos os advogados são uns demônios que não têm um pingo de coração...

Ela sorriu fracamente e sacudiu a cabeça.

— Mas, benza Deus, algumas pessoas nascem assim, como reboques sem motor, e outras como automóveis. Mas se todos os automóveis se estragassem, os outros ficariam alí até caírem em pedaços.

Ida Elisabeth estremeceu um pouco, como se estivesse gelada.

— Afinal das contas, Tryggve, acho que você está exagerando. *Não* é uma coisa assim tão horrível eu ter convidado Else Nilsen para passar quinze dias, meu caro...

— Que já se converteram em mais de três semanas...

— Exatamente. Eu já contava com isso quando resolví tentar arranjar trabalho para ela. Mas agora, já está resolvido. Não falemos mais no assunto.

Êle pensou um instante. — Muito bem! — Tomou-a então nos braços e beijou-a ardentemente.

— E' por sua causa, Ida. Você não percebe que para um estranho isso é uma verdadeira loucura? Êles deixaram que você se arranjasse sozinha... com seus dois filhos, todos êsses anos. Provavelmente nunca se preocuparam em saber se você estava se dando bem ou não. Não; vê você. Depois você se encontra com um dêles por acaso... descobrem que você está em muito boa situação... e ficam todos novamente em suas costas...

— Lembre-se que você precisa desempenhar o papel de automóvel para com seus filhos, não sabemos ainda por quanto tempo. Por mais que eu a ajude, você será naturalmente quem terá mais autoridade sôbre êles se fôr possível exercer alguma autoridade no caso...

— Que é que você quer dizer?

Êle desviou os olhos, sem responder.

Digitalizado com CamScanner

— Tryggve, que é que você quis dizer?

— Pelo menos por enquanto, o seu menino mais moço parece puxar muito à família do pai — disse Toksvold em voz baixa, como que relutando.

Quando êle lhe tomou a mão e se debruçou para beijá-la, ela a princípio resistiu muito ligeiramente, mas depois deixou.

— Só desejo o bem de seus filhos, Ida. Já lhe disse isso inúmeras vêzes.

— Ela assentiu com a cabeça, e pensou. — Mas será preciso repetí-lo inúmeras vêzes?

— Tryggve! — disse ela vagarosamente em voz baixa. — Você acha... você tem a impressão de que Carl e o pequenino são crianças particularmente *difíceis?*

— Bem, não sei, disse êle apressadamente. — Eu não tenho muita prática de crianças. Julguei que talvez você... Nós vivemos numa época difícil, Ida. Não pense que eu não vejo... não só que certas pessoas que nasceram com certos defeitos não se podem manter sozinhas, mas que muita gente que não quer ter trabalho, ou que não pode suportar a incerteza, finge ter defeitos para se livrar do trabalho. Nem sempre é fácil distinguir entre êles...

— Que é que você quer dizer com isso? — perguntou ela novamente.

— Oh, não fique com um ar tão trágico, querida! Tudo o que eu queria dizer era... êle escolheu as palavras. — Seus filhos são crianças e têm o direito de ter uma oportunidade na vida. Você é mãe dêles, êles têm o direito de esperar que você faça todo o possível para ajudá-los a vencer na vida. Mas você talvez tenha muito trabalho com isso, minha querida, sem precisar se sobrecarregar com outros que, como você *sabe*, não passam de rebotalho.

— Oh, não fique com um ar tão desesperado, meu bem! — Com repentina paixão êle levantou-a da cadeira e tomou-a nos braços. — Bem, mas você não percebe que isso às vêzes me põe positivamente furioso? Você também não é assim? Eu gosto de você, e você também... quero dizer, gosta de mim... e nunca temos sossêgo! Nunca temos ocasião de sermos somente você e eu; mas devíamos ter, não acha? sentir, nem que fôsse uma vez só — só por pouco tempo o que todo o mundo sente quando é moço e apaixonado, que agora nós dois somos um e o resto do mundo é lá outra coisa.

Ela ficou quieta, com a testa encostada no ombro dêle, deixando que êle a acariciasse.

Digitalizado com CamScanner

— Eu sei que talvez não seja possível... para você, murmurou êle. — E farei o possível para aceitar tudo isso, com tôda a paciência. Mas pelo menos, nós partiremos, quando nos casarmos? Você também quer, não?

Ela sacudiu a cabeça de encontro ao ombro dêle.

— Sim, você com certeza tem que ir — disse êle com ar resignado, quando ela sugeriu que agora teria que ir para casa. Êle apanhou o sobretudo. — Eu a levarei de automóvel. Que diabo, afinal não é preciso que você ande êsse caminho todo no escuro, simplesmente para não ofender a tal Fru Nilsen, porque saíu de automóvel sem ela...

Ida Elisabeth apertou-lhe a mão. Êle estava procurando fazer alguma coisa para agradá-la. Mas, mas...

De certo modo êle tinha razão, pensou ela, e o que ela chamara de fatuidade nele, afinal não era isso. Êle auxiliava os seus, e com isso não compreendia somente sua família, mas o tipo que êles representavam: gente moderada, que não gostava de belas palavras nem de muito açúcar, embora parecesse a ela, que seriam capazes de engulir bem tudo isso, em ocasiões festivas, reuniões, etc. Também eram trabalhadores, e, como dizia Tryggve, sabiam como custam a crescer as coisas que são indispensáveis à vida, e como as pessoas que têm que lidar com essas coisas têm que se contentar com uma longa aprendizagem e com uma labuta constante. Sabiam tão bem como os outros que frases hipócritas a gente pode fazer com palavras como fidelidade, tradição, retidão, dignidade, assiduidade e frugalidade, mas Deus nos livre se não existisse ninguém que sentisse a cruel realidade por trás dessas palavras!... então estaríamos todos perdidos. Tryggve fôra educado nesse meio, e, se se apegava a êle dêsse modo, não era simplesmente porque acreditasse nisso, mas porque herdara essa crença e essas idéias de alguém de quem gostara imensamente. Tinha algo para defender, e isso não nos torna indulgente para com os atacantes. A espécie de gente que êle chamava de rebotalho, quer dizer, êle só via o mal que faziam, nunca lhes via o íntimo. Nem nenhum dêles, com seus olhos claros e testas largas e claras, já o vira... tanto êle como Ingvild tinham testas tão belas e puras, mas ao mesmo tempo tinham alguma coisa, que fazia pensar na testa de um touro, ainda mais pelo fato do seu cabelo castanho claro encaracolar-se rebelde na testa. Ingvild tinha amado apaixonada e obstinadamente o rebotalho do marido, mas quando se sabe como é no íntimo um indivíduo dêsses, não é

Digitalizado com CamScanner

possível *amá-lo;* as pessoas normais não se apaixonam pelo que está contagiado e deformado.

Mas também não é possível abandoná-los ao destino, depois de ter-lhes visto o íntimo — sem *tentar* pelo menos uma vez ajudá-los. — Alguns fazem-no. Mas outros *não podem* fazê-lo. E ela própria... bom, talvez ela fôsse como uma pessoa que se tivesse criado num hospital; o pai e a mãe certamente poderiam ser classificados como rebotalhos, embora a falha neles só tivesse aparecido depois de terem suportado um certo esfôrço, e então rebentaram. No entanto, isso era simplesmente metafórico — os sêres humanos não são moldes, e o acaso lhe mostrara como êles sofrem, os que não combatem a fôrça com a fôrça, que não derivam benefício algum da adversidade, que nunca aprendem a compreender porque estão em má situação, mas, como crianças, esperam que alguém venha ajudá-los, e então não sofrem quasi nada, porque estão sempre convencidos de que virá alguém ajudá-los, ou então ficam fora de si de desespêro, como crianças sozinhas numa casa vazia.

Pouco a pouco ela chegara à conclusão de que havia alguma razão no que Cecilie Oxley dizia antigamente — talvez fôsse necessário que houvesse algumas mulheres com uma espécie de vocação para serem mães e irmãs de todo o mundo. Ser jovem e estar apaixonado e desejar que nos sentíssemos e agíssemos como se nós dois fôssemos um só, e o resto do mundo outra coisa — era a felicidade, sem dúvida, e no seu íntimo a maior parte das pessoas sentiam isso. Mas se êsse instinto da felicidade fôsse tal que ninguém pudesse resistir, se ninguém pudesse resistir a essa sêde dentro de si... bem, então não haveria mais misericórdia no mundo. E finalmente não haveria a questão de indulgência para os ineptos e os que não sabem se ajudar a si mesmos.

Mas não havia necessidade dela aplicar isso a si mesma: não era uma descoberta que devesse afligí-la ou entristecê-la. Naturalmente era bom que houvesse mulheres dispostas a tornarem-se freiras — ela agora fazia essa concessão a Ciss & Ciss. Mas pelo menos não era o problema que no momento se apresentava a *ela*. Era loucura imaginar que Tryggve e os meninos seriam incompatíveis.

Mas depois de ter pensado claramente no caso, foi como se u'a mão lhe agarrasse o coração e o apertasse. Oh, mas tudo isso era estravagância. Os meninos não eram razoáveis, sentindo ciúmes dêle. E êle não era razoável em não ter confiança nas crianças.

Digitalizado com Camêra

possível *amá-lo;* as pessoas normais não se apaixonam pelo que está contagiado e deformado.

Mas também não é possível abandoná-los ao destino, depois de ter-lhes visto o íntimo — sem *tentar* pelo menos uma vez ajudá-los. — Alguns fazem-no. Mas outros *não podem* fazê-lo. E ela própria... bom, talvez ela fôsse como uma pessoa que se tivesse criado num hospital; o pai e a mãe certamente poderiam ser classificados como rebotalhos, embora a falha neles só tivesse aparecido depois de terem suportado um certo esfôrço, e então rebentaram. No entanto, isso era simplesmente metafórico — os sêres humanos não são moldes, e o acaso lhe mostrara como êles sofrem, os que não combatem a fôrça com a fôrça, que não derivam benefício algum da adversidade, que nunca aprendem a compreender porque estão em má situação, mas, como crianças, esperam que alguém venha ajudá-los, e então não sofrem quasi nada, porque estão sempre convencidos de que virá alguém ajudá-los, ou então ficam fora de si de desespêro, como crianças sozinhas numa casa vazia.

Pouco a pouco ela chegara à conclusão de que havia alguma razão no que Cecilie Oxley dizia antigamente — talvez fôsse necessário que houvesse algumas mulheres com uma espécie de vocação para serem mães e irmãs de todo o mundo. Ser jovem e estar apaixonado e desejar que nos sentíssemos e agíssemos como se nós dois fôssemos um só, e o resto do mundo outra coisa — era a felicidade, sem dúvida, e no seu íntimo a maior parte das pessoas sentiam isso. Mas se êsse instinto da felicidade fôsse tal que ninguém pudesse resistir, se ninguém pudesse resistir a essa sêde dentro de si... bem, então não haveria mais misericórdia no mundo. E finalmente não haveria a questão de indulgência para os ineptos e os que não sabem se ajudar a si mesmos.

Mas não havia necessidade dela aplicar isso a si mesma; não era uma descoberta que devesse afligí-la ou entristecê-la. Naturalmente era bom que houvesse mulheres dispostas a tornarem-se freiras — ela agora fazia essa concessão a Ciss & Ciss. Mas pelo menos não era o problema que no momento se apresentava a *ela.* Era loucura imaginar que Tryggve e os meninos seriam incompatíveis.

Mas depois de ter pensado claramente no caso, foi como se u'a mão lhe agarrasse o coração e o apertasse. Oh, mas tudo isso era estravagância. Os meninos não eram razoáveis, sentindo ciúmes dêle. E êle não era razoável em não ter confiança nas crianças.

CAPÍTULO DÉCIMO

No dia em que, afinal, conseguiu meter Else, Bojan e sua bagagem, que ela tivera que aumentar e inspecionar, num automóvel e as viu seguir para a Fundição, Ida Elisabeth sentiu-se tão aliviada e feliz que não se conteve; telefonou para Tryggve logo que as costureiras saíram, à tarde.

— Parabens! — A voz dêle estava alegre. — Mas olhe aqui, eu tenho que ir à cidade amanhã, para uma conferência. E depois aquêles húngaros vão dar um concêrto. Eu gostaria muito de ouví-los, e você? Não pode tirar o dia e vir comigo? Com franqueza, não acha que nós dois merecemos uma noite de folga?

Êle liquidou logo suas pequenas objeções: ela não tinha compras a fazer na cidade? Podiam almoçar tarde, pouco antes de irem para o concerto, e depois, se partissem logo depois dêle acabado, podia estar cedo em casa — e o dia seguinte era domingo — e êle não se importava de não jantar, "a menos que você me ofereça uma chícara de chá, quando chegarmos."

Ida Elisabeth estava com muita vontade de ir e aceitou.

Carl estava deitado no sofá no quarto dela, mergulhado num livro. Levantou os olhos enquanto ela atravessava o quarto: — Você vai passar o dia fora amanhã?

— Sim, tenho o que fazer na cidade. E Tryggve acaba de me oferecer para levar-me de carro. De modo que é melhor ir logo amanhã.

Ela planejara uma verdadeira festa com os meninos naquela noite. Êles não gostavam mais do que ela, dessa tia cuja estada se prolongava indefinidamente; quanto mais durava a

Digitalizado com CamScanner

visita, mais difícil fôra evitar que, especialmente Carl, mostrasse a sua impaciência de maneira excessivamente visível. Um dia, sem provocação alguma, êle dissera: — Eu me lembro que a senhora passou um tempo conosco quando morávamos em Berfjord, tia Else... de uma vez, quando a senhora me deu um banho, a água estava positivamente fervendo.

— Imagine, não me lembro disso, respondera Else com seu sorriso tolo.

— Não, não foi a senhora que ficou queimada. — Mas Carl! repreendera-o a mãe, e o menino prosseguira, com raiva contida: — Você também não se lembra, mamãe? Você teve que me polvilhar com farinha de batata.

Enquanto ela se lembrava: — Vocês terão que tomar seus banhos esta noite, meninos, pois amanhã de noite não estarei aqui. Vou pôr agulhas de pinheiro na água do banho, para agradá-los.

Carl disse de mau humor: — Depois do banho, temos que pôr novamente a roupa suja? — Não, terão que mudar hoje. — Então não vou ter uma camisa limpa para o domingo? — Oh sim, vou consertar uma das camisas de xadrez para você pôr amanhã, e você ficará com a verde nova para domingo.

Ela apanhou suas velhas camisas de xadrez na gaveta, virou-as para ver a que estava menos desbotada — era melhor consertá-la imediatamente, naturalmente estavam faltando botões.

— Eu tenho que ir à escola com isso? — Havia uma expressão horrivelmente ofendida na voz do menino.

— Sim, está limpa e não está rasgada. Não me consta que seus colegas sejam tão elegantes que nunca tenham visto uma camisa desbotada.

O rosto dêle começou a contraír-se, os olhos encheram-se de lágrimas por trás dos óculos — as lágrimas começaram a escorrer-lhe pelo rosto. Quando a mãe lhe tirou os óculos, enxugou-os. — Vamos, vamos, Carl — e o beijou de leve nos cabelos — você já está crescido de mais para chorar por uma coisa dessas — seu corpo estava sacudido por um chôro contido e convulso.

Ida Elisabeth puxou-o para junto de si: — Psiu, querido. Você agora precisa parar, meu caro... vou preparar o jantar e pensei que você viesse e me ajudasse um pouco...

Sua aflição diminuiu um pouco quando ela o pôs a trabalhar; cortou o pão e esquentou os pratos em água fervendo. A mãe preparou a refeição — ovos *pochés* sôbre fatias de pão

fritas na manteiga, dois para cada; êsse era o petisco para as *grandes* ocasiões. E do mesmo modo as salsichas de carneiro de Marte Bo, que só apareciam aos domingos.

Depois de terem jantado, Ida Elisabeth tirou o velho álbum de cartões-postais de Londres, e contou-lhes pela milésima vez, a sua viagem até lá com o pai e a mãe. Na verdade ela não se lembrava de grande coisa — tinha uns quatro ou cinco anos nessa ocasião; havia uma casa cheia de araras que berravam a mais não poder, e havia passarinhos de tôdas as côres imagináveis, e um dromedário que quisera comer o chapéu de palha de Herman. — Como de costume o pequeno Buster deu gritos de prazer, mas Carl apenas sorriu indeciso. — E depois havia o homem no meio da rua vendendo tarântulas — são uma espécie de aranha, e eram feitas de alumínio colorido e tinham pernas de arame recoberto de veludo. O homem dava-lhes corda e elas voavam pela calçada, e embora houvesse tanta gente na rua, todos ingleses, naturalmente, exceto o vôvô, a vóvó e as crianças, êles saíam do caminho e tomavam cuidado para não ir de encontro às tarântulas do homem, mas ninguém parecia amolado com isso. Ela tinha mêdo da sua tarântula, pois o vôvô comprara uma para cada criança; mas eram tão feias, e além disso a vóvó lhes contara como eram perigosas as tarântulas de verdade, e ela nunca tinha a certeza de que essa estava viva ou poderia vir a animar-se. A vóvó também não gostava delas: — Não acho que isso seja coisa para se comprar, Carl.

Depois disso os meninos tomaram um banho com agulhas de pinheiro e foram para a cama nos seus pijamas limpos. E quando ela lhes desejou uma boa noite, o rosto de Carl estava de novo molhado de lágrimas e com os lábios ardentes e trêmulos.

Os meninos estavam no colégio quando êles partiram no dia seguinte, e a manhã de Ida Elisabeth foi tôda tomada por compras e uma visita ao dentista. Tryggve convidara um amigo e a mulher para almoçarem com êles no Vitória, mas quando os outros os convidaram para ir até sua casa depois do concerto — a jovem senhora desejava organizar um jantar e convidar mais dois ou três amigos de Tryggve — Toksvold disse logo: — Temos que deixar isto para outra ocasião, Agga, você compreende, Fru Braato tem dois filhos em casa e precisa voltar. Fru Agga, então, fêz a Ida Elisabeth tôda a sorte de perguntas sôbre seus filhos, que idade tinham, e assim por diante, e abismou-se numa descrição interminável de seus dois filhinhos, um menino e uma menina. E o concerto fôra encantador.

Digitalizado com CamScanner

Tryggve gostava muito de música: — Quando nós estivermos casados, estaremos sempre aquí, quando aparecer alguém que *seja* alguém. E seria realmente interessante, depois de todos êsses anos, em que, em matéria de música, ela só ouvira o harmônio de Hansen.

A noite estava muito agradável, quando deixaram a cidade, com alguns flocos de neve flutuando à luz das lâmpadas. Não tinham andado muito e já a estrada em frente estava branca com a primeira tênue camada de neve. Ao entrarem na floresta, já os pinheiros estavam ligeiramente pulverizados de neve — os flocos de neve dansavam na luz, cada vez mais espessos. O ar puro da noite tinha um gôsto bom. — Talvez êste seja nosso último passeio de automóvel êste ano.

Estavam com as roupas bastante brancas quando entraram no corredor em Viker, e suas vozes estavam um tanto altas e alegres, como acontece quando se sacode a primeira neve do ano. Ragnhild preparara a mesa do chá para dois, no quarto de Ida Elisabeth.

Ao passar pelo quarto dos meninos, para fazer o chá na cozinha, Ida Elisabeth notou, pela respiração de Carl, que êle estava acordado. Foi até à cama dêle e deu-lhe boa noite.

Então ouviu Toksvold gritando do outro quarto:

— Já que você está acordado, é melhor que venha e tome uma chicara de chá conosco... se sua mãe deixar. Você deixa, Ida?

Quando ela voltou com a bandeja do chá, os dois estavam rodeados por montes de papel de embrulho, que estava todo espalhado no chão, em tôrno de uma enorme planta num vaso — um crisântemo gigante, meio desembrulhado. Carl estava com um dedo na bôca, as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, enquanto Tryggve Toksvold, de pé, olhava-o com um ar um tanto aborrecido.

— Bem, isto é para você... eu pedí a Carl que me ajudasse a desembrulhar... você diz que êle gosta tanto de flôres. E depois, êle se espetou num alfinete...

Ida Elisabeth acariciou os cabelos do menino: — Você não deve chorar assim, Carl. E' melhor que vocês dois se sentem e deixem que eu... — Ela retirou os restos de papel fino que estava em volta de cada uma das enormes flôres: — Como são lindas!

Seria a coisa mais natural que ela se atirasse nos braços do homem e lhe agradecesse as flôres numa multidão de beijos, se o menino não estivesse alí em pé. E seria igualmente na-

tural tomar pela mão seu filhinho que adorava flôres, e deixar que êle também admirasse a sua beleza, se as flôres não tivessem sido presente de Tryggve. Mas sendo as coisas como eram, ela olhou para as flôres com uma vaga melancolia... nunca vira êsses crisântemos gigantes sem ser nas vitrines, desde menina, quando costumava cheirá-los e tocá-los com a ponta da lingua, de manhã cedo em Hostenborg, antes dos pais se levantarem. Nunca tivera flôres assim em sua própria casa. Ela diria isso a Tryggve, mas agora não podia.

Serviu o chá. Carl ainda estava com ar choroso, e ela notou como estava magro e abatido êste outono, ainda menos atraente do que de costume. Foi buscar o embrulho de bolos de creme — eram na verdade para o café da manhã seguinte, porém ela lhe daria um agora.

— Não quero, disse Carl em voz baixa.

— Oh, quer sim, não há nada de que você goste mais, diz sua mãe. Coma um, já que ela os comprou para você.

Carl olhou com o rabo dos olhos para os bolos. A mãe viu que êle *estava* com vontade — recusando tocá-los fazia-o numa demonstração fraca e infantil de orgulho e determinação. Mas os bolos de creme eram tentadores de mais — com uma careta, apanhou um. E isso não era bonito, pois era ceder à tentação, embora essa fôsse ridícula.

Bagatelas, pensou ela, bagatelas. Mas não podia evitá-lo. Essas bagatelas recordavam-lhe os instrumentos que ela vira antigamente a bordo dos navios, com ponteirinhos finos que tremiam e oscilavam. Ponteirinhos preto-azulados, mas suas vibrações marcavam tôda a rota do grande navio e o trabalho de suas máquinas.

— Você não está fazendo pirraça, um menino dêsse tamanho, porque sua mãe saiu uma noite? — Não, não, não diga nada, pensou Ida Elisabeth inquieta, mas se ela lhe pedisse para parar, as coisas ainda ficariam piores. Carl olhou para o homem com um olhar aborrecido e hostil.

— Vocês querem mais chá, Tryggve? Carl?

— Obrigado. — Toksvold estendeu a chícara. — Ela levou um mês inteiro fazendo sala a sua tia... uma senhora que não tem parentesco algum com sua mãe a não ser o fato de ser tia de vocês.

— Ah, não... Não é bom isso, Tryggve, de certa forma eu gosto bem de Else... você precisa se lembrar disso. Ela era muito boazinha quando moça... — Ih, isso não conseguira melhorar as coisas.

Digitalizado com CamScanner

Quando Carl levantou os olhos, o mêdo, a timidez e o desafio estavam estampados em seu rosto:

— Acho que agora que titia foi embora, ela não ficará tanto em casa — disse êle em voz baixa.

— Bom, e que tem isso? — replicou Toksvold vivamente. — Ela tem ficado em casa com vocês tôdas as santas noites durante anos. Você acha que, hoje em dia, há muitas mães assim, Carl? Vocês precisam aprender a se resignar se ela saír um pouco de casa, agora que vocês estão crescidos.

Ida Elisabeth levantou-se e passou o braço pelo pescoço do menino:

— Eu nunca achei cacete ficar em casa com vocês, meus filhos, porque gosto de vocês. Nunca apreciei outra companhia a não ser das pessoas que estimo. E' porque eu gosto de Tryggve que às vêzes saio com êle. Meu caro! — E beijou-o na testa. — E a coisa de que eu mais gostaria seria a companhia dêle e de vocês sempre — mas não ousou dizê-lo alto.

— Você não acha que devia dar óleo de fígado de bacalhau àquele menino? — perguntou Toksvold quando ela foi levá-lo até à porta. — Não entendo muito dessas coisas, mas já ouví dizer que parece que óleo de fígado de bacalhau é bom para crianças nervosas...

Ela ainda estava arrumando e desembrulhando suas compras quando o telefone tocou na sala de trabalho. Tremendo de nervoso, foi atender — nunca lhe tinham telefonado no meio da noite; ela sabia que era muito complicado acordar as telefonistas.

— Ida! — Era Toksvold. — Brekke, você sabe, o marido de Ingvild, morreu esta tarde. Havia um recado para mim quando cheguei. De modo que vou partir imediatamente pelo trem da noite. Pelo que compreendí foi fratura do crânio — êle tivera uma queda na rua na noite anterior. Pobre Torstein... foi um triste fim. Eu só queria que você soubesse. Procurarei telefonar segunda-feira. Cuide bem de si até nos vermos outra vez. Boa noite, Ida querida, durma bem...

Coitado, pensou ela — e não se referia a ninguém em particular — ao morto, a Ingvild e aos filhos, e tantos outros. Tryggve parecera verdadeiramente pesaroso. De certo modo talvez o estivesse, e provavelmente, por outro lado, fôra um enorme alívio, mas êle não o admitiria até que decorresse bastante tem-

po para poder dizer com decôro: afinal de contas foi melhor para todos.

Seguiram-se diversas semanas, durante as quais Toksvold estava sempre em movimento — em casa, cuidando de seus negócios, e fora, cuidando dos negócios da irmã. Ingvild Brekke ficara num abatimento total. — E' incompreensível, dissera Tryggve, com um ar pensativo. Ela deve ter gostado daquele tratante até o fim. Coitado... êle foi em outros tempos um homem forte, de aspecto, pelo menos; e devo dizer que fazia um alto conceito de si mesmo. Mas que ela nunca tivesse rompido com êle... Era desagradável ver que as crianças não escondiam o fato de que a morte do pai os aliviara de uma preocupação terrível, mas naturalmente a mãe ficava sentida quando o percebia. Em aparência Ingvild era muito controlada, mas metera na cabeça vender a casa de pensão e abandonar a cidade, sentindo que não podia permanecer num lugar em que todo o mundo conhecera Torstein como êle fôra no fim.

O corpo fôra levado para Land — de onde Brekke era originário — e certo número de pessoas da família dêle e dela fôra ao entêrro. Tryggve teria gostado que Ida Elisabeth fôsse, porém ela recusara. Nessa reunião falara-se em Ingvild Brekke ficar com o hotel Bjornstad — a tia queria aposentar-se.

— O lugar não é o que era. E os tempos também estão ruins para os donos de hotel. Embora Ingvild possa explorá-lo no verão. De modo que isso significara muitas viagens — êle tinha que ver como arranjar os negócios da irmã do melhor modo possível.

Isso significava que teria que passar fora quasi tôda a época de Natal. Tinha pena, mas Ida Elisabeth achara que, afinal, era melhor assim: esta seria a última véspera de Natal que ela passaria sozinha com os filhos, se tudo corresse como êles queriam.

Chegaram algumas cartas na manhã seguinte ao dia de Natal. Carl foi buscá-las e colocou-as sôbre a mesinha junto ao divã, que lhe servia de mesa de cabeceira. Ida Elisabeth estava tirando a mesa do café; ela afastou sua chícara e o bule de café — tomaria outro golezinho enquanto lesse as cartas e o jornal com sossêgo e comodidade.

— Olhem, tenham cuidado... — Os meninos iam saír com seus trenós novos. A antipatia dêles a Tryggve não ia a tal ponto que desdenhassem seus presentes de Natal. Essa era uma das coisas que pesava no espírito de Ida Elisabeth. A atitude dos filhos para com o noivo continuava reservada, ela podia

Digitalizado com CamScanner

mesmo dizer hostil, mas tinham-se acostumado a esperar presentes dêle. E mesmo dinheiro...

Havia cartões de Anne Mosgaard — de suas costureiras — e uma carta pesada, endereçada numa letra que ela sabia que conhecia, e que lhe despertou uma idéia vaga de aborrecimento, mesmo antes de tê-la reconhecido. Depois olhou o registro do correio — era da sua ex-sogra.

Segurou-a na mão sem abrí-la, pôs a carta de lado e viu as outras cartas. Uma cartinha de Olise Langeland, um cartão de Fru Holter, de Myhre & Cia., um ou dois cartões impressos de relações comerciais...

— Mas agora *ela* não podia mais fazer-lhe nada. Era melhor acabar com isso. — Rasgou o envelope e tirou o feixe de fôlhas amarrotadas:

"Minha querida, boa e fiel Lisken!

"Para começar mando-lhe um sincero abraço de Natal, em agradecimento por tudo o que você fêz pelas minhas filhinhas" — oh, era só isso? Ida Elisabeth leu apressadamente as primeiras fôlhas.

"Ah, Lisken, se eu ao menos pudesse dizer-lhe o prazer e a alegria que causou a papai e a mim, dando-nos essa prova de sua natureza fiel e afetuosa. Eu lhe posso assegurar, nestes anos em que as desgraças choveram sôbre nós, aprendemos a apreciar uma amizade fiel. Frequentemente, no curso dêstes anos, você esteve em nossos pensamentos, você que durante tantos anos nos foi cara como se fôsse dos nossos. Você não deve pensar que eu não compreendo o seu procedimento ao saber da loucura de Frithjof; eu compreendo que você não podia deixar de sentir-se ofendida e ferida em seus sentimentos mais sagrados" — que inferno, e já não estava determinado também que eu me encontrasse com Jeja naquele dia?

"Suponho que Else lhe contou a triste história de Geirmund. Sim, minha cara Lisa, nós fizemos nossos preparativos para o Natal, como de costume, e nessa santa noite eu já estarei com meu pobre filho em casa. Não é preciso dizer-lhe que aquí êle será recebido de braços abertos, sem uma palavra de censura." — Não acredito...

"Mas, como você também deve ter sabido, Frithjof foi agora atacado pela mesma insidiosa doença que nos arrebatou a nossa querida Merete. E eu não posso suportar a idéia de expor Geirmund e Vikarr à mesma infecção (Herjulf, que, como você deve saber, voltou da América, está no momento empregado em Rostesund, graças ao interêsse do Diretor Meisling).

Digitalizado com CamScanner

De forma, que agora, por causa de meus filhos, estou fazendo meus últimos e mais tristes rogos, escrevendo a parentes e amigos para obter recursos afim de mandar Frithjof para um sanatório. Papai e eu tivemos então a idéia de que talvez o ar puro e sêco da região do Leste lhe oferecesse uma última oportunidade de salvação. (Quando Merete estava morrendo expressaram a opinião de que talvez uma estada num sanatório do interior a tivesse salvo). Nossos pensamentos, então, se dirigiram naturalmente para os inúmeros sanatórios conhecidos situados nas vizinhanças do lugar em que você está morando."

Não, basta! Ida Elisabeth deixou caír a carta no colo. Não, não aturo nada disto!

"De modo que Frithjof parte daquí na tarde do dia de Natal". — Pai do Céu êle já está a caminho! — Ela passou os olhos pelas últimas páginas. — Para Fjeldberg — o sanatório mais caro de todos, hein? — "Agora êle terá a irmã perto dêle, pois você sabe a amizade que sempre houve entre Else e Frithjof" — não, não sei de nada — "e poderá ver novamente os filhos, de quem tem falado com tanta saudade no decorrer dêstes anos."

Ah... até isso! Não havia meios de evitá-lo. Lágrimas de amargura subiram-lhe aos olhos. Depois de nunca se ter importado com os filhos todos êsses anos, êle resolvia aparecer justamente num momento em que ela descobrira como se tinham tornado perigosas suas relações com os filhos, pelo menos entre ela e Carl; Tryggve ainda era tão pequeno que era como que uma polpa, mas de muitas formas era um eco de Carl. E logo agora o pai aparecia... Saudades, êle! Vê-los de novo — êle que nem nunca vira o pequenino.

Atirou a carta sôbre o divã e ficou pensando.

Seu primeiro impulso foi telegrafar a Tryggve. Pedir-lhe que voltasse imediatamente. Êle acharia uma saída. Reteria Frithjof em Oslo, mandá-lo-ia para outro lugar — devia haver sanatórios nas vizinhanças da cidade. Mas não era possível, por causa dos meninos...

Aliás, não era verdade que em geral um doente tinha que esperar muito tempo antes de ser admitido num sanatório de tuberculosos?

Ela passou à sala contígua e telefonou para o Dr. Lund, em Fjeldberg. Sim, estavam aguardando um doente, um Herr Braato, êle os tinha avisado já havia um mês. — Êle é seu parente, minha senhora? — Ida Elisabeth explicou que era seu ex-marido. — Ah, sim? Bem, se houver algum assunto sôbre o qual a

Digitalizado com CamScanner

senhora queira conversar comigo, sabe que estarei ao seu dispor. — Obrigada, obrigada...

"Sei que não recorrerei em vão à sua generosidade, pedindo-lhe que receba Frithjof na estação e tome conta dêle" — dizia a carta. "E os tempos agora estão muito diferentes do que eram quando papai e eu éramos moços — é muito comum hoje em dia ver-se casais divorciados que se encontram e se dão, de um modo muito amistoso, e realmente nós consideramos isto como um progresso."

Sim, a senhora havia de gostar, não, mamãe?

Depois teve a sensação de que talvez estivesse exagerando. Não havia inconveniente algum em esperá-lo no trem e levá-lo de automóvel para Fjeldberg; mas teria de fazê-lo de modo a não ter nada mais que ver com êle; simplesmente não tinha tempo para ir visitá-lo tão longe. E não havia nada de extraordinário no fato de naquele grande sanatório, onde havia doentes de quasi tôdas as partes do país, ter ido dar o homem com quem fôra casada. Era desagradável, naturalmente, mas não uma coisa tão sensacional como lhe parecera.

Céus, como Tryggve ficaria furioso quando soubesse! E depois tinha a certeza de que êle diria que ela devia ter esperado mesmo uma coisa dessas. Mas realmente estava longe de pensar nisso!

Apanhou tôdas as fôlhas da carta de Borghild Braato, juntou-as e ficou amolada com a dificuldade que teve em metê-las de novo no envelope. Então fôra ela que imaginara que conhecia essa gente intimamente — mas não conhecia nada — uma megera assim, astuta e insolentemente calculista, ficava além de sua compreensão: mal sabe que as filhas descobriram o lugar em que estou, e que fui tola bastante para estender-lhes um dedinho, precipita-se imediatamente.

Conversa... O pior de tudo era que ela sabia muito bem que a outra *estava* de boa fé, lá a seu modo. Tôdas aquelas frases floreadas eram sinceras, e ela acreditava no que *queria* acreditar. Tôdas essas notas desafinadas eram tanto em seu proveito como em proveito dos outros, de quem ela queria obter alguma coisa para si e para os seus.

Ida Elisabeth ficou olhando fixamente, sem ver, para a arvorezinha de Natal que estava num canto com um brilho de bolas de vidros e enfeites prateados na pálida claridade do inverno. Ih, era atroz... e ela teria sorte se não passasse *disso*.

Se ao menos Tryggve estivesse aqui...

Digitalizado com CamScanner

Durante os dias que se seguiram, fêz o possível para que os meninos não percebessem como ela se sentia infeliz. Depois chegou o telegrama. Amanhã, pelo trem das duas e meia. Era inconcebível que fôsse verdade... Durante o tempo todo, de certo modo esperara que aquilo fôsse apenas uma ameaça vã, sem dúvida havia de passar.

Depois de ter mandado o menorzinho para a cama, deu licença a Carl de ficar de pé até mais tarde. Êle encolheu-se na cadeira de balanço com um livro que os Hansens lhe tinham emprestado. Ida Elisabeth estava fazendo tricô. — Será que ela algum dia poderia ver êste *jersey* azul no filho sem se lembrar de todos os maus pensamentos que tricotara nela?

— Que livro é êsse em que você está tão interessado, Carl?

— O Rei de Osterdal — disse o menino, com o nariz metido no livro.

— Você não pode largá-lo um instante? Tenho uma coisa a dizer-lhe.

Carl largou o livro, com relutância; olhou com ar indeciso para a mãe, como se não esperasse boas notícias.

— Eu recebí uma carta, Carl. Dizendo que seu pai vai chegar, de viagem para cá.

— Papai? Seu rosto contraíu-se: — Você quer dizer, meu verdadeiro pai?

Ida Elisabeth sacudiu a cabeça.

— E' papai então? — Êle estava radiante.

— Sim. Diga-me Carl, você se lembra de seu pai?

Desta vez foi o menino que inclinou a cabeça — um tanto indeciso:

— Oh, sim. Lembro-me muito bem de papai. Lembro-me da época em que Solvi morreu, disse em voz baixa. — Papai sangrava tanto... êle também devia se ter ferido, não é? E depois eu me lembro da última vez em que êle esteve em casa... pouco antes de virmos para cá, lembro-me...

A mãe e o filho ficaram olhando um para o outro.

Ela quasi não mencionara o nome do pai todos êsses anos. Não sabia o que se passava na cabeça dos meninos — se êles pensavam no caso. Será que êles sabiam que ela era divorciada? Será que Else lhes falara a respeito do pai? Será que a amizade dela com o outro durante essa última metade do ano tinha feito com que êles pensassem no verdadeiro pai? Ignorava-o.

Digitalizado com CamScanner

Mas desconfiava de que essa repentina alegria que chamejava no menino, ouvindo que o pai ia chegar, era devida a uma dedução instintiva de que alí estava um aliado contra o estranho.

— Quando é que êle chega, mamãe?

— Amanhã ao meio-dia.

— Então eu irei recebê-lo com você.

— Sim, naturalmente que deixo você ir. — Ela falara mais vivamente do que tencionara — ficou aflita; se ao menos o menino não tivesse ficado maguado...

— Agora coma a sua laranja, meu filho e vá para a cama.

Carl acabou de comer a laranja num silêncio pensativo, e levantou-se:

— Boa noite, mamãe...

— Você disse a Tryggve que papai vai chegar? — perguntou êle da porta.

A qual dos Tryggve se referia êle? Mas limitou-se a dizer:

— Por enquanto eu só disse a você.

Ficou sentada com o tricô nas mãos e não se mexeu até ouvir Carl se deitar. Então entrou no quarto, apagou a luz e deu-lhe um beijo de boa noite. — Você está contente com a vinda de seu pai? Ela não teve a coragem de fazer-lhe essa pergunta — e no íntimo sentiu que êle estava.

— Mamãe, perguntou Carl, quando ela já ia saindo do quarto: — Papai sabe que eu uso óculos?

— Não. Estou certo que não.

— Oh! — a que ponto chegaram as coisas — eu me *alegro* de ver uma pequena nuvem toldar o prazer do menino com a chegada do pai.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

Ela não sabia o que os meninos tinham dito um ao outro de manhã.

— Papai vai dormir no quarto de Tia Else? — perguntou Carl na parte da manhã.

— Não, êle vai para Fjeldberg.

— Fjeldberg... mas lá... papai está doente?

— Sim, não está muito bom. E' por isto que vem para cá. Sua avô acha que o ar daquí lhe fará bem.

Pobre garotinho... agora êle tinha mais outra coisa para decifrar.

Ela fêz com que o automóvel viesse buscá-los em Viker. Instintivamente já começara a recear o futuro aquí. O escritório de Tryggve na esquina, o hotel onde entrara e saíra com êle. Tinham falado sôbre êles e ela não tinha ligado, mas agora que a notícia da chegada do ex-marido se espalharia imediatamente... Ih, como Tryggve tivera razão; não importa o que dizem, desde que não se prove que têm razão.

Carl sentou-se na cadeirinha, defronte dela. No seu rostinho sério parecia que um mundo novo de pensamentos brotavam no espírito do menino. Pensamentos que ela desconhecia — só podia adivinhar. Talvez nunca soubesse nada dêles. Da sua meninice ela trouxera o conhecimento de que há muitas coisas que os filhos não podem dizer aos pais. A pior coisa que os adultos podem fazer é dirigir-lhes perguntas. Mas também há crianças que gostam disso, que se dão bem com isso — ela sempre tivera a impressão de que essas crianças são como

frutas cuja casca foi bicada pelos passarinhos, não podem ter saúde. Fôra uma coisa que nunca a interessara, pessoalmente. Agora num instante ela via como tinham sido felizes e agradáveis as relações que mantinha com os filhos: até o último verão não houvera nada na vida dêles que fizesse da confiança e da lealdade duas coisas diferentes.

Na amargura de seu coração ela pensava — e isso não tem saída. Pelo menos para ela. Nem agora. Agora que o menino alí defronte tornara-se um desconhecido. E não por culpa dela. Seu único e mesquinho alívio era entregar-se a maus pensamentos, quando pensava na mãe de Frithjof. — Deus, como a odiava! Aliás, odiava-os todos.

O pequenino estava sentado ao lado dela, radiante de prazer por estar tendo um passeio no melhor automóvel do lugar. O carro era forrado de cinzento com uma porção de correias e borlas de sêda, e tinha vasos de cristal com buquês de flôres artificiais horrivelmente desbotadas. As crianças diziam que em Oslo tinha sido carro de casamentos.

No momento em que ela viu Frithjof aparecer na plataforma do carro de estrada de ferro sua agitação acabou. A irritação dos últimos dias tornou-se um pesadelo, do qual despertava. Pobre homem, não passava de um elemento num passado tão distante que ela já dera por acabado. Quasi não mudara, embora estivesse muito mais magro, e a carne do seu rosto tornara-se um tanto flácida. Precisava fazer a barba — louro, moço, acabado. Estava muito bem vestido, de sobretudo e sapatos novos marrons.

— Ida Elisabeth! — Êle adiantou-se com os braços abertos, de um modo que a fêz pensar em barbatanas e ela fêz face à sua agitação com seu cordial cumprimento e um apêrto de mão que o pôs no seu lugar. Ela sentiu que os meninos os observavam de olhos arregalados, notando também que o pai a chamava pelo que êles sabiam ser todo o seu nome, mas nunca tinham ouvido ninguém usar; aquí ela era sempre Ida.

— Bem, aquí estou eu de volta, Lisken! E *aquí* estão as crianças... não, como você cresceu e ficou bonito desde a última vez que papai o viu! Kalleman! Frithjof atirou os braços em volta do menino e beijou-o com energia. — E então êste é Tryggve — por um instante êle pareceu ligeiramente confuso, mas depois recobrou o ânimo e abriu os braços: — Tryggve também quer dar um beijo no papai?

— Logo que estivermos sós eu preciso dizer-lhe que não beije as crianças, pensou Ida Elisabeth.

Digitalizado com CamScanner

— Mas como êle se parece com Solvi, Ida Elisabeth!

— Você tem alguma bagagem registrada? Escute, Moe vá tirá-la para você. Carl você pode levar a maleta de seu pai? — A frente da procissão ela apressou-se na direção do automóvel. Naturalmente tinham sido observados com interêsse pelas seis ou oito pessoas que estavam na estação.

Tryggve Toksvold estaria fora até à Epifania. E Ida Elisabeth não se atrevia a escrever nada sôbre êsse novo favor da providência — ela tentara uma ou duas vêzes, mas rasgara as cartas. Aliás Tryggve parecia que não ficava parado — ela recebeu um cartão dêle de Oslo e uma carta escrita de um hotel em Royhenvik.

Afinal êle telefonou-lhe uma manhã. Chegara pelo trem da noite. — Você não pode vir almoçar comigo no hotel? Deve calcular que eu desejo imensamente conversar outra vez com você.

— Se você não estiver muito ocupado esta manhã. eu gostaria de ir imediatamente... posso ir até o escritório?

Não fôra muito mais de uma semana, mas era como se fôssem anos. Burman pulou de pé vendo ela ir buscar o chapéu e o casaco. Ficou deitado diante dela, abanando o rabo e latindo, enquanto ela segurava o casaco junto ao fogo, pulou novamente indo rapidamente até à porta e voltando, exatamente como fazia tôdas as tardes quando Carl se vestia para ir ao sanatório. E essa era mais uma razão porque ela não gostava, sabendo como Frithjof era com os bichos — e o espêsso pêlo de Burman era mesmo feito para carregar bacilos. Era verdade que ficavam no parque o tempo todo, quando Frithjof estava com as crianças — o dr. Lund tomara as providências — mas mesmo assim...

A neblina ao longo do rio estava horrivelmente fria, quando saíu. A elevação do outro lado da estrada perdia-se no nevoeiro, todo cinzento, com uma floresta coberta de neve, e revestida de geada. No seu jardinzinho só se via o tôpo dos lilás, emergindo brancos como corais da neve gelada e coberta de geada. O cachorro precipitou-se na frente, preto e arredondado, com o rabo alegremente encaracolado, virou-se novamente para ela, nadando de prazer pelos montes de neve à beira da estrada. — Bom cachorrinho, ela fêz-lhe festa, enquanto êle pulava nela. — Não vale a pena ser humano, Burman; é melhor ser cachorro numa grande fazenda. — Era Kari Presttangen que costumava dizer isso.

Seu coração consumia-se de aflição e compaixão por Carl.

Logo no primeiro dia, quando Carl ordenara ao irmão: — Vista-se, vamos visitar papai, o menorzinho respondera: — Eu não quero ir.

— Vai sim, anãe depressa. Eu vou guiar o trenó — eu posso puxá-lo por todos os morros, se você quiser.

— Não, não vou. E' tão cacete conversar com papai.

— Tolice, Tryggve, você não deve dizer essas coisas, interviera ela. Você quasi ainda nem conhece seu pai.

— Ooh, eu acho êle igualzinho à tia Else. Não gosto dêle disse o menino embaraçado. Escute, mamãe, por que é que êle chama você de Lisken? Eu acho tão feio. Mas Ida Elisabeth é um nome bonito, mamãe.

— Fico contente por você achá-lo bonito. Mas agora você pode se vestir e ir com Carl hoje, já que o dia está tão bonito. Lembre-se de que você é tão pequenino que não poderá ir tão longe quando o tempo não estiver bom.

Mas coitadinho do Carl — ela percebia que o pai fôra uma desilusão tremenda para êle, ou pior, um lôgro. Êle se controlava bem. Talvez fôsse melhor mesmo, se êle pudesse atravessar o transe sem dizê-lo a ninguém. Mas era uma cruel injustiça que o menino tivesse que suportar isso.

O que acontece é que Frithjof tratava os meninos como se ainda fôssem nenens; ela compreendera isso quando fôra vê-lo no domingo com os meninos. Como se a sua paternidade tivesse sido guardada numa gaveta desde os tempos de Berfjord, e a tivesse tirado novamente agora. E depois os dois meninos eram muito acanhados, estavam acostumados a ficar sozinhos em paz o mais possível. Qualquer indiscrição fazia com que instintivamente se eriçassem.

Naturalmente ela também tinha um mêdo horrível do contágio. A não ser que Frithjof estivesse completamente mudado, êle estaria só agarrando as crianças, nas irrefletidas carícias que estavam na ordem do dia com a família dêle. Pois êle próprio não admitiria que estava seriamente doente; declarava em têrmos misteriosos, que nunca fôra verificada a presença de tuberculose, mas que arrebentara qualquer coisa internamente, o que era a causa das hemorragias; mas um curandeiro lá em casa dissera que ficaria bom com tratamento e descanso; e fôra por isso que não se opusera à idéia de mamãe, de entrar para o sanatório.

Digitalizado com CamScanner

No momento em que ela abriu a porta do escritório de Toksvold, êle pulou da cadeira e veio ao seu encontro: Agarrou-lhe a mão:

— Deus do Céu, você está tão... Isso deve tê-lo abalado muito — êle empurrou para a frente a cadeira em que ela costumava sentar-se.

— Oh, então você já soube? —. Ela já o esperava. Sabia-se de tudo no hotel.

— Oh, sim. Agora estamos fritos!

Ida Elisabeth tirou as luvas, desabotoou o casaco e tirou um cigarro da caixa que êle lhe estendera.

— Bem, que é que eu dizia, Ida?

— Você compreende, foi a sogra — ela desejou não ter usado essa palavra — que arranjou isso.

— Sim, isso mesmo. As filhas mandam dizer a mamãe que Ida continua a ser a mesma. Tola, é o que elas pensam. E lá vem a velha para cima de você!

— Também não é assim, Tryggve. — Ela lembrou-se de que nunca lhe contara o que tinha havido entre ela e Frithjof quando adolescentes, simplesmente porque na ocasião achara que isso nada tinha que ver com sua personalidade presente. Ela podia bem tê-lo contado — e Tryggve teria visto que ela não passara de uma menina que fôra arrastada num turbilhão por tudo e por todos até ficar tonta. Agora era impossível contar-lhe — agora isso lhe produziria uma impressão inteiramente diversa.

— Bom, desculpe eu perguntar. Mas é você que está pagando a estada dêle em Fjeldberg?

Ida Elisabeth corou:

— Não. Pelo menos a mãe dêle juntou o bastante para pagar a estada por uns dois meses. Se êle concordar em ir para "A Colina" o dinheiro durará um pouco mais. Mas você sabe...

— Eu conversei longamente com o doutor Lund, depois dêle o ter examinado. E parece que a moléstia está muito adiantada; não é fácil prever os acontecimentos. Mas desde o primeiro ou segundo dia de sua chegada que êle não tem febre, e come bem. De modo que eu acho que êle devia ficar aqui pelo menos até à primavera. Você sabe, eu ainda tenho mil e quatrocentas coroas naquela conta de banco e o dinheiro estava originariamente destinado à meninazinha que morreu. De forma que eu acho que, de certo modo, seria justo empregá-lo para o pai, já que está doente.

Digitalizado com CamScanner

— Bem, isso, naturalmente, é assunto que não me diz respeito.

Enquanto ela falava êle estivera dobrando e desdobrando a primeira fôlha de um bloco e cortando as dobras com a faca de papel; depois apanhou todos os pedaços na mão e amarrotou-os. — Como você deve imaginar, eu não estou muito entusiasmado com os acontecimentos...

— Como estão as coisas, o que posso dizer é que é muito bom haver a probabilidade de ir-me embora daquí. Você sabe que eu trabalhei alguns anos com meu tio Bjornstad; comecei como escriturário. Ola, meu primo, que continua à testa da firma, quer que eu volte de novo. Bem, ainda não está nada decidido. Mas há muitos motivos para recomendá-lo...

— Ora, se isto acontecer, proponho que nos casemos breve. Haverá alguma razão para esperarmos? E, com franqueza, minha filha, acho que a situação aquí deve estar ficando um tanto complicada para você. Confesso que não a acho nada interessante... Aquí estamos nós, você e eu, noivos em segrêdo, como todo o mundo sabe... e ao mesmo tempo você traz para cá o seu antigo consorte e a família dêle afim de representar o papel do Bom Samaritano com êles.

Ida Elisabeth ergueu os olhos para êle, mas não disse nada.

— Como estava dizendo, o que você faz com o seu dinheiro é uma coisa com a qual certamente não quero me meter. Mas parece-me, por muitas razões, que o mero fato de você pagar pelo sujeito aquí no sanatório, torna aconselhável que você more em outro lugar.

— Frithjof pessoalmente não passa para mim de um fantasma, de uma época tão longínqua, que nem tenho a sensação de que tenha sido meu passado. Bom, naturalmente tenho pena dêle.

— Oh, não pense que tenho ciúmes *dêle*, no seu presente papel. Mas como um fantasma, usando suas próprias palavras, é outra coisa. Se você já liquidou êsse seu passado, não devia absolutamente deixar que os seus fantasmas a seguissem e amolassem. E' a coisa mais estúpida que se pode fazer, Ida. Que os mortos enterrem seus mortos, como diz a Bíblia.

— O fato é que êles *não* estão mortos. Sou eu simplesmente que não sinto mais que êles me interessam. Mas *sei* muito bem que estão vivos; ainda têm a mesma vitalidade de sempre para sofrer e ficarem aflitos uns com os outros, e não terem dinheiro, e serem incapazes de compreender por que estão sempre em dificuldades...

Digitalizado com CamScanner

— Muito bem. Mas se você quer ajudá-los, faça-o pelo amor de Deus, mas faça-o por cheque, ou ainda melhor por vale postal; isso torna tôda a correspondência supérflua. Mas você deve desaparecer da cena.

— Eu também tenho que pensar nos meninos, disse ela em voz baixa. Você não vê, pareceria estranho a êles, se eu fugisse porque o pai veio para cá...

— Mas êles sabem que você não está mais casada com êle.

— Creio que sim. Nunca lhes disse nada a êsse respeito. De um modo ou de outro, nunca se nos ofereceu a ocasião de conversarmos sôbre o que acontecera antes de virmos para cá. Acho que êles também nunca pensaram nisso. Vivíamos dia a dia. Até à época em que nós dois nos conhecemos.

Êle disse tranquilamente:

— Naturalmente calculo que há muita coisa que êsses meninos não compreendem agora. Mas algum dia terão que compreendê-lo. Se não antes, pelo menos quando crescerem.

— Talvez. Mas o que a gente pode compreender depois de crescido, Tryggve, não é remédio para o que se sofre quando criança. O sofrimento é o mesmo. E o efeito do sofrimento na gente é de ter que meditar nesses aborrecimentos enquanto se cresce... Creio que continua a ser o mesmo, apesar de se compreender muita coisa depois.

— Mas deve-se ensinar às crianças a serem justas, disse Toksvold irritado.

— Sim, mas elas não são justas. Exceto no modo de insistirem naquilo que consideram seu direito, e dos seus companheiros. Aliás, é raro a maioria das pessoas aprenderem mais do que isso. Mas não se pode esperar que as crianças vejam uma questão sob todos os aspectos, o que está errado e o que está certo, especialmente quando vai de encontro aos seus sentimentos. Eu acho que seria uma pena. Seria como que exigir de crianças, que devem estar estudando a taboada de multiplicar, que estudem a matemática que se ensina, por exemplo, na escola naval.

— Ida, Ida, você não deve estar sempre pensando nessas coisas. Nenhum de nós ficará mais feliz com isso.

Ela sentiu que seu rosto ficava gelado com uma palidez repentina:

— Não, disse baixinho. Nenhum de nós, exceto, talvez, acidentalmente, meus filhos.

— E' impossível que você realmente ache certo o que estava pensando ainda há pouco — disse êle — como antes.

Ela inclinou-se ligeiramente na sua cadeira e olhou para as mãos.

— Diga-me Ida... — Êle se interrompeu, levantou-se e foi até à janela. Por uma ou duas vêzes pareceu querer dizer alguma coisa, mas se conteve. Ela estava francamente surpreendida com o desenrolar dos acontecimentos — não desejara isto, mas agora parecia inevitável...

— Diga-me, perguntou êle, virando-se para ela: — Você não gosta mais de mim como gostava?

Ela olhou-o e pareceu-lhe então que não poderia mais despregar os olhos dêle. Não gostar dêle — Meu Deus, ela algum dia gostara dêle como gostava agora! Seu rosto e seu corpo, que no seu desejo ela parecia abraçar, penetrando por sob suas roupas, o homem, sua vida, seu pensamento e o desejo que êle sentia por ela, chamavam a isso alma, que punha em movimento seus membros belos e sadios, e dirigia seus olhos e determinava o que êle diria e faria — tudo isto ela amava de uma maneira insuportável. Oh, era quasi como se ela não gostasse dos filhos, quando pensava em pertencer a êle — os filhos pareciam-lhe um pêso escuro e pesado acorrentado a seus pés. Mas existiam, ela não poderia vir sem êles, não podia ir para o lado dêle sem ter que arrastá-los consigo.

— Bem, você sabe, eu ultimamente... tenho tido muitas vêzes esta impressão...

— Não é isso, Tryggve...

— Então o que é?

Ela sentiu que talvez pudesse afastar o mal, respondendo como respondeu:

— Você não compreende... as crianças ficariam enormemente impressionadas se eu fôsse casar-me com você logo agora que o pai está no seu leito de morte no sanatório. Bom, é mesmo uma falta de sorte êle ter vindo para cá justamente agora. Suponho que Carl, mesmo assim, está pensando tôda a sorte de coisas...

— E' provável. Êle é um tipo exquisito. Não é possível ser mais nervoso.

— Vicê não gosta dêle — murmurou Ida Elisabeth.

— Em todo o caso acho que faço o possível para gostar. E desde já deixe que lhe diga, Ida... no ano passado quando êle estava de cama, eu realmente o achava um menino agradável. Mas êle não gosta de *mim*, não é preciso que eu lhe diga isso. Êle tem ciúmes...

Digitalizado com CamScanner

Ela sacudiu a cabeça. — E a questão é esta, vê você, Tryggve. — Eu ficaria sempre do seu lado. Não creio, não *imagino* que eu pudesse fazer outra coisa, se não tomar seu partido contra os meninos. Sempre.

— Compreendo, disse êle vagarosamente. E você não acha que em geral o meu lado estaria com a razão? Carl não é nada razoável, e o seu mais moço, pobrezinho, tem uma índole de tratante. E na verdade nós estamos de ocôrdo sôbre o que queremos, não? Isto é, sôbre o que é direito e honesto, e que conduta devemos ter em relação a êles, e assim por diante.

Ida Elisabeth teve uma contração dos ombros, como se estivesse com frio.

— Bem, você não concorda comigo?

— Sim. Estou certa de que concordaria sempre com você em tudo.

— Provavelmente você já deve ter visto há muito tempo que seus filhos têm muito do temperamento... bom em todo o caso eu não reconheço muito do seu caráter neles.

— E' isso mesmo. Eu sei que, sozinha, posso combater essa tara neles, quero dizer, fazer com que saltem tôdas as vêzes que encontrarem um obstáculo que recusarem transpor. E, afinal não tenho lá muita certeza disso. Mas se alguém pode conseguir isto, êsse alguém deve ser eu. Quem pode ensiná-los a não ceder a tôda a espécie de aversões, e se enterrarem em caprichos, fantasias e absurdos sempre que encontrarem uma dificuldade, em vez de tentarem saír-se dela? Mas se êles nos tiverem, a você e a mim, *unidos* contra êles... — ela levantou os braços e deixou-os caír num gesto desanimado.

Êle sentiu que continuava a fitá-la. Só por um instante ela ousou levantar os olhos e encará-lo.

— Que Deus a ajude, Ida — disse êle a meia voz. — Você vai se sentir tão infeliz!

Ela sacudiu a cabeça sem olhar para êle. E passaram-se alguns minutos até que ela tivesse a coragem de responder:

— Você não se lembra? nós conversamos tantas vêzes sôbre isto. Você dizia a mesma coisa: uma vez que se teve filhos, não se pode deixar a tarefa em meio. Dar à luz, dizia você, é somente entregar a matéria prima, os filhos só estão acabados e saem das mãos da mãe quando se tornam adultos. E nos tempos em que vivemos, disse você uma vez, quando há tanta gente que não *possue* nada a não ser a si mesmos, que não sabe o que é traír a alguém, infeliz daquele que acha um sacrifício, disse você, ter que dar tudo o que tem para manter a confian-

Digitalizado com CamScanner

ça de alguém, quando há tantos que não têm absolutamente nada a que demonstrar fidelidade. — Ela enguliu as lágrimas que forcejavam para saír. — Não sei por que eu ficava arripiada quando falávamos nestas coisas. Como quando se diz, há um ganso andando sôbre a minha sepultura.

— Oh, sim. Mas quando isso vem a propósito... é diferente. Você falou em fidelidade. Mas eu nunca tencionei que você traísse seus filhos. Mas quanto a mim, Ida?

— Oh, sim. Mas eu não pensei — as lágrimas venceram-na — eu não pensei que fôsse assim. Que eu não possa vir para você sem trazer comigo algo que é minha carne e meu sangue e que sempre lhe será estranho.

Ela lançou-lhe um olhar de relance, viu a sua perplexidade, e sentiu que o seu desespêro era completo.

— Oh, como você se arrependerá disto, Ida!

— Sim, eu sei que me arrependerei, Tryggve. Vêzes sem conta.

— Então por que insiste em fazê-lo?

Ah, por que o *fiz*? Porque agora não pode ser desfeito. Agora êle descobrirá cada vez mais que as dificuldades são tremendas de mais...

— Oh, Ida, Ida — eu acho que você devia refletir mais.

— Sim, pode ter a certeza de que o farei. Mas depois disto você também refletirá mais sôbre o assunto. — Oh, como é que eu pude fazer isto!

— Além disso, talvez as coisas se resolvam de um modo diverso do que você pensa, sabe? Se nos mudarmos para outro lugar. Então, pelo menos, teríamos muita gente de minha família na vizinhança, sabe? E você se deu bem com todos os que conheceu até agora. Tanto Anne como Ingvild consideram-na muito. Só estaríamos a umas doze milhas de Ingvild — poderíamos mandar os meninos para lá durante as férias, e assim por diante.

— O fato é que êles não têm ninguém além de mim, coitadinhos. E a culpa é minha. Porque eu conhecí os Braatos quasi tôda a minha vida, de modo que devia saber o que iria acontecer.

— Você provavelmente era muito criança para isso. Casou-se quando tinha uns vinte anos. Francamente, seus escrúpulos não são um tanto mórbidos?

— Não sei, Tryggve. Mas a minha conciência é só o que eu tenho para me guiar... quando procuro esclarecer as minhas dúvidas sôbre o que é direito e errado. Deus sabe que eu

Digitalizado com CamScanner

desejaria ter alguém em quem confiasse e que me pudesse aconselhar e guiar; mas como não tenho... Não que ache que nossa conciência seja uma coisa em que devemos confiar cegamente — disse com amargura. — Pois quasi tôdas as pessoas que conheci diziam que nos devíamos guiar por nossa conciência. E eu nunca notei que a conciência os impedisse de fazer o que queriam. Creio que meu pai foi a única pessoa que não conseguiu que a conciência o apoiasse — talvez fôsse por isso que a conservasse no álcool. De modo que não é que eu creia que a minha conciência esteja mais disposta a dizer as verdades do que a dos outros, você compreende. Mas como é a única coisa que tenho para me guiar...

— E o nosso amor, Ida? — disse êle docemente.

— O nosso amor me diz que não vale a pena se preocupar com nenhuma outra coisa neste mundo. Que só existimos nós dois, você e eu. Mas nós sabemos que não é verdade.

O cachorro cansara-se de estar deitado junto ao radiador e chegou-se a Ida, pondo a cabeça no seu colo e abanando o rabo convidativamente; mas como ela não lhe ligasse importância, atravessou e meteu o focinho na mão de Toksvold. Tryggve virou ligeiramente o rosto e baixou os olhos, enquanto acariciava a bela cabeça negra do cachorro — sua expressão lembrava vagamente a expressão com que outrora êle ajudara a lavar o sangue de Carl, e Ida Elisabeth sentiu que sua tristeza como que transbordava dentro dela.

— Mas afinal, que é que você quer? — perguntou êle outra vez. Por que você não vai me dizer, continuou apressadamente, que pretende meter-se novamente com aquela gente?

Ida Elisabeth estremeceu:

— Oh, não. Eu terei o menos possível que ver com êles, você compreende.

— Não, devo dizer que não compreendo. Que é que você pensa fazer então?

— Lutar sozinha por meus filhos, como já fiz antes.

Mas então as lágrimas voltaram outra vez — ela levantou-se abrutamente para fugir. E então, num instante, êle estava ao lado dela e tomava-a nos braços.

— Oh não, Ida! Ida, minha querida, isto é uma verdadeira loucura, do princípio ao fim!

Ela continuou soluçando e deixou que êle a beijasse e também beijou-o com os braços em volta do pescoço dêle, enquanto o cachorro se movia inquieto em tôrno.

— Ida, não falemos mais nisto agora! Amanhã será um dia novo, você sabe. Oh, minha pobrezinha, como você está chorando... Ida, se nós gostamos um do outro? Não pensemos mais nisto por enquanto, sim?

— Agora você virá almoçar comigo? E depois iremos para o meu quarto e ficaremos lá sentados, e então... então não nos sentiremos mais assim. O que você está é exhausta, coitada. Quer que eu mande um recado a Fru Bjorkheim? E' provável que ela tenha alguma coisa para você tomar, que a acalme. E depois, não falaremos mais nisto por enquanto...

Ela continuou pendurada nele, exhausta, e pouco a pouco conseguiu dominar as lágrimas: — E logo na sua hora de trabalho, quando você mal está de volta. Tenho que ir. Imagine eu fazer uma cena destas, e devem ter ouvido na sala de espera...

— Sim, você agora já se comprometeu tanto, Ida, que em breve terá que dar um jeito nisso — êle tentou gracejar.

Ela sorriu o melhor que pôde:

— Mas agora vou-me embora. Não, Tryggve, não fico não; você naturalmente tem muito que fazer...

— Posso trabalhar até tarde. Infelizmente a noite me pertence...

Ida Elisabeth riu fracamente:

— Infelizmente eu também tenho muito que fazer.

— Sim, que diabo, você sempre tem, respondeu êle com uma careta.

E então êle abraçou-a e beijou-a de novo. Oh não, no fim das contas não estava tudo acabado entre êles. — Mas Ida Elisabeth sabia, mesmo enquanto estavam assim, nos braços um do outro, que cortara o laço vital que os unia. *Agora* parecia que êle poderia crescer outra vez; e assim seria, enquanto a chaga sangrasse, mas pouco a pouco deixaria de sangrar, e depois se contraíria, e êles poderiam seguir seus caminhos diferentes; com o tempo êle compreenderia isso.

Digitalizado com CamScanner

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

As coisas não se acabaram assim tão rapidamente. Às vêzes Ida Elisabeth sentia um desejo ardente de que o fim chegasse. Depois vinha um intervalo em que não tinha notícias dêle; não podia deixar de contar os dias: nunca houvera uma demora tão grande entre suas cartas. E ficava fora de si de impaciência e desespêro: *não* estava tudo acabado, podia acontecer uma coisa ou outra que endireitasse tudo outra vez. Depois chegou um postal; tinha que voltar na semana seguinte por algum tempo: — Ansioso por vê-la de novo.

Ela devia almoçar com êle no hotel Bjorkheim, no dia seguinte ao de sua chegada. Ida Elisabeth dirigiu-se para lá, tomada de verdadeiro terror: tinha a sensação de que descobriria que já se tinham afastado mais um pouco.

Era um dia de inverno tão alegre e resplandecente — o brilho do sol na neve gelada chegava a doer os olhos. De encontro ao céu azul escuro erguiam-se os pinheiros, quasi sem neve alguma, depois do último temporal; de certa forma faziam pensar em chamas, havia como que labaredas douradas nos ramos verdes. E no íntimo ela tinha uma triste sensação de abatimento; parecia adivinhar que se sentiria isolada como nunca se sentira na sua antiga vida; o contraste entre a radiante beleza do dia e seu próprio desânimo, fêz com que o percebesse com maior clareza.

Diante dela, na estrada, aproximava-se um bando de crianças saindo da escola. Havia uma multidão de pequenos trenós no meio da estrada, e nos enormes montes de neve dos

lados havia crianças de *skis*. Os gritos das vozes infantis, o barulho da neve esmagada sob seus pés, e o suave pisar dos *skis* e das varas fundiam-se num rumor que lhe recordava o barulho de um bando de pássaros em migração. Ida Elisabeth procurou Carl. As crianças estavam com o rosto vermelho do frio, tinham o nariz descascado de enxugá-lo com as luvas geladas. Aliás, pensou Ida Elisabeth, é preciso que eu me lembre de passar em Manon para comprar vaselina e unguento.

Carl estava entre os últimos. A mãe parou e falou-lhe, disse-lhe que Tryggve estava no trampolim de *skis*, no campo de Enger; Carl precisava ir buscá-lo, pois Ragnhild prometera preparar o almôço para êles. Carl disse que sim e não perguntou onde ela ia.

Perto do lugar onde estavam havia um grupo de faias, à beira de um campo. Depois, quando ela se lembrava dêsse dia, lembrava-se do aspecto belo e simpático dos ramos de um cinzento esverdeado à claridade do sol de inverno. Uma porção de líquen de um amarelo dourado crescia em volta delas, em pedaços redondos, e atrás das árvores estendiam-se sôbre a neve as suas sombras azuladas.

Tryggve Toksvold estava à beira dela no *hall* do hotel, e depois de levá-la para o meio da fila de cabides, beijou-a, enquanto apanhava o seu casaco e o pendurava: — Você não quer tirar o chapéu? — Então ela ficou furiosa consigo mesma — não sabia que impulso a impelira a querer ficar de chapéu durante o almôço, como que dando a entender que a intimidade dêles estava acabando. Ela tirou-o, mas depois arrependeu-se: enquanto estava diante do espêlho se empoando, achou que as últimas semanas a tinham mudado, mas o chapéuzinho preto a melhorava tanto.

Notou que êle estava com um terno novo, de um cinzento azulado, mas azulado de mais para o gôsto dela.

Para aquela época do ano havia um número extraordinário de pessoas na sala de jantar. Uma assembléia, explicara Toksvold: o único quarto que lhe tinham podido dar, quando chegara na noite anterior, fôra uma pequena toca nos fundos: — um despropósito, você não acha, depois de eu ter morado aqui durante três anos. Mas em todo o caso Magda prometeu que tomaríamos o café na sua sala particular.

Nunca a sala de jantar no Bjorkheim lhe parecera tão incômoda, pensou ela — tinha painéis transversais de pinheiro lustrado e havia postes e vigas por tôda a parte; eram talhadas formando ângulos, com as mandíbulas abertas de um dra-

Digitalizado com CamScanner

gão, de modo que se tinha uma sensação verdadeiramente física de se bater com os olhos de encontro a uma quina ponteaguda, para onde quer que se olhasse.

Toksvold viera diretamente de Oslo: — Anne e Kari mandaram lembranças. Sim, eu encontrei-as por duas noites consecutivas. Êles deram uma festa, quero dizer, os Mosgaards, e depois fomos convidados por umas pessoas que estavam lá, para o dia seguinte. Foi uma espécie de baile a fantasia — êle soltou uma risadinha.

— Que divertido! Você estava fantasiado?

— Eu? Você está maluca? Eu era uma visita fortuita, compreende? de modo que me livrei da fantasia.

— Estou certa que sua irmã devia estar altamente elegante?

— Acho que não. Uma espécie de pijama, enfeitado com um ou dois baralhos. Acho que era qualquer coisa sôbre o *bridge*.

— E Kari, de que estava vestida?

— Só Deus sabe. Mas ficava-lhe muito bem. Lembro-me que tinha uma cauda comprida, porque pisei nela. E enormemente decotada por aqui.

— Talvez um vestido Império?

— Talvez fôsse isso. Em todo caso, ia-lhe muito bem.

Ida Elisabeth permaneceu silenciosa. — Não... já tinha começado... seus caminhos se tinham separado. Em pensamento já se via fixando-se na sua sala de trabalho. — Estou condenada a ficar aqui...

Depois de algum tempo Toksvold perguntou:

— E aquêle Herr Braato? Ainda está aqui?

— Nós conseguimos que êle fôsse para "A Colina". Teve que ir para a cama outra vez... febre.

Como Toksvold não dissesse nada, ela prosseguiu:

— E' feio eu dizer isto, mas não posso negar que estou um tanto satisfeita, do dr. Lund ter proibido que as crianças vão lá, agora que êle está de cama. Porque nunca estou tranquila quando sei que êles estão com aquêle doente.

— Não, isso é perfeitamente natural.

Depois não tiveram mais assunto.

Estavam sentados juntos num sofá, numa saleta pertencente à parte particular da casa, quando Tryggve lhe pôs um embrulho no colo. — Para dizer a verdade eu tencionara dar-lhe um anel. Mas depois achei que talvez agora não fôsse aconselhável.

Digitalizado com CamScanner

Ida Elisabeth tentou sorrir. Desfez o embrulho. Dentro estava uma taça de prata, cinzelada. — Oh mas, Tryggve... como foi que você pensou numa coisa dessas!

— Parece que é arte antiga de Trondhjem. Sei que você gosta de coisas bonitas. Gostou? e beijou-a.

— Porque você tem que me prometer... nada dessa história de devolver presentes... aconteça o que acontecer. Em todo o caso, continuaremos sempre amigos, não?

Amigos —— acho que não, Tryggve... porque acho que vou me arrepender tantas vêzes. E não sei se o meu sentimento será mesmo de amizade... quando eu pensar que não fui bem tratada porque você não me deu nem uma oportunidade..

Mas êle se *revoltara* inúmeras vêzes, suplicara e ameaçara — tôdas as vêzes que tinham estado juntos, até partir, havia seis semanas. Tentara obrigá-la a ser sua amante. E agora ela arrependia-se amargamente de ter resistido — de verdade. Mas mesmo então já teria sido tarde. Cheia de amargura pensara em segrêdo — você podia ter-me possuído antes... Embora soubesse muito bem que *isso* não era um preventivo infalível contra o divórcio, mesmo que então, por causa das conveniências, êle tivesse levantado mais objeções antes de deixá-la partir. Mas, talvez mais por causa das conveniências do que por sentir-se infeliz em perdê-la, e em ver tôdas as suas esperanças de uma vida em comum reduzidas a nada.

Êle se *tinha* sentido infeliz; perdera o contrôle uma noite, enfurecera-se e se debulhara em lágrimas — chamara-a de fêmea esgotada, que sentia um prazer perverso em se atormentar, dissera que era um pecado contra a natureza se ela o abandonasse quando tanto se amavam...

Isto já fôra havia seis semanas. Durante seis semanas a sua intimidade cessara e êle vira muita gente, em condições que não se assemelhavam em nada àquelas em que decorrera a sua história de amor. Era realmente verdade que êle gostava imensamente dela, o bastante para ter a certeza de que teria preferido viver com ela do que com qualquer outra mulher. Estava disposto, ainda por cima, a receber seus filhos, a sustentá-los, e encaminhá-los na vida do melhor modo possível.

Mas, desde que, ao mesmo tempo, também era verdade que fizesse êle o que fizesse por essas crianças, o único resultado seria a contínua discórdia no lar, por mais que tentasse ser amigo leal dêles — êles só lhe pagariam perturbando a sua vida de casado com ela, irritando-se com a felicidade dêles, e perturbando a sua afeição mútua — assim sendo, desistira.

Digitalizado com CamScanner

Não era homem que se entregasse a fantasias — como pensar que as boas intenções venceriam a desconfiança e o bem prevaleceria no fim, e que com o tempo êles compreenderiam. Ela não acreditava em nada disso, e êle sabia que ela estava com a razão. Era melhor desistir da tentativa, mesmo que isso os maguasse profundamente, quando ambos sabiam que não havia a menor probabilidade das coisas correrem senão desastrosamente.

Uma lua, quasi cheia, pendia do céu verde claro, por cima da serra, quando êle a levou para casa. Suas sombras na neve eram pálidas, vagas e longas à fraca luz da lua. A noite ia ser muito fria... a neve rangia tão forte sob seus pés...

Êle subiria ao vale a negócios no dia seguinte e não estaria de volta antes do trem da noite. — Mas depois de amanhã? Porque nós queremos estar juntos o maior número de vêzes possível, não?

— Oh Ida, eu gosto tanto de você, repetiu êle outra vez, enquanto lhe dava um beijo de despedida, à sombra do pórtico. E ela sabia que era verdade. Mas êle compreendera que ela não era livre para começar uma vida que devia ser partilhada só com êle, e era bastante sensato para reconhecer que nenhum dos dois se contentaria com menos.

Às vêzes ela pensava em coisas que ouvira — antes de crescer, por exemplo. Uma amiga da mãe estava pensando em tornar a casar-se e os filhos do primeiro marido tinham feito um barulho muito grande. Ela falara da sua nova felicidade, "nossa felicidade dolorosa e suscetível". Oh, mas também que alegria triunfante sentimos quando *podemos* ter uma hora de sossêgo, só nós dois. Era uma vantagem mandar as crianças passearem, dar a tarde à empregada e desligar o telefone. E era uma prova de coragem — não renunciar à felicidade, mas pagar por ela.

Oh sim, mesmo agora ela via que isso era tentador. Mas se formos analisar tôdas estas frases sentimentais chegamos à simples pergunta: é justo que meus filhos paguem para que eu fique com o que eu desejo? Bem, Deus sabe, que não é nada simples dar resposta a isto. Descobrimos então, quando tudo é tumulto dentro de nós, que a voz da conciência é como a pobre gralha da professora num pátio de escolha cheio de crianças aos berros. Mas o fato persiste; depois de fortes e crescidos, os filhos podem se recusar a pagar as contas de seus progenitores; podem recorrer à falência contra a moralidade, a sociedade, ou seja qual fôr o credor que tem os títulos não resgatados dos

pais. Mas enquanto os filhos são crianças, não podem impedir que os pais queiram viver a sua própria vida à custa dos seus rebentos.

Talvez seja verdade que hoje em dia as pessoas enganem e explorem umas às outras com uma cara mais limpa do que antigamente. Talvez a natureza humana continue a mesma, e seja um fator externo que faça parecer que tenha havido mais honestidade e lealdade no mundo em certos períodos do que em outros. Mas, não importa em que dificuldade nos encontremos, mesmo que todos venham a se trair uns aos outros, a última coisa a acontecer deveria ser traição de uma mãe aos filhos.

Ida Elisabeth recuava da tentativa de descobrir o que se passava na cabeça de Carl naquele inverno. E' tão fácil compreender mal as crianças, especialmente quando nossos próprios interêsses diferem dos interêsses da criança...

Com o pequeno Tryggve era fácil. Êle detestava as visitas ao sanatório, e achava que êsse pai era uma pessoa exquisita, e era aborrecido ter que ir dar-lhe bom dia, quando êle estava deitado, ao meio do dia. Mas mamãe agora estava sempre em casa, e só quando estava fazendo uma prova é que os meninos não conseguiam falar-lhe imediatamente, se tivessem alguma coisa a dizer-lhe. O pequeno Tryggve estava mesmo contente das coisas estarem novamente correndo bem em casa e ainda ficava radiante de ir para a escola; lá havia tanta novidade, e a professora era boa e elogiava tanto a sua caligrafia. Ida Elisabeth tinha que examinar seu caderno todos os dias, e ouví-lo no seu ABC. E êle pulava magnificamente de *ski;* era verdade, não era história, a própria mãe já o vira quando êles desciam de "A Colina" nos domingos. Tinha tanto prazer em ser elogiado e pôr a mãe de bom humor que sua obediência e bom comportamento não tiveram limites naquele inverno e na primavera. Ida Elisabeth não queria se iludir; sabia que poderia ter muitas dificuldades com o menino, com o correr do tempo. Mas precisamente agora êle entrara num bom período — estava radiante de saúde e de uma bondade e meiguice fora do comum; era um prazer notar como crescia e florescia dia a dia.

Com Carl era mais difícil. A mãe julgava notar como êle se debatia entre a lealdade ao pai, à qual não queria faltar, e os sentimentos que o pai lhe despertava. A doença, e também, provavelmente, os anos de ociosidade em Vettehaugen, como que tinham despojado Frithjof de tôda aparência de maturidade. Era triste ter que pensar uma coisa dessas de um homem que não tinha muito mais de trinta anos, mas até parecia que êle

Digitalizado com CamScanner

estava caindo na segunda infância. Embora parecesse a ela que, de certo modo, êle estava menos desagradável agora do que quando era realmente um menino — pelo menos não se podia esperar que um homem doente pensasse em outras coisas além de si mesmo. Mas, provavelmente, o que mais impressionara Carl fôra que havia algo de anormal nessa infantilidade, pois não se podia negar que o menino mentalmente era mais desenvolvido do que o pai. O Dr. Lund tomava cuidado para que êle não ficasse muito com o doente. Mas nas vêzes em que êle estivera lá, Frithjof provavelmente falara muito sôbre Berfjord, Vallerviken e Vettehaugen, e isso fizera com que Carl começasse a se esforçar por relembrar mais ou menos a sua meninice. Uma ou duas vêzes acontecera êle vir perguntar-lhe como se passara isto ou aquilo — depois que Ida Elisabeth lhe contava, ficava pensativo durante algum tempo.

Sobreveio então uma noite de domingo em fins de março. Ida Elisabeth estava na saleta e ainda não acendera a luz, pois a lua estava muito brilhante; cintilava nas vidraças geladas e sua luz, de um branco leitoso, flutuava, banhando o chão e o mobiliário. Ela abriu o respiradouro da lareira, e ficou aconchegada num canto do sofá, sentada sôbre os pés — era bom ficar sentada descansando os olhos um pouco, e só daí a uma hora é que precisaria ir preparar o jantar.

Os meninos estavam estirados no chão, conversando diante da lareira. A luz das chamas tremulava vermelha sôbre êles e marcava as listas da coberta de remendos. Ouvindo Carl falar, ela percebeu que devia ter estado cochilando.

Êle estava de pé junto à janela, abrindo, com as pontas dos dedos, buraquinhos nas vidraças geladas da janela. — Escute, mamãe, nós vamos embora de Viker?

Ela viu vagamente Tryggve e o cachorro como uma massa escura junto à lareira — o menino estava respirando pesadamente, completamente adormecido. Havia somente um ligeiro brilho avermelhado no respiradouro.

— Oh, Carl, seja bonzinho e ponha umas achas de lenha no fogo para mim. Esta noite vamos ter que tirar outra vez as flôres da janela. — O frio fazia com que o velho edifício de madeira estalasse fortemente.

Depois de ter feito o que a mãe lhe pedira, o menino chegou-se a ela. — Sente-se aquí, disse a mãe, e Carl caiu pesadamente no sofá a um ou dois pés do canto em que ela estava sentada.

— Você estava perguntando se vamos continuar morando aquí... Disso é que eu não tenho muita certeza. Froken Ron-

Digitalizado

ningen, você sabe, aquela que passou uns dias aquí no verão passado, é gerente de Myhre & Stovner, e vai se casar em Pentecostes. Disseram-me particularmente, que eu, sem dúvida, poderia ficar com o lugar dela. Ainda não sei bem o que vou fazer, Carl. Você compreende, seria uma coisa certa... uma renda fixa todos os meses, e mais do que faço aquí. Mas o aluguel e muitas outras coisas seriam mais caros, e eu teria que ficar fora de casa o dia inteiro. Mas haveria muitas vantagens para vocês, se nós nos mudássemos para a cidade... a instrução e assim por diante.

O menino deu um salto e escondeu a cabeça no colo dela:

— Oh, mamãe, mas é tão bom aquí! Eu acho que estamos tão felizes e tão bem aquí — repetiu êle diversas vêzes.

Pobre criança — ela sentia como êle ficara feliz. Até sua atitude, com a cabeça no seu colo, mostrava-lhe que encontrara de novo a segurança no meio de tôdas as incertezas que o tinham atormentado durante tanto tempo.

Ida Elisabeth continuou sentada, brincando com o cabelo dêle e acariciando-lhe o rosto. — Você sabe, eu ainda não posso dizer o que vai acontecer. Por exemplo, podia acontecer alguma coisa que impedisse o casamento de Froken Ronningen...

Carl não se mexeu. Pouco depois começou a contar-lhe coisas sôbre uma excursão *record* sôbre *skis*, que o gerente da leitaria e Berge, o engenheiro, tinham realizado uma semana antes, do *saeter* Musli até Osterdal, na estação de Hanestad. Ida Elisabeth continuava enrolando as madeixas dos cabelos dêle nos dedos, e Carl continuava seus relatos dos *records*. Já havia tanto tempo que ela não ouvia a voz dêle assim animada e alegre...

As volumosas cartas de Borghild Braato continuavam chegando a intervalos curtos ou longos. Ida Elisabeth passava os olhos nelas, pensando vagamente — como é que ela encontra tempo para tanto? Bom, mas devia ter sido sempre o seu principal divertimento compor essas compridas cartas. Ida Elisabeth atirava-as no fogo e nunca respondia aos diversos quesitos que continham, quando, mais ou menos de quinze em quinze dias, enviava à outra um breve relatório do estado de saúde de Frithjof.

Tryggve Toksvold também escrevia com bastante regularidade, e agora eram suas cartas que ela receava abrir — e pelas quais ansiava, quando se passavam algumas semanas sem notícias dêle. Êle passara a Páscoa em qualquer parte da linha de Bergen, com um amigo que tinha uma cabana por lá. De volta passara um dia em Oslo.

Digitalizado com CamScanner

"Você se lembra de que me perguntou qual a vestimenta de Kari no baile a fantasia do inverno passado? Madame Sans Gêne — disseram-me quando estive na cidade. Anne e Fritz caçoam horrivelmente com ela por isto, e devo dizer que ela, coitada, não podia ter escolhido nada que se prestasse menos ao seu feitio. Eu a consolei dizendo-lhe, que em todo o caso ela estava esplêndida. Mandaram-lhe mil recomendações."

Nas semanas que se seguiram à Páscoa tiveram um tempo magnífico. Ida Elisabeth sentia uma ligeira impaciência enquanto ficava sentada na máquina de costura, enquanto o sol enchia a sala, de uma forma verdadeiramente primaveril. Oh, você não custou a se acostumar com a boa vida, minha cara, agora fica aí sentada e se irrita porque nunca pode sair. Ela devia até estar contente de ter voltado à época de trabalho. Mas só estava com Ragnhild Moen na oficina, no inverno tinha sempre uma única costureira, e agora a outra moça que ela costumava tomar quando precisava de auxílio deixara a vizinhança. De modo que tinha que aguentar firme.

Mas do lado de fora o sol cintilava sôbre a neve que brilhava e se derretia; no rio, uma água cinzento-esverdeada infiltrava-se sôbre a branca superfície, e os canais d'água refletindo o céu azul tornavam-se dia a dia mais largos. Carl todos os dias trazia corimbos para casa, e saía à procura de anêmonas, e na encosta ensolarada, o solo nu aparecia em pedaços escuros através da neve.

De vez em quando tinha que achar tempo para fazer uma visita a "A Colina" e passava tôdas as manhãs de domingo com Frithjof. Êle agora estava muito mal, horrivelmente mudado; seu pescoço ficara comprido e fino, com enormes cavidades sob o queixo e junto à clavícula. Também seu rosto estava quasi irreconhecível, tão magro e fino... mais do que nunca parecia uma simples criança.

Fôra imprudente, e então a doença entrara numa fase nova e pior — era o que antigamente costumavam chamar tuberculose galopante, dissera o Dr. Lund. Sua voz não passava de um murmúrio, mas êle não perdera a certeza de ficar novamente bom; não acreditava absolutamente que estivesse tuberculoso. Lembrara-se de um caso que acontecera em Vallerviken havia uns trinta anos; o filho de um dos fazendeiros de lá, fôra considerado tuberculoso e desenganado pelo médico, mas um dia, depois de um terrível acesso de tosse, escarrara uma massa de puz e pedaços de pulmão de mistura com uma arruela, e depois ficara bom. E agora, quando sua tosse dilacerante estava

Digitalizado com CamScanner

no auge e seus escarros eram realmente horríveis, Frithjof estava cheio de entusiasmo e esperança de que aparecesse uma arruela ou coisa parecida.

Era muito triste que êle tivesse que ficar tão só. "A Colina" não era grande — era uma casa de fazenda. A irmã Tonetta, sua proprietária, fôra enfermeira chefe de sanatórios de tuberculose, e quando herdara a fazenda do pai alugara-a a um irmão e preparara o maior dos dois edifícios principais para receber doentes. Ficava bem situado, e o Dr. Lund, do grande sanatório, era seu médico, mas era tranquilo de mais, como Frithjof se queixava amargamente: embora tão mal, não podia passar sem companhia.

Ida Elisabeth começara a pensar se devia mandar buscar a mãe dêle: seria cruel para Borghild Braato se não tornasse a ver o filho antes dêle morrer. Havia também Else e Bojan. Ida Elisabeth só as recebera em casa uma vez, desde que Else fôra para a Fundição; verdadeiramente não pudera fazer mais. No entanto elas tinham um bom aspecto. Else queixara-se enormemente do trabalho pesado de seu novo emprêgo, mas o ar de abatimento que lhe era característico, tornara-se menos aparente, e Bojan estava mais gorda e menos nervosa.

Um dia, quando ela estava com Frithjof, êle mesmo pediu:
— Você não pode escrever perguntando se mamãe não poderia vir por alguns dias? Estou certo de que ela apreciaria muito se você a convidasse. E há tanta coisa que eu queria conversar com ela...

Assim, naquela mesma noite ela escreveu a Borghild Braato e mandou-lhe o dinheiro para a viagem, no caso de necessidade.

Isso significava aprontar o quarto que ela tomara emprestado quando Else estivera lá. Recebeu de Borghild Braato uma emocionante carta de agradecimento. E Frithjof, provavelmente ficou mais excitado do que lhe convinha, à idéia da visita da mãe. Aliás isso agora não faria muita diferença; o fim era certo, de modo que era uma boa ação conceder-lhe êsse prazer.

A seguir veio uma carta de Borghild dizendo quando partiria de Vallerviken e em que dia Ida Elisabeth devia esperá-la. E finalmente, na noite anterior à sua chegada, um telegrama de Oslo: — "Papai também vai. Partimos daquí primeiro trem amanhã. Ansiosa por ver novamente todos. Mamãe."

— Bem, afinal, era muito natural. — Ida Elisabeth não pôde deixar de rir — dela não ter avisado antes. — De modo que

Digitalizado com CamScanner

agora tinha que ir novamente a Viker e ver se conseguia outra cama emprestada.

Carl chegou em casa enquanto ela e a empregada de Viker estavam armando a segunda cama. A mãe contou-lhe que o avô também vinha. Carl pôs as mãos no bolso das calças e ficou com um ar pensativo.

— Bom, mas mamãe, disse êle vagarosamente. — Vôvô... nós gostávamos bem dêle, não?

No dia seguinte os dois meninos estavam na escola, de modo que ela foi sozinha receber os velhos.

Não podia negar que tinha seus receios, enquanto andava para baixo e para cima na plataforma à espera do trem. Seria bem duro ter que ficar com êles em casa por tempo indeterminado...

Essa sensação desapareceu no momento em que viu os dois velhos virem apressadamente na sua direção, por sôbre o deserto amarelo que era a plataforma coberta de areia. Novamente ela gravou na memória, sem o saber, um dêsses quadros ou visões de que nunca se esqueceria: o sol batia sôbre o feio edifício da estação e os trilhos sujos; com um rigor inexorável mostrava o aspecto medonho, pobre e desbotado das coisas mais próximas — mas o mesmo sol de primavera cintilava sôbre o vale onde a neve se derretia, e os bosques nas encostas longínquas desapareciam no límpido céu azul, onde belas nuvens brancas se mantinham imóveis, como que impelidas através da abóboda celeste. Havia um barulho terrível junto ao vagão de carga, onde alguns homens estavam ocupados carregando e descarregando malas; diversos pares de *skis* retiniram barulhentamente no solo, mas a vasta extensão de ar ensolarado ressoava com o barulho do rio; a água borbulhava numa torrente rápida e murmurante em tôrno das escarpas de areia e desaparecia sob o passadiço de gêlo, com notas profundas, como o soar de um sino. De todos os lados havia o som de água corrente; brancos regatos desciam espumantes pelas encostas, de sob a borda de neve derretida jorravam murmurando pequenos cursos d'água, dos montes sujos que iam diminuindo de encontro aos muros da estação saíam riscos de água enlameada, que escorriam pela areia da plataforma.

Enquanto os dois velhos se aproximavam dela, pareceu a Ida Elisabeth que tôdas as adversidades do mundo os tinham esmagado, e ao mesmo tempo foi como se tudo que torna o esfôrço humano tão fútil, se apresentasse diante dela na figura dêles — e então êles sorriram-lhe, pateticamente e sem

apreensões. Mas depois o rosto de Borghild Braato ficou vermelho e enrugado como o de uma criancinha, as enormes lágrimas brilhantes começaram a escorrer, um verdadeiro dilúvio de pérolas, e um momento depois a mãe de Frithjof estava em seus braços:

— Oh, Lisken! Oh, Lisken! Oh, graças a Deus, minha filha, como é bom tornar a vê-la!

De forma que Ida Elisabeth não resistiu aos beijos da outra — nem mesmo sentiu muita relutância — só ternura por êsse pobre rosto umedecido, franzido e macio como veludo, como frequentemente é a pele das velhas. E quando afinal Borghild Braato a largou para pegar o lenço, e ela viu Jens Braato alí de pé com sua velha caixa de violino na mão, ela ergueu-se na ponta dos pés e amavelmente deixou que o ex-sogro a beijasse.

Êle não tinha feito a barba, e o pêlo eriçado no seu rosto enrugado brilhava como prata. Seus belos olhos de um castanho dourado estavam fundo nas órbitas, e a pele em tôrno tornara-se membranosa, parda e coberta de rugas; sua cabeleira de *viking* de brilhantes cabelos ondulados de um louro escuro estava branca na fronte, e murcha como capim sêco.

— Que bom que o senhor também tenha podido vir, meu sogro. Posso afiançar-lhe que Frithjof vai ficar contente!

Ela gostava dêles, era essa a verdade, depois de os ter levado com seus pertences para debaixo do seu teto e dêles estarem para baixo e para cima entre seu quarto, do outro lado do corredor, e a cozinha, o quarto dos meninos, e sua própria saleta. E naturalmente a sogra quisera ver a sala de costura e ser apresentada a Ragnhild: — Oh, como você está bem aquí, querida Lisken — devo dizer que você soube organizar um lar encantador! E vejo que tem muito trabalho — ela atravessou e olhou os vestidos que Ida Elisabeth estava fazendo, pendurados em fila, num longo varal. — E flôres por todo o canto... e como suas roseiras estão cheias de botões... imagine já estarem tão adiantadas!

Acariciaram tanto Carl e Tryggve, que os meninos não cessavam de lançar olhares surprêsos e indagadores à mãe. Precipitavam-se no quarto para continuar sua arrumação e voltavam para dizer alguma coisa, de modo que Ida Elisabeth tinha que estar continuamente fazendo sinais a Carl para ir fechar a porta.

E o almôço... — Vitela assada! Oh, mas Lisa querida, você *não devia* ter feito essa despesa por *nossa* causa! Você sabe que

Digitalizado com CamScanner

realmente papai e eu *preferíamos* uma refeição simples. Mas está *deliciosa,* não há dúvida!

Ela estava com um vestido de veludo de algodão azul escuro que fôra feito, noutros tempos, pela própria Ida Elisabeth. Era largo atrás, com um cinto muito baixo, de modo que o corpo visto de trás parecia uma enorme fronha, e o vestido chegava a ser cômico de tão curto, agora que se estava acostumado com saias compridas... Ih, como era mesmo horrível essa moda de saias curtas e a cintura nos quadris.

Ela estava verdadeiramente comovida por tornar a vê-los, e no seu espírito não havia outro sentimento — Ida Elisabeth surpreendeu-se de ter ficado tão emocionada. Enquanto isto durar, pensou ela — até que a sogra me irrite insuportavelmente.

Depois do almôço os Braatos foram para o quarto para repousar durante uma hora; a viagem e as emoções cansaram-nos. Nova surprêsa para os meninos — nunca tinham conhecido ninguém que fizesse a sesta. Depois tomaram café, e então o automóvel chegou.

O sogro veio com a caixa de violino na mão. Borghild Braato ficou um tanto descontente dos meninos não os acompanharem, mas a mãe disse um firme não: — Hoje eu também não vou ver Frithjof. Da primeira vez que os senhores estão com êle, estou certa que terão tanto que conversar que não quererão que um estranho ouça. — Um estranho... mas minha querida filha? — Borghild Braato olhou-a espantada. — Ih, coitada, será que ela contava com uma enorme reunião de família em tôrno da cama do doente? Além disso Ida Elisabeth estava nervosa com as cenas dilacerantes, quando os pais vissem como Frithjof estava mudado.

Ida Elisabeth conduziu os velhos pelo comprido corredor e indicou-lhes a porta do quarto de Frithjof. Depois voltou e foi para o jardim. As alamedas já estavam sem neve; o solo estava escuro e úmido, cheirando a primavera, do lado do sol, defronte da velha varanda que fôra transformada num abrigo aberto para os doentes, mas ainda havia neve sôbre os gramados, onde as macieiras projetavam compridas sombras na tardia claridade amarelada. Que Deus fôsse louvado pelos compridos dias claros... e as poças d'água gelavam à sombra, de modo que rangiam sob o pé da gente.

A Irmã Tonetta apareceu, alegre e engomada com seu vestido branco e azul; sua touca era como um lustroso diadema

Digitalizado com CamScanner

branco sôbre o rosto comprido e quadrado, que era de um vermelho claro, um rosto idoso e encovado que caía em dobras junto da bôca e do queixo. Cumprimentou Fru Braato com aquela sua voz que era um tanto gritante e sêca, mas doce. Sempre que Ida Elisabeth via a Irmã Tonetta pensava na palavra jovial, que parecia exprimir exatamente o que era essa mulher, desde os seus pesados sapatos pretos até o broche branco de celuloide com sua insígnia. Ida Elisabeth e a enfermeira ficaram conversando, andando para cá e para lá defronte da varanda.

De uma das janelas do primeiro andar que estavam abertas, vieram os acordes de um violino que se afinava. — Ora, que será isso? disse a Irmã Tonetta surprêsa. Depois as notas espalharam-se no ar noturno, brilhantes e puras, com sonhos de desejos e alegrias repassadas de tristeza. Êle estava tocando "O Dia Abençoado". A Irmã Tonetta instintivamente cruzou as mãos. E agora estavam cantando lá em cima. Ouvia-se a doce voz de barítono de Jens Braato e a vozinha fina de Borghild, que ainda guardava um pouco da sua antiga doçura.

O dia abençoado que hoje vemos
Cresce em radiância,
Cada vez mais brilhantes resplandecem seus raios,
Na graça e alegria do céu!
Como filhos da luz, sentimos
Que agora se afasta a noite!

— Oh, mas isso foi lindo! — murmurou extasiada a Irmã Tonetta.

Aquela santa hora da noite abençoada,
Quando nosso Salvador se dignou nascer...

As notas do violino vibraram, crescendo em poder e doçura, abafando as vozes com sua torrente. Comovida, mas ao mesmo tempo com uma vaga sensação de repugnância e acanhamento, Ida Elisabeth continuou a escutar. — Mas meu Deus, como êle toca, quando está inspirado... e como êles são singulares!

Alguns doentes que tinham estado passeando se aproximaram. E incessantemente o violino de Jens Braato espalhava a bela melodia antiga na claridade dourada que se estinguia, e o pequeno grupo de doentes mantinha-se imóvel, ouvindo confusos. Depois começou um cantarolar, depois outro, depois

Digitalizado com CamScanner

outro... Lá em cima, no quarto, continuavam a cantar o hino, verso por verso.

E' dourada a hora matinal em que o dia
Traz de volta o colorido da manhã nascente...

A Irmã Tonetta juntou-se a êles e cantou numa voz límpida e agradável, com grande emoção:

Mas dourado também, o lindo beijo
Do poente, consola os desamparados,
Dando novo brilho aos olhos
E animando os traços pálidos e cansados.

Apressemo-nos então para a terra natal,
Cuja luz restaura nossas fôrças;
Lá se ergue um belo e magnífico castelo
Numa praia dourada,
Onde alegremente nos reuniremos
A nossos amigos para sempre.

Uma senhora magra e idosa, na orla do grupo, estava chorando, aos arrancos, fungando. Comovida e penetrada por um vago susto, misturado com uma sensação de náusea, Ida Elisabeth não ousava olhar para todos êsses doentes ali de pé. Mas a Irmã Tonetta enxugou os olhos com um sorriso feliz:

— Ora, não posso calar! Imagine termos tido esta tarde, aqui mesmo, uma cerimônia destas.

Contemplamos o grande exército branco
Como picos nevosos, aos milhares.
Com êles um mar
De palmas flutuantes
Diante do trono. Mas quem são êstes?
São a multidão de heróis
Que lutaram e venceram na luta.

Instintivamente Ida Elisabeth cruzou as mãos dentro das mangas do paletó. Para ela a música era dolorosa. Pois dilacerava-lhe o coração, elevando-o para a fé, a esperança, a eternidade, e contudo, havia na própria beleza da música uma repulsa a tudo que ela sabia que era também um aspecto da vida. Então não haverá nada sólido na vida — ela não passará de poesia, canto, sentimento e nectar para o espírito, sem um pedaço de pão para os pensamentos famintos e a vontade abatida?

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

Jens e Borghild Braato puseram-se rapidamente à vontade em casa dela. Não a perturbavam muito no seu trabalho e ela temera que a sogra passasse o dia inteiro entrando e saindo da sala de trabalho. Mas quando os velhos não estavam no sanatório, Borghild Braato passava quasi que todo o seu tempo na saleta, lendo os jornais, fazendo tricô ou cochilando. Pobre criatura, como estava cansada! O comportamento de Carl e de Tryggve era verdadeiramente exemplar, mas, evidentemente, os meninos não vinham a si do espanto que lhes causavam os modos exquisitos dos avós. A avó tagarelava afetuosamente quando conversava com êles, tentando ganhar-lhes a confiança, e os meninos pareciam achar que ela os tratava como bebês. Mas na realidade ela os tratava como costumara tratar os filhos, mesmo depois de crescidos.

Evidentemente êles não se aborreciam tanto na companhia do avô. Jens Braato costumava ir ao jardim, saber se havia alguma coisa em que pudesse ajudá-la. Não havia — o solo ainda estava coberto de geada; o pouco que se derretia durante o dia gelava novamente à noite. Mas Carl seguia-o por tôda parte e mostrava-se entendido, dizia-lhe o que estava plantado e o que tinham tido nos diversos canteiros no verão anterior. Depois chegavam ao alpendre; Jens Braato queria examinar seus instrumentos de jardinagem e consertá-los. Como não tivesse ela grande coisa, isso não demorava muito.

E então a neve voltou outra vez. Durante dias seguidos a frouxa neve de maio continuou a cair em enormes flocos, até

Digitalizado com CamScanner

que tudo ficou recoberto. Desapareceria depois, num abrir e fechar de olhos, logo que mudasse o vento, mas enquanto estivesse coberto de neve, o campo ficaria com uma aparência de inverno.

No domingo após a chegada da neve, Ida Elisabeth encomendara um trenó para os velhos; deviam ir até à Fundição para ver Else e Bojan. Os meninos foram com êles, mesmo que não estivessem muito ansiosos por ver a tia e a prima, não queriam perder a oportunidade de andar num trenó com palha, abrigos para os pés, cobertas de pele e campainhas nos cavalos.

Partiram. Ida Elisabeth estava lavando a louça do café, enquanto a sopa fervia. Era tão agradável a quietude da casa... Até o som dos passos de Fru Hansen sôbre a sua cabeça, que fazia com que as vigas estalassem ligeiramente... Coitados, afinal os velhos incomodavam-na muito menos do que ela esperara. Era como se êsses últimos anos tivessem aberto um gôlfo entre êles, através do qual mal se podiam entender. Êles agora não punham dificuldades em tudo: simplesmente confiavam em Lisken, como crianças, contando com a sua habilidade em resolver satisfatoriamente todos os assuntos. E ela não podia deixar de pensar — mas que será dêles? Na verdade não eram assim tão velhos, talvez nem um dos dois já tivesse sessenta anos; podiam bem viver uns vinte anos ou mais. Mas não ficariam com mais juízo para tomar conta de si mesmos, ou para ver as coisas como eram; ao contrário, notara ela nesses quinze dias em que tinham estado aqui, quanto mais o destino despedaçava as suas frívolas ilusões e o otimismo de que se tinham revestido quando moços, como um par de uma noite de verão, mais passivos se tornavam, e mais inativos, envolvendo-se nos últimos remanescentes do seu mundo de sonho, e deixando que o barco corresse. A pouca iniciativa de que tinham dado mostras no passado — as inúmeras tentativas de experiências do sogro, a astúcia ingênua e agressiva da sogra, quando procurava obter vantagens para sua família, imaginando ao mesmo tempo que era a alma menos calculista, mais franca e verdadeira do mundo; seu trabalho persistente e sem nexo, e sua vadiação, a frugalidade de que tanto se orgulhavam, já que não eram frugais somente nas suas necessidades dos bens do mundo, também precisavam de muito pouco para ficarem satisfeitos consigo mesmos, e nada pediam aos filhos afim de poderem estar contentes com êles — até essa sua atividade fôra sob a condição de estarem cercados por pessoas que gostassem dêles, apesar de tudo, devido à bondosa, amá-

Digitalizado com CamScanner

vel e sempre jovem natureza de Jens e Borghild Braato. Quando faziam um esfôrço necessitavam de alguém que os animasse com sua aprovação e benevolência, e que os ajudasse com conselhos e auxílio sempre que se encontrassem num beco sem saída.

Mas agora abrira-se um grande claro nas fileiras dos parentes e amigos que lhes tinham demonstrado afeição e indulgência; os que ainda restavam da família tinham-se cansado, ou também estavam assoberbados de dificuldades, nos tempos de agora. Nos tempos de hoje não há perspectivas mesmo para os moços que estão crescendo sadios e normais; mesmo os que nascem fortes e vigorosos se deixam abater pelo desânimo, enfraquecer pela incerteza, de modo que o seu crescimento para, sua natureza fica biliosa e dura, e permanecem estacionários num estado de egoísmo comparável ao egoísmo das crianças, dos animais e dos neurastênicos. Mas, por amor de Deus, que será dos velhos, cuja capacidade está em declínio, que será daqueles que nascem já precisando de uma ajuda incessante, que será de todos aquêles que são considerados pelos sadios como rebotalho?

Ida Elisabeth trouxe sua roupa para sair e colocou-a numa cadeira junto à lareira da saleta. — Então, Puss, você hoje está em casa! O gato, como sempre, estava sentado na melhor almofada do sofá, dormindo pacificamente. Seu pêlo brilhava branco como a neve, e com certeza fôra a neve recente que o tornara tão bonito e limpo; seu focinho estava de um côr de rosa encantador. — Sim, você é bonito Puss, caça ratos e passarinhos, briga com os outros gatos, enfeita a vizinhança com uma porção de gatinhos brancos, e depois volta para casa afim de ser mimado, e tomar leite no seu pires. E no entanto, eu não gostaria de ser um bicho, Puss. Mas você seria um idiota se quisesse ser gente...

Um raio de sol suave e dourado bateu nas rosas do peitoril da janela e iluminou a graça imaculada do gato na almofada azulada. Parecia que o tempo ia se levantar.

Ao abrir a janela Ida Elisabeth ouviu o ligeiro ruído da neve primaveril caindo dos telhados e das árvores de encontro à úmida neve do chão. O jardim começava a perder a sua magia de topos de árvore esbeltos e cobertos de neve. O azul do céu, através do nevoeiro, mostrava-se claro e vaporoso, e atrás da porção de nuvens que se retorciam ao longo das encostas, as brancas colinas do outro lado do vale mudavam de côr, a floresta surgia, de um azul de ardósia, à medida que os pinhei-

ros iam pouco a pouco despindo sua carga de neve. Mas lá no alto via-se a linha ondulante da montanha nua, com suas neves eternas douradas pelo sol, e as nuvens desciam, azues e brancas, rolavam como fumaça sôbre a solidão; distinguia-se a abóbada do céu, límpida e azul como no verão, e o sol brilhava com tôda a fôrça, de modo que se podia ver perfeitamente a neve diminuindo sob a torrente de luz — os pingos escuros e morosos que caíam do telhado a longos intervalos, tornaram-se, ao sol, uma chuva de centelhas roxas.

O gato acordou, levantou-se, arqueou o dorso, e com um salto leve e silencioso estava no peitoril da janela, metendo a cabeça na mão de Ida Elisabeth e roçando nela, com os olhos cerrados, e ronronando de prazer. Tomou-o nos braços: — Oh, então você pensou que pudesse vir para cá — e jogar no chão meus vasos de flôres depois de eu ter saído. Não, não Puss...

Levou-o para a cozinha e encheu-lhe o pires de leite, antes de escumar a sopa pela última vez. Pronto — agora já poderia pô-lo no caixote e sair afinal.

Pingos grossos e pesados caíam brilhando do ar, e a neve se desprendia e escorria, com um som que lembrava um ligeiro suspiro, dos ramos e galhos, quando ela subiu a avenida de bétulas, em direção a "A Colina".

— Que tempo! — Saudou-a a irmã Tonetta, sorrindo para o sol; ela viera até o pátio encontrar-se com Ida Elisabeth, de branco e azul, e engomada de fresco. — Não, acho que não — ela sacudiu a cabeça. — Não, êle não está passando muito bem. Ida Elisabeth precisava fazer o favor de esperar um pouco; a Irmã Eydie estava arrumando o quarto dêle, mas não demoraria.

Como Ida Elisabeth sabia, Frithjof fôra transportado para um quarto no andar térreo — era ao lado do parlatório dos doentes. — O velho Braato era *tão* bom — disse a Irmã Tonetta — sentia-se tão feliz de poder alegrar a todos com a sua música. — E que dom magnífico. Poder introduzir o filho no céu ao som de seu violino!

Ida Elisabeth assentiu. Era uma expressão da sogra — Borghild Braato a empregara outro dia, quando ela lhe perguntara se não queria que mandassem chamar o sacerdote. Não que Ida Elisabeth tivesse jamais percebido, em todos os anos que o conhecera, que Frithjof se preocupasse com religião. Mas agora que estava doente e os pais se encontravam alí, com os velhos hinos que deviam ter despertado recordações de sua meninice, de suas orações de criança, etc. — bom,

Digitalizado com CamScanner

ela julgara que talvez Frithjof gostasse da visita de um sacerdote. Mas Borghild Braato recusara a proposta com um sorriso: — Nós não conhecemos absolutamente o sacerdote daquí... não temos a menor idéia se êle agradaria a Frithjof. Não, você sabe, Lisken, são nossos corações que devemos voltar para Deus, e não acho que haja nada que fale tanto ao coração como a música do papai. E eu também leio um pouco para o meu filho — as mais belas e mais consoladoras passagens dos Evangelhos — mas o papai o introduzirá no céu com sua música.

A Irmã Tonetta continuou a falar sôbre a música de Jens Braato. Ela nunca vira nada igual na "A Colina". Em Fjeldberg eram frequentes as distrações para os doentes, e os doentes daquí que estavam passando bem também costumavam ir. Mas os casos graves, em sua maioria, não ouviam havia tanto tempo uma nota de música — para êles o velho Braato era um enviado de Deus. E como era amável — não tocava só hinos, mas melodias, canções, tôda a sorte de coisas... — E êle toca quasi como um artista...

— Sim, não há dúvida. Braato é um artista.

A Irmã Eydie apareceu no pórtico da varanda, coberto de trepadeiras, de onde a neve derretida caía numa brilhante torrente: — Agora Fru Braato pode entrar.

Ela não via Frithjof desde que êle mudara de quarto. Não sabia se era o efeito da luz, ou se êle estava pior, mas parecia mudado.

O quarto tinha janelas de dois lados, era um quarto cheio de luz, e havia um incessante reflexo nas paredes, que eram de madeira tosca pintada de um verde azulado lustroso. A luz se refrangia numa multidão de pontos luminosos, e o reflexo do espêlho vacilava e tremia na superfície irregular da parede dos fundos. A incerta luz azulada lembrava o brilho do mar.

Ela viu que os lençóis dêle acabavam de ser mudados; os vincos ainda estavam visivelmente marcados. E a brancura da roupa de cama emprestava um colorido estranho ao rosto emaciado de Frithjof — êle não estava pálido; ao contrário, estava com as faces um tanto vermelhas, e em outros pontos sua pele tinha um colorido pardacento; mas era um pardo que nada tinha de sadio, era um sinal de definhamento, como se as olheiras dêle se tivessem espalhado. As bolsas de gordura, que lhe tinham entumecido as órbitas, desapareceram, e mais do que outra coisa, seus olhos grandes arregalados davam-lhe um estranho aspecto.

— Você está muito bem hoje — disse Ida Elisabeth, tentando sorrir, enquanto se sentava ao lado da cama. — E que belo quarto lhe deram...

— Não estou nada mal, mesmo — murmurou êle ardentemente. — Não estive tão bem a noite passada, mas isto passará. Se ao menos a minha digestão endireitasse...

Ida Elisabeth contou-lhe o que os outros estavam fazendo, depois revolveu os miolos para encontrar o que dizer. Êle não devia falar muito, talvez não tivesse voz para isso. Mas não era fácil. Êle não se interessou muito quando ela tentou falar-lhe sôbre os meninos — o que faziam na escola e em casa — evidentemente não se interessava mais pelas crianças. E ela na verdade não sabia o que contar-lhe que lhe desse prazer — durante anos nem o seu meio nem seus conhecidos tinham sido os mesmos; ela nem podia contar-lhe que fulano fôra embora ou chegara, ou empregara o dinheiro nisto ou naquilo, ou recebera uma carta da América, ou se encontrara com alguém. Aliás fôra sempre Frithjof que contara essas novidades, e ela se tinha habituado a dizer uma palavra ou outra, o bastante para mantê-lo interessado.

O' Senhor, Senhor, será que foi mal feito da minha parte nunca ter tentado conversar com êle como com um adulto enquanto estivemos casados? Mas, em nome de Deus, de que é que eu ia conversar? E agora êle ia morrer... Não podia falar sôbre *isso*, e ela só podia pensar nas trevas em que Frithjof ia mergulhar, e nos enigmas, para os quais, talvez, encontrasse a explicação. E por outro lado era impossível tentar falar sôbre o tempo em que tinham vivido juntos — o que ela julgara amor por êle não passara de simples engano, e o que êle chamara de amor fôra outra coisa muito diferente; além do que, talvez êle já o tivesse esquecido — já fôra havia tanto tempo que êle costumava vir a ela com seus diversos pedidos.

Ela tomou-lhe a mão e acariciou-a. Era lancinante que êle tivesse que morrer — conseguira tão pouco da vida, no seu fraco entender... Mas ao mesmo tempo ela sabia que provavelmente êle nunca pensara nisso. Na sua própria natureza, êle sempre encontrara uma espécie de compensação pelo que lhe faltava; seu lema fôra "cada dia sua pena"; e nunca pensara no que lhe reservava o futuro, e nunca ligara a mínima importância ao que pudesse acontecer aos outros.

— Posso fazer alguma coisa para você? Não há nada que você queira?

Digitalizado com CamScanner

— Se você quisesse abaixar a cortina... não até em baixo... assim...

O quarto então ficou numa sombra matizada de pardo e a claridade ficou mais firme. O reflexo na parede aparecia muito de leve, e a cortina batia ligeiramente de encontro à barra da janela com a correnteza primaveril.

— Acho que agora não demorará muito para eu sair daqui — murmurou Frithjof. — Será interessante ir ver como é sua casa. Você foi sempre tão habilidosa para organizar uma casa agradável. Mamãe diz que você está tão bem lá...

— E' bom saber que ela acha isso...

— Sim, ela se orgulha muito dessa sua nova casa. Pode estar certa, eu me arrependí muitas vêzes de ter sido tão idiota, quero dizer, aquela história, você sabe, quando você ficou tão furiosa e me largou. Mas posso dizer-lhe, quanto mais eu conhecia a outra, mais pensava em você...

— Chut, Frithjof, não falemos mais nisso agora.

— Sim, mas Lisa... nós agora já *fizemos* as pazes, não? E logo que eu fique bom outra vez, você concorda que nos juntemos, como antigamente?

Ela sentiu que seu rosto enrijecia de palidez. Não arriscava nada dizendo que sim — de certo modo era essa a parte pior. Se houvesse alguma possibilidade dela ter que cumprir tal promessa... ela nunca a poderia ter feito. Mas agora acariciou-lhe a mão e tentou sorrir, como se isso não fôsse nada:

— Antes de tudo, compreende, é preciso que você fique bom. Você só deve pensar nisso agora, bem sabe o que o médico disse...

— Então dê-me um beijo, Lisken...

Ela deu-lhe o beijo, debruçando-se sôbre êle. Quando sentiu os lábios do doente tentando aferrar-se aos dela; quando sentiu seu odor doentio, e as costas do seu paletó de pijama alagado de suor, sentiu que a atravessava um gélido estremecimento de horror. Afinal êle largou-a. Ela tirou furtivamente o lenço — não podia fazer outra coisa — e limpou os lábios.

Frithjof sorriu — uma sombra do seu antigo sorriso malicioso, quando êle se julgava entendido.

— Oh, você não precisa recear o contágio, querida Lisken! Você sabe, não é o que os médicos pensam. Ninguém ainda compreendeu verdadeiramente o meu caso. Eu preciso dizer-lhe, eu arrebentei alguma coisa dentro de mim, há mais ou menos uns três anos, e à medida que isso sara e que o pus da ferida interna seca espontaneamente... — Um pouco da an-

tiga animação reapareceu nos seus sussurros, quando êle recomeçou a falar, descrevendo-lhe o piano de cauda que a nova mulher do pastor tinha.

— Chut, Frithjof, não fale tanto, você sabe que não deve forçar a garganta...

Mas era difícil contê-lo, essa anedota era do tipo que êle gostava de contar com todos os floreados.

Do parlatório vinham acordes queixosos — alguém tentava tocar harmônio. A princípio só se ouviam notas dissonantes. Mas afinal a melodia começou a tomar forma. Com pausas desanimadas e muitas notas erradas o musicista debatia-se com a melodia "Contemplamos o grande exército branco". Involuntariamente Ida Elisabeth escutava, aflita por ver como êle se sairia...

São a multidão de heróis
Que lutaram e venceram na luta

Tinha um som tão deploravelmente diverso do canto do violino nas mãos de Jens Braato, quando o coração da gente parecia arrebatado ao céu, enquanto êle tocava... que se acreditasse ou não na boa nova anunciada por seu violino.

— Mas enquanto estava lá sentada ao lado daquele rapaz que ia morrer, e ouvia o sonolento ranger do órgão, o hino continuava arrastado, no seu curso hesitante e desarticulado, verso após verso, até o triste fim. Ela sentiu mais vividamente do que nunca, justamente pelo lastimável contraste com o canto do violino — deve haver uma realidade por trás de tôdas essas palavras que parecem não passar de sentimento e emoção do coração. Por trás da névoa do sentimento deve haver alguma coisa sólida — verdadeira — e se eu conhecesse essa verdade, talvez que no princípio me enregelasse e depois mitigasse a minha sêde, como quando se bebe a água vivificante de uma fonte das montanhas. Atrás das palavras consoladoras talvez esteja o verdadeiro consôlo, uma espécie de lei, de ordem espiritual, e a pessoa que o conhecesse talvez se visse forçada a amá-lo — do mesmo modo que eu achava que devia amar as estrêlas, naquelas noites no tombadilho do *Frostdalsegg,* quando papai tentava me explicar o curso das estrêlas, ensinar-me seus nomes e as constelações que elas formavam...

Êle não passa de um rapaz, e vai morrer... e eu fui casada com êle, tive filhos dêle, e de certo modo, muitas vêzes, estive

Digitalizado com CamScanner

apaixonada por êle. Mas nunca conseguí gostar dêle, e nunca por um só instante deixei de sentir como êle me era estranho e eu lhe era estranha. E no entanto sempre parecera que havia alguma coisa, de algum lugar no espaço, ou de alguém andando invisível ao meu lado, ou alguma coisa no meu íntimo, que me advertia que não julgasse as coisas que eu não pudesse ver e perceber claramente; fenômenos, poder-se-ia chamar; mas a mesma voz também tentava fazer-me compreender quanta coisa mais há em todos os homens. Será Deus, em cujas mãos repousam tôdas as contradições irreconciliáveis; uma espécie de causa principal na qual nos unimos com mais alguma coisa em nós do que tudo o que nos impede de concordar; uma espécie de polo magnético das almas, que levanta em mim um tremor de tristeza e vergonha por dizer inverdades a êste rapaz, e que me afasta do caminho para o qual a minha sêde de felicidade quer me impelir, porque agora já seria tarde de mais para que eu pudesse trilhá-lo — que me diz que, quando sóbria, terei que pagar pelo que assinei sob a influência da bebida, como dizia papai? Mas se é Deus, então êle certamente pode ajudar-me, a mim que continuarei a viver, a suportar a carga que assumí; e se êle sabe o sentido da vida de Frithjof, que parece tão sem sentido, então sabe o que eu só pude adivinhar, porque Frithjof continuou sempre criança. E quando a onda negra que veio e me arrancou Solvi também levar Frithjof, será nas mãos dêle que cairá a criança. E talvez êle seja o que Borghild afirma — um pai amantíssimo. E foi só a minha falta de compreensão que fêz com que minha incredulidade aumentasse sempre que ela o dizia, pois eu sempre pensava nos pais que conhecera, cada qual com sua fragilidade humana.

— Foi papai que os animou, disse Frithjof, com um sorriso orgulhoso. Agora está sempre alguém tentando tocar. Nesta casa nunca fizeram isto antes. — Sua risada cortou-lhe o coração. — Posso garantir-lhe! — êle fêz com que entrasse ar neste lugar!

— Não tenho a menor dúvida!

— Sim, e eu também estava pensando em estudar música outra vez, logo que melhorar. Papai prometeu-me comprar um violino. Eu vendí o último que tive, mas papai vai arranjar um ótimo para mandar-me...

— Sim, não admira que você sinta que quer tocar outra vez.

— Agora você podia levantar novamente um pouco a cortina, sugeriu Frithjof. O sol agora já desceu...

Ela fêz o que êle queria. Numa mesinha junto à janela estavam alguns livros — com certeza Borghild Braato sentava-se alí quando lia para o filho. Alguns romances por um autor chamado Runa — ela lembrou-se do nome, um nome favorito da sogra, e um Novo Testamento. Ida Elisabeth apanhou-o com alguma hesitação:

— Talvez queira que eu leia para você? — perguntou ela timidamente; na verdade achava isso quasi estranho e tolo — mas como que uma chama tremia dentro dela; ouvira falar de gente que costumava abrir a Bíblia ao acaso, e caía num trecho que consideravam como uma resposta. — E nós *estivemos* casados, tivemos filhos, embora eu agora ache isso estranho...

— Sim, você quer- — disse Frithjof com vivacidade. — Eu creio que você encontrará o *Tidens Tegn* no parlatório, a edição de sábado. Tem um folhetim interessante, mamãe e a Irmã Eydie costumam lê-lo para mim...

Aliviada apesar de tudo, Ida Elisabeth foi buscar o jornal. E ela achou isso uma das coisas mais absurdas, e ao mesmo tempo tão triste e comovente — dêle estar aí deitado, talvez um só, entre muitas pessoas às portas da morte, tão interessadas em seguir o excitante folhetim, que talvez só acabasse muito depois de morrerem.

Os velhos estavam enormemente satisfeitos com a excursão e realmente orgulhosos de ver que Ida Elisabeth tinha uma ceia pronta para êles. Estavam um tanto entorpecidos pelo longo passeio de trenó. Os dois homens na Fundição lhes tinham causado uma impressão tão simpática, e admiravam tanto Else; ela tinha melhorado impressionantemente, e Bojan tinha sido tão encantadora e meiga...

Ida Elisabeth estava fazendo a cama no divã. Tirou os travesseiros das suas cobertas, e estava enfiando-os nas fronhas, quando Borghild Braato pôs a cabeça numa fresta da porta:

— Posso entrar um instante? Você não está muito cansada, está? Eu queria tanto conversar com você antes de me deitar, você sabe... mas não deixe que eu a incomode, minha cara... continue a fazer sua cama, não me demorarei muito.

Digitalizado com CamScanner

Ela sentou-se na cadeira de balanço, olhando para Ida Elisabeth; seu rostinho estava triste e aflito, embora quisesse aparentar que viera só para uma conversinha. Mas afinal lá veio:

— Lisken querida. Houve uma coisa que Else disse que realmente quasi me pôs inquieta. Que quimono encantador êsse seu, Lisken... não me diga que comprou esta fazenda aquí?

Ida Elisabeth olhou para o quimono. O quimono era só de sêda artificial, côr de ameixa, quasi do tom do vestido de que Tryggve tanto gostava. Quando tivera que fazer um quimono novo no Natal, pensara que podia bem comprar uma fazenda que já sabia que êle havia de gostar de ver nela.

— Foi sôbre Jeja, disse Borghild em voz baixa. — Bom, naturalmente você também a viu em Oslo. Diga-me... *você* teve a impressão de que Jeja... bom, que ela estava andando com elementos não muito... que por exemplo as outras moças do cabeleireiro talvez não sejam... bom, quero dizer, que ela tivesse companheiros que não fôssem muito escolhidos?

— Não... por que é que a senhora pensa isto? — Ela tentou responder como se não suspeitasse de nada. — (Aquela burra daquela Else!) — Jeja recebera os pais na estação em Oslo, passara a noite com êles, e pusera-os no trem na manhã seguinte, e êles tinham ficado encantados de vê-la tão delicada e tão bem disposta. Se êles tivessem elogiado a irmã na frente de Else — então Else era tão estúpida, que não se podia imaginar que ela dissesse ou desse a entender alguma coisa simplesmente por inveja...

— Quero dizer... — era lamentável ver o terror oculto em seus olhos. — Você sabe, há tantos perigos para uma moça sozinha numa grande cidade...

— Mas eu estou certa de que Jeja é muito sensata. Não posso deixar de pensar que ela compreende muito bem que deve cuidar de si.

— Então você não teve a impressão de que Jeja podia ter-se metido em alguma... bem, que podia ter a idéia de fazer alguma coisa... temerária?

Ida Elisabeth hesitou um momento antes de responder:

— Não, minha sogra — disse com firmeza. — Eu realmente não tive a impressão de que Jeja esteja pensando em fazer alguma temeridade.

— Ah, graças a Deus — disse Borghild Braato.

Ida Elisabeth acordou na escuridão e num terror de pesadelo, que continuava fora dela num tremor de som. Não

Digitalizado com CamScanner

conseguia voltar a si — onde estava? — Depois a sua percepção se ajustou novamente; lá estava o pálido retângulo das janelas, coberto de estrêlas de geada, e sua mão direita tocava a parede de madeira, com a coberta pendurada, e o retinir era o telefone na sala de trabalho. Levantou-se de um salto e correu para o telefone.

Adivinhara o que era antes de apanhar o receptor. Era a irmã Tonetta.

O jovem Braato de repente piorara muito, de modo que ela aconselharia à família que fôsse imediatamente. Tivera terríveis paroxismos de tosse na noite passada, havia também sangue nas suas espectorações, mas nenhuma hemorragia muito séria, e acalmara-se depois do dr. Lund ter ido e lhe ter dado alguma coisa. Mesmo às onze horas ela achara que, levando as coisas em conta, o seu estado não era tão grave. Mas havia pouco êle experimentara uma mudança. As agudas perturbações de estômago tinham-no enfraquecido muito. A Irmã Tonetta mandaria o seu automóvel, afim de que Fru Braato não tivesse que procurar um a essa hora da noite.

Ida Elisabeth viu que estava tremendo na sua camisola fina, quando voltou para o quarto, e logo que se tivesse vestido era obrigada a ir acordar os pais.

No grande *hall* escuro estava horrivelmente frio e úmido, e ao abrir a porta do quarto em que êles dormiam, encontrou uma escuridão aveludada e espêssa, quente e carregada do cheiro da natureza humana. Até agora, êsse cheiro de quarto que todos os Braatos exalavam mais do que outras pessoas, sempre a enchera de nôjo — esta noite, pela primeira vez, não o achou nauseante, mas um tanto comovente; fêz-lhe pensar na inocência animal, tornou mais doloroso ter que interromper o seu sono confiante.

Procurou orientar-se na densa escuridão, tentando encontrar a mesa e os fósforos. Êsse lado vazio da casa não tinha instalação elétrica, e, como a janela dava para a estrada, ela costumava pendurar um chale sôbre ela, durante a noite; de fora não entrava nem um raio de luz. Bateu em alguma coisa, que caiu no chão com um agudo som metálico, aumentando-lhe o palpitar do coração — houve um estalido em uma das camas de ferro. Mas depois de ter encontrado os fósforos e riscado um, ela viu que êles estavam deitados bem quietos nas duas estreitas camas ao longo da parede.

A chama da vela cintilou, e sua doce luz fêz com que o quarto parecesse ainda maior e mais vazio, com suas paredes

Digitalizado com CamScanner

de madeira tosca, e um mobiliário mínimo — as malas num canto, e roupas penduradas e atiradas pelo quarto davam-lhe um aspecto de habitação passageira. Mas na mesa, no centro do quarto, estava um vaso de malmequeres d'água; tinham sido apanhados antes da neve e tinham crescido na água, com longos caules escamosos; as flôres tinham murchado.

— Minha sogra! — foi obrigada a sacudí-la brandamente. Borghild estava deitada, com uma camisola de flanela côr de rosa e com duas finas tranças grisalhas a emoldurar-lhe o rosto do formato de um coração. — Minha sogra... precisa acordar, por favor — ela achou suas próprias palavras um tanto ridículas, e a outra só resmungou e virou-se na cama, exatamente como faziam os meninos quando os acordava para irem à escola nas escuras manhãs de inverno. E, quando seus olhos se abriram, tinham também essa mesma expressão confusa e sonolenta.

Então Borghild Braato reconheceu a nora, e sentou-se na cama, choramingando como se lhe tivessem batido:

— Chut, minha sogra. Telefonaram do sanatório. A enfermeira-chefe teve que avisar que Frithjof piorou esta noite. Ela acha que seria mais seguro se todos nós fôssemos... no caso de...

Borghild Braato pôs as pernas para fora da cama e começou a procurar com os pés os chinelos; Ida Elisabeth apressou-se em apanhá-los e calçou-os nos pobres pés maltratados. A camisola côr de rosa só chegava até à barriga da perna, e a pele branca das pernas estava como que enredada numa multidão de espêssas veias azues.

Borghild Braato ficou sentada, inclinada para a frente, e à luz da vela, as lágrimas resplandeciam como cristal à medida que escorriam por seu rosto redondo, corado e macio como a sêda, que tinha um aspecto moço com as suas sardas, apesar das rugas. Ela tinha uma aparência ao mesmo tempo moça e velha, com seus brilhantes olhos de passarinho, de onde caíam as lágrimas, e as trancinhas dos dois lados do rosto, com seu queixo pontudo, ela era uma menina encantadora e ao mesmo tempo uma pobre mãe, velha e enrugada.

Ida Elisabeth passou o braço em volta da camisola côr de rosa, beijou a sogra: — Mamãe, pobre mamãe — recebendo uma torrente de lágrimas salgadas nos lábios — a senhora precisa ter a bondade de acordar meu sogro, enquanto eu vou e preparo as coisas.

Ela não sabia bem o que devia preparar. Mas depois lembrou-se de que devia ao menos providenciar para que tomassem uma chícara de chá antes de saírem na friagem. E era um alívio poder fazer *alguma coisa,* mesmo que fôsse pouco.

As estrêlas cintilavam friamente no céu, que já começava a clarear, pressagiando a aurora, e a neve brilhava com um tom cinzento azulado e rangia sob seus pés, quando êles se dirigiram para o automóvel que os aguardava, com os faróis apagados, junto à porta do jardim. Depois de se terem sentado e do sobrinho da Irmã Tonetta ter projetado os faróis na estrada branca, Borghild Braato sucumbiu chorando nos braços da nora: — Oh Lisken! Lisken, Lisken — Jens Braato estava sentado no banquinho, embrulhado no seu enorme sobretudo. Ida Elisabeth não lhe ouvira uma palavra desde que lhe servira o chá antes de partirem.

"A Colina" tinha um aspecto estranho, só com uma lâmpada acesa, à entrada do sanatório, enquanto os outros edifícios da fazenda estavam mergulhados na escuridão e os telhados e as árvores se destacavam negros de encontro ao firmamento estrelado.

A Irmã Tonetta saíu e veio ao encontro dêles no pátio, murmurou que deviam ficar com seus agasalhos, pois as janelas do quarto dêle estavam abertas. No parlatório uma pequena lâmpada com um abajur vermelho estava acesa num canto, e do quarto contíguo, cuja porta estava entreaberta, Ida Elisabeth ouviu um estertor sobrenatural que aumentava e diminuia. Teve mêdo, ao entrar.

No quarto de Frithjof um jato de uma dura luz amarela caía sôbre a mesa de cabeceira e tudo o que esta continha, mas a cama estava no escuro — o abajur de pergaminho béije da lâmpada estava inclinado. Ida Elisabeth parou junto à porta enquanto os outros dois se dirigiam para o filho.

— E' mamãe, Fiffi — é mamãe. Você está me ouvindo, meu querido filho?

Ida Elisabeth lançou-lhes um olhar rápido e acanhado. Borghild Braato estava debruçada sôbre o filho, com um braço em volta do travesseiro. Era como se o tempo, os anos e tudo o mais se tornasse irreal — uma criança estava na cama deitada, e a mãe se debruçava sôbre ela: — eu estou aqui, o que é?

Bem, naturalmente, pensou ela, eu sempre soube isso. Na verdade é uma coisa que nunca muda. Êles crescem, se tornam homens e mulheres, e tudo parece diferente. Mas há sempre a possibilidade de que tudo o mais desapareça e de que êles

Digitalizado com CamScanner

venham a precisar da presença da mãe. Recordou-se remota e imaterialmente de que não havia muito tempo pensara muito mais em outras coisas do que nos filhos, um homem lhe fôra muito mais caro do que os dois pequeninos... Foi bom que eu tivesse recobrado o juízo, pensou ela — imagine se os meninos tivessem precisado de mim e eu não estivesse estado aquí.

Jens Braato aproximou-se de Ida Elisabeth: — Acho que êle nos conhece, murmurou. Talvez êle queira vê-la também, Lisa...

Ela segurou com fôrça o braço do sogro e apertou-o. Com uma opressão sufocante no coração, deixou-se conduzir até à cama.

Na escuridão matizada de pardo ela não podia ver muito bem. Um dos braços de Borghild Braato estava em tôrno do travesseiro dêle, sua outra mão segurava a do filho, que descansava sôbre o cobertor branco. Ela ergueu um instante os olhos, fixou-os brilhantes de lágrimas na outra, e disse com um bondoso sorriso:

— E aquí está Lisken também, Frithjof... estamos todos aquí.

Êle estava com a bôca ligeiramente aberta, e era horrível ouvir sua respiração, que parecia estar lutando com obstáculos por tôda a parte, no peito, na garganta, no nariz. Sua cabeça parecia tão escura de encontro ao travesseiro, e a testa brilhava com um pálido suor que a mãe enxugava com um pano. A magreza de seu rosto, que ela vira aumentar de semana em semana, se tornara de uma agudez sobrenatural.

— Lisken está aquí, meu querido — disse novamente a mãe, amável e afetuosamente, como se estivesse falando com uma criança. — Você está conhecendo Lisken, Frithjof?

Frithjof abriu um pouco os olhos, o bastante para fazer-lhe lembrar o seu antigo olhar — havia um brilho metálico e opaco nas pálpebras estreitas. Mas era impossível dizer se êle os conhecia.

Ela, porém, pensou que agora podia ver que era Frithjof, seu antigo companheiro de escola, que estava alí. O menino de quinze anos reaparecera outra vez, como se torna a descobrir o desenho mais velho no fundo de uma gaveta de velhos esboços. Êle alí não passava de um menino, êle que fôra seu companheiro nos dias em que ambos eram tão moços que não tinham tido juízo para nada, senão para sua própria agitação, e em que ambos estavam cheios de aflição e impaciência dian-

te de alguma coisa que, segundo esperavam, viesse abrir-lhes a porta — talvez a vida. E agora era a morte.

Tudo o mais era amargamente real; cada dia que tinham vivido desde essa época, era tão real e iniludível como tôdas as coisas sôbre as quais brilha o sol todos os dias de nossa vida. E o que se fêz não pode ser desfeito; nada do que se faz na terra pode ser desfeito. Mas além desta terra há o espaço infinito, diante do qual está suspenso o véu do dia. E enquanto alí estava de pé, sentiu-se esmagadoramente certa de que havia alguma coisa, real e invisível como as estrêlas à luz do dia, a mesma para todos os quatro, a mãe e o filho que eram parte um do outro, e o velho casal que formava intimamente uma só pessoa, e ela e êste homem com quem se casara por um êrro — Deus era o mesmo para todos êles, disto ela tinha a certeza, como tinha a certeza de que não havia nada que todos vissem com os mesmos olhos. Havia alguma coisa além do tempo, e do dia em que a juventude, a infância e a velhice eram uma só coisa, embora aquí se entrecruzassem como o desenho de um tecelão.

Jens Braato apertou-lhe o braço de encontro ao flanco:

— Êle não sente nada — murmurou, enquanto reconduzia Ida Elisabeth à sua cadeira junto à porta. — Parece tão doloroso, mas êles próprios não sofrem absolutamente, foi o que Sommervold disse quando Merete morreu.

De quando em quando a Irmã Tonetta entrava silenciosamente, ia até à cama, sôbre a qual se debruçava a mãe, e cuidava do moribundo, observando-o ao mesmo tempo. Enxugava-lhe a testa e umedecia-lhe os lábios com um algodão. A dolorosa respiração ofegante começava a mudar, interrompia-se às vêzes e recomeçava, diferente.

Por trás das cortinas a claridade ia aumentando. Jens Braato continuava imóvel junto à janela, mergulhado no seu enorme sobretudo, com a gola levantada. Não parecia mais uma simples forma negra; uma pálida claridade matinal tocava-lhe o rosto liso, e a curva suave do nariz; seu casaco tornava-se ligeiramente acinzentado.

Ida Elisabeth levantou-se e deslizou até êle na ponta dos pés.

— Meu sogro, não acha que deve trocar de lugar? Deve estar horrivelmente frio para o senhor, sentado aí...

Jens Braato estremeceu. Devia estar cochilando. Sacudiu-se uma vez e passou a mão pela cabeleira rala. Depois levantou-se penosamente.

Digitalizado com CamScanner

Deixou que a nora o conduzisse ao parlatório. Entrando nessa sala sem cortinas, viram que lá fora já estava claro. No céu algumas nuvens claras estavam rosadas com o próximo levantar do sol.

A lareira de esteatite ainda estava um pouco quente, quando ela a experimentou com a mão. Fêz com que Jens Braato ficasse de costas para a lareira.

— Bom, bom, pequena Ida — disse êle em voz baixa: — Você já passou por isso, pobre criança. Mas mesmo assim, dois filhos moços... na idade mais esperançosa, não creio que você compreenda o que isso significa...

— Não. — Ela pôs a mão na que êle lhe estendia, e depois o velho colocou a outra mão sôbre a sua e ficou acariciando-a.

— Você é uma boa moça, Lisa, sempre foi. E não deve pensar que a censuramos, minha querida filha. Coitado de Frithjof, tão infeliz... Nós compreendemos que você deve ter ficado maguada até o fundo do coração. Mas apesar de tudo o golpe mais forte caiu nele, Ida Elisabeth, você pode acreditar no que lhe digo.

Ida Elisabeth sacudiu ligeiramente a cabeça e não soube por que. Tudo estava bem triste e confuso. Aquí estava ela com seu pai e sua mãe à cabeceira de Frithjof moribundo, e nada tinham em comum, senão a própria vida. Estavam vivos, e morreriam todos — primeiro era a vez de Frithjof, mas um dia chegaria a vez déles todos. Tôdas as coisas sôbre as quais as pessoas edificam suas vidas — o amor, o trabalho, a responsabilidade, eram e seriam sempre coisas bem sérias — somente esta noite uma claridade, ou talvez uma escuridão, parecia pesar sôbre tudo isso, de modo que as formas e as côres que tornam uma vida humana diferente da outra, desapareceriam, e ela sentia que aquilo que cada um recebia para moldar sua vida, era como o barro que se agarra no escuro. A vida que recebemos para nosso uso... não havia assim tanto tempo até se ter que abandoná-la e morrer.

Havia um pequeno sofá junto à lareira, e Jens Braato sentou-se nele e atraíu-a para o seu lado. Seus olhos tornaram a se fechar quasi que imediatamente, e Ida Elisabeth viu que seus próprios pensamentos começavam a embrulhar-se com o cansaço, e depois acordou de novo e viu que estava quasi amanhecendo — e depois, quando estava quasi adormecendo outra vez, levantou-se vendo a sogra, na porta, chorando. E adivinhou que Frithjof tinha morrido.

O sol já estava alto e os telhados tinham começado novamente a pingar, quando afinal ficaram prontos para deixar o sanatório. Jens Braato entrou primeiro no carro; tinha um ar completamente exhausto.

— Eu acho que prefiro ir a pé para casa, disse Ida Elisabeth, e respirar o ar puro. Estou um tanto cansada e, como sabem, há muito que fazer.

— Então eu também irei. — Borghild Braato enfiou o braço no de Ida Elisabeth. — Acho que Lisken tem razão. — Faz bem andar um pouco, com uma manhã tão bonita...

Jens Braato levantou-se resignado. Seu rosto parecia pedir que o deixassem sossegado.

— Não, não, meu sogro, o senhor vai de automóvel. E procure dormir um pouco logo que chegar em casa.

O automóvel saíu. De braço dado, as duas mulheres começaram a descer a avenida de bétulas, onde a água começava a se infiltrar na marca das rodas, e a crosta de gêlo partia-se sôbre os pés com um esguichante som úmido.

— Pobre Jens, disse Borghild. Já não está tão forte como era... sim, você já deve ter observado isso. Não tem mais a sua velha elasticidade para suportar os golpes do destino. Graças a Deus sou mais resignada. Ainda poderei protegê-lo dos piores golpes nos anos futuros.

Ida Elisabeth apertou-lhe ligeiramente o braço.

O céu ainda estava calmo e azulado, e havia um brilho matinal prateado nos ramos brancos e nos galhos florescentes. A neve continuava ondulada e fresca com a geada da noite nos lugares sombrios, mas ao sol havia um suave escorrer e pingar da borda dos montes ôcos, e um manso gorgulhar de água corrente por baixo da neve e do gêlo. O barulho do rio estava longínquo e abafado. Mas dentro de algumas horas, quando voltassem para vê-lo, o dia estaria tão radiante e quente como o de ontem, com o tôpo das árvores como chamas de encontro ao céu azul, e o vale cheio de uma névoa vaporosa, e o murmúrio do rio, e sons de água corrente por todos os cantos, e da floresta e dos campos viriam suspiros voluptuosos da neve que desaparecia.

Incessantemente ela via diante de si o rosto de Frithjof, como o vira depois de preparado. Incrivelmente belo — e moço, absolutamente moço. Não que ela se iludisse, pensando que era um Frithjof conhecido dela, ou que, sob o seu caráter e seu modo ela adivinhara essa beleza, que era como a longínqua juventude, inacessível e pura. O que ela via no rosto de

Digitalizado com CamScanner

Frithjof depois de morto era simplesmente incompreensível e misterioso. Mas talvez fôsse como uma visão do que êle deveria ter sido, ou se tornaria — talvez se tenha um vislumbre do que será a pessoa, no curto período após sua morte, antes que a podridão comece a destruir a pele que se gastou. Pois ela já vira antes essa beleza radiante e impressionante que alguns corpos têm durante algum tempo. Mas Frithjof, Frithjof, com o livro de orações sob o queixo e as mãos cruzadas sôbre o peito... era mais incompreensível êle estar assim tão bonito, do que tudo o que ela já vira.

— Êle tinha um ar tão calmo e suave, disse a mãe. — Ela chorava o tempo todo, mas simples e silenciosamente. — E' duro para nós que ficamos. Mas bom para êle, que cessou de lutar.

Talvez. Ou talvez seja só agora que comecem seus embates, agora que êle se livrou de tudo que o impedia de fazer qualquer esfôrço na vida. Tôda essa conversa de purgatório — talvez seja lá que êle esteja agora, num lugar onde possa começar a compreender, a amar, a lutar, e talvez seja isso que lhe dê êsse aspecto radiante, quasi triunfante. Talvez seja isso que nos acontece, quando morremos — começamos a compreender, e, embora seja doloroso, é a saída da névoa e a entrada na claridade — como é que eu sei? Mas compreender isso deve ser o melhor de tudo, pois até o amor falha, simplesmente porque compreendemos tão pouco.

— Oh, sim. — A sogra suspirou. — Pode estar certa, Lisken, papai e eu desejaríamos tanto poder levá-lo para casa conosco. Afim de que êle descansasse ao lado da nossa Merete e do pai e da mãe de Jens. Onde todos estaremos juntos um dia. E perto de Solvi também — a pequena Solvi que êle amava tão indizivelmente!

— Mas, a senhora sabe, os filhos dêle moram aquí —. Ela teve quasi vergonha de dizê-lo. Mas não podia oferecer para mandar o caixão de Frithjof de volta com êles para Vallerviken. Já era dia claro; era obrigada a pensar mais uma vez como arranjaria meios para tudo o que tinha que ser feito. Tôdas as suas reservas estavam gastas, antes de acabar com as despesas dos funerais teria que tomar dinheiro emprestado da conta de banco de Carl.

— Sim, naturalmente — disse Borghild Braato resignada. — Há muitos motivos para isso. Frithjof era um adulto, seria bastante razoável êle jazer onde mora a sua família. — Bom,

eu suponho que você também porá luto por êle, Lisken... já que no fim se reconciliaram.

Ida Elisabeth assentiu. Sim, ela poderia bem fazer isso. Tinha mesmo que comprar um vestido novo; podia bem escolher preto e branco, por exemplo.

Borghild Braato continuou a falar — e sem interrupção continuava a chorar silenciosamente — sôbre tudo o que tinham que arrumar, e Ida Elisabeth respondia, sugerindo o que lhe parecia melhor. E o tempo todo continuava a pensar como a morte mudara Frithjof.

Os meninos estavam na saleta. Ela lhes telefonara do sanatório; não deviam ir à escola. O divã ainda estava em desordem, como o deixara ao saltar da cama na noite anterior. Ela viu-o e ao mesmo tempo viu o rosto das crianças, enquanto a sogra os estreitava num amplo abraço, novamente vencida pelas lágrimas:

— Coitadinhos... tão pequenos, e já sem pai. Sim, é cruel...

O pequeno Tryggve imediatamente debulhou-se em lágrimas, e Carl endureceu-se; seu rosto estava pálido e olhou para a mãe como que pedindo seu auxílio. Ida Elisabeth atravessou a sala e desvencilhou os filhos, pôs os braços em tôrno dêles e beijou-os rapidamente no rosto.

— Onde está o vôvô, Carl?

— Êle entrou e deitou-se logo.

Ida Elisabeth cochichou-lhe ao ouvido: êle não queria ser bonzinho e ir à cozinha pôr uma chaleira no fogo? Ela começou a trabalhar, arrumando o quarto. Depois sentiu-se na cadeira de balanço com Tryggve no colo. Êle aguentou durante algum tempo, mas por fim perguntou se podia descer.

— Mamãe, não posso sair agora?

— Espere até tomar café.

— Ragnhild já nos deu de comer, explicou Carl.

— Está bem. Então, se quiserem, podem ir. Mas devagar, para não acordar o vôvô.

Borghild também achou que ia repousar um pouco, depois de terem tomado café. Ida Elisabeth foi chamada ao telefone — era a chapeleira na cidade que estava mandando alguns chapéus pretos para ela escolher. Voltando à saleta, percebeu que a avó tinha estado dizendo a Carl que o pai estava bonito depois de morto.

— E esta tarde eu acho que nós todos iremos vê-lo novamente, levando flôres. E vocês meninos também vêm, não? Vo-

Digitalizado com CamScanner

cê não deve pensar que há algum perigo nisso, Kalleman; êle está tão bonito lá deitado. — Ida Elisabeth percebeu que o menino se enrijecia outra vez.

Logo depois Borghild Braato foi para o quarto. Sem olhar para o menino, Ida Elisabeth disse numa voz igual:

— O que a sua avó estava dizendo ainda agora, sôbre a ida ao sanatório para ver seu pai, você compreende que não precisa ir, a não ser que queira.

Ela ouviu o menino se movendo. Depois, de repente, êle estava junto dela e se atirara em seus braços, soluçando violentamente.

A mãe ficou abraçada com êle. O corpinho magro estava sacudido por soluços.

— Vamos, vamos, Carl. Você sabe que, se não quiser, não precisa ir.

— Sim, mas eu quero ir, mamãe — murmurou êle com voz abafada.

— Só se você quiser. — Ela abraçou-o com mais fôrça.

— Eu... não quero... êle fungou uma ou duas vêzes. — Mas vou, assim mesmo.

Ida Elisabeth viu que o menino como que se entesava, e uma torrente de alegria e alívio inundou-a. Ela não sabia o que se agitava no espírito do menino — nem nunca ousaria perguntar. Mas, através de suas mãos abraçando o menino, sentia como uma sensação puramente física, que êle estava crescendo. Ela não sabia o que se passara dentro dêle durante êsse último ano, mas em todo o caso fizera com que seu caráter se expandisse e se desenvolvesse e lançasse brotos novos. E embora ela se lembrasse do rosto de Frithjof, como uma espécie de símbolo de que talvez o incompreensível não continuasse sempre incompreensível, mesmo assim sentiu uma onda de alívio penetrá-la, vendo que o menino estava crescendo; êle um dia seria um homem, para o bem e para o mal. Teria suas próprias dificuldades para resolver na vida, mas era uma felicidade em si ser bastante homem para enfrentá-las.

— Se você quiser, disse ela simplesmente como antes, você e eu podemos ir juntos. Eu depois tenho algumas coisas que fazer na aldeia. Se você quiser eu antes posso ir a "A Colina" com você?

Carl sacudiu a cabeça resolutamente:

— Eu prefiro ir só. Posso saír com você e podemos ir juntos até à curva.

Digitalizado com CamScanner

— Naturalmente, você deve fazer como lhe agradar. — Ela acariciou-lhe diversas vêzes o cabelo. — O que sua avó disse é verdade — ela tocou-lhe ligeiramente o rosto. — Seu pai está muito bonito. Êle nunca foi bonito enquanto viveu. E' realmente extraordinário...

Carl pensou um momento.

— Bom, mas eu prefiro ir vê-lo sozinho, mamãe.

— Então faça como quiser. — A mãe beijou-o na testa. — Realmente nisso você deve agir como quiser. Porque você já está um homenzinho, Carl.

PETRÓPOLE TENIS CLUBE

Digitalizado com CamScanner